ODISSEIA

HOMERO



TRADUÇÃO
NOTAS E COMENTÁRIOS

FREDERICO LOURENÇO

QUETZAL

ODISSEIA

HOMERO



TRADUÇÃO
NOTAS E COMENTÁRIOS

FREDERICO LOURENÇO

QUETZAL

Ensaísta, tradutor, ficcionista e poeta, **Frederico Lourenço** nasceu em Lisboa, em 1963, e é atualmente professor associado com agregação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e membro do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da mesma instituição. Foi docente, entre 1989 e 2009, da Universidade de Lisboa, onde se licenciou em Línguas e Literaturas Clássicas (1988) e se doutorou em Literatura Grega (1999) com uma tese sobre Eurípides, orientada por Victor Jabouille (Lisboa) e James Diggle (Cambridge). Publicou artigos sobre Filologia Grega nas mais prestigiadas revistas internacionais (*Classical Quarterly* e *Journal of Hellenic Studies*) e, além da *Odisseia*, que agora se reedita (com notas e comentários), traduziu também a *Ilíada* de Homero, bem como um volume de poesia grega, tragédias de Sófocles e de Eurípides, e peças de Goethe, Schiller e Arthur Schnitzler. No domínio da ficção, é autor de *Pode Um Desejo Imenso* (2002). Na poesia, é autor de *Santo Asinha e Outros Poemas* e de *Clara Suspeita de Luz*. Publicou ensaios como *O Livro Aberto: Leituras da Bíblia*, *Grécia Revisitada*, *Estética da Dança Clássica* e *Novos Ensaios Helénicos e Alemães* (Prémio PEN Clube de Ensaio 2008). Recebeu ainda os prémios PEN Clube Primeira Obra (2002), Prémio D. Diniz da Casa de Mateus (2003), Grande Prémio de Tradução (2003), Prémio Europa David Mourão-Ferreira (2006).
Em 2016 iniciou na Quetzal a publicação dos seis volumes da sua tradução da Bíblia – que lhe valeu o Prémio Pessoa.

Título: Odisseia
Tradução, notas e comentários: Frederico Lourenço
1.ª edição em papel: Fevereiro de 2018
Coordenação: Francisco José Viegas
Revisão: Diogo Morais Barbosa

Paginação: Fotocompográfica
Design da capa e sobrecapa: Rui Cartaxo Rodrigues
Produção: Teresa Reis Gomes

© 2018 Frederico Lourenço e Quetzal Editores
Por acordo com Bookoffice | www.bookoffice.booktailors.com
[Todos os direitos para a publicação desta obra em Língua Portuguesa, exceto Brasil, reservados por Quetzal Editores]

Quetzal Editores
Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.° 1
1500-499 Lisboa
quetzal@quetzaleditores.pt
Tel. 21 7626000

ISBN: 978-989-722-512-3

Prefácio

A primeira versão desta *Odisseia* vertida para língua portuguesa veio a lume em maio de 2003 (no dia, por sinal, em que o seu tradutor fez 40 anos), numa edição da Cotovia que muito deveu ao cuidado do saudoso André Jorge.

No Prefácio que escrevi na altura, afirmei que «resisti à tentação de salpicar o texto com notas», opção que, mal o livro foi publicado, originou até hoje um fluxo imparável de cartas e de emails da parte das muitas leitoras e dos muitos leitores a quem as notas, afinal, teriam feito falta. Eu próprio comecei a sentir, cada vez mais, que o trabalho que publicara em 2003 estava incompleto.

Volvidos 15 anos (mais cinco do que os anos levados pelo herói da *Odisseia* para chegar de Troia à sua Ítaca), o convite de Francisco José Viegas para publicar uma nova edição sob o selo da Quetzal permitiu levar o trabalho até ao fim. Cada canto da *Odisseia* está agora apetrechado de um aparato de notas e de comentários, que visam esclarecer, em primeiro lugar, a estrutura narrativa do poema, mas também problemas de teor linguístico e geográfico, assim como a inter-relação da *Odisseia* com a *Ilíada* (entre muitos outros assuntos).

A Introdução ao volume foi reescrita de modo a refletir o estado atual dos estudos sobre a *Ilíada* e a *Odisseia*; e acrescentei, ainda, um segundo texto introdutório, intitulado «O funcionamento do verso homérico», cuja leitura recomendo porque lança as bases da problemática mais técnica que

surgirá, por vezes, nas notas à tradução. Também atualizei, naturalmente, a Bibliografia. Outra diferença desta nova edição relativamente às anteriores é que os versos desdobrados na tradução estão agora assinalados na margem com a indicação «*b*» a seguir ao número do verso[1].

A tradução foi inteiramente revista e melhorada, baseando-se agora no texto crítico estabelecido por P. von der Muehll (*Homeri Odyssea*, Estugarda, 1993, 3.ª ed.), e não, como foi o caso da edição anterior, no texto de T.W. Allen (*Homeri Opera*, tomos III e IV, Oxford, 1917, 2.ª ed.).

Traduzir e comentar Homero significa participar numa tradição milenar que já vem desde o século III a.C., quando, por um lado, os grandes estudiosos da Biblioteca de Alexandria (Zenódoto e, mais tarde, Aristarco) deram início à tarefa de escrever notas e comentários à poesia homérica e, por outro, em Roma foi feita a primeira tradução da *Odisseia* por Lívio Andronico, escravo manumisso e homem de letras, que traduziu o poema para latim.

Embora eu seja naturalmente devedor de toda esta tradição (sem esquecer a escola analítica alemã do século XIX; os estudos oralistas de Parry e de outros no século XX; e os magníficos livros de Martin West publicados já no século XXI), gostaria de destacar, com especial reconhecimento, dois nomes. São os nomes de dois grandes helenistas, ambos tradutores e estudiosos de Homero. Foi com os seus trabalhos que aprendi a traduzir e comentar a poesia homérica; ver-se-á que o seu magistério é palpável em cada página deste volume. São eles Roger Dawe (Trinity College, Cambridge) e Maria Helena da Rocha Pereira (Universidade de Coimbra).

F.L.

Coimbra, 2018

1 Na maior parte dos casos, foi possível fazer corresponder a cada verso grego um verso português. Houve passos, no entanto, em que tal processo não foi exequível, pelo que optei por desdobrar o enunciado grego. Por conseguinte, esta *Odisseia* portuguesa tem mais uns versos que a *Odisseia* grega; mas isso significa também que, do conteúdo do original, nada se perdeu na tradução.

Abreviaturas e sinais utilizados

Burkert, *Kleine Schriften I* = W. Burkert, *Kleine Schriften I: Homerica*, Göttingen, 2001.

Cambridge History = P.E. Easterling & B.M.W. Knox (orgs.), *The Cambridge History of Classical Literature, Volume I, Part I: Early Greek Poetry*, Cambridge, 1989.

Cmb.i = G.S. Kirk, *The Iliad: A Commentary*, Vol. I, Cambridge, 1985.

Cmb.ii = G.S. Kirk, *The Iliad: A Commentary*, Vol. II, Cambridge, 1990.

Cmb.iii = B. Hainsworth, *The Iliad: A Commentary*, Vol. III, Cambridge, 1993.

Cmb.iv = R. Janko, *The Iliad: A Commentary*, Vol. IV, Cambridge, 1994.

Cmb.v = M.W. Edwards, *The Iliad: A Commentary*, Vol. V, Cambridge, 1991.

Cmb.vi = N. Richardson, *The Iliad: A Commentary*, Vol. VI, Cambridge, 1993.

Danek = G. Danek, *Epos und Zitat: Studien zu den Quellen der Odyssee*, Viena, 1998.

Dawe = R.D. Dawe, *The Odyssey: Translation and Analysis*, Lewes, 1993.

ed. de Estugarda = *Homeri Odyssea*, ed. P. von der Muehll, Estugarda, 1993, 3.ª ed.

ed. de Oxford = *Homeri Opera*, recognouit breuique adnotatione critica instruxit Thomas W. Allen, Oxford, 1917 (editio altera). [A *Odisseia* corresponde aos tomos III e IV.]

HH = *Hino Homérico* (a Deméter, Apolo, Hermes, etc., citados segundo a ed. de M.L. West, Cambridge [Massachusetts], 2003).

Il. = Homero, *Ilíada.*

LSJ = H.G. Liddell & R. Scott, *A Greek-English Lexicon*, revised by H.S. Jones, with a revised Supplement, Oxford, 1996.

Od. = Homero, *Odisseia.*

Oxf.i = A. Heubeck, S. West & J.B. Hainsworth, *A Commentary on Homer's Odyssey*, Vol. I, Oxford, 1988.

Oxf.ii = A. Heubeck & A. Hoekstra, *A Commentary on Homer's Odyssey*, Vol. II, Oxford, 1989.

Oxf.iii = J. Russo, M. Fernandez-Galiano & A. Heubeck, *A Commentary on Homer's Odyssey*, Vol. III, Oxford, 1992.

Parry, *MHV* = M. Parry, *The Making of Homeric Verse*, Oxford, 1971.

Rocha Pereira, *Estudos* = M.H. Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica, Vol. I: Cultura Grega*, Lisboa, 2012, 11.ª ed.

Rocha Pereira, *Grécia Antiga* = M.H. Rocha Pereira, *Estudos sobre a Grécia Antiga: Artigos*, Coimbra, 2014.

Rocha Pereira, *Hélade* = *Hélade: Antologia da Cultura Grega*, organização e tradução de M.H. Rocha Pereira, Lisboa, 2009, 10.ª ed.

Shipp, *Studies* = G.P. Shipp, *Studies in the Language of Homer*, Cambridge, 1972, 2.ª ed.

T&D. = Hesíodo, *Trabalhos e Dias.*

Tgn. = Hesíodo, *Teogonia.*

West, *Helicon* = M.L. West, *The East Face of Helicon: West Asiatic Elements in Greek Poetry and Myth*, Oxford, 1997.

West, *Hellenica I* = M.L.West, *Hellenica: Selected Papers on Greek Literature and Thought, Volume I: Epic*, Oxford, 2011.

West, *Iliad* = M.L. West, *The Making of the Iliad: Disquisition and Analytical Commentary*, Oxford, 2011.

West, *Odyssey* = M.L. West, *The Making of the Odyssey*, Oxford, 2014.
Wilamowitz = U. von Wilamowitz-Moellendorff, *Die Heimkehr des Odysseus*, Berlim, 1927.
*(por exemplo *Od*.1.1*) = um asterisco a seguir a uma referência remete para uma nota por mim proposta a esse verso.
< > = palavra(s) subentendida(s) no texto grego.

Introdução

1. A *Odisseia* homérica é, a seguir à Bíblia, o livro que mais influência exerceu, ao longo dos tempos, no imaginário ocidental. Não é por acaso que a literatura romana começa, no século III a.C., com a tradução para latim da *Odisseia*, tarefa empreendida por Lívio Andronico, que preteriu significativamente a *Ilíada* em favor do poema sobre o Regresso de Odisseu[1]. E embora durante a Idade Média essa influência tenha sido operada por via indireta, mormente por textos já de si derivados da *Odisseia* (como a *Eneida* de Virgílio e as *Metamorfoses* de Ovídio), o Renascimento, com a nova tradução para latim da *Odisseia* de Leôncio Pilato, que tanto encantou Petrarca e Boccaccio, veio repor a primazia do modelo homérico, a ponto de a *Odisseia* ter acabado por ofuscar qualquer outro poema épico, à exceção talvez da *Eneida*. São disso sintomáticos os célebres versos de Camões «cessem do sábio Grego e do Troiano / as navegações grandes que fizeram» (*Lusíadas* 1.3): apesar de a *Ilíada* ser, dos dois poemas homéricos, o mais perfeito, é a *Odisseia* que o poeta quinhentista pretende superar.

A atribuição da autoria da *Ilíada* e da *Odisseia* (assim como a de outros textos épicos) a um poeta chamado Homero remonta à época arcaica na Grécia[2]. A cristalização desta autoria terá acontecido, porventura, no último quartel do século VI a.C., altura em que Hiparco (ou, segundo outra fonte, o seu pai, o tirano ateniense Pisístrato) instituiu a recitação integral dos dois poemas como evento fixo da celebração da grande festa pública de Atenas, as Panateneias[3].

É desta edição ateniense (versão oficial de uso obrigatório nas Panateneias) que descende o texto homérico que nos foi preservado pelos papiros helenísticos e pelos manuscritos bizantinos em que se baseiam as nossas edições modernas. Há mais de 100 anos, E. Bethe fez a seguinte observação, que ainda continua válida: «Para a transmissão da *Ilíada* só contou um único manuscrito do tempo de Pisístrato. O mesmo vale para a *Odisseia*. […] Nunca é demais insistir neste ponto. […] Este texto ático de Homero do século VI é o único objeto da investigação homérica. Representa obrigatoriamente Homero de forma exclusiva, pois não existe outro Homero que não este.»[4]

A suspeita de que Homero seria na verdade dois poetas ocorreu, na época alexandrina, aos gramáticos Xénon e Helânico (rotulados de «corizontes», ou «separatistas», pelos seus adversários)[5]. Não foram os únicos a sentir estranheza perante a ideia de que o autor da *Ilíada* pudesse também ter sido o autor da tão diferente *Odisseia*. No século I da era cristã, um teorizador sobre questões literárias a que os helenistas modernos chamam «Pseudo-Longino» tentou explicar, no seu tratado *Sobre o Sublime*, a diferença entre a *Ilíada* e a *Odisseia*, sugerindo que Homero compôs a *Ilíada* na sua juventude e a *Odisseia* na sua velhice. Após séculos de discussão e de controvérsia, hoje parece claro à maior parte dos especialistas ser altamente improvável que o poeta de «A Cólera de Aquiles» tenha sido quem compôs «O Regresso de Odisseu». A razão é simples: não obstante um verniz superficial de parecença, devido à linguagem épica tradicional que ambos herdaram, os dois poemas são, na realidade, completamente diferentes na sua mundividência, na sua teologia, na sua axiologia, na sua técnica narrativa e nas suas qualidades poéticas[6].

Qual possa ser a identidade real, atribuível ao nome de Homero, coisa que, provavelmente, nunca se saberá ao certo: em rigor, tanto a *Ilíada* como a *Odisseia* são poemas anónimos[7]. Para quem lê, porém, os dois poemas

que até nós chegaram com o seu nome, há três aspetos que ressaltam de imediato: a monumentalidade da urdidura formal (aspeto em que o poeta da *Odisseia* não quis ficar atrás do poeta da *Ilíada*, cuja obra ele conhecia, admirava e, por isso, imitou[8]); o domínio diferenciado de técnicas narrativas de surpreendente sofisticação; e a capacidade de obter os mais esmagadores efeitos poéticos por meio da linguagem mais simples, não raro recorrendo a repetições que, à luz da poética de épocas posteriores, se nos afiguram necessariamente primitivas.

No entanto, uma coisa é certa: a construção formal da *Odisseia* não é uma caraterística que lhe adveio por acaso. Houve necessariamente alguém (consideremo-lo o autor do poema cuja tradução é editada neste livro) que se encarregou de organizar o material narrativo de modo a encaixá-lo na estonteante estrutura virtuosística que é a nossa *Odisseia*. Digo «nossa» *Odisseia* porque o próprio poema deixa entrever que houve versões anteriores da história do Regresso de Odisseu: talvez uma «pré-*Odisseia*» ou, se quisermos, uma «proto-*Odisseia*». As notas à tradução mostrarão como essa versão ou versões anteriores deixaram marcas no poema que temos em mãos. Provavelmente seriam mais curtas (não contendo os Cantos 1-4, 11 e 24 da nossa *Odisseia*). E as viagens de Odisseu seriam narradas na terceira pessoa do singular, facto que, como veremos nas notas, deixou marcas na nossa *Odisseia*, na qual as viagens de Odisseu são narradas (por vezes de forma ilógica) na primeira pessoa.

Uma pergunta a que não pode fugir quem se dedica a ler com olhar atento a *Odisseia* é esta: como é que o poeta concretizou, na prática, a feitura do seu poema? É que, apesar de tanto a *Ilíada* como a *Odisseia* terem sido compostas numa altura em que já havia escrita, o material poético em si – com as repetições que encerra e com a sua linguagem feita de fórmulas – preserva muitos aspetos das técnicas tradicionais da poesia oral. Ou seja, mesmo que os dois «Homeros» tivessem utilizado a escrita

para compor ou ditar a *Ilíada* e a *Odisseia*, procederam à tarefa de as compor recorrendo às técnicas da poesia oral, com toda a carga de repetições (de meios versos, de versos inteiros e por vezes de segmentos de vários versos) que são próprias da poesia oral.

Contudo, que poemas desta monumentalidade pudessem ter adquirido a forma que adquiriram sem recurso à escrita é uma possibilidade que, não obstante o valor dos estudos de Milman Parry sobre o caráter oral da poesia homérica, muitos helenistas não veem como aceitar[9]. A realidade é que tanto a *Ilíada* como a *Odisseia* nos chegaram sob a forma de poemas escritos: quer os poemas tenham sido ditados por um poeta analfabeto em situação de performance épica a um escriba, quer tenham sido compostos por um poeta que, ao longo de vários anos, usou a escrita para arquitetar, reformular e monumentalizar ainda mais a sua obra-prima, o que nos chegou foi o registo da *Ilíada* e da *Odisseia* como textos escritos. E tal como já foi dito sobre a *Ilíada* (mas o mesmo se aplica à *Odisseia*), «a *Ilíada* é um texto escrito e devia ser autoevidente que não há forma de produzir um texto escrito sem "a ajuda da escrita"»[10].

É em meados do século VIII a.C. que se impõe, na Grécia, a utilização da escrita alfabética, adaptada dos Fenícios[11]. (Sublinhe-se que o alfabeto grego permitiu registar a língua grega com espantosa precisão, devido ao facto de ter sinais para todas as consoantes e todas as vogais – ao contrário do que se passava, na mesma altura, com a escrita do hebraico, por exemplo.) Ora é já no período em que os Gregos dispunham desta escrita perfeita que deverá ser situada, entre inícios e meados do século VII a.C., a composição da *Ilíada*[12]. O poema fala-nos, no Canto 9 (404-405), de Delfos; e parece pressupor, na expressão «soleira marmórea», a existência de um templo de Apolo, cheio de riquezas. A arqueologia indicanos que, no século VIII a.C., não existia ainda um templo em Delfos: a realidade a que o poeta alude é uma realidade do século VII a.C.[13]

E a *Odisseia*? Em 1978, Martin West fez a afirmação bombástica de que a *Odisseia*, que chegou até nós, é um poema do século VI a.C.[14] O próprio West mudou depois o radicalismo desta opinião no seu livro de 2014, propondo uma datação que coloca a *Odisseia* em finais do século VII a.C.[15] No entanto, nunca devemos esquecer que a única certeza que podemos ter sobre quando estes poemas foram compostos – e sobre quem os compôs e como – é que nunca haverá, porque não pode haver, certeza. Com a sagacidade que lhe era tão própria, Maria Helena da Rocha Pereira resumiu o problema em poucas palavras: «Em tudo o que é relativo a Homero, não há teoria ou opinião que não tenha sido contraditada, e as mais notáveis apenas conseguem ter aceitação durante algumas dezenas de anos.»[16]

2. Centremo-nos, por isso, no que é seguro. Visto que, quando a *Ilíada* e a *Odisseia* foram compostas, ainda não tinha sido escrita a maior parte dos livros que integram o Antigo Testamento, as duas epopeias homéricas são, para todos os efeitos, os primeiros grandes livros da cultura ocidental. E se a *Ilíada* se nos afigura um monumento extraordinário à capacidade humana, a *Odisseia* também é, à sua maneira, um milagre. Independentemente das minudências do seu estudo linguístico, feito por especialistas como que debaixo de um microscópio, o poema do Regresso de Odisseu continua a proporcionar o maior deleite literário a quem não faça a mínima ideia das questões que, no século XIX, opuseram «analistas» a «unitários»; e depois, no século XX, estes a «oralistas» e «neoanalistas»; e, já no século XXI, «unitários» e «oralistas» a «neo-neoanalistas»[17].

Se a *Odisseia* se presta, com a maior facilidade, a ser lida de forma deslumbradamente acrítica, a razão só poderá ser procurada na força e no encanto do texto em si: o facto de estarmos perante uma história de interesse imorredouro, contada com eficácia arrasadora. Aspetos vários desta história haveriam de entrar no imaginário da cultura ocidental: a teia

de Penélope[18], as Sereias, o Ciclope antropófago, Cila e Caríbdis, o saque de Troia por meio do estratagema do cavalo de madeira, a magia de Circe, o amor sufocante de Calipso, a doçura de Nausícaa. Mas o que nos leva a seguir, com o coração nas mãos, a narrativa ao longo de 24 cantos e mais de 12 000 versos é o elemento-chave que liga estes episódios, o elemento que ao mesmo tempo articula e secundariza tudo o que, além dele, se nos depara no poema: Odisseu.

A primeira palavra do poema (em grego) é «homem». Logo desde o primeiro verso somos convidados a empatizar com o «homem versátil que tanto vagueou», a ver nele a própria consubstanciação da inteligência humana (aqui referida por meio da ideia de «versatilidade») e da vocação do ser humano para o infinito sofrimento. O desenrolar da história vai-nos ligar ainda mais a esta figura que sofre, mas que também saboreia os prazeres da sensualidade e da aventura[19]. Contudo, contrariamente ao modelo posterior de herói pícaro, para Odisseu esses prazeres são acima de tudo entraves. O primeiro momento, no Canto , em que somos apresentados ao protagonista é disso testemunha eloquente: na segurança de uma ilha cuja descrição idealizada sugere o paraíso na terra, amado por uma deusa que lhe quer oferecer a imortalidade, Odisseu passa os dias na praia a olhar para o mar, lavado em lágrimas, atormentado pela nostalgia da sua pobre e rochosa Ítaca, cheio de saudades da mulher e do filho.

Trata-se, portanto, de um herói mais humano, mais perto de nós que o colérico e sanguinário Aquiles, ou que o piedoso e cumpridor Eneias. Odisseu mente, mata, sobrevive; abraça as múltiplas experiências que vêm ao seu encontro; conhece o canto das Sereias e o leito de Circe; vai ao mundo dos mortos e recebe, mais tarde (ou mais cedo, pela ordem por que nós lemos a história), a oferta de nunca morrer: mas, essencialmente, é uma figura a quem as circunstâncias, e não a sua própria natureza, conferem uma dimensão heroica. É na superação desesperada dos perigos, nas ameaças

que lhe surgem na luta pela sobrevivência, que nos identificamos com ele – e isto de uma maneira primária, inexplicável, que determina porque se tenha sempre projetado em Odisseu a essência do homem mediterrâneo, logo, pela cultura, do homem ocidental.

No entanto, esta figura a quem nós atribuímos o estatuto de homem grego por excelência começa por nem sequer ter um nome grego: *Odusseus* pertence ao número de palavras gregas que, no seu sufi xo, revelam uma origem pré-helénica. Como se não bastasse o nome de Odisseu não ser originalmente grego, muita da sua história proveio de paragens do mundo semítico. Em *The East Face of Helicon* (Oxford, 1997), Martin West ofereceu uma análise comparativa entre o enredo da *Odisseia* e narrativas épicas do Próximo Oriente, aduzindo semelhanças curiosas entre a epopeia grega e textos hititas, sumérios e acádicos. Também no seu comentário à *Odisseia*, Roger Dawe aponta, a propósito de diversos passos, pontos de contacto sugestivos entre o texto homérico e as suas possíveis matrizes orientais. Por vezes, estas aproximações servem para explicar problemas de aparente opacidade no texto grego, como quando Atlas é descrito, no Canto 1, como sendo de «pernicioso pensamento» e alguém que «do mar / conhece todas as profundezas» (52-53), expressões que não se coadunam com as informações suscetíveis de serem colhidas, na própria mitologia grega, a respeito de Atlas. Todavia, a tradição hitita relata-nos a história de um certo Ullikummi, homem semelhante a uma coluna, que não só conhecia o mar, como dele derivava a sua força, chegando a representar uma ameaça para os deuses. Dawe aventa, pois, a hipótese de ser este «homem-coluna» hitita o modelo do Atlas referido na *Odisseia*.

Mas é evidente que o processo de comparar os textos épicos gregos com congéneres orientais não nos dá todas as respostas, tal como não encontrámos solução para tudo na já referida teoria da composição oral da poesia homérica proposta por Milman Parry e que, na segunda metade do

século XX, se tornou, para alguns helenistas, uma espécie de dogma. Na verdade, as propostas de Parry, sem querermos desmerecer o seu valor, não eram novas[20]. Muito do que de «novo» a tese de Parry veio trazer aos estudos homéricos em língua inglesa estava já, na sua essência, na filologia alemã do século XIX, começando pelo próprio conceito de «fórmula»[21]. Esta palavra mágica, por vezes dotada da capacidade de explicar tudo, tem, contudo, o seu lugar, tanto no âmbito da epopeia homérica como no dos cantos heroicos da Bósnia (estudados por Georg Danek[22]); e, na verdade, sem recorrermos a ela, não compreenderíamos por que razão são conferidos ao porqueiro de Odisseu epítetos heroicos como «divino» e «condutor de homens», ou ao assassino e adúltero Egisto o epíteto de «irrepreensível». Epítetos esses cuja incongruência a presente tradução – contrariamente a muitas outras – se recusa a escamotear. Voltaremos a abordar o conceito de fórmula mais adiante.

De resto, a *Odisseia* tem oferecido terreno favorável para o exercício de diversas modas na hermenêutica literária, desde o estruturalismo aos estudos de género (houve quem sugerisse que o autor do poema era, na verdade, uma autora[23]). A investigação em teoria da literatura nos anos 80 do século passado não ficou alheia ao fascínio da *Odisseia* e, ao relermos hoje alguns «tesourinhos» do que se escrevia nessa altura, alguns de nós não conseguiremos reprimir um sorriso irónico[24]. Um campo, porém, em que a aplicação de uma grelha de análise extrínseca pode conduzir a resultados interessantes é o da narratologia, dada a extrema sofisticação do poema em termos de estrutura narrativa – o único aspeto em que ganha claramente à *Ilíada* , epopeia que nos propõe uma narrativa linear[25]. Aliás, o modelo de construção da *Odisseia* foi a tal ponto determinante que condicionou a estrutura dos dois maiores poemas épicos que se lhe seguiram: a *Eneida* e, por intermédio desta, *Os Lusíadas*. E quando Horácio propôs o célebre preceito da narrativa lançada *in medias res* (*Arte Poética*,

148), era evidentemente na *Odisseia* que estava a pensar: ou não encontrássemos, nos versos anteriores, uma tradução do proémio do poema homérico (*dic mihi, Musa,virum, captae post tempora Troiae / qui mores hominum multorum vidit et urbes* [141-142]).

Com efeito, a narrativa tem início, logo a seguir ao proémio, com o Concílio dos Deuses (episódio que se transformaria num lugar-comum épico), durante o qual nos é repetida a informação de que Odisseu se encontra retido, há vários anos, em Ogígia, a ilha de Calipso. Atena sugere que se envie Hermes a Ogígia «a fim de que depressa / à Ninfa de bela cabeleira diga o plano seguro: / o regresso do paciente Odisseu <e> como regressará» (1.85-87). É a seguir a estes versos que se dá o ponto de viragem crucial da *Odisseia*: pois, em vez de continuar pelo caminho até aqui delineado desde os versos iniciais, o poeta põe subitamente na boca de Atena as palavras «Eu mesma a Ítaca irei para incentivar seu filho.» E durante os próximos 2000 versos nada mais se diz de Odisseu (a não ser indiretamente): entramos em plena Telemaquia, uma surpresa que nada no proémio teria feito prever.

Independentemente de a Telemaquia (Cantos 1-4) constituir um acrescento que, decerto, não faria parte da proto-*Odisseia*, não é difícil vermos nela uma extraordinária valorização do poema. Por um lado, temos a componente de «romance de formação» *avant la lettre*, no sentido em que acompanhamos Telémaco na transição da adolescência para a idade adulta; por outro, não há dúvida de que a estratégia de nos levar a simpatizar logo à partida com o filho e com a mulher do protagonista irá agudizar as reações de empatia diante das provações que ainda estão para vir. E é importante que logo de início nos repugne o comportamento dos pretendentes de Penélope, que não só dizimam os bens de Odisseu como lhe desconsideram o filho: assim, não nos chocará tanto o castigo sangrento que, no fim do poema, lhes será aplicado (castigo esse que, aos olhos modernos, face ao

que nos é dito dos crimes praticados pelos pretendentes, não se afigura de todo proporcional). Aqui, como em tantos outros momentos da *Odisseia*, vemos um poeta a ensaiar técnicas (para não dizer «artimanhas», dignas do próprio Odisseu) que visam única e exclusivamente prender a atenção do ouvinte/leitor.

No Canto 5 retoma-se o fio que ficara suspenso desde o início do Canto 1. Hermes chega efetivamente a Ogígia, Calipso deixa partir Odisseu e ensina-lhe a construir uma jangada. Será esta a última navegação a solo de Odisseu, pois a seguir à ilha dos Feaces (a que aportará, mais morto que vivo, em seguida) só lhe falta mais uma etapa para chegar a Ítaca. Curiosamente, depois de o poeta ter colocado na boca de Zeus a declaração explícita de que Posídon, o deus do mar, abandonará a sua cólera contra Odisseu (1.77), eis que Posídon desautoriza o rei dos deuses, encolerizando-se. Aliás, depois de lermos o poema todo, verificamos que esta é, na verdade, a única vez que Posídon se encoleriza contra Odisseu: portanto, quando Zeus afirma que o deus do mar abandonará a sua ira, está a saltar à frente na história, visto que não houvera ainda ocasião para que a ira se manifestasse.

Um dos muitos exemplos de incoerência causada pela harmonização imperfeita de diferentes versões da história? Ou deveremos ver aqui um mero lapso, do género a que não são estranhos autores modernos como Cervantes, que se atrapalhou notoriamente nalguns capítulos de *Don Quixote* com o célebre problema de Sancho Panza e o burro? No âmbito da poesia homérica, este tipo de questões raramente se pode resolver de modo consensual. Mesmo quando o poeta da *Odisseia* nos diz, no Canto 2, que um tal Ântifo serviu de jantar ao Ciclope e, no Canto 17, no-lo apresenta em Ítaca, sentado no meio dos amigos, não sabemos ao certo se deveremos falar em autorias diferentes, ou numa das muitas sonecas que já Horácio atribuíra ironicamente a Homero (*indignor quandoque bonus dormitat*

Homerus [*Arte Poética*, 359]). A lógica discursiva (ou a falta dela) não é o critério mais seguro para a identificação das interpolações; no balanço final, as incoerências que devem pôr o helenista de sobreaviso ocorrem ao nível da fonética, da morfologia e do léxico – problemas que os leitores verão muitas vezes referidos nas notas tradução, explicados de uma forma que, tanto quanto possível, possa fazer sentido a não-helenistas.

A tempestade deixa Odisseu nu e exausto numa praia de Esquéria (ilha dos Feaces, de jardins paradisíacos, em que as árvores dão fruto todo o ano), onde é encontrado pela jovem princesa Nausícaa, num dos mais delicados e deliciosos episódios do poema[26]. A jovem aconselha Odisseu a apresentar-se, como suplicante, no palácio de seu pai, o rei Alcínoo. No decorrer das festividades oferecidas pelo rei a Odisseu – onde não faltam contendas atléticas e danças de mancebos, com desconcertante insistência por parte do poeta e do próprio Odisseu no tópico da beleza masculina –, somos apresentados ao aedo Demódoco, cantor cego, que entoa perante os convivas a história picante do adultério de Ares e Afrodite e, um pouco mais tarde, a pedido de Odisseu, a história do saque de Troia, episódio épico em que o protagonista é… Odisseu.

Aqui há, da parte do poeta, um jogo arriscado de espelhos e de inverosimilhanças: estamos a assistir a uma recitação épica dentro de uma recitação épica, em que o herói da segunda é o destinatário da primeira, recitação essa de que é simultaneamente o herói. E as coisas complicam-se se dermos crédito à tradição antiga, segundo a qual «Homero» era, efetivamente, cego. Será Demódoco o autorretrato do poeta? De qualquer forma, nas mãos de um artista menor, uma proximidade tão explosiva entre o poeta épico e a sua personagem dileta poderia ter resultado em descalabro. Aqui funciona plenamente e serve como rampa de lançamento, por assim dizer, para uma das partes mais importantes de todo o poema: a narração das viagens de Odisseu pelo próprio, uma opção de eficácia

espantosa, a que Virgílio e Camões não haveriam de permanecer insensíveis.

Nos Cantos 9-12, Odisseu encanta os convivas do rei Alcínoo com o relato das aventuras maravilhosas por que passou (onde o leitor de Camões dará certamente pela falta de qualquer referência à fundação de Lisboa). A acumulação de episódios fantásticos, aliada ao facto de o narrador das histórias ser intrinsecamente mentiroso, é outra opção perfeita da parte do poeta. E «opção» é um termo que deverá ser entendido com alguma dose de literalidade: é que a narrativa de Odisseu na primeira pessoa está repleta de vestígios de sedimentos anteriores da tradição épica, em que as viagens teriam constituído uma narração omnisciente na terceira pessoa. O que terá levado o poeta da *Odisseia* a alterar a tradição? Terá sentido que não lhe ficaria bem cantar em voz própria coisas tão pouco épicas (se tomarmos por modelo a austeridade da *Ilíada*) como Lotófagos, Lestrígones, feiticeiras que transformam homens em porcos e consultas de necromancia a profetas mortos? Mas por outro lado percebeu que, como «histórias» na boca de Odisseu, esta sequência de fingimentos poéticos tem um efeito sortílego – em que, curiosamente, por intermédio da arte do poeta, «sortílego» adquire foros inesperados de verosimilhança.

Já em 1893, o grande helenista Richard Jebb colocara a questão deste modo em *The Growth and Influence of Classical Greek Poetry* (p. 25): «O leitor da *Odisseia*, que sente as personagens como sendo reais, não é defraudado desta ilusão quando Circe transforma os companheiros de Odisseu em porcos; ou quando a carne do gado do Sol muge ao ser assada nos espetos; ou quando Posídon transforma a nau dos Feaces em pedra.» Para explicar este fenómeno, Jebb recorre a uma imagem sugestiva, em que a linguagem poética surge como a roupa que oculta um corpo fictício – corpo esse a que as vestes conseguem dar uma ilusão de naturalidade e realismo. Ou seja, a veste da linguagem poética, por meio da qual os

episódios fantásticos da *Odisseia* são descritos, encontra-se a tal ponto plasmada no real que, ao vestir um conteúdo narrativo intrinsecamente inverosímil, anula, pela própria naturalidade do corte, qualquer desconfiança que se possa sentir quanto à credibilidade do corpo que está a ser ocultado pela roupagem do discurso poético.

Note-se, ainda, que o argumento de Jebb é tanto mais curioso se recordarmos que, em virtude da sua mescla bizarra de diferentes dialetos do grego (jónico, eólico, ático), a própria língua em que os poemas homéricos foram compostos nunca poderia ter sido reconhecida por nenhum falante do grego como sistema linguístico colado ao mundo real. É que, apesar do caráter oral da poesia homérica, a língua em que foi composta nunca foi falada.

A meio do Canto 13, Odisseu acorda em Ítaca, para onde fora trazido pelos amáveis Feaces[27]. É aqui que, depois da «Telemaquia» e das «Viagens de Odisseu», começa a terceira parte do poema: a «Vingança de Odisseu». É a parte mais longa da epopeia. Por um lado, suscita-nos um sorriso indulgente a transparência com que o poeta se esforça para fazer render o material do modo mais extenso possível. Mas, por outro lado, temos necessariamente de nos maravilhar com a sempre surpreendente exibição de recursos novos, com a incomparável subtileza na arte do contraste, visível em cada página, e – sobretudo – com o fôlego poético, que permite acumular tensão, num longo crescendo de mais de 4000 versos, até à explosão de sangue na chacina do Canto 22. Abundam momentos inesquecíveis, dos quais não posso deixar de destacar o mais comovente: Odisseu disfarçado de mendigo a entrar, após 20 anos de errores, no palácio de Ítaca, onde ninguém o reconhece a não ser o seu velho cão, atirado já moribundo para um monte de esterco. As lágrimas que Odisseu tenta esconder, quando percebe que o cão esperou por ele para morrer, têm corrido ao longo dos séculos pelas faces de incontáveis leitores do episódio.

Outro episódio (mais previsivelmente) comovente é o do antecipado encontro entre Odisseu e Penélope, onde a mulher do homem astuto mostra que não fica atrás do marido em argúcia. Quanto à vingança propriamente dita, alguns leitores têm sentido que há uma componente de crueldade e de violência que destoa do humanismo que, apesar de tudo, predomina no poema. No entanto, quando a escrava Euricleia quer exultar de alegria sobre os cadáveres dos pretendentes, Odisseu diz-lhe que não fica bem alegrarmo-nos com a morte de outrem. E escusado será dizer que o cantor épico Fémio, um colaboracionista que pactuara com o regime dos pretendentes, escapa ileso da matança com a sua lira. Já Homero resolve, portanto, o problema que viria a colocar-se séculos mais tarde: a arte poderá não ser sujeita a uma judicatura de caráter político.

Assim, não será somente na questão do maior requinte narrativo que a *Odisseia* mostra qualidades próprias, ausentes da mais perfeita *Ilíada*. Perpassa no poema um compadecimento mais emotivo pelos problemas humanos: há várias vinhetas em que o poeta se detém para referir figuras vulneráveis com dificuldades que nos comovem, como por exemplo a escrava doente no Canto 20, cuja debilidade a obriga a trabalhar pela noite dentro para cumprir as tarefas que lhe foram atribuídas, quando as outras escravas já estão a dormir. Mas, ao mesmo tempo, a inexorabilidade da dor e da morte, que confere um negrume tão insistente *Ilíada*, dá lugar, na *Odisseia*, a um matizar mais ameno de cores. Pelo menos ficamos com a ideia de que existe uma relação de causa e efeito no sofrimento humano: os homens sofrem porque praticam a injustiça, diz Zeus no momento inicial do Concílio dos Deuses. Por outro lado, parecem ter mais margem de escolha na determinação do rumo das suas vidas: na *Odisseia*, não há um condicionamento tão carregado por parte do Destino na vida dos homens; parece haver mais lugar para opções individuais. Há como que uma abertura dos deuses em relação ao ser humano (neste aspeto, a ligação entre

Atena e Odisseu é especialmente significativa): os desígnios divinos da *Ilíada*, impossíveis de perscrutar, apontam agora para conceções mais modernas – para as conceções de crime e castigo, que darão mais tarde, aos tragediógrafos do século V (e aos romancistas russos do século XIX), amplo campo de manobra.

Além de apontar em muitos aspetos para o teatro ático do século V (e para os três géneros: tragédia, comédia e drama satírico), a *Odisseia* pode ser lida como o primeiro romance em verso. Em *O Caminho de Guermantes*, Proust refere a surpresa de descobrir nas remotas personagens homéricas emoções imediatas de hoje. Pela nossa parte, diremos que obras de nomes de culto da cultura popular como Tolkien ou Spielberg seriam impensáveis sem a matriz da *Odisseia* por trás. Mas continuará a ser a recuperação do seu conteúdo feita em momentos marcantes da História por génios universais como Virgílio e, por intermédio dele, Camões que, no balanço final, nos dará o testemunho decisivo da sua universalidade.

No entanto, podemos (e devemos) ler a *Odisseia* abstraindo-nos por completo de todos os textos críticos e poéticos que medeiam entre os primordiais versos homéricos e nós. Ler Homero é regressar à origem da Poesia, ao mais essencial da Palavra. No seu conto «Homero» (na coletânea *Contos Exemplares*), Sophia de Mello Breyner Andresen define de modo inultrapassável a poesia da *Odisseia*: «Palavras moduladas como um canto, palavras quase visíveis que ocupavam os espaços do ar com a sua forma, a sua densidade e o seu peso. Palavras que chamavam pelas coisas, que eram o nome das coisas. Palavras brilhantes como as escamas dum peixe, palavras grandes e desertas como praias.»

Ao apontar para o assombroso despojamento da poesia homérica, o conto «Homero» leva-nos a recapitular a já abordada questão da roupagem das palavras na *Odisseia*. Uma poesia, afinal, mais despida que vestida? Ou

teremos, antes, na *Odisseia*, o fenómeno a que o grande poeta português António Franco Alexandre dá voz no sexto poema de *Visitação*?

«A nudez talha no ar / os seus vestidos.»[28]

---

1 Embora na primeira edição da minha tradução eu tenha optado pelo nome romano «Ulisses», acabei por sentir que era preferível dar ao herói da *Odisseia* o seu nome grego.

2 Ver M.L. West, «The Invention of Homer», *Classical Quarterly* 49 (1999), pp. 364-382 = *Hellenica I*, pp. 408-436.

3 A informação de que foi Hiparco a instituir a recitação dos poemas homéricos nas Panateneias é dada num diálogo atribuído a Platão, justamente intitulado *Hiparco*, em 228b (a autoria platónica deste texto é muito discutível, mas não interessa aqui para o caso). Escrevendo já no século II d.C., Pausânias registou que o responsável por esta iniciativa foi Pisístrato, pai de Hiparco, que «reuniu os poemas de Homero, que andavam dispersos» (*Descrição da Grécia* 7.26.13).

4 E. Bethe, *Homer: Dichtung und Sage I*, Leipzig, 1914, pp. 52-53.

5 São quase inexistentes os conhecimentos que temos sobre estes corizontes, mencionados por Proclo na sua *Crestomatia* (mas também sobre Proclo como autor desta obra se levantam dúvidas: ver M.L. West, *The Epic Cycle: A Commentary on the Lost Troy Epics*, Oxford, 2013, pp. 7-11).

6 Sobre as diferenças entre os dois poemas, ver Rocha Pereira, *Estudos*, pp. 101-105. Sem papas na língua, um dos maiores helenistas de sempre escreveu há quase um século: «Haverá sempre idiotas a afirmarem que o homem-milagre Homero compôs a *Ilíada* e a *Odisseia*; e que o homem-milagre Moisés compôs o Pentateuco» (U. von Wilamowitz-Moellendorff, *Die Heimkehr des Odysseus*, Berlim, 1927, p. 172). No entanto, um livro de 2008, escrito por um historiador da Universidade de Oxford conhecido pelas suas posições controversas, veio de novo propor que a *Ilíada* e a *Odisseia* foram compostas pelo mesmo poeta no século VIII a.C., posição crítica que deixou de ser consensual no final do século XVIII (ver R. Lane Fox, *Travelling Heroes: Greeks and their Myths in the Epic Age of Homer*, Londres, 2008, pp. 381-384).

7 Remeto para o meu artigo «Dois poemas de autor anónimo: a *Ilíada* e a *Odisseia*», in V. Soares Pereira & A.L. Curado (orgs.), *A Antiguidade Clássica e Nós: Herança e Identidade Cultural*, Braga, 2006, pp. 33-40.

8 Este facto, já demonstrado no século XIX por A. Gemoll («Die Beziehungen zwischen Ilias und Odyssee», *Hermes* 18 [1883], pp. 34-96), foi depois magistralmente confirmado por K. Usener (*Beobachtungen zum Verhältnis der Odyssee zur Ilias*, Tübingen, 1990).

9 Os textos de Milman Parry a argumentar que as epopeias homéricas são, no sentido mais próprio da palavra, poesia oral foram coligidos em *The Making of Homeric Verse*, Oxford, 1971; mas a influência de Parry começou a sentir-se no mundo anglo-saxónico logo a partir da publicação, em 1929, do seu primeiro ensaio. As teorias de Parry nunca suscitaram especial entusiasmo nas universidades de língua alemã, e foi com o intuito de expor as suas fragilidades que, em 1979, saiu na

importante série *Wege der Forschung* o livro organizado por J. Latacz, *Homer: Tradition und Neuerung*, Darmstadt.

10 West, *Iliad*, p. 10.

11 Note-se que o alfabeto não foi o primeiro sistema de escrita usado na Grécia: na Idade do Bronze, tinha-se desenvolvido um silabário (em que cada sinal correspondia a uma sílaba), a que os estudiosos chamam «Linear B», onde já identificamos muitas palavras gregas que nunca deixaram de ocorrer ao longo da história do grego: na poesia homérica, na tragédia grega, na filosofia platónica, no Novo Testamento – e no tabloide publicado, hoje de manhã, em Atenas. Sobre o Linear B, ver J. Chadwick, *The Decipherment of Linear B*, Cambridge, 1967, 2.ª ed. (tradução portuguesa: Lisboa, 1996).

12 Os estudos fundamentais para a questão da data da *Ilíada* continuam a ser W. Burkert, «Das hunderttorige Theben und die Datierung der Ilias», *Wiener Studien* 10 (1978), pp. 5-21 = *Kleine Schriften I*, pp. 59-71; e M.L. West, «The Date of the *Iliad*», *Museum Helveticum* 52 (1995), pp. 203-19 = *Hellenica I*, pp. 188-208.

13 O incómodo deste facto levou R. Lane Fox a propor que os versos em causa são um acrescento posterior, de modo a não invalidar a sua tese de que a *Ilíada* é um poema do século VIII (*Travelling Heroes*, p. 383).

14 Ver M.L. West, *Hesiod: Works and Days*, Oxford, 1978, pp. 60-61.

15 West, *Odyssey*, p. 43.

16 Rocha Pereira, *Grécia Antiga*, p. 92.

17 Recorde-se que o estudo crítico da poesia homérica começou com um livro de François d'Aubignac publicado em Paris, em 1715, intitulado *Conjectures académiques ou dissertation sur l'Iliade*. Seguiu-se, na Alemanha, o livro de F.A. Wolf, *Prolegomena ad Homerum* (Halle, 1795). O próximo passo fundamental foi dado por G. Hermann, *De interpolationibus Homeri dissertatio* (Leipzig, 1832); e depois K.L. Kayser (*Homerische Abhandlungen*, Leipzig, 1881) estabeleceu a ideia de que podemos detetar, na poesia homérica (e sobretudo na *Odisseia*), «estratos» diferentes (linguísticos, cronológicos, redacionais). Outro nome fundamental da crítica analítica foi A. Kirchhoff (*Odyssee*, Berlim, 1859). A esta onda de «analistas» opôs-se depois uma onda de «unitários», que reagiram contra o enfoque em discrepâncias narrativas e disparidades linguísticas, típico dos «analistas», e propuseram, em vez disso, um regresso ao ponto de vista de que os dois poemas são unidades coerentes e obras do mais alto valor poético. O primeiro grande passo nesta nova tendência foi dado por C. Rothe (*Die Odyssee als Dichtung*, Paderborn, 1914), a que se seguiram muitos outros trabalhos de diferentes helenistas ao longo do século XX. Um novo rumo foi iniciado por M. Parry em finais dos anos 20 do século passado (como já referimos, os escritos de Parry foram depois coligidos em 1971, no livro *The Making of Homeric Verse*, Oxford), com a sua proposta de que tanto «analistas» como «unitários» estavam igualmente equivocados, dado que, segundo Parry, a *Ilíada* e a *Odisseia* eram poemas orais, criados sem recurso à escrita. Em finais do século XX, a abordagem analítica teve um novo e inesperado florescimento com o trabalho de R.D. Dawe sobre a *Odisseia* (*The Odyssey: Translation and Analysis*, Lewes, 1993). Já no século XXI, os dois livros de M.L. West (*The Making of the Iliad* , Oxford, 2011; *The Making of the Odyssey*,

Oxford, 2014) voltaram a pôr a abordagem analítica em cima da mesa, aliando aquilo que de melhor se escreveu no século XIX em registo analítico à melhor filologia unitária sobre a *Ilíada* do século XX (W. Schadewaldt, *Iliasstudien*, Darmstadt, 1966, 3.ª ed.; K. Reinhardt, *Die Ilias und ihr Dichter*, Göttingen, 1961). No fundo, o que estamos a ver no estudo da poesia homérica no século XXI é que é possível estudar a *Ilíada* e a *Odisseia* de uma perspetiva crítica que é simultaneamente analítica, unitária e oralista, porque as três metodologias, fora do facciosismo académico-universitário, não são contraditórias, sendo antes (cada uma à sua maneira) igualmente úteis e valiosas.

18 Ver M.H. Rocha Pereira, «A teia de Penélope», in F. Oliveira (org.), *Penélope e Ulisses*, Coimbra, 2003, pp. 11-21 = Rocha Pereira, *Grécia Antiga*, pp. 165-177.

19 Ver M.H. Rocha Pereira, «*Eros* e *philia* no *nostos* de Ulisses», in A. Nascimento, V. Jabouille & F. Lourenço (orgs.), *Eros e Philia na Cultura Grega*, Lisboa, 1996, pp. 5-12 = Rocha Pereira, *Grécia Antiga*, pp. 155-163.

20 Talvez o mais importante precursor no estudo das fórmulas homéricas tenha sido J.E. Ellendt, *Drei Homerische Abhandlungen*, Leipzig, 1864 (ver sobretudo o ensaio «Einiges über den Einfluss des Metrums auf den Gebrauch von Wortformen und Wortverbindungen im Homer», pp. 6-34).

21 Cf. O. Seeck, *Die Quellen der Odyssee*, Berlim, 1887, pp. 353-354.

22 G. Danek, *Bosnische Heldenepen*, Viena, 2003.

23 Ver S. Butler, *The Authoress of the Odyssey*, Nova Iorque, 1897 (2.ª ed.: 1922).

24 «O proémio da *Odisseia* ostenta uma consciência textual de que qualquer identidade na repetição é sempre prejudicada pela força proliferadora do texto, no sentido em que o texto é representado e tornado ao mesmo tempo consistente e instável por meio de uma suplementaridade figural» (P. Pucci, «The Proem of the Odyssey», *Arethusa* 15 [1982], p. 49).

25 Ver I. de Jong, *A Narratological Commentary on the Odyssey*, Cambridge, 2001.

26 Remeto para o meu ensaio «A palmeira de Delos: Nausícaa na *Odisseia*», in C. Mendes de Sousa & R. Patrício (orgs.), *Largo Mundo Alumiado*, Braga, 2004, Vol. I, pp. 387-398.

27 A chegada de Odisseu à sua Ítaca obriga-nos a fazer uma pergunta incómoda: quando se fala de Ítaca na *Odisseia*, a que realidade geográfica se está a fazer referência? Pois um dado adquirido na filologia homérica é que a descrição da ilha no poema não corresponde à Ítaca que hoje visitamos em qualquer cruzeiro pelo mar Jónico. O problema tem como ponto nevrálgico os versos em que Odisseu revela a sua identidade ao rei Alcínoo, em Esquéria: o herói fala da sua ilha como sendo a mais ocidental de um pequeno arquipélago, pouco elevada acima do nível do mar (*Od*.9.21-27). Ora esta descrição não se adequa à ilha chamada Ítaca no moderno mapa da Grécia. Se, por um lado, a filologia homérica optou por contornar esta dificuldade afirmando que, contrariamente ao poeta da *Ilíada*, que conhece bem Tróade, o poeta da *Odisseia* nunca esteve em Ítaca (falando, portanto, dela como uma terra tão imaginária como as ilhas de Circe ou Calipso), a arqueologia, por outro lado, empenhou-se em tentar descobrir, desde o século XIX, localizações alternativas para a ilha de Odisseu. Uma proposta atraente, publicada já no século XXI, foi a de Robert Bittlestone (*Odysseus Unbound: The Search for Homer's Ithaca*, with James Diggle and John Underhill, Cambridge, 2005). Este autor identifica a Ítaca homérica com Paliki, a península ocidental da moderna ilha de Cefalénia, península essa que fora em tempos uma ilha separada de Cefalénia por um canal, para cuja existência

há provas concretas na *Geografia* de Estrabão (10.2.15). É certo que, com esta nova proposta de identificação geográfica da Ítaca homérica, as descrições da ilha no poema fazem muito mais sentido. Segundo a teoria apresentada por Bittlestone, a Ítaca moderna seria a Dulíquio referida por Homero, o que de resto encontra abono em poetas romanos como Virgílio (*Bucólicas* 6.76) e Propércio (2.14.2), os quais documentam a bivalência dos topónimos «Ítaca» e «Dulíquio» na Antiguidade. Como diz o moderno *Thesaurus linguae latinae: Supplementum, nomina propria latina*, Vol. III Fasc. II (1989), p. 268, por «Dulíquio» deve entender-se «ilha perto de Ítaca ou a própria Ítaca». A razão pela qual Dulíquio passou a ser conhecida como Ítaca prende-se, segundo a tese de Bittlestone, com a emigração em massa dos Itacenses para Dulíquio na sequência de convulsões telúricas, as quais determinaram também que a Ítaca homérica deixasse de ser uma ilha, para passar a ser uma península da vizinha Cefalénia. Note-se ainda que, em vários passos da *Odisseia*, os habitantes de Ítaca são referidos como «Cefalénios». Ver 24.354-355*.

28 A.F. Alexandre, *Poemas*, Lisboa, 1996, p. 126.

O funcionamento do verso homérico

1. Comecemos por considerar os versos do seguinte poema[1]:

> Árvore muda de folhas vermelhas na luz do outono,
> Tuas ou minhas serão as ramagens que ergues na tarde?
> Folhas que nascem e morrem são versos de límpido timbre;
> Alma não tem quem não crê nas veredas dos bosques eternos?

Para o nosso ouvido, acostumado aos versos mais frequentes da poesia de língua portuguesa, o ritmo destes versos soa estranho. É um ritmo que não se enquadra em nenhuma das categorias conhecidas em português (decassílabo, redondilha, alexandrino, etc.). A razão da estranheza é esta: estes quatro versos, não obstante terem sido escritos em português, são hexâmetros dactílicos, o verso em que foram compostas a *Ilíada* e a *Odisseia* (e também a *Teogonia* e os *Trabalhos e Dias* de Hesíodo, a *Eneida* de Virgílio e as *Metamorfoses* de Ovídio). Trata-se, assim, do verso épico por excelência.

A diferença dos versos portugueses acima citados relativamente ao verso homérico é que o verso grego (e latino) baseia o seu ritmo na alternância de sílabas longas e sílabas breves, ao passo que o verso português o baseia na alternância entre sílabas acentuadas e não-acentuadas. Se lermos em voz alta o primeiro verso da *Odisseia* em grego, acentuando as sílabas onde coloquei os acentos, perceberemos de imediato que o ritmo é o mesmo:

Ándra moi énnepe Moúsa polútropon hós mala pólla

Leiamos agora o último verso da *Ilíada*:

Hós hoi ámphiepón taphon Héktoros híppodamóio

No esquema do hexâmetro dactílico, os núcleos rítmicos mais pequenos são o dáctilo (longa/breve/breve) e o espondeu (longa/longa). Notando uma sílaba longa por meio do sinal «—» e uma breve por meio de «u», podemos considerar o seguinte esquema de base para o verso homérico:

— U U — U U — U U — U U — U U — —

No esquema notado acima, vemos uma sequência de cinco dácti-los e, para rematar, um espondeu. Na realidade, a única caraterística inteiramente previsível de um hexâmetro dactílico é que acaba com um espondeu (— —)[2]. De resto, os dáctilos acima notados podem ser substituídos, se o poeta quiser, por espondeus (embora isso seja muito raro na quinta posição). Em síntese:

(1) podemos encontrar um espondeu (— —) em qualquer lugar do verso, ainda que muito raramente na quinta posição;

(2) podemos encontrar um dáctilo (— U U) em todos os lugares do verso, menos na sexta posição.

Apesar de serem úteis os termos «dáctilo» e «espondeu» para a nossa análise do verso homérico, a verdade é que Homero e os outros poetas que compuseram em hexâmetros não usaram dáctilos e espondeus como «tijolos» para construir o edifício do verso. Os blocos de construção por eles utilizados são um pouco maiores em número de sílabas. Por exemplo: o ritmo da sequência de sílabas até meio do verso; ou o ritmo da sequência desde meio do verso até ao fim.

Esse meio do verso é sempre marcado por uma cesura: isto é, pela quebra de palavra no interior de um «pé». Na prática, o lugar mais frequente da cesura é aquele que vemos nos seguintes versos do poema em português acima citado:

> Tuas ou minhas serão | as ramagens que ergues na tarde?
> Alma não tem quem não crê | nas veredas dos bosques eternos?

No caso destes versos, a cesura calha exatamente no mesmo lugar onde ocorre a cesura no último verso da *Ilíada*:

> *Hós hoi ámphiepón* | *taphon Héktoros híppodamóio*

O poeta homérico, trabalhando com um rico manancial de fórmulas que herdou da tradição oral, podia usar certos meios versos (em linguagem técnica, «hemistíquios») como peça isolada adaptável a ser encaixada noutros hemistíquios pré-fabricados para formar um hexâmetro inteiro[3].

Demos este exemplo: há uma fórmula recorrente que introduz a resposta de alguém a um discurso (é importante não esquecer que a poesia homérica é maioritariamente constituída por versos que reproduzem o discurso direto; há muito pouco discurso indireto em Homero). Essa fórmula corresponde, em português, às palavras «respondendo-lhe». Em grego:

> *Tòn d'apaméibomenós* (— U U — U U —)

Estas palavras, pela sua alternância natural de longas e de breves, formam por si mesmas o primeiro hemistíquio do hexâmetro dactílico. Começando com esta sequência, o poeta só precisa agora de identificar quem responde.

Imaginemos que se trata de Aquiles. O nome «Aquiles» (tal como «Odisseu») é formado por três sílabas com o desenho rítmico U — —,

padrão que naturalmente é perfeito para figurar no final do verso[4]. Porém, só três sílabas não são suficientes para completar o verso. Uma das marcas mais visíveis da poesia homérica é a associação de epítetos a nomes próprios, que por vezes formam um verso inteiro:

> Filho de Laertes, criado por Zeus, Odisseu de mil ardis!

Mas o poeta também podia recorrer a hemistíquios pré-fabricados, contendo apenas um verbo, um epíteto e um nome. Voltando ao caso do hemistíquio atrás citado («respondendo-lhe»): sendo Aquiles a responder, o poeta podia completar o verso acrescentando o epíteto típico de Aquiles, «de pés velozes»[5]:

> *Tón d'apaméibomenós* | *prosephé podas ókus Akhílleus*
> Respondendo-lhe | falou Aquiles de pés velozes

Se quem responde é Odisseu, só é preciso mudar o epíteto e o nome:

> *Tón d'apaméibomenós* | *prosephé polumétis Odússeus*
> Respondendo-lhe | falou o astucioso Odisseu

Nem sempre era fácil, para o poeta, encontrar nomes e epítetos cujo natural desenho rítmico os vocacionava para funcionar de modo perfeito. Mas o poeta épico sabia dar a volta a estas dificuldades. Na *Odisseia*, por exemplo, recorre ao expediente curioso de colocar o nome do porqueiro Eumeu no vocativo quando usa esta fórmula, porque o nome não caberia de outra maneira no verso a começar pelo hemistíquio «respondendo-lhe» sem um hiato incómodo:

> *Tón d'apaméibomenós* | *prosephés Eumáie subóta*
> Respondendo-lhe | falaste, ó porqueiro Eumeu!

Levando um pouco mais longe as consequências da dificuldade de adaptar certos nomes ao hexâmetro dactílico, notamos que há palavras cuja presença num determinado verso não se deve ao seu alto sentido poético, mas sim à sua pragmática utilidade métrica. Tanto Odisseu como Aquiles recebem, em Homero, o epíteto de «saqueador de cidades» (*ptoliporthos*). Aquiles saqueou muitas cidades (mas não Troia), portanto merece de pleno direito esse epíteto. De Odisseu poderá dizer-se que, graças ao estratagema do cavalo de pau, saqueou indiretamente a cidade de Troia. Agora quando, na *Ilíada*, vemos um ilustre desconhecido como Otrinteu a partilhar este nobre epíteto na poesia homérica, temos de compreender isso à luz da forma métrica do seu nome: em grego, *Akhilleus* (Aquiles), *Odusseus* (Odisseu) e *Otrunteus* (Otrinteu) são nomes com a mesma forma métrica: U — —. Isso explica a elevação de Otrinteu à primeira liga dos saqueadores de cidades, à qual ele não teria acesso por outro meio que não a forma métrica do seu nome[6].

2. A técnica de compor poesia heroica em hexâmetros dactílicos foi desenvolvida vários séculos antes de terem sido compostas a *Ilíada* e a *Odisseia*[7]. Por incrível que pareça, tudo leva a crer que, no século XIV a.C., 200 anos antes da data tradicional para a Guerra de Troia, já existia poesia em grego que utilizava este ritmo. No que nos baseamos para pressupor a existência de poesia em hexâmetros de uma época tão remota? É simples: na análise linguística de algumas sequências de palavras que encontramos na *Ilíada* e na *Odisseia*. Sendo o grego uma língua com uma história escrita tão longa, temos possibilidade de conhecer o estado de evolução da sua fonética e da sua morfologia num período vários séculos antes de Homero[8]. Isto foi possível graças decifração, nos anos 50 do século passado, de tabuinhas em barro do século XII a.C. escritas num silabário (Linear B) que, depois de decifrado, se revelou ser grego.

O que nos ensinaram estas tabuinhas? Talvez a informação mais importante que os helenistas delas retiraram é que há versos homéricos que nos dão a ver, na *Ilíada* e na *Odisseia*, um estado mais antigo da língua do que a própria língua grafada nas tabuinhas micénicas em Linear B. Isso prova-nos que, antes do século XII a.C., já se cantava, na Grécia, poesia em hexâmetros, porque foi a forma métrica do hexâmetro usado na composição oral que fossilizou essas palavras, a ponto de elas ainda serem utilizadas com as suas caraterísticas antiquíssimas por poetas que compunham no século VII a.C., já com a possibilidade de deixarem por escrito os seus poemas monumentais.

Exemplifiquemos. O som «s» na posição inicial de certas palavras já se tinha transformado em «h» (aspiração) no grego da época micénica em que se escreveram as tabuinhas em Linear B. Palavras gregas de origem indo-europeia como «sal» (em grego, *hals*; em latim, *sal*) já tinham perdido, na época micénica, o «s» inicial. Este som transformara-se em «h». Com efeito, nos registos escritos que conhecemos a palavra grega para «sal» e para «mar [salgado]» é *hals*. Mas no Canto 2 da *Ilíada* (640) encontramos o curioso adjetivo *ankhíalos* («rodeado pelo mar»), cuja fonética nos mostra que pertence a uma época muito remota em que, em grego, «sal» ainda era *sals* – e não *hals*. Isto porque, se não fosse ali o «s» a exercer influência como fantasma do passado (**ankhí*<*s*>*alos*[9]), o adjetivo teria necessariamente evoluído para **ankhalos*.

Outro exemplo é o das vogais contraídas no grego homérico, cuja anomalia métrica nos dá a ver que a utilização daquela palavra naquele lugar do verso provém de uma época remota em que certas contrações ainda não eram feitas. Quando, no Canto 9 da *Odisseia*, Odisseu e os seus companheiros chegam à ilha do Ciclope, ficam uma noite inteira «à espera da Aurora divina» (151). A forma fonética da palavra «Aurora» (palavra bastante proteica em Homero, tanto na sua fonética como na sua

morfologia) chama a nossa atenção pela estranheza: um dissílabo constituído por duas vogais longas (*Êô*) a ocuparem o lugar do dáctilo quase obrigatório do quinto «pé» do hexâmetro. No entanto, se restituirmos à palavra a sua forma mais antiga (não contrata), verificamos que, afinal, em *Êoa* (— U U) não há qualquer anomalia.

O caso mais conhecido de um som fantasmagórico na poesia homérica – pressuposto, apesar de invisível, em mais de 3000 ocorrências – é o digama, letra usada na escrita de alguns dialetos gregos na época arcaica (e cujo som tivera representação em Linear B), da qual derivou a letra «F» latina. No grego antiquíssimo, a letra «F» não tinha o som que passou a representar em latim, mas sim o som «W» do inglês: o som inicial da palavra inglesa para «vinho», *wine*.

Ora, em grego muito antigo, «vinho» era *woînos* (grafado em Linear B *wono*; cf. o termo latino *uinum*), embora no grego clássico fosse escrito *oînos*. Na poesia homérica, a métrica do hexâmetro revela-nos, como dissemos, mais de 3000 instâncias em que esse som tem de ser pressuposto, para evitar o hiato entre vogais e para criar o efeito de uma consoante dupla para alongar a vogal breve precedente. No Canto 1 da *Ilíada* (108), o rei Agamémnon acusa o vidente Calcas de nunca dizer nem cumprir palavra positiva:

Esthlòn d’oute ti pô eîpas epos out’ etélessas

Lido assim, o verso não tem a métrica certa, porque o verbo «disseste» (*eîpas*) está a fazer hiato com a partícula precedente, ao mesmo tempo que a sua segunda sílaba tem quantidade breve, quando precisaria, naquele lugar do verso, de ser longa. Pressupondo, porém, a presença do antiquíssimo digama, o verbo funciona perfeitamente:

Esthlòn d’oute tí pô ***w****eîpas* ***w****epos out’ etélessas*

O descobridor desta letra em falta na poesia homérica foi um dos maiores helenistas de sempre, Richard Bentley (professor em Cambridge, no século XVIII). Embora, no século XIX, se tenham publicado, na Alemanha, algumas edições do texto grego de Homero com essa letra restituída, no século XX desistiu-se disso, também por se ter percebido que, em rigor, Homero não é consistente na observação do digama, havendo cerca de 600 exemplos de palavras onde o digama existiria em épocas remotas, mas nas quais a métrica do verso já não o pressupõe. Isto obriga-nos a ter consciência do facto de que, na poesia homérica, estamos constantemente a esbarrar com formas linguísticas muito antigas, ao lado de outras bem mais modernas. Se conseguíssemos imaginar um poema em português que misturasse formas linguísticas do tempo de D. Dinis com outras do tempo de Camões e outras, ainda, do tempo da Marquesa de Alorna, teríamos talvez uma ideia da mescla especial que detetamos na poesia homérica, quando a lemos em grego.

Ora, um aspeto importante desta mescla é a sua fusão dialetal[10]. O «micénico», a que já fizemos referência, era um dialeto antigo do grego, cujo vocabulário (conhecido graças às tabuinhas em Linear B) já continha palavras que se manteriam ao longo da história do grego: palavras que tanto encontramos na *Ilíada* e na *Odisseia* como no Novo Testamento. Basta dizer que uma palavra formada a partir do verbo *khríô* («ungir»), verbo do qual deriva também a palavra «Cristo», já está atestada em grego micénico do século XII a.C.[11]

O micénico era aparentado com o dialeto em que, mais tarde, Safo e Alceu escreveriam, no século VII a.C., os seus maravilhosos poemas: o dialeto eólico (falado em várias ilhas e também nalgumas zonas do norte da Grécia). Todavia, embora haja muitos elementos eólicos na língua utilizada por Homero, a base é o dialeto jónico, sobretudo falado na faixa costeira da

Ásia Menor (moderna Turquia). Um terceiro ingrediente (ainda que muito menos presente e menos pronunciado) desta mistura é o dialeto ático, falado (na Grécia arcaica e clássica) na zona dominada por Atenas.

Por vezes os três ingredientes encontram-se no mesmo verso. Vejamos este exemplo célebre (*Il*.1.54):

> ***Têi*** *dekátêi d'agor**ê**nde kalé**ss**ato laòn Akhilleús*
> No décimo dia Aquiles chamou o povo para a assembleia

A palavra correspondente a «no» em «no décimo dia» mostra a utilização ática do artigo definido; a fonética de «para a assembleia» é jónica; e a morfologia de «chamou» é eólica.

Em suma: se conseguíssemos imaginar um poema que reunisse, por vezes no mesmo verso, formas morfológicas do castelhano, do catalão e do galego ficaríamos com uma ideia de como estes efeitos funcionam para quem os lê ou ouve em língua grega. Também é certo que o facto de a língua em que a poesia homérica foi composta não ser falada por pessoas reais em nenhuma parte do mundo grego lhe deu uma elevação face ao quotidiano, uma independência face a qualquer pertença «bairrista» e uma universalidade que lhe permitiu ser identificada como herança comum de todos os falantes de língua grega.

Mercê desta universalidade, a herança linguística da poesia homérica foi acolhida e integrada tanto por um poeta como Estesícoro no sul de Itália como por Safo numa ilha perto da moderna Turquia. Em Alexandria, no século III a.C., a língua mesclada de Homero continuou viva nos hexâmetros do grande poeta helenístico Calímaco. E poetas cristãos como Gregório de Nazianzo usariam, no século IV d.C., o mesmo metro e a mesma língua da *Ilíada* e da *Odisseia* para compor poesia de alto rasgo teológico.

Ainda que, na sua *República*, Platão coloque na boca de Sócrates a afirmação desanimadora de que a poesia de Homero terá de ser proibida na

cidade ideal, mesmo assim Sócrates não deixa de reconhecer ao poeta supremo da literatura grega o estatuto que ele já tinha vários séculos antes de Sócrates; e que manteria, não obstante a desaprovação platónica, até à queda de Constantinopla em 1453: «educador da Grécia»[12].

---

1 F. Lourenço, *Clara Suspeita de Luz*, Lisboa, 2011, p. 33.

2 Na realidade, o último «pé» do hexâmetro pode ter a forma — — ou — U, contando a última breve, em fim de verso, como longa (a *Ilíada* termina, justamente, com uma vogal breve nessas condições).

3 Ver M.H. Rocha Pereira, «Fórmulas e epítetos na linguagem homérica», *Alfa*, São Paulo (1984), pp. 1-9 = Rocha Pereira, *Grécia Antiga*, pp. 93-104.

4 No entanto, quando o nome surge noutro caso que não o nominativo, o desenho rítmico é naturalmente diferente. Por esse motivo, o poeta da *Odisseia* usa, no que toca ao nome do seu herói, três formas diferentes para o acusativo do nome «Odisseu», conforme a conveniência métrica: *Odusêa* (U U — U), *Odusê'* (U U —) e *Odussêa* (U — — U).

5 Usado quando o nome de Aquiles é o sujeito da frase: como vimos na nota anterior, as palavras gregas mudam de forma métrica consoante o caso (nominativo, vocativo, acusativo, genitivo, dativo) em que se encontram.

6 Sobre estas questões, ver ainda Rocha Pereira, *Estudos*, pp. 51-54.

7 A ideia de que o ritmo dactílico não é natural na língua grega foi defendida há quase 100 anos por A. Meillet (*Les origines indo-européenes des mètres grecs*, Paris, 1923, pp. 57-63). Tal teoria foi depois posta em causa por J. Chadwick, «The Descent of the Greek Epic», *Journal of Hellenic Studies* 110 (1990), pp. 174-177; e também por M.L. West, «Homer's Meter», in I. Morris & B. Powell (orgs.), *A New Companion to Homer*, Leiden, 1997, pp. 218-237 (ver especialmente as pp. 234-235).

8 Entendendo doravante «Homero» como rótulo conveniente para designar o conjunto dos 15 693 hexâmetros da *Ilíada* e dos 12 109 hexâmetros da *Odisseia*.

9 Uma palavra precedida de asterisco implica a inexistência de um registo escrito da mesma.

10 Sobre a língua homérica, ver sobretudo G. Horrocks, «Homer's Dialect», in I. Morris B. Powell (orgs.), *A New Companion to Homer*, Leiden, 1997, pp. 193-217.

11 Cf. «Wort-Index Homerisch-Mykenisch», in J. Latacz (org.), *Homer Ilias, Gesamtkommentar: Prolegomena*, Munique, 2002, pp. 209-234.

12 Cf. Platão, *República* 606e-607a.

Odisseia

Canto 1

Fala-me, Musa, do homem versátil que tanto vagueou,
depois que de Troia destruiu a cidadela sagrada.
De muitos homens viu as cidades e a mente conheceu;
e foram muitas no mar as dores que sofreu em seu coração
para salvar a vida e o regresso dos companheiros.
Mas nem os companheiros salvou, embora o quisesse.
Pereceram devido às suas próprias loucuras,
tolos, que o gado de Hiperíon, o Sol,
comeram; e este lhes negou o dia do regresso.
Destas coisas, a partir de um ponto qualquer,
ó deusa, filha de Zeus, fala-nos também a nós.

Nesse tempo, já todos quantos fugiram à morte escarpada
se encontravam em casa, fugidos da guerra e do mar.
Só àquele, desejoso do regresso e da mulher,
Calipso, excelsa Ninfa, divina entre as deusas, retinha
em côncavas grutas, desejosa de que se tornasse seu marido.
Mas quando chegou o ano, volvidos os aniversários,
no qual os deuses fiaram que a casa ele regressasse,
a Ítaca — nem aí fugiu das provações,
também entre os amigos; e todos os deuses se compadeceram,
menos Posídon. Este incessantemente se irou

contra o divino Odisseu até que chegasse à sua terra.

Mas este para os Etíopes se afastara, eles que estão longe,
Etíopes divididos, mais remotos dos homens,
uns do Sol poente, outros do Sol nascente,
para receber uma hecatombe de touros e de carneiros.
Aí ele se deleitou, presente no festim. Quanto aos outros,
no palácio de Zeus Olímpio se encontravam reunidos.
E o primeiro a falar foi o pai dos homens e dos deuses.
Pois lembrou-se no coração do irrepreensível Egisto,
a quem assassinara o famigerado Agamemnónida Orestes.
Lembrado dele dirigiu palavras aos imortais:

«Vede bem como os mortais acusam os deuses!
A partir de nós (dizem) existem os males, quando são eles,
pelas suas loucuras, que têm dores além do destino!
Como agora Egisto, além do destino, do Atrida
desposou a mulher, matando aquele que regressava,
sabendo bem da morte escarpada, pois lha predisséramos
ao enviarmos Hermes, o vigilante Argeifonte:
que não o matasse nem cortejasse a esposa,
“pois de Orestes virá a vingança do Atrida,
quando amadurecer e desejar a sua terra”.
Assim falou Hermes; mas o espírito de Egisto
ele não convenceu, ainda que bem-intencionado.
Agora <Egisto> pagou tudo de uma vez.»

A ele respondeu depois a deusa de olhos garços Atena:
«Ó Crónida, nosso pai, mais excelso dos soberanos,

sobremaneira jaz aquele devido a uma morte devida:
e que pereça qualquer outro que iguais coisas fizer.
Mas por Odisseu fogoso arde-me o coração,
desafortunado, que longe dos amigos sofre tormentos
numa ilha rodeada de ondas, onde fica o umbigo do mar.
É uma ilha arborizada, onde tem sua morada a deusa
filha de Atlas de pernicioso pensamento, ele que do mar
conhece todas as profundezas e segura ele mesmo
as colunas ingentes, que terra e céu separados mantêm.
Sua filha retém o triste sofrido,
e sempre com delicadas e matreiras palavras
o encanta, para que Ítaca olvide; mas Odisseu,
desejoso de ver o fumo subindo da sua terra,
tem vontade de morrer — e o querido coração
não se comove, Olímpio? Não foi Odisseu
quem junto às naus dos Argivos sacrifícios te ofereceu
na ampla Troia? Contra ele te encolerizas, ó Zeus?»

Respondendo-lhe, falou Zeus que amontoa as nuvens:
«Minha filha, que palavra passou além da barreira de teus dentes?
Como me esqueceria eu do divino Odisseu,
que na mente sobreleva aos mortais; e aos deuses
imortais ofereceu sacrifícios, eles que o amplo céu detêm?
Mas Posídon, que segura a terra, implacavelmente sempre
ficou encolerizado por causa do Ciclope, cujo olho ele cegou:
o divino Polifemo, cuja força é a maior
entre todos os Ciclopes. Toosa, a Ninfa, deu-o à luz,
a filha de Fórcis, que rege o mar nunca vindimado,

em côncavas grutas com Posídon se unindo.
não mata; porém fá-lo vaguear longe da terra pátria.
Mas nós aqui presentes acordemos todos
o <seu> regresso, para que vá. Posídon deixará
a sua ira: pois não conseguirá contra todos
os imortais, à revelia dos deuses, sozinho dissidir.»

A ele respondeu então a deusa de olhos garços Atena:
«Ó Crónida, nosso pai, mais excelso dos soberanos,
se agora isto é caro aos deuses bem-aventurados
que o pensativo Odisseu regresse a sua casa,
incitemos agora Hermes, o mensageiro Argeifonte,
para a ilha Ogígia, a fim de que depressa
à Ninfa de bela cabeleira diga o plano seguro:
o regresso do paciente Odisseu <e> como regressará.
Eu mesma a Ítaca irei para incentivar seu filho
ainda mais; e para lhe pôr força no espírito:
que convoque para a assembleia os Aqueus de longos cabelos
e que a todos os pretendentes ele fale, eles que sempre
as ovelhas numerosas lhe degolam e o gado cambaleante.
A Esparta o enviarei e a Pilos arenosa,
para se informar sobre o regresso do pai amado,
no caso de algo lhe chegar aos ouvidos,
para que um nobre renome entre os homens adquira.»

Tendo assim falado, sob seus pés atou as belas sandálias,
imortais, douradas, que a levavam sobre a humidade
e sobre a terra ilimitada com rajadas de vento.
pesada, imponente, enorme, com que fileiras de heróis subjuga,

contra os quais se enfurece a de poderoso pai nascida.
Lançou-se veloz dos píncaros do Olimpo
e chegou ao demo de Ítaca, às portas de Odisseu,
ao limiar do pátio. Na mão segurava a brônzea lança,
assemelhando-se a um estrangeiro, soberano dos Táfios: Mentes.
Encontrou de imediato os arrogantes pretendentes.
Ora eles com dados, à frente das portas, o coração deleitavam,
sentados em peles de bois que eles mesmos haviam matado.
Arautos para eles <serviam> e ágeis criados;
uns misturavam vinho em taças e água;
outros com esponjas porosas as mesas
lavavam e punham; outros serviam carnes abundantes.

O primeiro que a avistou foi Telémaco divino.
Estava sentado entre os pretendentes entristecido no seu coração,
imaginando no seu espírito o nobre pai chegando
para causar em toda a casa a dispersão dos pretendentes.
E ele próprio teria honra e seria senhor dos seus haveres.
Sentado no meio dos pretendentes a pensar estas coisas,
avistou Atena e foi direto à entrada, irritando-se em seu espírito
que um hóspede ficasse muito tempo parado à entrada.
De pé junto dela, deu-lhe a mão direita e recebeu a brônzea lança.
E falando-lhe, proferiu palavras apetrechadas de asas.
«Salve, estrangeiro! Serás estimado por nós; mas depois
de degustares uma refeição me dirás de que tens necessidade.»

Falando assim indicou o caminho; seguiu-o Palas Atena.
E quando já se encontravam dentro da alta casa,
encostou contra uma grande coluna a lança da deusa,
dentro do bem polido guarda-lanças, aí onde outras
muitas lanças do paciente Odisseu estavam colocadas.
Levou a própria <deusa> para um trono, estendendo uma toalha,
<trono> belo e trabalhado; sob os pés havia um pequeno banco.
Perto colocou para si um assento embutido (longe dos outros,
dos pretendentes, não fosse o estrangeiro, incomodado
pelo alarido, repugnar-se com o repasto no meio de arrogantes),
a fim de o interrogar a respeito do pai ausente.
Uma escrava trouxe água para as mãos num jarro,
belo e dourado, e verteu<-a> por cima de uma taça prateada,
para eles se lavarem; e perto colocou uma mesa polida.
dispondo iguarias abundantes, favorecendo<-os> com o que havia.
Um trinchador trouxe salvas com carnes variadas,
e colocou junto deles taças douradas;
um arauto veio amiúde para servir-lhes o vinho.

Entraram os arrogantes pretendentes. Estes depois
em fila se sentaram em cadeiras e tronos.
Para eles os arautos verteram água para as mãos,
e pão em cestos as escravas amontoaram.
Mancebos coroaram as taças de bebida.
Lançaram mão às iguarias prontas que tinham à sua frente.
E quando de bebida e de comida o desejo afastaram
os pretendentes, outras coisas lhes interessaram o espírito:
a música e a dança, pois são as ofertas do festim.

O arauto colocou uma lira de insigne beleza nas mãos
de Fémio, ele que cantava para os pretendentes por necessidade.
E ele, tangendo a sua lira, deu início ao canto formoso.

Mas Telémaco falou para Atena de olhos garços,
mantendo próxima a cabeça, para que os outros não ouvissem:
«Hóspede estimado, levarás a mal aquilo que eu disser?
facilmente, pois devoram com impunidade o sustento alheio,
de um homem cujos brancos ossos apodrecem à chuva
jazentes por terra, ou no mar a onda os revolve.
Se estes o vissem regressar a Ítaca,
todos rezariam para que fossem mais velozes de pés,
de preferência a mais ricos em ouro e vestimenta.
Agora ele pereceu por destino maldoso, nem para nós
há consolação, nem que algum dos terrestres habitantes
dissesse que ele virá: o dia do seu regresso morreu.
Mas diz-me isto agora e fala com exatidão:
quem és e de que varões provéns? Onde tua cidade e teus pais?
Em que nau chegaste? Como é que os marinheiros
te trouxeram a Ítaca? Quem se vangloriavam eles de serem?
Pois não me parece que aqui tenhas chegado a pé.
E diz-me também com verdade, para que eu bem saiba,
se é esta a primeira vez que visitas, ou se és
amigo paterno, visto que muitos outros homens
têm vindo a nossa casa: aquele era dado entre os homens.»

A ele respondeu a deusa de olhos garços Atena:
«Então estas coisas com muita exatidão te direi.
Declaro que sou Mentes, filho do fogoso Anquíalo;

dos Táfios que amam seus remos sou eu o soberano.
Agora vim aqui ter com nau e companheiros,
navegando o mar cor de vinho rumo a homens estrangeiros,
para Témese, em busca de bronze; levo comigo o ferro fulgente.
Minha nau está fundeada lá para o campo, longe da cidade,
no porto de Rítron, sob o Níon frondoso.
Declaro que um do outro somos amigos de família,
há muito, <o que confirmarás> se fores falar ao ancião,
ao herói Laertes, o qual dizem já não vir à cidade,
mas longe, no campo, sofrimentos aguenta
com uma velha por escrava, ela que a comida e a bebida
lhe prepara, quando o cansaço lhe toma os membros,
regressando ele a custo pela encosta do chão de vinho.
Agora cheguei. Ouvira dizer que ele estava entre o povo,
o teu pai; mas os deuses lhe prejudicam o caminho.
Pois não morreu na terra o divino Odisseu,
mas vive ainda, retido no mar vasto,
numa ilha rodeada de ondas, onde homens difíceis,
selvagens, o impedem contra a sua vontade.
E agora profetizarei, da maneira como no coração
os deuses imortais me inspiraram e como julgo vir a cumprir-se,
embora não seja vidente nem conheça augúrios de aves:
não será longo o tempo que longe da amada terra pátria
ele estará, nem que férreas correntes o retenham.
Congeminará como regressar, pois é de muitos engenhos.
Mas diz-me isto agora e fala com exatidão,
se, alto como és, na verdade és filho do próprio Odisseu.
Tremendamente na cabeça e nos belos olhos te assemelhas
àquele; pois amiúde contactámos um com o outro,

antes de ele ter ido para Troia, para onde foram outros,
os melhores dentre os Argivos, em côncavas naus.
Desde então que não vejo Odisseu, nem ele a mim.»

A ela respondeu por sua vez o prudente Telémaco:
«Pois a ti, estrangeiro, direi tudo com muita exatidão.
A minha mãe declara que sou filho de Odisseu, mas eu
não sei: ninguém da sua filiação pôde nunca saber.
Como eu quereria ser o filho feliz de um homem
a quem a velhice atingisse no meio das suas posses!
Agora aquele que nasceu mais infeliz dos homens mortais:
é desse que dizem eu ter nascido, já que isto tu me perguntas.»

A ele respondeu a deusa de olhos garços Atena:
«Não foi anónima a linhagem que os deuses doravante
te concederam, pois, tal como és, Penélope te deu à luz.
Mas diz-me isto agora e fala com exatidão:
que festim é este? Que reunião? Porque tens necessidade?
É festa ou boda? Não trouxe cada qual o seu próprio manjar!
Com que arrogância ultrajante me parecem eles comer
nesta casa: qualquer homem se incomodaria ao ver
tais vergonhas, um homem sensato que <aqui> passasse.»

A ela respondeu por sua vez o prudente Telémaco:
«Estrangeiro, porque me perguntas estas coisas e questionas,
esteve esta casa outrora para ser rica e irrepreensível,
enquanto entre seu povo permanecia aquele homem.
Agora decidiram de outro modo os deuses desfavoráveis,
que o fizeram o mais invisível de todos os homens.

Pois por ele morto eu não haveria de tanto me entristecer,
se com os camaradas de armas tivesse morrido em Troia,
ou nos braços de amigos, depois de ele ter atado os fios da guerra.
Todos os Aqueus lhe teriam erguido um túmulo,
e teria para o seu filho enorme glória alcançado para o futuro.
Mas sem glória o arrebataram os ventos das tempestades;
partiu, invisível, inaudível; e para mim dores e gemidos
deixou. E não sofro, gemendo, só por causa dele:
para mim criaram os deuses outras más preocupações.
Pois todos os príncipes que regem as ilhas,
Dulíquio, Same e a frondosa Zacinto,
e todos quantos detêm poderio em Ítaca rochosa,
todos esses fazem a corte a minha mãe e me devastam a casa.
Por seu lado, ela nem recusa o odioso casamento nem consegue
pôr termo à situação; e eles vão devorando a minha casa.
Rapidamente serei eu quem levarão à ruína.»

Indignada lhe deu resposta Palas Atena:
«Não há dúvida de que tens necessidade do ausente Odisseu;
ele que lançaria mão aos pretendentes desavergonhados!
Prouvera que neste momento ele aqui viesse e se colocasse
junto do portão, com capacete, escudo e duas lanças —
tal como quando da primeira vez que o vi.
bebendo em nossa casa e alegrando-se
no regresso de Éfire, de junto de Ilo, filho de Mérmero;
para lá se dirigira Odisseu em sua nau veloz,
à procura de uma poção mortífera, para que a obtivesse
para ungir suas setas de brônzea ponta; mas Ilo não lha deu,

pois receava os deuses que são para sempre,
e foi meu pai quem lha deu, pois tremendamente o estimava —
prouvera que em tal guisa aos pretendentes ele aparecesse!
Rápido seria o seu destino e amargo o casamento!
Mas tais coisas descansam sobre os joelhos dos deuses,
se regressando se vingará — ou não — em sua casa.
A ti recomendo que ponderes como para longe
do palácio poderás afastar os pretendentes.
Agora presta atenção e ouve as minhas palavras.
Convoca amanhã para a assembleia os heróis Aqueus
e fala a todos; sejam os deuses testemunhas.
Aos pretendentes ordena que se dispersem;
quanto a tua mãe, se o coração a mover a casar-se,
que volte para casa de seu pai poderoso:
eles lhe farão a boda e prepararão muitos presentes,
tudo o que deverá acompanhar uma filha bem-amada.
A ti próprio darei bons conselhos, se me ouvires com atenção.
Aparelha com vinte remadores a melhor nau que tiveres,
e parte na demanda de notícias do pai ausente;
talvez te fale um homem mortal, ou um rumor oiças
de Zeus, que muitas vezes traz notícia aos homens.
Primeiro vai a Pilos e interroga o divino Nestor;
e de lá para Esparta, para junto do loiro Menelau.
Dos Aqueus vestidos de bronze foi ele o último a regressar.
Se acerca da sobrevivência do pai e do regresso alguma coisa ouvires,
então, embora aflito, aguentarias mais um ano.
Mas se ouvires que está morto e que já não vive,
regressando em seguida para a tua pátria amada

um túmulo lhe erige e oferece as honras fúnebres devidas
com muita abundância, tantas quantas parecer bem;
292*b* e tua mãe a <novo> marido oferece.
Depois que tal tiveres feito e cumprido,
no coração e no espírito reflete em seguida
295 como em tua casa poderás matar os pretendentes,
seja com dolo ou às claras. Pois não deves manter
atitudes infantis; já não tens idade para isso.
Ou não terás ouvido da fama que granjeou o divino Orestes
entre todos os homens, quando matou o assassino de seu pai,
300 Egisto ardiloso, porque lhe matara o pai famoso?
Também tu, amigo, pois vejo como és alto e belo,
sê corajoso, para que alguém dos que nascerão ainda fale bem de ti.
Mas para a minha veloz nau regressarei agora,
para junto dos companheiros, que estão em cuidado à minha espera.
305 Cuida de ti próprio — e medita sobre as minhas palavras.»

A ela respondeu por sua vez o prudente Telémaco:
«Estrangeiro, dizes-me estas coisas com intenção amiga,
como pai para filho; e das tuas palavras nunca me esquecerei.
Mas fica mais um pouco, embora tenhas pressa do caminho,
310 para que, depois de te teres banhado e alegrado no teu coração,
possas com um presente <na mão> voltar para a tua nau,
311*b* regozijando-te no espírito: <um presente>
honroso e muito belo, que será para ti um tesouro
oferecido por mim, tal como anfitriões oferecem aos hóspedes.»

A ele respondeu a deusa de olhos garços Atena:
«Agora não me detenhas ainda, a mim desejoso do caminho.
E seja qual for o presente que em teu coração me queres dar,
oferece-o ao meu regresso, para o poder levar para casa,
escolhendo um belo presente: dele receberás recompensa condigna.»

Tendo assim falado, partiu Atena de olhos garços,
voando como uma ave para o céu; no coração de Telémaco
colocara força e coragem; e fê-lo pensar no pai,
mais ainda do que antes. E ele apercebeu-se em seu espírito
e no coração se espantou: soube que ela era um deus.
E logo se dirigiu para junto dos pretendentes, um homem divino.

Cantava para eles o célebre aedo, e eles em silêncio
estavam sentados a ouvir. O regresso dos Aqueus ele cantava,
triste <regresso>, que de Troia lhes infligira Palas Atena.
De seus altos aposentos no espírito percebeu o canto sortílego
a filha de Icário, a sensata Penélope.
E desceu da sua sala a escada elevada,
não sozinha, pois duas escravas com ela seguiam.

Quando se aproximou dos pretendentes a mulher divina,
ficou junto à coluna do teto bem construído,
segurando à frente do rosto véus brilhantes.
De cada lado se colocara uma escrava fiel.
Chorando assim falou ao aedo divino:

«Fémio, sabes muitos outros encantamentos de homens,

façanhas de homens e deuses, como as celebram os aedos.
Uma delas canta agora, aí sentado; e que em silêncio
eles bebam o vinho. Mas cessa já esse canto tão triste,
que sempre no peito o coração me desgasta,
pois imensamente me atingiu uma dor inesquecível.
Tal é a cabeça que desejo com saudade, sempre recordada,
do homem cuja fama é vasta na Hélade e no meio de Argos.»

A ela respondeu por sua vez o prudente Telémaco:
«Minha mãe, por que razão levas a mal que o fiel aedo
nos deleite por onde a mente o incita? Não são os aedos
os responsáveis, mas Zeus é responsável: ele que dá
aos homens comedores de pão o que quer a cada um.
Não é justo levarmos a mal que ele cante a desgraça dos Dânaos.
Pois as pessoas apreciam de preferência aquela canção
que, recentíssima, estiver no ar para os ouvintes.
Que o teu espírito e o teu coração ousem ouvir.
em Troia; também pereceram muitos outros homens.
Agora volta para os teus aposentos e presta atenção
aos teus lavores, ao tear e à roca; e ordena às tuas escravas
que façam os seus trabalhos. Pois a fala competirá aos homens
todos, a mim sobretudo: pois dele é o poder cá em casa.»

Ela, por seu lado, regressou espantada para a sua sala.
E guardou no coração a fala prudente do filho.
Depois de subir até aos seus aposentos com as escravas,
chorou Odisseu, o marido amado, até que um sono suave
lhe lançasse sobre as pálpebras Atena de olhos garços.

Os pretendentes desataram aos gritos no palácio cheio de sombras.
E todos desejaram deitar-se ao lado <dela> no leito.
Para eles foi o prudente Telémaco o primeiro a falar:

«Pretendentes de minha mãe, que tendes insolência desmedida,
por agora nos deleitemos com o banquete; e que barulho
não haja, pois é bom ouvirmos um aedo como este,
cuja voz à dos deuses se assemelha.
Mas de madrugada para a assembleia iremos sentar-nos
todos, para que ousadamente eu vos diga uma palavra:
que saiais do palácio! Outros festins preparai,
devorai os vossos próprios bens, em casa uns dos outros.
Se no entanto isto vos parecer preferível e melhor
— destruir sem desagravo o sustento de um só homem —
destruí! Mas pela minha parte invocarei os deuses imortais;
e permita Zeus que aconteçam atos de vingança.
Que então pereçais nesta casa sem que haja retaliação!»

Assim falou; e todos os outros morderam os beiços
e olharam admirados para Telémaco, pela audácia com que falou.
Mas a ele respondeu Antínoo, filho de Eupeites.
«Telémaco, na verdade são os próprios deuses que te ensinam
a ser um orador sobranceiro e a falar com descaramento.
Que Zeus Crónida nunca te faça rei em Ítaca marinha,
coisa que te é devida pela linhagem de teu pai!»

A ele deu resposta o prudente Telémaco:

«Antínoo, se te admiras com aquilo que eu disse,
até isso eu estaria disposto a receber da parte de Zeus.
Consideras então que não há pior coisa entre os homens?
Não há mal nenhum em ser rei, pois logo se lhe enriquece
a casa e o próprio <rei> se torna mais honrado.
Muitos outros reis existem entre os Aqueus,
em Ítaca rodeada pelo mar, novos e velhos:
um destes poderá ter isto, pois o divino Odisseu morreu.
Mas serei eu o soberano da nossa casa e dos escravos
que para mim obteve como despojos o divino Odisseu.»

A ele respondeu Eurímaco, filho de Pólibo:
«Telémaco, tais coisas descansam sobre os joelhos dos deuses,
quem dentre os Aqueus será rei em Ítaca rodeada pelo mar.
Os teus bens poderás guardá-los; serás senhor em tua casa.
Que aqui não chegue nenhum homem para à força e à tua revelia
te arrancar os teus bens, enquanto for Ítaca terra habitada!
Mas gostaria agora, meu caro, de te interrogar sobre o estrangeiro:
donde veio esse homem? De que terra disse ele ser?
Onde tem os parentes e os campos da sua terra pátria?
Será que trouxe a notícia da chegada de teu pai,
ou terá vindo por motivos de seu próprio proveito?
Como de súbito se levantou e se foi logo embora, nem ficou
para se dar a conhecer! De condição vil, porém, não pareceu.»

A ele deu resposta o prudente Telémaco:
«Eurímaco, na verdade pereceu o regresso de meu pai.
Venham donde vierem, já não acredito em notícias,

nem dou crédito a profecias, das que minha mãe procura saber
quando à sala de banquetes manda chamar um vidente.
Este estrangeiro, amigo de meu pai, é de Tafo;
dizia ser Mentes, filho do fogoso Anquíalo,
e entre os Táfios que amam seus remos é ele o soberano.»

Assim falou Telémaco; mas no coração reconhecera a deusa imortal.
Quanto aos pretendentes, para a dança e para a música amável
se voltaram e deleitaram; e ficaram até ao anoitecer.
E ainda se compraziam quando chegou a negra noite.
Depois, querendo deitar-se, cada um foi para sua casa.

Mas Telémaco, para onde fora construído o seu quarto,
por cima do belo pátio, donde tinha uma vista desafogada,
para lá se dirigiu, para a cama, refletindo sobre muitas coisas.
Acompanhou-o de tochas ardentes a de pensamentos fiéis,
Euricleia, filha de Ops, que era filho de Pisenor,
que outrora Laertes comprara com os seus bens,
sendo ela ainda jovem, pelo preço de vinte bois;
e honrou-a da mesma maneira que honrou a esposa fiel,
e nunca com ela se deitou, pois temia a ira da mulher.
Foi ela que para Telémaco as tochas ardentes segurou;
de todas as escravas era ela quem mais o amava,
pois o amamentara quando era ainda menino.

Telémaco abriu as portas do seu quarto bem construído.
Sentou-se na cama, despiu a túnica macia
e pô-la depois nas mãos da sagaz anciã.

E ela, dobrando e alisando a túnica,
pendurou-a num prego perto da cama encordoada;
depois saiu do quarto, fechando a porta com um tranca
prateada, que fez deslizar com uma fivela de couro.
E aí, durante toda a noite, embrulhado em lã de ovelha,
Telémaco refletiu sobre o curso que lhe traçara Atena.

Notas ao Canto 1

1-10*b* A discussão crítica sobre o proémio da *Od*. começou em 1806, com o estudo de G.H.C. Köes publicado em Copenhaga, *Commentatio de discrepantiis quibusdam in Odyssea occurentibus*. Desde então, muitos estudiosos têm chegado à conclusão de que estes versos de abertura parecem pressupor um poema diferente daquele que realmente se lhe segue. Não há referência, nos versos introdutórios, à segunda metade do poema (Cantos 13-24), com o seu tema da Vingança de Odisseu; mais estranho ainda é não haver menção daquilo que acontecerá logo de seguida nos Cantos 1-4: as Viagens de Telémaco («Telemaquia»). O tema focado, as Errâncias de Odisseu, corresponde somente aos Cantos 5-12, com enfoque num episódio específico, o Gado do Sol, sem que nos seja dado perceber que 11 das 12 naus (que as naus de Odisseu são 12 é-nos dito em *Od*.9.159; cf. *Il*.2.637) perecem fora desse episódio (são destruídas pelos Lestrígones, sem culpa dos tripulantes, em 10.132). O vocabulário não afi na pelo mesmo diapasão do resto do poema e, em 10*, temos a intromissão de uma palavra da prosa ática que leva a supor que este introito à *Od*. teve origem em Atenas. Para uma discussão moderna dos problemas levantados pelo proémio, ver S. West (Oxf.i, pp. 68-69).

1 À letra, e seguindo a ordem das palavras em grego, «Do homem me fala, Musa, versátil, que muito mesmo [*mála pollá*] / vagueou».

__ «homem versátil»: a *Il*. nomeia o seu herói logo no primeiro verso, mas, na *Od*., temos de esperar até ao verso 21 para ouvirmos o seu nome. O epíteto aqui associado a Odisseu, *polútropos* («versátil», «de muitas voltas»; mas o sentido é discutível), não é nenhum dos epítetos habitualmente usados na *Od*. juntamente com o nome do seu herói (além do presente verso, *polútropos* ocorre somente em 10.330). Atendendo a que *polúmêtis* («astucioso», «muito perspicaz») ocorre mais de 60 vezes na *Od*. aplicado a Odisseu, ficamos com a medida da raridade de *polútropos* («versátil»).

2 «de Troia […] a cidadela sagrada»: caso único em Homero desta sequência de palavras (*Troíês hieròn ptolíethron*) para designar Troia.

3 «De muitos homens viu as cidades»: na realidade, as errâncias de Odisseu levam-no predominantemente para paragens remotas, solitárias e perigosas – e não para cidades. A única cidade a que é dada alguma importância na secção das Errâncias é a cidade dos Feaces. Mas esta noção do herói viajado e de horizontes largos é convencional. Já muitos leitores notaram o paralelismo entre a caraterização de Odisseu e a do herói sumério Gilgameš, que «testemunhou o abismo, as fundações da terra / experiente de caminhos, em tudo era sábio / […] que o oceano sulcou,

o vasto mar, até à aurora, / e as partes do mundo esgotou» (*Épico de Gilgameš*, tradução, introdução e notas de F.L. Parreira, Lisboa, 2017, pp. 45-46).

__ «mente»: em grego, *nóos* («mente», «mentalidade»). Um estudioso da Biblioteca de Alexandria chamado Zenódoto desconfiou, no século III a.C., da justeza desta palavra no presente contexto e achou que a palavra certa seria *nómos* («lei», mas também «costume»), ainda que *nómos* não surja em mais nenhum passo da poesia homérica. O poeta romano Horácio, no século I a.C., conhecia um texto da *Od*. em que claramente estava *nómos* e não *nóos*; de outra forma, em 141-142 da *Arte Poética*, Horácio não teria traduzido assim o início da *Od*.: *dic mihi, Musa, virum, captae post tempora Troiae* / *qui* ***mores*** *hominum multorum vidit et urbes*. No seu livro indispensável sobre a linguagem homérica, Shipp (*Studies*, p. 314) opinou que *nómos* é aqui a palavra certa, sendo a sua ocorrência uma marca da composição tardia deste proémio (ponto de vista já expresso por W. Nestle, *Vom Mythos zum Logos: Die Selbstentfaltung des griechischen Denkens von Homer bis auf die Sophistik und Sokrates*, Estugarda, 1940, p. 43).

5 «vida»: em grego, *psukhê* («alma», «vida»).

__ «regresso»: em grego, *nóstos*, uma palavra-chave da *Od.*

7 «devido às suas próprias loucuras»: a ordem das palavras em grego (*autôn* […] *sphetérêisin atasthalíêisin*) chama a atenção pela colocação anormal de *autôn*, já notada em 1883 por A. Gemoll («Die Beziehungen zwischen Ilias und Odyssee», *Hermes* 18, pp. 48-49), que viu a probabilidade de este verso da *Od.* se basear em *Il*.4.409. A palavra «loucuras» (*atasthalíai*), sobretudo usada na *Od.* para descrever o comportamento censurável dos pretendentes de Penélope, é por vezes apontada como hiperbólica no presente contexto, já que a alternativa que se colocava aos companheiros de Odisseu na ilha do Sol era, se não lhe comessem o gado, morrerem à fome.

8 «Hiperíon»: em *Tgn.*374, Hiperíon é pai de Hélio (o Sol), noção de que encontramos eco em *Od*.12.176*. De resto, na poesia homérica *Huperíôn* é uma espécie de título do Sol (talvez significando «superior»; morfologicamente a palavra sugere um adjetivo no grau comparativo). A acentuação paroxítona em português (e não pro-paroxítona: «Hipérion») justifica-se devido à quantidade longa do «i» em que recai o acento.

10 «Destas coisas, a partir de um ponto qualquer»: esta perífrase em português traduz três palavras gregas (*tôn hamóthen ge*), a segunda das quais suscita sérias dúvidas quanto à genuinidade do seu *pedigree* homérico. «A palavra em causa é muito rara, de resto só conhecida em dois passos de Platão [*Górgias* 492d; *Leis* 798b]. É seguida por uma partícula usada de uma forma que é apenas caraterística do dialeto ático, assim levantando a suspeita de ser um produto da organização do texto feita [em Atenas] no tempo de Pisístrato» (Dawe, p. 40). Sobre Pisístrato.

10*b* «fala-nos também a nós»: o pronome «nós» deverá abranger o poeta e os seus ouvintes, pois «nós» no sentido de «eu» é raríssimo na poesia homérica, embora «nosso» no sentido de «meu» seja mais frequente: ver E.D. Floyd, «The Singular Uses of *hêméteros* and *hêmeîs* in Homer», *Glotta* 47 (1969), pp. 116-137.

11 «morte escarpada»: à letra, «destruição íngreme». Não é certo o sentido de *aipús* («íngreme») nesta fórmula, adjetivo que também surge combinado, na poesia homérica, com as palavras que

significam «matança», «dolo», «esforço» e «ira». Dawe (p. 41) dá-lhe o sentido de «morte abrupta». Para uma bibliografia de artigos especializados sobre esta expressão, ver S. West (Oxf.i, p. 73). Em *Tgn.*499, a primeira mulher criada pelos deuses é descrita como um «íngreme ludíbrio para os homens».

11-12 «fugiram […] fugidos»: em grego, *phúgon* (aoristo sem aumento) e *pepheugótes* (particípio perfeito).

13 «desejoso do regresso e da mulher»: o dicionário de LSJ dá, para vários passos homéricos, o sentido de «desejar» ao verbo *khráomai*, mas o significado comporta também a ideia de carência («carente/precisado do regresso e da mulher»).

14 «Calipso»: nome falante, já que o verbo *kalúptô* significa «esconder». Tirando a sua presença na *Od.*, Calipso não tem projeção na mitologia grega (não deve ser a mesma que é referida em *Tgn.*359, filha de Oceano – a Calipso homérica é filha de Atlas). Vários estudiosos já propuseram que Calipso foi inventada numa fase tardia do desenvolvimento do enredo, «quando o poeta, tendo decidido aumentar o *nóstos* de Odisseu para dez anos, precisou de congeminar uma maneira de reter o herói durante um longo período de tempo» sem com isso sugerir que ele estaria desinteressado em voltar para casa (cf. Oxf.i, p. 73).

__ «excelsa»: em grego, *pótnia* («augusta», «veneranda»), palavra sobretudo aplicada a deusas.

__ «divina entre as deusas»: em grego, *dîa theáôn*. A ideia sugestionada por esta fórmula (de que entre as deusas, por natureza divinas, umas são mais divinas do que outras) esvai-se ao percebermos que se trata de um decalque da fórmula «divina entre as mulheres» (*dîa gunaikôn*).

15 «em côncavas grutas»: a gruta onde Calipso reside é, para todos os efeitos, só uma, mas a palavra no singular levanta problemas de adaptação ao verso homérico, pelo que temos aqui o plural (que também não está livre de problemas na transmissão manuscrita da *Od.*; é por isso que as grafi as são diferentes nas edições de Estugarda e de Oxford). As grutas são sempre «côncavas» na *Od.* (a fórmula ocorre sete vezes, sempre na mesma posição métrica); todavia, o adjetivo *glaphurós* («côncavo») significa também «elegante», «polido». Assim, a palavra aplicada à(s) gruta(s) da deusa suscita também a ideia de uma residência requintada e luxuosa.

__ «desejosa»: particípio do verbo *lilaíomai* («desejar»). O sentido erótico está presente em *Il.*14.331 (onde se trata de Zeus desejoso de dormir com Hera) e, de forma curiosa, na lança «desejosa de provar carne <de homem>» em *Il.*21.168.

16 «o ano, volvidos os aniversários»: em 2.175 saberemos que Odisseu está ausente de casa há 20 anos. Ficamos na dúvida se o poeta encara as palavras *étos* («ano») e *eniautós* («aniversário») como sinónimas.

17 «fiaram»: o verbo *klôthô* («fiar») e os seus compostos são usados na literatura grega para a ideia do destino como fio fiado; por isso, uma das Moiras chama-se Cloto (*Tgn.*218). Note-se que o poeta está a afi rmar que os deuses «fiaram» o regresso de Odisseu a casa antes do concílio dos deuses em que esse regresso será decidido.

19 «também entre os amigos»: à letra, «também com os seus próprios amigos». A palavra *phílos* em grego designa, além de «amigo», «familiar».

20 «Posídon»: a ideia de logo um grego incorrer na ira do deus do Sol e na do deus do mar parece azar a mais; assim, não é difícil vermos aqui uma duplicação bem ao gosto deste poeta que nos dá Circe e Calipso, Euricleia e Eurínome, Eumeu e Filécio e até a dupla de irmãos Melanteu e Melanto. A ira do Sol tem efeitos mais duradouros, pois é por causa da tempestade levantada pelo Sol no Canto 12 que Odisseu ficará vários anos na ilha de Calipso, ao passo que a tempestade levantada por Posídon após a partida da ilha de Calipso não o impedirá de chegar aos Feaces, que, por sua vez, o levarão para Ítaca. Na fala de Zeus (1.68-78), é a oposição de Posídon que predomina (nem há referência ao Sol). Por outro lado, quando Odisseu conta a Penélope a história das suas errâncias, só menciona o Sol, e não Posídon (19.275-276). Discernimos, assim, vestígios de versões diferentes (e potencialmente incompatíveis) da história de Odisseu, que se juntaram na *Od*. de modo nem sempre coerente.

21 «divino Odisseu»: o adjetivo traduzido por «divino» é *antítheos*. O mesmo epíteto será aplicado ao Ciclope mais à frente (70) e, em 14.18, será aplicado aos pretendentes de Penélope, pelo que o podemos considerar uma palavra vazia de sentido, cujo interesse para o poeta reside no facto de as suas primeiras três sílabas formarem um dáctilo (— U U).

22 «este»: o antecedente é Posídon.

__ «Etíopes»: esta referência mergulha-nos num dos problemas mais complexos da *Od*.: a sua geografia. Os elementos geográficos presentes no poema são mais fantasia mitológica do que dados concretos associados a localizações reais. Nem mesmo a Ítaca de Odisseu nos é apresentada com uma geografia compatível com a ilha real do mar Jónico. A seu tempo abordaremos estes problemas, à medida que surgirem no texto. Para já, no que toca aos Etíopes, o poeta da *Od*. divide-os em dois grupos: os que habitam no Extremo Oriente e os que habitam no Extremo Ocidente. Note-se que a palavra grega *aithiopes* significa «queimados»; a etiologia da palavra relacionar-se-ia decerto com a noção de que a cor negra deste povo provinha do facto de viver demasiado perto do Sol nascente/poente. Com que Etíopes se banqueteou Posídon? Com os orientais ou com os ocidentais? Em 5.283, lemos que Posídon viu, a partir das montanhas dos Sólimos (na atual Turquia), Odisseu a sair da ilha de Calipso rumo a Ítaca. Isto levaria a crer que o deus vinha dos Etíopes do Extremo Oriente. Para a teoria contrária, de que Posídon esteve junto dos Etíopes do Extremo Ocidente, ver M.L. West, «Poseidon's Viewpoint», *Eikasmos* 22 (2011), pp. 11-14. O expediente de afastar para longe divindades olímpicas só porque isso convém à narrativa já se encontra na *Il.* (cf. *Il*.1.423; 23.206).

25 «hecatombe»: a palavra sugere o sacrifício de 100 animais (*hekatón*, em grego, significa «cem»). Mas o número não seria levado à letra, já que, na *Il*., Aquiles não vê contradição em oferecer uma «hecatombe» de 50 carneiros (*Il*.23.147).

27 «palácio»: em grego, o plural da palavra *mégaron*, palavra tipicamente homérica, com vários sentidos, desde «sala principal do palácio» e «aposento de dormir» (no singular) a «palácio» no seu todo (no plural). A arqueologia demonstrou que este conceito de sala principal é visível na arquitetura dos palácios micénicos. Ver Rocha Pereira, *Estudos*, pp. 39 e 63.

29 Este verso chama de imediato a nossa atenção pelo facto de ser o primeiro hexâmetro da *Od*. em que o quinto pé é espondaico e não dactílico. A razão prende-se com a dificuldade em incrustar no verso o nome de Egisto (nome ausente da *Il*. e que, na *Od*., criará a mesma situação em 3.310).

__ «irrepreensível Egisto»: à partida, o adjetivo «irrepreensível» (*amúmôn*) não combina com uma personagem que o próprio poema nos apresenta como adúltero e assassino; e por isso Shipp (*Studies*, p. 315, n. 1) classificou aqui o seu emprego como «absurdo». Embora o sentido exato do adjetivo seja duvidoso (existe também a teoria de que significa «belo»: ver A.A. Parry, *Blameless Aegisthus: A Study of Amúmôn and Other Homeric Epithets*, Leiden, 1973), parece evidente que se trata de uma palavra de encher. Em 3.310, encontraremos uma expressão bem mais adequada (e metricamente equivalente), com o sentido de «débil Egisto».

30 «famigerado Agamemnónida Orestes»: o discurso de Zeus provoca inicialmente a sensação de estarmos por momentos numa «Oresteia» (tema bem caro à poesia grega arcaica, como prova o poema fragmentário com esse nome de Estesícoro) em vez de numa «Odisseia». Só em 88 perceberemos que, na verdade, estamos (para já) numa «Telemaquia». O adjetivo *têleklutós* («famigerado»; à letra, «célebre ao longe») só ocorre aqui na *Od*. Na *Il*., é usado uma vez, aplicado aos cavalos de Aquiles (*Il*.19.400). Quanto a *Agamemnonídês* («Agamemnónida», «filho de Agamémnon»), só ocorre aqui em toda a poesia homérica.

32-34 Estes versos constituem um dos mais famosos momentos teológicos de toda a literatura grega pré-cristã, muitas vezes tido como representando um avanço relativamente às conceções teológicas da *Il*. (ver Rocha Pereira, *Estudos*, p. 102, com a referência ao importante ensaio de W. Jaeger na n. 3 da mesma página). A ideia expressa por Zeus consiste no seguinte: não é por causa da arbitrariedade do destino que os mortais sofrem, mas sim em consequência das suas más ações. No entanto, esta teologia introduz logo um paradoxo teológico no emprego repetido da expressão «além do destino» em 34 e 35: que estatuto teológico tem, afinal, o destino, se os seres humanos podem agir de forma a fintá-lo? Que Zeus, repreendido por Hera, sinta compunção em fazê-lo constitui um dos momentos mais belos da *Il*., quando o deus supremo abdica de salvar o seu filho Sarpédon para não reverter o que está estabelecido pelo destino (*Il*.16.431-461). Ver Rocha Pereira, *Estudos*, pp. 132-133.

32 «Vede bem»: trata-se de uma expressão intraduzível, que ocorre mais de 50 vezes na epopeia homérica: *ô pópoi*. Funciona como forma de exprimir surpresa, ira ou dor. Ver a nota de R. Janko a *Il*.13.99 em Cmb.iv, p. 56.

__ «acusam»: no sentido de «responsabilizam», «culpabilizam». Trata-se do verbo *aitiáomai*, relacionado com o substantivo *aitía* («causa») e com o adjetivo *aítios* («responsável», «causador»), que encontraremos em 348, onde Telémaco exprimirá o ponto de vista contrário àquele que Zeus aqui exprime.

35 «Como agora Egisto»: os deuses – é sabido – vivem fora do tempo humano, mas mesmo assim este «agora» não deixa de nos surpreender, atendendo a que, neste ponto da narrativa, já passaram nove anos desde que Egisto matou Agamémnon e três desde que Orestes matou a mãe.

__ «Atrida»: patronímico, usado para Agamémnon e Menelau, com o sentido de «filho de Atreu». Note-se que a acentuação em português tem de ser paroxítona, já que o «i» provém do ditongo grego *ei*. Está errada a acentuação «Átrida».

36 «aquele que regressava»: Agamémnon.

38 Este verso, por ter duas outras formas na tradição manuscrita, já foi apontado como sendo o único em toda a *Od*. do qual existem variantes substanciais (Dawe, pp. 45-46). As variantes são as seguintes: «ao enviarmos nós dois Hermes, o mensageiro Argeifonte» (onde o uso do dual *pémpsante*, referindo-se talvez a Zeus e Atena, chama a atenção); e «ao enviarmos o glorioso e fulguroso filho de Maia».

__ «ao enviarmos Hermes, o vigilante Argeifonte»: trata-se decerto de uma invenção do poeta da *Od*. (cf. Oxf.i, p. 78), já que esta missão de Hermes a Egisto não é referida em mais nenhuma versão da história do regresso de Agamémnon. Como se vê, Egisto não só agiu «além do destino», mas também ignorou e desrespeitou o que lhe fora preceituado por uma aparição teofânica. O papel de Hermes como mensageiro dos deuses é típico da *Od*. (na *Il*., o mensageiro dos deuses é Íris); também Hesíodo se lhe refere como «arauto dos deuses» (*Tgn*.939, *T&D*.80). Sobre o cognome de Hermes «Argeifonte», não há certeza quanto ao seu significado. A explicação mais óbvia será «matador de Argos», uma vez que, no mito de Io, Hermes mata o monstro de 100 olhos, Argos. Outra possibilidade é «matador de cães» (isto porque *árgos* [«veloz»] é uma palavra aplicada a cães; aliás, é o nome do cão do próprio Odisseu: cf. 17.292). Ver a discussão em M.L. West, *Hesiod: Works and Days*, Oxford, 1978, pp. 368-369; W. Burkert, *Homo Necans: Interpretationen altgriechischer Opferriten und Mythen*, Berlim, 1972, p. 185.

39 «que não o matasse»: o antecedente do pronome em acusativo é «Agamémnon».

40 A mudança para discurso direto (marcada pela mudança súbita dos tempos verbais em grego) causa um vivo sobressalto. Não existe, em toda a poesia homérica, um exemplo assim tão abrupto da passagem de discurso indireto para direto.

43*b* «Agora»: a estranheza em relação a este advérbio persiste; ver 35*.

44 «A deusa de olhos garços Atena»: em grego, *theà glaukôpis Athênê*. Muitas pessoas ficaram dececionadas por não lerem na minha tradução da *Od*. «Atena com olhos de coruja», tendo de se contentar, em vez disso, com «Atena de olhos garços» (solução já adotada por Rocha Pereira, *Hélade*). O problema é que não há dados concretos oferecidos pela Linguística Grega que nos permitam aproximar etimologicamente o som inicial de *glaukôpis* do substantivo *glaux* («coruja»), tanto mais que não só a palavra para coruja em Homero não é *glaux* (é *skôps*), como a ligação entre Atena e a coruja é ateniense e posterior à época homérica. O epíteto *glaukôpis* liga-se ao adjetivo *glaukós* («cinzento azulado-esverdeado»), que designa em Homero a cor do mar, como se comprova por *Il*.16.34. E ninguém explicou melhor o seu significado do que Sophia de Mello Breyner Andresen no conto «Era uma vez uma praia atlântica»: «Tinha os olhos de um cinzento nebuloso como o mar de inverno mas, às vezes, um sorriso os azulava e então pareciam muito claros.»

45 «Crónida»: patronímico («filho de Crono»).

46 «sobremaneira»: em grego homérico, *liên* (em ático, *lían*). O sentido da frase será porventura «sobremaneira <justamente> jaz aquele devido a uma morte justa». A expressão traduzida por «morte devida» seria, mais à letra, «morte proporcional».

48 «por Odisseu fogoso arde-me»: nas palavras gregas equivalentes a «fogoso arde» (*daíphroni daíetai*) não é difícil detetar a intenção de criar um jogo de palavras; mas, ao mesmo tempo, não é fácil perceber o sentido do adjetivo *daíphrôn* . A junção com o verbo que significa (talvez) «arder» sugestionou a minha tradução; mas também não é certo que se trate aqui do verbo «arder» (*daíô*); outra interpretação seria que se trata do verbo *daíomai* no sentido de «dilacerar-se». O adjetivo também pode derivar do verbo *daênai* («aprender»); nesse caso o seu sentido seria próximo de outros adjetivos típicos da *Od*., como *períphrôn* («sensato», «prudente»). Ver B. Snell, «*Phrénes – phrónêsis*», *Glotta* 55 (1977), pp. 34-64, especialmente pp. 41-43.

49 «desafortunado»: em grego, *dúsmoros* («de triste destino»), palavra rara na *Il*. (só ocorre em 22.60; 481), que na *Od*. ocorre seis vezes (além no presente passo, ver 7.270, 16.139, 20.194, 24.290, 311).

50 «ilha rodeada de ondas, onde fica o umbigo do mar»: a localização da ilha de Calipso (o nome será referido como «Ogígia» em 85) é assunto em relação ao qual não há consenso. Já os antigos se desentendiam sobre o assunto, como sabemos a partir do geógrafo grego Estrabão (finais do século I a.C.), que sobre isso escreveu na sua *Geografia* 1.1.9-15. Entre as localizações mais tarde propostas por antigos e modernos, contam-se Creta, Gozo, Malta, Gibraltar (que, na verdade, dificilmente descreveríamos como «ilha rodeada de ondas») e, curiosamente, a ilha da Madeira (ver A. & H. Wolf, *Die wirkliche Reise des Odysseus*, Viena, 1983, pp. 143-206). Que o poeta imaginou a sua ilha (decerto imaginária) como situando-se no Ocidente está claro a partir da astronomia implícita em 5.272-277. A ideia de «Extremo Ocidente» é sugerida pela vasta extensão de água que o deus Hermes afirma ter atravessado em 5.100. O adjetivo «arborizada» aplicado à ilha de Calipso também nos levaria a pensar na Madeira, se a sua função não servisse para assegurar a presença de matéria-prima para a feitura da jangada de Odisseu no Canto 5. Quanto ao «umbigo do mar», Dawe (p. 47) observa que é semelhante a descrição tradicionalmente usada pelos habitantes das ilhas da Páscoa a respeito da sua pátria insular, ainda que tal informação não nos esclareça sobre o sentido da expressão grega. O tragediógrafo Ésquilo (*Euménides* 40, 166) e o poeta lírico Píndaro (*Odes Píticas* 4.74) chamarão mais tarde a Delfos o umbigo da «terra».

52 «Atlas»: na *Tgn.* (509, 517-520, 746-748), Atlas carrega o céu sobre os ombros, mas o poeta da *Od*. visualiza-o, de forma estranha, a segurar as colunas que, por sua vez, separam o céu da terra. Atlas será aqui entendido como divindade marítima (já que do mar conhece todas as profundezas), que segura as colunas algures no mar? Ver Introdução (e, sobre os paralelos entre esta conceção de Atlas e mitos hititas, ver ainda A. Lesky, *Gesammelte Schriften*, Berna, 1966, pp. 363-368). As colunas do céu são mencionadas, no AT, em Job 26:11. Ver ainda West, *Helicon*, pp. 148-149.

__ «de pernicioso pensamento»: em grego, *oloóphrôn*, adjetivo aplicado na *Il*. a animais medonhos (javalis, leões), mas na *Od*. a personagens mitológicas (Minos, em 11.322). Danek (p. 43) vê no emprego do epíteto neste verso uma funcionalidade concreta, pois a sua negatividade salienta,

segundo ele, o perigo em que Odisseu se encontra, nas mãos da filha daquele que é «a personificação do poder do mar».

52-53 «do mar / conhece todas as profundezas»: o poeta diz o mesmo, com mais propriedade, de Proteu em 4.385-386.

55 «sofrido»: na palavra grega correspondente (*odurómenon*), parece haver um jogo etimológico com o nome de Odisseu.

56 «delicadas e matreiras palavras»: uma sequência de palavras, cada qual à sua maneira, assinaláveis. O adjetivo «delicado» (*malakós*) teve uma história variada na língua grega, até à sua controversa utilização por São Paulo (1 Coríntios 6:9) no sentido possível de «homossexual efeminado». O sentido de *haimulós* («matreiro») está assegurado por um verso de Aristófanes (*Lisístrata* 1268), em que é aplicado a «raposas». Quanto ao substantivo correspondente a «palavra», trata-se (nada menos) de *lógos*, uma das mais famosas palavras de toda a língua grega, a qual, contudo, tem aqui a sua única ocorrência na *Od*. (e ocorre uma só vez na *Il*.15.393).

59 «querido coração»: expressão tipicamente homérica, em que o adjetivo *phílos* é, em parte, palavra de encher e, por outro lado, interpretável como sinónimo do pronome possessivo.

62 «Contra ele te encolerizas, ó Zeus?»: na forma verbal correspondente a «encolerizas» (*ôdúsao*), temos um novo jogo etimológico com o nome de Odisseu. O sentido do verbo *odússomai* não é inteiramente certo; talvez signifique «fadado a ser detestado» (cf. W.B. Stanford, «The Homeric Etymology of the Name Odysseus», *Classical Philology* 47 (1952), pp. 209-213).

63 «Zeus que amontoa as nuvens»: excelente solução para *nephelêgeréta Zeús*, já adotada por Rocha Pereira, *Hélade*.

64 «que palavra passou além da barreira de teus dentes»: trata-se de uma noção tipicamente homérica – a de que os dentes formam uma barreira que impede palavras inoportunas de fugir. O vocábulo aqui usado para «palavra» é *épos*.

65 «divino Odisseu»: desta feita, a palavra para «divino» é *theîos*, que no genitivo *theíoio* (como é aqui o caso) proporciona a grata sequência UU — U. Se o sentido será literalmente «divino» é muito discutível. O poeta da *Od*. não hesitou em valorizar-se por interposta pessoa, aplicando este adjetivo heroico-divino aos seus colegas poetas (cf. a expressão *theîos aoidós* em 4.17, 8.87, 539, 13.27, 16.252, 17.359, 23.133, 143, 24.439).

68 «que segura a terra»: este epíteto de Posídon (*gaiêokhos*) é de sentido muito incerto, havendo várias teorias sobre a sua origem. A ideia de que lhe subjaz um ato de posse parece estar implícita na forma como poetas posteriores o usam (por exemplo na utilização surpreendente de Sófocles, *Rei Édipo* 160, aplicando a palavra a Ártemis). No entanto, a etimologia talvez não radique em *ékhô* («ter»), mas sim em *okhéo* (no sentido de «montar», ou «conduzir», um carro de cavalos), o que se relacionaria com Posídon na sua função de deus causador de terramotos.

68-69 «implacavelmente sempre / ficou encolerizado»: o poeta está a exagerar. Como observou West (*Odyssey*, p. 146, n. 6), Zeus fala como se Posídon fosse geralmente responsável pelas dificuldades de Odisseu em chegar a casa, embora elas tenham começado com uma tempestade (9.80) antes do episódio de Polifemo. É só depois de Odisseu deixar a ilha de Calipso – portanto,

somente entre Ogígia e Esquéria (terra dos Feaces) – que Posídon lhe vai criar dificuldades (a partir de 5.282). Que o tema da ira de Posídon não está solidamente integrado na narrativa já foi notado em 1856 por A. Jacob, *Über die Entstehung der Ilias und der Odyssee*, Berlim, pp. 423-429.

70 «divino Polifemo»: neste caso, o adjetivo para «divino» é *antítheos*. Como filho do deus do mar e neto de Crono, talvez «divino» não seja hiperbólico aplicado ao repulsivo Ciclope. Mas o facto de em *Il*.1.264 o velho Nestor falar num «divino Polifemo» (que nada tem a ver com o Ciclope) pode ter sugestionado o poeta da *Od*.

__ «cuja força é a maior»: a hipérbole (ou o desajustamento poético) aqui é palpável, pois trata-se de uma fórmula aplicada a Zeus (5.4; *Il*.2.118; 9.25).

71 «Toosa»: nome provavelmente inventado para o presente contexto, cujo significado evoca talvez o movimento rápido das ondas. Sendo a mãe de Polifemo uma ninfa e o pai um deus – portanto, nenhum deles um ciclope –, como se pode entender que tenham tido como filho um ciclope? O mesmo podemos perguntar em relação à filiação dos ciclopes hesiódicos, filhos de Úrano e de Gaia (*Tgn.*139). Cf. Oxf.i, p. 84.

72 «Fórcis»: de novo referido em 13.96, 345.

__ «mar nunca vindimado»: não se conhece a etimologia do adjetivo *atrúgetos*. As explicações possíveis, ao longo dos tempos, vão desde «infértil» a «não-ceifado». Outra possibilidade é «infatigável». Outra ainda, com base na associação à palavra *trúx* («mosto»), poderia resultar em «isento de mosto». O adjetivo é aplicado ao éter em *Il*.17.425, o que também não esclarece o seu sentido. Ocorreu-me a ideia de o traduzir por «nunca vindimado» pensando, por um lado, na relação possível com *trúx* («mosto») e, por outro lado, com outro adjetivo homérico aplicado ao mar: *oinops* («com aspeto de vinho», «cor de vinho»). Sobre *atrúgetos* e suas dificuldades, ver A. Leukart, «Homerisch *atrúgetos*», in A. Etter (org.), *Festschrift für Ernst Risch zum 75. Geburtstag*, Berlim, 1986, pp. 340-345. Este autor optou pela tradução «ruidosamente retumbante». Ver ainda D. Gray, «Homeric Epithets for Things», *Classical Quarterly* 41 (1947), pp. 109-121, especialmente pp. 109-113.

74-75 «Desde aí, a Odisseu, Posídon […] / não mata»: a ordem das palavras em grego não fica tão confusa como em português, já que a forma *Odusêa* indica claramente que «Odisseu» é o complemento direto de «mata», sendo «Posídon» o sujeito do verbo.

74 «Sacudidor da Terra»: em grego, *enosíkhthôn*. Epíteto aplicado a Posídon tanto na *Il*. como na *Od*. (na *Il*. sobretudo, como cognome, sem explicitação de «Posídon»).

79 «dissidir»: no verbo grego, temos como base semântica a palavra que significa «discórdia» (*éris*).

83 «pensativo»: o adjetivo *polúphrôn* («de muitos pensamentos»; em português daria jeito um adjetivo como «polifrónico») está praticamente ausente da *Il*., mas na *Od*. é aplicado, no acusativo, várias vezes a Odisseu e, no genitivo, ao deus das tecnologias, Hefesto (8.297, 327).

84 «mensageiro Argeifonte»: sobre Argeifonte, ver 38*. A palavra grega traduzida por «mensageiro» é *diáktoros*. Tanto a etimologia como o significado são incertos. Pode derivar de *diágô* («conduzir através de»), pelo que o seu sentido seria «condutor». De facto, na *Il*., onde Hermes tem

sempre este epíteto, ele serve de condutor de Príamo no Canto 24. E no derradeiro canto da *Od*. serve de condutor de almas para o Hades. Ver R. Janko, «A Note on the Etymologies of *diáktoros* and *khrusáoros*», *Glotta* 56 (1978), pp. 192-195.

85 «Ogígia»: esta palavra será um adjetivo (como em *Tgn.*806, ou até em Ricardo Reis: «heptápila Tebas, ogígia mãe de Píndaro»), com o sentido de «vetusta», ou será, de direito próprio, um topónimo? Não há certeza sobre como interpretar este vocábulo: a expressão poderá traduzir-se por «para a ilha ogígia» ou «para a ilha Ogígia» (lembre-se que, na escrita do grego até ao século IX d.C., só havia letras maiúsculas).

87 «paciente Odisseu»: o epíteto *talasíphrôn* (do verbo *tláô*, «aguentar») significa «de pensamento paciente».

88 «Eu mesma a Ítaca irei para incentivar seu filho»: este verso é o pivô da estrutura narrativa da *Od*., uma vez que é por meio dele que, de repente, é introduzida a «Telemaquia». Só retomaremos o que se passa na ilha de Calipso 2000 versos depois, no Canto 5. A Telemaquia levanta várias questões elencadas por Dawe (p. 52), das quais podemos destacar a mais importante: qual é o sentido de Atena mandar embora Telémaco no momento em que, após 20 anos de ausência, ela planeia fazer regressar o pai dele? A resposta (que Dawe não dá) parece clara: para criar *suspense*, para propiciar um desencontro que atrasará o reencontro, tornando assim mais excitante a história narrada. É facto que, como escreveu I. Bekker, a viagem de Telémaco não serve de rigorosamente nada em termos daquilo que seria o seu objetivo (*Homerische Blätter*, Bona, 1863, p. 105). Não obstante, proporcionará alguns dos mais fascinantes momentos de toda a poesia homérica, como se verá.

90 «que convoque para a assembleia os Aqueus de longos cabelos»: um problema com que o poeta da *Od*. teve de se confrontar foi a intratabilidade métrica da palavra que significa «Itacenses» (*Ithakêsioi*) (que só ocorre praticamente nos Cantos 2 e 24, em contextos muito controlados em termos rítmicos). Por isso, opta por chamar-lhes «Cefalénios» ou (como, no presente caso) «Aqueus». Embora a expressão «Aqueus de longos cabelos» tenha a flexibilidade de encaixar no verso tanto no nominativo como no acusativo, notamos que os poetas da *Il*. e o da *Od*. são bastante parcimoniosos no seu emprego (na *Il*. surge uma meia dúzia de vezes; na *Od*. as ocorrências são ainda menos numerosas).

91 «pretendentes»: a primeira ocorrência desta palavra (*mnêstêr*), tão importante na *Od*. Neste momento ainda não nos é dito de quem são pretendentes, nem quantos são (veremos, em 16.245-246*, que perfazem o número espantoso de 108).

92 «ovelhas numerosas»: à letra, «ovelhas apinhadas» ou, parafraseando, «o tropel das ovelhas».

__ «gado cambaleante»: não é certo o que significa a expressão *eilípodas hélikas boûs*. As possibilidades aventadas são «de chifres retorcidos» ou «de passo cambaleante».

93 «Esparta»: na época helenística, havia manuscritos da *Od*. em que, em vez de «Esparta», a palavra que figurava neste verso era «Creta». Ver o aparato crítico da ed. de Estugarda.

__ «Pilos arenosa»: o adjetivo «arenoso» (*hêmathóeis*) surge regularmente associado a Pilos na *Od*. Sabemos que o nome da cidade é feminino por meio de uma concordância que encontraremos em 2.308 (e noutros passos do poema).

96-101 Estes versos já causam estranheza desde a Antiguidade (o grande homerista Aristarco não quis aceitar que pudessem ser autênticos: ver Oxf.i, p. 87), porque são, na verdade, uma manta de retalhos de versos que, normalmente, se aplicam a Hermes ou a outros contextos (mormente bélicos). Claro que este tipo de processos faz parte da técnica de composição oral, mas neste caso a reciclagem não é verdadeiramente orgânica, assemelhando-se mais àquilo que hoje designamos «corte e cola». Vejamos o seguinte elenco de correspondências:

97-98 = 5.45-46 = *Il*.24.341-342 (Hermes);

99 = *Il*.10.135 = *Il*.14.12 = *Il*.15.482 (verso usado em contexto de batalha);

100-101 = *Il*.5.746-747 = *Il*.8.390-391 (Atena, contexto de batalha).

97 «humidade»: o adjetivo substantivado *hugrê* já significa, por metonímia, «mar» na *Il*.

100 «fileiras de heróis»: à letra, «fileiras de homens heróis».

101 «a de poderoso pai nascida»: em grego, *obrimopátrê*, epíteto típico de Atena na poesia homérica (também em *Tgn*.587), onde identificamos o adjetivo *óbrimos* («possante») e *patêr* («pai»).

102 «Lançou-se veloz»: à letra, «foi, <toda> lançada [*aíxasa*]».

__ «píncaros»: a palavra *kárênon* significa «cabeça»; mas, no plural, aplicada a montanhas, tem o sentido de «cumes», «píncaros».

__ «Olimpo»: aqui claramente a montanha; mas, em 6.42-47, o sentido será mais de «céu» (fenómeno que já começamos a entrever em *Il*.8.19 e 21), onde parece que *ouranós* («céu») e *Ólumpos* («Olimpo») são termos permutáveis.

103 «demo»: na poesia homérica, o sentido de *dêmos* não é predominantemente «povo», mas sim a terra onde o povo habita.

105 «estrangeiro, soberano dos Táfios: Mentes»: a palavra *xeînos* (em grego clássico, *xénos*) tanto significa «estrangeiro» como «hóspede» ou mesmo «amigo». S. West opina que tem aqui o sentido de «estrangeiro» (Oxf.i, p. 88), ao passo que Dawe (p. 54) opta por «amigo». No fundo, esta personagem em que a deusa se transforma é um misto das duas coisas: é um estrangeiro para Telémaco, mas ao mesmo tempo apresenta-se ao jovem como amigo de Odisseu. O gosto do poeta da *Od*. para a duplicação vê-se nas duas personagens Mentes e Mentor (ver Rocha Pereira, *Estudos*, p. 118; *Cambridge History*, p. 44), praticamente indistinguíveis. É de assinalar a mesma raiz *men* no nome de ambos (raiz cujo sentido será «pensar»). A epifania divina sob forma de disfarce – desaparecendo a divindade no momento em que é reconhecida – é algo que veremos mais vezes na *Od*. e que já ocorre no Canto 24 da *Il*. (a partir de 346). O padrão ocorrerá mais vezes na literatura grega, de forma especialmente assombrosa no Evangelho de Lucas, no episódio de Emaús (Lucas 24:13-32, mormente no «homérico» versículo 31: «Abriram-se os olhos deles e reconheceram-n'O. E Ele tornou-se invisível <à vista> deles.»). Quanto aos Táfios, não são um povo que suscite a simpatia de leitores modernos, já que, como perceberemos mais à frente (14.452), são comerciantes de escravos.

106-109 Um dos exemplos do exímio talento narrativo do poeta da *Od*. Em quatro versos, tudo o que precisamos de saber sobre os pretendentes é dito com economia cortante: o jogo de dados; as peles dos bois «que eles mesmos haviam matado»; logo de seguida, o vinho que lhes é servido por

criados que não são seus. A ociosidade, o abuso, dir-se-ia a falta de caráter: está tudo indicado em duas pinceladas.

107 «dados»: à letra, «pedrinhas». Não é certo que jogo está a ser jogado; mas é certo que, na *Il*., ninguém joga quaisquer jogos. Aquiles ocupa os seus momentos de lazer cantando e tocando o seu instrumento musical (*Il*.9.186-191). Os pretendentes de Penélope, não obstante a classe social a que pertencem, são tão boçais que precisam de alguém que lhes forneça canto e música (o aedo Fémio, que aparecerá de seguida).

109 «Arautos […] criados»: as funções dos arautos (*kêrukes*) são por vezes polivalentes na *Il*., onde um arauto já assume a função de mordomo (*Il*.9.174; 18.558). Um aspeto importante a frisar é que tanto os arautos como os criados (*therápontes*) são de condição livre; pois nos palácios homéricos (e até no casebre do porqueiro) não faltam escravos.

113 «Telémaco»: a primeira menção no poema do seu herói secundário. O nome, com o seu significado de «Ele-Que-Combate-de-Longe», aponta para a proeza do seu pai como archeiro (motivo fundamental no Canto 21). A noção de que o nome do filho de algum modo carateriza a personalidade do pai estará presente no início do Canto 4 (Megapentes, filho de Menelau: ver 4.11*) e, na *Il*., está presente no nome do filho de Heitor, Astíanax («Senhor-da-Cidade»). Tal como os pretendentes foram magistralmente caraterizados em duas pinceladas, o mesmo sucede com Telémaco: rapaz bonito («divino», à letra «de divino aspeto», *theoeidês* , adjetivo que, sendo de encher, também não é usado a torto e a direito na *Od*. – é aplicado somente a um dos pretendentes e depois a Teoclímeno) e introspetivo. É-nos apresentado como **entristecido** (*tetiêménos*, particípio de *tetíêmai*, «estar triste», verbo etimologicamente relacionado com a palavra latina *quies*, «quietude», portanto uma tristeza «quieta») **no seu coração**; **imaginando** (o verbo *óssomai* está ligado à ideia de visão interior, pois relaciona-se com *ósse*, «olhos») **no espírito** (nas *phrénes*, palavra de sentido complexo, que refere, na noção homérica da personalidade humana, o «órgão» a que «a função intelectual é várias vezes atribuída», Rocha Pereira, *Estudos*, p. 126); sentado **a pensar** estas coisas; e depois irritando-se **em seu espírito**. Ao mesmo tempo, as esmeradas boas maneiras estão patentes não só no irritar-se por ninguém acolher o hóspede, como também no facto de se levantar logo para o receber e no ato de ir «direto» (*ithús*) para o cumprimentar com um aperto de mão.

116 «dispersão»: causa surpresa este uso, dir-se-ia tardio, de um substantivo abstrato como *skédasis* (cf. Dawe, p. 55).

122 «palavras apetrechadas de asas»: em grego, *épea pteróenta* («palavras aladas», na tradução de Rocha Pereira, *Hélade*). A tradução por que optei pretende transmitir, em português, o belo contorno fonético da expressão grega: ***e**pea **pt**eróen**t**a* ~ «**p**alavras a**pe**t**r**echadas de **a**sas». O problema que se me colocou relativamente à tradução «palavras aladas» é que tal expressão metaforiza os *épea pteróenta* em pássaros, quando Homero nunca aplica *pteróenta* a aves. Na verdade, o estudo da semântica grega diz-nos que a palavra *pteróenta*, neste contexto, «more probably derives from archery than from ornithology» (Oxf.i, p. 92). Ou seja, é entendida como aplicada a uma flecha, como nos comprova a própria *Il.* (4.117; 5.171). Logo, a metáfora homérica não evoca uma coisa naturalmente alada, como uma ave; mas sim algo que foi provido ou apetrechado de asas, como uma seta. Daí a solução proposta em Oxf.iii, p. 23, «equipped to fly». A

equivalência entre «fala» e «flecha» passará (decerto a partir das homéricas «palavras apetrechadas de asas») a lugar-comum na literatura grega e aparece (entre outros) em Ésquilo, Píndaro, Eurípides e Platão.

123-124 «depois / de degustares»: o verbo *patéomai* (em Homero sempre no particípio aoristo) tanto pode significa «comer» como «beber». Está etimologicamente relacionado com a antiga palavra germânica para «comida», donde a palavra inglesa *food*.

125 «Palas Atena»: muito se tem especulado sobre a etimologia de *Pallás*, sem qualquer consenso dos especialistas. A associação óbvia é ao verbo *pállô*, «brandir» (como em «brandir uma lança»), já que a deusa é guerreira e consegue, na *Il*. (5.856-858), ferir (por interposta pessoa) o próprio deus da guerra, Ares. É essa a etimologia que encontramos no *Crátilo* de Platão (407a), em que se faz a derivação a partir de *anapállô*, «irromper para cima» (pois foi assim que a deusa nasceu da cabeça de Zeus). Outra possibilidade é que a palavra derive de *pallakê* (palavra pouco usada para «donzela», «virgem»). Para a possibilidade de ser uma palavra de origem semítica, pré-helénica, ver O. Carruba. «Atena ed Ares preellenichi», *Atti del I Congresso di Micenologia*, Roma, 1968, pp. 932-944.

128 «guarda-lanças»: em grego, *dourodókê*, ocorrência única na poesia homérica. Por que razão as lanças de Odisseu não foram com o seu dono para Troia? E, já agora, o grande arco do famoso archeiro Odisseu ficou em Ítaca porquê? São perguntas para as quais a resposta é somente a conveniência narrativa, à qual o poeta sacrifica sempre qualquer preocupação de verosimilhança realista. Sobre o problema de Odisseu archeiro, ver 8.215-217*. Ver também 21.39-41*.

130 «trono»: em grego, *thrónos* (palavra já presente em Linear B). Trata-se de uma cadeira para convidados de honra, pois o próprio Telémaco se senta numa cadeira mais modesta, *klismós* (132).

— «toalha»: não é certo se esta forma *lîna* significa necessariamente «toalha de linho» (como está referido em LSJ e lemos em diversas traduções; ver Oxf.i, p. 93). É uma palavra estranha do ponto de vista morfológico, pois não se lhe conhece forma de nominativo, pelo que não é possível perceber se a forma *lîna* é acusativo do singular ou acusativo neutro do plural. Existe uma forma de dativo do singular: *lití* (*Il*.23.254).

131-132 «trabalhado […] / embutido»: em grego, *daidáleon* (cf. «Dédalo») e *poikílon* («variegado», «colorido»). A técnica das incrustações já vem da época micénica (Rocha Pereira, *Estudos*, p. 63).

133-134 «não fosse o estrangeiro, incomodado / pelo alarido, repugnar-se com o repasto no meio de arrogantes»: Telémaco está a sofrer por antecipação, pois os pretendentes só entrarão na sala em 145.

134 «repugnar-se»: na ed. de Estugarda, o verbo é *aêdéô* («repugnar-se»); na ed. de Oxford, lemos uma forma estranha do estranhíssimo verbo que seria teoricamente *awadéô* (embora tal forma não esteja atestada), com o sentido de «saturar-se». Ambas as formas foram transmitidas pela tradição manuscrita.

136-140 Versos formulares que compõem poeticamente uma «cena típica» (o termo foi estabelecido por W. Arend, *Die typischen Szenen bei Homer*, Berlim, 1933). Iremos encontrá-los

mais vezes:

1.136-140 = 4.52-56 = 7.172-176 = 10. 368-372 = 15.135=139.

136 «escrava»: *amphípolos* («escrava»), palavra já registada em Linear B.

__ «água para as mãos»: esta perífrase traduz a palavra *khérnips* (também «água lustral»).

137 «taça»: na poesia homérica, a palavra *lébês* pode ter também o sentido de «caldeirão» (onde se aquece água para o banho).

139 «governanta»: em grego, *tamíê*, uma escrava de estatuto superior (como a ama de Odisseu e Telémaco, Euricleia).

__ «pão»: a palavra *sîtos* (equivalente a *frumentum* em latim) tem por vezes o sentido de «cereal» ou, simplesmente, de «comida».

140 «dispondo iguarias abundantes, favorecendo<-os> com o que havia»: o verso na presente sequência já é suspeito desde a Antiguidade, porque a fraseologia «com o que havia» (isto é, «com as comidas presentes», à disposição) serve, noutros contextos, para refeições improvisadas, quando aparecem hóspedes de surpresa fora da hora normal da refeição. Neste caso, Atena/Mentes chegou, com *timing* excelente, à hora em que o jantar estava a ser servido, pelo que decerto não ficaria bem oferecer ao hóspede carnes acabadas de assar misturadas com restos e sobras da refeição anterior.

141 «trinchador»: *daitrós*, profissão desconhecida da *Il*.

145 «em fila»: o advérbio *hexeíês* (forma homérica de *hexês*) poderá ter aqui o sentido de «por ordem», ou seja, pela ordem da linhagem/nobreza. Daí que uns se sentem em «tronos» (*thrónoi*) e outros em «cadeiras» (*klismoî*).

147 «pão em cestos as escravas amontoaram»: para «pão» (*sîtos*), ver 139*. A palavra aqui para «escravas» é *dmôaí* (a habitual palavra homérica para «escravas»). Quanto aos «cestos», a palavra é *káneon*, que vem de *kánna* («cana») e é equivalente à latina *canistrum* (cf. «canastra»). Não obstante a ligação da palavra com «cana», em 10.355 percebemos que também podem ser de metal.

148 Verso ausente de alguns manuscritos medievais e de pelo menos um papiro helenístico. Trata-se, de qualquer forma, de um verso formular:

1.148 = 3.339 = 21.271 = *Il*.1.470 = *Il*.9.175.

__ «Mancebos»: *koûroi*, isto é, «jovens livres», «jovens de nascimento nobre». Para este costume homérico de serem betinhos a servir o vinho, ver também 15.141 (onde o escanção é o filho de Menelau) e *Il*.20.234 (onde Ganimedes é raptado pela sua nobreza/beleza para servir de escanção de Zeus).

__ «coroaram as taças»: expressão belíssima, que não passou despercebida a Virgílio, que usa a expressão *cratera coronant* (*Geórgicas* 2.528). A metáfora de «coroar» implica encher as taças até cima. As «taças» são aqui *krêtêres* (para o formato das taças gregas em toda a sua variedade, ver o elenco de desenhos em Rocha Pereira, *Estudos*, p. 627).

149 «iguarias»: à letra, «coisas proveitosas» (a palavra *óneiar* vem do verbo *onínêmi*, «aproveitar»), no sentido em que a sua ingestão causa bom proveito.

152 «ofertas do festim»: não é certo que interpretação dar a *anathêmata daitós*. O *anáthêma* é algo que é oferecido, normalmente num templo, podendo inclusive referir-se a um ser humano na condição de escravo (como em Eurípides, *Íon* 310).

153-154 «O arauto colocou uma lira […] nas mãos / de Fémio»: no Canto 8, encontraremos um aedo (poeta-cantor) cego, que por esse mesmo motivo está dependente de outros que o guiem e lhe coloquem a lira nas mãos. Fémio, porém, não é cego (embora D.L. Page tenha concluído que só podia sê-lo em «The Mystery of the Minstrel at the Court of Agamemnon», in *Studi Classici in Onore di Quintino Cataudella*, Catânia, 1972, pp. 127-131). O gesto de lhe porem a lira nas mãos já foi interpretado como uma coação para que ele cante (Oxf.i, p. 96), mas o mais provável é que se trate de uma contaminação poética a partir do retrato de Demódoco no Canto 8. O mais curioso de tudo é que, em 22.330, Fémio é-nos apresentado «como se nunca antes tivéssemos ouvido falar dele» (Dawe, p. 58).

153 «lira»: em grego, *kítharis*. Sobre os instrumentos e o tipo de canto implícito na poesia homérica, ver M.L. West, «Th e Singing of Homer», *Journal of Hellenic Studies* 101 (1981), pp. 113-129 = *Hellenica I*, pp. 128-140.

154 «Fémio»: um dos muitos elementos fascinantes da *Od*. é o retrato que nos oferece de aedos (poetas-cantores), que com a sua lira (*kítharis*, «cítara») deleitavam um público interessado (ver 325-326) com canções de tema a que nós chamamos «épico». O nome «Fémio» é falante, pois provém do verbo *phêmí* («dizer») e está etimologicamente relacionado com a palavra «fama». Na *Il*., Aquiles (ver 107*) é um músico amador (também Páris, *Il*.3.54) e não encontramos nesse poema mais antigo cantores profissionais. Na *Od*., além de Fémio encontraremos Demódoco em Esquéria (Canto 8), poeta cego (como seria supostamente Homero). Veremos que o próprio Odisseu será elogiado como se fosse um aedo (11.368-369) e, no momento crucial da narrativa da *Od*., um símile lindíssimo o compara a um cantor-poeta (21.406-408). Remeto para o meu ensaio «O aedo e o herói», *Classica* 16 (1990), pp. 11-17.

155 «tangendo a sua lira»: em 153, tinha sido posta nas mãos de Fémio uma *kítharis*. O verbo agora usado (*phormízô*) parece pressupor outro instrumento, a *phórminx*, que é de facto referida na *Od*. (e também na *Il*.), mas nunca na Telemaquia. Para o ponto de vista de que, na poesia homérica, os termos *kítharis* e *phórminx* são sinónimos, ver Oxf.i, p. 96.

157 Verso formular:

1.157 = 4.70 = 17.592.

170 Verso formular:

1.170 = 10.325 = 14.187 = 15.264 = 19.105 = 24.298.

171-173 Versos formulares:

1.171-173 = 14.188-190 (na Antiguidade, já Aristarco considerou que estes versos ficavam melhor no passo do Canto 14 do que no presente canto).

173 «Pois não me parece que aqui tenhas chegado a pé»: seria possível chegar a pé a Ítaca ou trata-se aqui de um momento de humor? Tudo depende da identificação que fizermos da localização geográfica da ilha, já debatida desde a Antiguidade. Estamos longe de podermos considerar comprovada a ideia de que a Ítaca no moderno mapa da Grécia é a ilha com esse nome da *Od*.

177 «aquele era dado entre os homens»: o pronome *keînos* («aquele») refere-se claramente a Odisseu, mas a dúvida incide no adjetivo *epístrophos* (que traduzi por «dado»), palavra rara cujo sentido é incerto e já discutido desde a Antiguidade. Talvez signifique «hospitaleiro». Ocorre como nome próprio («Epístrofo») na *Il*. (2.517, 692, 856).

179 «com muita exatidão»: em grego, *mála atrekéôs*. A ironia reside no facto de tudo o que sair agora da boca da deusa ser a mais completa mentira. Veremos que, nos Cantos 13, 14, 17, 19 e 24, Odisseu seguirá o exemplo da deusa da sua devoção para contar «verdades» que são pura mentira.

180 «fogoso»: ver 48*.

183 «mar cor de vinho»: o adjetivo *oinóps* («de aspeto vinháceo») é frequentemente aplicado ao mar na poesia homérica (e duas vezes a bois: 13.32 e *Il*.13.703). Apondo aqui uma nota subjetiva: sempre estranhei a ideia de ao mar poder ser aplicado um adjetivo que sugere a ideia de vinho tinto, até ao fim de tarde do último dia de setembro de 1984, em que fiz a viagem de barco da ilha grega de Hidra para Atenas. Nesse dia, a palavra homérica clarificou-se-me para sempre.

184 «Témese»: os especialistas desesperam neste como em tantos outros casos no que toca à identificação e à localização real desta *Temésê*. As identificações propostas são geograficamente tão divergentes como a ilha de Chipre e a Calábria. Tratando-se, de facto, de uma localidade calabresa, seria a única vez em que, de modo claro, se refere na *Od*. um lugar situado naquilo a que chamamos hoje «Itália» (cf. Dawe, p. 59). No entanto, em 20.383 fala-se em «Sicilianos»; e há referências a uma mulher natural da Sicília no Canto 24 (211, 304, 307, 366).

__ «bronze […] ferro fulgente»: um poema cuja ação está situada naquilo a que nós chamamos «Idade do Bronze» não deixa por isso de ter referências porventura anacrónicas ao ferro (mencionado 18 vezes na *Od*. e 14 vezes na *Il*., não contando os adjetivos que significam «férreo»). Quanto ao ferro ser «fulgente», não há certeza de ser essa a interpretação certa, neste contexto, de *aíthôn* («ardente», à letra «queimante»). Ver Oxf.i, p. 100.

185 = 24.308.

186 «Rítron […] Níon»: onde possa ficar «Rítron» é um enigma total. «Níon» pode ser um orónimo sugestionado pelo epíteto *huponêïos* (3.81), cujo sentido também é, por sua vez, incerto.

189 «Laertes»: esta referência ao pai de Odisseu (e avô de Telémaco) coloca-nos perante um dos problemas mais interessantes da *Od*. Na opinião de alguns helenistas, Laertes é, de todas, a personagem mais recém-chegada ao poema, e todos os versos em que ele aparece «estão envoltos numa nuvem de suspeição crítica» (Dawe, pp. 59-60). Uma explicação para a sua introdução na narrativa é a de que, tomada a decisão (pelo poeta que deu a forma final ao poema) de inserir a viagem de Odisseu ao mundo dos mortos, seria necessário justificar a razão pela qual Odisseu não fala no Hades com o pai (mas só com a mãe). Uma estranheza óbvia é o facto de ser Mentes a informar Telémaco sobre os hábitos e estilo de vida do avô, quando a situação natural seria a

contrária. A abordagem mais equilibrada à problemática referente a Laertes na *Od*. é a de S. West, «Laertes Revisited», *Proceedings of the Cambridge Philological Society* 35 (1989), pp. 113-143.

193 «pela encosta do chão de vinho»: a expressão grega é estranhíssima (à letra, «pelo joelho da eira de joeirar de chão de vinho»). Parafraseando, «pela encosta da vinha».

194 «ele estava entre o povo»: esta perífrase em português traduz a palavra grega *epidêmion*, donde vem a palavra portuguesa «epidemia». A ideia não é, no entanto, a de um Odisseu «epidémico», mas sim regressado a casa. A deusa dá sinais de alguma confusão mental, ao afirmar primeiro que ouvira dizer que Odisseu estava em Ítaca, para depois dizer taxativamente que ele está numa ilha onde homens «selvagens» o retêm.

195 «os deuses lhe prejudicam o caminho»: subentende-se «do regresso».

196 «divino Odisseu»: a palavra grega traduzida por «divino» aqui é *dîos*. Trata-se da primeira vez que o nome de Odisseu é nomeado nesta conversa, pondo em prática a técnica a que I. de Jong chamou «supressão do nome de Odisseu» (*A Narratological Commentary on the Odyssey*, Cambridge, 2001, p. 7). Outros exemplos são 5.43-148 e 24.216-349 (além do proémio, claro).

198 «numa ilha rodeada de ondas»: Atena mantém-se coerente com a descrição da ilha de Calipso que ela própria fizera em 50.

201 «me inspiraram»: à letra, «me lançaram <inspiração>».

202 «embora não seja vidente nem conheça augúrios de aves»: uma das diferenças entre a *Il*. e a *Od*. é que, na primeira, a profecia é algo de técnico, uma especialização de arúspices e de áugures, ao passo que, na segunda, existe a componente livre da profecia extática, de que o grande exemplo é Teoclímeno no Canto 20 (351-357). (Sobre diferentes formas de entender a profecia, ver a introdução à minha tradução da *Bíblia, Vol. III: Os Livros Proféticos*, Lisboa, 2017, pp. 28-30.)

205 «de muitos engenhos»: em grego, *polumêkhanos*, um dos epítetos mais frequentemente aplicados a Odisseu. O sentido é «de muitos expedientes». O elemento *-mêkhanos* da palavra tem que ver com o termo donde provém em português «máquina». Portanto, algo como «Odisseu polimecânico»: alguém que, em cada situação, encontra sempre a melhor saída.

207 «se, alto como és, na verdade és filho do próprio Odisseu»: como observa Dawe (p. 61), toda a conversa se processou, até agora, com base na pressuposição de que Telémaco é filho de Odisseu, pelo que parece extemporânea a questão, levantada sem mais nem menos por «Mentes», da identidade do seu interlocutor.

208-209 «Tremendamente na cabeça e nos belos olhos te assemelhas / àquele»: o advérbio *ainôs* significa à letra «terrivelmente», aqui num sentido superlativizante («formidavelmente»). O tema da parecença física entre pai e filho surgirá de novo na Telemaquia (3.122-125; 4.141-146).

209 «amiúde contactámos um com o outro»: embora a frase se preste a ler lida como «amiúde tivemos relações sexuais um com o outro» (o verbo *meígnumi* já nos apareceu nesse sentido em 73), não será essa a aceção intencionada pela deusa virgem.

211 «em côncavas naus»: o adjetivo traduzido por «côncavo» não é o mesmo que vimos em 15. O significado de *koîlos* tem que ver com «côncavo» no sentido de «oco». Por isso o cavalo de pau é

referido como «oca cilada» (*koîlon lókhon*) em 8.515.

213 «prudente Telémaco»: o desenho métrico de *Têlémakhos pepnuménos* (— U U — — — U U) dá-nos a melhor resposta a qualquer pergunta que quiséssemos fazer sobre a «prudência» da personagem.

215-216 «A minha mãe declara que sou filho de Odisseu, mas eu / não sei»: esta dúvida expressa por Telémaco sobre a sua paternidade «poderá excitar o freudiano que temos dentro de nós ao diagnosticarmos os sentimentos de insegurança deste jovem» (Dawe, p. 62), mas na verdade a fraseologia pode ser meramente convencional (Oxf.i, p. 102).

223 «Penélope»: a primeira menção deste nome no poema (ela nunca é mencionada na *Il*.). A etimologia do nome é controversa. A teoria mais provável é que deriva de *pênélops* (a fêmea do pato), talvez devido à noção de que os patos são aves monogâmicas. Outra teoria é que deriva de *pênê* («fio»), o que relacionaria o nome com a atividade típica de Penélope (como de todas as mulheres homéricas): a tecelagem. A primeira teoria é considerada mais credível do que a segunda pelos especialistas de linguística grega. Ver M.-M. Mactoux, *Pénélope: Légende et mythe*, Paris, 1975.

225 «Porque tens necessidade?» A expressão *típte dé se khreô* é bastante elíptica, mas o sentido será «porque tens de aguentar isto?».

226 «Não trouxe cada qual o seu próprio manjar»: à letra, «estas coisas <que estão a ser comidas> não são um *éranos*» (refeição em que cada comensal traz carne ou vinho para pôr à disposição de todos: ver 4.621-622).

227-228 «Com que arrogância ultrajante me parecem eles comer / nesta casa»: à letra, «Como me parecem ultrajantemente arrogantes a comerem / pela casa». Esta arrogância ultrajante à mesa sugere a ideia de barulho indecoroso, o que, no entanto, seria incompatível com a imagem, que nos será mostrada a seguir (325-326), do silêncio atento com que os pretendentes ouvem o aedo.

238 «depois de ele ter atado os fios da guerra»: interessante metáfora, em que o verbo deriva de *tolúpê* («novelo de lã»).

1.238 = 4.490 = 14.368.

241 «ventos das tempestades»: as *hárpuiai* personificam as tempestades.

245 «todos os príncipes»: estes «príncipes» são os *áristoi* (cf. «aristocratas»).

246 «Dulíquio, Same e a frondosa Zacinto»: como sucede sempre que o poeta nos confronta com referências geográficas, levantam-se inúmeras incertezas no que respeita à identificação dos lugares referidos. Sobre os problemas das identificações de Estrabão e das incompatibilidades com outras informações, ver Oxf.i, p. 106.

252 «Indignada […] Palas»: o verso grego explora o efeito de eco que surge ao juntar as duas palavras ***epalas****têsasa* […] ***Pallás***. O verbo *epalastéô* («indignar-se») é raríssimo em grego (surgirá depois na imitação da linguagem homérica feita por Apolónio de Rodes no século III a.C.).

259 «Éfire»: onde será esta misteriosa Éfire, terra de não menos misteriosos venenos (cf. 2.328-329)? As possibilidades aventadas são: uma cidade naquilo que é hoje a ilha de Corfu; Corinto

(cidade adotiva de Medeia, «uma bárbara com um interesse insalubre pela farmacologia», [Dawe, p. 65]); ou então algures no Peloponeso (Oxf.i, p. 108). A ideia de flechas envenenadas (armas químicas…) afigura-se à maior parte dos estudiosos como pouco homérica (ver a reação de Ilo em 263), ainda que o receio de que uma flecha contivesse veneno pareça estar implícito em *Il*.4.218.

__ «Ilo»: no dizer de S. West, «a nonentity» (Oxf.i, p. 108).

261 «poção mortífera»: à letra, «fármaco matador de homens» (*phármakon andro-phónon*).

262 «ungir»: trata-se do verbo *khríô* (donde vem «Cristo»).

272-305 Com as palavras da deusa «Agora presta atenção e ouve», somos mergulhados num dos trechos mais problemáticos de toda a *Od*., que já desde o século XIX coloca as maiores difi culdades aos estudiosos da poesia homérica. A ideia de convocar para uma reunião no dia seguinte os pretendentes que estão reunidos lá em casa já foi alvo de muito ceticismo (Dawe, p. 66; Oxf.i, p. 110) e tudo o que a deusa diz sobre as hipotéticas segundas núpcias de Penélope contradiz aquilo que já fora afirmado por Telémaco (nomeadamente o facto de a mãe não querer casar-se de novo [249-250]), ao mesmo tempo que parece absurdo mandar Telémaco embora para saber notícias do pai e, na ausência dele, realizar o segundo casamento da mãe. E se ele regressasse a Ítaca com a notícia de que o pai está vivo? Outro problema tem a ver com a logística financeira de desposar e de dar em casamento. Nesta sociedade imaginada pelo poeta, o pai paga um dote ao futuro genro para ele desposar a sua filha (os «muitos presentes» [*éedna*] referidos em 277)? Ou é o candidato a genro que paga ao pai para obter o privilégio de receber a filha como noiva? O pagamento de um dote por parte do pai parece não ser normal no mundo imaginado pelos poetas da *Il*. e da *Od*.: a situação regular afigura-se a que encontraremos em 16.391-392, onde explicitamente são os candidatos a noivo que oferecem ricos presentes, para ser escolhido aquele que oferece os presentes mais valiosos. Não há, no entanto, unanimidade de opinião sobre este assunto. A posição de M.I. Finley («Marriage, Sale and Gift in the Homeric World», *Revue Internationale des Droits de l'Antiquité* 2 [1955], pp. 167-194), de que o dote seria visto como normal, foi refutada ponto por ponto por Dawe (pp. 81-82), mas a discussão continua em aberto. A abordagem mais equilibrada é a de S. West (Oxf.i, pp. 110-111).

272 «Convoca amanhã para a assembleia os heróis Aqueus»: verso possivelmente inspirado em *Il*.19.34. O poeta da *Od*. parece não ter fórmulas próprias para assembleias em ambiente e tempo de paz. Note-se que a expressão «heróis Aqueus» só ocorrerá de novo em 24.68 (tudo o que diz respeito ao Canto 24 levanta inúmeros problemas, como veremos).

279 «darei bons conselhos»: à letra, «aconselharei densamente [*pukinôs*]».

282-283 «rumor […] / notícia»: no primeiro caso, a palavra grega é *óssa*, palavra de origem desconhecida; no segundo caso, é *kléos*, que também significa «fama» (no sentido de algo de positivo que é ouvido acerca de alguém).

285 «Esparta»: na época helenística, eram conhecidas versões da *Od*. em que neste verso se lia «Creta» em vez de «Esparta». O rei para junto de quem Telémaco deveria ir seria, nesse caso, Idomeneu (e não Menelau).

__ «loiro Menelau»: o epíteto típico de Menelau na poesia homérica é *xanthós* («amarelo», «loiro»).

295 «como em tua casa poderás matar os pretendentes»: a instrução de matar os pretendentes é «extraordinariamente inútil, pois, se tal fosse possível, não existiria qualquer problema inicial que fosse preciso resolver» (Dawe, p. 68). Continuando na linha de Dawe, a ideia de que, celebradas as núpcias de Penélope com o segundo marido, Telémaco teria ainda de resolver o problema de um palácio infestado de pretendentes é descabida, já que o ponto de vista implícito em todo o poema é que, escolhido um deles por Penélope, os outros pretendentes voltarão às suas casas.

309 «embora tenhas pressa do caminho»: isto é, «embora tenhas pressa de <seguir> caminho».

313 «tal como anfitriões oferecem aos hóspedes»: está aqui patente a polissemia de *xeînos* («estrangeiro», «hóspede», «anfitrião», «amigo»), pois a frase em grego diz «tal como os *xeînoi* amigos oferecem aos *xeînoi*». A frase não é, porém, tão simples quanto parece, pois não é certo se devemos ler *phíloi* («amigos», aplicado aos anfitriões) ou *phílois* («amigos» no dativo, aplicado aos hóspedes). O belo efeito *xeînoi xeínoisi* (figura de estilo chamada «poliptoto») parece sublinhar a ideia de reciprocidade (cf. Oxf.i, p. 115).

318 «dele receberás recompensa condiga»: à letra, «para ti <algo> haverá digno de reciprocidade».

320 «voando como uma ave para o céu»: o advérbio *anópaia* (que traduzi por «para o céu») criou dificuldades de interpretação já na Antiguidade. Aristarco pensou tratar-se do nome da ave em que a deusa se transformou (em 3.371-372, Atena fará de novo este seu número de, à vista humana, se transformar em pássaro). Uma pergunta que não é irrelevante (cf. Dawe, p. 54) é o que terá acontecido à lança da deusa, que ela tinha na mão à chegada ao palácio (99-101). Terá sido deixada para trás, qual guarda-chuva esquecido?

321-323 «e fê-lo **pensar** no pai / […]. E ele **apercebeu-se** em seu **espírito** / e no coração se espantou: **soube** que ela era um deus»: novamente versos que trazem à nossa atenção os processos interiores de Telémaco.

324 «E logo se dirigiu para junto dos pretendentes, um homem divino»: a expressão *isótheos phôs* («homem igual aos deuses») ocorre com alguma frequência na *Il.*, mas na *Od*. ocorre somente aqui e em 20.124 (de novo aplicada a Telémaco). Não há unanimidade sobre se a expressão, aqui, deve ser valorizada como significando que a coragem insuflada por Atena fez de Telémaco um homem novo, quase divino. Há helenistas que interpretaram a expressão como marcando, de facto, o início de uma «grandeza heroica» na personalidade de Telémaco (ver Dawe, p. 70). Wilamowitz (p. 125, n. 2), no entanto, considerou que o uso da expressão neste contexto tem um efeito simplesmente «ridículo».

326-327 O tema do canto de Fémio configura uma miniodisseia dentro da *Od.*; e não só o tema do canto-dentro-do-poema é o mesmo do próprio poema, como a divindade referida (Palas Atena) é a mesma que acabara de estar sentada ali na sala.

329 «sensata Penélope»: *períphrôn* («sensata») é um dos epítetos mais característicos de Penélope.

331 «escravas»: ver 136*.

332 «mulher divina»: à letra, «divina entre as mulheres», o correlato de «divina entre as deusas»; ver 14*. As personagens estão aqui a sofrer um surto de sintomas divinos: Telémaco (324), Penélope (332), Fémio (336).

337 «sabes muitos outros encantamentos de homens»: isto é, «conheces muitos outros cantos que encantam os homens». Chama aqui especialmente a atenção a forma verbal traduzida por «sabes» (*oîdas*), que nunca ocorre sob esta forma na *Il*. nem na *Od*. (onde encontramos a forma «correta» *oîstha*), embora ocorra duas vezes no *HH a Hermes*, 456, 467 (e, já agora, 17 vezes no Novo Testamento, sete das quais no Evangelho de João).

339-340 «que em silêncio / eles bebam o vinho»: na verdade, eles já estavam em silêncio (325-326).

343 «Tal é a cabeça que desejo com saudade»: em grego, *toíên gàr kephalên pothéô*. A cabeça como aquilo que mais se ama na pessoa amada é um motivo recorrente na poesia homérica. Também Aquiles fala de Pátroclo como «cabeça amada» (*Il*.18.114).

344 «Hélade»: na *Il*., este termo designa apenas uma parte da Tessália (correspondente ao reino de Peleu, pai de Aquiles), mas a aceção em que a palavra *Hellás* está aqui a ser utilizada é no sentido posterior de «Grécia», pelo que, já na Antiguidade, se suspeitou que este verso seria inautêntico porque lhe subjaz um conceito geográfico «não-homérico». Quanto ao topónimo «Argos», está a ser utilizado como sinónimo de «Peloponeso»; não refere a cidade desse nome.

347-348 «Não são os aedos / os responsáveis, mas Zeus é responsável»: ver 32*. O ponto de vista expresso por Telémaco relativamente à responsabilidade humana e divina na infelicidade humana é o exato contrário daquele que ouvíramos da boca de Zeus em 32-34. O adjetivo (*aítios*) traduzido por «responsáveis» podia também ser traduzido por «culpados» ou (mesmo que não se trate de um adjetivo em português) «causadores».

349 «homens comedores de pão»: ou, em alternativa, «homens comedores de cereais». O termo parece ter a intenção de contrastar o «comedor de pão» (*alphêstês*) com o «comedor de carne crua» (*ômêstês*), ou seja, diferenciar o homem civilizado do selvagem. No entanto, outra explicação (dada pelo gramático antigo Hesíquio) é que o termo significa «inteligente», «empreendedor».

350 «Dânaos»: termo para todos os efeitos sinónimo de «Aqueus» e «Argivos» (isto é, «Gregos»), ainda que a «Dânaos» não corresponda, como nos outros casos, um topónimo específico.

351-352 «Pois as pessoas apreciam de preferência aquela canção / que, recentíssima [em grego, *neôtátê*, superlativo], estiver no ar para os ouvintes»: Telémaco parece estar a intuir a realidade futura de um êxito popular na rádio (ou no YouTube), mas, antes que alguém se sinta tentado a traçar paralelismos entre o canto de Fémio e «Candle in the Wind» (ou «Despacito»), explicitemos que «estiver no ar» traduz o conjuntivo do verbo *amphipélomai*, de utilização raríssima, para o qual o dicionário de LSJ propõe a tradução «float around». É interessante que, quase 200 anos mais tarde, quando o poeta lírico Píndaro (*Ode Olímpica* 9, 48-49) formula o mesmo pensamento, ele opta pelo comparativo do adjetivo (*neôteros*, «mais recente») e não, como o poeta da *Od*., pelo superlativo. Dawe (p. 73) comenta que se o *nóstos* («regresso») dos Aqueus fosse mesmo o canto mais na berra

na altura, muito do que Telémaco ouvirá nos Cantos 3 e 4 das bocas de Nestor e de Menelau já seria do conhecimento geral.

356-359 «Agora volta para os teus aposentos e presta atenção / aos teus lavores […] Pois a fala competirá aos homens […] pois dele é o poder cá em casa»: trata-se de uma das citações mais célebres da *Il*. na *Od*., um caso explícito em que a adaptação de versos da outra epopeia levanta problemas notados por todos os comentadores e que já levantaram dificuldades na Antiguidade, a ponto de Aristarco os ter considerado espúrios. Os versos da *Il*. ocorrem no momento em que Heitor se despede de Andrómaca (6.490-493): «Agora volta para os teus aposentos e presta atenção / aos teus lavores, ao tear e à roca; e ordena às tuas escravas / que façam os seus trabalhos. Pois a guerra competirá aos homens / todos – a mim sobretudo – que nasceram em Ílion.» Na boca de Heitor, estas palavras não têm a rispidez abrupta que sentimos quando são ditas por Telémaco, com a crucial substituição da palavra «guerra» (*pólemos*) por «fala» (*mûthos*). A ideia de que as mulheres não podem falar no mundo imaginário da *Od*. é absurda, já que no Canto 4 e no Canto 7 veremos Helena e Arete a participar, com toda a legitimidade, nas conversas que decorrem a seguir ao jantar na grande sala do palácio. Mesmo que justifiquemos a incongruência destes versos com a desculpa de que «na poesia oral é assim», não ultrapassamos o facto óbvio de que os versos assentam melhor ao contexto na *Il*. do que na *Od*. Questionável é o ponto de vista de que os versos estão aqui bem adaptados porque Telémaco fala agora com «voz grossa» em consequência da virilidade que Atena há pouco lhe insuflara. Afigura-se-nos menos feliz que a primeira expressão dessa nova virilidade seja a humilhação da mãe na presença daqueles que são os inimigos comuns de ambos (mãe e filho): os pretendentes. Finalmente, o pronome *toû* («dele») em 359 (onde esperaríamos «meu») é mais um indício de como os versos não funcionam bem no novo contexto (no lugar de *toû*, no verso correspondente da *Il*., temos *toi* [«<eles> que»], que está perfeito). Os versos ocorrerão de novo em 21.350-353, com uma ligeira mudança (para acomodar o episódio do arco). A melhor análise deste fascinante momento de interseção entre a *Il*. e a *Od*. é a de Usener, *Beobachtungen zum Verhältnis der Odyssee zur Ilias*, Tübingen, 1990, pp. 47-66.

362 «com as escravas»: à letra, «com as escravas mulheres» (*sun amphipóloisi gunaixî*).

365 «palácio cheio de sombras»: discute-se se esta bela fórmula (à letra, «palácio sombrio») significa em primeiro plano «sombrio» ou «fresco». Ver G.S. Korres, «*Mégara skióenta*», *Athena* 77 (1971), pp. 202-230.

366 = 18.213.

373 «para que ousadamente eu vos diga uma palavra»: chama a atenção o advérbio *apêlegéôs* («ousadamente», «arriscadamente», «sem olhar a consequências»), que só ocorre mais uma vez na poesia homérica, na boca de Aquiles (*Il*.9.309).

389 «Antínoo»: o nome significa «De-Mente-Contrária».

394 «Muitos outros reis existem entre os Aqueus»: na poesia homérica, o substantivo *basileús* («rei») tem vários significados; além de «monarca», pode significar também «príncipe» ou «nobre».

397-398 «escravos / que para mim obteve como despojos o divino Odisseu»: o que está implícito na forma verbal *lêïssato* («obteve como despojo de pirataria») é a atividade de salteadores e piratas,

que raptavam vítimas para assim alimentarem a economia esclavagista na Antiguidade, ainda que a compra «legítima» de escravos faça parte do universo da *Od.*, como vemos no caso da escrava comprada Euricleia (1.430, onde o preço é explicitado) e no caso de Eumeu (15.452-453, 483).

428 «a de pensamentos fiéis»: à letra, «a que pensava coisas fiéis». Euricleia é a antiga ama de Odisseu (cf. 19.354-355), escrava de origem nobre (é para sublinhar isso que o seu pai e o seu avô são mencionados em 429), decerto vítima de assalto e rapto quando era muito nova, sendo depois vendida a Laertes como escrava.

431 «pelo preço de vinte bois»: ou Euricleia foi caríssima, ou dera-se entretanto uma grande infl ação no preço das escravas, já que em *Il*.23.705 o preço de uma mulher é quatro bois. Por outro lado, a família que queria resgatar um filho de ser vendido como escravo tinha de pagar cem bois (*Il*.6.236, 21.79).

433 «e nunca com ela se deitou»: as escravas eram propriedade sexual dos donos (o final do Canto 22 mostrar-nos-á a pena de morte aplicada às escravas que não se mantiveram sexualmente fiéis na ausência do seu dono) e, para serem amas, tal não podia acontecer sem que elas próprias engravidassem. Há aqui um paradoxo difícil de resolver. Quem engravidou Euricleia para que ela pudesse dar de mamar a Odisseu e, depois, a Telémaco?

438 «sagaz»: o curioso adjetivo *pukimêdês* («de densos pensamentos») ocorre só aqui na poesia homérica (embora ocorra no *HH a Deméter* 153).

440 «cama encordoada»: em rigor, «cama perfurada». Na explicação de S. West, «a cama é perfurada para que uma teia de cordas lhe possa ser presa, por cima da qual ficará o colchão» (Oxf.i, p. 127).

436-444 A cena final do Canto 1 «é memorável: o quarto de dormir adquire algo de especial; as tochas ardentes; o cuidado no despir ao fim de um dia cheio de importância; a ama que conheceu Telémaco desde que nasceu; o trancar da porta; e a longa noite sem dormir, enquanto o jovem reflete sobre a viagem que tem pela frente. Agora, fez-se sentir a mão de um mestre» (Dawe, p. 80).

Canto 2

Quando surgiu a que cedo desponta, a Aurora de róseos dedos,
levantou-se da sua cama o amado filho de Odisseu;
vestindo a roupa, pendurou do ombro uma espada afiada,
e nos pés resplandecentes calçou as belas sandálias.
Ao sair do quarto, assemelhava-se a um deus.
Logo ordenou aos arautos de voz penetrante
que chamassem para a assembleia os Aqueus de longos cabelos.
Aqueles chamaram; e reuniram-se estes com grande rapidez.
Quando estavam já reunidos, todos em conjunto,
Telémaco foi para a assembleia; tinha na mão uma brônzea lança.
Não ia só: dois galgos velozes o acompanhavam.
E admirável era a graciosidade que sobre ele derramara Atena.
À sua passagem todos o olharam com espanto.
Sentou-se no assento de seu pai; os anciãos cederam-lhe o lugar.

Para eles começou depois o herói Egípcio a falar,
um homem vergado pela idade, cuja sabedoria era imensa.
Pois o seu amado filho partira com o divino Odisseu
nas côncavas naus para Ílion de belos cavalos,
Ântifo, o lanceiro, a quem matara o cruel Ciclope
na sua gruta escavada e dele fizera o seu último manjar.

Porém tinha mais três filhos: um dava-se com os pretendentes,
Eurínomo; dedicavam-se os outros dois à lavoura da terra paterna.
Mas era daquele que não se esquecia, triste e preocupado.
Vertendo lágrimas por ele, assim se dirigiu à assembleia:
«Escutai agora, homens de Ítaca, o que tenho para dizer.
Nunca houve a nossa assembleia nem uma sessão
desde que Odisseu divino partiu nas côncavas naus.
Quem nos convoca para aqui agora? Quem sentiu tal necessidade
dentre os homens mais novos ou dentre os mais velhos?
Será que ouviu a notícia de que sobrevirá um exército, notícia
que nos comunicaria com clareza, por ter sido o primeiro a saber?
Ou será outro o assunto público sobre o qual quer discursar?
Parece-me pessoa idónea, abençoada; e que para ele
Zeus cumpra algo de bom, seja qual for o seu intuito.»

Assim falou; e o filho de Odisseu regozijou-se com o que foi dito.
Nem mais tempo ficou sentado, pois fazia tenção de falar.
Pôs-se de pé no meio da assembleia e na mão lhe colocou
um cetro o arauto Pisenor, homem aconselhado e prudente.
Falou agarrando-se em primeiro lugar ao orador idoso.

«Ancião, não está longe aquele homem, como saberás em breve:
<fui eu> que o povo convoquei. Pois muito me oprime a dor.
Nem ouvi notícia alguma de que sobrevirá um exército, notícia

que vos comunicasse com clareza, por ter sido o primeiro a saber,
nem há outro assunto público sobre o qual deseje discursar.
A necessidade é minha, pois sobre a minha casa se abateu
uma dupla desgraça: perdi o nobre pai, que entre vós reinou,
um rei manso, como se fosse vosso pai.
Mas a outra desgraça é pior, pois em breve toda a minha casa
destruirá e a mim tirará os meios de subsistência.
Pretendentes importunam a minha mãe à sua revelia,
filhos amados dos homens que aqui têm mais nobreza.
Receiam dirigir-se a casa do pai dela, Icário,
para que este exija as devidas oferendas nupciais
e dê a filha a quem entender, àquele que mais lhe agradar.
Em vez disso entram e saem de nossa casa dia após dia,
matando bois, ovelhas e gordas cabras;
banqueteiam-se e bebem-nos o vinho frisante
sem moderação. Muitos bens são gastos; e não há um homem,
como fora Odisseu, que consiga afastar da casa a ruína.
Pois nós não podemos; e doravante teremos fama
de sermos desprezíveis e falhos de valor.
Por mim esforçar-me-ia, se tivesse força para isso,
pois foram cometidos atos que ninguém pode aguentar;
nem de forma bonita foi a minha casa arruinada.
Tende vergonha e respeitai aqueles que vivem perto,
os vizinhos! Receai também a cólera dos deuses,
para que eles não vos castiguem, desgostosos com más ações.
Rogo por Zeus Olímpio e por Témis,
que dispersa e convoca as assembleias dos homens,
que vos refreeis, amigos, e que me deixeis o meu luto amargo,

a não ser que o meu pai, o nobre Odisseu,
tenha com má vontade prejudicado os Aqueus de belas cnémides,
e que em retaliação me prejudiqueis agora vós com má vontade,
incitando os pretendentes. Pois para mim melhor seria
que vós mesmos me dizimásseis os tesouros e os rebanhos.
Se fosseis vós a devorar-me tudo, alguma recompensa receberia;
nesse caso dirigir-vos-ia a palavra por toda a cidade,
reclamando os meus haveres, até que tudo me fosse restituído.
Mas agora ao meu coração infligis dores impossíveis.»

Assim falou, furioso, e atirou o cetro ao chão,
sufocado de lágrimas; e a pena dominou todo o povo.
Todos ficaram em silêncio; ninguém teve coragem
de responder a Telémaco com palavras agrestes.
Porém Antínoo deu-lhe a seguinte resposta:

«Telémaco descarado, irreprimível na tua fúria, que vergonhas
nos lançaste à cara! Será que nos queres censurar?
Pois fica sabendo que não são os pretendentes os culpados,
mas a tua querida mãe, ela que sabe muitas astúcias!
Pois já vamos no terceiro ano — em breve virá o quarto —
em que ela engana os corações dos Aqueus.
A todos dá esperança e faz promessas a cada homem,
enviando recados; mas a mente dela volta-se para outras coisas.
Também este outro engano congeminou em seu coração:
colocando um grande tear nos seus aposentos, pôs-se a tecer
(tear amplo, mas de teia fina). Depois veio declarar:

“Jovens, meus pretendentes! Visto que morreu o divino Odisseu,
tende paciência (embora me cobiceis como esposa) até que termine
esta veste — pois não quereria ter fiado a lã em vão —,
mortalha para o herói Laertes, para quando o atinja
o destino deletério da morte irreversível,
para que entre o povo nenhuma mulher aqueia me lance a censura
de que jaz sem pano quem tantos haveres granjeou.”

Assim falou; e o nosso coração orgulhoso consentiu.
Daí por diante também de dia ela tecia no grande tear,
mas de noite desfazia <a trama>, depois que punha as tochas.
Assim durante três anos ocultou o engano e convenceu os Aqueus.
Mas quando sobreveio o quarto ano e voltaram as estações,
uma das mulheres, que sabia claramente, contou-nos o sucedido,
e encontrámo-la a desfazer a trama maravilhosa.
De maneira que a terminou, obrigada, contra sua vontade.
A ti dão os pretendentes a seguinte resposta, para que saibas
em teu coração, e saibam todos os Aqueus:
manda embora a tua mãe e ordena-lhe que se case
com quem o pai quiser e a ela agrade.
Mas se ela continuar mais tempo a provocar os filhos dos Aqueus,
pensando no seu espírito tudo o que Atena lhe concedeu —
o conhecimento de belos lavores, bom senso e astúcias
como nunca se ouviu falar em mulheres antigas, entre aquelas
que foram outrora as mulheres aqueias de belas tranças,

Tiro e Alcmene e Micene da bela coroa;
destas nenhuma pensava de modo semelhante a Penélope.
Mas nisto não pensou ela de modo acertado.
Portanto, devorar-te-ão os meios de subsistência e os haveres
enquanto ela continuar a pensar as coisas que no peito
os deuses lhe colocaram. Grande é a fama que para ela alcançará;
porém a ti só traz carência dos teus muitos haveres.
Nós não iremos para as nossas terras, nem para outro lugar,
até que ela despose aquele dentre os Aqueus
com quem ela quiser <casar-se>.»

A ele deu resposta o prudente Telémaco:
«Antínoo, não é possível pôr fora de casa, à sua própria revelia,
aquela que me deu à luz e me criou, estando alhures meu pai,
vivo ou morto. Seria terrível para mim pagar um avultado preço
a Icário, se de minha vontade mandasse embora minha mãe.
Males sofrerei às mãos do pai, e os deuses enviarão outros,
pois minha mãe ao deixar a casa invocará as Erínias detestáveis.
E da parte dos homens receberei também censuras.
Assim sendo, nunca proferirei tal palavra.
Se o vosso coração se insurge contra estas coisas,
da minha casa devereis sair. Outros festins preparai;
devorando os vossos próprios bens, em casa uns dos outros.
Se no entanto isto vos parecer preferível e melhor
— destruir sem desagravo o sustento de um só homem —
destruí! Mas pela minha parte invocarei os deuses imortais;
e permita Zeus que aconteçam atos de vingança.
Que então pereçais nesta casa sem que haja retaliação!»

Assim falou Telémaco; e para ele Zeus que vê de longe
enviou duas águias a voar dos píncaros de uma montanha.
Durante um tempo voaram ambas, levadas pelas rajadas de vento,
uma ao lado da outra, de asas bem estendidas.
Mas quando sobrevoaram a assembleia repleta de vozes,
esvoaçaram em torvelinho batendo rapidamente com as asas;
e fitaram os rostos de todos, com a morte no seu olhar.
Depois com as garras atacaram-se uma à outra na cabeça
e no pescoço, desviando-se em seguida para a direita,
através das casas e da cidade dos homens ali presentes.
Assim que as avistaram, todos pasmaram ao ver as águias,
e refletiram nos seus corações sobre o que estaria para vir.
Para eles falou então o velho herói Haliterses,
filho de Mastor; da sua geração era quem tinha mais perícia
em compreender os voos das aves e dizê-lo claramente.
E foi assim que lhes falou o herói bem-intencionado:

«Escutai, homens de Ítaca, o que tenho para vos dizer.
Aos pretendentes em especial explico e declaro estas coisas:
para eles rola já uma enorme desgraça; pois Odisseu
não permanecerá longe da família por muito tempo,
mas porventura está perto a semear o destino e a morte
para todos — e será também um flagelo
para muitos dos que habitam em Ítaca soalheira.
Antes que tal aconteça, pensemos como detê-los;
mas eles que desistam, pois para eles isso será preferível.
Não é sem experiência que vos dou esta profecia,
mas com seguro conhecimento; e a Odisseu declaro realizar-se

tudo quanto lhe afirmei, quando embarcaram para Ílion
os Argivos e com eles o astucioso Odisseu:
disse-lhe que depois de muito sofrer, de ter perdido
todos os companheiros, no vigésimo ano regressaria
sem que ninguém o reconhecesse. Tudo isto está para acontecer.»

A ele deu reposta Eurímaco, filho de Pólibo:
«Ancião, vai lá dar profecias aos teus filhos
e volta para casa, não vão eles sofrer algum mal no futuro.
Sobre este assunto as minhas profecias valem mais que as tuas.
Pássaros há muitos que sob os raios do Sol para cá e para lá
voam; nem todos são aves de agoiro. Quanto a Odisseu,
morreu lá longe; e quem me dera que com ele tivesses
também tu morrido! Não estarias com profecias,
a incitar Telémaco na sua fúria, na esperança de obteres
algum favor para a tua casa, se ele assim entendesse.
Agora dir-te-ei uma coisa, coisa que se irá cumprir:
se por saberes muitas coisas antigas incitares
este jovem a sentir-se infeliz e prejudicado,
será para ele em primeiro lugar que surgirão dificuldades;
e pouco logrará alcançar por causa disso.
Agora a ti, ancião, infligiremos um tributo que a teu coração
oprimirá pagar; e amarga será a dor que sentirás.
A Telémaco diante de todos ofereço este conselho:
que ordene a sua mãe o regresso à casa paterna.
Eles lá farão a boda e prepararão muitos presentes,
tantos quantos devem acompanhar uma filha amada.
Não penso que antes disso desistam os filhos dos Aqueus

de fazer a sua corte ingrata, visto que não receamos ninguém,
nem Telémaco, que tantas palavras profere,
nem damos importância às profecias que tu, ancião,
pronunciares: só te farás ainda mais odiado.
Os bens <dele> serão de novo devorados, nem desagravo
haverá, enquanto ela não desistir de adiar para os Aqueus
as suas bodas. Ficaremos à espera todos os dias,
rivalizando por causa da excelência, nem outras
procuramos, as quais ficaria bem a cada um desposar.»

A ele deu resposta o prudente Telémaco:
«Eurímaco e vós outros, orgulhosos pretendentes,
sobre estes assuntos nem imploro nem falo.
Estas coisas já os deuses sabem e todos os Aqueus.
Mas agora dai-me uma nau veloz e vinte companheiros,
que me acompanhem para onde quer que eu vá.
Pois irei até Esparta e para Pilos arenosa,
para me informar sobre o regresso de meu pai ausente;
talvez me fale um homem mortal, ou algum rumor eu oiça
de Zeus, que muitas vezes traz notícia aos homens.
Se acerca da sobrevivência e do regresso alguma coisa eu ouvir,
então, embora aflito, aguentaria mais um ano.
Mas se ouvir dizer que está morto e já não vive —
nesse caso voltarei para a minha terra pátria amada:
um túmulo erigirei e oferecerei as honras fúnebres devidas
com muita abundância, tantas quantas parecer bem;
e minha mãe a novo marido oferecerei.»

Assim dizendo, sentou-se; e no meio deles se levantou

Mentor, que era companheiro do irrepreensível Odisseu,
a quem, ao partir nas suas naus, confiara toda a casa:
ao ancião todos deveriam obedecer; e ele tudo deveria guardar.
Foi ele que com boa intenção lhes dirigiu a palavra:

«Escutai agora, homens de Ítaca, o que tenho para dizer.
Doravante não seja manso e bondoso de sua vontade
nenhum rei detentor de cetro, nem pense coisas justas,
mas seja antes áspero e pratique atos de maldade,
visto que ninguém se lembra do divino Odisseu
entre o povo que ele regia, bondoso como um pai.
Não levo a mal aos orgulhosos pretendentes
o facto de praticarem a violência na má vontade da sua mente.
Põem as suas próprias vidas em risco ao dizimarem
com violência a casa de Odisseu, que dizem jamais regressar.
Mas agora é o resto do povo que censuro, o modo como todos
vos sentais em silêncio; nem, abordando-os com palavras,
os poucos pretendentes refreais, sendo vós muitos.»

A ele deu resposta Liócrito, filho de Evenor:
«Mentor ridículo, fraco de espírito, que coisa foste dizer,
incitando-nos a que <os> refreemos? É difícil
para muitos homens lutar nem que seja por um jantar!
E se o próprio Odisseu, o Itacense, se lançasse contra
os orgulhosos pretendentes banqueteando-se em sua casa,
e da grande sala escorraçá-los desejasse em seu coração,
não se alegraria a sua mulher, embora dele precisasse,
com a sua vinda: pois logo ali ele encontraria a morte,
se combatesse contra um número maior.

Tu não falaste segundo o que está destinado!
Mas agora que parta cada um para as suas terras;
que Mentor ou Haliterses lhe incentivem a viagem,
visto que são há muito amigos da sua casa paterna.
Por mim julgo que notícias serão as que ouvirá aqui sentado,
em Ítaca: não acredito que empreenda esta viagem.»

Assim falou, dissolvendo rapidamente a assembleia.
Dispersaram-se, cada um para a sua casa;
os pretendentes voltaram para o palácio do divino Odisseu.

Telémaco afastou-se em direção à orla do mar
e, tendo banhado as mãos no mar cinzento, invocou Atena:
«Ouve-me, tu que como deus hesterno vieste a nossa casa
e me ordenaste ir numa nau sobre o mar brumoso
para me informar sobre o regresso de meu pai há muito
desaparecido. Os Aqueus impedem todas as coisas,
sobretudo os pretendentes, maldosamente arrogantes.»

Assim foi a sua prece; e Atena aproximou-se dele,
semelhante a Mentor no corpo e na voz,
e falando-lhe proferiu palavras apetrechadas de asas:
«Telémaco, de futuro nem cobarde nem tolo serás,
se na verdade a coragem de teu pai se insuflou em ti,
pois ele era homem para cumprir ato e palavra:
a tua viagem não será infrutífera nem incumprida.
Mas se não fores filho dele e de Penélope,
não espero que alcances aquilo que tanto desejas.
Poucos são os filhos semelhantes ao pai:

a maior parte são piores; só raros são melhores que o pai.
Mas visto que de futuro nem cobarde nem tolo serás,
nem de todo te abandonou a inteligência de Odisseu,
há esperança de que tenhas êxito nestas ações.
Afasta de ti a vontade e o pensamento dos pretendentes,
homens desaconselhados, nem sensatos nem justos.
Não sabem da morte e do negro destino
que deles está já perto: morrerão todos num só dia.
Para ti não será adiada a viagem que tanto almejas;
de tal forma sou amigo da tua casa paterna que equiparei
uma nau veloz e acompanhar-te-ei em pessoa.
Mas agora regressa a casa e junta-te aos pretendentes,
prepara provisões nos recipientes que lhes são próprios:
vinho em ânforas; e cevada, que é tutano dos homens,
em fortes alforges; e eu entre o povo companheiros
reunirei que se ofereçam como voluntários. Naus há
em abundância em Ítaca rodeada pelo mar, novas e velhas.
Destas escolherei para ti a mais apropriada:
depressa a prepararemos e largaremos para o alto-mar.»

Assim falou Atena, filha de Zeus; nem por mais tempo
se atrasou Telémaco, depois que ouviu a voz da deusa.
Caminhou para casa, triste no seu coração.
No seu palácio encontrou os arrogantes pretendentes
esfolando cabras e chamuscando porcos no pátio.
Rindo-se, Antínoo veio direito a Telémaco:
apertou-lhe a mão e dirigiu-se-lhe pelo nome:

«Telémaco, arrogante orador, irreprimível na coragem,

não admitas no peito ação ou palavra má,
mas come e bebe, como até aqui <fizeste>.
Todas essas coisas os Aqueus te fornecerão,
uma nau e remadores escolhidos, para que depressa chegues
à sagrada Pilos para te informares sobre o teu pai.»
A ele deu resposta o prudente Telémaco:
«Antínoo, é impossível na vossa arrogante companhia
comer sossegado e animar-me de bom grado.
Não basta que no passado me tenhais dizimado muitos e valiosos
bens, ó pretendentes, enquanto eu era ainda criança?
Agora que sou grande e é ouvindo as palavras de outros
que me informo e o coração se me incha no peito,
tentarei ver como concretizar para vós um destino funesto,
quer indo para Pilos, quer aqui entre este povo.
Irei pois! Nem será vã a viagem de que falo, embora navegue
como passageiro: é que não possuo nau nem remadores —
a situação, creio, que mais vos convém.»

Assim dizendo, tirou levemente a mão da de Antínoo.
Os pretendentes ocupavam-se em toda a casa com o jantar.
Troçavam dele e amesquinhavam-no com as suas palavras.
Deste modo falava um dos jovens arrogantes ali presentes:

«Telémaco está decerto a planear assassinar-nos.
Trará alguns ajudantes de Pilos arenosa,
ou então de Esparta, de tal maneira está fora de si.
Ou talvez queira ir a Éfire, essa terra tão rica,
para de lá trazer poções mortíferas,

que depois porá numa taça para nos matar a todos.»

Outro dos jovens arrogantes assim dizia:
«Quem sabe se, indo também ele na côncava nau,
não perecerá errante, longe dos amigos, como Odisseu?
Só que dessa maneira ainda nos criaria mais dificuldades,
pois teríamos de dividir todos os seus bens e dar
o palácio à mãe e a quem com ela se casasse.»

Assim falavam; mas Telémaco foi à alta câmara de tesouro
de seu pai, ampla, onde jazia amontoado o ouro e o bronze;
havia vestimentas em arcas, e quantidades de perfumado azeite.
Aí estavam também grandes jarros de vinho velho e doce,
bebida divina, livre de qualquer mistura;
os jarros estavam junto à parede, para o caso de Odisseu
regressar um dia a casa, depois de terríveis sofrimentos.
Do lado de fora, as portas duplas fechavam com segurança;
e uma governanta andava por lá de dia e de noite,
ela que tudo guardava com mente sabedora,
Euricleia, filha de Ops, filho de Pisenor.
Foi a ela que Telémaco falou, chamando-a para a câmara.

«Ama, tira-me vinho para alguns jarros, vinho doce,
que seja o mais agradável depois daquele que guardas
à espera daquela vítima do destino, se é que de alguma parte
chegará Odisseu criado por Zeus, tendo escapado à morte.
Enche doze jarros e apetrecha todos com tampas.
Põe-me cevada em alforges bem cosidos
e vinte medidas de cevada moída.

Mas fica só tu sabendo. Junta todas estas coisas.
Ao cair da noite virei buscar tudo, quando a minha mãe
subir para os seus aposentos, pensado em dormir.
Pois irei a Esparta e a Pilos arenosa para me informar
sobre o regresso do pai amado, se é que ouvirei alguma coisa.»

Assim falou. Soltou um grito a ama querida Euricleia,
que lamentando-se lhe dirigiu palavras apetrechadas de asas:
«Que ideia foi essa, querido filho, que te veio à cabeça?
sozinho e bem-amado? Pois ele pereceu longe da terra pátria,
Odisseu criado por Zeus, em terra estrangeira.
E estes homens, assim que te fores, vão planear maldades,
como matar-te à traição, para dividirem todos estes bens.
Não, fica aqui, junto do que é teu; não tens necessidade
de passar por sofrimentos no mar nunca vindimado.»
A ela deu resposta o prudente Telémaco:
«Anima-te, ama, pois este plano não surgiu sem um deus.
Mas jura-me nada dizeres à minha mãe querida,
antes que chegue o décimo primeiro ou o décimo segundo dia,
ou quando ela der pela minha falta ou ouvir que parti,
para que não desfigure o belo rosto com prantos.»

Assim disse, e a anciã jurou um solene juramento pelos deuses.
Mas depois de ter jurado e terminado o juramento,
logo de seguida lhe tirou o vinho em jarros,
e pôs a cevada em alforges bem cosidos.
Telémaco voltou para a sala e juntou-se aos pretendentes.

Então pensou outra coisa a deusa de olhos garços Atena.

Semelhante a Telémaco, percorreu toda a cidade,
e aproximando-se de cada homem proferia o seu discurso,
dizendo que se deveriam reunir ao cair da noite junto à nau veloz.
A Noémon, o brilhante filho de Frónio, pediu
uma nau veloz; este prometeu-lha de boa vontade.

Agora já se pusera o Sol e as ruas estavam escuras.
A deusa arrastou a nau veloz para o mar e nela pôs
todo o equipamento, que levam as naus bem construídas.
Fundeou-a à entrada do porto; perto estavam reunidos
os nobres companheiros e a deusa incitou cada um.

Então pensou outra coisa a deusa de olhos garços Atena.
Foi para o palácio do divino Odisseu.
Aí derramou o doce sono sobre os pretendentes:
levou as suas mentes a vaguear enquanto bebiam
e tirou-lhes bruscamente as taças das mãos.
Por toda a cidade procuraram dormir, e não por muito tempo
ficaram sentados, pois o sono lhes caía sobre as pálpebras.

Mas a Telémaco falou Atena de olhos garços,
chamando-o para fora do bem construído palácio,
semelhante a Mentor no corpo e na voz.
«Telémaco, já os teus companheiros de belas cnémides
estão sentados ao remo, aguardando as tuas ordens.
Vamos, para que não atrasemos mais a viagem.»

Assim dizendo, indicou o caminho Palas Atena

rapidamente; e ele seguiu no encalço da deusa.
E quando chegaram à nau, ao mar,
encontraram na praia os companheiros de longos cabelos.
Para eles falou a força sagrada de Telémaco:
«Vinde, amigos, levemos as provisões; está tudo reunido
no palácio, embora a minha mãe não saiba de nada,
nem nenhuma das escravas, a não ser uma, que me ouviu.»

Assim dizendo, indicou o caminho; os outros seguiram-no.
Trouxeram tudo para colocar na nau bem construída,
do modo como ordenara o querido filho de Odisseu.
Então Telémaco embarcou na nau; Atena foi à frente
e sentou-se na proa; junto dela se sentou Telémaco.
Os outros largaram as amarras e, embarcando,
sentaram-se nos bancos dos remadores.
Para eles fez soprar Atena de olhos garços um vento favorável,
um alto Zéfiro a cantar sobre o mar cor de vinho.
E Telémaco chamou os companheiros, incitando-os
a manejar os instrumentos náuticos; eles seguiram a sua voz.
Levantaram o mastro de pinheiro para a sua posição
e ajustaram-no com cordas na concavidade própria;
alçaram também a vela com correias torcidas de couro.

O vento inchou o centro da vela e as ondas de púrpura
cantaram em redor da nau em movimento,
que por cima das ondas apressava o seu caminho.

Depois de terem apertado bem as cordas da escura nau veloz,
prepararam taças repletas até cima de vinho

e ofereceram libações aos deuses que são para sempre,
em especial à filha de Zeus de olhos garços.
Toda a noite, pela Aurora dentro, a nau seguiu o seu percurso.

Notas ao Canto 2

1 «Quando surgiu a que cedo desponta, a Aurora de róseos dedos»: um dos versos mais célebres da poesia homérica, que ocorre 20 vezes na *Od*., mas somente duas vezes na *Il*. O som em grego é especialmente eufónico: *êmos d'êrigéneia phánê rhododáktulos Êôs*.

3-5 = 4.308-310.

6-8 Versos inspirados em *Il*.2.50-2, 442-4.

7 «Aqueus de longos cabelos»: ver 1.90*.

11 «dois galgos velozes»: à letra, «dois cães velozes» (o adjetivo traduzido por «velozes» é *argós*, que comentámos a propósito de 1.38*). Na ed. de Oxford, lemos «dois cães de patas velozes», uma variante antiga.

15 «Egípcio»: trata-se de um nome muito antigo, que já se encontra registado em Linear B, e em relação ao qual os especialistas colocam duas alternativas: ou se trata de uma reminiscência remota da época micénica; ou o nome reflete a comunicação reaberta com o Egito que passou a ser possível a partir de meados do século VII, facto que se nota no claro fascínio pelo Egito que lemos no poema (e mormente na Telemaquia). S. West lembra sugestivamente a caraterização do arauto de Odisseu, Euríbates, em 19.246 («pele negra, cabelo crespo»), levantando a questão de possíveis contactos imaginados pelo poeta entre Ítaca e o Norte de África.

19 «Ântifo»: o poeta esquecer-se-á depois de que esta personagem serviu de jantar ao Ciclope e apresenta-no-la, ilesa, a jantar em Ítaca, em 17.68. Note-se que, no episódio do Ciclope (Canto 9), não se refere nenhuma personagem chamada «Ântifo».

27 «Odisseu divino»: esta fórmula (*dîos Odusséus*) ocorre 77 vezes na *Od*., mas só neste verso lemos o adjetivo «divino» a seguir a «Odisseu» (*Odusséus dîos*).

32 «Ou será outro o assunto público sobre o qual quer discursar?»: à letra, «será que sobre outro assunto público ele presta declarações [*piphaúsketai*] e discursa?».

36 «Nem mais tempo»: a expressão adverbial «nem mais tempo» (*oud' ar' éti dên*) ocorre quase sempre em fim de verso; este é o único caso na *Od*. em que surge no início.

38 «Pisenor»: personagem que tem aqui a sua única aparição no poema.

41 «<fui eu> que o povo convoquei»: estas palavras causam estranheza em grego, porque o poeta parece estar a inventar um digama (no início da forma *êgeira*) desconhecido dos linguistas, mas sem o qual o verso fica metricamente errado.

43 «comunicasse»: em 31 lêramos o optativo (*eípoi*, «comunicaria»), o modo correto nesta construção, que agora dá lugar ao incorreto conjuntivo (*eipô*, «comunicasse»), só porque a forma correta, agora na 1.ª pessoa do singular (*eípoimi*), já não caberia no verso.

50 «Pretendentes importunam a minha mãe à sua revelia»: é a primeira vez que temos a indicação explícita de que Penélope está desagradada com a corte que lhe é feita pelos pretendentes, mas esta noção será logo contraditada em 91-92. A forma verbal devia, à letra, ser traduzida por «pretendentes têm vindo a importunar a minha mãe». Não é possível reproduzir na tradução a aliteração com que o verso abre: ***m***ê*t*é*r*i ***m***o*i* ***m***nêstêres.

51 «filhos amados dos homens que aqui têm mais nobreza»: este verso levanta o véu de um problema que percorre toda a *Od*. Quantos são os pretendentes? São somente Itacenses, ou são também naturais de outras terras? As palavras de Telémaco parecem dar a entender aquilo que já na Antiguidade alguns comentadores suspeitavam (cf. Dawe, p. 95): originalmente, os pretendentes seriam apenas 12 e todos naturais de Ítaca: por outras palavras, os 12 Itacenses referidos em 16.251. As sucessivas reformulações de que a narrativa foi alvo inflacionaram este número até 108 pretendentes, de várias proveniências.

53 «para que este exija as devidas oferendas nupciais»: o verbo raríssimo *eednóô* (que só corre aqui na poesia homérica) levanta os mesmos problemas referidos em 1. 272-305*. Consoante o ponto de vista, o verbo pode ser entendido como tendo o sentido de «exigir oferendas nupciais» ou de «dar oferendas nupciais». Dawe (p. 95) defende o primeiro ponto de vista; S. West (Oxf.i, p. 133), o segundo.

54 «e dê a filha a quem entender, àquele que mais lhe agradar»: o pronome traduzido por «lhe» é masculino e refere-se, portanto, ao pai de Penélope. (Embora a ideia, vigente nalgumas sociedades modernas, de que é mais importante o noivo agradar à noiva do que ao pai da noiva não fizesse parte da mundividência homérica, mesmo assim a confluência da vontade de pai e filha estará presente em 114, e, em 128, parece ser claro que a escolha cabe a Penélope. A este propósito, notamos a mesma incoerência na conceção dos protocolos do casamento que verificamos a respeito da questão do dote.)

57 «vinho frisante»: na *Il*. e na *Od*., o vinho é amiúde descrito como sendo *aîthops*, adjetivo que, na bibliografia anglo-saxónica, é tradicionalmente traduzido neste contexto como *sparkling*, por ser esse o sentido associado a «vinho» na entrada referente à palavra no dicionário de LSJ. No entanto, o Suplemento de 1996 do mesmo dicionário eliminou o sentido de *sparkling*, propondo apenas a tradução ligada à etimologia da palavra, «ardente», «avermelhado». Para todos os efeitos, a fórmula traduzir-se-ia para português como «vinho tinto».

64 «nem de forma bonita foi a minha casa arruinada»: duas palavras do futuro (ocorrências únicas na poesia homérica) chamam aqui a nossa atenção na boca de Telémaco: o advérbio *kalôs* («de forma bonita», «bem», palavra ubíqua na literatura grega pós-homérica); e o verbo *dióllumi* («arruinar»), que encontraremos mais tarde em Empédocles, Sófocles, Eurípides e Platão.

78 «até que»: uma excentricidade linguística a acrescentar às demais no discurso de Telémaco é o facto de o advérbio com o significado de «até que» (*héôs*), que conta sempre como monossílabo na poesia homérica, ser aqui escandido como dissílabo (U —).

81 «sufocado de lágrimas»: Telémaco sai ao pai (também) no facto de ser choramingão (ver 8.86-88, 521-531). No entanto, o herói homérico mais chorão de todos é Aquiles na *Il*. (logo desde *Il*.1.349).

88 «ela que sabe muitas astúcias»: ou, em alternativa, «ela que sabe muitas coisas vantajosas».

89 «já vamos no terceiro ano»: em 107, dir-se-á que é o quarto ano.

94 «colocando um grande tear nos seus aposentos»: a história da teia de Penélope é dos temas mais famosos da literatura grega, mas quem empreende a leitura da *Od*. na esperança de o poema dar ao episódio um destaque consentâneo com a sua receção posterior ficará necessariamente com um sentimento de desilusão. O tema é referido três vezes (depois desta, em 19.137-156 e 24.128-146), mas sempre como algo que já está no passado e sem integração orgânica na narrativa. Como escreveu F. Wehrli, «a relação direta da pressão sob a qual Penélope se encontra e a sua famosa façanha é obviamente uma improvisação, cuja finalidade é agudizar dramaticamente a situação presente para assim despertar a expectativa de uma resolução iminente, sem que [a história da teia de Penélope] tenha qualquer importância além deste momento» («Penelope und Telemachus», *Museum Helveticum* 16 [1959], pp. 228-237; a frase citada é da p. 230). A questão curiosa de ser uma mortalha para o sogro que Penélope está a tecer (e não, como seria de esperar, o tecido para fazer o vestido de noiva) também tem suscitado a atenção dos estudiosos (cf. Dawe, p. 98). Sobre todas as questões suscitadas por este motivo na *Od*., ver Rocha Pereira, «A teia de Penélope», *Grécia Antiga*, pp. 165-177.

99 «mortalha»: a palavra correspondente grega é, em rigor, um adjetivo (*taphêïos*). Em 102, temos uma palavra mais genérica: *speîron* («pano»).

104-105 «Daí por diante também de dia ela tecia no grande tear, / mas de noite desfazia <a trama>, depois que punha as tochas»: versos que contêm duas estranhezas linguísticas. A primeira é a palavra que, em desespero de causa, traduzi por «também», embora o seu sentido aqui seja impossível de estabelecer ao certo (trata-se da palavra *kaí*, que pode significar «e» e «também», mas que neste caso não significa, em rigor, nem uma coisa nem outra: ver Dawe, p. 99). A segunda palavra estranha é a que traduzi por «depois que»: trata-se da conjunção (considerada pós-homérica por vários linguistas: cf. Oxf.i, p. 138) *epên*, que na *Il*. ocorre apenas numa passagem suspeita (1.168: cf. S. Pulleyn, *Homer: Iliad I*, Oxford, 2000, p. 171) e que, na *Od*., ocorre aqui e em 1.293, onde pelo menos é seguida do modo verbal certo (conjuntivo), o que não é o caso no presente verso (cujo verbo, *paratheîto*, está no optativo). Por isso, alguns manuscritos («poucos», segundo informa o aparato crítico da ed. de Estugarda) registam, em vez de *epên*, *epeí*. Segundo P. Chantraine, as raríssimas ocorrências de *epên* na poesia homérica são «sempre suspeitas» (*Grammaire Homérique*, Vol. I, Paris, 1958, p. 397).

114 Ver 54*.

120 «Tiro e Alcmene e Micene da bela coroa»: Tiro era mãe de Pélias e de Neleu (filhos cujo pai era o deus do mar, Posídon) e mãe também de filhos legítimos como Éson e Feres, pelo que era vista como avó e bisavó de alguns dos mais conhecidos heróis gregos (desde logo Nestor, que encontraremos no canto seguinte). Alcmene (= Alcmena) era mulher de Anfitrião e, da relação extraconjugal com Zeus, mãe de Héracles. Sobre Micene (fi gura relacionada com Micenas) nada se

sabe, além de que era filha de Ínaco e mãe de Argos. Não é fácil entender a motivação por trás da menção destas três mulheres no discurso de Antínoo.

124-125 «enquanto ela continuar a pensar as coisas que no peito / os deuses lhe colocaram»: debate-se desde um célebre livro de Bruno Snell (*Die Entdeckung des Geistes*, Göttingen, 1946; traduzido para português com o título *A Descoberta do Espírito*, Lisboa, 1992) sobre se as personagens homéricas têm volição própria ou se, pelo contrário, são meros joguetes nas mãos dos deuses, que são a origem de todos os pensamentos que ocorrem à mente humana. Na verdade, o debate assenta num equívoco, porque aquilo que se verifica na poesia homérica é que o poeta vê as ações e os pensamentos humanos como 100 por cento decorrentes da volição humana e, ao mesmo tempo, 100 por cento decorrentes da volição divina, sem que nisso haja qualquer paradoxo matemático. Em síntese: «Antínoo responsabiliza Penélope pela sua atitude intransigente, mas, ao mesmo tempo, parte do princípio de que foram os deuses a levarem-na a ter tal atitude» (Dawe, p. 100).

128 Ver 54*.

132-133 «Seria terrível para mim pagar um avultado preço / a Icário»: a ideia de que Telémaco teria de indemnizar o avô pelo dote da mãe lança mais um elemento de confusão nesta questão já de si confusa. Ver 1.272-305*.

134 «do pai»: em grego, *toû patrós*. Esta expressão, de aparência tão inocente, levanta o enorme problema de nos colocar perante o uso do artigo definido próprio do grego pós-homérico (na poesia homérica vemos, na esmagadora maioria dos casos, o valor original daquilo a que chamamos «artigo definido», ou seja, do pronome demonstrativo. No presente caso, não há maneira de interpretarmos *toû* como pronome demonstrativo).

151 «batendo rapidamente com as asas»: uma tradução alternativa seria «batendo cerradamente [*pukná*] as asas».

154 «da cidade dos homens ali presentes»: à letra, «da cidade deles [*autôn*]».

155 «todos pasmaram ao ver as águias»: o portento das duas águias tem suscitado pasmo também aos diferentes comentadores do poema, já desde as épocas helenística e bizantina. O facto de serem duas águias apontaria, à partida, para um portento referente a Odisseu e Telémaco; mas o portento é depois interpretado por Haliterses como referindo-se somente a Odisseu (ver o portento de uma só águia referente a Odisseu em 15.160-161). Também é estranho serem as águias a atacarem-se uma à outra (e não atacarem qualquer outra ave ou animal, como é costume nos portentos com águias na literatura grega e, aliás, na própria *Od*., não só em 15.161, mas também no sonho de Penélope, em 19.538-540). Por fim, é dito que elas se desviam para a direita, mas não se explicita se é à direita de Telémaco (portento favorável para ele) ou à direita dos pretendentes (portento favorável para eles).

165-166 «está perto a semear o destino e a morte / para todos»: a interpretação que Haliterses dá ao portento das águias – Odisseu está perto – deixa-nos entrever uma versão anterior da *Od*. em que a assembleia acontecia com Odisseu já incógnito em Ítaca. Note-se que, na literatura grega, não há falsos profetas. Faz parte do entendimento poético da função do profeta na literatura grega pô-lo sempre a dizer verdades (e não falsas profecias). Haliterses pode ser visto, assim, como uma

importação de outra *Od*. para a nossa, sem que todos os acertos necessários tenham sido feitos para o acomodar ao novo contexto. Repare-se, ainda, que a profecia aparentemente falsa de Haliterses se coaduna com a de Helena em 15.177-178.

167 «Ítaca soalheira»: o adjetivo *eudeíelos* (que não ocorre na *Il*.) é frequentemente aplicado pelo poeta da *Od*. a Ítaca. Não se sabe ao certo o seu significado: talvez «nítido» (a partir de *dêlos*, «bem visível», «bem evidente»; cf. «nítida» aplicada a Brasília por Sophia de Mello Breyner Andresen no seu poema «Brasília» do livro *Geografia*; ou «nítido» indiretamente aplicado a Lagos em «Lagos II», *O Nome das Coisas*). Outra possibilidade é «soalheira» (Dawe, p. 103).

175 «no vigésimo ano»: é a primeira vez no poema que nos é dito há quanto tempo Odisseu está ausente de Ítaca.

179 «volta para casa»: também Édipo, furioso com a profecia verdadeira de um homem a quem ele chama «falso profeta», dirá o mesmo a Tirésias na obra-prima de Sófocles, *Rei Édipo* (430-431). A acusação que Eurímaco lança contra Haliterses de ele profetizar o que lhe convém por ganância económica também será lançada por Édipo contra Tirésias (*Rei Édipo* 388-389).

195-197 A impressão de redundância que aqui colhemos deve-se ao facto de já conhecermos estes versos de 1.276-278 (mas também é preciso sublinhar que eles se adequam melhor ao presente contexto).

206 «por causa da excelência»: a expressão *heíneka tês aretês* admite duas interpretações, ambas problemáticas. A primeira tem de pressupor o uso anacrónico do artigo definido e referir-se-á, assim, à «excelência» (*aretê*) no sentido de «ambição de ser o melhor [*áristos*]» dos pretendentes; a segunda assenta no entendimento muito artificial, na frase tal como ela foi composta, de *tês* como pronome referente a Penélope: «por causa da excelência dela».

212-223 Cf. 1.279-292.

212 «Mas agora dai-me uma nau veloz e vinte companheiros»: solicitar uma nau com uma tripulação de vinte companheiros aos homens que são os inimigos figadais de quem solicita e com quem o solicitador está a ter uma violenta discussão em público afigura-se, de facto, «uma absurdeza» (Dawe, p. 105).

214 «irei até Esparta»: a ideia de ir até Esparta, na nossa *Od*., aparece na boca de Atena em 1.285*, mas havia outras versões em que o itinerário sugerido por Atena era Creta. Assim sendo, a viagem a Esparta seria sugerida em primeira mão por Nestor em 3.317.

225 «Mentor»: tirando este momento, Mentor na *Od*. é sempre Atena disfarçada. Esta é a sua única aparição *in propria persona* na *Od*.

226 «a quem, ao partir nas suas naus, confiara toda a casa»: outro vestígio de uma versão da *Od*. diferente da nossa, onde tal incumbência não cabe, de forma alguma, na narrativa.

241 «poucos pretendentes»: o problema das diferentes pressuposições no poema quanto ao número de pretendentes levanta-se de novo aqui (ver 51*). A resposta a Mentor dada por Liócrito nos versos seguintes parece dar a entender que os pretendentes não são assim tão poucos (mas ver 245*). Em 3.212, Nestor dirá que são «muitos» (*polloî*) pretendentes.

242 «Liócrito»: o discurso de Mentor dirigira-se aos Itacenses, mas a resposta é dada por Liócrito, identificado em 22.294 como um dos pretendentes e que, num ato de justiça dir-se-ia «poética», será morto por Telémaco. Paradoxalmente, no presente momento da narrativa, Liócrito fala como se não pertencesse ao número dos pretendentes («incitando-nos a que os refreemos»).

245 «para muitos homens»: a ed. de Estugarda regista no seu aparato crítico a existência de uma variante antiga que dava a ler esta expressão com o sentido contrário: «para poucos homens».

246 «Odisseu, o Itacense»: uma obviedade que é também uma raridade no poema; Odisseu só é chamado *Odusseus Ithakêsios* em mais uma passagem (22.45).

257 «dissolvendo rapidamente a assembleia»: pelos vistos, qualquer pessoa podia dissolver a assembleia, tal como qualquer pessoa a podia convocar (é o que inferimos por dedução lógica de 2.28).

261 «mar cinzento»: o mar é várias vezes apelidado de «cinzento» na *Il*. e na *Od*., por vezes de forma (para nós) incongruente, como em *Il*.1.349-350: «sentou-se / na praia junto ao mar cinzento, olhando para o mar cor de vinho».

262 «deus hesterno»: em grego, *khthizós theós* («deus hesterno», isto é, «deus de ontem»).

263 «mar brumoso»: o adjetivo *êeroeidês* («brumoso»), que só ocorre duas vezes na *Il*., é aplicado ao mar e a outras realidades marítimas na *Od*. (como grutas e rochedos).

265 «Os Aqueus impedem todas as coisas»: o sentido desta frase não é claro (pois, para já, ninguém está a impedir nada), tanto mais que admite também a tradução «os Aqueus gastam [*diatríbousi*] todas as coisas».

268 «semelhante a Mentor no corpo e na voz»: no dia anterior, Atena disfarçara-se de «Mentes». O papel por ela desempenhado nesta parte da Telemaquia levou ao sentido que passou a dar-se à palavra «mentor».

269 «palavras apetrechadas de asas»: ver 1.122*.

273 «a tua viagem não será infrutífera nem incumprida»: finda a viagem de Telémaco, teremos dificuldade em perceber se deu algum fruto ou se cumpriu alguma coisa.

290 «ânforas»: trata-se da palavra antiquíssima *amphiphoreús*, já registada em Linear B.

292 «voluntários»: em grego, *ethelontêres*. Única ocorrência da palavra na literatura grega.

299-300 «No seu palácio encontrou os arrogantes pretendentes / esfolando cabras e chamuscando porcos no pátio»: os dois versos parecem não colar. Por um lado, surpreende que, com tantos escravos disponíveis, estes jovens aristocratas tenham este tipo de *hobbies* (quando os conhecemos pela primeira vez, no Canto 1, estavam a jogar aos dados e a ouvir música). Por outro lado, «no seu palácio» implica *dentro* do palácio: encontrar os pretendentes *dentro* do palácio a esfolar cabras *fora* do palácio parece contraditório. Ver 322*.

302 «apertou-lhe a mão»: este extraordinário aperto de mão dura até 321.

303 «coragem»: a palavra *ménos* pode significar também «força».

305 «come e bebe»: na ed. de Oxford, «come e bebe comigo».

313 «ó pretendentes»: a fala começara com o vocativo «Antínoo». É importante não esquecer que Antínoo ainda está a apertar a mão de Telémaco.

315 «coração»: a palavra *thumós* tem muitos sentidos possíveis (ver Rocha Pereira, *Estudos*, pp. 123-124); aqui uma alternativa seria «fúria».

317 «quer indo para Pilos, quer aqui entre este povo»: este verso já foi considerado inautêntico na Antiguidade. A alternativa de ficar em Ítaca quando o que Telémaco está a dizer é que fará a viagem não faz sentido.

322 «Os pretendentes ocupavam-se em toda a casa com o jantar»: verso considerado inautêntico por Aristófanes de Bizâncio e por Aristarco, já que não seria a função dos jovens aristocratas fazerem o trabalho dos escravos. Ver 299-300*.

323 «Troçavam»: o verbo *epilôbeuô* ocorre somente aqui em toda a literatura grega.

337-338 «Telémaco foi à alta câmara de tesouro / de seu pai»: à letra, «Telémaco desceu à alta câmara de tesouro». Nos palácios micénicos, havia armazéns subterrâneos, que ajudavam a manter o que lá era guardado a salvo do calor (cf. Oxf.i, p. 151).

347 «Euricleia»: a personagem parece estar a ser apresentada pela primeira vez; já a conhecêramos em 1.428.

351 «daquela vítima do destino»: em grego, *keînon tòn kámmoron*, onde o uso raríssimo na poesia homérica do artigo com o pronome demonstrativo chama a atenção.

352 «Odisseu criado por Zeus»: o adjetivo *diogenês* é frequentemente aplicado a Odisseu na *Od*. (no vocativo aparece 15 vezes numa fórmula que ocupa o verso inteiro e que encontraremos pela primeira vez em 5.203; a mesma fórmula ocorre sete vezes na *Il*.). O seu sentido literal é «nascido de Zeus», mas o significado que parece ter na poesia homérica, aplicado a reis, é «designado por Zeus», «apoiado por Zeus» (ver dicionário de LSJ).

365 «sozinho e bem-amado»: embora seja natural ver aqui uma alusão ao facto de Telémaco ser filho único, em rigor isso não está explícito no texto.

367-368 As palavras da ama constituem um *spoiler* em relação ao que vai acontecer no Canto 4.

370 «mar nunca vindimado»: ver 1.72*.

374 «antes que chegue o décimo primeiro ou o décimo segundo dia»: não seria só a segregação entre homens e mulheres nas classes mais altas a justificar esta previsão por parte de Telémaco de que poderia demorar quase duas semanas até que a mãe desse pela sua falta. Como veremos em 4.639-640, a sua ausência do palácio por algum período poderia ser vista como tendo por motivo uma visita do jovem príncipe às partes mais rurais de Ítaca.

382 «Então pensou outra coisa a deusa de olhos garços Atena»: verso formular:

2.382 = 2.393 = 4.795 = 6.112 = 18.187.

386 «Noémon, o brilhante filho de Frónio»: o adjetivo *phaídimos* (normalmente traduzido por «glorioso») significa, à letra, «reluzente» e é uma palavra usada na literatura grega para qualificar a beleza do corpo masculino (ver os exemplos no dicionário de LSJ). Este Noémon – pelo menos na sua caraterização linguística – não só tem membros reluzentes como é bem-dotado em termos

mentais, já que tanto o seu nome como o do pai (Frónio) significam «Pensador». No entanto, malgrado tanta inteligência congénita, será uma iniciativa desastrada dele que revelará aos pretendentes a viagem de Telémaco em 4.630-637.

388 = 3.487 = 3.497 = 11.12* = 15.185 = 15.296 = 18.471.

393 Ver 382*. A repetição do mesmo verso com um afastamento de apenas dez versos causa incómodo a alguns comentadores (Dawe, p. 119; Oxf.i, p. 154). O incómodo já é antigo, pois este verso é omitido num papiro helenístico e em dois manuscritos bizantinos da *Od*.

402-403 «os teus companheiros de belas cnémides / estão sentados ao remo»: na verdade, ainda estão à espera na praia, como veremos em 408. O epíteto *eüknêmides* («de belas cnémides») é apenas uma palavra de encher. No tocante à tripulação de Telémaco, não faz qualquer sentido, embora possa fazer sentido aplicado à tripulação de Odisseu, composta por veteranos da Guerra de Troia (como é o caso em 9.60, 550; 10.203; 23.319).

407 Verso omitido num papiro helenístico e nalguns manuscritos bizantinos, e apresentado entre parênteses retos como inautêntico na ed. de Estugarda (embora não na de Oxford).

408 «companheiros de longos cabelos»: os cabelos compridos são normalmente associados ao etnónimo «Aqueus». Nalguns manuscritos da *Od*. os copistas não resistiram ao poder de associação das palavras e escreveram mesmo «Aqueus».

409 «Para eles falou a força sagrada de Telémaco»: a expressão «força sagrada de Telémaco» é uma perífrase cujo significado é simplesmente «Telémaco». Encontraremos uma fórmula análoga usada para o rei Alcínoo (7.167, etc.) e até para Antínoo, o pretendente malvado (18.34). É de admitir que a fórmula tenha a sua origem em tempos antiquíssimos, talvez como título sagrado da realeza micénica (Oxf.i, p. 155). A sua aplicação a Telémaco («claramente não tem nada a ver com a força de Telémaco, muito menos com a sua sacralidade» [Dawe, p. 121]) e Antínoo não faz qualquer sentido e justifica-se apenas pelo facto de o desenho métrico dos nomes se adaptar à fórmula, originalmente pensada para outros nomes completamente diferentes.

410-413 O poeta parece ter-se esquecido de que a (agora literalmente) «força sagrada» de Atena já levara tudo para a nau em 389-390.

421 «Zéfiro»: a beleza poética da palavra neste verso lindíssimo não nos deve cegar para o problema de um vento de sudoeste não ser ideal para uma nau a navegar em direção a sudeste (Dawe, p. 122). Sobre «mar cor de vinho», ver 1.183*.

427 «ondas de púrpura»: cf. o belo verso da *Il*.14.16: «Tal como quando o vasto mar roxeia com ondas silenciosas.»

434 Este último verso do Canto 2 inclui, em grego, a partícula *mén*, que está em correlação com a partícula *dé* no primeiro verso do canto seguinte. Significa isto que a divisão do poema em cantos, feita em época posterior à sua composição, cortou aqui uma frase a meio.

Canto 3

O Sol lançou-se no céu de bronze, deixando
a bela superfície da água, para dar luz aos imortais
e aos homens na terra dadora de cereais.
Chegaram a Pilos, a cidade bem fundada de Neleu.
Na praia ofereciam-se sacrifícios sagrados
de negros touros ao deus de azuis cabelos, que abala a terra.
Havia nove bancadas de quinhentos homens sentados;
à frente de cada uma estavam nove touros para o sacrifício.
Quando provaram as vísceras e assaram as coxas para o deus,
eles aportaram à margem, descendo e dobrando a vela
da nau redonda. Fundearam-na e desembarcaram na praia.
Da nau desembarcou Telémaco, com Atena à sua frente.

A ele falou primeiro a deusa de olhos garços Atena:
«Telémaco, não deves sentir vergonha; de modo algum!
Pois foi para isto que atravessaste o mar, para saberes notícias
de teu pai: onde o cobriu a terra ou que destino foi o seu.
Agora dirige-te a Nestor, Domador de Cavalos:
vejamos que conselho guarda escondido no seu peito.
Vai suplicar-lhe em pessoa, para que ele te diga a verdade.
Uma mentira nunca dirá: é demasiado prudente.»

À deusa deu reposta o prudente Telémaco:
«Mentor, como irei? Como o deverei cumprimentar?
Não tenho experiência de densas palavras; é natural
que um jovem se iniba de interrogar um homem idoso.»

A ele respondeu a deusa de olhos garços Atena:
«Telémaco, algumas coisas serás tu a pensar na tua mente;
outras coisas um deus lá porá: na verdade não julgo
que foi à revelia dos deuses que nasceste e foste criado.»

Assim dizendo, indicou o caminho Palas Atena
rapidamente; e ele seguiu no encalço da deusa.
Chegaram à reunião e às bancadas dos homens de Pilos,
onde Nestor estava sentado com seus filhos; em redor
companheiros assavam carne ou colocavam-na em espetos.
Mas quando viram os estrangeiros, vieram todos juntos
para lhes apertar as mãos, para os convidar a sentarem-se.
O primeiro a chegar junto deles foi Pisístrato, filho de Nestor:
segurou-lhes nas mãos e sentou-os no festim
em peles macias sobre a areia da praia,
junto do pai e de Trasimedes, seu irmão.
Serviu-lhes uma dose de vísceras; derramou vinho
numa taça de ouro e, erguendo-a, interpelou
Palas Atena, filha de Zeus, Detentor da Égide:

«Invoca, ó estrangeiro, o soberano Posídon,
pois dele é a festa que aqui viestes encontrar.
Depois de teres feito a libação e orado, como é de justiça,
dá também a este homem a taça de vinho doce

para ele fazer a sua libação; parece-me ser pessoa que reza
aos imortais: todos nós homens precisamos dos deuses.
Mas ele é jovem, de idade igual à minha:
por isso darei a ti primeiro a taça dourada.»

Assim dizendo, colocou-lhe na mão a taça de vinho doce.
Atena regozijou-se com o prudente homem justo,
porque lhe dera em primeiro lugar a taça dourada.
Depois invocou com afinco o soberano Posídon:

«Escuta, Posídon que abalas a terra, e não te recuses
a levar a bom termo estes assuntos, para nós que te invocamos.
A Nestor em primeiro lugar e a seus filhos confere glória,
e depois dá graciosa recompensa aos outros,
a todos os homens de Pilos, por esta louvável hecatombe.
Concede que Telémaco e eu próprio regressemos, com tudo
para o que viemos cumprido, na escura nau veloz.»

Assim orando, assegurou ela própria que tudo se cumprisse.
Deu a Telémaco a bela taça de duas asas
e o querido filho de Odisseu orou da mesma maneira.
Assada a carne, tiraram-na dos espetos;
dividiram as porções e participaram da festa soberba.
Mas depois de terem afastado o desejo de bebida e comida,
entre eles falou primeiro Nestor de Gerénia, o Cavaleiro:

«Agora é a melhor altura para interrogar os estrangeiros,
perguntando quem são, uma vez que já se deleitaram com comida.

Ó estrangeiros, quem sois? Donde navegastes por caminhos aquosos?
É com fito certo, ou vagueais à deriva pelo mar
como piratas, que põem suas vidas em risco
e trazem desgraças para os homens de outras terras?»

A ele deu resposta o prudente Telémaco,
já mais corajoso: pois Atena lhe insuflara coragem no coração,
para que inquirisse a respeito do pai desaparecido
de modo que granjeasse fama honrosa entre os homens.

«Ó Nestor, filho de Neleu, glória valente dos Aqueus,
perguntas donde somos; pela minha parte, dir-te-ei.
Vimos de Ítaca, debaixo do monte Níon.
Este assunto de que falo é privado, não público.
Vim pela fama vasta de meu pai (na esperança de que algo
me chegue aos ouvidos), do sofredor e divino Odisseu,
que dizem ter combatido a teu lado na cidade dos Troianos.
Sobre todos os outros, que contra os Troianos combateram,
ouvimos dizer onde cada um encontrou a morte amarga;
mas a morte dele, fê-la o Crónida imperscrutável.
É que ninguém pode dizer ao certo onde morreu,
se foi derrotado por inimigos em terra firme,
ou se <o foi> no mar entre as ondas de Anfitrite.
Por isso estou junto dos teus joelhos como suplicante,
para o caso de quereres contar como morreu, no caso
de teres visto com teus olhos ou de teres ouvido o relato
de algum viajante. Infeliz além de todos o gerou sua mãe.

E peço-te que nem por pena nem vergonha abrandes a tua palavra,
mas diz-me com clareza tudo o que souberes.
Suplico-te; e se alguma vez meu pai, o nobre Odisseu,
te prometeu e cumpriu alguma ação ou palavra
na terra dos Troianos, onde muito sofreram os Aqueus,
para mim te lembra disso agora: fala-me infalivelmente.»

A ele deu resposta Nestor de Gerénia, o Cavaleiro:
«Amigo, visto que me recordaste a dor, que naquela terra
sofremos — nós, os filhos dos Aqueus, indomáveis na coragem —,
tanto pelo que aguentámos nas naus sobre o mar brumoso,
vagueando em busca de despojos para onde nos conduzia Aquiles,
como pelos combates em torno da grande cidade do rei Príamo.
Pois aí viriam a morrer os melhores dentre nós.
Aí jaz Ájax belicoso, aí jaz Aquiles;
aí Pátroclo, igual dos deuses nos seus conselhos.
Aí jaz o meu querido filho, tão forte quanto intrépido,
Antíloco, rápido na corrida e na peleja.
E muitos outros males por cima destes sofremos.
Que homem mortal seria capaz de os enumerar todos?
Nem que permanecesses aqui cinco ou seis anos
a perguntar-me sobre os males que sofreram os divinos Aqueus!
Antes te terias cansado e regressado para tua casa!
Durante nove anos planeámos a desgraça dos Troianos
com dolos de toda a espécie; coisa que a custo o Crónida cumpriu.

Lá não havia outro que se comparasse com Odisseu em conselho,
porquanto estava o divino Odisseu acima de todos
em dolos de toda a espécie — teu pai, se na verdade és
mesmo seu filho. Mas toma-me o espanto ao contemplar-te.
Pois as tuas palavras são semelhantes às suas; ninguém diria
que um homem tão novo falasse com tanto propósito.
Lá, durante aquele tempo, nunca eu e o divino Odisseu
nos contradissemos em público ou em reunião privada,
mas como que de um espírito, com reflexão e bons conselhos,
indicávamos aos Argivos como poderiam agir da melhor maneira.
Quando saqueámos a alta cidadela de Príamo,
fomos para as naus: um deus dispersou os Aqueus.
Nesse momento Zeus planeou em seu coração
um regresso doloroso para os Argivos,
pois nem todos tinham sido sensatos nem justos.
Destes houve muitos que tiveram um destino terrível devido
à ira destruidora da deusa de olhos garços, filha de poderoso pai.
Foi ela que abriu conflito entre ambos os filhos de Atreu.
Estes chamaram para a assembleia todos os Aqueus
de modo irresponsável e desordenado ao pôr do Sol.
Para lá se dirigiram, pesados de vinho, os filhos dos Aqueus.
Ambos explicaram porque tinham convocado o exército.
Então Menelau disse, a todos os Aqueus, que pensassem
no regresso a casa pelo vasto dorso do mar.
Mas de forma alguma agradou a Agamémnon, que queria
reter o exército para oferecer sagradas hecatombes,
para que serenasse a ira terrível de Atena —

estulto! Pois mal sabia ele que não convenceria a deusa:
não é logo que se muda a mente dos deuses que são para sempre.
Ambos, de pé, trocaram palavras agrestes. Mas levantaram-se
com grande estrondo os Aqueus de belas cnémides,
divididos na deliberação que lhes agradava.
Passámos a noite a remoer pensamentos duros
uns contra os outros: Zeus preparava a dor da desgraça.
Ao amanhecer, alguns arrastámos as naus sobre o mar divino,
e carregámos bens e mulheres de funda cintura.
Metade do exército ficou para trás, permanecendo
onde estava Agamémnon, filho de Atreu, Pastor de Povos.
Nós outros, embarcando, remámos; e as naus depressa
navegaram: um deus serenou o mar de grandes monstros.
Chegados a Ténedo, oferecemos sacrifícios aos deuses,
desejosos de voltar para casa. Mas Zeus não queria o nosso regresso,
deus duro, que levantou a discórdia pela segunda vez.
Alguns viraram suas naus recurvas e partiram
com o fogoso soberano Odisseu de matizado pensamento,
honrando assim Agamémnon, filho de Atreu.
Mas com a minha frota de naus prossegui caminho,
pois compreendi o infortúnio que o deus preparava.
Fugiu o belicoso filho de Tideu, incitando os companheiros.
Mais tarde, depois de nós dois, veio o loiro Menelau;
apanhou-nos em Lesbos enquanto planeávamos a longa viagem:
se haveríamos de navegar a norte de Quios rochosa,
em direção à ilha de Psíria, mantendo-a à nossa esquerda;
ou se a sul de Quios, junto a Mimas de fortes ventos.

Pedimos ao deus que nos indicasse um portento;
deu-no-lo: indicou que pelo meio do mar até Eubeia
cortássemos, para que mais depressa fugíssemos da desgraça.
Levantou-se um vento guinchante e as naus deslizaram
sobre os caminhos piscosos; chegámos de noite a Geresto.
Aí sobre o altar muitas coxas de touros oferecemos
a Posídon, depois de percorrida tal extensão de mar.
Foi no quarto dia que, em Argos, os companheiros
de Diomedes, filho de Tideu, Domador de Cavalos,
fundearam suas naus recurvas. Mas eu vim para Pilos,
e o vento não abrandou desde que o deus o pusera a soprar.
Assim cheguei, querido filho, sem notícia; nada sei
daqueles dentre os Aqueus que se salvaram ou pereceram.
Mas as informações que me chegaram, aqui sentado no palácio,
como é de justiça, ouvirás; não tas ocultarei.
Dizem que chegaram bem a casa os Mirmidões de lança selvagem,
a quem conduziu o famoso filho do magnânimo Aquiles;
chegou bem Filoctetes, o glorioso filho de Peante.
Para Creta conduziu Idomeneu todos os companheiros,
todos os que à guerra sobreviveram; e nenhum lhe roubou o mar.
Mas vós, lá longe, tudo ouvistes sobre o filho de Atreu,
como chegou a casa, como Egisto lhe deu uma morte amarga.
Na verdade, aquele pagou o preço de modo doloroso.
Que coisa excelente, quando fica do homem assassinado o filho,
uma vez que aquele castigou o assassino de seu pai,
Egisto ardiloso, porque lhe matara o pai famoso!
Também tu, amigo, pois vejo que és alto e belo,
sê corajoso, para que alguém dos que nascerão fale bem de ti.»

A ele deu resposta o prudente Telémaco:
«Ó Nestor, filho de Neleu, grande glória dos Aqueus,
fortemente se vingou aquele, e os Aqueus atribuir-lhe-ão
vasta glória para que dela saibam homens ainda por nascer.
Aprouvesse aos deuses darem-me força igual
para me vingar dos pretendentes e da sua dolorosa transgressão,
desses insolentes que congeminam como me prejudicar!
Mas não foi essa felicidade que os deuses me fiaram,
nem para mim, nem para meu pai; só me resta aguentar.»

A ele deu resposta Nestor de Gerénia, o Cavaleiro:
«Ó amigo, já que me referes e recordas tais coisas,
dizem que muitos pretendentes de tua mãe planeiam
maldades no teu palácio à tua revelia.
Diz-me se te deixas subjugar de bom grado, ou se
as pessoas te detestam, por terem ouvido o oráculo de um deus.
Quem sabe se não virá para se vingar da violência deles?
Ou se chegará só, ou com todos os Aqueus?
Quisesse Atena de olhos garços estimar-te
como outrora estimou o famoso Odisseu na terra dos Troianos,
quando nós Aqueus sofríamos dificuldades!
Pois nunca vi deuses a estimar abertamente um mortal
como Palas Atena, colocando-se a seu lado.
Se ela assim te estimasse e cuidasse de ti em seu coração,
esquecer-se-iam alguns dos pretendentes do casamento.»

A ele deu resposta o prudente Telémaco:
«Ancião, não penso que a tua palavra se possa cumprir,
de tão grande vulto é o que dizes. Estou espantado!

Não esperaria que tal acontecesse, nem que os deuses o quisessem.»

A ele respondeu a deusa de olhos garços Atena:
«Telémaco, que palavra passou além da barreira de teus dentes!
De longe, se assim quisesse, facilmente o deus salvaria um mortal.
Por mim quereria antes chegar a casa depois de muitos
sofrimentos e ver o dia do regresso, do que chegar
à minha lareira para ser assassinado, como aconteceu
a Agamémnon devido ao dolo de Egisto e da mulher.
Mas a morte que chega a todos nem os deuses podem afastar
de um homem que lhes é amado, quando o abate
o destino deletério da morte duradoura.»

À deusa deu resposta o prudente Telémaco:
«Mentor, não falemos mais destas coisas, embora nos preocupem.
Para ele não há regresso verdadeiro, pois a morte já lhe
determinaram os imortais e um negro destino.
Mas agora quero perguntar outra coisa a Nestor,
visto que para lá de qualquer outro sabe o que é justo e sensato.
Três vezes, diz-se, regeu gerações de homens.
A mim parece semelhante a um deus imortal.
Ó Nestor, filho de Neleu, diz-me a verdade!
Como morreu o filho de Atreu, o poderoso Agamémnon?
Onde estava Menelau? Que assassínio planeou para ele
o ardiloso Egisto, quando matou alguém mais forte?
Não estava na aqueia Argos, mas entre outros povos

vagueava, de modo que Egisto, confiante, o matou?»

A ele deu resposta Nestor de Gerénia, o Cavaleiro:
«Dir-te-ei então, meu filho, toda a verdade.
Tu próprio saberás como as coisas teriam acontecido,
se Egisto tivesse sido encontrado vivo, no palácio,
pelo filho de Atreu, o loiro Menelau, vindo de Troia.
Sobre ele nem mesmo na morte se teria a terra amontoado,
mas cães e aves de rapina tê-lo-iam dilacerado
enquanto jazia na planície, longe da cidade;
e nenhuma das mulheres aqueias o teria lamentado:
não foi pequeno o ato que concebeu.
Nós estávamos acampados lá em Troia a sofrer trabalhos;
enquanto ele, num recesso de Argos apascentadora de cavalos,
seduzia com palavras a esposa de Agamémnon.
Ao princípio recusou-se ela a qualquer ato impróprio,
a divina Clitemnestra, pois tinha bom senso
e tinha junto de si um aedo, a quem ordenara
Agamémnon que guardasse a mulher quando foi para Troia.
Mas quando por fi m o subjugou o destino divino,
foi então que ele levou o aedo para uma ilha deserta
e lá o deixou para ser alimento e presa de aves de rapina;
e embora contra vontade dela, levou-a para casa.
E muitas coxas queimou nos altares sagrados dos deuses,
muitas oferendas colocou, tapeçarias e ouro, depois de ter cometido
o grande ato que nunca esperara em seu coração.
Pela nossa parte, navegávamos juntos, vindos de Troia,
o filho de Atreu e eu próprio, ligados por amizade.

Porém quando chegámos ao sagrado Súnion, promontório de Atenas,
foi aí que Febo Apolo, com suas setas suaves,
a vida tolheu ao timoneiro de Menelau,
enquanto nas mãos segurava o leme da rápida nau,
Fróntis, filho de Onetor, o melhor de todos os homens
em conduzir a nau quando sopravam ventos de tempestade.
Ali se deteve Menelau, embora quisesse prosseguir caminho,
para enterrar o companheiro e dar-lhe cerimónias fúnebres.
Mas quando, por sua vez, navegando sobre o mar cor de vinho
em suas côncavas naus, se aproximou dos altos rochedos de Maleia,
então Zeus que vê ao longe preparou-lhe um caminho detestável,
derramando sobre ele rajadas de ventos guinchantes,
enviando ondas monstruosas, inchadas como montanhas.
Aí dividiu a frota a meio, levando algumas naus para Creta,
onde habitam os Cidónios junto às correntes de Jardano.
Há ali um rochedo liso e escarpado até ao mar,
do limite de Gortina para o mar brumoso,
onde o Noto empurra as ondas enormes até Festo;
e uma rocha pequena corta o caminho a ondas grandes.
Aí foram ter algumas das naus e a custo os homens escaparam
à morte; mas as ondas despedaçaram as naus contra as rochas.
Todavia as cinco naus de proas azuis, para o Egito
o vento e as ondas as levaram.
Assim ele por aí vagueou com suas naus, reunindo
abundantes víveres e ouro, entre homens de estranhos modos.
Entretanto Egisto planeava em casa aquelas amarguras.

Reinou sete anos em Micenas rica em ouro,
depois que matou o filho de Atreu e subjugou o povo.
Mas no oitavo ano regressou de Atenas, como sua desgraça,
o divino Orestes e matou o assassino de seu pai,
o ardiloso Egisto, porque lhe matara o pai glorioso.
Depois de o matar, preparou para os Argivos um festim
por ocasião do funeral da mãe odiada e do débil Egisto.
Nesse mesmo dia chegou Menelau, Excelente em Auxílio,
trazendo muitas riquezas: a carga que vinha nas suas naus.
Por isso tu, ó amigo, não te ausentes muito de tua casa,
deixando para trás bens e homens no teu palácio
tão insolentes, para que eles não devorem tudo o que é teu
e dividam entre si os teus haveres: em vão teria sido esta viagem!
Mesmo assim digo-te que te dirijas para junto de Menelau.
É que foi ele quem mais recentemente regressou a casa,
de junto de um povo donde ninguém em seu coração
esperaria regressar depois que os ventos da tempestade
o arrastaram para um mar tão vasto que nem as aves
dele regressam ao fim de um ano, de tal modo é grande e terrível.
Vai agora com a tua nau e os teus companheiros,
mas se desejas ir por terra, aqui tens carro e cavalos,
aqui tens os meus filhos, que te servirão de guias
até à divina Lacedemónia, onde vive o loiro Menelau.
Vai suplicar-lhe em pessoa, para que ele te diga a verdade.
Uma mentira nunca dirá: é demasiado prudente.»

Assim falou. O Sol pôs-se e sobreveio a escuridão.

No seu meio falou então a deusa de olhos garços Atena:
«Ó ancião, tens razão em tudo o que disseste.
Mas agora cortai as línguas e misturai o vinho,
para que, tendo oferecido libações a Posídon e aos outros deuses
imortais, pensemos em dormir; pois é altura de o fazermos.
Já a luz desceu por baixo da escuridão: não fica bem
permanecermos no festim dos deuses, mas partirmos.»

Assim falou a filha de Zeus; deram ouvidos ao que ela disse.
Para eles os arautos verteram água para as mãos;
mancebos coroaram as taças de bebida.
Serviram a todos em taças, tendo começado <pelos deuses>.
Atiraram as línguas para o fogo; levantando-se, derramaram libações.
Depois do vinho ofertado e bebido, tanto quanto pedia o coração,
Atena e Telémaco semelhante aos deuses
desejavam ambos regressar à côncava nau.
Mas Nestor deteve-os e lançou-lhes estas palavras:
«Que tal coisa impeça Zeus, e todos os deuses imortais,
que vos dirijais de minha casa para a vossa nau veloz,
como se de um pobre sem roupa vos afastásseis,
a quem faltam em casa cobertores e mantas
para ele ou seus hóspedes dormirem em conforto.
Em minha casa há cobertores e belas mantas.
Nem irá o querido filho deste homem Odisseu
deitar-se nas tábuas de uma nau, enquanto eu viver,
enquanto ficarem depois de mim filhos no meu palácio
para dar hospitalidade a hóspedes, a quem quer que aqui venha.»

A ele respondeu a deusa de olhos garços Atena:
«Falaste bem, estimado ancião; e fica bem que Telémaco
te obedeça, pois assim é muito melhor.
Ele irá agora contigo, para dormir no teu palácio.
Mas pela minha parte voltarei para a nau escura,
para animar os companheiros e contar-lhes tudo.
Pois entre eles sou o único de mais idade:
os outros são mais novos e acompanham-nos por amizade,
todos da mesma idade do magnânimo Telémaco.
Lá me deitarei, na escura nau côncava.
Mas ao amanhecer irei ter com os Cáucones magnânimos,
onde me devem uma dívida que nem é nova nem pouca.
E tu — visto que a tua casa ele veio ter — põe a caminho
Telémaco num carro com teu fi lho: dá-lhe cavalos,
os mais céleres e mais fortes que tiveres.»

Assim falando, partiu Atena de olhos garços
na forma de um abutre; o espanto dominou todos.
O ancião maravilhou-se ao ver tal coisa com os olhos.
Apertou a mão de Telémaco e falou-lhe pelo nome:
«Amigo, não serás cobarde nem desprovido de valentia,
se na verdade, tão novo, os deuses são teus guias.
Este não foi outro dos que têm morada no Olimpo
que não a filha de Zeus, a gloriosa Tritogenia,
a mesma que honrou teu nobre pai entre os Argivos.
Sê favorável, ó soberana, concede-me nobre fama,
a mim, a meus filhos, a minha esposa veneranda.
E para ti sacrificarei uma vitela de ampla testa,
indomada, que nunca nenhum homem pôs sob o jugo.

Sacrificá-la-ei com os chifres ornados de ouro.»

Assim falou, orando; ouviu-o Palas Atena.
Liderou-os Nestor de Gerénia, o Cavaleiro,
aos filhos e aos genros, até ao belo palácio.
E quando chegaram ao palácio sumptuoso do rei,
sentaram-se enfileirados em cadeiras e tronos.
Para eles o ancião misturou uma taça
de vinho doce, no décimo primeiro ano,
que a governanta abrira quebrando-lhe o selo.
Foi este o vinho que o ancião misturou, invocando Atena
com muitas libações, a ela, filha de Zeus, Detentor da Égide.

Vertidas as libações, beberam quanto lhes pedia o coração;
depois cada um dirigiu-se a sua casa para descansar.
Mas Nestor de Gerénia, o Cavaleiro, deitou ali mesmo
Telémaco, o querido filho do divino Odisseu,
numa cama encordoada sob o pórtico retumbante,
e, a seu lado, Pisístrato da lança de freixo, Condutor de Homens,
que de seus filhos era o único solteiro no palácio.
Ele próprio dormiu no aposento interior do alto palácio,
e a seu lado a augusta esposa, que lhe preparou a cama.

Quando surgiu a que cedo desponta, a Aurora de róseos dedos,
levantou-se da cama Nestor de Gerénia, o Cavaleiro,
e sentou-se nas lajes resplandecentes —
as que se encontravam às suas altas portas,
brancas, brilhantes de cera; fora aqui que se sentara
Neleu, igual dos deuses nos seus conselhos,

mas agora, dominado pelo destino, já partira para o Hades.
Aqui se sentou Nestor de Gerénia, Guardião dos Aqueus,
de cetro na mão; em seu redor reuniam-se os filhos,
vindos de seus quartos: Equefronte, Estrácio,
Perseu e Areto, assim como o divino Trasimedes.
Em sexto lugar veio depois o herói Pisístrato,
junto ao qual sentaram o divino Telémaco.
Para eles começou a falar Nestor de Gerénia, o Cavaleiro:

«Depressa, queridos filhos, satisfazei o meu desejo,
para que dos deuses propicie em primeiro lugar Atena,
que se me manifestou por ocasião do rico festim do deus.
Que alguém vá à planície buscar uma vitela, e que depressa
<o animal> até aqui venha, conduzida por um boieiro;
e que outro se dirija à escura nau do magnânimo Telémaco
e aqui conduza os seus companheiros, lá deixando somente dois.
E que outro ainda chame até aqui o ourives Laerces,
para dourar os chifres da vitela.
Vós outros permanecei aqui; ordenai às escravas lá dentro
que preparem um festim no glorioso palácio;
que tragam assentos, lenha para o altar e água límpida.»

Assim falou; e todos se lançaram à obra. Veio a vitela
da planície e da nau veloz e bem construída vieram
os companheiros do magnânimo Telémaco; veio o ourives
com os seus instrumentos de bronze, acabamentos da sua arte,
a bigorna, o martelo e a bem feita tenaz,
com que o ouro trabalhava. E veio também Atena, em demanda
do sacrifício. O ancião Nestor, Condutor de Cavalos,

ofereceu o ouro; e o ourives dourou com cuidado os chifres da
vitela, para que a deusa se regozijasse com a oferenda.
Estrácio e Equefronte conduziram pelos chifres a vitela
e Areto veio do tálamo trazendo água lustral numa bacia
embutida com flores e, na outra mão, grãos de cevada num cesto;
e Trasimedes, Inflexível na Guerra, trouxe um machado afiado,
pronto para desferir o golpe à vitela. Perseu segurou na bacia
para recolher o sangue. O ancião Nestor, Condutor de Cavalos,
deu início ao rito com a água lustral e os grãos de cevada
invocando Atena e atirando para o fogo pelos da cabeça do animal.
Depois de terem orado e espalhado os grãos de cevada,
logo se aproximou Trasimedes, o corajoso filho de Nestor,
e desferiu o golpe: o machado cortou os músculos do pescoço,
deslassando a força da vitela. Levantaram o grito
as filhas, as noras e a veneranda esposa
de Nestor, Eurídice, a mais velha das filhas de Clímeno.
Em seguida os homens levantaram do amplo chão a cabeça
da vitela e logo a degolou Pisístrato, Condutor de Homens.
Dela se derramou o negro sangue, dos ossos fugiu a vida.
Esquartejaram-na de imediato, cortando as coxas
segundo a ordem própria, cobrindo-as com gordura;
e por cima puseram pedaços de carne crua.
O ancião queimou-as nas achas e por cima verteu vinho frisante.
Junto dele os jovens seguravam garfos de cinco dentes.
Queimadas as coxas, provaram as vísceras
e cortaram o resto, fazendo espetadas com os pedaços;
assaram-nas segurando os espetos nas mãos.

Entretanto a bela Policaste, filha mais nova de Nestor,
filho de Neleu, dava banho a Telémaco.
Depois que ela o banhou, esfregou com azeite
e vestiu com bela capa e túnica,
ele saiu da banheira igual aos imortais no seu corpo.
Foi sentar-se junto de Nestor, Pastor de Povos.

Assada a carne, tiraram-na dos espetos
e sentaram-se para comer. Serviram-nos homens excelentes,
que verteram vinho em taças douradas.
Mas depois de terem afastado o desejo de comida e de bebida,
entre eles falou primeiro Nestor de Gerénia, o Cavaleiro:
«Meus filhos, atrelai ao carro cavalos de belas crinas
para Telémaco, para que prossiga o seu caminho.»

Assim falou; eles ouviram e obedeceram.
Depressa atrelaram ao carro os cavalos velozes.
E a governanta colocou no carro pão, vinho
e iguarias, das que comem os reis criados por Zeus.
Então Telémaco subiu para o belo carro
e Pisístrato, filho de Nestor, Condutor de Homens,
subiu para junto dele e pegou nas rédeas com as mãos.
Com o chicote incitou os cavalos, que não se recusaram
a correr para a planície, deixando a alta cidadela de Pilos.
E todo o dia sacudiram o jugo que tinham ao pescoço.

O Sol pôs-se e escuros ficaram todos os caminhos.
Chegaram a Feras, a casa de Díocles, filho de Ortíloco,
a quem gerara Alfeu. Aí passaram a noite

e foi-lhes oferecida a hospitalidade devida aos hóspedes.

Quando surgiu a que cedo desponta, a Aurora de róseos dedos,
atrelaram os cavalos e subiram para o carro embutido.
Saíram dos portões e do pórtico retumbante.
Com o chicote incitou os cavalos, que não se recusaram
a correr para a planície dadora de trigo, donde em seguida
prosseguiram caminho; pois assim os cavalos os levavam.
O Sol pôs-se e escuros ficaram todos os caminhos.

Notas ao Canto 3

1 «O Sol lançou-se no céu de bronze»: como vimos na última nota ao canto anterior, esta frase está articulada com a antecedente, pelo que a divisão em cantos (posterior composição do poema) cortou uma frase a meio. Também na *Il*. encontramos esta bela imagem do «céu de bronze» (*Il*.5.504). Em textos muito mais antigos do que a poesia épica grega – nomeadamente egípcios, anteriores a 2000 a.C. – também se encontra a ideia de o céu ser feito de metal (Dawe, p. 125).

4 «Pilos»: um dos problemas da poesia homérica é que o rei de Pilos, Nestor, sendo personagem comum à *Il*. e à *Od*., é rei de uma cidade cuja localização é diferente em cada um dos poemas. A Pilos da *Il*. é na Élide (como se depreende a partir de *Il*.11.670-684); a Pilos da *Od*. é na Messénia, mais a sul. Para complicar a questão, a arqueologia encontrou dois palácios do período micénico que foram sucessivamente identificados como podendo ser o palácio de Nestor. O primeiro palácio foi encontrado em 1907; o segundo, em 1939. Neste segundo palácio foram encontradas tabuinhas em Linear B onde ocorre o nome de Pilos, pelo que se aceita hoje que as ruínas em Epano Englianos (nome moderno da localidade) correspondem à Pilos micénica. No entanto, a Pilos micénica não corresponde ao que é descrito na *Od*., visto que o palácio homérico está situado perto da praia, ao passo que as ruínas do palácio da Idade do Bronze se encontram a alguma distância do mar. Ver C.W. Blegen & M. Rawson, *The Palace of Nestor at Pylos in Western Messenia*, Princeton, 1966-1973.

__ «Neleu»: filho do deus Posídon e pai de Nestor.

6 «deus de azuis cabelos»: Posídon (mencionado nas referidas tabuinhas em Linear B encontradas em Epano Englianos). Os cabelos azuis devem-se mais ao facto de Posídon ser deus do que especificamente deus do mar, já que, na *Il*., Zeus (1.528) e Hera (15.102) são descritos como tendo sobrancelhas azuis.

7 «nove bancadas de quinhentos homens»: o cenário de 4500 homens a participar neste sacrifício é impressionante.

17 «Nestor, Domador de Cavalos»: apesar de o rei de Pilos ser muitas vezes referido como «Cavaleiro», só aqui em toda a poesia homérica é referido como «Domador de Cavalos» (epíteto de Heitor na *Il*.).

19 Verso omitido em muitos manuscritos (talvez uma interpolação medieval: cf. Oxf.i, p. 161) e colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

23 «densas palavras»: à letra, «palavras cerradas» (*múthoisi* […] *pukinoîsin*).

27-28 No original, esta frase está maculada com uma negação dupla, que está gramaticalmente errada: «não julgo / que não foi à revelia dos deuses».

36 «Pisístrato»: este filho de Nestor nunca é mencionado na *Il*. e não figura na lista dos filhos de Nestor no *Catálogo de Mulheres* atribuído a Hesíodo. É-nos dito pelo historiógrafo Heródoto (5.65.3-4) que o tirano ateniense Pisístrato era descendente deste filho de Nestor, e, na realidade, não é improvável que esta personagem tenha sido introduzida na *Od*. para prestigiar a suposta linhagem do tirano ateniense, o que implicaria aceitarmos a teoria de que, como em tempos afirmou West, esta *Od*., tal como nós a conhecemos, é um poema do século VI a.C.

37 «segurou-lhes nas mãos»: isto é, apertou a mão de cada um deles.

42 «Detentor da Égide»: o epíteto *aigíokhos* (já traduzido por Rocha Pereira, *Hélade*, por «Detentor da Égide») só é associado a Zeus. Não se sabe ao certo o que significa «égide», mas a palavra grega *aigís* está relacionada com *aíx* («cabra»). Na *Il*., a égide é descrita nos seguintes termos, impressivos, mas vagos: «a égide borlada, / terrível, toda ela engalanada de Pânico: nela / está a Discórdia, está a Sanha, está o gélido Assalto» (*Il*.5.738-740).

68 «Nestor de Gerénia»: em rigor, «o gerénio cavaleiro Nestor». O que possa ser «gerénio» é problema que nunca a filologia homérica conseguiu resolver. Podemos especular sobre uma localidade chamada «Gerénia», na qual Nestor teria nascido; podemos especular que o adjetivo *gerênios* possa estar de alguma forma relacionado com *gérôn* («ancião»), pelo que salvaguardaríamos um jogo etimológico se lhe chamássemos «o geriátrico cavaleiro Nestor». No entanto, o mais provável é que esta fórmula tenha sido inventada para outra personagem, presumivelmente filho de alguém chamado «Géreno», em tempos muito remotos, como comprova a formação morfológica da palavra que significa aqui «cavaleiro» (*hippóta*; a palavra normal para «cavaleiro», já atestada na *Il*., é *hippeús*).

71-74 Versos formulares:

3.71-74 = 9.252-5 = *HH a Apolo* 452-455.

78 Verso omitido nalguns papiros helenísticos e manuscritos bizantinos, colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

79-101 Neste discurso em que Telémaco se apresenta, falta um dado essencial: o jovem não refere o seu próprio nome.

81 «debaixo do monte Níon»: estas palavras correspondem a um único adjetivo em grego, *huponêïos*, cujo sentido é muito incerto. Talvez o sentido fosse «Ítaca Hiponeia» (= «Ítaca-sob-Níon»), tal como «Tebas Hipoplácia» em *Il*.6.397 (= «Tebas-sob-Placa»): cf. topónimos europeus como Ferté-**sous**-Jouarre (França), Weston **Sub**edge (Inglaterra) e **Unter**liederbach (Alemanha). Contudo, a existência de uma «Ítaca-sob-Níon» implicaria porventura que houvesse duas ilhas de nome «Ítaca» e que fosse necessário distinguir a de Odisseu e de Telémaco de uma outra da qual se não pudesse dizer que era «hiponeia».

88 «imperscrutável»: à letra, «inindagável» (*apeuthês*). O adjetivo é raríssimo na poesia homérica: além do presente verso, ocorre apenas em 184.

91 «Anfitrite»: deusa do mar (aliás, o seu nome pode ser entendido como significando «mar» por metonímia), nunca mencionada na *Il*.

101 «infalivelmente»: o adjetivo *nêmertês* (aqui usado como advérbio) aparecerá associado a Proteu em 4.349 («o infalível Velho do Mar»). É mais frequente na *Od*. e nos *HH* do que na *Il*.

103-200 A enorme resposta de Nestor à pergunta de Telémaco (cheia de ziguezagues gramaticais e de frases que não encaixam umas nas outras) chama a atenção pelo facto de não responder à pergunta de Telémaco.

109 «Ájax»: Nestor não refere o suicídio de Ájax, um tema presente noutras epopeias fragmentárias e que fascinaria mais tarde o príncipe dos poetas gregos, Sófocles.

110 «Pátroclo, igual dos deuses nos seus conselhos»: a mesma fórmula é aplicada a Pátroclo em *Il*.17.477, mas a própria maneira desaconselhada como Pátroclo morre no Canto 16 da *Il*. mostra quão vazia é a fórmula aplicada a ele (talvez faça mais sentido aplicada a Príamo em *Il*.7.356 – ou até, no presente canto, a Neleu, pai de Nestor [409]).

111 «intrépido»: muitos manuscritos têm aqui «irrepreensível» (*amúmôn*) em vez de «intrépido» (*atarbês*).

131 Verso colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

132-132*b* «Zeus planeou em seu coração / um regresso doloroso para os Argivos»: no entanto, em 145 a responsabilidade das desgraças dos Aqueus é adscrita a Atena. O poeta acumula os versos postos na boca de Nestor de contradições internas (ver 160*). Qual foi a razão da ira de Atena? A resposta é-nos dada pelas epopeias fragmentárias do Ciclo Épico, mas o poeta da *Od*. não nos esclarece.

140-144 Não deixa de ser curiosa a seguinte circunstância: Agamémnon, que piedosamente quer oferecer sacrifícios aos deuses, é assassinado à chegada a casa e vai para o Hades; Menelau, que de forma sacrílega recusa os sacrifícios, chega a casa ileso e, mais tarde, em vez de morrer, será levado para uma vida paradisíaca nos Campos Elísios (4.563).

151 «Passámos a noite»: não é inteiramente certo se «passámos» será a tradução mais correta da forma de aoristo *aésamen*. O verbo (que nunca ocorre na *Il*.) não tem forma de presente que se conheça na literatura grega conservada e o seu sentido é duvidoso.

152 «Zeus preparava a dor da desgraça»: trata-se do único verso na poesia homérica em que à palavra traduzida por «dor» (*pêma*) se segue um substantivo em genitivo. Normalmente a palavra está associada a um adjetivo.

154 «mulheres de funda cintura»: mulheres troianas, agora escravas, reduzidas ao estatuto de carga para ser embarcada nas naus. O adjetivo traduzido pela perífrase «de funda cintura» (*bathúzônos*) é de sentido muito incerto. Na *Il*. e na *Od*., o adjetivo só é aplicado a mulheres não-gregas, mas na literatura grega posterior não se verifica essa restrição. Já se propuseram muitas explicações (elas são «de funda cintura» porque usam cinta ou um precursor do moderno sutiã?), mas não há consenso sobre o assunto. Na tradução antiga da *Od*. por V. Bérard (coleção Les Belles Lettres), a tradução adotada para «mulheres de funda cintura» é «mulheres esbeltas»; mas isso

pressupõe um entendimento com que muitos helenistas não concordarão. Sobre questões referentes a indumentária grega e seus problemas, ver M. Bieber, *Entwicklungsgeschichte der griechischen Tracht*, Berlim, 1967, 2.ª ed.

156 «Pastor de Povos»: título honorífico certamente de grande antiguidade (que ocorre não só na *Il*. mas também em vários livros do Antigo Testamento e, de um modo geral, em toda a literatura do Próximo Oriente [ver West, *Helicon*, pp. 226-227]).

158 «mar cheio de grandes monstros»: a perífrase «cheio de grandes monstros» traduz o adjetivo *megakêtês* (à primeira vista, «de grandes cetáceos»), mas a etimologia da palavra é incerta. O poeta da *Il*. dá-lhe um sentido diferente («de grande quilha») em *Il*.8.222, 11.5 e 11.600, aplicando-o, no entanto, a um golfinho em *Il*.21.22.

159 «Chegados a Ténedo, oferecemos sacrifícios aos deuses»: os mesmos que, em Troia, não queriam oferecer sacrifícios, agora, com um dia de intervalo, na ilha próxima de Ténedo, já querem.

160 «Mas Zeus não queria o nosso regresso»: não obstante, como sabemos, muitos regressaram.

163 «Odisseu de matizado pensamento»: o vocábulo *poikilomêtês* («de matizado pensamento», «de colorido pensamento») só ocorre uma vez na *Il*. (11.482) mas, na *Od*., é várias vezes aplicado a Odisseu. Diríamos nós que se ajusta bem a uma pessoa que não pensa em termos de «preto-e-branco», mas consegue pensar «a cores».

167 «belicoso filho de Tideu»: Diomedes, personagem que domina o Canto 5 da *Il*.

170 «Quios»: tradicionalmente a ilha (nunca mencionada na *Il*.) donde seria originário Homero.

172 «Mimas»: promontório na costa do que é hoje a Turquia.

173-174 A referência a um portento divino, mas sem indicação ou descrição da forma sob a qual ele se apresentou, afigura-se incaraterística se tivermos em conta os parâmetros normais da poesia homérica.

174 «Eubeia»: ilha importante, próxima da Grécia continental.

175 «cortássemos»: no original, esta forma é um infinitivo que aparece no texto sob a sua forma ática (*témnein*) e não sob a forma habitual na poesia épica (*támnein*).

176 «vento guinchante»: em grego, *ligús oûros* (à letra, «vento estridente» ou «vento agudo»). No sentido de «límpido», o adjetivo *ligús* é aplicado a Nestor em *Il*.4.293 («límpido orador de Pilos») e à lira do jovem cantor representado no escudo de Aquiles em *Il*.18.570 («a lira de límpido som»).

177 «caminhos piscosos»: em grego, *ikhthuóenta kéleutha*. A palavra *ikhthús* («peixe»), que ocorre quatro vezes na *Il*. e seis vezes na *Od*., ocorrerá depois dezasseis vezes nos evangelhos sinópticos do Novo Testamento (Mateus, Marcos e Lucas), três vezes no Capítulo 21 do Evangelho de João e uma vez em São Paulo.

__ «Geresto»: o ponto mais meridional da Eubeia.

188 «Mirmidões»: súbditos de Aquiles.

189 «filho do magnânimo Aquiles»: Neoptólemo.

190 «Filoctetes»: personagem da mitologia grega que, séculos mais tarde, inspiraria uma obra-prima de Sófocles.

193 «filho de Atreu»: Agamémnon.

197 «uma vez que aquele castigou o assassino de seu pai»: neste verso, a palavra *keînos* («aquele») refere-se a Orestes, nomeado pela última vez em 1.298. Como sempre, esta «Oresteia-dentro-da-Odisseia» sugere a probabilidade de ter sido importada de outro poema. Falta, aqui, uma menção mais próxima do nome de Orestes, de modo a *keînos* fazer sentido (tanto mais que, em 195, *keînos* se refere a Egisto).

198-200 = 1.300-302.

206 «pretendentes»: Telémaco fala deles como se já antes os tivesse mencionado.

214-215 = 16.95-96.

216 «Quem sabe se não virá»: o sujeito subentendido é «Odisseu», mas o facto de não haver antecedente próximo levanta a suspeita de estes versos terem assumido, anteriormente à forma sob a qual os lemos, outra forma.

221-222 «Pois nunca vi deuses a estimar abertamente um mortal / como Palas Atena, colocando-se a seu lado»: esta afirmação é consentânea com uma frase que Ájax diz na *Il*. (23.782-783), mas não com a ação da *Il*. propriamente dita, em que Atena só ajuda Odisseu em dois versos do Canto 11 (437-438) e em dois versos do Canto 23 (771-772).

249 «Onde estava Menelau?»: como comenta S. West (Oxf.i, p. 175), o poeta parece imaginar Micenas e Esparta como cidades próximas (na verdade, a distância entre elas é superior a 80 km), o que seria mais um elemento a confirmar o seu desconhecimento da geografia do Peloponeso.

251 «Não estava na aqueia Argos»: o sujeito subentendido de «estava» é Menelau. O topónimo «Argos» parece ser aqui usado novamente (cf. 1.344*) como nome para designar o Peloponeso.

267 «tinha junto de si um aedo»: esta ideia do aedo como garante da castidade de Clitemnestra tem causado estranheza ao longo dos séculos, a ponto de, no léxico antigo de Hesíquio, se ter proposto «eunuco» como sentido possível da palavra «aedo». No entanto, não temos referências a eunucos na literatura grega anterior a Ésquilo (*Euménides* 187-188, passagem cujo contexto – uma listagem de atrocidades – nos mostra o horror com que os Gregos viam a castração) e a interpretação aqui de «aedo» como «eunuco» é rejeitada pelos comentadores.

269 «quando por fim o subjugou»: não é certo aqui se devemos traduzir «o subjugou» ou «a subjugou», já que o pronome em causa (*min*) admite ambas as traduções. Interpretando o pronome como masculino, não é claro se se refere a Egisto ou ao aedo. A imprecisão gramatical é, como já se percebeu, uma marca de toda esta sequência.

270 «ele levou o aedo para uma ilha deserta»: o sujeito subentendido é «Egisto».

286 «mar cor de vinho». ver 1.183*.

287 «Maleia»: a parte mais meridional do Peloponeso. Este cabo era conhecido pelos perigos que colocava à navegação.

292 «onde habitam os Cidónios junto às correntes de Jardano»: a cidade cretense dos Cidónios ficaria perto da moderna cidade de Xania. O rio aqui apelidado de «Jardano» chama-se agora Platanias; já se aventou a hipótese de o nome homérico ser de origem semítica, inspirado no nome do rio Jordão (ver Oxf.i, p.178).

294 «Gortina»: cidade no Sul da ilha de Creta. Festo também se situava nessa zona.

299 «as cinco naus de proas azuis»: a fraseologia implica que estas cinco naus já tinham sido especificamente mencionadas, o que não é o caso. Quanto às «proas azuis», este é o único passo da poesia homérica em que encontramos o adjetivo *kuanoprôreios* (embora encontremos várias vezes *kuanóprôros*).

301 «ele por aí vagueou»: subentende-se «Menelau».

306 «Atenas»: informação contrária ao que lemos nos restantes relatos do mito de Orestes, onde o seu exílio ocorre na Fócida. Uma interpretação plausível é que a insólita intromissão de Atenas nesta fase da história de Orestes teve origem na edição ateniense do texto, no tempo de Pisístrato.

310 «débil Egisto»: ver 1.29*.

311 «Menelau, Excelente em Auxílio»: a fórmula *boên agathòs* também pode ser interpretada como «Excelente no Grito de Guerra» (ver Rocha Pereira, *Hélade*, p. 40).

317 «digo-te que te dirijas para junto de Menelau»: esta sugestão – que implica atravessar o acidentado Peloponeso num carro de cavalos, à sua maneira uma odisseia impressionante – vem poucos versos depois de Nestor ter dito a Telémaco para não se ausentar muito de casa (313).

319-320 «junto de um povo donde ninguém em seu coração / esperaria regressar»: o Egito é apresentado como «lugar de extrema longinquidade» (Dawe, p. 147).

321 «aves»: serão decerto grous (como em *Il*.3.2-7). A ideia destas aves como fazendo o elo entre o Norte de África e a Grécia será mais tarde retomada por Eurípides (*Helena* 1487-1494).

332 «cortai as línguas»: subentende-se «dos touros».

339 «Mancebos»: ver 1.148*.

352 «deste homem Odisseu»: a fraseologia (*toûd' andròs Odussêos*) implica, de forma confusa, que Odisseu está fisicamente presente.

366 «Cáucones magnânimos»: o poeta não se importa com a repetição tão próxima do adjetivo (cf. 364). Quem seriam estes Cáucones e onde habitariam é enigma que já se discute desde a Antiguidade.

372 «na forma de um abutre»: esta ave (*phênê*, cujo nome ornitológico é *Gypaëtus barbatus*) tem aqui a sua única aparição na poesia homérica.

374 «falou-lhe pelo nome»: normalmente, quando se diz de alguém na *Il*. ou na *Od*. que se dirigirá a outrem falando-lhe pelo nome, podemos partir do princípio de que, na maior parte dos casos, o nome não será verbalizado.

378 «Tritogenia»: não se sabe a origem deste epíteto de Atena. É a única vez que ocorre na *Od*., embora ocorra três vezes na *Il*.

400 «Pisístrato da lança de freixo, Condutor de Homens»: o epíteto «da lança de freixo» só ocorre aqui na *Od*., embora ocorra várias vezes na *Il*. Quanto à expressão «Condutor de Homens», senti-la-emos deslustrada quando a virmos aplicada ao escravo porqueiro em 14.121. Trata-se, nesta fase da tradição épica grega, de palavras de encher (o sentido original da expressão, obscuro, já não é recuperável). Passando agora de questões de linguística a outras de foro mais íntimo: muito se tem especulado sobre o facto de Telémaco e Pisístrato dormirem juntos – não só aqui, mas em Esparta também – e tem-se procurado no poema indícios de que, nas suas entrelinhas, Telémaco e Pisístrato se tornam namorados. Não há resposta para a questão, apesar de o assunto ter sido abordado inúmeras vezes, não raro de uma forma que traduz sobretudo os pressupostos de quem escreve («acentue-se bem que os Poemas Homéricos ignoram por completo – embora já se tenha querido negá-lo – qualquer amor que não seja heterossexual» [Rocha Pereira, *Grécia Antiga*, p. 162]). Em bibliografia já do século XXI, a ideia de uma relação íntima entre os dois é aceite por J. Neill, *The Origins and the Role of Same-Sex Relations in Human Societies*, Jefferson, 2009, pp. 142-143. Depois de tanta coisa escrita, a abordagem mais interessante à questão da presença (ou não) de homossexualidade masculina na poesia homérica continua a ser a de W.M. Clarke, «Achilles and Patroclus in Love», *Hermes* 106 (1978), pp. 381-395.

404-476 Trata-se da mais extensa e pormenorizada cena de sacrifício em toda a poesia homérica.

459 «vinho frisante»: ver 2.57*.

464-465 «a bela Policaste, filha mais nova de Nestor, / filho de Neleu, dava banho a Telémaco»: o facto de Policaste ser a «filha mais nova de Nestor» não a isenta da possibilidade de ser septuagenária (cf. Dawe, p. 154). O seu *pedigree* aristocrático nesta cena de spa (ou, como se diz hoje, de *wellness*) surpreenderá quem se lembre apenas de ocasiões na poesia homérica em que são escravas a dar banho a homens de estatuto superior (na *Od*. isso acontece em 4.49, 8.454, 17.88, 19.317, 23.154, 24.366). No entanto, o entendimento desta tarefa como trabalho de escravas não é incompatível, para o poeta, com a circunstância de ele descrever uma rainha e duas deusas a fazerem o mesmo: 4.252 (Helena), 5.264 (Calipso), 10.361 (Circe). Perguntar-se-á: os homens homéricos não eram capazes de tomar banho sozinhos? Tinham especial prazer em que fossem mulheres a dar-lhes banho? As respostas a estas perguntas complicam-se com *Od*.6.217-222, passagem em que Odisseu manda as escravas afastarem-se, para ser ele a tomar banho sozinho, alegando que tem vergonha de mostrar a sua nudez a mulheres. Diga-se ainda que, na poesia homérica, os homens podem comer sem tomar banho, mas raramente tomam banho sem ser para comer logo de seguida.

468 «banheira»: a palavra aqui usada para «banheira», *asamínthos*, é de extraordinária antiguidade, dada a presença do sufixo *-nth-* (presente em palavras que chegaram ao português sob a forma de «labiri**nt**o» e «jaci**nt**o»), que se pensa ser de origem pré-helénica. A palavra está registada em Linear B.

480 «e iguarias, das que comem os reis criados por Zeus»: este verso levanta o problema de, para podermos considerá-lo metricamente certo, ser necessário pressupor dois digamas, ambos injustificáveis do ponto de vista etimológico.

485 «planície»: geograficamente inexistente («o poeta obviamente não conhecia a região» [Dawe, p. 155]). A ideia de fazer a viagem, de dois dias, de Pilos a Esparta – implicando vencer obstáculos como serras portentosas (as montanhas do Taígeto) – num carro de cavalos em que os viajantes estão todo o tempo de pé é bela na sua grandiosidade épica, mas pura fantasia em termos do que seria a descrição de circunstâncias reais.

488 «Feras»: a moderna cidade de Kalamata (célebre pelas suas azeitonas).

Canto 4

Chegaram à ravinosa Lacedemónia cheia de grutas
e o carro conduziram para o palácio do famoso Menelau.
Encontraram-no em casa a oferecer uma festa nupcial
a muitos familiares, pelas bodas do filho e da filha irrepreensível.
A filha seria enviada para se casar com o filho de Aquiles,
Domador das Fileiras de Homens, pois em Troia lhe prometera
pela primeira vez que ofereceria a filha em casamento.
E agora faziam os deuses que tal boda se cumprisse.
Com cavalos e carros mandava a filha, para seguir seu caminho
até à célebre cidade dos Mirmidões, cujo rei seria seu esposo.
Para o filho Menelau mandara vir de Esparta a filha de Alector:
este era o muito amado e forte Megapentes <que nascera>
de uma escrava: pois a Helena não concederam os deuses
outro filho depois que dera à luz a filha lindíssima,
Hermíone, que tinha o aspeto da dourada Afrodite.
Assim se banqueteavam no espaçoso e alto palácio
os vizinhos e parentes do famoso Menelau,
regozijando-se. No meio deles cantava o divino aedo,
tangendo a sua lira; e dois acrobatas executavam piruetas
no meio dos convivas para assim darem início às danças.

Chegaram aos portões do palácio, eles e os cavalos:
o herói Telémaco e o glorioso filho de Nestor;
aí estacaram. Ao sair avistou-os o poderoso Eteoneu,
ágil criado do famoso Menelau.
Atravessou o palácio para dar a notícia ao Pastor de Povos.
E acercando-se do rei, proferiu palavras apetrechadas de asas:
«Estão aqui dois estrangeiros, ó Menelau criado por Zeus,
dois homens que parecem da linhagem de Zeus soberano.
Mas diz-me: deveremos desatrelar os seus velozes cavalos,
ou mandá-los para casa de outro, que os acolha com gentileza?»

Com grande irritação lhe respondeu o loiro Menelau:
«Antes não eras tolo, ó Eteoneu, filho de Boétoo!
Mas agora dizes tolices como uma criança.
Na verdade tu e eu já comemos muitas vezes à mesa
de outros homens, no caminho que aqui nos trouxe,
na esperança de que Zeus nos aliviasse um dia a dor.
Desatrela os cavalos dos estrangeiros, e trá-los para que comam.»

Assim falou; e ele apressou-se pelo palácio, chamando
outros ágeis criados para seguirem atrás dele.
Tiraram o jugo aos cavalos suados
e em seguida foram atá-los nas cavalariças,
atirando-lhes espelta misturada com a branca cevada.
Depois encostaram o carro contra as paredes resplandecentes
e conduziram os hóspedes para dentro da casa divina.
Admiraram-se estes ao ver o palácio do rei criado por Zeus.
Pois como brilho do Sol ou da Lua

era o alto palácio do famoso Menelau.
Depois de se terem deleitado, olhando com os olhos,
foram tomar banho em banheiras polidas.
Depois que as escravas os banharam e ungiram com azeite,
atiraram-lhes por cima do corpo capas de lã e túnicas.
Sentaram-se em seguida ao lado de Menelau, filho de Atreu.
Uma escrava trouxe água para as mãos num jarro,
belo e dourado, e verteu<-a> por cima de uma taça prateada,
para eles se lavarem; e perto colocou uma mesa polida.
Uma venerável governanta veio trazer-lhes o pão,
dispondo iguarias abundantes, favorecendo<-os> com o que havia.
Um trinchador trouxe salvas com carnes variadas,
e colocou junto deles taças douradas;
Ao cumprimentá-los assim lhes disse o loiro Menelau:

«Alegrai-vos com a comida! Depois de terdes partilhado
do jantar, perguntar-vos-emos quem sois dentre os homens.
Pois em vós não se perdeu a linhagem dos progenitores,
mas sois da raça daqueles que são reis criados por Zeus,
detentores de cetro; homens vis não gerariam filhos como estes.»

Assim falou; e com as mãos pegou no gordo lombo assado
do boi e pô-lo diante deles, como sinal de grande honra.
E eles lançaram mão às iguarias que tinham à sua frente.
Quando afastaram o desejo de comida e de bebida,
então falou Telémaco ao filho de Nestor,
mantendo próxima a cabeça, para que os outros não ouvissem:

«Filho de Nestor, que encantas o meu coração,
repara bem no brilho do bronze em todo o palácio ecoante:
no brilho de ouro, âmbar, prata e marfim!
Assim será o interior da corte de Zeus Olímpio,
tal é a abundância. Olho para tudo dominado pelo espanto.»

Enquanto isto dizia, ouviu-o o loiro Menelau;
e falando dirigiu-lhes palavras apetrechadas de asas:

«Queridos filhos, com Zeus nenhum mortal pode competir.
Imortal é o seu palácio e imortais são os seus haveres.
Mas dos homens, alguns rivalizariam comigo em riqueza;
outros não. Pois é verdade que após sofrimentos e errâncias
trouxe para casa as riquezas nas naus, no oitavo ano.
Andei perdido por Chipre, pela Fenícia e pelo Egito;
cheguei aos Etíopes, aos Erembos e aos Sidónios;
estive na Líbia, onde os cordeiros nascem já com chifres,
pois lá as ovelhas dão à luz os cordeiros três vezes por ano.

Amo e pastor nunca têm falta de queijo,
carne ou doce leite, porque os rebanhos
dão leite para a ordenha durante todo o ano.
Enquanto eu vagueava por essas terras reunindo muito sustento,
outro me assassinou o irmão sem que ninguém soubesse,
à traição, devido ao estratagema da esposa amaldiçoada.
Por isso não me regozijo com as riquezas de que sou senhor.
Isto talvez ouvistes dos vossos pais, quem quer que sejam:
foi muito o que sofri e perdi uma grande casa,
bem fornecida e recheada de muitos e excelentes tesouros.

Quem me dera que pudesse viver em casa com um terço
daquela riqueza e que permanecessem salvos aqueles que depois
pereceram na ampla Troia, longe de Argos apascentadora de
cavalos!
E embora por todos eles eu chore e me lamente
muitas vezes, sentado aqui no nosso palácio —
ora deleitando o meu espírito com o pranto,
ora parando, pois depressa se chega ao limite do choro —,
por todos eles não choro eu tanto, ainda que entristecido,
como por um homem, que me faz odiar tanto o sono
como a comida, quando nele penso: pois nenhum dos Aqueus
sofreu como Odisseu sofreu e aguentou. Mas o destino
dele foi a desgraça; para mim fica o luto inesquecível
por ele, porque está desaparecido há muito tempo;
e nem sabemos se vive ou se morreu. Lamentá-lo-ão
o velho Laertes e a sensata Penélope, assim como
Telémaco, que ele deixou, recém-nascido, em casa.»

Assim disse; e Telémaco sentiu vontade de chorar pelo pai.
Ao ouvir falar do pai caíram-lhe lágrimas das pálpebras,
e levantando a capa purpúrea cobriu os olhos
com ambas as mãos. Menelau apercebeu-se dele
e refletiu em seguida no espírito e no coração
se haveria de deixar que fosse o próprio Telémaco a falar
do pai, ou se o deveria interrogar e pôr à prova.

Enquanto refletia sobre isto no coração e no espírito,
do seu alto tálamo perfumado surgiu Helena,
semelhante a Ártemis da roca dourada. Com ela veio também

Adraste, que lhe colocou um assento embutido;
Alcipe trouxe um tapete de lã macia;
e Filo trouxe um cesto de prata, que lhe oferecera
Alcandre, esposa de Pólibo, que habitava a egípcia
Tebas, onde nas casas jaz a maior quantidade de riqueza.
Foi ele que deu a Menelau duas banheiras de prata,
duas trípodes e dez talentos de ouro. Além disto,
ofereceu sua esposa a Helena presentes lindíssimos:
uma roca dourada e um cesto provido de rodas,
prateado, com os rebordos embutidos com ouro.
Foi este cesto que trouxe Filo, a escrava, e colocou-o
junto da rainha, repleto de fio bem fiado; e sobre ele
estava deitada a roca, com lã cor da escura violeta.
Sentou-se Helena no trono, sob o qual estava um banco
para os pés; e logo interrogou o marido com estas palavras:

«Sabemos, ó Menelau criado por Zeus, quem estes homens
declaram ser, que a nossa casa chegaram? Deverei disfarçar
ou dizer a verdade? Mas o coração impele-me a falar.
Afirmo que nunca vi pessoa tão parecida com outra,
quer homem, quer mulher (olho dominada pelo espanto!),
como este jovem com o filho do magnânimo Odisseu,
Telémaco, que ainda recém-nascido deixou em casa
aquele homem, quando por causa da cadela que eu sou
vós Aqueus fostes para Troia, com a guerra audaz no espírito.»

Respondendo-lhe, assim falou o loiro Menelau:
«Apercebo-me agora da semelhança que apontas.
Assim eram os pés dele; assim eram as mãos.

A expressão nos olhos, a cabeça e o cabelo.
E mesmo agora, quando eu falava de Odisseu
e referia tudo o que ele sofreu por minha causa,
o rapaz deixou cair lágrimas amargas,
e com a capa purpúrea o rosto cobriu.»

A ele deu resposta Pisístrato, filho de Nestor:
«Atrida Menelau, criado por Zeus, Condutor das Hostes!
Este é mesmo o filho legítimo dele, como dizes.
Mas é cauteloso e envergonha-se no coração de aqui chegar
pela primeira vez e de se mostrar atrevido à tua frente.
É que a tua voz nos encanta como se fosse a de um deus.
Mandou-me Nestor de Gerénia, o Cavaleiro, que com ele
fizesse esta viagem: pois ele estava desejoso de te ver,
para que de algum modo o animasses com atos ou palavras.
Muitas são as dores que no palácio sofre um filho
na ausência do pai, quando não há ninguém que o ajude,
como sucede agora com Telémaco: o pai partiu e no povo
não há outros que se disponham a afastar a desgraça.»

Respondendo-lhe, assim falou o loiro Menelau:
«Ah, como me é caro o homem cujo filho aqui chegou
a minha casa, esse homem que por mim tanto sofreu!
Pensava eu que se ele regressasse o estimaria mais
do que a todos os Argivos, se a nós dois tivesse concedido
o retorno das naus velozes Zeus Olímpio, que vê ao longe.
Ter-lhe-ia dado em Argos uma cidade para ele habitar,
e um palácio ter-lhe-ia construído, depois que o tivesse
trazido de Ítaca com as suas riquezas, com o seu filho

e com todo o seu povo, esvaziando uma cidade daqueles
que lá viviam e em mim viam o seu soberano.
Vivendo aqui perto, ter-nos-íamos visto com frequência,
e nada nos separaria no comprazimento da nossa amizade,
até que nos cobrisse a nuvem negra da morte.
Mas o próprio deus terá sentido inveja de tudo isto,
e determinou que só Odisseu ficasse privado do regresso.»

Assim falou; e em todos acordou o desejo de chorar.
Chorou Helena, a Argiva, nascida de Zeus;
chorou Telémaco; e Menelau, filho de Atreu;
nem o filho de Nestor manteve os olhos isentos de lágrimas.
Pois recordava no coração o irrepreensível Antíloco,
a quem matara o belo filho da Aurora.
Pensando nele, proferiu palavras apetrechadas de asas:

«Filho de Atreu, muitas vezes afirmou o ancião Nestor
que o teu entendimento supera o de outros homens,
quando se falava de ti no palácio e nos interrogávamos
uns aos outros. Agora, se possível, deixa-te convencer por mim,
pois não me apraz chorar a seguir ao jantar, além de que em breve
chegará a Aurora que cedo desponta. Não há mal em chorar-se
qualquer um dos mortais que na morte tenha encontrado seu destino.
Esta é a única homenagem que aos pobres mortais podemos prestar:
cortar o cabelo e deixar cair do rosto uma lágrima.
Na verdade, morreu-me o irmão, que não era o mais cobarde

dos Argivos; porventura tê-lo-ás conhecido. Pela minha parte,
nunca o conheci nem vi: mas acima dos outros dizem que
Antíloco foi excelente na corrida e como guerreiro.»

Respondendo-lhe, assim falou o loiro Menelau:
«Amigo, disseste aquilo que teria dito e feito
um homem sagaz — um mais velho que tu.
Tal é o pai que te gerou, e por isso falas com prudência.
Facilmente reconhecível é o filho de um homem a quem
o Crónida tenha destinado a ventura no casamento e na procriação
de filhos: foi assim que a Nestor concedeu que ao longo de todos
os seus dias envelhecesse com saúde no seu palácio,
e que seus filhos fossem perspicazes e excelentes lanceiros.
Mas poremos cobro ao pranto que agora sobreveio.
Pensemos de novo na nossa refeição; e que os escravos
nos vertam água para as mãos. Ao nascer do Sol haverá
mais palavras para Telémaco e eu próprio trocarmos.»
Assim falou; e verteu-lhes água para as mãos Asfálion,
ágil criado do famoso Menelau,
e lançaram mãos às iguarias que tinham à sua frente.

Foi então que ocorreu outra coisa a Helena, filha de Zeus.
No vinho de que bebiam pôs uma droga que causava
a anulação da dor e da ira e o olvido de todos os males.
Quem quer que ingerisse esta droga misturada na taça,
no decurso desse dia, lágrima alguma não verteria:
nem que mortos jazessem à sua frente a mãe e o pai;

nem que na sua presença o irmão ou o filho amado
perante seus próprios olhos fossem chacinados pelo bronze.
Tais drogas para a mente tinha a filha de Zeus,
drogas excelentes, que lhe dera Polidamna, a esposa egípcia
de Ton, pois aí a terra dadora de cereais faz crescer grande
quantidade de drogas: umas curam quando misturadas;
mas outras são nocivas. Lá cada homem é médico;
seus conhecimentos superam os dos outros homens,
porque são todos da raça de Peéon.
Misturada a droga, ordenou que se servisse o vinho.
Então proferiu Helena as seguintes palavras:

«Atrida Menelau, criado por Zeus, e vós que aqui estais,
filhos de homens nobres! Ora a um, ora a outro,
dá Zeus o bem e o mal; pois tudo ele pode.
Sentai-vos agora na sala, comprazei-vos com o festim
e deleitai-vos com discursos: por mim, algo direi de adequado.
Não poderei contar nem narrar todas as coisas
que o sofredor Odisseu padeceu.
Mas que feitos praticou e aguentou aquele homem forte
na terra dos Troianos, onde vós Aqueus desgraças sofrestes!
Desfigurando o seu próprio corpo com golpes horríveis,
pôs sobre os ombros uma veste que o assemelhava a um escravo
e entrou na cidade de ruas largas de homens inimigos.

Ocultou-se por meio da parecença com outro homem,
Dectes, que em nada se lhe assemelhava nas naus dos Aqueus.
Mas assemelhando-se a ele entrou na cidade dos Troianos.

A todos passou despercebido. Só eu o reconheci apesar do disfarce,
e interroguei-o — mas ele, manhoso, desconversou.
Mas depois que lhe dei banho e o ungi com azeite,
depois que o vestira com roupas e jurara um grande juramento
de não revelar a identidade de Odisseu aos Troianos
antes que chegasse às naus velozes e às tendas,
então me contou qual era o plano dos Aqueus.
E após ter matado muitos Troianos com a sua longa espada,
voltou para junto dos Argivos, trazendo importantes notícias.
Nesse momento começaram as Troianas a chorar; mas alegrou-se
o meu espírito, pois já o meu coração desejava voltar
para casa. E lamentei a loucura, que Afrodite me impusera,
quando me levou para lá da amada terra pátria,
deixando a minha filha, o tálamo matrimonial e o marido,
a quem nada faltava, quer em beleza, quer em inteligência.»

Respondendo-lhe, assim falou o loiro Menelau:
«Tudo contaste, minha esposa, segundo a ordem apropriada.
Já tive ocasião de conhecer os conselhos e pensamentos
de muitos heróis, pois viajei longamente sobre a terra.
Mas nunca com os olhos vi eu nada que se comparasse
com o amável coração do sofredor Odisseu.
Que feitos praticou e aguentou aquele homem forte
dentro do cavalo polido, em que estávamos todos nós,
os melhores dos Argivos, para trazer o destino da morte aos Troianos!
Tu entretanto te aproximaste, decerto enviada por um deus

que queria conceder toda a honra aos Troianos.
E Deífobo semelhante aos deuses vinha logo atrás de ti.
Três vezes contornaste a côncava cilada, sentindo-a com o tato,
e chamavas alto pelos reis dos Dânaos, dizendo os seus nomes
e imitando a voz das esposas de todos os Argivos.

Então eu, o filho de Tideu e o divino Odisseu
estávamos ali sentados e ouvíamos como chamavas.
Nós dois estávamos desejosos de nos levantarmos
e de sairmos; ou então de responder lá de dentro.
Mas Odisseu impediu-nos e reteve-nos, à nossa revelia.
Todos os filhos dos Aqueus se mantiveram em silêncio;
só Ânticlo queria responder à tua voz.
Mas Odisseu tapou-lhe a boca com grande firmeza,
utilizando as suas mãos fortes; e assim salvou todos os Aqueus.
Assim o reteve, até que Palas Atena te levasse para longe.»

A ele deu resposta o prudente Telémaco:
«Atrida Menelau, criado por Zeus, Condutor das Hostes!
O que é mais doloroso é que nada disso afugentou dele
a morte terrível, nem que ele tivesse um coração de ferro.
Mas agora manda-nos para a cama, para que nos possamos
deitar e assim fruir do sono docemente.»

Assim falou; e Helena, a Argiva, ordenou às escravas
que armassem camas debaixo do pórtico e que sobre elas
pusessem cobertores purpúreos e estendessem mantas,
e que lá colocassem capas de lã em que eles se envolvessem.
As escravas saíram da sala com tochas acesas nas mãos

e fizeram as camas; um arauto conduziu os estrangeiros.
E ali dormiram, no pórtico do palácio,
o herói Telémaco e o glorioso filho de Nestor.
Mas o Atrida deitou-se no aposento interior do alto palácio;
e junto dele, Helena de longos vestidos, divina entre as mulheres.

Quando surgiu a que cedo desponta, a Aurora de róseos dedos,
levantou-se da sua cama Menelau, Excelente em Auxílio;
vestindo a roupa, pendurou do ombro uma espada afiada,
e nos pés resplandecentes calçou as belas sandálias.
Ao sair do quarto, assemelhava-se a um deus.
Foi sentar-se junto de Telémaco, a quem falou pelo nome:
«Que necessidade te trouxe até aqui, ó herói Telémaco,
sobre o dorso do mar para a divina Lacedemónia?
É assunto público ou privado? Diz-me a verdade.»

A ele deu resposta o prudente Telémaco:
«Atrida Menelau, criado por Zeus, Condutor das Hostes!
Vim na esperança de que soubesses notícias de meu pai.
Devoram-me a casa; os ricos campos estão a ser arruinados;
tenho a casa cheia dos meus inimigos, que constantemente
me degolam os numerosos rebanhos e o gado cambaleante:
os pretendentes de minha mãe, terríveis na sua insolência.
Por isso estou junto dos teus joelhos como suplicante,
para saber se me podes contar como ele morreu, no caso
de teres visto com teus olhos ou de teres ouvido o relato
de algum viajante. Infeliz além de todos o gerou sua mãe.

E peço-te que nem por pena nem vergonha abrandes a tua palavra,
mas diz-me com clareza tudo o que souberes.
Suplico-te; e se alguma vez meu pai, o nobre Odisseu,
te prometeu e cumpriu alguma ação ou palavra
na terra dos Troianos, onde muito sofreram os Aqueus,
lembra-te disso agora em meu benefício: diz-me toda a verdade.»

Indignado lhe respondeu então o loiro Menelau:
«Ah, na verdade é na cama de um homem magnânimo
que esses pretendem dormir, sendo eles sem valor algum!
Tal como a corça, que na toca de um possante leão
deita os gamos ainda não desmamados
e por montes e vales vai procurando em busca
de pastagem, e depois disso chega o leão à toca
para fazer desabar sobre os gamos um destino cruel —
assim Odisseu fará desabar sobre eles um cruel destino.
Quem dera — ó Zeus pai, ó Atena, ó Apolo! —
que com a mesma força com que se levantou outrora
na bem fundada Lesbos em luta contra Filomeleídes,
e o derrubou no pugilato perante o aplauso dos Aqueus —
quem dera que assim Odisseu surgisse entre os pretendentes!
Rápido seria o seu destino e amargo o casamento!
Mas nisto que me interrogas e suplicas, não desviarei
as palavras para outras coisas, nem te ludibriarei.
Antes de tudo: do que me disse o infalível Velho do Mar,
disso nada te ocultarei nem tentarei esconder.
Estava eu no Egito, desejoso de regressar; mas retinham-me

os deuses, porque não lhes oferecera apropriadas hecatombes.
Querem sempre os deuses que cumpramos os seus desígnios.
Ora existe uma ilha no meio do mar muito encrespado
defronte do Egito: chamam-lhe a ilha de Faros.
Dista do continente o que navegaria uma côncava nau
num dia, quando tem por trás um vento guinchante.
Ali há um porto de bom ancoradouro, donde os homens
lançam naus recurvas para o mar alto, depois de se terem
abastecido de água negra. Aí me retiveram os deuses vinte dias:
não sopraram os ventos marítimos que levam as naus
rapidamente sobre o vasto dorso do mar.
E todos os víveres se teriam gasto e toda a força dos homens,
se um dos deuses se não tivesse apiedado de mim, salvando-me:
Idótea, filha de Proteu, o poderoso Velho do Mar.
Pois a ela muito comovi o coração. Apareceu-me
quando eu vagueava só, longe dos meus companheiros,
que davam sempre volta à ilha, pescando com recurvos anzóis,
uma vez que a fome lhes apertava os estômagos.
Ela chegou ao pé de mim e disse-me estas palavras:

“És tolo, ó estrangeiro, e desprovido de inteligência,
ou será por tua vontade que te deleitas a sofrer tais dores?
Há muito que estás retido na ilha, incapaz de ver como
as coisas acabarão; e os teus companheiros estão desanimados.”
Assim falou; e eu, tomando a palavra, dei-lhe esta resposta:
“Digo-te — sejas tu qual das deusas fores —
que não é por minha vontade que estou retido, mas porque
ofendi os deuses imortais, que o vasto céu detêm.
Mas diz-me agora tu (pois tudo sabem os deuses)

qual dos imortais aqui me prende e impede de prosseguir.
Fala-me do meu retorno, como deverei seguir pelo mar piscoso."

Assim falei; e logo me respondeu Idótea, divina entre as deusas:
"A ti, estrangeiro, tudo direi com verdade e sem rodeios.
Costuma aqui vir o infalível Velho do Mar,
o imortal Proteu egípcio, que do mar conhece
todas as profundezas, como vassalo que é de Posídon.
Ele é, segundo dizem, o pai que me gerou e deu vida.
Se conseguisses de alguma maneira preparar-lhe uma cilada
e apanhá-lo, ele dir-te-ia tudo sobre o caminho e a extensão
do percurso; sobre como deverás seguir pelo mar piscoso.
Ele te dirá também, ó tu criado por Zeus, se quiseres,
que desgraças ou que venturas aconteceram em tua casa,
enquanto te ausentaste para seguires caminho tão longo e doloroso."

Assim falou; e eu, tomando a palavra, dei-lhe esta resposta:
"Diz-me tu como prepararei a cilada ao ancião divino,
não vá ele ver-me primeiro e logo me evitar.
É difícil para um mortal dominar um deus."

Assim falei; e logo me respondeu Idótea, divina entre as deusas:
"A ti, estrangeiro, tudo direi com verdade e sem rodeios.
Assim que o Sol tiver chegado ao meio do céu,
da água salgada sai para aqui o infalível Velho do Mar,
com o sopro do Zéfiro, coberto de negras algas.
Ao sair do mar deita-se em seguida em côncavas grutas;

e em seu redor as focas, progénie das lindas ondas salgadas,
se deitam a dormir, tendo emergido do mar cinzento;
e acre é o cheiro a maresia que trazem do fundo do mar.
A esse lugar te conduzirei quando surgir a Aurora,
para vos deitar em fila; tu escolherás dos companheiros
três homens, os melhores que tiveres nas naus bem construídas.
Agora contar-te-ei todas as manhas daquele ancião.
Primeiro há de contar e verificar as focas.
Depois de as ter verificado e contado cinco a cinco,
deitar-se-á no meio delas como um pastor com as suas ovelhas.
Assim que o virdes reclinar-se para repousar,
pensai imediatamente na força e na coragem:
retende-o, pois ele quererá esquivar-se com afinco.
Tudo tentará e assumirá todas as formas conhecidas
de tudo o que se mexe na terra: até água e fogo ardente.
Vós devereis agarrá-lo e segurá-lo com ainda mais força.
Mas quando finalmente ele te falar e interrogar
sob a forma com que pela primeira vez o vistes,
então, ó herói, deverás desistir da força e deixá-lo:
pergunta-lhe qual dos deuses se encoleriza contra ti;
pergunta-lhe sobre o teu regresso pelo mar piscoso.”

Assim falando, mergulhou no meio da rebentação do mar.
Eu voltei para as naus, para o sítio onde estavam na areia;
e muitas coisas revolvi no coração, enquanto caminhava.
Mas quando cheguei à nau e à orla do mar,
preparámos a ceia; sobreveio depois a noite ambrosial.
E na praia nos deitámos então para dormir.

Quando surgiu a que cedo desponta, a Aurora de róseos dedos,
caminhei ao longo da orla do mar de amplos caminhos,
dirigindo muitas preces e súplicas aos deuses; e levei os três
companheiros em que confiava para qualquer aventura.
Entretanto, Idótea mergulhara sob o vasto peito do mar
e trouxera das profundezas as peles de quatro focas,
recentemente esfoladas. Concebeu um dolo contra o pai.
Escavara concavidades na areia do mar; e aí estava sentada
à nossa espera. Quando nos aproximámos dela,
mandou-nos deitar em fila, e sobre cada um atirou uma pele.
Então ter-se-ia a cilada revelado insuportável, pois o fedor
repugnantíssimo das focas criadas no mar nos enojava.
Na verdade, quem quereria deitar-se com uma criatura do mar?
Mas Idótea salvou-nos ao proporcionar uma grande benesse:
sob as narinas de cada um pôs ambrósia,
tão perfumada que anulava o cheiro da criatura marinha.
Toda a manhã ali esperámos com coração paciente.
Vieram depois as focas todas juntas
e deitaram-se enfileiradas ao longo da praia.
Ao meio-dia emergiu o Velho do Mar, que ali encontrou
as gordas focas: verificou todas e contou-lhes o número.
Contou-nos também a nós como focas, sem suspeitar
que havia algum dolo; em seguida deitou-se.
Atirámo-nos então a ele com um grito e segurámo-lo
com as mãos; mas o Velho não se esqueceu das artimanhas:
transformou-se primeiro num leão barbudo;
depois numa serpente, num leopardo e num enorme javali;
depois em água molhada e numa árvore de altas folhas.
Nós segurámo-lo com persistência, de espírito paciente.

Mas quando se cansou o Velho sabedor de coisas tão perigosas,
então me interrogou e proferiu as seguintes palavras:

"Qual dos deuses, ó filho de Atreu, te aconselhou a esperares
por mim, armando uma cilada? De que precisas?"

Assim falou; e eu, tomando a palavra, dei-lhe esta resposta:
"Tu já sabes, ó ancião; porque tentas desviar-me com perguntas?
Sabes há quanto tempo estou retido nesta ilha; sabes que não
encontro sinal de salvação e que o coração se me desanima.
Mas diz-me agora tu (pois tudo sabem os deuses)
qual dos imortais aqui me prende e impede de prosseguir.
Fala-me do meu regresso, como deverei seguir pelo mar piscoso."

Assim falei; e ele, respondendo, disse-me estas palavras:
"Porém a Zeus e a todos os outros deuses deverias
ter oferecido sacrifícios antes de embarcar, para que depressa
chegasses à tua terra pátria, navegando sobre o mar cor de vinho.
Não é teu destino veres os familiares e chegares a tua casa
bem fornecida e à tua terra pátria antes de teres ido
para o Egito, rio alimentado pelo céu:
aí junto às suas águas deverás oferecer sacras hecatombes
aos deuses imortais, que o vasto céu detêm.
Só nessa altura te darão os deuses o caminho que desejas."

Assim falou; e no peito se me despedaçou o coração,
porque me mandava atravessar o mar brumoso

até ao Egito, caminho longo e árduo.
Mesmo assim tomei a palavra e lhe respondi:

“Tudo isto cumprirei, ó ancião, como tu ordenas.
Mas diz-me isto agora e fala com exatidão,
se com suas naus regressaram incólumes todos os Aqueus,
todos os que Nestor e eu deixámos, quando partimos de Troia.
Ou houve alguém que tenha morrido na nau de morte cruel,
ou nos braços de amigos, depois de ele ter atado os fios da guerra?”

Assim falei; e ele, respondendo, disse-me estas palavras:
“Atrida, porque me interrogas sobre estas coisas?
Não te compete compreender nem conhecer a minha mente.
E digo que não ficarás muito tempo sem chorar, quando tudo souberes; pois muitos deles morreram e muitos ficaram para trás.
Mas só dois soberanos dos Aqueus de brônzea armadura
morreram no regresso; quanto à guerra, tu próprio estiveste lá.
Há outro que talvez ainda viva, embora retido no vasto mar.
Ájax encontrou a morte no meio das suas naus de longos remos.
Primeiro foi Posídon que o atirou contra os grandes
rochedos de Giras, mas depois salvou-o do mar.
E teria fugido à morte, embora detestado por Atena,
se não tivesse cometido um ato insensato, proferindo
uma palavra ufanosa: disse que era à revelia dos deuses
que escapara ao grande golfo do mar.
Posídon ouviu-o a falar assim de modo tão ousado
e logo pegou no tridente com suas mãos poderosas:

bateu no rochedo de Giras, partindo-o a meio.
Uma parte permaneceu no seu lugar; mas a outra caiu no mar:
aquela em que Ájax estava sentado quando se lhe obnubilou
o espírito: e foi levado para as profundezas ilimitadas do mar.
Foi aí que morreu afogado, depois de ter bebido água salgada.
Quanto a teu irmão, fugiu ao destino, evitando-o
nas côncavas naus, pois salvou-o a excelsa deusa Hera.
Mas quando estava prestes a aproximar-se da elevação
escarpada da Maleia, foi apanhado por uma tempestade
que o levou, gemendo profundamente, sobre o mar piscoso
até à extremidade do campo, onde anteriormente vivera
Tiestes, mas onde vivia agora Egisto, filho de Tiestes.
Quando também daqui lhe foi outorgado um bom regresso
(mudaram de novo os deuses a direção do vento) e a casa
chegou, foi com alegria que Agamémnon pisou a pátria:
tocando na terra, beijou-a; e copiosamente lhe caíram
lágrimas quentes dos olhos, porque vira, feliz, a sua terra.
Vira-o porém da sua atalaia o vigia que ali postara
o ardiloso Egisto, tendo-lhe prometido uma recompensa
de dois talentos de ouro. Durante um ano ali vigiara com receio
de que Agamémnon passasse sem ser visto e fizesse alguma
corajosa façanha. O vigia foi dar a notícia ao Pastor de Povos.
Imediatamente pensou Egisto numa artimanha traiçoeira.
Escolhendo os vinte melhores homens dentre o povo,
fê-los armar uma emboscada; mas do outro lado preparou
um festim. Então saiu Egisto para receber Agamémnon,
o Pastor de Povos, com carros e cavalos, planeando embora
coisas vergonhosas. Trouxe-o para casa, insciente da desgraça;

e depois que Agamémnon jantou, Egisto matou-o como a um boi.
Nenhum dos companheiros do Atrida foi poupado;
nenhum de Egisto: todos foram chacinados no palácio.”

Assim falou; e no peito se me despedaçou o coração.
Chorei, sentado na areia, e o meu espírito já não queria
viver nem contemplar a luz do Sol.
Mas depois que me cansei de chorar e de me contorcer,
assim me disse o infalível Velho do Mar:

“Não chores tanto tempo sem cessar, ó filho de Atreu,
pois não descobriremos que traga algum alívio. Em vez disso
tenta agora regressar depressa para a tua terra pátria.
Pode ser que encontres Egisto ainda vivo, se Orestes se não tiver
antecipado, matando-o: nesse caso, ao funeral poderás assistir.”

Assim falou; e no peito me senti de novo reconfortado
no espírito e no coração, apesar do grande sofrimento.
E falando dirigi-lhe palavras apetrechadas de asas:

“Sobre estes já estou informado. Fala-me agora do terceiro homem,
desse que ainda vive, mas é retido no vasto mar —
ou será que morreu? Quero saber, apesar do meu sofrimento.”

Assim falei; e ele, respondendo, disse-me estas palavras:
“É o filho de Laertes, que tem sua morada em Ítaca.
Vi-o numa ilha a verter lágrimas copiosas,

no palácio da ninfa Calipso, que à força lá o retinha.
E assim ele não pode regressar à sua terra pátria,
pois não tem naus apetrechadas de remos, nem tripulação
que o possa transportar sobre o vasto dorso do mar.
Mas para ti, ó Menelau criado por Zeus, não está destinado
que morras em Argos apascentadora de cavalos;
para o Campo Elísio nos confins da terra
os imortais te levarão, para lá onde vive o loiro Radamanto
e a vida para os homens é da maior suavidade.
Não há neve, nem grandes tempestades nem sequer chuva,
mas o Oceano faz soprar as brisas do Zéfiro guinchante
para trazer aos homens o deleite da frescura.
Tens Helena por mulher: para eles, és genro de Zeus."

Assim falando, mergulhou no meio da rebentação do mar.
Voltei para as naus com os meus divinos companheiros,
revolvendo no coração pensamentos tenebrosos.
Quando chegámos à nau e à orla do mar,
preparámos o jantar; e depois sobreveio a noite ambrosial.
Deitámo-nos para dormir na praia junto ao mar.

Quando surgiu a que cedo desponta, a Aurora de róseos dedos,
arrastámos primeiro as naus para o mar divino;
colocámos os mastros e as velas nas naus bem construídas;
depois embarcaram e sentaram-se aos remos.
Sentados em filas, percutiram com os remos o mar cinzento.
Voltámos para o Egito, rio alimentado pelo céu;
aí fundeámos as naus e ofereci sacras hecatombes.
Depois que fiz cessar a ira dos deuses que são para sempre,

erigi um túmulo a Agamémnon, para que inexaurível fosse
a sua fama. Tendo cumprido estas coisas, regressei a casa;
os deuses fizeram soprar um vento favorável e depressa
me trouxeram à amada terra pátria. Fica agora tu no palácio,
até que chegue o décimo primeiro ou o décimo segundo dia;
nessa altura despedir-me-ei de ti com presentes gloriosos:
três cavalos e um carro bem polido. Além disso dar-te-ei
uma linda taça, para verteres libações aos deuses imortais,
e para ao longo de toda a tua vida te lembrares de mim.»

A ele deu resposta o prudente Telémaco:
«Atrida, não me retenhas aqui durante muito tempo.
Decerto permaneceria ao teu lado um ano inteiro,
sem que me viesse a saudade da pátria ou da família.
Maravilhosamente me deleito quando oiço as tuas palavras.
Mas os meus companheiros se agitariam na sagrada Pilos,
no caso de tu aqui me reteres algum tempo.
Quanto ao presente que me queres dar, que seja um valioso
objeto, pois cavalos não levarei para Ítaca, mas deixá-los-ei
aqui para tu gozares. Tu és rei de uma vasta planície,
onde há abundância de lódão, junça, espelta e trigo;
e da branca cevada de espiga larga.
Em Ítaca não há amplas estradas nem pradaria:
é terra apascentadora de cabras, mais bela que as terras
606*b* apascentadoras de cavalos.
Nenhuma das ilhas é apta para cavalos nem é de boa pradaria.
Descem para o mar a pique; e Ítaca mais do que as outras.»

Assim falou; sorriu Menelau, Excelente em Auxílio,

e acariciou-o com a mão. Depois falou-lhe pelo nome e disse:

«Por tudo o que dizes é excelente, querido filho, o sangue
de que provéns. Trocarei os teus presentes; posso fazê-lo.
Dos presentes que jazem como tesouros na minha casa,
dar-te-ei o que é mais belo e mais precioso:
dar-te-ei uma taça cinzelada, toda feita de prata,
mas os rebordos são trabalhados com ouro,
obra de Hefesto. Deu-ma o herói Fédimo,
rei dos Sidónios, quando me acolheu em sua casa,
a mim que por lá viajava. Agora quero dar-ta a ti.»

Assim falavam, trocando estas palavras um com o outro.
Os comensais vieram para o palácio do rei divino.
Conduziam ovelhas e traziam consigo um vinho viril.
Suas esposas de lindos penteados trouxeram o pão.
Deste modo se ocupavam no palácio a preparar o festim.

Por seu lado, os pretendentes estavam à frente do palácio de Odisseu,
deleitando-se com o lançamento do disco e o arremesso de dardos
em local aplanado, onde anteriormente, tendo insolência.
Estavam ali sentados Antínoo e o divino Eurímaco,
que lideravam os pretendentes: pois em valor eram os melhores.
Aproximou-se deles Noémon, filho de Frónio,
e interrogando Antínoo assim lhe disse:

«Antínoo, sabemos ou não sabemos todos no nosso espírito

quando regressará Telémaco de Pilos arenosa?
Partiu na minha nau; e agora tenho necessidade dela
para fazer a travessia até à ampla Élide, onde tenho doze
éguas que amamentam robustas mulas ainda indómitas.
Destas gostaria de trazer uma para a domesticar.»

Assim falou; e os pretendentes ouviram, espantados.
Não pensavam que ele tivesse ido para Pilos, terra de Neleu;
julgavam-no nas suas terras, com os rebanhos ou com o porqueiro.
Falou-lhe então Antínoo, filho de Eupeites:

«Diz-me a verdade. Quando foi e que rapazes levou com ele?
Eram jovens escolhidos de Ítaca, ou eram seus
jornaleiros e escravos? Poderia tê-lo feito!
E diz-me agora isto, com verdade, para que eu saiba:
se foi à força, à tua revelia, que ele te levou a escura nau;
ou se foi de livre vontade que lha deste, porque ele a pedira.»

A ele deu resposta Noémon, filho de Frónio:
«Dei-lhe a nau de bom grado. E outro teria feito o mesmo,
se fosse abordado por um homem como ele, com tantas
preocupações no coração. Esquivarmo-nos a dar é difícil.

Os jovens que com ele seguiram são os melhores cá da terra,
além de nós; e com eles vi também embarcar Mentor,
ou um deus em tudo com o aspeto de Mentor.
Disto me admiro, pois ainda hoje, ao nascer do Sol,
vi aqui o divino Mentor, que antes embarcara para Pilos!»

Assim falou e foi em seguida para casa de seu pai.
Mas iraram-se os corações orgulhosos dos outros dois.
Logo obrigaram os pretendentes a sentar-se e a parar
os desportos. Entre eles falou Antínoo, filho de Eupeites,
irritado: tinha o coração cheio de negra raiva
e os olhos assemelhavam-se a fogo faiscante.

«Amigos, esta viagem foi uma grande façanha que Telémaco
conseguiu: pensávamos que nunca seria capaz de a fazer.
À revelia de nós todos, o rapaz partiu sem mais nem menos,
apetrechando assim uma nau e escolhendo os melhores jovens
entre o povo. Ele já começa a ser um flagelo; mas que Zeus
lhe destrua a força toda, antes que chegue à idade adulta!
Dai-me agora uma nau veloz e vinte companheiros,
para que no regresso dele eu lhe arme uma cilada e vigie
no estreito entre Ítaca e a rochosa Samos:
que seja bem triste a viagem que fez por causa do pai.»

Assim falou; e todos o incitaram, louvando as suas palavras.
Levantaram-se de imediato e foram para casa de Odisseu.

Porém a Penélope não haveriam de passar despercebidos
os planos que os pretendentes congeminavam no espírito.
Foi o arauto Médon que lhe contou, ele que ouvira os planos
quando estava no pátio — e eles lá dentro a tecerem o seu dolo.
Atravessou o palácio para dar a notícia a Penélope.
Ao transpor a soleira da porta, foi isto que lhe disse a rainha:
«Arauto, porque te mandam aqui os presunçosos pretendentes?
Foi para dizeres às escravas do divino Odisseu que interrompam

os seus lavores, para lhes preparar agora um festim?
Que nem como pretendentes nem como companheiros —
que agora pela última e derradeira vez eles aqui jantem,
vós que sempre vos reunis para destruir toda a riqueza
que pertence ao fogoso Telémaco! De vossos pais não ouvistes
anteriormente, ainda crianças, que género de homem
era Odisseu entre todos aqueles que vos deram a vida?
Nem ouvistes que ele nada de mal fez, nem disse, a ninguém
do povo, como é a prática dos soberanos divinos?
Pois a uns odeiam os reis, estimando embora outros.
Porém Odisseu nunca tratou mal nenhum homem.
Mas o vosso coração e os vossos atos vergonhosos
estão à vista: não há gratidão pelas benesses do passado.»

Respondeu-lhe então Médon, ciente do que era sensato:
«Quem dera, ó rainha, que fosse isso a coisa pior!
Mas há algo de muito maior e muito mais doloroso
que os pretendentes congeminam; que o Crónida nunca
tal coisa permita! Pois querem matar Telémaco à chegada
com o bronze afiado. Na verdade, ele foi em demanda
de notícias do pai à sacra Pilos e à divina Lacedemónia.»

Assim falou; logo o coração e os joelhos da rainha perderam a força.
Longa afasia de palavras a tomou; os seus olhos
encheram-se de lágrimas e travou-se-lhe a voz sonora.
Mas por fim conseguiu encontrar a voz e assim respondeu:

«Arauto, porque se ausentou o meu filho? Que necessidade

tinha ele de embarcar em naus velozes, que são corcéis do mar
para os homens e atravessam vastas extensões de água?
Foi para que entre os homens nem ficasse o seu nome?»
Respondeu-lhe então Médon, ciente do que era sensato:
«Não sei se foi um deus que o incitou, ou se foi de moto próprio
que decidiu ir a Pilos, para que se informasse sobre o regresso
de seu pai — ou então sobre o fim que lhe deu o destino.»

Assim dizendo, atravessou o palácio de Odisseu.
Tomou-a então uma dor dilacerante: já não lhe aprazia
sentar-se em nenhuma das cadeiras que havia no palácio.
Em vez disso sentou-se na soleira do esplêndido aposento,
chorando deploravelmente. Em seu redor choravam também
todas as escravas que, novas e velhas, estavam na casa.
A elas disse Penélope, chorando copiosamente:

«Ouvi-me, amigas! A mim deu o Olímpio mais dores
do que a qualquer das mulheres que comigo nasceram e foram criadas.
Há muito que perdi o valoroso esposo de coração de leão,
o melhor entre os Dânaos por toda a espécie de excelência.
A sua fama é vasta na Hélade e no meio de Argos.
Mas agora os ventos das tempestades raptaram do palácio,
sem notícia, o meu filho amado; e eu nem ouvi dizer que partia!
E vós, desgraçadas, não pensastes em me acordar da cama,
embora no coração soubésseis perfeitamente
quando ele partiu na côncava nau escura!
Se eu tivesse ouvido dizer que ele queria seguir esse caminho,
ele aqui teria ficado, por muito que quisesse partir,

ou então ter-me-ia deixado morta no palácio.
Mas que alguém se apresse agora a chamar o velho Dólio
(o escravo que me deu meu pai quando eu vim para cá;
esse que trata do meu jardim viçoso) para que vá depressa
contar tudo a Laertes, sentando-se a seu lado.
Talvez Laertes teça no coração algum estratagema,
saindo em grande lamentação à frente desse povo
que quer destruir a sua linhagem e a do divino Odisseu.»
Respondendo-lhe, assim falou a querida ama Euricleia:
«Minha senhora, mata-me tu com o bronze afiado,
ou deixa-me viver no palácio; mas não me calarei.
De tudo eu sabia; dei-lhe os víveres que me pediu,
pão e vinho doce. Mas com um grande juramento fez-me ele jurar
que nada te diria, antes que chegasse o décimo segundo dia;
porque se desses pela falta dele ou ouvisses dizer que partira,
começarias a chorar e a desfigurar o teu lindo rosto.
Vai antes tomar banho e veste o corpo com roupa lavada;
depois sobe para os teus mais altos aposentos com as escravas
e reza a Atena, filha de Zeus, Detentor da Égide.
Pois ela poderá ainda salvá-lo da morte.
E não apoquentes um velho já apoquentado: não penso que a raça
de Arcésio seja de todo detestada pelos bem-aventurados.
Haverá certamente quem no futuro deterá
o alto palácio e os campos férteis que estão longe.»

Assim falando, acalmou o choro e estancou as lágrimas dos olhos.

Penélope tomou banho e vestiu o corpo com roupa lavada.
Depois subiu até aos mais altos aposentos com as escravas
e, colocando grãos de cevada num cesto, assim rezou a Atena:

«Ouve-me, ó Atritona, filha de Zeus, Detentor da Égide!
Se alguma vez no palácio o astucioso Odisseu
queimou para ti gordas coxas de boi ou de carneiro,
recorda agora essas coisas e salva o meu filho amado;
afasta dele os pretendentes insuportáveis na sua insolência.»

Assim falando, gritou alto; e a deusa ouviu a sua prece.
Mas os pretendentes levantaram um grande alarido.
E assim falava um dos jovens arrogantes:
«A rainha muito cortejada está a fazer-nos a boda;
nada sabe do assassínio que está preparado para o filho.»
Assim falava; mas nenhum deles sabia o que estava para vir.
Tomando a palavra, a eles falou então Antínoo:
«Tresloucados! Evitai todas as palavras sobremaneira arrogantes,
não vá alguém contar o que se passa lá dentro de casa.
Levantemo-nos antes em silêncio para pormos em prática
o plano que agradou aos corações de todos nós.»

Assim falando, escolheu os vinte melhores homens,
que se dirigiram à nau veloz e à orla do mar.
Primeiro arrastaram a nau para a água funda;
depois colocaram o mastro e a vela na escura nau
e ajustaram os remos com correias de cabedal,
cada coisa pela ordem certa, e alçaram a branca vela.

Os altivos escudeiros trouxeram as armas.
Ancoraram a nau na água e depois desembarcaram
para jantar na praia, à espera de que chegasse a noite.

No seu alto aposento estava deitada a sensata Penélope
sem alimento, pois não quisera provar comida ou bebida.
Na mente refletia se à morte escaparia o filho irrepreensível,
ou se seria assassinado pelos arrogantes pretendentes.
Tal como hesita um leão receoso perante os caçadores
que em seu redor apertam o círculo do engano —
assim hesitava a rainha, quando chegou o sono suave.
Reclinou-se a dormir; todos os seus membros se descontraíram.

Foi então que pensou outra coisa a deusa de olhos garços Atena.
Criou um fantasma, que assemelhou ao corpo de uma mulher,
Iftima, filha do magnânimo Icário,
a quem desposara Eumelo, que vivia em Feras.
Mandou o fantasma para casa do divino Odisseu,
para junto de Penélope, que chorava e se lamentava,
para que desistisse do pranto e do choro lacrimejante.
Entrou no quarto pela correia da tranca,
postou-se junto à cabeça de Penélope e assim disse:
«Tu dormes, Penélope, entristecida no teu coração?
Os deuses que vivem sem dificuldades não querem
que tu chores nem te lamentes, pois ainda regressará
o teu filho. Nenhuma ofensa ele cometeu contra os deuses.»

Falando-lhe, assim respondeu a sensata Penélope,
suavemente adormecida junto às portas dos sonhos:

«Porque aqui vieste, ó minha irmã? Anteriormente não tinhas
o hábito de aqui vires, pois vives num palácio lá longe.
Dizes-me para desistir do choro e do pranto abundante
que me atormenta o coração e o espírito.
Mas há muito que perdi o valoroso esposo de coração de leão,
o melhor entre os Dânaos por toda a espécie de excelência.
A sua fama é vasta na Hélade e no meio de Argos.
E agora partiu meu filho amado numa côncava nau —
tolo, que nada sabe dos esforços ou das assembleias de homens!
Por ele choro eu ainda mais do que pelo outro:
por ele tremo e tenho medo, não vá ele sofrer alguma coisa
lá na terra para onde foi, ou no mar.
Muitos inimigos conspiram contra ele,
desejosos de o matar, antes que chegue à terra pátria.»

A ela deu resposta o pálido fantasma:
«Tem coragem: não sintas demasiado medo no teu espírito.
Pois com ele vai um guia, a quem outros homens
pedem para estar ao seu lado: ela é poderosa,
Palas Atena. E tem pena do teu sofrimento:
foi ela que me mandou aqui para te dizer isto.»

Respondendo-lhe, assim falou a sensata Penélope:
«Se és uma deusa ou se ouviste a voz de uma deusa,
fala-me também daquele homem sofredor:
diz-me se ainda vive e contempla a luz do Sol,
ou se já morreu e está já na mansão de Hades.»
A ela deu resposta o pálido fantasma:
«Não, sobre ele nada te direi diretamente,

se vive ou se morreu: é inútil dizer palavras de vento.»

Assim dizendo, desapareceu o fantasma pela fechadura
da porta e misturou-se com o sopro do vento. Acordou
do sono a filha de Icário; sentia o coração reconfortado.
Ao seu encontro no negrume da noite viera uma clara visão.

Por seu lado, embarcaram os pretendentes e navegaram
por caminhos aquosos, revolvendo no espírito a íngreme
desgraça de Telémaco. Há uma ilha no meio do mar salgado,
entre Ítaca e Samos rochosa: Astéride. Não é grande, mas
tem portos de ambos os lados, com bons ancoradouros.
E foi aí que os Aqueus armaram a cilada.

Notas ao Canto 4

1 «Lacedemónia cheia de grutas»: a palavra *kêtôessa*, traduzida pela perífrase «cheia de grutas», é de sentido altamente incerto. Os significados propostos desde a Antiguidade são: «cheia de monstros marinhos» (isto é, de cetáceos); «húmida», «bem irrigada»; «cheia de hortelã» (proposta de Zenódoto, ilustre bibliotecário em Alexandria); e «cheia de grutas». O mais provável é que os poetas da fase mais tardia da tradição épica repetissem mecanicamente estas palavras antigas, sem fazerem a mínima ideia do que significavam (Dawe, p. 159).

4 «filha irrepreensível»: a filha de Menelau era Hermíone, mais tarde personagem de duas tragédias de Eurípides (*Andrómaca* e *Orestes*). Em termos gregos, Hermíone já seria, com 20 anos ou mais, uma noiva algo velha, já que nascera antes de Helena ter ido para Troia.

5 «filho de Aquiles»: Neoptólemo. Para todos os efeitos, filho ilegítimo de Aquiles (já que Aquiles não se casara formalmente com a mãe dele). Ver 11.510*.

11 «Megapentes»: o nome significa «Grande-Sofrimento». O aparente esplendor destas duplas núpcias evapora-se à medida que nos damos conta dos contornos da situação. A filha «já velha» de Menelau e Helena desposa um rapaz decerto mais novo do que ela, de nascimento ilegítimo; o filho ilegítimo de Menelau, nascido de uma escrava, está a casar-se com uma mulher cujo nome nunca sabemos. Evaporado o esplendor, evaporam-se também estas núpcias, nunca mais referidas a partir do momento em que se diz que Telémaco e Pisístrato chegaram enquanto elas decorriam. Tal como, no Canto 3, Telémaco e Mentor chegam a meio de qualquer coisa interessante que está a acontecer na praia, aqui repete-se a mesma estratégia quando eles chegam ao palácio. A partir do verso 20 deste longo canto de 847 versos, as núpcias evaporam-se por completo.

12 «escrava»: a palavra *doûlos* («escravo») não é própria da linguagem épica, onde há muitas outras palavras (desde logo *dmôs*) para designar esses deserdados da sociedade helénica. No entanto, a palavra *doúlê* («escrava») ocorre esta única vez na *Od*. e uma vez na *Il*. (3.409). Os comentadores antigos estranharam tanto a presença da palavra que pensaram ser o nome da concubina de Menelau: Doule.

20 «Chegaram […] eles e os cavalos»: estas formas, na frase grega, estão no dual, efeito gramatical impossível de transpor para português.

22 «o poderoso Eteoneu»: a palavra «poderoso» (*kreíôn*), que na poesia homérica é normalmente usada para nomes tão altos na escala social como o deus Posídon e o rei Agamémnon, poderia afigurar-se uma palavra de encher se não fosse o facto de, em 31, se nos deparar o nome com

patronímico *Boêthoïdês* («filho de Boétoo»), o que implica alguma componente de fidalguia na ascendência deste «ágil criado». Todavia, o mais certo é termos aqui a junção descuidada de duas personagens numa só.

24 «Pastor de Povos»: ver 3.156*.

25 «palavras apetrechadas de asas»: ver 1.122*.

36 «para que comam»: o verbo usado neste verso para «comer» (*thoinâsthai*) tem aqui a sua única ocorrência na poesia homérica.

37 «e ele apressou-se»: o sujeito subentendido é «Eteoneu».

43 «casa divina»: trata-se da única vez, na poesia homérica, em que encontramos a junção da palavra «casa» (*dómos*) com o adjetivo «divino» (*theîos*).

52-58 = 1.136-142.

57-58 Versos colocados entre parênteses retos na ed. de Estugarda. Estão ausentes de vários manuscritos.

64 «homens vis não gerariam filhos como estes»: à letra, «vis não gerariam estes».

71 «Filho de Nestor, que encantas o meu coração»: o helenista não consegue deixar de reparar no uso do artigo na expressão «o meu coração», que aponta para o uso do artigo que só seria normal no grego pós-homérico (Dawe, p. 163).

73 «âmbar»: a palavra *êlektron* pode, em alternativa, designar uma liga de ouro e de prata.

__ «marfim»: trata-se, em rigor, da palavra que significa «elefante» (*eléphas*), mas na poesia homérica nunca designa o animal.

74 «corte de Zeus Olímpio»: o significado normal de *aulê* na poesia homérica é «pátio» ou «átrio». Esta é a sua única ocorrência com o sentido posterior de «corte» (donde o adjetivo português «áulico»).

84 «cheguei aos Etíopes, aos Erembos e aos Sidónios»: o itinerário aqui pressuposto tem causado dificuldades aos estudiosos. De que Etíopes está Menelau a falar (ver 1.22*)? Por que razão vemos Sidónios mencionados separadamente, já que no verso anterior se mencionou a Fenícia (onde ficava a cidade de Sídon)? Já se aventou a hipótese de estes Sidónios serem colonos fenícios a viverem no território a que chamamos hoje «Portugal», «razão pela qual não são mencionados juntamente com os Fenícios» (Dawe, p. 164). Os Erembos são, na opinião de S. West, «completamente misteriosos» (Oxf.i, p.198). A ideia de que a sua localização seria algures em África foi defendida por W. von Soden, «Die Eremboi der Odyssee und die Irrfahrt des Menelaos», *Wiener Studien* 72 (1959), pp. 26-29. Muito interessante é a possibilidade de este etnónimo ter uma origem semítica (*ereb* na aceção de «poente», «oeste»), como sugere West, *Helicon*, p. 420, n. 46.

85-86 «onde os cordeiros nascem já com chifres, / pois lá as ovelhas dão à luz os cordeiros três vezes por ano»: duas impossibilidades zoológicas.

88 «leite»: na poesia grega, por «leite» entende-se normalmente o leite de ovelha ou de cabra – e não de vaca (cf. Oxf.i, p. 198).

102 «deleitando o meu espírito com o pranto»: a ideia de que há algo de prazeroso no choro e na lamentação é bem homérica: ver *Od*. 11.212; 19.213, 251, 513; 21.57; *Il*.23.10, 98; 24.513.

107 «Odisseu»: o poeta leva Menelau a mencionar os nomes que vão fazer de Telémaco uma fonte de lágrimas: Odisseu, Laertes, Penélope… e Telémaco.

121 «Helena»: como já foi observado vezes sem conta, os poetas da *Il.* e da *Od*. nunca descrevem a beleza de Helena, preferindo antes sugeri-la por meio da descrição do efeito que ela tem sobre outras pessoas. O passo mais célebre sob esse ponto de vista é *Il*.3.156-158. Remeto para o meu artigo «Helena na epopeia homérica», in V. Bañuls, M.C. Fialho (orgs.), *O Mito de Helena: De Tróia à Actualidade*, Vol. I, Coimbra, 2007, pp. 47-53. Lembre-se, mais uma vez, que a festa nupcial com que o livro começara ficou totalmente esquecida.

122 «Ártemis»: comparar Helena, a mulher dos muitos maridos, a Ártemis, deusa virgem, parece menos apropriado do que quando vemos a mesma comparação feita a propósito de Nausícaa (6.102, 151-152). No entanto, também Penélope (17.37, 19.54) será comparada a Ártemis.

124 «tapete»: em grego, *tápêta*.

126-127 «egípcia / Tebas»: o nome «Tebas» é, para todos os efeitos, um nome helénico; não se sabe a razão pela qual a cidade no Egito (também mencionada em *Il*.9.381-384) era assim conhecida entre os Gregos. Tem-se debatido se estas referências ao Egito que encontramos no Canto 4 da *Od*. se explicam como reminiscências da época micénica, ou se documentam o intercâmbio renovado entre Egípcios e Helenos que se estabeleceu a partir do século VII a.C. Esta segunda possibilidade, considerada a mais provável por um consenso de estudiosos, foi a defendida por W. Burkert, «Das hunderttorige Theben und die Datierung der Ilias», *Wiener Studien* 89 (1976), pp. 5-21 = *Kleine Schriften I*, pp. 59-71.

128-132 Todos os presentes «egípcios» aqui mencionados são, na verdade, artefactos tipicamente gregos.

141-143 «nunca vi pessoa tão parecida com outra […] como este jovem com o filho do magnânimo Odisseu»: a frase de Helena parece não fazer sentido, já que a mitologia grega não nos autoriza a afirmar que ela alguma vez vira o bebé Telémaco e, na verdade, o que ela está a tentar dizer é que o rapaz que vê à sua frente é parecido com Odisseu (e não com o filho de Odisseu).

145 «por causa da cadela que eu sou»: à letra, «por causa da minha cara de cadela». A Helena da *Il*. usa o mesmo termo para se descrever (*Il*.3.180) e, em *Il*.6.344, fala explicitamente de si mesma como «cadela». O termo «cara de cadela» também é usado pelo deus Hefesto a propósito de Afrodite, sua mulher, em *Od*.8.319.

149 «Assim eram os pés dele»: a primeira semelhança apontada por Menelau não deixa de nos causar alguma perplexidade.

176-177 «esvaziando uma cidade daqueles / que lá viviam»: a ideia de deportar uma população inteira para instalar na cidade esvaziada um rei amigo não tem paralelo na *Il*., mas a realidade histórica da deportação de populações subjaz a muitos textos do Antigo Testamento.

187 «recordava no coração o irrepreensível Antíloco»: o ataque de choro de Pisístrato é ocasionado pela lembrança de um irmão que ele nunca conheceu (ver 200-201).

188 «filho da Aurora»: Mémnon, personagem da epopeia fragmentária *Etiópide* (ver West, *The Epic Cycle*, pp. 143-149).

213 «Pensemos de novo na nossa refeição»: ao jantar que acabara em 68 segue-se agora uma nova refeição.

220-221 «pôs uma droga que causava / a anulação da dor e da ira e o olvido de todos os males»: esta droga (*phármakon*) é a primeira descrição que conhecemos de um psicofármaco, neste caso misto de analgésico, de ansiolítico e de antidepressivo. Nem a moderna farmacêutica conseguiu ainda descobrir um antidepressivo com efeito imediato, como é o caso deste fármaco trazido por Helena do Egito. Cético em relação à existência de uma tal droga, o escritor grego mais tardio Plutarco interpretou a droga como sendo metafórica: o fármaco não seria outra coisa além da eloquência encantadora de Helena (*Moralia* 614b). Uma explicação mais realista será a de que se trata de ópio, droga já conhecida na Idade do Bronze (ver R.S. Merrillees, «Opium Trade in the Bronze Age», *Antiquity* 36 [1962], pp. 287-292). Interessante para o estudioso da história da farmacologia, o verso 221 é também curioso para o helenista, já que a droga é descrita por meio de três adjetivos (*nêpenthés* […] *ákholon* […] *epílêthon*) que só ocorrem aqui em toda a poesia homérica. Note-se que *nê**penthés*** («anulador de dor») partilha com o nome do filho de Menelau, Mega***pentes***, o elemento *pénthos* («dor», «sofrimento»).

228-229 «Polidamna, a esposa egípcia / de Ton»: esta esposa egípcia tem um nome retintamente grego, embora não se conheça atestação histórica dele. O nome significa «Subjugadora-de-Muitos» (ou «Muito-Subjugadora»), adaptando-se a alguém capaz de apaziguar através dos seus fármacos os estados psíquicos mais extremos.

231 «Lá cada homem é médico»: esta descrição do Egito – que se aplica também à moderna cidade de Coimbra – será depois confirmada pelo historiador Heródoto (2.84) no século V a.C.

232*b* «Peéon»: nome de origem micénica. Em *Il*.5.401, 899, Peéon é o médico dos deuses.

244-264 A narrativa, colocada pelo poeta na boca de Helena, sobre este curioso episódio troiano levanta várias dúvidas. A ideia de que Odisseu se disfarçou «por meio da parecença com outro homem, / Dectes, que em nada se lhe assemelhava», parece contraditar a lógica mais básica. Depois, o consentimento do herói astuto relativamente ao banho que lhe retirará o disfarce de sujidade e de sangue parece revelar tudo menos astúcia.

244 «Desfigurando o seu próprio corpo com golpes horríveis»: decerto para se parecer com um escravo, cujo corpo mostraria as marcas de chicotadas e outros maus-tratos.

248 «Dectes»: não é certo se esta palavra é um antropónimo ou uma palavra raríssima para «mendigo».

261 «lamentei a loucura, que Afrodite me impusera»: as consequências dos seus atos e sua responsabilidade recaem sobre Helena, embora ela não tenha culpa deles; tudo o que de censurável ela fez, fê-lo por vontade de Afrodite. No *Wilhelm Meister* de Goethe, o Harpista dirige-se aos

deuses, dizendo: «Vós permitis que o desgraçado incorra em culpa, / para depois o abandonardes à sua dor» (Cf. Dawe, p. 177).

274-289 A segunda história troiana que aqui ouvimos é contada por Menelau e não é menos curiosa do que a contada por Helena. Na história anterior, contada pela própria, Helena surge-nos como estando do lado dos Gregos; nesta história que se lhe segue, verificamos o contrário: aqui ela é adepta dos Troianos. Outro aspeto curioso é que esta história é ainda mais absurda do que a anterior, facto já registado pelos comentadores antigos. Diz-se que Helena imitou as vozes das mulheres de *todos* os Argivos, mas *todos* os Argivos não estavam fechados, por razões óbvias, no cavalo de pau. Como saberia ela quem é que lá estava dentro? Já para não perguntar como ela se lembraria do timbre das vozes de várias mulheres que, provavelmente, ela nunca conhecera. Por outro lado, do ponto de vista de quem estava fechado dentro do cavalo, o que incentivaria esse guerreiro grego a acreditar que a sua mulher, deixada lá longe na Grécia, andava a rondar de noite as ruas de Troia, na expectativa de encontrar o marido escondido dentro de um grande cavalo de madeira?

276 «E Deífobo semelhante aos deuses vinha logo atrás de ti»: como é que, do sítio onde estava, dentro do cavalo, Menelau conseguia perceber quem andava lá fora?

285-289 Temos informação de que, na Antiguidade, estes versos eram omitidos em muitos manuscritos (ver Oxf.i, p. 212). Aristarco considerou-os inautênticos.

292 «O que é mais doloroso»: o poeta parece ter-se esquecido de que estão todos sob o efeito de drogas e que, por isso, pelo menos por um dia, não sentem dor.

293 «um coração de ferro»: como comenta S. West, esta referência «reflete a Idade do Ferro em que o poeta vivia».

303 «o herói Telémaco e o glorioso filho de Nestor»: um papiro já da época cristã e dois manuscritos bizantinos omitem este verso. Não é difícil perceber porquê: ver 3.400*.

305 «Helena de longos vestidos, divina entre as mulheres»: Helena desaparece agora do poema, só reaparecendo em 15.100.

320 «gado cambaleante»: ver 1.92*.

335-340 «Tal como a corça […] assim Odisseu»: temos aqui o primeiro símile da *Od*. e o único que encontramos na Telemaquia. Sobre os símiles homéricos, a bibliografia é imensa; mas destaca-se pelo interesse a abordagem de Shipp, *Studies*, pp. 208-222. Ver também Rocha Pereira, *Estudos*, pp. 73-76. Sobre este símile em particular, há um aspeto curioso a referir: não ilustra, como acontece sempre na poesia homérica, algo que de facto aconteceu, mas sim algo que hipoteticamente poderia acontecer. Pode dizer-se ainda que, ao contrário dos restantes símiles homéricos, que primam pela pertinência, este é «inerentemente ridículo» (Dawe, p. 183), já que a corça teria de ser «destituída de qualquer tipo de instinto animal para pôr as suas crias na toca do leão». S. West lembra que emana dos leões um odor que afastaria à partida qualquer corça; e dá o exemplo de um grande proprietário escocês que, já no século XX, mandava vir fezes de leão do Jardim Zoológico de Edimburgo para afastar veados de certas plantações na sua propriedade (Oxf.i, p. 213). Aceitando que o leão simboliza Odisseu (como mais tarde em 6.130-134 e 22.402-405), dois gamos indefesos não são o melhor símbolo que o poeta poderia ter encontrado para os pretendentes. De modo evidente, pois,

este símile foi originalmente criado para outro contexto diferente daquele em que o encontramos no poema. Discute-se se haveria leões na Grécia na época em que a *Il*. e a *Od*. foram compostas. Ora, a darmos crédito a Aristóteles (*História Natural* 579b 6), estes felinos ainda existiam em zonas remotas no Norte da Grécia no século IV a.C.

337 «vai procurando»: o verbo *exeréô*, que não ocorre na *Il*., é normalmente usado na *Od*. com o seu sentido próprio de «interrogar», «questionar». Só aqui tem o sentido atípico de «procurar».

343 «Filomeleídes»: já na Antiguidade os estudiosos se interrogavam sobre a identidade desta personagem obscura, referida tão-só por meio do patronímico.

349 «o infalível Velho do Mar»: Proteu. Na *Od*., Proteu é uma personagem divina. Mais tarde, os Gregos pensarão nele como um rei egípcio: é o caso de Heródoto (2.112-116) e de Eurípides, na sua tragédia *Helena*. Ver K. O'Nolan, «The Proteus Legend», *Hermes* 88 (1960), pp. 1-19. Shipp (*Studies*, p. 324) chama a atenção para o facto de, linguisticamente, todo o episódio de Proteu apresentar caraterísticas tardias em relação à normal linguagem homérica.

357 «vento guinchante»: ver 3.176*.

359-360 «depois de se terem / abastecido de água negra»: a expressão *mélan húdôr* implica a ideia de uma água tão funda que a luz lá não chega.

365 «Idótea»: o nome *Eidothéê* sugere, por um lado, conhecimento e sabedoria, mas também visão. Por outro lado, podemos relacioná-lo com *eîdos*; assim, o seu sentido estaria ligado à ideia de beleza.

370 «Ela chegou ao pé de mim e disse-me estas palavras»: esta fórmula não é habitual na poesia homérica, mas ocorre no *HH a Deméter* (53).

385 «o imortal Proteu egípcio»: causa estranheza que um deus imortal seja apelidado de «egípcio».

386 «vassalo»: à letra, «subescravo» (*hupodmôs*, ocorrência única desta palavra na poesia homérica).

404 «focas»: em grego, *phôkai*. A única espécie de foca existente no Mediterrâneo tem o nome zoológico de *Stenorhyncus albiventer* (Oxf.i, p. 219).

406 «e acre é o cheio a maresia que trazem do fundo do mar»: à letra, «exalam o cheio acre do mar muito profundo».

429 «noite ambrosial»: a expressão ocorre várias vezes na poesia homérica, mas o sentido exato é desconhecido. «Ambrósia» (ver 445*) é a comida dos deuses; talvez o significado seja «noite imortal», no sentido em que a noite também é divina.

445 «ambrósia»: comida dos deuses, mas bem mais polivalente do que isso: é forragem divina para os cavalos imortais (*Il*.5.777) e divino gel de banho (*Il*.14.170). Quando se fala dos cabelos ambrosiais dos deuses, percebemos que «ambrósia» também pode ser usada como amaciador para cabelos imortais. Toda a sequência de *Il*.14.170-179 é muito ilustrativa, tanto mais que refere também o perfume desta substância:

«Com ambrósia <Hera> limpou primeiro da pele desejável

todas as imperfeições e ungiu-se com suave azeite
ambrosial, dotado de especial fragrância. Bastava
agitá-lo no palácio de brônzeo chão de Zeus
para que o seu aroma chegasse ao céu e à terra.
Foi com isso que limpou o belo corpo; penteou
o cabelo e com as mãos entreteceu tranças brilhantes,
belas e ambrosiais, que caíam da sua cabeça imortal.
Depois vestiu uma veste ambrosial, que Atena
lhe tecera com alta perícia, urdindo muitos bordados.»

457 «leopardo»: a palavra grega *párdalis* pode ter o sentido de «leopardo» ou de «pantera».

458 «árvore de altas folhas»: no dizer de Dawe (p. 189), «uma exibição inútil de virtuosismo; as árvores não são fugidias». S. West comenta a transformação em árvore nos mesmos termos (Oxf.i, p. 222). O verso foi considerado espúrio na Antiguidade e surge entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

477 «Egito»: neste caso, o Nilo. A palavra *Aíguptos* em grego tanto designa o país como o rio. Embora a palavra *Neîlos* («Nilo») ocorra na literatura grega posterior, nunca ocorre na poesia homérica.

489 «cruel»: o adjetivo traduzido por «cruel» (*adeukês*) é de sentido incerto. Ocorre mais duas vezes na *Od*. (6.273; 10.245), mas está ausente da *Il*.

490 = 1.238 = 14.368.

498 «Há outro que talvez ainda viva, embora retido no vasto mar»: referência críptica a Odisseu, o «terceiro homem» do verso 551.

499 «Ájax»: filho de Oileu (não o Ájax mais célebre, que se suicidou em Troia).

500-501 «grandes / rochedos de Giras»: visíveis para os modernos veraneantes na ilha de Míconos, pois situam-se na ilha de Tina, em frente de Míconos.

511 «Foi aí que morreu afogado, depois de ter bebido água salgada»: verso considerado espúrio na Antiguidade, colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

515 «Maleia»: os estudiosos, já desde a Antiguidade, têm reagido com perplexidade perante este itinerário. Maleia é o ponto mais meridional do Peloponeso. Vindo de Troia para Ítaca, Odisseu não teria forma de evitar este helénico cabo das tormentas, mas Agamémnon, que ia para Micenas, não tinha qualquer necessidade de o contornar. Os versos podem denunciar, mais uma vez, o desconhecimento da geografia do Peloponeso por parte do poeta. E por que razão Egisto é referido como vivendo nesta «extremidade do campo» (isto é, «derradeiro promontório») se ele vivia em Micenas?

525 «o ardiloso Egisto»: na forma de Proteu narrar a história da morte de Agamémnon, a figura da mulher adúltera, Clitemnestra, é totalmente apagada.

536-537 «Nenhum dos companheiros do Atrida foi poupado; / nenhum de Egisto: todos foram chacinados no palácio»: não é claro como interpretar o que aqui está implícito em relação à morte de

Agamémnon. Estes versos dão a entender que houve uma luta e que morreram muitos homens de ambos os lados. Isso não só tira relevância poética à imagem de Agamémnon ter sido abatido como um boi, mas parece incompatível com o que encontraremos em 11.412-413, onde Agamémnon (já morto) dirá que foram chacinados como porcos (o que pressupõe a inexistência de luta). Outra pergunta diz respeito aos companheiros de Egisto, dos quais se diz que nenhum sobreviveu. Como devemos interpretar isso? Que os do lado de Agamémnon conseguiram, antes de eles próprios morrerem, matar aqueles que os mataram? Ou poderemos aceitar a interessante hipótese sugerida por Dawe (p. 194), segundo a qual quem matou os companheiros de Egisto foi um grupo de outros companheiros de Egisto, mais leais e mais comprometidos com o novo regime, que impediram assim que sobrevivessem testemunhas daquele massacre? Sob qualquer ponto de vista, há oscilações bem percetíveis no modo de contar a história da morte de Agamémnon na *Od*. Por agora, ela desaparece de cena: mas voltará a confrontar-nos nos Cantos 11 e 24.

555 «filho de Laertes»: percebemos agora que foi para preparar meia dúzia de versos (555-560) sobre Odisseu que o poeta antepôs uma secção introdutória de 200 versos.

557 «no palácio da ninfa Calipso, que à força lá o retinha»: a expressão traduzida por «à força» é a palavra grega *anánkhê* (aqui em dativo), cujo sentido é «necessidade», muitas vezes entendida pelos Gregos como força inelutável do destino. Note-se, ainda, a gruta de Calipso elevada ao estatuto de «palácio» (*mégaron*, aqui no plural).

563 «Campo Elísio»: à letra, «planície elísia» (*Êlúsion pedíon*). Esta ideia, de que o desfecho ulterior da vida humana pode ter estes contornos bem-aventurados, é, à exceção da presente passagem, totalmente estranha à mundividência homérica. A palavra «Elísio» apresenta a curiosidade de ocorrer aqui e de estar depois ausente de toda a literatura grega arcaica e clássica: reaparecerá somente no século III a.C., no poema sobre a viagem dos Argonautas (4.811) escrito por Apolónio de Rodes, bibliotecário em Alexandria. Sobre a palavra «Elísio», ver W. Burkert, «Elysion», *Glotta* 39 (1961), pp. 208-213. Ver também M.H. Rocha Pereira, *Concepções Helénicas de Felicidade no Além: De Homero a Platão*, Coimbra, 1955, pp. 23-27 e 105-113.

564 «Radamanto»: o nome, com o sufixo *-nth-* existente em «labirinto» e «jacinto», é de origem cretense. Ver 3.468*. Talvez a ideia da felicidade no além fizesse parte das noções religiosas dos Minoicos, que as adaptaram dos Egípcios (Oxf.i, p. 227).

566 «Não há neve, nem grandes tempestades nem sequer chuva»: a planura elísia é semelhante ao Olimpo, tal como será descrito em 6.43-46.

569 «Tens Helena por mulher: para eles, és genro de Zeus»: não é por nenhum mérito intrínseco de Menelau que lhe é dada a benesse de escapar à morte. O antecedente de «para eles» está em 564 («imortais»).

579 «depois embarcaram e sentaram-se aos remos»: as formas verbais na 3.ª pessoa do plural contrastam de modo gritante com as do verso anterior. E afinal quantas naus são? Uma (573) ou várias (577, 582)?

605-608 Esta descrição de Ítaca é consentânea com a ilha hoje conhecida por esse nome, embora não seja verdade que nenhuma das ilhas tenha planícies aptas para guiar cavalos. Lêucade, perto de

Ítaca, tem essa configuração geográfi ca, facto que invalida algumas teorias propostas no passado de que a Ítaca homérica era, na realidade, a ilha de Lêucade.

617 «Fédimo»: em grego, *phaídimos* («brilhante»). Este rei é «claramente uma invenção *ad hoc*» (Oxf.i, p. 231).

618 «Sidónios»: a excelência dos Fenícios em todo o tipo de artefactos é salientada tanto na *Il*. como na *Od*. Também Salomão beneficiou de engenho e arte fenícios para a construção do seu templo (ver 1 Reis 7:13). O que devemos entender aqui exatamente pelo termo «Sidónios» não é consensual. Sídon foi destruída em 677 a.C., pelos Assírios; Tiro, a outra grande cidade fenícia (nunca mencionada na poesia homérica), foi destruída pelos babilónios em 574 a.C. Os soberanos de Tiro auto-proclamavam-se reis de Sídon (cf. 1 Reis 16:13), pelo que não é seguro extrair a ilação, defendida por W. Helck (*Die Beziehungen Ägyptens und Vorderasiens zur Ägäis bis ins 7. Jahrhundert v. Chr.* , Darmstadt, 1979, p. 158), de que a referência a «Sidónios» aqui pode ser tomada como prova de que a *Od*. foi composta antes da destruição de Sídon pelos Assírios em 677 a.C. Ver Oxf.i, p. 231.

621-624 Versos cuja autenticidade já foi muitas vezes posta em causa. Não há outro exemplo na poesia homérica de serem os próprios comensais a trazerem animais e vinho para um banquete; nunca, além do presente passo, encontramos o adjetivo «viril» aplicado a «vinho» (o adjetivo *euênor* é, de resto, raríssimo: além da presente passagem, só ocorre em 13.19); os lindos penteados das mulheres dos comensais são postos diante da nossa imaginação por meio de um adjetivo (*kallikrêdemnoi*) que é desconhecido na restante literatura grega; e, por fim, quem são estes comensais? Ter-se-á o poeta lembrado de que toda a sequência «Telémaco em Esparta» começara com uma celebração nupcial, cujos convidados foram mencionados em 4.3?

625 «Por seu lado, os pretendentes»: a narrativa volta agora para Ítaca e vamos perder Telémaco de vista durante dez cantos, até voltarmos, no início do Canto 15, ao palácio de Menelau em Esparta, onde encontraremos de novo Telémaco na cama com Pisístrato.

627 «em local aplanado, onde anteriormente, tendo insolência»: em grego, este verso é candidato, na opinião de Dawe (p. 200), ao prémio de «pior verso de toda a *Od*.»: *en tuktôi dapédôi, hóthi per páros, húbrin ékhontes*.

629 «em valor eram os melhores»: à letra, «em valor eram de longe os melhores». O que se entende aqui por «valor» (*aretê*) e «os melhores» (*áristoi*) não tem por referente valor moral ou atlético, mas sim valor social e hierárquico. Antínoo e Eurímaco eram simplesmente os «mais aristocráticos» (pertencentes às famílias mais ricas e proeminentes).

630 «Noémon, filho de Frónio»: ver 2.386*.

635-636 «para fazer a travessia até à ampla Élide, onde tenho doze / éguas»: contrariamente ao que a recém-narrada grande aventura de Telémaco nos tinha feito pensar, afinal ir de barco de Ítaca à Élide era uma viagem do mais banal que se podia imaginar.

636 «mulas»: mais úteis do que cavalos numa ilha como Ítaca (Oxf.i, p. 232).

640 «porqueiro»: personagem de grande importância a partir do Canto 13, mas que até agora ainda não tinha sido apresentada.

643 «jovens escolhidos de Ítaca»: no sentido de «jovens da elite de Ítaca».

644 «jornaleiros»: em grego, *thêtes*. A palavra só ocorre aqui na poesia homérica, mas ocorrerá na literatura grega posterior.

646 «se foi à força, à tua revelia, que ele te levou a escura nau»: este verso contém um erro de gramática surpreendente, já que «à tua revelia» (uma só palavra em grego) e «te» teriam de estar no mesmo caso; na realidade, uma palavra está em genitivo e a outra em acusativo.

652 «Os jovens que com ele seguiram são os melhores cá da terra»: perguntamo-nos como, numa sociedade minúscula como a de Ítaca, ninguém dera pela ausência súbita, durante dias a fio, dos melhores rapazes da ilha.

663-664 «esta viagem foi uma grande façanha que Telémaco / conseguiu»: ver 635*.

669 «Dai-me agora uma nau veloz e vinte companheiros»: a opção do poeta de não se dar a mais trabalhos e de repetir simplesmente o mesmo verso que pusera na boca de Telémaco em 2.212 tem pelo menos a vantagem de não oferecer aos pretendentes superioridade numérica. A cilada, na realidade, como veremos depois, não dá em nada. Não acontece nada de empolgante e talvez o único elemento significativo que traz para a narrativa é sublinhar que os pretendentes tiveram a intenção de matar Telémaco, o que poderá justificar melhor a desproporção do castigo que sofrerão no Canto 22.

674 «foram para casa de Odisseu»: há aqui uma confusão enorme sobre onde os pretendentes se encontram neste momento. Em 678 ser-nos-á dito que esta conversa foi ouvida por Médon estando os pretendentes dentro do palácio (e não fora dele, como nos acaba de ser dito). Mas em 775 percebemos que, afinal, eles não chegaram a entrar. «Parece evidente que não só não há uma visão poética unificadora nesta zona do poema, como não houve um poeta com autoridade suficiente para impor uma uniformização» (Dawe, p. 204).

676 «congeminavam»: em grego, *bussodomeúô*, verbo que não encontramos na *Il*.

677 «Médon»: a caraterização desta personagem não é uniforme. Em 16.252, é visto como inimigo de Telémaco; em 17.172-173, surge como o criado preferido dos pretendentes. Aqui é-nos apresentado como totalmente leal a Telémaco e a Penélope.

684-685 Estes versos estão extraordinariamente desarticulados do ponto de vista gramatical.

686 «vós que»: é bastante abrupta a transição da 3.ª pessoa do plural para a 2.ª pessoa. Podemos ter agora versos readaptados de outro contexto.

702 «divina Lacedemónia»: no decurso da narrativa propriamente dita, a ideia de Telémaco ir à Lacedemónia é sugestão de Nestor (3.317). Na Idade do Bronze e na Idade do Ferro (contrariamente à nossa época contemporânea de Facebook e de WhatsApp), não havia meio de Médon estar na posse desta informação.

704-705 «Longa afasia de palavras a tomou; os seus olhos / encheram-se de lágrimas e travou-se-lhe a voz sonora»: estes versos são iguais a *Il*.17.695-696, onde descrevem a reação de Antíloco (por quem vimos Pisístrato a chorar em 4.186-187) à morte de Pátroclo. A palavra grega traduzida por «afasia» é *amphasíê*.

708 «corcéis do mar»: discute-se se a palavra *híppoi* deve ser aqui traduzida como «cavalos» ou como «carro de cavalos». Isto faz parte de uma discussão mais controversa, sobre se, na mundividência homérica, as pessoas montam a cavalo ou usam somente cavalos para puxarem carros. A posição de que os heróis homéricos não montam a cavalo é a adotada por S. West (Oxf.i, p. 238); a posição contrária é defendida por Dawe (pp. 206, 358, 671, 683). Ver 9.49*.

735 «Dólio»: outra personagem em relação à qual não há uma caraterização uniforme na *Od*. Embora aqui ele seja jardineiro e, várias vezes no Canto 24, um escravo fiel, em 18.322 é referido como pai de uma escrava e de um escravo que estão do lado dos pretendentes. Claro que podemos sempre partir do princípio de que há três personagens diferentes, com o mesmo nome, na *Od*., como fez D.L. Page, *The Homeric Odyssey*, Oxford, 1955, p. 109. Ver 24.222*.

743 «Minha senhora»: à letra, «querida noiva» ou «querida ninfa» (em grego, *númpha phílê*).

746 «vinho doce»: a palavra aqui para «vinho» não é *oînos*, mas sim *méthu* (palavra de origem indo-europeia, relacionada com *mead* em inglês e *Met* em alemão, «hidromel»).

752 «Detentor da Égide»: ver 3.42*.

755 «Arcésio»: pai de Laertes, figura sobre a qual a poesia homérica nada nos diz; mas um curioso fragmento de Aristóteles (fr. 504 Rose) dá-nos a informação desconcertante de que a mãe dele era uma ursa. (Isto certamente por se ter relacionado o nome com a palavra *árktos*, «ursa».)

762 «Atritona»: título de Atena, cujo significado é desconhecido. Talvez evoque a ideia de «força incessante», por associação com o adjetivo *átrutos*, que Ésquilo coloca na boca da própria Atena, quando ela fala do seu «pé incansável» (*Euménides* 403).

774 «Tresloucados!»: esta palavra procura verter *daimónioi*, muito difícil de traduzir. Como comenta S. West (Oxf.i, p. 241), *daimónios* designa alguém que age sob efeito de um *daímôn* («divindade», palavra de que derivou em português «demónio»), mas ao mesmo tempo o deus Zeus aplica a palavra à deusa Hera em *Il*.4.31, pelo que o significado talvez não fosse já tão literal para a sensibilidade épica grega. Normalmente quando, na *Il*. e na *Od*., alguém chama outro de *daimónios*, o que pretende com isso é sublinhar o comportamento surpreendente ou irracional da pessoa interpelada.

783 Verso ausente de vários manuscritos e de um papiro já da época cristã; considerado inautêntico na ed. de Estugarda.

791-792 «Tal como hesita um leão receoso perante os caçadores / que em seu redor apertam o círculo do engano»: símile considerado por alguns estudiosos adaptado de outro contexto, já que, na poesia homérica, símiles com leões não se aplicam a personagens femininas. Nas palavras do maior especialista sobre símiles homéricos, H. Fränkel, «tudo em nós se recusa a associar a imagem da mulher que está a adormecer com a de um leão que vai enfrentar a sua luta derradeira» (*Die homerischen Gleichnisse*, Göttingen, 1921, p. 70). Para o ponto de vista contrário, de que este símile faz pleno sentido poético, ver C. Moulton, *Similes in the Homeric Poems*, Göttingen, 1977, p. 124.

797 «Iftima»: no início do Canto 6, Atena aparece em sonho a Nausícaa sob a forma de uma amiga da donzela; por isso, já vários comentadores estranharam o facto de não ser a deusa a aparecer

sob a forma de Iftima (irmã de Penélope, decerto inventada *ad hoc*), tendo criado, em vez disso, um fantasma (*eídôlon*) com a aparência da irmã da sonhadora.

798 «Eumelo, que vivia em Feras»: referido em *Il*.2.714-715 como filho de Alceste e de Admeto.

809 «suavemente adormecida junto às portas dos sonhos»: não é claro se este verso indicia a crença de que o sonhador é levado fisicamente para fora do seu corpo, para uma «terra distante dos sonhos» (Oxf.i, p. 244). Note-se que, em 24.1, se refere um *dêmos oneírôn* («demo/localidade dos sonhos»).

836 «sobre ele nada te direi diretamente»: o advérbio traduzido por «diretamente» (*diênekéôs*) significa, noutros contextos, «continuamente».

840 «sentia o coração reconfortado»: o normal seria sentir falta de reconforto perante a recusa do fantasma onírico em dar qualquer informação sobre se o marido está vivo ou morto.

841 «Ao seu encontro no negrume da noite viera uma clara visão»: à letra, «pois para ela um sonho nítido viera na ordenha da noite». A expressão «na ordenha da noite» (*nuktòs amolgôi*) ocorre várias vezes na *Il*. (11.173; 15.324; 22.28, 317), mas a ligação semântica entre *amolgós* e «ordenha» já parece estar esquecida. Pensa-se que o significado tem que ver com o momento mais escuro da noite, antes de o dia começar a amanhecer. Se, no entanto, quisermos insistir na ideia da ordenha, Dawe (p. 216) lembra as seguintes palavras bem curiosas, escritas no final do século XIX por P.W. Forchhammer: «A meio da noite, quando o gado está mais calmo, ainda hoje o pessoal feminino de um proprietário de gado tem o hábito de se levantar, de acender uma candeia e de ordenhar a manada, para depois voltar para a cama a fim de dormir.»

845 «Ítaca e Samos rochosa: Astéride»: se a Ítaca homérica for a ilha que hoje tem esse nome e está situada no mar Jónico, a ilha aqui referida chama-se atualmente Daskalio e não corresponde em nada à descrição aqui feita («portos de ambos os lados, com bons ancoradouros»). Se, por outro lado, a Ítaca homérica for, segundo uma das muitas teorias, a ilha de Lêucade, então Astéride podia ser a moderna ilha de Arkoudi, cuja realidade geográfica até se coaduna bastante bem com a ilha de Astéride aqui descrita. No entanto, é preciso não esquecer que, como notou S. West, no que toca a Ítaca o poeta simplesmente «criou o tipo de ilha que a sua narrativa exigia» (Oxf.i, p. 245).

Canto 5

Do leito <onde se deitava> junto do orgulhoso Titono
surgiu a Aurora, para trazer a luz aos deuses e aos homens.
Os deuses estavam sentados em concílio; entre eles,
Zeus, que troveja nas alturas, o maior e mais poderoso.
Aos deuses falava Atena das muitas desgraças de Odisseu, delas
recordada; preocupava-a que ele estivesse na gruta da Ninfa.

«Zeus pai e vós outros bem-aventurados que sois para sempre!
Doravante não seja manso e bondoso de sua vontade
nenhum rei detentor de cetro, nem pense coisas justas,
mas seja antes áspero e pratique atos de maldade,
visto que ninguém se lembra do divino Odisseu
entre o povo que ele regia, bondoso como um pai.
Pois ele jaz agora numa ilha, em grande sofrimento,
no palácio da ninfa Calipso, que à força o retém.
E assim ele não pode regressar à sua terra pátria,
pois não tem naus apetrechadas de remos, nem tripulação
que o possa transportar sobre o vasto dorso do mar.
E agora conspiram para matar o filho amado
ao seu regresso; pois partiu para saber notícias do pai
para Pilos arenosa e para a divina Lacedemónia.»

Em resposta à filha falou Zeus, que comanda as nuvens:
«Que palavra passou além da barreira de teus dentes?
Não foste tu própria que concebeste tal plano,
para que deles se vingasse Odisseu ao seu regresso?
Guia tu Telémaco com sabedoria, pois tens esse poder:
que inteiramente ileso ele regresse à terra pátria;
mas que os outros voltem na nau privados do seu propósito.»

Assim falou; depois disse a Hermes, seu filho amado:
«Hermes, visto que em tudo és o nosso mensageiro,
declara a nossa vontade à Ninfa de belas tranças —
o regresso do sofredor Odisseu. Que ele regresse,
mas sem a ajuda de homens mortais ou de deuses.
Numa jangada bem atada aguentando sofrimentos,
no vigésimo dia chegaria a Esquéria de férteis sulcos,
à terra dos Feaces, que são parentes dos deuses.
Eles o honrarão como se fosse um deus
e mandá-lo-ão numa nau para a amada terra pátria.
E bronze lhe darão, ouro e belas tapeçarias:
mais tesouros que Odisseu teria trazido de Troia,
se incólume tivesse regressado com sua parte dos despojos.
Assim é seu destino que reveja os familiares
e que chegue ao alto palácio da sua terra pátria.»

Assim falou; e não desobedeceu o mensageiro Argeifonte.
Logo de seguida em seus pés calçou as belas sandálias,
imortais, douradas, que o levavam sobre a humidade
e sobre a terra ilimitada com rajadas de vento.
Pegou na vara com que enfeitiça os olhos dos homens

a quem quer adormecer; ou então a outros acorda do sono.
Segurando-a na mão, lançou-se no voo o forte Argeifonte.
Do alto éter chegou à Piéria e logo sobrevoou o mar:
apressou-se por cima das ondas como uma gaivota,
que nos abismos terríveis do mar nunca vindimado
humedece as espessas penas em demanda de peixe.
Deste modo voou Hermes por cima das ondas.

Mas quando chegou por fim à ilha longínqua,
trocou pela terra firme o mar cor de violeta,
para que chegasse à grande gruta, onde vivia
a Ninfa de belas tranças. E encontrou-a lá dentro.
Ardia um grande fogo na lareira, e ao longe,
por toda a ilha, se sentia o perfume a lenha de cedro
e incenso, enquanto ardiam. Ela cantava com linda voz;
e com lançadeira dourada trabalhava ao seu tear.

Em torno da gruta crescia um bosque frondoso
de álamos, choupos e ciprestes perfumados,
onde aves de longas asas faziam os seus ninhos:
corujas, falcões e tagarelas corvos-marinhos,
aves que mergulham no mar em demanda de sustento.
E em redor da côncava gruta estendia-se uma vinha:
uma trepadeira no auge do seu viço, cheia de cachos.
Fluíam ali perto quatro nascentes de água límpida,
juntas umas das outras, correndo por toda a parte;
e floriam suaves pradarias de aipo e de violeta.
Até um imortal, que ali chegasse, se quedaria,
só para dar prazer ao seu espírito com tal visão.

E aí se quedou, maravilhado, o mensageiro Argeifonte.

Depois de no coração se ter maravilhado com tudo,
entrou de seguida na gruta espaçosa. Ao contemplá-lo,
não pôde Calipso, divina entre as deusas, deixar de o reconhecer:
pois não é hábito dos deuses imortais serem desconhecidos
uns dos outros, apesar de apartadas as suas moradas.
Porém Hermes não encontrou na gruta o magnânimo Odisseu:
na praia estava ele sentado, a chorar no sítio do costume,
torturando o coração com lágrimas, tristezas e lamentos.
E com os olhos cheios de lágrimas fitava o mar nunca vindimado.
A Hermes assim falou Calipso, divina entre as deusas,
depois que o sentara num trono resplandecente:

«Diz-me, ó Hermes da vara dourada, por que razão aqui vieste
como hóspede honrado. Antes não eram frequentes as tuas visitas.
Exprime a tua intenção, pois manda-me o coração cumpri-la
(se for suscetível de cumprimento e cumpri-la eu puder).
Mas chega-te mais à frente, para que te ofereça refrigério.»

Assim falando, colocou a deusa à sua frente uma mesa
carregada de ambrósia, misturando depois o rubro néctar.
Por seu lado comeu e bebeu o mensageiro Argeifonte.
Depois de ter comido e satisfeito o coração com ambrósia,
tomou a palavra e assim se dirigiu à deusa:

«Como deusa me perguntas a mim, um deus, porque vim.
Falar-te-ei com verdade, visto que assim o exiges.
Foi Zeus que aqui me mandou, mas à minha revelia.
Pois quem atravessaria de sua livre vontade tal extensão
de água salgada? Aqui nem há uma cidade de homens,
que oferecessem aos deuses sacrifícios e sacras hecatombes.
Mas não é possível a outro deus ultrapassar ou frustrar
o pensamento de Zeus, Detentor da Égide.
Diz ele que tens aqui o mais infeliz de todos os homens
que em torno da cidadela de Príamo combateram
durante nove anos e, no décimo ano, a saquearam,
partindo em seguida para casa. Mas no mar ofenderam
Atena, que lhes mandou maus ventos e ondas ingentes;
pereceram então todos os outros valentes companheiros.
Mas ele foi para aqui trazido pelas ondas e pelo vento.
Zeus quer que rapidamente te despeças desse homem.
Pois não é seu destino aqui perecer longe de quem ama;
determinam os fados que ele reveja parentes e amigos
e que regresse ao seu alto palácio e à sua terra pátria.»

Assim falou. Estremeceu Calipso, divina entre as deusas.
E falando dirigiu-lhe palavras apetrechadas de asas:
«Sois cruéis, ó deuses, e os mais invejosos de todos!
Vós que às deusas levais a mal que com homens mortais
partilhem seu leito, quando algum a escolhe por amante!
Assim sucedeu quando a Aurora de róseos dedos amou
Oríon: muito rancor sentistes, vós que viveis sem dificuldades,
até que Ártemis do trono dourado com suas suaves setas
o matou em Ortígia. Assim sucedeu quando à sua paixão

cedeu Deméter de belas tranças: a Iásion se uniu em leito de amor,
deitados em terra três vezes arada. Mas Zeus apercebeu-se
depressa e logo o atingiu e matou com um relâmpago candente.
E assim sucede agora comigo: sentis rancor, ó deuses,
porque me deito com um homem mortal.
Mas fui eu que o salvei, quando ele aqui chegou sozinho,
montado numa quilha, pois Zeus estilhaçara a nau
com um relâmpago candente no meio do mar cor de vinho.
Tinham perecido todos os outros valentes companheiros;
mas ele foi para aqui trazido pelas ondas e pelo vento.
Amei e alimentei Odisseu: prometi-lhe que o faria imortal
e que ele viveria todos os seus dias isento de velhice.
Mas não é possível a outro deus ultrapassar ou frustrar
o pensamento de Zeus, Detentor da Égide.
Que Odisseu parta — se é isso que Zeus quer e exige —
pelo mar nunca vindimado. Mas não serei eu a dar-lhe
transporte: não tenho naus providas de remos nem tripulação
que o possa levar sobre o vasto dorso do mar.
Mas de boa vontade dar-lhe-ei conselhos: nada ocultarei
para que inteiramente ileso ele regresse à terra pátria.»

À deusa deu resposta o mensageiro Argeifonte:
«Manda-o então embora. Receia a ira de Zeus.
E que contra ti ele se não encolerize no futuro.»

Assim falando, partiu o forte Argeifonte.
Para junto do magnânimo Odisseu se dirigiu a excelsa Ninfa,
depois que ouviu a mensagem de Zeus.

Encontrou-o sentado na praia, os olhos nunca enxutos
de lágrimas; gastava-se-lhe a doçura de estar vivo,
chorando pelo regresso. E já nem a Ninfa lhe agradava.
Por obrigação ele dormia de noite ao lado dela
nas côncavas grutas: era ela, e não ele, que assim o queria.
Mas de dia ficava sentado nas rochas e nas dunas,
torturando o coração com lágrimas, tristezas e lamentos.
E com os olhos cheios de lágrimas fitava o mar nunca vindimado.
De pé, junto dele, falou-lhe Calipso, divina entre as deusas:

«Vítima do destino, não chores mais. Não gastes assim
a tua vida. Com boa vontade vou mandar-te embora.
Vai agora com um machado de bronze cortar grandes troncos
para fazeres uma ampla jangada. Sobre ela fixa uma plataforma,
a parte mais elevada do casco que te levará sobre o mar brumoso.
E eu te darei pão, água e rubro vinho que alegra o coração,
para assim manter longe de ti a fome e a sede.
E roupas te darei também; e enviarei ainda um vento favorável,
para que inteiramente ileso tu regresses à terra pátria,
se é isso que querem os deuses, que o vasto céu detêm.
Mais poderosos são eles do que eu, para determinar e cumprir.»

Assim falou. Estremeceu o sofredor e divino Odisseu;
e falando dirigiu-lhe palavras apetrechadas de asas:
«Não é na despedida que estás a pensar, ó deusa, mas noutra coisa.
Tu que me dizes para atravessar numa jangada o abismo do mar,

perigoso e temível — coisa que nem conseguem velozes naus,
embora elas se regozijem com o vento favorável de Zeus!
Contra a tua vontade é que não embarcarei em jangada alguma
a não ser que tu, ó deusa, ouses jurar um grande juramento:
que não prepararás para mim próprio outro mau sofrimento.»

Assim falou; sorriu Calipso, divina entre as deusas,
e acariciou-o com a mão. Depois falou-lhe pelo nome e disse:
«Na verdade és mesmo rápido e excelente entendedor
para te ter ocorrido proferir uma tal palavra.
Tomo por testemunhas a terra e o vasto céu por cima dela
e a água de Estige que se precipita nas profundezas
— juramento maior e mais terrível para os deuses imortais! —
que não prepararei para ti qualquer outro sofrimento.
Não, o que penso e aconselho é aquilo que pensaria
em proveito próprio, se tal necessidade se abatesse sobre mim.
As minhas intenções são bondosas; no peito não tenho
um coração de ferro. Também sei sentir compaixão.»

Assim falou. Partiu à frente Calipso, divina entre as deusas,
caminhando depressa; e ele seguiu no seu encalço.
Chegaram à côncava gruta, a deusa e o homem.
Odisseu sentou-se no trono donde há pouco Hermes
se levantara; e a Ninfa pôs-lhe à frente coisas abundantes
para comer e beber, das que se alimentam os homens mortais.
Depois sentou-se diante do divino Odisseu,
e as escravas serviram-lhe ambrósia e néctar.
Lançaram mãos às iguarias que tinham à sua frente.
E depois de afastarem o desejo de comida e bebida,

quem começou a falar foi Calipso, divina entre as deusas:

«Filho de Laertes, criado por Zeus, Odisseu de mil ardis!
Então para tua casa e para a amada terra pátria
queres agora regressar? Despeço-me e desejo-te boa sorte.
Mas se soubesses no teu espírito qual é a medida da desgraça
que te falta cumprir, antes de chegares à terra pátria,
aqui permanecerias, para comigo guardares esta casa;
e serias imortal, apesar do desejo que sentes de ver
a esposa por que anseias constantemente todos os dias.
Pois eu declaro na verdade não ser inferior a ela,
de corpo ou estatura: não é possível que mulheres
compitam em corpo e beleza com deusas imortais.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Deusa sublime, não te encolerizes contra mim. Eu próprio
sei bem que, comparada contigo, a sensata Penélope
é inferior em beleza e estatura quando se olha para ela.
Ela é uma mulher mortal; tu és divina e nunca envelheces.
Mas mesmo assim quero e desejo todos os dias
voltar a casa e ver finalmente o dia do meu regresso.
E se algum deus me ferir no mar cor de vinho, aguentarei:
pois tenho no peito um coração que aguenta a dor.
Já anteriormente muito sofri e muito aguentei
no mar e na guerra: que mais esta dor se junte às outras.»

Assim falou. O Sol pôs-se e sobreveio a escuridão.
Foram ambos para o recesso interior da côncava gruta,
onde gozaram o prazer do amor, ficando juntos.

Quando surgiu a que cedo desponta, a Aurora de róseos dedos,
Odisseu vestiu depressa uma capa e uma túnica;
e a própria Ninfa pôs um vestido de fio de prata,
subtil e gracioso; na cintura atou um cinto
de ouro e sobre a cabeça colocou um véu.

Então Calipso voltou o espírito para o regresso de Odisseu.
Deu-lhe um grande machado, bem ajustado às mãos,
brônzeo e afiado de ambos os lados, com um belo
cabo de oliveira, que estava fixo de modo seguro.
Deu-lhe de seguida uma bem polida enxó; depois foi
à frente, indicando o caminho, até ao extremo da ilha,
onde cresciam altas árvores: álamos, choupos
e pinheiros tão grandes que chegavam ao céu;
árvores secas de seiva, que flutuariam facilmente.
Mas depois de lhe ter mostrado onde cresciam as árvores,
voltou para a sua gruta Calipso, divina entre as deusas.
Odisseu cortou a madeira e rápido lhe correu o trabalho.

Cortou vinte árvores e logo as desbastou com o bronze.
Alisou-as com perícia e endireitou-as com a ajuda de um fio.
Entretanto veio trazer-lhe trados Calipso, divina entre as deusas.
Tudo Odisseu perfurou e depois ajustou as madeiras
umas às outras, martelando as cavilhas e as travessas.
Equivalente ao tamanho de uma ampla nau de carga
torneada por um homem entendedor de carpintaria
era a ampla jangada que Odisseu construiu. Montou a coberta
com vigas perto umas das outras; e terminou a construção
da jangada revestindo-a com tábuas compridas.

Em seguida fez o mastro e uma verga que se lhe ajustava;
fez ainda um leme, com que pudesse dirigir a jangada.
Uma proteção fabricou com vimes entrelaçados,
como defesa contra as ondas; e no fundo espalhou caruma.
Entretanto veio trazer-lhe vestes Calipso, divina entre as deusas,
para que delas fizesse as velas — e fê-las com arte.
Atou os braços, as driças e as escotas; e com alavancas
conseguiu arrastar a jangada para o mar divino.

Sobreveio o quarto dia e já tudo estava pronto.
No quinto dia, Calipso mandou-o embora da ilha,
depois de lhe dar banho e de o vestir com roupas perfumadas.
Na jangada colocou a deusa um odre de escuro vinho;
e outro, um odre grande, de água. Num alforge de pele
pôs comida e muitas coisas que alegram o coração.
Fez soprar um vento suave e sem perigo; e a esse vento,
com grande regozijo, Odisseu desfraldou as velas.
Sentou-se e com o leme dirigiu a jangada de modo
competente; e o sono não se abateu sobre as suas pálpebras
enquanto olhava para as Plêiades, para o Boieiro que desce
tarde no horizonte e para a Ursa, a que chamam Carro,
cujo curso revolve sempre no mesmo sítio, fitando Oríon.
Dos astros só a Ursa não mergulha nas correntes do Oceano.
Era esta a constelação que lhe dissera Calipso, divina entre as deusas,
que mantivesse do lado esquerdo enquanto navegava.
Durante dezassete dias navegou sobre o mar;
e ao décimo oitavo dia apareceram as montanhas sombrias
da terra dos Feaces, na zona da ilha que dele menos distava.

E a terra parecia um escudo no meio do mar brumoso.

Mas vindo de junto dos Etíopes o poderoso Sacudidor da Terra,
das montanhas dos Sólimos viu Odisseu à distância, pois lhe surgira
diante da vista, navegando sobre o mar. Muito se irou o deus;
abanou a cabeça e assim falou ao seu próprio coração:

«Ah, decerto os deuses mudaram de intenção a respeito
de Odisseu, enquanto eu estava entre os Etíopes.
E agora está perto da terra dos Feaces, onde está destinado
que escape à servidão da dor que sobre ele se abateu.
Mas ainda o perseguirei pelo caminho do sofrimento.»

Assim dizendo, reuniu as nuvens; e segurando na mão
o tridente, encrespou o mar. Incitou de todos os lados
toda a espécie de ventos e escondeu com nuvens
tanto a terra como o mar. A noite caiu a pique do céu.
Colidiram o Euro e o Noto e o Zéfiro guinchante
e o Bóreas nascido no céu, que fazia rolar uma onda gigante.
Então se enfraqueceram os joelhos e o coração de Odisseu;
e desesperado assim disse ao seu magnânimo coração:

«Ai, pobre de mim! O que estará para me acontecer?
Receio que seja verdade tudo o que me disse a deusa:
pois ela me declarou que, antes de chegar à terra pátria,
no mar teria eu muito que sofrer. Tudo isso agora se cumpre,
tais são as nuvens com que Zeus coroa o vasto céu.
E agitou também o mar, fazendo colidir as rajadas

de toda a espécie de ventos. A íngreme morte está garantida.
Ó três e quatro vezes bem-aventurados os Dânaos,
que morreram na ampla Troia para fazer um favor aos Atridas!
Quem me dera que com eles tivesse também eu perecido
naquele dia em que contra mim investiam com brônzeas lanças
os Troianos, pelejando em torno de Aquiles já morto.
Teria tido ritos fúnebres e minha fama teriam espalhado os Aqueus.
Por uma morte deplorável é agora meu destino ser tomado.»

Não tinha acabado de proferir estas palavras quando o atingiu
de cima a onda gigante, precipitando-se com força terrível.
E imediatamente a jangada redemoinhou em torvelinho.
Ele próprio caiu ao mar, afastado da jangada; deixou cair
o leme da mão. Partira-se o mastro a meio
devido à força terrível das rajadas da tempestade;
e lá longe no mar caíram a verga e a vela.
Debaixo de água fi cou Odisseu bastante tempo,
pois não conseguia voltar à tona devido ao ímpeto da onda.
Além de que pesavam as roupas que lhe dera a divina Calipso.
Finalmente voltou à tona e da boca cuspiu a amarga água
salgada, que escorria abundantemente da sua cabeça.
Mesmo assim, em apuros, não se esqueceu da jangada,
mas esforçou-se para a alcançar nas ondas e agarrou-a,
sentando-se em cima dela para assim escapar ao termo da morte.
A forte ondulação levava consigo a jangada em várias direções.
Tal como no outono o Bóreas arrasta cardos e acantos
pela planície e ao rolarem se juntam uns aos outros —

assim os ventos arrastavam a jangada pelo mar em várias direções.
Ou o Noto a lançava ao Bóreas para ser ele a arrastá-la;
ou então o Euro a atirava ao Zéfiro para se lançar atrás dela.

Foi então que o viu a filha de Cadmo, Ino de belos tornozelos —
chamava-se agora Leucótea quem antes fora de fala humana:
no mar salgado granjeara da parte dos deuses uma honra divina.
Apiedou-se, comovida, de Odisseu, que tanto sofria.
E semelhante a um mergulhão emergiu do mar;
poisou na jangada e a Odisseu dirigiu estas palavras:
«Vítima do destino, por que razão Posídon, Sacudidor da Terra,
tanto se encolerizou, semeando para ti muitas desgraças?
Por outro lado não te destrói, embora encolerizado.
Mas faz agora como te digo; pareces-me bom entendedor.
Despe já essas roupas e deixa que a jangada seja levada
pelos ventos; e nadando com os braços esforça-te para
alcançares a terra dos Feaces, onde é teu destino salvares-te.
Toma agora este véu imortal e ata-o debaixo do peito:
Não tenhas medo: nada irás sofrer e não te afogarás.
Mas assim que com as mãos tiveres tocado a terra firme,
desata de novo o véu e atira-o para o mar cor de vinho,
para longe da terra, voltando as tuas costas.»

Assim dizendo, o véu lhe ofereceu a deusa
e mergulhou de novo no mar agitado de ondas,
semelhante a um mergulhão; e escondeu-a a escura onda.
Então refl etiu o sofredor e divino Odisseu
e disse, desanimado, ao seu magnânimo coração:

«Ai, pobre de mim! Será de novo um dos imortais a tecer
um dolo, dizendo-me para abandonar a jangada?
Mas não me deixarei ainda convencer, pois longe está
a terra que vi com os olhos, onde ela disse que me salvaria.
Não, é isto que farei; isto parece-me a melhor coisa:
enquanto as madeiras permanecerem bem atadas,
aqui ficarei e enfrentarei os sofrimentos.
Mas quando as ondas tiverem estilhaçado a jangada,
então tentarei nadar, visto que não há outra solução melhor.»

Enquanto Odisseu refletia no coração e no espírito, fez surgir
uma onda gigante Posídon, Sacudidor da Terra, uma onda
terrível e perigosa, que se arqueava por cima dele e o levava.
Tal como um vento forte espalha um monte de palha seca,
atirando-a por aqui, por ali e por todos os lados —
assim a onda espalhou as pranchas da jangada. Mas Odisseu
subiu para uma das pranchas, como se montasse num cavalo,
e despiu as roupas que lhe oferecera a divina Calipso.
De seguida estendeu e atou sob o peito o véu
e atirou-se à água, de mãos estendidas, preparado
para nadar. Viu-o o poderoso Sacudidor da Terra.
Abanou a cabeça e assim disse ao seu próprio coração:

«Vai agora pelo mar: irás ainda sofrer muitas dificuldades,
até que no meio de homens criados por Zeus te possas imiscuir.
Mas não penso que te queixes da insuficiência das tuas dores!»

Assim falando, o deus incitou seus cavalos de belas crinas
e foi para Egas, na Samotrácia, onde tem o glorioso palácio.

Foi então que ocorreu outra coisa a Atena, filha de Zeus.
Impediu os caminhos dos outros ventos, a todos ordenando
que cessassem e se acalmassem. Mas fez soprar o rápido Bóreas;
diante dele rebentaram as ondas, para que se pudesse
imiscuir entre os Feaces que amam seus remos Odisseu,
criado por Zeus, fugindo assim à morte e à desgraça.

Durante duas noites e dois dias foi levado à deriva pelas escuras
ondas; e muitas vezes diante do coração lhe surgiu a morte.
Mas quando o terceiro dia trouxe a Aurora de belas tranças,
foi então que parou a ventania; sobreveio uma acalmia
sem sopro de vento. Viu que já estava perto da terra ao olhar
de relance em frente, enquanto o elevava uma grande onda.
Tal como é bem-vindo um sinal de vida no pai que os filhos
viram acamado e sofrendo grandes dores durante muito tempo,
definhando, e já quase o tocara a divindade detestável,
mas depois os deuses o libertam da sua doença —
assim a Odisseu a terra e as árvores pareciam uma amável visão.
E nadou com mais afinco, desejoso de pôr pé em terra firme.

Quando entre ele e a terra havia só a distância de um grito,
ouviu o barulho retumbante do mar contra os rochedos.
É que as enormes ondas rebentavam na terra firme
com terrível bramido; e contra tudo lançavam espuma salgada.
Não havia portos onde as naus se abrigassem, nem enseadas.
Projetavam-se promontórios, arribas e rochedos.
Então se enfraqueceram os joelhos e o coração de Odisseu;
desesperado assim disse ao seu magnânimo coração:

«Ai, pobre de mim! Agora que além da esperança Zeus
me deu a ver a terra, e aqui cheguei tendo atravessado
este abismo, não se vê maneira de sair do mar cinzento!
Do lado de fora estão ásperos rochedos, em torno dos quais
as ondas bramam com fragor; a rocha é escarpada
e o mar chega mesmo até à terra. Não é possível apoiar-me
em ambos os pés, para assim escapar à desgraça.
Tenho medo de que ao tentar sair da água uma grande onda
me atire contra o penedo rochoso; assim será vão o esforço.
Mas se eu continuar a nadar em frente, na esperança
de chegar a praias com ondulação lateral ou portos do mar,
receio que de novo me arrebate o vento da tempestade
e que me leve, com profundos gemidos, para o mar piscoso,
ou que algum deus mande contra mim um grande monstro
do mar, daqueles que cria em grande número a famosa Anfitrite.
Sei como me quer fazer sofrer o famoso Sacudidor da Terra.»

Enquanto pensava estas coisas no espírito e no coração,
uma grande onda atirou-o contra a costa rochosa.
Teria ficado com a pele esfolada e os ossos partidos,
se isto não lhe tivesse posto na mente Atena de olhos garços:
ao ser violentamente arrastado, agarrou-se com as mãos
a uma rocha e aí ficou, gemendo, enquanto recuou a onda.
Assim escapou a esta onda; mas no refluxo ela atingiu-o
de novo, e o arrastou para longe, para o alto-mar.

Tal como, quando um polvo é arrancado da sua furna,
às espessas lapas ficam agarradas partes dos tentáculos —
assim das suas mãos audazes se esfolaram partes da pele

contra as rochas. E de novo o cobriu a onda enorme.
Ter-se-ia afogado o infeliz Odisseu para lá do que lhe estava destinado,
se reflexão rápida não lhe tivesse dado Atena de olhos garços.
Desviando-se donde a rebentação batia contra a costa,
nadou em paralelo, olhando para a terra, na esperança
de chegar a praias com ondulação lateral e portos do mar.

À medida que nadava veio ter à foz de um rio
de lindo fluir, que lhe pareceu o sítio mais indicado,
pois não tinha rochas e encontrava-se abrigado do vento.
Percebeu que era um rio e orou-lhe no seu coração:

«Ouve-me, soberano, quem quer que sejas! De ti me aproximo
como de alguém que muito desejo, fugindo do mar e das ameaças
de Posídon. Até aos deuses imortais é venerando aquele
dentre os homens que chega depois de vaguear, como eu agora
chego junto da tua corrente e dos teus joelhos, depois de dores
incontáveis. Compadece-te, ó soberano! Sou teu suplicante.»

Assim falou. De imediato o deus fluvial fez cessar a corrente,
reteve as ondas e espalhou a acalmia; assim o trouxe a salvo
até à embocadura do rio. Então deram de si os joelhos
e as possantes mãos de Odisseu. O mar esmagara-o.
Todo o corpo estava dorido e água salgada corria-lhe
da boca e das narinas. Jazia sem fôlego, incapaz de falar,
incapaz de se mexer. Apoderara-se dele um cansaço ingente.
Quando voltou a si e ao peito regressou o alento,

desprendeu do corpo o véu da deusa marinha e deixou
que caísse no rio que fluía em direção ao mar.
Uma onda forte levou-o na corrente e de imediato Ino
recebeu o véu nas mãos. E afastando-se do rio, Odisseu
ajoelhou-se num canavial e beijou a terra dadora de cereais.
Mas desanimado assim disse ao seu magnânimo coração:

«Ai, pobre de mim, o que estará para me acontecer?
Se aqui junto ao rio mantiver vigília durante a noite,
receio que a cruel geada e o fresco orvalho vençam,
na fraqueza em que estou, o meu espírito estafado.
E do rio soprará logo de manhã um vento frio.
Mas se eu subir esta elevação até ao bosque sombrio
e lá me deitar entre os densos arvoredos na esperança
de afastar o frio e a fadiga, receio que ao dormir docemente
me exponha como presa para as feras selvagens.»

Enquanto assim pensava, foi isto que lhe pareceu melhor:
dirigir-se para o bosque. Encontrou-o perto da água
em sítio bem visível. Aí, entrou debaixo de dois arbustos
nascidos da mesma raiz: uma oliveira brava e uma mansa.
Por entre estes arvoredos não penetravam os húmidos ventos,
nem através deles o Sol conseguia lançar seus raios,
nem a chuva lá entrava, tal era a densidade com que estavam
entrelaçados um no outro. Debaixo deles se escondeu
Odisseu e logo com as mãos tratou de fazer uma cama
larga, pois ali não havia falta de folhas caídas —
seriam suficientes para dois ou três homens
em estação invernosa, por muito frio que fizesse.

Olhando para a cama, alegrou-se o sofredor e divino Odisseu:
deitou-se no meio dela e pôs folhas por cima do corpo.
Tal como no campo um homem que não tem vizinhos esconde
uma brasa ardente na negra cinza, salvaguardando desse modo
a semente do fogo, para que não tenha de o avivar de outro sítio
—
assim estava Odisseu coberto pelas folhas. E Atena derramou
sobre os seus olhos o sono para depressa o aliviar da fadiga
de tantos esforços, cobrindo-lhe as pálpebras completamente.

Notas ao Canto 5

1-2 «Do leito <onde se deitava> junto do orgulhoso Titono / surgiu a Aurora»: à letra, «Aurora do leito junto do orgulhoso Titono / surgiu». Se não fosse o facto de *Od*.5.1-2 ser igual a *Il*.11.1-2, sentir-nos-íamos tentados a admirar aqui a aparente adequação poético-narrativa desta fórmula a abrir o Canto 5, no qual vamos encontrar finalmente o herói do poema, na situação de homem mortal a partilhar, como Titono, o leito de uma deusa. Recorde-se que Titono, irmão de Príamo (cf. *Il*.20.237) e belo homem por quem a Aurora se apaixonou, recebeu dos deuses a vida eterna, mas não a juventude eterna – embora devamos notar que esta explicitação surge somente na tradição mais tardia (a primeira menção da imortalidade desprovida de juventude eterna concedida a Titono é no *HH a Afrodite* 218-238). Na *Il*. e na *Od*., o facto de a Aurora ser imaginada como levantando-se todos os dias da cama de Titono parece dar a entender que não se colocava, para os poetas que usavam esta fórmula, o paradoxo de o herói ter recebido imortalidade sem juventude. Quanto ao epíteto *agauós* («orgulhoso», «altivo», «nobre»), frequentemente aplicado aos pretendentes de Penélope pelo poeta da *Od*., parece ter nesta fórmula um sentido mais próximo da sua etimologia, já que provém de *ágamai* («admirar-se»). Titono seria admirável pela sua extraordinária beleza, que era um tópico da poesia grega arcaica (cf. Tirteu, fr. 12 West).

7-20 Este discurso de Atena constitui um dos passos mais célebres da poesia homérica, porque é constituído por versos que ocorrem todos noutros contextos. Deparamos com um efeito comparável de manta de retalhos – onde cada verso na sequência está presente noutras passagens da poesia homérica – em 19.570-604 e *Il*.8.28-72 (ver Cmb.ii, pp. 299-300). No caso deste discurso de Atena, o poeta reaproveita em 8-12 o discurso de Mentor (2.230-234); em 14-17, o discurso de Proteu (4.557-560); e, em 19-20, o discurso de Médon (4.701-702).

13 «Pois ele jaz agora numa ilha, em grande sofrimento»: verso que ocorre em *Il*.2.721, onde o sujeito é Filoctetes.

18 «E agora conspiram para matar o filho amado»: mesmo dando o desconto para o facto de a deusa estar a falar para deuses, mesmo assim a transição é abrupta, faltando qualquer antecedente para o sujeito implícito do verbo (que nós, e os deuses, sabemos ser «pretendentes»). O verso 18 é uma mescla de 4.727 e de 4.740.

23-24 = 24.479-480.

28 Verso praticamente igual a *Il*.24.333.

32 «sem a ajuda de homens mortais ou de deuses»: verso já considerado «ridículo» (*lächerlich*) por H. Düntzer no século XIX (*Homerische Abhandlungen*, Leipzig, 1872, p. 415), já que Odisseu contará com a ajuda da deusa Leucótea e com a ajuda dos Feaces.

34 «no vigésimo dia chegaria a Esquéria de férteis sulcos»: a estranheza (afinal é o omnisciente Zeus quem fala!) causada pelo uso aqui do optativo (*híkoito*, «chegaria») deve-se ao facto de o verso se basear em *Il*.9.363, onde Aquiles diz que, se o deus do mar lhe der uma boa navegação, no terceiro dia «chegaria a Ftia de férteis sulcos» (este verso da *Il*. é depois memoravelmente retomado por Platão, colocando-o na boca de Sócrates no diálogo *Críton*). O adjetivo *eríbôlos* («de férteis sulcos») só ocorre aqui na *Od*.

43 «Argeifonte»: ver 1.38*.

44-48 = *Il*.24.340-345 (44-46 = *Od*.1.96-98). A referência à «vara com que enfeitiça os olhos dos homens / a quem quer adormecer» faz mais sentido nos versos mencionados da *Il*., pois aí Hermes usa mesmo a vara para esse efeito.

50 «Piéria»: alguns comentadores antigos eliminavam este verso, já que a Piéria fica a norte do Olimpo e ficaria fora de mão para um deus que se apressava em direção ao Extremo Ocidente.

51 «gaivota»: em grego, *láros*. Aristófanes compara mais de uma vez o demagogo Cléon, insaciável na sua rapacidade, a esta ave (cf. *Cavaleiros* 956, *Nuvens* 591), cujo nome me vem à memória quando vejo as gaivotas a atacarem os tabuleiros deixados pelos comensais nas esplanadas do Centro Comercial Vasco da Gama, em Lisboa.

52 «mar nunca vindimado»: ver 1.72*.

54 Este verso (considerado espúrio por Aristarco) chama a atenção pelo facto de nele lermos a forma tardia do nome de Hermes (*Hermês*) em vez da forma tipicamente homérica (*Hermeías*). Além do presente verso, o único passo da *Od*. em que encontramos *Hermês* (no nominativo) é 24.1, numa zona do poema considerada problemática a vários títulos. Na *Il*. ocorre apenas em 20.72.

55 «ilha longínqua»: sobre a localização da ilha de Calipso, ver 1.50*.

56 «mar cor de violeta»: expressão rara para o mar, que, além do presente verso, ocorre na *Od*. somente em 11.107 (na *Il*. ocorre só uma vez: 11.298).

58 «Ninfa de belas tranças»: o costume de usar o cabelo em tranças está bem documentado na arte minoica e micénica.

60 «cedro»: segundo Hainsworth (Oxf.i, p. 261), por *kédros* não se entende aqui o cedro do Líbano, mas sim a espécie conhecida pelo nome botânico *Juniperus oxycedrus*.

61 «incenso»: em grego, *thúon* (segundo LSJ, *Callitris quadrivialis*).

63-75 Um dos lugares-comuns críticos a respeito da literatura grega é que os seus autores raramente se interessaram por descrever paisagens. Uma famosa exceção é este momento do Canto 5 da *Od*., com a descrição do «bosque frondoso» (*húlê têlethóôsa*) à volta da gruta de Calipso. É significativo este paraíso terrestre estar localizado no Extremo Ocidente, «fora do alcance de qualquer viagem humana» (Oxf.i, p. 262), tal como o jardim divino em que Zeus desposou Hera

(Eurípides, *Hipólito* 742-751). Ver A. Parry, «Landscape in Greek Poetry», *Yale Classical Studies* 15 (1957), pp. 3-29.

64 «álamos, choupos e ciprestes»: tratando-se de um bosque imaginário, o poeta não se importou com a incongruência botânica de álamos e choupos precisarem de terreno frequentemente inundado, ao passo que os ciprestes precisam de terreno seco.

66 «corujas»: em grego, o plural da palavra *skôps* (cujo nome ornitológico é *Otus scops*). Na poesia homérica, como já vimos em 1.44*, não ocorre a palavra *glaux*.

__ «falcões»: aqui são *írêkes*.

__ «tagarelas corvos-marinhos»: em grego, *tanúglôssoí te korônai* / *eináliai*. O adjetivo traduzido por «tagarela» significa, à letra, «de língua comprida». Não é certo de que ave se trata aqui.

67 «aves que mergulham no mar em demanda de sustento»: à letra, «aves às quais importam os trabalhos marítimos».

73-75 «Até um imortal, que ali chegasse, se quedaria, / só para dar prazer ao seu espírito com tal visão. / E aí se quedou, maravilhado, o mensageiro Argeifonte»: O poeta acrescentou o pormenor significativo de a visão descrita estar a ser percecionada por uma figura divina, através dos olhos da qual o ouvinte/leitor experimenta este momento de deleite estético. Remeto para o meu artigo «Imagens e expressões de deleite estético na poesia grega: elementos para a definição de uma problemática», *Humanitas* 45 (1993), pp. 95-111.

78 «Calipso, divina entre as deusas»: Ver 1.14*. Já ouvimos falar de Calipso mais de uma vez no poema e agora, finalmente, estamos diante da personagem. Se é certo que a teoria de Wilamowitz (*Homerische Untersuchungen*, Berlim, 1884, p. 115), de que Calipso é uma invenção secundária a partir da figura de Circe, continua a fazer sentido, temos também de ver a personagem à luz de tradições mais antigas: deste ponto de vista, vale a pena considerar a sugestiva proposta de F. Dirlmeier, segundo a qual Calipso pode ser comparada com a deusa Šiduri, da epopeia de Gilgameš (*Ausgewählte Schriften*, Heidelberg, 1970, pp. 79-84).

84 «E com os olhos cheios de lágrimas fitava o mar nunca vindimado»: verso considerado espúrio por Aristarco, colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

85-96 A receção de Hermes por Calipso está modelada na passagem do Canto 18 da *Il*. em que Tétis é recebida por Cáris (que, na *Il*., é mulher do deus Hefesto; na *Od*., a mulher do mesmo deus é Afrodite). Assim, 88 encontra paralelo em *Il*.18.386; 91 é igual a *Il*.18.387; e, com os necessários ajustes para acertar o género, 88-90 têm por base *Il*.18.425-427.

91 «Mas chega-te mais à frente, para que te ofereça refrigério»: verso condenado por antigos e modernos («uma simples parvoíce» [*une simple sottise*], no dizer de V. Bérard, citado por Dawe, p. 223), colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

97 «Como deusa me perguntas a mim, um deus»: em português é impossível transmitir o efeito do poliptoto em grego *theà theón*, que dá sobretudo nas vistas pelo facto de ser tão raro na poesia homérica.

98 «Falar-te-ei»: chama aqui a nossa atenção o futuro *enispêsô* (forma do verbo *enépô*), ocorrência única na literatura grega.

108-110 Hermes não está bem informado sobre o conteúdo dos Cantos 3 e 4 do poema, pois o que ele aqui afirma contradiz o que antes lêramos. O que está implícito nas palavras do deus é que todos pereceram (e não pereceram todos) em consequência da tempestade causada por Atena e que, em consequência dessa mesma tempestade, Odisseu veio ter a Ogígia. Nas palavras de Hainsworth (Oxf.i, p. 265), estes versos «contradizem a história porque fazem do destino de Odisseu um parte do mesmo nexo de eventos dos *nóstoi* dos Aqueus».

118 «Sois cruéis, ó deuses, e os mais invejosos de todos»: as primeiras palavras de Calipso dão-nos uma perspetiva diferente do que lêramos em 97, onde está em causa o que deuses e deusas partilham em termos de estatuto. As palavras da deusa sublinham agora a diferença entre deuses e deusas. Aqueles, como é sabido, gozam do privilégio de ter relações sexuais com seres humanos de ambos os sexos sem que isso lhes valha qualquer crítica; a situação das deusas é diferente.

121-122 «Aurora de róseos dedos amou / Oríon»: a deusa da madrugada era vista na mitologia grega como especialmente atreita a encantar-se com jovens mortais: além de Oríon, há o caso de Céfalo e o já mencionado Titono.

122 «Oríon»: figura mitológica de fantástica (dir-se-ia hoje tóxica) virilidade, que violou 50 Ninfas – e todas deram à luz filhos machos (cf. Corina, fr. 655 Page). Numa versão da sua história, tentou violar também as Plêiades e a própria deusa Ártemis, razão pela qual foi morto e transformado na constelação com o mesmo nome. A constelação será mencionada em 5.273-275 = *Il*.18.487-489. Além de célebre violador, Oríon era também um famoso caçador, faceta que será posta em relevo mais à frente neste poema, em 11.572-575.

123 «Ártemis»: a ideia de Ártemis matar «com setas suaves» aplica-se normalmente na literatura grega à morte inexplicável de mulheres; quando se trata da morte de um homem, a agência é atribuída a Apolo.

124 «Ortígia»: há diferentes propostas de localização desta «Ilha das Codornizes», mas a mais aceite (até por Estrabão, *Geografia* 10.5.8) é a ilha de Delos.

125 «Deméter»: única menção desta deusa na *Od*. (na *Il*., é mencionada cinco vezes). Também em *Tgn*.969-974 se refere a sua união com Iásion, onde o local do coito é referido como sendo a ilha de Creta. Da união nasceu Pluto (*ploûtos*, «riqueza»), representativo da riqueza da terra. A expressão terra «três vezes arada» é de interpretação incerta e pode ter, antes, o sentido de um campo onde se tinham marcado três sulcos com o arado. A intenção está relacionada com ritos de fertilidade e, de qualquer forma, a imagem do coito a acontecer em terra «três vezes arada» vinca, por meio da associação do arado ao falo, a ideia de rito sexual de fertilidade. Podemos comparar a imagem posta por Eurípides na boca de Fedra, quando ela descreve o seu estado de excitação sexual como decorrendo do facto de ter «a alma arada pelo desejo [*erôs*]» (ou «preparada para a sementeira pelo desejo»: *Hipólito* 504-505).

135 «prometi-lhe que o faria imortal»: não é explicitado como se concretizaria a transformação de Odisseu em imortal, mas presumivelmente isso aconteceria se ele ingerisse néctar e ambrósia (cf. *HH*

a Afrodite 232; Píndaro, *Odes Olímpicas* 1.62-64; *Odes Píticas* 4.63).

151-158 O momento adiado ao longo de mais de 2000 versos acontece agora: somos colocados diante do herói do poema, que vemos em situação pouco heroica, choroso e cansado de viver como escravo sexual da deusa que até agora se recusou a libertá-lo. Quando o próprio Odisseu se refere a estes anos de «escravatura sexual» em 7.255-260, fá-lo de forma a não pôr esse aspeto em evidência (ficamos só com a ideia de que Calipso era «terrível» [7.255]).

157 Verso omitido em vários manuscritos e colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

160 «Vítima do destino»: em grego, *kámmoros* («desafortunado»). Telémaco já se referira ao pai assim em 2.351. A palavra está ausente da *Il*., mas surge várias vezes na *Od*. aplicada a Odisseu. Apesar de Dawe (p. 227) afirmar que, embora correta, só numa ópera de Verdi se enquadraria a tradução «vítima do destino», não obstante optei por dar aqui esse sentido à expressão.

161 «Com boa vontade vou mandar-te embora»: Calipso nunca assume abertamente que a decisão foi tomada por Zeus e que ela não tem qualquer responsabilidade ou mérito na libertação de Odisseu, ainda que em 169-170 se refira de forma vaga à vontade de deuses mais poderosos do que ela.

171 «Estremeceu o sofredor e divino Odisseu»: por vezes comicamente literalistas, os escoliastas antigos interpretaram este «estremeceu» (do verbo grego cognato com a palavra latina *frigus*, «frio») como significando que Odisseu sentiu subitamente frio. É certo que, se aceitarmos uma das duas possibilidades (a partir de referências astronómicas neste canto) para a altura do ano em que estamos neste momento, o mês de novembro é o mais provável (ver 272-273* e Dawe, p. 234); mas, não obstante os resfriados que a todos nós acontecem em novembro, o arrepio de Odisseu é decerto mais do foro psicológico do que do gripal.

__ «sofredor»: a primeira ocorrência no poema do adjetivo *polútlas* («muito sofredor»), que ao longo da *Od*. será aplicado a Odisseu mais de 35 vezes (também na *Il*. o mesmo adjetivo lhe é aplicado, mas apenas cinco vezes).

172 «palavras apetrechadas de asas»: ver 1.122*.

178-179 Estes versos ocorrerão de novo em 10.343-344, dirigidos por Odisseu a Circe. O Canto 10 será provavelmente o seu contexto original, já que «para mim próprio» no episódio de Circe visa distinguir Odisseu dos seus companheiros (que Circe transformou em porcos – também por isso faz mais sentido no episódio de Circe a ideia de «outro mau sofrimento»), ao passo que na ilha de Calipso não há outros homens além de Odisseu.

181 «falou-lhe pelo nome»: ver 3.374*.

182 «és mesmo rápido e excelente entendedor»: expressão que à letra significa «és prevaricador e conhecedor de coisas que não são vacuidades» (*ê dê alitrós g’ essì kaì ouk apophôlia eidôs*). A palavra traduzida por «rápido» é *alitrós* («prevaricador», como em *Il*.23.595), cujo sentido aqui seria algo como «danado» ou «safado», mas em sentido não depreciativo. O sentido de *apophôlia* (palavra ausente da *Il*.) é muito discutível, ainda que LSJ proponha «vazio», «vão».

185 «água de Estige»: Estige (*Styx*) é, na mitologia grega (*Tgn.*775-806), a filha mais velha de Oceano e de Tétis (*Tethus*; não *Thetis*, mãe de Aquiles). É por ela que é jurado o «grande juramento dos deuses» (*Tgn.*400). A ideia de que Estige é o rio do inferno é tardia e não surge na poesia grega da época arcaica, embora a associação de Estige ao elemento aquático aqui esteja sugerida (e decorra, de resto, da sua filiação – não esquecer que, para os Gregos, Oceano era um rio).

195-196 «Odisseu sentou-se no trono donde há pouco Hermes / se levantara»: a subtileza dos pormenores deste episódio na ilha de Calipso já se vinha sentindo desde o momento em que o voo de Hermes (qual gaivota) é descrito a partir de 50. Nesta refeição (que nos é apresentada como sendo simbolicamente de despedida, embora Odisseu ainda fique mais uns dias na ilha a fazer a jangada – mas a decisão de se separarem está tomada e é a primeira vez que se sentam juntos com a nova realidade da separação no horizonte), temos o ponto alto. Neste jantar, a fronteira entre imortal e mortal ainda seria transponível, para Odisseu, se ele quisesse; mas, ao mesmo tempo, intuímos que é a sua mortalidade de homem (já sete anos mais velho do que era quando chegou a Ogígia) a despertar desejo na deusa imortal.

199 «escravas»: aparecem aqui do nada. Este verso é o único que refere a existência de tais pessoas na ilha de Calipso. Não estão presentes na cena com Hermes; nem fornecem qualquer tipo de ajuda quando Odisseu está a construir a jangada. De resto, parte da beleza deste episódio assenta na ideia de que Odisseu e Calipso estão, há sete anos, absolutamente sozinhos na ilha.

203 «Filho de Laertes, criado por Zeus, Odisseu de mil ardis»: em grego, *diogenès Laertiádê, polumêkhan' Odusseû*. Esta é a primeira ocorrência de um verso que figurará ainda mais 14 vezes no poema.

206-207 «se soubesses no teu espírito qual é a medida da desgraça / que te falta cumprir, antes de chegares à terra pátria»: uma das desarticulações mais evidentes entre a secção do poema a que chamamos «Errâncias de Odisseu» (Cantos 5-12) e a secção a que chamamos «Vingança de Odisseu» (Cantos 13-24) é que não só Calipso mas também Circe (12.137-141) e a já falecida Anticleia, mãe de Odisseu (11.181-187), falam como se, uma vez regressado a Ítaca, Odisseu já não tivesse problemas a enfrentar. Quanto à «medida da desgraça» que Calipso agora prevê, não seria previsível, uma vez que decorrerá da coincidência de Posídon avistar Odisseu em 283 e de o deus, que até agora não causara a mínima dificuldade ao homem que cegara o seu filho, decidir espontaneamente criar uma tempestade.

221 «mar cor de vinho»: ver 1.183*.

227 «gozaram o prazer do amor, ficando juntos»: em grego, *terpésthên philótêti, par' allêloisi ménontes*. A imagem é do ato sexual em si e depois do «ficarem» (*ménontes*) ao lado um do outro (*par' allêloisi*). O poeta não vê problema no interrelacionamento dos seguintes factos por ele apresentados: (1) Calipso e Odisseu aceitaram separar-se; (2) Odisseu deixou claro que prefere a mulher à deusa de quem foi amante durante sete anos; (3) após (e apesar de) tudo isto, vão amigavelmente para a cama e gozam «o prazer do amor».

230-232 = 10.543-555. Ainda que formulares, estes versos que descrevem os amantes a vestirem-se após a noite de sexo criam um efeito poético notável (dir-se-ia quase cinematográfico). O contexto

em que os encontramos aqui – talvez por Calipso, embora baseada em Circe (na teoria de Wilamowitz), ser mais interessante do que a personagem que lhe serviu de modelo – dá-lhes um sentido emocional mais forte do que será porventura o caso na passagem do Canto 10.

234 «um grande machado»: o trabalho de Odisseu teria progredido com mais facilidade (comentou Dawe, p. 232) se Calipso lhe tivesse dado também uma serra. Sobre a construção da jangada de Odisseu (que, em rigor, tem mais caraterísticas de barco do que de jangada), ver L. Casson, *Ships and Seamanship in the Ancient World*, Princeton, 1971, pp. 217-219.

264 «depois de lhe dar banho e de o vestir com roupas perfumadas»: talvez o género de cuidado que se daria, de forma mais lógica, a alguém que acabava de chegar de uma viagem. A menção, em 265-267, de provisões (vinho, água e comida) mostra-nos os últimos desvelos de Calipso em relação a Odisseu. O «vento suave e sem perigo» constitui o seu último gesto de despedida, sensível ainda para Odisseu já depois de ter deixado a ilha.

272-273 «enquanto olhava para as Plêiades, para o Boieiro que desce / tarde no horizonte e para a Ursa, a que chamam Carro»: ao contrário dos Fenícios, que guiavam as suas navegações noturnas pela Ursa Menor (constelação na qual se encontra a Estrela Polar), os Gregos guiavam-se pela Ursa Maior (Oxf.i, p. 277; cf. D.R. Dicks, *Early Greek Astronomy to Aristotle* , Londres, 1970, pp. 27-38). O facto de as Plêiades e a estrela Arcturo (o «Boieiro») serem visíveis ao mesmo tempo numa zona ocidental do Mediterrâneo implica que estamos no período ou de junho/agosto ou de novembro/fevereiro (Dawe, p. 234). Atendendo a que teremos referência a geada em 467 e 17.25; que se diz que as noites são longas em 11.373 e 15.392; que chove e está vento em 14.457-458; e que é preciso aquecer o corpo contra o frio em 14.522, 17.572, 19.64 e 319 – tudo isto leva a crer que a viagem de Odisseu de Ogígia para Esquéria e a sua chegada a Ítaca no Canto 13 (é importante não esquecer que os Cantos 9-12 constituem um *flashback*) são imaginadas pelo poeta como acontecendo naquilo que, para nós, é a altura de novembro.

283 «montanhas dos Sólimos»: se Odisseu está a navegar do Extremo Ocidente em direção a Ítaca, como é que, das montanhas dos Sólimos (na atual Turquia), ele poderia ser avistado por Posídon, mesmo dando o desconto para o facto de uma extraordinária visão ao longe ser apanágio dos deuses (sobretudo de Zeus)? West propôs que «Sólimos» é um erro na transmissão manuscrita (ou um lapso que vem do próprio poeta, que, como sabemos, não era infalível, mormente em questões geográficas) e que a palavra certa seria «Élimos», referindo assim um ponto alto na Sicília. Ver West, *Odyssey*, p. 179; e «Poseidon's Viewpoint», *Eikasmos* 22 (2011), pp. 11-14.

285 «e assim falou ao seu próprio coração»: o Canto 5 é conhecido por ter, no total, sete solilóquios; em todos os restantes 23 cantos da *Od*. encontraremos apenas quatro.

289 «servidão da dor»: a expressão *peîrar oïzúos* é de sentido muito incerto. A palavra *peîrar* pode significar «amarra», mas também «limite» ou «fronteira» (cf. A.L.T. Bergen, *The Etymology and Usage of PEIPAP in Early Greek Poetry*, Nova Iorque, 1975). A palavra designa, em 12.51, as «amarras» que prendem Odisseu ao mastro na nau, para ouvir o canto das sereias mas sem poder saltar para a água a fim de com elas encontrar a morte.

295-296 «o Euro e o Noto e o Zéfiro guinchante / e o Bóreas»: respetivamente, os ventos do leste, do sul, do oeste e do norte.

309-310 Esta alusão de Odisseu a participar na luta em torno do corpo morto de Aquiles deve fazer eco de algum episódio da epopeia perdida (de que existem, no entanto, fragmentos) *Etiópide*.

333 «Ino»: na mitologia grega, filha de Cadmo, cuja tentativa de suicídio por afogamento no mar (fugindo da violência do marido) foi transformada pelos deuses em vida imortal como deusa marinha (Píndaro, *Odes Olímpicas* 2.28-30). Discute-se se a presença de Ino/Leucótea poderá ser ou não uma inovação do poeta da *Od*., presença que talvez se traduzisse em ausência noutras versões da história. Em 7.272-277, quando Odisseu conta com palavras suas aquilo a que estamos agora a assistir, o nome de Ino é omitido por completo.

337 Verso considerado suspeito por Aristarco e omitido em muitos manuscritos. É colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

339 «Vítima do destino»: ver 160*.

340 «tanto se encolerizou»: na forma verbal *ôdúsato* («encolerizou») temos um jogo de palavras com o nome de Odisseu (tal como em 1.62*).

381 «Egas»: em grego, *Aigai*, localidade de sentido incerto, embora a associação à Samotrácia esteja também presente em *Il*.13.20-21. No entanto, *Il*.8.203 dá-nos outra localização, que não é compatível com esta.

382-387 A referência à intervenção de Atena nestes versos tem levantado várias dúvidas, sobretudo porque esta intervenção é contraditória relativamente a 13.318-323.

388-389 «escuras / ondas»: o adjetivo aqui traduzido por «escuro» (*pêgós*) é de sentido tão incerto que os lexicógrafos antigos (mormente Hesíquio) davam como seu significado «preto» ou, em alternativa, «branco».

393 «grande onda»: não obstante a «acalmia / sem sopro de vento», referida atrás (391-392).

394-398 «um sinal de vida no pai que os filhos / viram acamado e sofrendo grandes dores durante muito tempo […]»: talvez o mais belo símile de toda a poesia homérica.

400 Ver 9.473*.

402 «É que as enormes ondas rebentavam na terra firme»: verso com uma sonoridade fantástica em grego (*rhókhthei gàr méga kûma potì xeròn êpeíroio*), que o grande orador Demóstenes usava como exercício para melhorar a sua elocução (Zósimo, *Vida de Demóstenes*).

408 «além da esperança»: expressão curiosa pela raridade da palavra que lhe dá forma (*aelpês*), que, além do presente verso, ocorre só mais uma vez em toda a literatura grega (no autor tardio Nicandro: ver Suplemento de 1996 do dicionário de LSJ).

421 «grande monstro»: em grego, *kêtos méga* (cf. «cetáceo»). Trata-se da única alusão na *Od*. ao tipo de perigo que seria causado por baleias ou tubarões (cuja entrada no Mediterrâneo não é contrária à realidade que nos ensina a oceanologia).

434-435 As mãos esfoladas de Odisseu não o impedirão, daí a dois dias, de participar num concurso de lançamento de disco (8.186-193).

444 «e orou-lhe no seu coração»: a ideia da oração mental, silenciosa, é uma raridade na literatura grega. O único exemplo conhecido (além da presente passagem) ocorre em *Il*.7.195, quando Ájax aconselha os Aqueus a rezarem silenciosamente de modo que os Troianos não oiçam (mas acrescenta logo que também o podem fazer em voz alta, já que não devem ter medo de ninguém!).

463 «beijou a terra dadora de cereais»: embora o epíteto *zeídôros* seja frequentemente uma palavra de encher (ver Parry, *MHV*, pp. 119-145), aqui a sua adequação poética ao contexto é nada menos que perfeita.

* * *

Depois da desigualdade poética que encontrámos nos primeiros quatro cantos da *Od*., o Canto 5 coloca-nos (a partir de 50) nas mãos de um mestre, exímio poeta e sofisticado narrador. A interação de Odisseu e de Calipso é-nos dada com várias camadas de subtileza psicológica; os desafios poéticos de descrever em hexâmetros dactílicos a construção da jangada são superados com brilhantismo; e toda a viagem a solo de Odisseu entre Ogígia e Esquéria coloca-nos perante alguns dos melhores momentos (e dos melhores versos) de toda a poesia épica antiga. Não nos surpreende o entusiasmo com que Virgílio e Ovídio leram e recriaram situações deste canto, mas temos de reconhecer que, apesar do seu superior domínio técnico na arte de compor hexâmetros, nem Virgílio nem Ovídio conseguiram o autêntico milagre que o Canto 5 da *Od*. Veremos que os cantos seguintes, passados em Esquéria (talvez com um pequeno afrouxamento no Canto 7), continuam neste patamar poético elevadíssimo.

Canto 6

Ali ficou a dormir o sofredor e divino Odisseu,
vencido pelo sono e pelo cansaço. Mas Atena
foi à terra e à cidade dos homens Feaces, que antes
tinham habitado na espaçosa Hipereia,
perto dos Ciclopes, homens insolentíssimos,
que continuamente os pilhavam por serem mais fortes.
Foi de lá que os trouxe o divino Nausítoo e os estabeleceu
em Esquéria, longe dos homens que comem pão.
Em torno da cidade construíra um muro; edificara casas,
templos dos deuses e procedera à divisão das terras.
Mas agora, vencido pelo destino, estava já no Hades;
o rei era Alcínoo, cujos conselhos igualavam os dos deuses.

No palácio real entrou a deusa de olhos garços Atena,
para preparar o regresso do magnânimo Odisseu.
Entrou no tálamo de belos embutidos, onde dormia
uma donzela que na forma e na beleza igualava as deusas.
Era Nausícaa, filha do magnânimo Alcínoo, e com ela
dormiam duas escravas, tendo elas uma beleza vinda das Graças,
uma de cada lado das colunas. As portas luzentes estavam fechadas.

Como um sopro de vento foi a deusa até à cama da jovem;
postou-se junto à cabeceira, e dirigiu-lhe a palavra,
assemelhando-se à filha de Dimante, de naus famosas.
Era uma jovem da idade de Nausícaa, que lhe deleitava
o coração. Sob esta forma falou Atena de olhos garços:

«Nausícaa, como teve tua mãe uma filha tão distraída?
Tuas roupas resplandecentes estão para aí sem serem tratadas.
Porém está próximo o teu casamento: nesse dia não serás só tu
a precisar de estar bem vestida, mas também os que te acompanham.
É de coisas como estas que se espalha entre os homens
a boa fama, que vem dar alegria ao pai e à excelsa mãe.
Vamos pois lavar a roupa, assim que surgir a Aurora.
Irei contigo para te ajudar, para que trates rapidamente
da roupa: é que não permanecerás virgem por muito tempo.
Já nesta terra são teus pretendentes os mais nobres de todos
os Feaces (raça donde provém a tua própria linhagem).
Ao nascer da Aurora vai pedir a teu pai famigerado
que ponha à tua disposição um carro de mulas,
para levares as cintas, as vestes e as mantas de cor brilhante.
Para ti será melhor este transporte do que ires a pé,
pois os tanques ainda ficam a grande distância da cidade.»

Assim falando, partiu a deusa de olhos garços Atena,
em direção ao Olimpo, onde dizem ficar a morada eterna
dos deuses: não é abalada pelos ventos, nem molhada
pela chuva, nem sobre ela cai a neve. Mas o ar estende-se
límpido, sem nuvens; por cima paira uma luminosa brancura.

Aí se aprazem os deuses bem-aventurados, dia após dia.
Para lá subiu a deusa de olhos garços, depois de falar à donzela.

Logo sobreveio a Aurora de belo trono, que acordou
Nausícaa das linda vestes. O sonho que tivera admirava-a;
e foi pela casa para o contar aos pais: ao pai amado
e à mãe. Encontrou ambos lá dentro do palácio.
A mãe estava sentada à lareira na companhia das escravas,
fiando lã, purpúrea como o mar; quanto ao pai,
encontrou-o a sair para a assembleia, onde se reuniria
com reis gloriosos, para a qual o convocaram os altivos Feaces.
Acercando-se do querido pai, assim falou Nausícaa:
«Querido pai, não queres mandar aparelhar um carro
alto e de boas rodas, para que eu possa levar as lindas
roupas ao rio, as que agora estão para aí todas sujas?
Aliás a ti também fica bem, quando vais com os príncipes
deliberar na assembleia, vestires no corpo roupa lavada.
Além de que tens cinco filhos a viver no teu palácio:
dois já se casaram; mas três são rapazes na flor da idade,
que querem vestir sempre roupa lavada quando vão
dançar. Todas estas coisas importam ao meu espírito.»

Assim falou, pois envergonhava-se de mencionar, à frente
66*b* do pai amado, núpcias que ainda estavam a despontar.
Mas ele compreendeu tudo e respondeu-lhe deste modo:

«Não te proibirei as mulas, minha filha, nem outra coisa!
Vai. Para ti irão agora os escravos aparelhar um carro
alto e de boas rodas, equipado por cima com uma capota.»

Assim falando, chamou os escravos, que logo lhe obedeceram.
Montaram lá fora o carro de mulas de boas rodas;
depois trouxeram as mulas e atrelaram-nas ao carro.
Do tálamo trouxe a donzela as vestes resplandecentes
e colocou-as em cima do carro bem polido.
A mãe pôs num cesto toda a espécie de comida que alegra
o coração; pôs também iguarias, e vinho verteu num odre
de pele de cabra. A donzela subiu então para o carro.
Azeite suave deu-lhe ainda a mãe num frasco dourado,
para que com ele se esfregasse com as suas escravas.
Nausícaa pegou no chicote e nas rédeas brilhantes;
chicoteou para avançarem; ouviam-se os cascos das mulas
enquanto prosseguiam com rapidez. Levavam-na a ela e à roupa;
mas não ia sozinha: com ela iam também as escravas.

Quando chegaram à corrente lindíssima do rio —
lá onde estavam os tanques bem providos de água abundante,
que brotando por baixo lavava as roupas, por sujas que estivessem —,
aí todas elas desatrelaram as mulas do carro e levaram-nas
ao longo do rio cheio de redemoinhos para pastarem
a erva doce como mel. Do carro tiraram então as roupas
com suas próprias mãos e levaram-nas até à escura água.
Pisaram-nas nos compartimentos escavados, depressa
e à compita. Depois que lavaram e tiraram as nódoas
à roupa toda, estenderam-na em filas na praia, onde
a rebentação das ondas deixava limpos os seixos.
E depois de tomarem banho e de se ungirem com azeite,
comeram a sua refeição junto às margens do rio,

enquanto esperavam que as roupas secassem ao Sol.

Depois que Nausícaa e as escravas se deleitaram com a comida,
despiram os véus e começaram a brincar com uma bola.
Foi Nausícaa de alvos braços que deu início ao canto.
E tal como Ártemis, a Archeira, se desloca pelas montanhas,
pela cordilheira do Taígeto ou então pelo Erimanto,
comprazendo-se com a caça ao javali ou às corças velozes,
e com ela brincam as Ninfas, filhas de Zeus, Detentor da Égide,
habitantes do campo, e Leto se regozija no espírito;
pois por cima das outras levanta Ártemis a cabeça e a testa,
sendo facilmente reconhecível, embora todas sejam belas —
assim entre as suas escravas se destacava Nausícaa.

Mas no momento em que estava prestes a voltar para casa
e a atrelar de novo as mulas e a dobrar as belas roupas,
foi então que pensou outra coisa a deusa de olhos garços Atena,
para que Odisseu acordasse e visse a donzela de lindo rosto;
ela que o levaria depois para a cidadela dos Feaces.
A princesa atirou a bola na direção de uma das escravas;
mas nela não acertou: a bola foi parar ao fundo redemoinho.
Então gritaram todas; e assim acordou o divino Odisseu.
Sentou-se e assim refletiu no espírito e no coração:
«Ai de mim, a que terra de homens mortais chego de novo?
Serão eles homens violentos, selvagens e injustos?
Ou serão dados à hospitalidade e tementes aos deuses?
Ressoou aos meus ouvidos o grito feminino de donzelas.
Talvez de Ninfas, que habitam os escarpados píncaros
das montanhas, as nascentes dos rios ou as pradarias.

Será que estou perto de homens dotados de fala?
Mas coragem: eu próprio farei a experiência de ver.»

Assim falando, saiu dos arvoredos o divino Odisseu.
Com sua mão possante quebrou um ramo cheio de folhas,
para proteger junto à pele os membros genitais de homem.
Saiu como um leão criado na montanha, confiante na sua pujança,
cujos olhos fulminam apesar da chuva e do vento,
e que se mete entre vacas ou ovelhas
ou corças selvagens, pois assim o seu estômago lhe manda,
a ponto de chegar ao sólido redil e atacar os rebanhos —
assim se preparava Odisseu para irromper no meio das donzelas
de lindos cabelos, apesar de estar nu. Sobreviera a necessidade.

Mas aos olhos delas, horrível era o seu aspeto, empastado de sal;
e fugiram todas, cada uma para seu lado, ao longo das dunas.
Só a filha de Alcínoo permaneceu: pois em seu peito
pusera Atena a coragem; dos seus membros tirara o receio.
Estacou diante dele. E Odisseu refletiu se haveria de endereçar
súplicas à donzela de lindo rosto, agarrando-lhe os joelhos,
ou se deveria antes ficar onde estava e suplicar-lhe com doces
palavras, para que ela lhe desse roupas e indicasse a cidade.
Enquanto pensava foi isto que lhe pareceu mais proveitoso:
suplicar-lhe do sítio onde estava com doces palavras, com medo
de que ao agarrar-lhe os joelhos o coração da jovem se zangasse.
De imediato proferiu um discurso doce, mas proveitoso:

«Ajoelho-me perante ti, ó soberana. Serás deusa, ou mulher?

Se és uma das deusas, das que o vasto céu detêm,
é a Ártemis, à filha do grande Zeus, que mais de perto
te assemelho, pela beleza, pelas proporções e pela altura.
Mas se és uma mulher mortal, das que na terra habitam,
três vezes bem-aventurados são teu pai e tua excelsa mãe;
três vezes bem-aventurados teus irmãos! Será constante
a alegria que no seu coração eles sentem por tua causa,
quando veem um caule florido como tu a entrar na dança.
Por sua vez, é mais bem-aventurado de todos aquele homem,
que com os presentes nupciais te levar para sua casa.
Nunca com os olhos vi outra criatura mortal como tu,
homem ou mulher: é reverência que sinto quando olho para ti.
Outrora vi junto do altar de Apolo em Delos
o novo rebento de uma palmeira que se erguia no ar
(pois aí me dirigira, e comigo seguiam muitos outros,
num caminho em que desgraças seriam o meu destino):
igualmente ao ver a palmeira se me alegrou o coração,
porque nunca vira a sair da terra uma lança semelhante.
Assim me espanto e me admiro perante ti; mas receio
tocar-te os joelhos, pois é penoso o mal que me sobreveio.
Ontem, no vigésimo dia, consegui fugir ao mar cor de vinho.
Durante esse tempo as ondas e rajadas de vento me levaram
da ilha de Ogígia. Agora uma divindade me traz a esta costa,
porventura para que novo mal eu padeça; pois não penso
que cesse ainda. Antes disso cumprirão os deuses muitas coisas.
Mas tu, ó soberana, compadece-te: é a ti em primeiro lugar
que me dirijo após tantos sofrimentos. Não conheço ninguém
dos outros homens, que esta cidade e esta terra detêm.
Mostra-me a cidadela, dá-me um farrapo para vestir,

no caso de algum teres usado para atar as roupas ao aqui vires.
E que a ti os deuses concedam tudo o que teu coração deseja:
um marido e uma casa. Que a ambos deem igual modo de sentir,
essa coisa excelente! Pois nada há de melhor ou mais valioso
do que quando, sintonizados nos seus pensamentos, numa casa
habitam um homem e uma mulher. Inveja causam aos inimigos,
e alegrias a quem os estima. Acima de tudo, eles próprios
ouviram…»
[……. *lacuna* ……..]

A ele deu resposta Nausícaa de alvos braços:
«Estrangeiro, não pareces ser vil nem falho de entendimento.
É o próprio Zeus Olímpio que aos homens dá a ventura,
tanto aos bons como aos maus, a cada um, conforme entende.
A ti, ao que parece, deu este destino; forçoso é que o aceites.
Mas agora, visto que chegaste à nossa terra e à nossa cidade,
não terás falta de roupa, nem de qualquer outra das coisas dadas
a um desventurado suplicante que diante de nós compareça.
Mostrar-te-ei a cidadela e dir-te-ei o nome deste povo:
são os Feaces que detêm esta terra e esta cidade.
Eu sou a filha do magnânimo Alcínoo, no qual
estão investidos o poder e a força dos Feaces.»

Assim falou; em seguida dirigiu-se às escravas de belas tranças:
«Minhas escravas, não vos afasteis. Para onde fugis, por terdes visto
este homem? Não pensais certamente que se trata de um inimigo!
Homem mortal não há, nem haverá, a tal ponto ousado,

que chegue à terra dos Feaces com intenções hostis.
Pois pelos deuses imortais somos especialmente estimados.
Longe habitamos, remotos, no mar repleto de ondas;
não há outros povos que connosco tenham associação.
Mas este homem infeliz até aqui vagueou: dele deveremos tratar,
pois é de Zeus que vêm todos os estrangeiros e mendigos;
e qualquer dádiva, embora pequena, é bem-vinda.
Portanto ao estrangeiro, ó escravas, dai comida e bebida;
e banhai-o no rio, em local protegido do vento.»

Assim falou. Pararam e chamaram umas pelas outras.
Levaram Odisseu para um sítio abrigado, conforme ordenara
Nausícaa, filha do magnânimo Alcínoo.
Como roupa para vestir deram-lhe uma capa e uma túnica;
azeite suave lhe ofereceram ainda num frasco dourado.
Disseram-lhe para se banhar nas correntes do rio.
Mas às escravas disse então o divino Odisseu:

«Escravas, afastai-vos para além, para que seja eu próprio
a lavar o sal do meu corpo e a esfregar-me com azeite.
Na verdade, já há muito tempo que não sinto azeite na pele!
Mas na vossa presença não me lavarei. Envergonho-me
de estar nu no meio de raparigas de belas tranças.»

Assim falou. Elas afastaram-se e foram dizer à princesa.
Com água do rio lavou o sal do seu corpo o divino Odisseu;
o sal que lhe cobria os ombros largos e as costas; e da cabeça
enxaguou os salgados vestígios do mar nunca vindimado.
Depois de se ter lavado todo e ungido com azeite,

vestiu as roupas que lhe dera a donzela solteira.
mais alto de aspeto e mais forte. Da cabeça
fez crescer cabelos crespos, semelhantes à flor hiacintina.
Tal como derrama ouro sobre prata um artífice,
a quem Hefesto e Atena ensinaram toda a espécie
de técnicas, e assim faz uma obra graciosa — assim a deusa
derramou a graciosidade sobre a cabeça e os ombros de Odisseu.
De seguida ele foi sentar-se junto à orla do mar,
resplandecente de graça e beleza. Maravilhou-se a donzela,
e assim disse às suas escravas de belas tranças:

«Escutai, ó escravas de alvos braços, aquilo que vos direi.
Não é à revelia dos deuses, que o Olimpo detêm,
que este homem se imiscui agora entre os divinos Feaces.
Primeiro, com toda a franqueza, pareceu-me repulsivo;
mas agora parece um dos deuses, que o vasto céu detêm.
Quem me dera que um tal homem pudesse chamar-se
meu marido, aqui vivendo, e gostando de aqui ficar!
Mas ao estrangeiro, ó escravas, dai comida e bebida.»
Assim falou; elas ouviram e logo lhe obedeceram.
À frente de Odisseu colocaram comida e bebida.
Então bebeu e comeu o sofredor e divino Odisseu,
sofregamente: pois há muito que estava em jejum.

Foi então que pensou noutra coisa Nausícaa de alvos braços.
Dobrou a roupa e pô-la no carro excelente.
Atrelou as mulas de fortes cascos e subiu para o carro.
Acenou a Odisseu e assim lhe falou pelo nome:

«Põe-te agora a caminho, ó estrangeiro, em direção à cidade,
para que te indique a casa de meu pai fogoso, onde te prometi
vires a conhecer quantos são nobres entre todos os Feaces.
Mas faz assim como digo: não me pareces falho de entendimento.
Enquanto nós atravessamos os campos e lavouras dos homens,
segue rapidamente com as escravas atrás das mulas e do carro.
Serei eu a indicar o caminho.
Mas quando chegarmos à cidade, em redor da qual se eleva
uma alta muralha, há um belo porto de ambos os lados,
com estreita passagem no meio, onde se veem naus recurvas:
do povo cada um ali tem lugar para fundear a sua nau.
Verás a ágora no local onde está o belo templo de Posídon;
a ágora é feita de blocos de pedra ajustados uns aos outros.
É aí que eles se ocupam com o equipamento das escuras naus,
com cabos e velas; é aí que com a plaina alisam os remos.
Pois aos Feaces não interessam os arcos e as flechas,
mas sim velas, remos de embarcações e naus recurvas,
com que se regozijam quando atravessam o mar cinzento.
Destes homens quero evitar os comentários maldosos,
não vá algum caluniar-me. Há uns presunçosos entre o povo;
desses, um mais grosseiro poderia bem dizer:

“Quem é aquele que Nausícaa traz com ela, um estrangeiro
tão alto e bem-parecido? Onde o terá ela encontrado?
Será ele o esposo dela. Deverá ser alguém que naufragou,
um estrangeiro de muito longe, já que nós não temos vizinhos.
Ou será antes um deus que tenha descido do céu, em resposta
às suas preces? Ela tê-lo-á como marido todos os seus dias!

Melhor assim, que tenha ido buscar o noivo a outro sítio,
pois já se percebeu que ela liga pouco aos Feaces cá da terra,
embora aqui não lhe faltem muitos e belos pretendentes."

Assim falarão; e isso constituiria para mim uma censura.
Pois também eu criticaria uma donzela que assim procedesse;
que sendo ainda vivos tanto o pai como a mãe andasse
metida com homens estranhos, antes do dia do casamento.
Estrangeiro, ouve bem as minhas palavras, para que depressa
obtenhas de junto de meu pai o transporte para o teu regresso.
Encontrarás o belo bosque de Atena perto do caminho:
um bosque de choupos. Aí verás uma nascente e um prado.
Neste local fica a propriedade e a vinha viçosa de meu pai,
que da cidade fica à distância de um grito.
Senta-te aí e espera algum tempo, até que nós cheguemos
à cidade e entremos no palácio de meu pai.
Quando julgares que chegámos e entrámos já em casa,
dirige-te à cidade dos Feaces e lá pergunta pela casa
de meu pai, o magnânimo Alcínoo.
É facilmente reconhecível: até uma criança te poderia
lá levar, porque não são construídas de forma parecida
as casas dos Feaces como o palácio de Alcínoo,
herói. Quando te cercarem os edifícios e o pátio,
vai depressa para a grande sala, onde encontrarás
a minha mãe: ela senta-se à lareira, à luz do fogo,
e fia lã, purpúrea como o mar, maravilha de se ver!,
reclinada contra uma coluna. As escravas sentam-se à sua volta.
Aí, contra a mesma coluna, está o trono de meu pai,
onde se senta como um imortal a beber o seu vinho.

Passa apenas por ele; atira-te antes aos joelhos de minha mãe,
para os abraçares, para que vejas o dia do teu regresso,
depressa regozijando-te, apesar de teres vindo de tão longe.
Se ela te acolher com gentileza no seu coração,
há esperança de que revejas a família e regresses
à tua casa bem construída e à tua terra pátria.»

Assim falando, incitou as mulas com o luzente chicote;
e elas rapidamente se afastaram das correntes do rio.
Correram bem, os seus cascos bem coordenados.
Nausícaa conduziu o carro de tal forma que quem ia a pé, as escravas
e Odisseu, a podia acompanhar. Usou o chicote com prudência.

O Sol pôs-se e chegaram ao bosque famoso,
consagrado a Atena, onde se sentou o divino Odisseu.
Logo dirigiu uma prece à filha do grande Zeus:
«Escuta, ó Atritona, filha de Zeus, Detentor da Égide!
Ouve-me agora, visto que antes não me ouviste
quando naufragava, quando o famoso Sacudidor da Terra
me oprimia. Faz que os Feaces se compadeçam de mim.»

Assim rezou. E ouviu-o a deusa, Palas Atena.
Mas não surgiu diante dele, cara a cara, por respeito
para com o irmão do pai, que furiosamente se encolerizava
contra o divino Odisseu, até que ele chegasse a sua casa.

Notas ao Canto 6

3 «Feaces»: segundo o poeta lésbico Alceu (fr. 44 Voigt), os Feaces tinham nascido das gotas de sangue caídas na terra quando Úrano foi castrado por Crono, que, para tal, usou uma foice. Isto ligar-se-á ao nome antiquíssimo da ilha que hoje conhecemos como Corfu, que seria *Drepanê* («foice»; cf. Apolónio de Rodes, *Argonáutica* 4.984-992), ilha essa cujo nome clássico era Córcira e que alguns autores na Antiguidade apontavam como sendo a Esquéria da *Od*. (é o caso do historiógrafo Tucídides, por exemplo: 1.25.4). O grande problema de tentarmos ver Corfu como modelo de Esquéria é que Corfu não estabelece, em relação ao mundo grego (muito menos em relação à tão próxima Ítaca), a relação de extremíssima e impensável distância que está implícita na narrativa homérica. No fundo, a Esquéria dos Feaces, terra de navios mágicos e de árvores que dão continuamente fruto todo o ano, é uma realidade imaginária; não corresponde a nenhum sítio real (isto já na Antiguidade foi defendido por Eratóstenes). O que não tem impedido autores antigos e modernos de tentarem descobrir «a verdadeira Esquéria de Homero» em lugares tão improváveis como Ischia, Cádis, Atlântida (!) e até no arquipélago das Canárias (cf. Dawe, p. 251). Ver A. Shewan, «The Scheria of the Odyssey», *Classical Quarterly* 13 (1919), pp. 4-11. Remeto também para o meu artigo «Utopia e distopia no imaginário homérico», in M.F. Silva (org.), *Utopias e Distopias*, Coimbra, 2009, pp. 21-25.

4 «Hipereia»: a palavra grega sugere a ideia de «para lá de»; ou então, como sugere Hainsworth, «a terra para lá do horizonte» (Oxf.i, p. 293).

7 «Nausítoo»: como veremos mais à frente, muitos Feaces têm nomes relacionados com realidades náuticas. Neste caso, «Nausítoo» reúne as palavras «nau» e «célere».

9 «Em torno da cidade construíra um muro; edificara casas»: o poeta está a descrever a fundação típica de uma colónia grega nos séculos VIII-VII a.C.

10 «templos dos deuses»: um anacronismo, que reflete a realidade do poeta na época arcaica, e não a realidade que faz parte do período micénico (quando ainda não existiam templos monumentais: como vemos habitualmente na poesia homérica, o culto aos deuses é prestado em altares ao ar livre, como foi o caso no Canto 3 da *Od*.). O mesmo podemos dizer do templo de Atena referido no Canto 6 da *Il*. (ver Cmb.ii, p. 166; e J.N. Coldstream, *Geometric Greece*, Londres, 2003, 2.ª ed., pp. 300-310).

12 «Alcínoo»: o nome contém os elementos «força» e «mente».

17 «Nausícaa»: o nome, com os seus dois «a» finais, é estranho e deve ser a adaptação de um nome que estava excluído do hexâmetro dactílico por conter um crético (— U —), como por exemplo «Nausicaia» ou «Nausicasta». Seja como for, o nome está relacionado com a palavra «nau».

19 «As portas luzentes estavam fechadas»: a forma verbal traduzida por «estavam fechadas» chama a atenção pela sua morfologia ática (*epékeinto*); paralelamente, não é certo se a devemos traduzir por «estavam fechadas» ou «estavam montadas» (Dawe, p. 251, opta pela segunda alternativa).

27 «está próximo o teu casamento»: a frase da deusa não se coaduna bem com a informação, que obteremos em 34, de que Nausícaa tem pretendentes mas não tem noivo.

31 «Vamos pois lavar a roupa»: nas palavras de Hainsworth, «não conseguimos imaginar as senhoras dos enormes palácios da realeza micénica a lavar a sua própria roupa, a buscar água ou a tecer os seus próprios panos. No entanto, a *Od*. parte do princípio de que as mulheres dos seus aristocratas fazem todas estas coisas, tal é a distância a que se encontra o luxo da época micénica» (Oxf.i, pp. 295-296).

32 «Irei contigo para te ajudar»: não vemos depois nada que confirme estas palavras.

41-46 Esta descrição do Olimpo livre de neve parece ter por base a ideia de que não é o Olimpo que está a ser descrito, se por esse termo entendermos a montanha real, cheia de neve (e assim referida na poesia homérica), na Tessália. Os versos parecem cair aqui a despropósito, tanto mais que vermos Atena a retirar-se com tanta pompa e circunstância para o Olimpo parece-nos uma descrição deslocada, atendendo a que ela vai entrar novamente em ação em 112 e 139-140. Previsivelmente, alguns estudiosos, já desde o século XIX, tomaram a posição de que estes versos são espúrios. Esse ponto de vista é refutado por R. Stieker, «Die Beschreibung des Olympos», *Hermes* 97 (1969), pp. 136-161.

50 «foi pela casa para o contar aos pais»: estas palavras sugerem-nos que Nausícaa vai contar aos pais o sonho que teve (mas não é isso que acontece).

52-53 «A mãe estava sentada à lareira […] / fiando lã»: o Sol mal nasceu e a rainha já está sentada a trabalhar com as suas escravas. Espantosamente, ao cair da noite, ainda não terá parado de trabalhar (305). Ver 31*.

55 «reis»: não no sentido de «monarcas», mas no sentido de anciãos ilustres: os *gérontes* referidos em 7.189. São 12 ao todo (8.390).

57 «Querido pai»: à letra, «querido papá» (*páppa phíle*).

60 «com os príncipes»: à letra, «com os primeiros».

65 «Todas estas coisas importam ao meu espírito»: curiosamente, esta é a única ocorrência na poesia homérica da palavra *phrên* (aqui traduzida por «espírito») no dativo do singular (*phrenî*).

72-84 A preparação do carro e a partida de Nausícaa têm provavelmente como modelo a partida de Príamo em *Il*.24.265-280.

74 «vestes resplandecentes»: apesar de sujas (!).

100 «bola»: à letra, «esfera», (*sphaírê*).

101 «deu início ao canto»: pelos vistos, a atividade desportiva a que Nausícaa e as escravas se dedicam agora tem uma componente musical.

103 «Taígeto […] Erimanto»: «Taígeto» refere-se às montanhas, desconhecidas do poeta da Telemaquia, que impossibilitavam a viagem entre Pilos e Esparta num carro de cavalos. «Erimanto» também se situa no Peloponeso. Tanto «Taígeto» como «Erimanto» só ocorrem aqui em toda a poesia homérica.

106 «Leto»: mãe de Ártemis e de Apolo, que dera os gémeos à luz na ilha de Delos (mencionada mais adiante).

109 «assim entre as suas escravas se destacava Nausícaa»: o intuito da comparação com Ártemis é o de frisar a altura de Nausícaa. As escravas são baixinhas e, presumivelmente, morenas (queimadas pelo Sol), ao passo que a princesa é *leukôlenos* («de alvos braços» [101]). Todavia, devido à inconsequência das palavras de encher na poesia homérica, em 239 também as escravas serão, por conveniência métrica, «de alvos braços».

113 «donzela de lindo rosto»: o adjetivo *euôpis* («de lindo rosto») ocorre apenas aqui e em 142. De resto, está ausente da poesia homérica.

129 «para proteger junto à pele os membros genitais de homem»: este verso tem causado dificuldade aos comentadores e, em 1887, um estudioso alemão chamado F. Marx achou de tal forma ofensiva esta referência (apesar do circunlóquio) a membros genitais masculinos que argumentou a favor da inautenticidade do verso («Über die Nausikaaepisode», *Rheinisches Museum* 42 [1887], pp. 251-261). No entanto, a principal questão que se coloca não é se pode existir uma referência explícita aos membros genitais em Homero (ver *Od.*18.67 e 22.476; mais impressionante, já agora, é *Il*.22.75, com a imagem horripilante de cães a comerem os membros genitais de um velho morto), mas a atitude dos homens homéricos face ao avistamento da sua nudez por parte de pessoas do sexo oposto. Em 3.464, Telémaco não tem vergonha de ser banhado por Policaste; o mesmo se aplica se pensarmos (só no universo da *Od*.) nas seguintes passagens em que mulheres dão banho a homens sem que eles se sintam envergonhados: 4.252 (Helena), 5.264 (Calipso), 8.454 (escravas), 10.361 (Circe), 19.358 (Euricleia), 23.154 (Eurínome). No entanto, quando mais à frente (210) Nausícaa ordena às escravas que deem banho a Odisseu, ele exprime a sua vergonha de que elas o vejam nu.

130 «Saiu como um leão criado na montanha»: a comparação entre Odisseu e um leão tem sido objeto de controvérsia pela sua suposta inadequação ao contexto (cf. Dawe, p. 260), mas, na verdade, o símile faz sentido se pensarmos que a imagem do leão aponta para a forma como ele é percecionado pelas mulheres.

149 «soberana»: a palavra *ánassa* é rara na poesia homérica (além do presente verso e de 175, ocorre somente em *Od*.3.380 e *Il*.14.326). Todo este discurso de Odisseu é, quanto ao conteúdo, um portento de construção retórica. Com incomparável subtileza, Odisseu consegue nestes 35 versos arrogar-se um estatuto aristocrático (164), projetar uma imagem de pia religiosidade (170), insinuar capacidades de excecional astúcia (178) e patentear desarmante clarividência (180).

162-163 «Outrora vi junto do altar de Apolo em Delos / o novo rebento de uma palmeira que se erguia no ar»: trata-se da única menção na poesia homérica da ilha de Delos e da única menção de

uma palmeira. Remeto para o meu artigo «A palmeira de Delos: Nausícaa na Odisseia», in C. Mendes de Sousa e R. Patrício (orgs.), *Largo Mundo Alumiado*, Braga, 2004, Vol. I, pp. 387-398.

167 «lança»: a palavra *dóru* («lança») ocorre muitas vezes na poesia homérica, mas só aqui tem por referência o tronco de uma árvore.

185 A lacuna postulada a seguir a este verso foi proposta pela primeira vez em 1932 pela estudiosa neerlandesa Sophie Ramondt (segundo informação de Dawe, p. 276, n. 15). Na verdade, falta explicitar o que foi que marido e mulher «ouviram» (*ékluon*). O final do discurso, tal como nos foi transmitido – isto é, sem postularmos a lacuna –, é simplesmente «intraduzível» (Oxf.i. p. 305).

205 «não há outros povos que connosco tenham associação»: afirmação refutada por 7.33; 8.31-33, 566; e pelo facto de, afinal, alguém ter aportado a esta terra: Odisseu.

207 «é de Zeus que vêm todos os estrangeiros e mendigos»: frase (repetida em 14.57, na boca do porqueiro) que nos chama a atenção pelo seu sentimento antecipatório da mensagem de Jesus Cristo e, mais especificamente, do vocabulário colocado pelo evangelista Mateus na boca de Jesus. Com efeito, é somente em Mateus que Jesus emprega a palavra *xénos* («estrangeiro»), já que a palavra está ausente dos textos dos outros evangelistas: «Eu era estrangeiro [*xénos*] e acolhestes-me» (Mateus 25:35; cf. 25:43) . No caso da outra palavra aqui usada por Nausícaa (*ptôkhós*, «mendigo»), todos os evangelistas a colocam na boca de Jesus. O seu uso mais memorável é feito no Sermão da Montanha: «Bem-aventurados os mendigos pelo espírito» (Mateus 5:3).

221-222 «Envergonho-me / de estar nu no meio de raparigas»: ver 129*. Refira-se que esta vergonha, por parte de Odisseu, evaporar-se-á em 8.454, quando ele deixa que (presumivelmente) as mesmas escravas lhe deem banho sem o mínimo problema.

226 «mar nunca vindimado»: ver 1.72*.

230-231 «Da cabeça / fez crescer cabelos crespos, semelhantes à flor hiacintina»: um dos grandes enigmas da *Od*. é o seguinte: de que cor é o cabelo de Odisseu? Nesta passagem, com a referência à cor hiacintina, não há dúvida de que ele tem cabelo escuro (cf. A.F. Garvie, *Homer, Odyssey, Books VI-VIII*, Cambridge, 1994, p. 139). O mesmo vale para 16.175-176*. No entanto, em 13.399 e 13.431 é-nos dito que Odisseu tem cabelo loiro. Sobre os «cabelos crespos», ver 19.246*.

242 «pareceu-me»: a forma verbal grega traduzida por «pareceu» (*déat'*) é uma das mais interessantes curiosidades linguísticas da poesia homérica. Trata-se de uma palavra antiga, conhecida a partir de algumas inscrições provenientes do Peloponeso Central, que de resto está ausente da literatura grega. Ver C.M. Bowra, «Homeric Words in Arcadian Inscriptions», *Classical Quarterly* 20 (1926), pp. 168-176.

244-245 «Quem me dera que um tal homem pudesse chamar-se / meu marido»: já na Antiguidade, estas palavras foram consideradas «impróprias» (*aprepeîs*) e «desavergonhadas» (à letra, «impunes» [*akólastoi*], no sentido de ser carente de castigo quem as proferiu), como se lê nos escólios. Aristarco considerou os dois versos inautênticos.

254 «assim lhe falou pelo nome»: a fórmula (ver 3.374*) é, neste caso, especialmente absurda, já que o nome de Odisseu só vai ser conhecido entre as gentes de Esquéria no Canto 9. Até lá, ele permanece um estrangeiro anónimo.

256 «fogoso»: ver 1.48*.

266 «Verás a ágora no local onde está o belo templo de Posídon»: a tipologia de cidade descrita por Nausícaa corresponde, arqueologicamente, ao final do século VIII a.C. Podia perfeitamente corresponder à descrição de uma cidade grega na Ásia Menor (atual Turquia) como Mileto, por exemplo (cf. Oxf.i, p. 310).

273 «Destes homens quero evitar os comentários maldosos»: nas palavras de E. Marzullo, *Il problema omerico*, Milão, 1970, p. 393, «Nausicaa, malgrado tutto, è una ragazza borghese».

274-275 «Há uns presunçosos entre o povo; / desses, um mais grosseiro poderia bem dizer»: a frase de Nausícaa instaura uma certa confusão em termos da categorização social destes homens cujos mexericos ela receia. O adjetivo «presunçosos» (*huperphíaloi*) é usado pelo poeta para designar os aristocráticos pretendentes de Penélope; «um mais grosseiro» (*tis kakôteros*) implica, pelo contrário, pertença a uma classe social baixa, já que, na mundividência grega arcaica, os *kakoí* (à letra, «maus», «vis») são por definição o oposto social dos *agathoí* («bons», «homens de bem»). Para lá da questão apontada, sublinhe-se que a flexibilidade e a vividez da linguagem épica são de tal modo surpreendentes nas mãos do poeta da *Od*. que até estes vizinhos maledicentes de Nausícaa em Esquéria se nos tornam reais diante dos olhos através deste «médium originalmente concebido para celebrar os atos nobres de heróis» (Dawe, p. 270).

281 «Ela tê-lo-á»: a frase presta-se igualmente a ser traduzida como «ele tê-la-á».

289 «depressa»: trata-se de uma conjetura de Aristarco, aceite na ed. de Estugarda. Todos os manuscritos existentes da *Od*. têm «assim» (*hôd'*, em vez da proposta de Aristarco, *ôk'*).

293 «propriedade»: em grego, *témenos* («recinto»). A palavra é muitas vezes associada ao verbo *témnô* («cortar»), o que faz sentido se pensarmos na aceção em que o termo é usado mais tarde, designando o recinto demarcado («cortado») para um deus (ou como terreno sagrado para a construção do templo do deus). Na poesia homérica, no entanto, o *témenos* designa o terreno de um nobre, não de um deus. A palavra já vem desde o Linear B e, de forma muito sugestiva, foi proposto por M.C. Astour (*Hellenosemitica*, Leiden, 1965, p. 338) que a sua origem é suméria, visto que *TEMEN* significa «templo» em sumério (cf. *temmenu*, em acádio). Para estas e mais informações, ver Oxf.i, p. 312.

302 «palácio»: em grego, *dómos*. Em 303, surge no plural, *dómoi* («edifícios», isto é, todo o conjunto de construções que forma o palácio). O termo tem costas largas, por assim dizer, pois também se aplica ao curral dos porcos em 14.5.

303 «herói»: os manuscritos da *Od*. transmitem esta extraordinária excentricidade gramatical: «Alcínoo» (genitivo) e «herói» (nominativo) não concordam. Já se tentou explicar a anomalia através da suposição de que se trata de um vocativo dirigido a Odisseu («ó herói!»). Já se tentou o expediente de dizer que o aparente nominativo é uma forma rara de genitivo – tão rara que não ocorre nunca em toda a literatura grega. Já se tentou também corrigir a transmissão manuscrita, propondo, em vez de *hêrôs*, a forma de genitivo *hêrôos* (mas contando a segunda sílaba da palavra, que é longa, como breve – o que vai contra o único exemplo que temos na poesia homérica de *hêrôs* no genitivo, que é *Od*.22.185, onde o genitivo é escandido sem abreviação da segunda sílaba longa). A explicação mais

plausível, a meu ver, é que se perdeu um verso entre 302 e 303. Nesse perdido 302*b*, talvez se explicitasse o nome de quem construiu ou arquitetou o palácio de Alcínoo, sendo *hêrôs* em 303 um aposto do seu nome. Esta explicação foi em tempos sugerida ao Dr. Roger Dawe, em conversa particular, pelo Prof. Michael Reeve.

304 «grande sala»: em grego, *mégaron* (ver 1.27*).

324 «Ó Atritona»: ver 4.762*». Esta invocação de Atena tem causado estranheza aos estudiosos, e vários helenistas partiram do princípio de que os versos finais deste canto não foram compostos pelo poeta da *Od*., mas correspondem a um acrescento rapsódico mais tardio (Oxf.i, p. 315). Foi observado, em 1904, por O. Jörgensen que, tanto em Ogígia como em Esquéria, Odisseu nunca menciona Atena – a não ser nos presentes versos (cf. «Das Auftreten der Götter in den Büchern I-M der Odyssee», *Hermes* 39 [1904], pp. 357-382, especialmente p. 380).

__ «Detentor da Égide»: ver 3.42*.

Canto 7

Deste modo, naquele sítio, rezou o sofredor e divino Odisseu.
Entretanto a força das mulas trouxera a princesa à cidade.
Quando chegou ao glorioso palácio de seu pai,
fez parar as mulas no pátio; e ao seu redor vieram ter
os irmãos de aspeto divino, que do carro desatrelaram
as mulas e depois levaram as roupas para dentro.
A própria foi para o tálamo; aí acendeu o fogo
a velha de Apire, aia do tálamo, Eurimedusa.
Outrora fora trazida de Apire por naus recurvas;
escolheram-na como presente para Alcínoo, porque
todos os Feaces ele regia; e o povo o ouvia como a um deus.
Fora ela que amamentara no palácio Nausícaa de alvos braços.
E foi ela que acendeu o fogo e lhe preparou o jantar.

Então Odisseu pôs-se a caminho da cidade. Sobre ele Atena
derramara um denso nevoeiro, para assim o ajudar,
não fosse algum dos magnânimos Feaces encontrá-lo
no caminho e interrogá-lo, desafiando-o a dizer quem era.
Mas quando estava prestes a entrar na cidade aprazível,
apareceu-lhe no caminho a deusa de olhos garços Atena,
sob a forma de uma virgem que segurava um cântaro.
Postou-se junto dele. Dirigiu-lhe esta pergunta o divino Odisseu:

«Filha, poderias indicar-me o caminho para o palácio
de Alcínoo, que dos homens desta terra é o rei?
É que chego aqui como um estrangeiro que muito sofreu,
vindo de terra longínqua. Aqui não conheço nenhum
dos homens que esta cidade e esta terra detêm.»

A ele respondeu a deusa de olhos garços Atena:
«Nesse caso eu te indicarei, ó pai estrangeiro, como pedes,
a casa, visto que Alcínoo é vizinho de meu pai irrepreensível.
Mas caminha em silêncio; eu mostrar-te-ei o caminho.
Não olhes para nenhum homem nem faças perguntas.
Esta população não é muito amiga de estrangeiros,
nem é seu costume dar as boas-vindas a quem chega de longe.
É um povo que confia apenas nas suas rápidas naus velozes,
nas quais atravessa o abismo do mar, por graça do Sacudidor da Terra.
Pois suas naus são rápidas como uma flecha ou um pensamento.»

Assim falando, indicou o caminho Palas Atena,
rapidamente; e ele seguiu no encalço da deusa.
Não o reconheceram os Feaces célebres pelas suas naus,
enquanto caminhava através da cidade; não o permitiu
Atena de belas tranças, terrível deusa, ela que sobre ele
derramara um nevoeiro sobrenatural, bem-intencionada.
Maravilhou-se Odisseu com os portos e as naus recurvas;
com as ágoras dos próprios heróis e com as grandes
e altas muralhas, providas de paliçadas, maravilha de se ver!
Mas quando chegaram ao palácio resplandecente do rei,

tais palavras disse a deusa de olhos garços Atena:

«Aqui, ó pai estrangeiro, está a casa que me mandaste
apontar-te. Encontrarás reis criados por Zeus lá dentro
a banquetear-se. Entra; e que nada receie o teu coração.
Pois um homem corajoso sai-se melhor em todas as coisas,
mesmo quando a uma terra chega como estrangeiro.
A primeira pessoa que encontrares na sala será a rainha:
seu nome é Arete, e provém dos mesmos
progenitores que geraram o rei Alcínoo.
Posídon, Sacudidor da Terra, gerou primeiro Nausítoo,
que nasceu de Peribeia de excecional beleza entre as mulheres,
filha mais nova do magnânimo Eurimedonte,
que outrora foi rei dos orgulhosos Gigantes.
Mas ele trouxe a desgraça ao seu povo. Também ele morreu.
A Peribeia se uniu Posídon e gerou um filho,
o magnânimo Nausítoo, que foi rei dos Feaces.
E Nausítoo gerou Rexenor e Alcínoo.
Mas a Rexenor, ainda sem filho varão, matou Apolo do arco
de prata no palácio; casara-se recentemente, e deixou uma filha,
Arete. Foi ela que Alcínoo escolheu como esposa;
e honrou-a, como poucas mulheres na terra são honradas,
todas as que em suas casas estão sob alçada dos maridos.
Aquela foi honrada além do que estava destinado e é
pelos queridos filhos, pelo próprio Alcínoo e pelo povo:
eles contemplam a rainha como se fosse uma deusa,
e como tal a cumprimentam quando atravessa a cidade.
Pois a ela não falta valoroso entendimento;
e para aqueles em relação aos quais ela tem boa vontade,

até mesmo para homens ela dirime contendas.
Se ela te estimar com gentileza no seu coração,
há esperança de que revejas a família e regresses
à tua casa bem construída e à tua terra pátria.»

Assim dizendo, partiu a deusa de olhos garços Atena,
pelo mar nunca vindimado; deixou a amável Esquéria
e chegou a Maratona e a Atenas de ruas largas,
entrando na casa robusta de Erecteu. Mas Odisseu
aproximou-se do palácio glorioso de Alcínoo. Aí, de pé, muito
se lhe revolveu o coração, antes de transpor o limiar de bronze:
pois reluzia o brilho do Sol e reluzia o brilho da Lua
no alto palácio do magnânimo Alcínoo.

De bronze eram as paredes que se estendiam daqui para ali,
até ao sítio mais afastado da soleira; e a cornija era de cor azul.
De ouro eram as portas que se fechavam na casa robusta,
e colunas de prata estavam no limiar de bronze.

Prateada era a ombreira e de ouro era a maçaneta da porta.
De cada lado estavam cães feitos de ouro e de prata,
que fabricara Hefesto com excecional perícia
para guardarem o palácio do magnânimo Alcínoo:
eram imortais e todos os seus dias eram isentos de velhice.
Lá dentro, aqui e acolá, estavam tronos encostados contra a parede,
desde a soleira até ao aposento mais escondido; e sobre eles
estavam mantas delicadas, bem tecidas: trabalhos de mulher.
Aí os príncipes dos Feaces tinham por hábito sentar-se

a beber e a comer, pois tinham de tudo em abundância.
Rapazes dourados estavam de pé junto aos bem construídos
altares, segurando nas mãos tochas ardentes, assim
iluminando as noites para os convivas sentados no banquete.

E cinquenta escravas ele tem dentro do palácio:
delas há umas que moem o fruto dos cereais nos moinhos;
outras fabricam tecidos aos teares e sentam-se a fiar lã,
girando as rocas, que se agitam como folhas de um alto choupo.
E dos fios de linho escorre o líquido azeite.

Tal como os Feaces são os mais sabedores de todos os homens
sobre como navegar uma nau veloz sobre o mar, assim as mulheres
têm a perícia dos teares; pois a elas em especial deu Atena
o conhecimento de gloriosos trabalhos e boa sensatez.

Fora do pátio, junto às portas, há um grande pomar
de quatro jeiras, com uma sebe de cada um dos lados.
Nele crescem altas árvores, muito viçosas,
pereiras, romãzeiras e macieiras de frutos brilhantes;
figueiras que dão figos doces e viçosas oliveiras.
Destas árvores não murcha o fruto, nem deixa de crescer
no inverno nem no verão, mas dura todo o ano. Sempre
o Zéfiro soprando faz crescer uns, amadurecendo outros.
A pera amadurece sobre outra pera; a maçã sobre outra maçã;
cacho de uvas sobre outro cacho; figo sobre figo.

Aí está também enraizada a vinha com muitas videiras:

parte dela é em local plano de temperatura amena,
seco pelo Sol; na outra, homens apanham uvas.
Outras uvas são pisadas. À frente estão uvas verdes
que deixam cair a sua flor; outras se tornam escuras.

Junto à última fila da vinha crescem canteiros de flores
de toda a espécie, em maravilhosa abundância.
Há duas nascentes de água: uma espalha-se por todo
o jardim; do outro lado, a outra flui sob o limiar do pátio
em direção ao alto palácio: dela os cidadãos tiravam água.
Tais eram os belos dons dos deuses em casa de Alcínoo.

Ali, de pé, se maravilhou o sofredor e divino Odisseu.
Mas depois de com tudo se ter admirado no coração,
transpôs rapidamente a soleira e entrou no palácio.
Encontrou os príncipes e conselheiros dos Feaces
a verter libações das taças em honra do vigilante Argeifonte,
que vê ao longe: para ele vertiam libações em último
lugar, quando lhes parecia ser já altura de dormir.
Atravessou a grande sala o sofredor e divino Odisseu,
envolto na névoa que sobre ele derramara Atena,
para chegar junto de Arete e do rei Alcínoo.
Em torno dos joelhos da rainha lançou Odisseu os braços:
nesse preciso momento se evaporou a névoa sobrenatural.
Todos ficaram em silêncio, ao verem um homem estranho,
e maravilhavam-se ao olhá-lo. Odisseu fez então a sua prece:

«Arete, filha de Rexenor semelhante aos deuses!
Chego junto de ti e do teu esposo como suplicante, tendo muito

sofrido, e junto também destes convivas, a quem queiram
os deuses conceder a ventura enquanto viverem, e que cada um
deixe para os seus filhos uma grande fortuna em sua casa.
Mas a mim dai-me transporte, para que chegue depressa à pátria,
pois já há muito tempo que sofro desgraças longe da minha família.»

Assim falou; e foi sentar-se na lareira, no meio das cinzas,
junto ao fogo. E todos permaneceram em silêncio.
Finalmente falou entre eles o velho herói Equeneu,
um dos anciãos do povo dos Feaces; era hábil nas palavras,
pois muitas e antigas eram as coisas que ele sabia.
Com boa intenção assim se dirigiu aos outros:

«Alcínoo, não é esta a melhor maneira (nem fica bem)
de se receber um estrangeiro, assim no chão, no meio das cinzas.
Os outros estão aqui à espera de ouvir a tua palavra.
Levanta dali o estrangeiro e senta-o num trono embutido
de prata, e ordena aos arautos que misturem o vinho,
para que a Zeus que lança o trovão ofereçamos libações:
pois é ele que segue no encalço dos venerandos suplicantes.
E que a governanta lhe dê uma ceia do que houver lá dentro.»

Quando o ouviu a força sagrada de Alcínoo,
pegou na mão do fogoso Odisseu de matizado pensamento:
levantou-o da lareira e sentou-o num trono luzente,
do qual se levantara seu filho, o viril Laodamante;
era ele, muito amado, que se sentava junto do pai.
Uma escrava trouxe água para as mãos num jarro,

belo e dourado, e verteu-a por cima de uma taça prateada,
para ele se lavar; e perto colocou uma mesa polida.
Uma venerável governanta veio trazer-lhe o pão,
dispondo iguarias abundantes, favorecendo<-o> com o que havia.
Então bebeu e comeu o sofredor e divino Odisseu.
Depois falou ao arauto a força sagrada de Alcínoo:
«Pontónoo, mistura o vinho na taça e serve-o a todos aqui
na sala, para que vertamos libações a Zeus que lança o trovão
e que segue no encalço dos venerandos suplicantes.»

Assim falou; e Pontónoo misturou o vinho doce como mel
e serviu-o a todos em taças, tendo vertido primeiro uma libação.
Depois de terem invocado os deuses e bebido quanto desejava
seu coração, a eles se dirigiu Alcínoo, assim dizendo:

«Ouvi, ó príncipes e conselheiros dos Feaces,
o que o coração no peito me move a vos dizer.
Agora que vos banqueteastes, voltai a vossas casas para repousar.
Ao surgir da Aurora convocaremos maior número de anciãos,
para recebermos o estrangeiro aqui no palácio e sacrificarmos
aos deuses belas vítimas; depois pensaremos no seu transporte,
para que o estrangeiro sem sofrimento e sem dor chegue
acompanhado por nós à sua terra pátria rapidamente,
regozijando-se, apesar de aqui ter chegado de tão longe.
E não deverá ele padecer entretanto qualquer sofrimento,
até que regresse à sua terra; mas depois disso terá
de aguentar tudo o que o destino e as terríveis Fiadoras

lhe fiaram à nascença, quando o deu à luz sua mãe.
Porém se ele for um dos imortais, descido do céu,
outra coisa doravante estarão os deuses a planear:
é que antes sempre se nos revelaram de forma clara,
quando oferecíamos as gloriosas hecatombes; e eles,
connosco sentados, connosco participavam no banquete.
E se alguém de nós, caminhando só pela estada, encontrar
um dos deuses, eles não se ocultam, visto que são parentes
nossos, como são os Ciclopes e os selvagens Gigantes.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Alcínoo, pensa antes noutra coisa! Pois não tenho
semelhança com os imortais, que o vasto céu detêm,
quer pelo corpo quer pela natureza, mas sim com os mortais.
Quem conhecerdes entre os homens com maior fardo
de desgraças, a esse me assemelho nos meus sofrimentos.
E longamente eu vos poderia contar todos os males,
todos os que por vontade divina eu tive de aguentar.
No entanto deixai-me jantar, apesar da minha tristeza.
Pois nada existe de mais detestável do que o estômago,
que à força obriga o homem a pensar em comida,
mesmo quando oprimido com tristeza no espírito,
como agora me sinto oprimido; mas de modo incessante
me recorda o estômago a comida e a bebida, fazendo-me
esquecer tudo o que sofri, exigindo que o encha.
Quanto a vós, apressai-vos ao surgir da Aurora
para levardes este desgraçado para a sua terra pátria,
depois de tantos males. E que a vida me abandone quando

eu tiver visto os meus haveres, os meus escravos e o alto palácio.»

Assim falou; e todos louvaram as suas palavras, insistindo
no transporte do estrangeiro, uma vez que falara na medida certa.
Depois de terem vertido libações e bebido tanto quanto lhes
pedia o coração, cada um foi descansar para sua casa.
Na sala de banquetes ficou o divino Odisseu; junto dele
ficaram sentados Arete e Alcínoo semelhante aos deuses.
As escravas levantaram tudo o que tinha servido ao jantar.
Entre eles quem falou primeiro foi Arete de alvos braços:
reconhecera a capa e a túnica, assim que olhara para as belas
roupas de Odisseu, pois com suas escravas ela própria as tecera.
Então falando dirigiu-lhe palavras apetrechadas de asas:

«Estrangeiro, deixa-me colocar-te primeiro esta pergunta.
Quem és tu? E quem te ofereceu as roupas que vestes?
Não dizes que foi vagueando pelo mar que aqui chegaste?»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Seria difícil, ó rainha, narrar os males de modo contínuo,
visto que os deuses celestes mos deram prodigamente.
Mas responderei àquilo que interrogas e perguntas.
Ogígia é uma ilha lá longe no meio do mar.
Aí vive a filha de Atlas, a ardilosa Calipso
de belas tranças, terrível deusa. Nenhum dos deuses
com ela se relaciona, nem nenhum dos homens mortais.
Mas o destino me levou até à lareira da deusa, sozinho;

pois com seu relâmpago incandescente Zeus me atingira
a nau veloz, e a estilhaçara no meio do mar cor de vinho.
Foi então que pereceram todos os valentes companheiros,
mas eu fiquei agarrado à quilha da nau recurva e fui levado
durante nove dias. Quando sobreveio a décima noite negra,
fizeram os deuses que eu chegasse à ilha de Ogígia, onde vive
Calipso de belas tranças, terrível deusa. Ela acolheu-me;
com gentileza me estimou e alimentou. Prometeu-me
a imortalidade, para que eu vivesse sempre isento de velhice.
Mas nunca convenceu o coração dentro do meu peito.
Aí fiquei durante sete anos, e sempre humedecia
com lágrimas as vestes imortais, que me dera Calipso.
Mas quando, volvido o seu curso, chegou o oitavo ano,
foi então que ela me ordenou e incitou a partir,
ou por ordem de Zeus, ou porque assim ela pensara.
Mandou-me embora numa jangada bem atada, e deu-me
muitas coisas: pão, vinho doce, e vestes imortais.
Fez soprar um vento favorável, suave e sem perigo.
Durante dezassete dias naveguei sobre o mar;
no décimo oitavo dia apareceram as montanhas sombrias
da vossa terra: alegrou-se à sua vista o coração deste homem
desafortunado: pois na verdade eu estava prestes a sofrer algo
de terrível que contra mim mandara Posídon, Sacudidor da Terra.
Agitou os ventos, assim atando o meu percurso; encrespou
o mar de modo indizível, a ponto de as ondas não deixarem
que eu fosse levado, gemendo sem cessar, pela jangada,
que seria despedaçada pela tempestade. Mas eu atravessei
a nado o grande abismo do mar, até que atingisse

a vossa terra, levado pelo vento e pelo mar.
Mas ao tentar sair da água, as ondas atiravam contra a costa,
contra os grandes rochedos, sítio que nada tinha de aprazível.
Recuei e pus-me de novo a nadar, até que cheguei
a um rio, que me pareceu o melhor sítio:
livre de rochas; abrigado do vento.
Reunindo todas as minhas forças, saí da água; e logo
sobreveio a noite ambrosial. Afastando-me do rio pelo céu
alimentado, deitei-me num canavial, pondo folhas
por cima do corpo; e sobre mim derramou o deus um sono
sem limites. Aí dormi no meio das folhas, de coração pesado,
durante toda a noite, durante a manhã e até ao meio-dia.
O Sol ia a caminho do Ocaso quando o sono doce me deixou.
Então vi as escravas da tua filha a brincar na praia;
e no meio delas vi a própria, semelhante a uma deusa.
Dirigi-lhe súplicas e ela não se revelou falha de compreensão:
não se esperaria tal coisa de alguém tão novo,
pois os jovens são sempre irresponsáveis.
Mas ela deu-me pão suficiente e vinho frisante;
lavou-me no rio e deu-me estas vestes que vedes.
Em tudo isto, a despeito das tristezas, vos disse a verdade.»

Tomando então a palavra, a ele deu resposta Alcínoo:
«Estrangeiro, houve uma coisa em que não pensou bem
a minha filha, porquanto aqui te não trouxe com as escravas,
para esta casa, quando foi a ela que primeiro dirigiste súplicas.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Não censures, ó herói, a tua filha irrepreensível.

De facto ela disse-me para a seguir com as escravas:
fui eu que não quis, por receio e por vergonha,
não fosse teu coração encolerizar-se à vista de tal coisa.
Pois nós, as raças de homens na terra, somos rápidos na ira.»
Tomando então a palavra, a ele deu resposta Alcínoo:
«Estrangeiro, o coração que tenho no peito não se zanga
em vão. Nada há de melhor em tudo que a justa medida.
Quem me dera — ó Zeus pai, ó Atena, ó Apolo! —
que fosse assim como tu, e com entendimento como o meu,
aquele que, aqui ficando, desposasse a minha filha, a quem eu
chamasse meu genro! Dar-te-ia casa e muitos tesouros,
se de bom grado ficasses. Mas contra a tua vontade nenhum
dos Feaces te reterá. Que tal coisa nunca agrade a Zeus pai!
Indicarei, para que saibas, quando faremos o teu transporte:
amanhã. Nessa altura te deitarás, dominado pelo sono,
e eles te levarão pelos seus remos no mar calmo, para que
chegues à tua pátria e à tua casa, ou aonde quererás ir,
mesmo que seja mais longe que a Eubeia, terra que dizem
ser a mais longínqua aqueles dentre o nosso povo que a viram,
quando transportaram o loiro Radamanto
para visitar Títio, Filho da Terra.
Até lá eles foram, e sem esforço fizeram a viagem:
no mesmo dia em que partiram, voltaram a casa.
Também tu ficarás a saber como são superiores as minhas naus,
como os nossos jovens são os melhores a percutir o mar com remos.»

Assim falou; e alegrou-se o sofredor e divino Odisseu.
Proferiu uma prece e falou ao deus, chamando-o pelo nome:

«Zeus pai! Que se cumpram todas as coisas que Alcínoo
acaba de dizer! E que na terra dadora de cereais seja sua fama
inexaurível! E que eu possa regressar à minha pátria.»

Foi isto que eles disseram, falando um com o outro.
E Arete de alvos braços ordenou à escravas
que armassem uma cama debaixo do pórtico e que sobre ela
pusessem cobertores purpúreos e estendessem mantas,
e que lá colocassem capas de lã em que ele se envolvesse.

As escravas saíram da sala com tochas acesas nas mãos.
Depois de terem feito a cama com grande esmero,
vieram para junto de Odisseu e assim lhe disseram:
«Vai agora descansar, ó estrangeiro: a cama está feita.»

Assim disseram; e a Odisseu pareceu bem ir repousar.
Ali ficou a dormir o sofredor e divino Odisseu,
numa cama encordoada sob o pórtico retumbante.
Alcínoo dormiu no aposento interior do alto palácio,
e a seu lado a augusta esposa, que lhe preparou a cama.

Notas ao Canto 7

Segundo a contabilidade oferecida por Dawe (p. 278), que por sua vez se baseia em Hennings (1903), só 27 dos 347 versos deste canto escaparam, ao longo da sua longa história crítica, à sorte de serem considerados espúrios.

7 «fogo»: sobre a estação do ano em que a narrativa do poeta nos coloca, ver 5.272-273*.

8 «Apire»: ou, em alternativa, «Apereia» (ou «Aperaia»). Localidade certamente imaginária (a palavra deriva de *ápeiros* [«ilimitado»], palavra cuja forma de neutro [*ápeiron*] o filósofo pré-socrático Anaximandro mais tarde tornaria célebre).

__ «Eurimedusa»: o significado do nome é «Que-Rege-Amplamente», um nome estranho para uma escrava (Oxf.i, p. 320), a não ser que dele extraiamos a informação implícita de que ela era de origem nobre antes de ser capturada como escrava (o que seria normal na mundividência homérica: até o escravo-porqueiro de Odisseu em Ítaca é de ascendência nobre, tendo sido raptado e vendido em criança).

14-15 «Sobre ele Atena / derramara um denso nevoeiro»: por outras palavras, esta concentração de nevoeiro que se move no meio dos Feaces é a maneira de a deusa tornar Odisseu invisível. No entanto, este episódio não está conseguido de forma inteiramente satisfatória: «Primeiro ela derrama sobre ele nevoeiro, o que em linguagem homérica significa tornar alguém invisível; e depois ela aparece disfarçada para guiar a nuvem de nebulosidade, aconselhando a nuvem a não dirigir a palavra a nenhum dos Feaces, com receio de que eles insultem a pessoa invisível e nebulosa» (Dawe, p. 279).

27 «A deusa de olhos garços Atena»: ver 1.44*.

31 «Não olhes para nenhum homem nem faças perguntas»: a frase coexiste mal com o facto de a deusa ter tornado o herói invisível. Decerto um bloco de nevoeiro que fizesse perguntas teria desconcertado os transeuntes na cidade dos Feaces.

34 «rápidas naus velozes»: a nossa hipersensibilidade à redundância não era partilhada pelos Gregos, para quem o pleonasmo era um precioso ornamento estilístico.

36 «suas naus são rápidas como uma flecha ou um pensamento»: a rapidez do pensamento é objeto de uma frase atribuída por Diógenes Laércio (*Vidas dos Filósofos* 1.35) ao filósofo pré-socrático Tales de Mileto: «O pensamento é o que há de mais rápido: corre através de tudo.»

41 «Atena de belas tranças»: trata-se da única vez na poesia homérica em que o epíteto *eüplókamos* («de belas tranças») é aplicado à deusa Atena. Na *Od*., «terrível deusa» é uma expressão

sobretudo associada a Calipso (note-se que, em 246 e 255, Calipso será referida nestes mesmos termos [«de belas tranças, terrível deusa»]; e também em 12.449).

49 «Encontrarás reis criados por Zeus»: sobre estes «reis», ver 6.55*.

54 «Arete»: em grego, *Arêtê*, cujo sentido será porventura «Aquela-por-Quem-se-Reza» (uma filha muito desejada pelos seus pais, digamos assim) ou «Aquela-a-Quem-se-Suplica» (neste segundo caso, o seu nome corresponderia à função que a personagem desempenha na *Od*.).

54-55 «provém dos mesmos / progenitores que geraram o rei Alcínoo»: o poeta baralha-se com o parentesco entre Arete e Alcínoo. Nestes versos, é claro que o rei e a rainha são irmãos, como é o caso, no início do Canto 10, das fi lhas de Éolo que são casadas com os próprios irmãos. A genealogia da realeza feácia que vem a seguir contradiz o que acabámos de ler, apresentando-nos a rainha como sobrinha do seu marido, o rei Alcínoo. Sobre o problema, ver West, *Odyssey*, p. 132, que interpreta a genealogia como «expansão secundária» ao texto, «for the sake of fictional detail».

56 «Nausítoo»: ver 6.7*.

57 «Peribeia»: em grego, *Períboia*. Não é claro que sentido o poeta atribui a este nome.

58 «Eurimedonte»: a versão masculina de Eurimedusa (ver 8*).

59 «Gigantes»: não há, na poesia homérica, alusão a um dos temas mais importantes da cultura grega arcaica, a chamada «Gigantomaquia». Em 206, serão de novo referidos (e em 10.120). A palavra «gigante» (*gígas*) nunca ocorre na *Il*.

63 «Rexenor»: o sentido do nome é «Quebrador-de-Homens»; trata-se de um nome guerreiro.

67 «honrou-a, como poucas mulheres na terra são honradas»: em 69, leremos que Arete «foi honrada além do que estava destinado». Levanta-se a pergunta sobre o tipo de sociedade aqui imaginado, se devemos ver vestígios de uma sociedade matriarcal (talvez implícita, também, na circunstância de, em Ítaca, parecer por vezes nalguns passos da *Od*. que quem se casar com a rainha, Penélope, ficará com o estatuto de rei; o mesmo se aplica a Édipo nas lendas tebanas – Édipo que se torna rei de Tebas por se ter casado com a rainha viúva). Por outro lado, a rainha é apresentada como alguém que está sentado de manhã à noite a trabalhar nos seus lavores (ver 6.53*): essa ocupação a tempo inteiro decerto não deixaria tempo para a participação nas atividades políticas de que se ocupam os 12 «reis» e o 13.º, Alcínoo (ver 8.390-391). Sobre a presença fantasmagórica de antigas sociedades matriarcais na *Od*., Hainsworth (Oxf.i, p. 325) remete para K. Hirvonen, *Matriarchal Survivals*, Helsínquia, 1968, pp. 105-112.

69 «Aquela foi honrada além do que estava destinado e é»: de imediato nos surge a pergunta: «é» o quê? A frase está incompleta. Apesar de alguns estudiosos terem proposto que se deve subentender «honrada» (ou que há uma frase igualmente incompleta com «é» no *Banquete* de Platão [195b]), não pode ser descartada a possibilidade de se ter perdido, talvez, um hipotético 69*b*.

74*b* Este verso foi transmitido de diferentes formas, talvez porque tenha feito confusão a copistas e a estudiosos antigos que esta mulher pudesse ter um tal ascendente sobre pessoas do sexo masculino (pois a palavra «homens» aqui corresponde a *anêr*, «homem» por oposição a «mulher», e

não a *ánthrôpos*, «ser humano»). Houve, assim, a tentativa de transformar «aqueles em relação aos quais ela tem boa vontade» em «aquelas em relação às quais ela tem boa vontade».

80-81 «e chegou a Maratona e a Atenas de ruas largas, / entrando na casa robusta de Erecteu»: sobre estas referências a Atenas recaiu há muito (já desde Quéris, aluno de Aristarco) a suspeita de serem uma intromissão no texto própria da edição ateniense da *Od*., feita no tempo de Pisístrato. O que é aqui referido como «robusta casa de Erecteu» seria um edifício anterior àquele que hoje conhecemos como «Erectéion» (com as suas famosas cariátides)? Não sabemos. A ideia de que a deusa habita no palácio do rei também é curiosa.

83 «limiar de bronze»: atendendo a que a descrição do palácio nos dará a ver uma realidade de luxo paradisíaco, surpreende aqui o «limiar de bronze», expressão que ocorre somente com referência à zona mais horrenda do inferno: o Tártaro (*Il*.8.15; *Tgn*.811). Ver também 89.

84 «reluzia o brilho do Sol e reluzia o brilho da Lua»: verso que em grego é igual a 4.45.

86-132 A descrição do palácio de Alcínoo levanta muitas questões, inclusive linguísticas. Shipp (*Studies*, p. 329) oferece um elenco de 17 excentricidades linguísticas que se nos deparam nesta sequência.

89 «colunas de prata»: esta expressão levanta as maiores suspeitas, pois a sua métrica é totalmente impossível: um épsilon não pode manter a quantidade breve seguido da sequência sigma + tau; nem um alfa breve pode manter a quantidade breve seguido da sequência teta + mu. Além de que a segunda sílaba de *stathmoí* («colunas»), seguida no verso por uma palavra iniciada por vogal, teria de abreviar, o que não acontece.

94 «eram imortais»: à letra, «sendo imortais» (e chama a nossa atenção que o particípio surja aqui com a sua forma ática, *óntas*, e não jónica, *eóntas*).

95 «Lá dentro»: note-se que Odisseu ainda está fora do palácio, portanto não se pode dizer que a descrição do palácio esteja a ser focalizada pelo seu olhar de raios X (talvez um indício de que estes versos foram importados de outro contexto seja a identificação do deus Hefesto como autor divino dos cães imortais de ouro e de prata: não é coisa que verosimilmente pudesse ocorrer a quem estava a ver o palácio com olhar, digamos assim, de turista).

103 «cinquenta escravas ele tem dentro do palácio»: ao anterior bloco porventura importado de outro contexto segue-se agora este bloco, com os verbos conjugados no presente. Já que o saque de cidades, a pilhagem e a pirataria eram os principais métodos de obtenção de escravas domésticas, como é que estas cinquenta escravas (*dmôiai*) vieram parar às mãos dos pacíficos Feaces?

107 «fios de linho»: a fonética e a ortografia destes fios ocupam os fi lólogos já desde Aristarco, pois trata-se de um caso raro no texto homérico em que o ditongo *ou* é grafado com a vogal ómicron. Nalgumas edições modernas (nomeadamente a de Estugarda), a ortografia mais lógica é reposta (*kairousséôn* em vez de *kairosséôn*), mas isso camufla a materialidade desta relíquia ortográfica.

112-113 «junto às portas, há um grande pomar / de quatro jeiras»: a indicação de que o pomar se encontra junto às portas contradiz 6.293. Não é certo como interpretar a palavra *tetráguos*, traduzida por «de quatro jeiras». O sentido aqui não parece ser equivalente ao que encontraremos em 18.374.

115-116 = 11.589-590. As árvores do jardim mágico de Alcínoo (pereiras, romãzeiras, macieiras, figueiras, oliveiras) aparecerão de novo no mundo dos mortos, na sequência que narra o castigo de Tântalo. Nem todos os estudiosos estão convencidos da adequação agrícola de misturar macieiras e oliveiras (além de que as oliveiras não são árvores «altas»): cf. Dawe, p. 287. Outros queixam-se da repetição do adjetivo «viçoso» em 114 e 116 e estranham a ausência do marmeleiro, conhecido dos poetas gregos arcaicos Álcman e Íbico (Oxf.i, p. 329).

119 «o Zéfiro soprando»: este verso contém a espantosa anomalia de a primeira posição métrica, obrigatoriamente longa no hexâmetro, ser ocupada por uma sílaba breve (*zeph-*) a contar artifi cialmente como longa. O fenómeno é raríssimo, ainda que ocorra em *Il*.3.357 e 5.359 (ver M.L. West, «Homer's Meter», in I. Morris & B. Powell, *A New Companion to Homer*, Leiden, 1997, p. 231; Shipp, *Studies*, p. 41).

131 «tiravam»: depois da sequência 103-130, em que todos os verbos estão no presente, surpreende aqui, de repente, o imperfeito.

137 «Argeifonte»: ver 1.38*. Para Hermes como o deus que traz o sono, ver 5.47.

146 «Arete, fi lha de Rexenor»: pelos vistos, Odisseu esteve muito atento ao que lhe foi dito por Atena disfarçada de moçoila feácia em 63-66. No caso de serem inautênticos os versos que instauram a confusão quanto ao parentesco da rainha com o rei (afinal é irmã ou sobrinha?), alguma suspeição tem de recair sobre este verso também. Ver 54-55*.

155 «Equeneu»: o nome significa «Proprietário-de-Navio» («Armador»). Segundo E. Schwartz (*Die Odyssee*, Munique, 1924, p. 312), o discurso que Equeneu dirige ao rei faz deste um «cretino» (*Trottel*, em alemão); mas esse diagnóstico avultará porventura hipercrítico.

167 «a força sagrada de Alcínoo»: esta perífrase curiosa, cuja antiguidade talvez seja considerável, equivale simplesmente a «Alcínoo». Ver 2.409*.

170 «viril Laodamante»: o curioso adjetivo *agapênor* significa, em rigor, «amante de masculinidade». Só ocorre aqui na *Od*. (ocorre cinco vezes na *Il*.).

172-176 = 1.136-140 = 4. 52-56 = 10.368-372 = 17.91-95.

179 «Pontónoo»: outro nome de sabor marítimo («Ele-Cujo-Pensamento-Está-no-Mar»).

192 A tradução portuguesa não consegue dar conta da raridade métrica que se vê neste verso em grego: as suas duas cesuras, a segunda das quais no quarto pé – fenómeno que ocorre em média de 1000 em 1000 versos na poesia homérica.

196-198 «depois disso terá / de aguentar tudo o que o destino e as terríveis Fiadoras / lhe fiaram à nascença»: estes versos baseiam-se em *Il*.20.127-128, mas só aqui encontramos a expressão «Fiadoras», de resto ausente da poesia homérica. Trata-se de uma das passagens da poesia épica grega onde parece estar pressuposto que o destino de cada pessoa humana é determinado à nascença (além dos versos da *Il*. citados, cf. também *Il*.1.418 e *Od*.4.207-208). Ver B.C. Dietrich, «The Spinning of Fate in Homer», *Phoenix* 16 (1962), pp. 86-101.

215-216 «deixai-me jantar […] nada existe de mais detestável do que o estômago»: estes versos já foram criticados na Antiguidade, com base na ideia de que a obsessão pela comida não é heroica.

Estará o herói assim com tanta fome? Odisseu degustou um piquenique na praia (6.249-250) e, no presente episódio, está a comer desde 177. É possível, contudo, que a insistência na comida e no estômago funcione aqui como estratégia de descaraterização heroica: o poeta pode ter pensado momentaneamente que Odisseu, na posição de suplicante, não quer ainda revelar o seu estatuto aristocrático, e a insistência na comida servirá para o caraterizar como alguém de condição pobre (veremos o mesmo em 15.344; 17.286, 473; e 18.53; neste último passo, é sublinhado pelo poeta que Odisseu está a falar com intuito calculista). No entanto, se foi essa a intenção do poeta nesta passagem, não foi mantida de forma consistente, pois em 222 Odisseu já está a dar ordens, e em 225 declara-se dono de escravos e de um «alto palácio».

222 «Quanto a vós, apressai-vos ao surgir da Aurora»: apesar do fingimento momentâneo que foi assumir a identidade de uma classe social obcecada com o estômago, veio logo à tona a personalidade de alguém habituado a dar ordens no meio de outros membros da realeza.

225 «os meus haveres, os meus escravos e o alto palácio»: na Antiguidade os comentadores da *Od* . estranharam que, no presente contexto, Odisseu não mencionasse a sua mulher. Coube ao bizantino Eustátio, bispo ortodoxo de Tessalónica, também ele estudioso de Homero, a observação de que ter esposa não constitui causa maior de felicidade (cf. Dawe, p. 291).

238 «Quem és tu?»: a resposta que Odisseu dá a esta pergunta ocupa 241-297 e apresenta a singularidade de não responder à pergunta.

239 «Não dizes»: uma variante antiga no texto é «não disseste» (em vez de «não dizes», a lição por que opta a ed. de Estugarda).

245 «ardilosa Calipso»: a única vez na *Od*. que Calipso é assim referida. O mesmo epíteto (*dolóessa*) é aplicado, com mais propriedade, a Circe em 10.32.

267-282 Neste relato de como se salvou a nado, Odisseu omite qualquer referência à deusa que o salvou: Leucótea (cf. 5.333-353).

284 «noite ambrosial»: ver 4.429*.

289 «O Sol ia a caminho do Ocaso quando o sono doce me deixou»: não foi isto que lemos no Canto 6, onde o Sol só se põe em 321.

295 «vinho frisante»: ver 2.57*.

296 «lavou-me no rio»: precisamente o que ela não fez, por vontade do próprio Odisseu, que quis lavar-se sozinho (ver 6.129*, 210, 218-223). A verdade, tão apregoada em 297, é encarada no verso anterior *cum grano salis*.

311-316 Causou estranheza na Antiguidade a iniciativa abrupta de Alcínoo de oferecer a fi lha como noiva a um homem que ele acabou de conhecer e cujo nome nem sequer sabe (Oxf.i, p. 339). E é facto que, na resposta de Odisseu a estas palavras do rei, o assunto do casamento não é sequer mencionado (o que poderá ser indício de que os versos 311-316 não faziam parte de algumas versões do texto). Odisseu também não revela que é casado, embora essa informação pareça estar pressuposta, em 8.410, nas palavras de Euríalo.

318 «dominado pelo sono»: a razão de Odisseu fazer a viagem Esquéria-Ítaca e dormir é puramente poético-dramática, para que ele acorde depois em Ítaca, deixado pelos Feaces a dormir na praia, sem saber onde está.

321 «mesmo que seja mais longe que a Eubeia»: este verso tem suscitado especulações de vária ordem, e a presente menção da Eubeia sugeriu a West a possibilidade de o poeta da *Od*. ser natural desta ilha. Ver «The Rise of the Greek Epic», *Journal of Hellenic Studies* 108 (1988), p. 172 = *Hellenica I*, p. 72; West, *Odyssey*, p. 90. Este ponto de vista foi rejeitado por R. Lane Fox, *Travelling Heroes*, p. 355, que prefere a visão tradicional de que Homero era originário de Quios.

323-324 «Radamanto […] Títio»: a justaposição destes dois nomes é curiosa, já que Radamanto era tido no imaginário grego como o exemplo perfeito do homem justo (daí a sua presença no Campo Elísio em 4.564; ver também Píndaro, *Odes Olímpicas* 2.75), ao passo que Títio, violador frustrado de Leto, era o preciso contrário: ver 11.576-581.

328 «os nossos jovens são os melhores a percutir o mar com remos»: esta ideia parece entrar em contradição com o que lemos em 8.555-563, onde se diz que os navios dos Feaces navegam sozinhos. No entanto, está em consonância com 8.35 e 8.48, onde se menciona a tripulação de 52 remadores.

334-345 Encontramos aqui uma concentração de versos formulares:

7.334 = 4.620;
7.336-339 = 4.297-300;
7.340 = 23.291;
7.344 = 6.1;
7.345 = 3.399;
7.346-347 ~ 3.402-403.

Canto 8

Quando surgiu a que cedo desponta, a Aurora de róseos dedos,
levantou-se do seu leito a força sagrada de Alcínoo;
levantou-se Odisseu, criado por Zeus, Saqueador de Cidades.
Foi a força sagrada de Alcínoo que conduziu os Feaces
até à ágora, que fora construída perto donde estavam as naus.
Para lá se dirigiram, sentando-se em assentos polidos,
uns ao lado dos outros. E pela cidade foi Palas Atena,
sob a forma do arauto do fogoso Alcínoo,
preocupada com o regresso do magnânimo Odisseu,
pelo que abordou cada cidadão e assim lhe disse:

«Ide agora, ó príncipes e conselheiros dos Feaces,
até à ágora, para saberdes notícias do estrangeiro,
que veio há pouco para casa do fogoso Alcínoo,
tendo vagueado pelo mar. De corpo parece um deus!»

Assim falando, estimulou a força e a coragem de cada um.
Depressa se encheram de homens os assentos da ágora
com aqueles que se reuniam; e muitos se maravilharam
ao ver o fogoso filho de Laertes. Pois sobre ele Atena
derramara na cabeça e nos ombros uma beleza invulgar,
fazendo-o mais alto e mais musculoso aos olhos de quem

o fitava, para que assim fosse estimado por todos os Feaces,
e lhes parecesse digno de admiração e respeito, quando
o puseram à prova em muitas contendas atléticas.
Assim que todos se juntaram e reuniram, para eles
falou então Alcínoo, proferindo estas palavras:

«Ouvi, ó príncipes e conselheiros dos Feaces,
o que o coração no peito me move a vos dizer.
Este estrangeiro, cujo nome não sei, chegou errante
a minha casa, vindo do lado da Aurora ou do Ocaso.
Pede que o transportemos; suplica tal segurança.
Como no passado fizemos, concedamos-lhe transporte.
Pois não há homem, que venha ter ao meu palácio,
que lá permaneça a lamentar-se por falta de transporte.
Arrastemos portanto uma escura nau até ao mar divino,
que nunca antes tenha navegado; e cinquenta e dois mancebos
escolhei dentre o povo, que já antes provaram ser os melhores.
Assim que tiverdes todos os remos atados nas bancadas,
desembarcai, para que rapidamente prepareis um banquete,
indo para o meu palácio. A todos darei generosa hospitalidade.
Aos mancebos é isto que ordeno. Quanto aos outros
— vós, reis, detentores de cetro —, vinde agora ao meu belo
palácio, para que mostremos ao estrangeiro a nossa estima.
Que ninguém se recuse! E chamai ainda o divino aedo,
Demódoco, pois a ele concedeu o deus o apanágio de nos
deleitar, quando canta aquilo que lhe inspira o coração.»

Assim dizendo, indicou o caminho; e seguiram-no
os detentores de cetro. O arauto foi buscar o divino aedo.

Os cinquenta e dois mancebos escolhidos caminharam,
como foi ordenado, para a orla do mar nunca vindimado.
E quando chegaram à nau e à orla do mar,
arrastaram primeiro a nau para a água funda;
depois colocaram o mastro e a vela na escura nau
e ajustaram os remos com correias de cabedal,
cada coisa pela ordem certa. Içaram a branca vela
e ancoraram a nau na água funda.

Depois dirigiram-se ao grande palácio do fogoso Alcínoo.
Os pórticos, os pátios e os edifícios estavam repletos de homens
que ali se reuniam: eram muitos, tanto novos como velhos.
Em sua honra Alcínoo degolou em sacrifício doze ovelhas,
oito javalis de brancas presas e dois bois de passo cambaleante.
Esfolaram e esquartejaram os animais; fizeram um aprazível festim.

Chegou depois o arauto, trazendo pela mão o exímio aedo,
a quem a Musa muito amava. Dera-lhe tanto o bem como o mal.
Privara-o da vista dos olhos; mas um doce canto lhe concedera.
Para ele colocou Pontónoo um trono com embutidos de prata
no meio dos convivas, recostando-o contra uma alta coluna.
Num prego pendurou a lira de límpido som perto da cabeça
do aedo; mostrou-lhe depois o arauto como a ela chegaria
com as mãos. E junto dele colocou um belo cesto e uma mesa,
assim como uma taça de vinho, para que bebesse quando desejasse.

E todos lançaram mãos às iguarias que tinham à sua frente.

Mas depois de afastarem o desejo de comida e bebida,
a Musa inspirou o aedo a cantar as célebres façanhas de heróis:
era um canto cuja fama chegara já ao vasto céu —
a contenda entre Odisseu e Aquiles, filho de Peleu.
O tema era como outrora se injuriaram no banquete divino
com palavras violentas; e Agamémnon, Soberano dos Homens,
se regozijou no espírito, ao injuriarem-se os mais nobres dos Aqueus.
Pois assim lhe dera Febo Apolo uma indicação oracular,
na sagrada Pito, quando transpôs a soleira de pedra
para interrogar o deus. E daí rolou o início da desgraça
para Troianos e Dânaos, por vontade do grande Zeus.

Era isto que cantava o celebérrimo aedo. Mas Odisseu
com suas mãos possantes pegou na capa de púrpura
e com ela cobriu a cabeça, escondendo o belo rosto.
Sentia vergonha dos Feaces porque das pálpebras lhe corriam
lágrimas: na verdade, cada vez que o aedo fazia uma pausa,
Odisseu limpava as lágrimas e tirava a capa da cabeça;
e com a taça de asa dupla oferecia libações aos deuses.
Mas quando o aedo retomava o canto, quando lhe pediam
para voltar a cantar os Feaces, visto que as suas palavras
os deleitavam, Odisseu tapava de novo a cabeça para chorar.
De todos os outros conseguiu ocultar as lágrimas;
só Alcínoo se apercebeu e reparou no que sucedia,
pois estava sentado perto dele e ouviu-o a suspirar.
Logo declarou aos Feaces que amam seus remos:

«Escutai, ó príncipes e conselheiros dos Feaces!

O coração já nos saciaram o banquete e a lira,
que acompanha o abundante festim.
Agora saiamos lá para fora, para celebrarmos jogos
atléticos, para que o estrangeiro conte depois aos amigos
quando chegar a casa como nós somos excelentes
no pugilato, na luta, nos saltos e nas corridas.»

Assim dizendo, indicou o caminho e todos o seguiram.
O arauto pendurou no prego a lira de límpido som;
pegou na mão de Demódoco e levou-o para fora da sala,
pelo mesmo caminho que tinham seguido os outros
príncipes dos Feaces, para se admirarem com os jogos.
Foram para a ágora, e seguiu uma multidão imensa,
aos milhares. Levantaram-se muitos e nobres mancebos:
levantaram-se Acroneu e Oquíalo e Elatreu;
Nauteu e Primneu e Anquíalo e Eretmeu;
Ponteu e Proreu e Tóon e Anabiseneu;
Anfíalo, filho de Polineu, filho de Técton;
e Euríalo, semelhante a Ares, Destruidor de Homens,
filho de Náubolo, que pela beleza do corpo era o melhor
de todos os Feaces, além do irrepreensível Laodamante.
Levantaram-se os três filhos do irrepreensível Alcínoo:
Laodamante, Hálio e Clitoneu semelhante aos deuses.

Em primeiro lugar competiram na corrida.
Desde a marca da partida foi-lhes traçado um curso.
Todos correram depressa, levantando a poeira da planície.
Mas entre eles o melhor foi o irrepreensível Clitoneu.
A distância de uma parelha de mulas em terra arável:

era essa a distância entre ele e os outros, quando
chegou onde estava o povo, ficando os outros para trás.

Em seguida competiram na luta dolorosa.
Aqui foi Euríalo o melhor de todos os príncipes.
Nos saltos distinguiu-se Anfíalo, mais que qualquer outro.
No lançamento do disco, o melhor de longe foi Elatreu.
E no pugilato ganhou Laodamante, belo filho de Alcínoo.
Mas depois que todos deleitaram o espírito com jogos,
entre eles falou Laodamante, o filho de Alcínoo:

«Amigos, perguntemos agora ao estrangeiro se conhece
ou aprendeu contendas atléticas. De corpo não é mau:
reparai nas coxas e nas pernas; em ambos os braços;
no pescoço possante, na grande força. E juventude
não lhe falta, apesar de atormentado por tantas desgraças.
Pois eu não penso haver coisa mais terrível que o mar
para abater um homem, por muito forte que seja.»

Tomando a palavra, assim lhe respondeu Euríalo:
«Laodamante, aquilo que disseste foi na medida certa.
Vai agora desafiá-lo, falando-lhe publicamente.»

Logo que ouviu esta resposta o belo filho de Alcínoo,
colocou-se no meio de todos e assim disse a Odisseu:
«Agora vem também tu, ó pai estrangeiro, experimentar
qualquer contenda atlética, se porventura sabes alguma.
Fica-te bem conheceres contendas atléticas.
Não há maior glória do homem enquanto for vivo

do que os feitos alcançados pelos pés e pelos seus braços.
Experimenta pois qualquer coisa, e afasta as dores do espírito!
A tua viagem não será adiada: já está lançada a nau
que te levará; e a tripulação está já pronta.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Laodamante, porque me desafiais, para fazerdes troça de mim?
No espírito tenho mais sofrimentos que contendas atléticas,
eu que no passado muito padeci e muitos males aguentei.
Agora estou sentado no meio da vossa ágora, ansiando
pelo meu regresso, como suplicante do rei e de todo o povo.»

A ele deu resposta Eurílalo, insultando-o cara a cara:
«Não, estrangeiro, a mim não dás impressão de seres um homem
conhecedor de contendas atléticas — das que praticam homens.
Pareces-me mais alguém que vai e vem na nau bem construída,
comandante de marinheiros que são eles próprios mercadores:
alguém que só pensa na carga e está sempre muito atento
aos lucros do regateio. De atleta de facto não tens nada.»

Fitando-o com sobrolho carregado, respondeu o astucioso Odisseu:
«Estrangeiro, não foram bonitas as tuas palavras. Pareces desvairado.
Mas afinal é verdade que nem a todos os homens os deuses
concederam os dons da beleza, compreensão e eloquência.
Pois ao homem que é inferior pelo aspeto físico,
beleza dão os deuses às suas palavras, de forma que outros
o contemplam com prazer, porque fala sem hesitação,

com doçura e pudor; e assim é preeminente entre o povo
reunido, e na cidade todos o fitam como se fosse um deus.
Por seu lado, outro homem — um cuja beleza iguala a dos deuses:
só que as palavras dele não foram coroadas com a grinalda da graça.
É o teu caso, excecional como és na beleza; pois nem um deus
te faria mais belo do que és. De inteligência porém és desprovido.
Encolerizaste o coração no meu peito, falando de modo desabrido
e sem medires as palavras. Não sou inexperto em contendas
atléticas, como tu afirmas; mas entre os melhores me contava,
quando podia confiar na minha juventude e nos meus braços.
Mas agora domina-me a dor e a desgraça. Sofri muito,
tanto nas guerras dos homens como nas ondas do mar.
Mas mesmo assim, apesar disso, participarei nos vossos jogos.
Pois provocaste-me com o teu discurso e feriste-me o coração.»

Assim falando, levantou-se de repente, ainda vestido com a capa,
e agarrou num disco maior e mais grosso (e em não pequena medida
mais pesado) do que os discos que tinham lançado os Feaces.
Dando voltas com o corpo, lançou-o da mão possante.
O disco zumbiu no voo; e no chão se agacharam
os Feaces de longos remos, famosos pelas suas naus,
sob o ímpeto do lançamento. Voou o disco além das marcas
de todos, acelerando com ligeireza a partir da mão de Odisseu.

Com corpo de homem, Atena marcou o sítio, declarando:

«Até um cego, ó estrangeiro, distinguiria a tua marca
pelo tato, visto que se não mistura com as outras,
mas está muito à frente. Anima-te com esta contenda!
Nenhum dos Feaces poderia igualar ou ultrapassar-te.»

Assim falou; e regozijou-se o sofredor e divino Odisseu,
contente porque alguém por ele torcia no meio da multidão.
E então, já mais aliviado, assim disse aos Feaces:

«Vede agora se atingis isto, ó rapazes! Penso ser capaz
de lançar outro tão longe — ou mais longe ainda!
Se algum de vós sentir vontade no coração e no espírito,
que aqui venha para ser posto à prova, pois muito me irastes!
Seja luta, pugilato ou corrida: não me importo.
Que seja qualquer um dos Feaces, à exceção de Laodamante:
ele é meu anfitrião; quem combateria contra quem o estima?

Desprovido de siso e de valor é aquele homem
que desafia para contendas atléticas quem o recebe
em terra estrangeira: em tudo só a si mesmo se prejudica.
Mas dentre todos os outros, nenhum eu menosprezarei nem
recusarei; mas quero conhecê-los, posto à prova, corpo a corpo.
Nada há em que eu seja fraco, nas contendas atléticas dos homens.
Na verdade, eu sei bem manejar o arco bem polido:
era sempre eu o primeiro a atirar e acertar contra a multidão
de inimigos, embora muitos companheiros estivessem

ao meu lado e atirassem com seus arcos contra os homens.
Só Filoctetes me superava com o seu arco na terra
dos Troianos, quando nós Aqueus disparávamos as setas.
Mas de todos os outros declaro ser eu o melhor:
de todos quantos são mortais e se alimentam de pão.
Porém não quereria rivalizar com homens do passado,
com Héracles ou com Êurito da Ecália,
que até com os imortais competiram como archeiros.
Foi por isso que logo morreu o grande Êurito: à velhice
não chegou no seu palácio. Encolerizado, Apolo
matou-o, porque ousara desafiá-lo com seu arco.
A lança atiro eu mais longe do que outro atira uma seta.
Na corrida é que receio poder vencer-me algum dos Feaces,
pois fui quebrantado pela força de muitas ondas;
e na embarcação onde seguia faltavam mantimentos,
pelo que meus membros estão agora amolecidos.»

Assim falou; e todos permaneceram em silêncio.
Foi Alcínoo o único a tomar a palavra, dizendo:

«Estrangeiro, não é com falta de gentileza que nos dizes
tais coisas, mas antes porque queres realçar a excelência
de que és dotado, ofendido como foste por aquele homem
que te insultou no meio dos jogos. Não teria amesquinhado
a tua excelência quem na sua mente com decência soubesse falar.
Mas ouve agora as minhas palavras, para que as possas
relatar a outro herói, quando em teu palácio te banqueteares
na companhia da tua mulher e dos teus filhos,

recordado da nossa excelência e das façanhas que até agora
Zeus nos concedeu, já desde o tempo de nossos pais.
Pois não somos irrepreensíveis no pugilato nem na luta;
mas corremos com rapidez e somos exímios marinheiros.
A nós sempre caro é o festim, assim como a lira, as danças,
as mudas de roupa, os banhos quentes e as camas.
Agora, todos vós que sois os melhores bailarinos dos Feaces,
dai início à dança! Para que o estrangeiro conte aos amigos
quando chegar a casa como somos superiores aos outros
na navegação, na corrida, na dança e no canto!
E que alguém vá imediatamente buscar para Demódoco
a lira de límpido som, que ficou algures no meu palácio.»

Assim falou Alcínoo semelhante aos deuses; levantou-se
o arauto para trazer do palácio do rei a lira cinzelada.
Levantaram-se em seguida nove oficiais, escolhidos do povo,
que tudo nas contendas atléticas bem organizavam.
Nivelaram o piso para a dança e demarcaram um belo recinto.
Aproximou-se o arauto, trazendo a lira de límpido som
para Demódoco, que se colocou no meio; e em seu redor
se posicionaram mancebos na floração da juventude,
exímios bailarinos, que o solo sagrado percutiram com os pés.
Maravilhou-se Odisseu, encandeado com os passos faiscantes
dos pés.

Foi então que, tangendo a sua lira, Demódoco começou
o belo canto dos amores de Ares e de Afrodite da linda coroa.
Cantou como primeiro fizeram amor em casa de Hefesto
às ocultas; e muitos presentes lhe deu Ares, desonrando o leito

nupcial do soberano Hefesto; porém a este veio dar a notícia
o Sol, que os vira na cama, deitados na união do seu amor.

Quando Hefesto ouviu a notícia que lhe feriu o coração,
foi para a sua forja, remoendo no espírito fundos pensamentos.
Sobre um suporte colocou uma grande bigorna e forjou correntes
impossíveis de quebrar ou deslaçar, para que ficassem bem firmes.
Depois que forjou esta armadilha, encolerizado contra Ares,
foi para o tálamo, onde estava o leito que lhe era tão caro.
Deixou pender em círculo as correntes da cabeceira da cama;
e muitas correntes suspendeu das vigas do teto, finas
como teias de aranha: ninguém daria por elas, nem mesmo
algum dos deuses bem-aventurados, tão enganosas elas eram.

Depois de colocar toda a armadilha em torno da cama,
fingiu que ia para Lemnos, a bem fundada cidade,
que de todas as terras era de longe a sua preferida.
E não foi uma vigília cega, a de Ares das rédeas douradas:
pois assim que viu partir Hefesto, o famoso artífice,
foi logo para casa do muito famigerado Hefesto,
desejoso de se entregar ao amor de Citereia da linda coroa.
Ela acabara de regressar de junto do pai, o poderoso Crónida;
acabara de se sentar. Ares entrou pela casa dentro,
pegou-lhe na mão e assim lhe disse, tratando-a pelo nome:

«Vamos para a cama, meu amor, para gozarmos o nosso prazer.
Hefesto não está entre os deuses, mas foi para fora — decerto

para Lemnos, para visitar os Síntias de fala selvagem.»

Assim falou; e grata lhe pareceu a ideia de se deitar com ele.
Foram para a cama e aí se deitaram. Por cima deles caíram
as correntes bem executadas do pensativo Hefesto.
Não conseguiam mexer os membros nem levantar-se;
e em breve reconheceram que dali não havia fuga.
Aproximou-se deles então o famoso deus ambidestro,
tendo voltado para trás, antes de chegar a Lemnos:
pois o Sol mantivera vigília e lhe dera o aviso.
Dirigiu-se para sua casa, de coração entristecido,
e postou-se junto aos portões, dominado pela ira feroz.
Lançou gritos horripilantes, berrando a todos os deuses:

«Zeus pai e vós outros bem-aventurados que sois para sempre!
Vinde para aqui, para verdes um trabalho não risível e indecente;
para verdes como, por eu ser coxo, Afrodite, filha de Zeus,
me desonra, dando o seu amor a Ares detestável,
porque é belo e bem feito de corpo, ao passo que nasci
estropiado; e a culpa disso é exclusivamente dos meus pais,
que me geraram — quem me dera nunca ter nascido!
Mas vereis onde aqueles dois se deitaram em amor:
na minha cama, enquanto eu fico a olhar, desesperado.
Mas não penso que eles queiram ficar deitados mais tempo,
por muito que se amem; rapidamente perderão o desejo
de estar deitados. E em vez disso o dolo e as correntes
os manterão amarrados, até que o pai me devolva tudo,
todos os presentes nupciais que ofereci por causa desta cadela:

é bela a filha de Zeus, mas não consegue conter o desejo.»

Assim falou. Reuniram-se os deuses na casa com chão de bronze.
Chegou Posídon, Sacudidor da Terra, e o Auxiliador
Hermes; chegou o Soberano que atua ao longe, Apolo.
As deusas, mais femininas, ficaram por pudor cada uma em sua casa.
Mas junto aos portões estavam os deuses, Dadores de Boas Coisas:
e um riso inexaurível brotou da parte dos deuses bem-aventurados,
ao verem o artifício que concebera o pensativo Hefesto.
Entre eles um assim dizia, olhando de soslaio para outro:

«“Não prosperam más ações!” “O Lento apanha o Rápido!”
Ora como no caso de Hefesto: tão lento, conseguiu apanhar
Ares, o mais rápido de todos os deuses que o Olimpo detêm,
pelo artifício, sendo coxo! Ares terá de pagar este adultério.»

Estas coisas diziam, falando uns para os outros.
A Hermes disse então o Soberano Apolo, filho de Zeus:
«Hermes, filho de Zeus, Mensageiro, Dador de Boas Coisas!
Será que mesmo esmagado pelas fortes correntes gostarias
de dormir naquele leito, ao lado da dourada Afrodite?»

A ele deu resposta o mensageiro Argeifonte:
«Prouvera que tal acontecesse, Soberano Apolo que atiras ao longe!

Mesmo que fossem três vezes mais as correntes ilimitadas —
e que vós deuses estivésseis a ver, e todas as deusas:
mesmo assim gostaria de dormir com a dourada Afrodite.»

Assim falou; e o riso brotou entre os deuses imortais.
Mas Posídon não se riu. Suplicava constantemente
Hefesto de famosos trabalhos para que soltasse Ares.
E falando dirigiu-lhe palavras apetrechadas de asas:

«Solta-o. E eu prometo que ele pagará, como pretendes,
toda a recompensa que aprouver aos deuses imortais.»

A ele deu resposta o famigerado deus ambidestro:
«Posídon, Sacudidor da Terra, não me mandes fazer isso.
Não vale de nada a garantia garantida por quem nada vale.
Como é que eu te constrangeria na presença dos deuses imortais
se Ares partisse, evitando tanto as correntes como a dívida?»

A ele deu resposta Posídon, Sacudidor da Terra:
«Hefesto, mesmo que Ares evite a dívida, fugindo
para longe, eu te farei o pagamento em vez dele.»

A ele deu resposta o famigerado deus ambidestro:
«Não me ficaria bem recusar-me a fazer como dizes.»

Assim dizendo, a força de Hefesto soltou as correntes.
E assim que se viram libertos das correntes (tão fortes que eram!),
de imediato se levantaram ambos. Ares foi para a Trácia.

Mas para Chipre se dirigiu Afrodite, deusa dos sorrisos;
foi para Pafos, pois aí tem seu templo e seu perfumado altar.
Aí as Graças a banharam e a ungiram com azeite imortal,
o azeite que faz resplandecer os deuses que são para sempre;
e vestiram-na com belas vestes, maravilha de se ver!

Assim cantou o célebre aedo. E Odisseu deleitou-se
no seu espírito enquanto o ouvia; deleitaram-se também
os Feaces de longos remos, famosos pelas suas naus.

Foi então que Alcínoo ordenou a Hálio e Laodamante
que dançassem só os dois, pois com eles ninguém competia.
Logo de seguida tomaram nas mãos uma esfera formosa,
purpúrea, que para eles fabricara o fogoso Pólibo:
um deles atirava a esfera em direção às nuvens sombrias,
inclinando-se para trás; o outro dava um grande salto
e facilmente a apanhava, antes que seus pés tocassem a terra.
Depois que se saciaram de atirar a esfera em linha vertical,
começaram os dois a dançar na terra provedora de dons,
passando sempre a esfera de um para o outro; os outros mancebos
no recinto batiam palmas e tremendo foi o alarido que se levantou.

A Alcínoo dirigiu então a palavra o divino Odisseu:
«Alcínoo poderoso, excelente entre todos os povos!
De serem teus bailarinos os melhores de todos te ufanaste!
Cumprem-se as tuas palavras: ao vê-los me domina o espanto.»

Assim falou; e regozijou-se a força sagrada de Alcínoo.
Imediatamente falou aos Feaces, que amam seus remos:

«Ouvi, ó príncipes e conselheiros dos Feaces!
O estrangeiro parece-me um homem de grande sensatez.
Ofereçamos-lhe um presente de hospitalidade apropriado.
Nesta terra são em número de doze os reis principais
que reinam e dão ordens; eu próprio sou o décimo terceiro.
Que cada um dos doze traga uma capa bem lavada
e uma túnica; e que traga um talento de ouro valioso.
Reunamos aqui depressa estas coisas, para que nas mãos
o estrangeiro as possa levar, contente, quando for jantar.
E que Euríalo profira palavras em sinal de desagravo
e ofereça um dom: o que disse antes não foi na medida certa.»

Assim falou; e todos louvaram e secundaram as suas palavras.
Cada um mandou um escudeiro ir buscar as oferendas.
Em seguida foi Euríalo a tomar a palavra, assim dizendo:

«Alcínoo poderoso, excelente entre todos os povos,
darei ao estrangeiro um sinal de desagravo, como mandas.
Dar-lhe-ei esta espada, toda de bronze, com punho de prata;
a bainha que a envolve é como um redemoinho de marfim
recém-cortado: será para ele uma oferenda de grande valor.»

Assim dizendo, pôs nas mãos de Odisseu a espada de prata;
e falando dirigiu-lhe palavras apetrechadas de asas:
«Salve, ó pai estrangeiro. Se foi proferida alguma palavra
terrível, que agora a levem os ventos da tempestade.

E que os deuses te concedam rever a tua mulher e regressar
à tua terra, pois há muito que sofres dores, longe da família.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Também te saúdo, amigo; que os deuses te deem a ventura.
E que no futuro nunca te venha a saudade desta espada,
porque ma dás em sinal de desagravo pelo que disseste.»

Assim falou; e dos ombros pendurou a espada de prata.
O Sol pôs-se. Vieram trazer-lhe os gloriosos presentes,
que altivos escudeiros levaram para o palácio de Alcínoo.
Receberam-nos os filhos do irrepreensível Alcínoo,
que colocaram junto da mãe veneranda os lindíssimos dons.
Indicou o caminho a força sagrada de Alcínoo,
e todos foram sentar-se em tronos elevados.
Então declarou a Arete a força de Alcínoo:

«Minha esposa, traz aqui uma bela arca, a melhor que tiveres.
Nela põe tu própria uma capa bem lavada e uma túnica.
E para o estrangeiro ponde ao lume uma caldeira: aquecei
água, para que depois de tomar banho ele contemple todos os dons
que aqui jazem, dons que trouxeram os irrepreensíveis Feaces;
que depois se deleite com o jantar, ao som do hino cantado.
Pela minha parte, dar-lhe-ei esta lindíssima taça que me pertence,
feita de ouro, para que se lembre de mim todos os dias da sua vida,

quando oferecer libações em sua casa a Zeus e aos outros deuses.»

Assim falou; e Arete ordenou às escravas que pusessem ao lume uma trípode enorme o mais rapidamente que conseguissem.
Colocaram sobre o fogo ardente a trípode para aquecer água:
nela verteram água para o banho; por baixo puseram lenha.
O fogo cobriu a barriga da trípode e a água ficou quente.
Entretanto Arete trouxe do tálamo para o estrangeiro
uma arca lindíssima, e nela colocou as belas oferendas:
as roupas e o ouro, que os Feaces tinham oferecido.
Lá dentro pôs ela própria uma capa e uma bela túnica;
e falando dirigiu-lhe palavras apetrechadas de asas:

«Olha agora para a tampa e ata depressa uma corda,
não vá alguém prejudicar-te no caminho, quando voltares
a dormir um doce sono navegando na nau escura.»

Assim que ouviu estas palavras o sofredor e divino Odisseu,
logo ajustou a tampa e rapidamente atou um nó complicado:
era um nó que outrora lhe ensinara a excelsa Circe.
Logo de seguida veio a governanta dizer-lhe para se lavar
na banheira: e foi com alegria que no seu coração ele contemplou
a água quente para o banho, visto que tal tratamento
não recebera com frequência, desde que de Calipso de lindos
cabelos deixara a casa, onde fora tratado como um deus.

Depois que as escravas o banharam e o ungiram com azeite,

sobre os ombros lhe lançaram uma bela capa e uma túnica.
Saiu do banho e foi juntar-se aos homens, que bebiam
o seu vinho. E Nausícaa, dotada da beleza dos deuses,
encostou-se a uma coluna perto da ombreira da sala:
olhou maravilhada para Odisseu, mirando-o com os olhos.
E falando dirigiu-lhe palavras apetrechadas de asas:

«De ti me despeço, ó estrangeiro. Quando chegares à tua terra pátria,
lembra-te de mim: deves-me em primeiro lugar o preço da tua vida.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Nausícaa, filha do magnânimo Alcínoo!
Que Zeus, esposo tonitruante de Hera, me permita
voltar a minha casa para que veja o dia do meu regresso!
A ti rezarei então como a uma deusa todos os dias
da minha vida: pois a ti devo o facto de estar vivo.»

Assim dizendo, foi sentar-se num trono junto do rei Alcínoo.
Estavam já a servir as porções de carne e a misturar o vinho.
Chegou um arauto, trazendo pela mão o excelente aedo:
Demódoco, Honrado pelo Povo. Sentou-o no meio
dos convivas, recostando-o contra uma alta coluna.
Então ao escudeiro falou o astucioso Odisseu, cortando
uma fatia — ficava ainda a maior parte — da carcaça
de um javali de brancas presas, entremeada de gordura:

«Escudeiro, leva esta fatia de carne e vai dá-la a Demódoco,

para ele comer. Mostrar-lhe-ei o meu apreço, apesar do que sofro.
Pois entre todos os homens que estão na terra, os aedos
granjeiam honra e reverência: a eles ensinou a Musa
o canto porque estima as tribos dos aedos.»

Assim falou; e o escudeiro pegou na carne e pô-la nas mãos
do herói Demódoco, que a recebeu, regozijando-se no espírito.
Lançaram mãos às iguarias que tinham à sua frente.
Mas depois que afastaram o desejo de comida e bebida,
a Demódoco disse então o astucioso Odisseu:

«Demódoco, a ti louvo eu mais que a qualquer outro homem,
quer tenha sido a Musa a ensinar-te, quer o próprio Apolo.
É com grande propósito que cantas o destino dos Aqueus
— tudo o que os Aqueus fizeram, sofreram e padeceram —
como se lá tivesses estado ou o relato ouvido de outrem.
Mas muda agora de tema e canta-nos a formosura do cavalo
de madeira, que Epeio fabricou com a ajuda de Atena:
o cavalo que o divino Odisseu levou para a acrópole pelo dolo,
depois de o ter enchido com os homens que saquearam Ílion.
Se estas coisas me contares na medida certa,
direi a todos os homens que na sua benevolência
o deus te concedeu a dádiva do canto inspirado.»

Assim falou; e o aedo, incitado, começou por preludiar o deus,
revelando depois o seu canto. Tomou como ponto de partida
o momento em que tinham embarcado nas naus bem construídas
e iniciado a navegação (depois de queimadas as tendas)

os Argivos. Outros, sob o comando do glorioso Odisseu,
estavam na ágora dos Troianos, escondidos dentro do cavalo.
Pois os próprios Troianos o tinham arrastado para a acrópole.
E ali estava o cavalo, enquanto os cidadãos se sentavam à volta,
discutindo de modo prolixo e confuso. Três planos lhes agradaram:
ou rachar a madeira oca com o bronze impiedoso;
ou arrastá-lo até ao cimo da cidade e atirá-lo para as rochas;
ou deixá-lo ficar como oferenda encantadora para os deuses —
e foi isto o que acabou mais tarde por acontecer,
pois era seu destino perecerem, quando a cidade circundasse
o grande cavalo de madeira, dentro do qual estavam sentados
os melhores dos Aqueus para trazer aos Troianos a morte e o destino.

E cantou como os filhos dos Aqueus saquearam a cidade,
entornando-se para fora do cavalo, deixando a oca cilada.
Cantou como por caminhos diferentes arrasaram a íngreme cidade;
mas Odisseu dirigiu-se, como se fosse Ares, a casa de Deífobo,
na companhia de Menelau semelhante aos deuses:
aí se diz que Odisseu ousou a mais terrível das lutas,
de que saiu vencedor com o auxílio da magnânima Atena.

Foi este o canto do celebérrimo aedo. Mas Odisseu derretia-se
a chorar: das pálpebras as lágrimas humedeciam-lhe o rosto.
Tal como chora a mulher que se atira sobre o marido
que tombou à frente da cidade e do seu povo, no esforço
de afastar da cidadela e dos filhos o dia impiedoso,

e ao vê-lo morrer, arfante e com falta de ar, a ele se agarra,
gritando em voz alta, enquanto atrás dela os inimigos
lhe batem com as lanças nas costas e nos ombros
para a arrastar para o cativeiro, onde terá trabalhos e dores,
e murchar-lhe-ão as faces com o pior dos sofrimentos —
assim Odisseu deixava cair dos olhos um choro confrangedor.

De todos os outros conseguiu ocultar as lágrimas;
só Alcínoo se apercebeu e reparou no que sucedia,
pois estava sentado perto dele e ouviu-o a suspirar.
Logo declarou aos Feaces que amam seus remos:

«Escutai, ó príncipes e conselheiros dos Feaces!
Que Demódoco não tanja agora a lira de límpido som,
pois nem a todos tem este canto o condão de agradar.
Desde que demos início ao banquete e o divino aedo
começou a cantar, desde então não parou de chorar
e de se lamentar o estrangeiro. A dor abateu-se sobre ele.
Que o canto cesse, para que todos nos alegremos,
anfitriões e hóspede, pois é muito melhor assim.
Foi em honra do estrangeiro que preparámos tudo isto:
o transporte e os presentes que lhe damos com amizade.
Um estrangeiro e suplicante é como um irmão
para o homem que atinja o mínimo do bom senso.
Assim, pela tua parte não escondas com intenção calculista
aquilo que te quero perguntar. Ficar-te-ia melhor falares.
Diz-me o nome pelo qual te tratam tua mãe e teu pai,
assim como todos os que habitam perto da tua cidade.
Pois entre os homens não há ninguém que seja anónimo,

seja ele de condição vil ou nobre, uma vez que tenha nascido:
mas os pais dão sempre um nome aos filhos, quando nascem.
E diz-me qual é a tua terra, qual é a tua cidade, para que até lá
as nossas naus te transportem, discernindo o percurso por si sós.
É que os Feaces não têm timoneiros, nem têm lemes,
como é hábito entre as naus dos outros; mas as próprias naus
compreendem os pensamentos e os espíritos dos homens,
e conhecem as cidades e férteis campos de todos,
atravessando o abismo do mar rapidamente, ocultadas
por nuvens e nevoeiro. Nunca receiam que algo de mal
lhes aconteça, nem nunca têm medo de se perder.
Mas há uma coisa: ouvi-a da boca de meu pai,
Nausítoo. Afirmou que Posídon se encolerizava
contra nós, porque damos a todos transporte seguro.
Disse que viria o dia em que uma nau bem construída
dos Feaces, ao regressar de um transporte sobre o mar brumoso,
seria atingida por Posídon, e ocultada atrás de uma grande montanha.
Assim falou o ancião. Estas coisas o deus cumprirá,
ou deixará por cumprir, conforme lhe aprouver ao coração.

Mas diz-me agora tu com verdade e sem rodeios,
por onde vagueaste, a que terras de homens chegaste;
fala-me deles e das cidades que eles habitam,
tanto dos que eram ásperos e selvagens como dos justos;
fala-me dos que acolhiam bem os hóspedes, tementes aos deuses.
E diz-me porque choras e te lamentas no coração
quando ouves falar da desgraça dos Dânaos Argivos e de Ílion.

Foram os deuses os responsáveis: fiaram a destruição para os homens,
para que também os vindouros tivessem tema para os seus cantos.
Será que algum parente teu tombou em Ílion, um valente
que era teu genro ou teu sogro (os parentes que mais próximos
são do nosso sangue e da nossa linhagem)? Ou então
um camarada de armas, que te encantava, nobre?
Pois de modo algum é inferior a um irmão
o camarada conhecedor da sensatez.»

Notas ao Canto 8

1-61 Esta sequência de versos tem muitos ingredientes formulares:

8.1-2 = 2.1-2;
8.6 = 6.14;
8.10 = 2.384;
8.15 = *Il*.5.792;
8.19 = 6.235;
8.20 = 18.195;
8.24 = 2.9;
8.25-27 = 7.185-187;
8.34 = 16.348;
8.40 = *Il*.9.68;
8.46 = 2.413;
8.50 = 2.407;
8.51-55 = 4.780-783.

Note-se, ainda, que o segundo hemistíquio de 36 é igual a *Il*.9.825; também o segundo hemistíquio de 38 é igual a 1.374.

2 «força sagrada de Alcínoo»: ver 7.167*.

3 «Saqueador de Cidades»: em grego, *ptolíporthos*. Na *Il*., a palavra é aplicada a mais de uma personagem, mas na *Od*. só é aplicada a Odisseu.

15 «estimulou a força e a coragem de cada um»: no seu contexto original (*Il*.5.792, mas o verso ocorre mais nove vezes na *Il*.), este verso faz sentido atendendo ao ambiente de campo de batalha. No presente contexto, afigura-se-nos deslocado.

18-20 «sobre ele Atena / derramara na cabeça e nos ombros uma beleza invulgar, / fazendo-o mais alto e mais musculoso»: a beleza já concedida pela deusa em 6.235 é agora reforçada pela entrada em ação de sobrenaturais anabolizantes.

23 «puseram à prova»: este aoristo tem causado estranheza aos comentadores, pois na realidade as provas atléticas só virão depois; não estão no passado. Zenódoto considerou este verso espúrio.

35 «cinquenta e dois mancebos»: trata-se de uma das expressões mais famosas da poesia homérica, por causa do número em que, irracionalmente, está declinada a palavra «mancebos» (*kourô*). A palavra está no dual, o que implica apenas dois mancebos. Como, na frase grega, a ordem

das palavras é «mancebos dois e cinquenta» (*kourô dè dúô kaì pentêkonta*), a explicação só pode ser que a proximidade de «dois» (*dúô*) condicionou a escolha do dual em vez do plural.

44 «Demódoco»: o significado do nome é «Recebido-pelo-povo». Note-se que, em 17.385, os aedos são referidos como trabalhadores de utilidade pública (por assim dizer), tal como médicos e carpinteiros.

47 «os detentores de cetro»: aqui sem a explicitação de «reis», como em 41.

48-49 «Os cinquenta e dois mancebos escolhidos caminharam, / como foi ordenado, para a orla do mar nunca vindimado»: outra extraordinária irracionalidade morfológica, já que «mancebos», «escolhidos» e «caminharam» estão no dual (ver 35*), apesar de serem mais de dois. Logo em 50 a situação regulariza-se, com os verbos conjugados no plural. Para a expressão «mar nunca vindimado», ver 1.72*.

60 «bois de passo cambaleante»: ver 1.92*.

64 «Privara-o da vista dos olhos; mas um doce canto lhe concedera»: a cegueira de Demódoco foi milenarmente interpretada como inseparável da tradição de que Homero era cego, para a qual também contribuiu o cantor cego do *HH a Apolo* 172. Bardos cegos fazem parte de várias tradições épicas fora do contexto grego: ver C.M. Bowra, *Heroic Poetry*, Londres, 1952, pp. 420-422. Ver também o interessante artigo de R.G.A. Buxton, «Blindness and Limits: Sophokles and the Logic of Myth», *Journal of Hellenic Studies* 100 (1980), pp. 22-37.

75 «a contenda entre Odisseu e Aquiles, filho de Peleu»: a *Il*., como se sabe, tem como tema a contenda entre Aquiles e Agamémnon. A contenda aqui referida, entre o herói da *Il*. e o da *Od*., não é conhecida na restante literatura grega.

79-80 «assim lhe dera Febo Apolo uma indicação oracular, / na sagrada Pito»: o topónimo «Delfos» não ocorre nos poemas homéricos (nem em Hesíodo): a designação é sempre *Puthô* («Pito»). Note-se, ainda, que a ideia de consultar o oráculo de Delfos é estranha à mundividência homérica; este é o único passo em que tal possibilidade é colocada.

86-92 Os heróis homéricos são de lágrima fácil: isso verifica-se não só no caso de Aquiles, como também no do próprio Odisseu, que nos é apresentado pela primeira vez no Canto 5 lavado em lágrimas. Ver os seguintes estudos (curiosamente todos de estudiosas da poesia grega): Ingrid Waern, «Der weinende Held», *Eranos* 83 (1985), pp. 223-229; Hélène Monsacré, *Les larmes d'Achille*, Paris, 1984; Sabine Föllinger, «Tears and Crying in Archaic Greek Poetry», in T. Fögen (org.), *Tears in the Graeco-Roman World*, Berlim & Nova Iorque, 2009, pp. 17-36.

102-103 «somos excelentes / no pugilato, na luta»: o contrário é afirmado em 246 («não somos irrepreensíveis no pugilato nem na luta»).

111-116 Os nomes dos mancebos Feácios têm, naturalmente, sentidos náuticos: Acroneu («Cimo-de-Navio»), Oquíalo («Mar-Rápido»), Elatreu («Timoneiro»), Nauteu («Homem-do-Barco»), Primneu («Homem-da-Popa»), Anquíalo («Mar-Próximo»), Eretmeu («Remador»), Ponteu («Mar-Alto»), Proreu («Homem-da-Proa»), Tóon («Rápido»), Anabiseneu («Embarcador»), Anfíalo («Mar-à-Volta»), Polineu («Muitos-Barcos»), Técton («Construtor»), Euríalo («Mar-Amplo»), Náubolo

(«Atirador-de-Nau»). Dos três filhos de Alcínoo, dois têm nomes náuticos: Hálio («Marítimo») e Clitoneu («Famoso-Navio»).

122 «irrepreensível Clitoneu»: em 117, «irrepreensível» foi aplicado a Laodamante, irmão de Clitoneu; em 118, a Alcínoo, pai de ambos. Talvez o sentido «bonito» se aplique aqui, mais do que «irrepreensível»; mas o significado deste adjetivo recorrente é incerto (ver 1.29*).

125 «povo»: não nos esqueçamos de que são «aos milhares» (110).

142 «Vai agora desafiá-lo, falando-lhe publicamente»: este verso é um bom exemplo de como as atitudes em relação à poesia homérica mudam ao longo dos séculos: considerado inautêntico por Zenódoto, Aristófanes de Bizâncio e Aristarco, mesmo assim é dado como autêntico nas nossas edições modernas (tanto na de Oxford como na de Estugarda).

146*b* «Fica-te bem conheceres contendas atléticas»: as palavras «fica» (*éoike*) e «conheceres» (*ídmen*) chamam a atenção em grego pelo facto de ignorarem duas vezes o digama em posições onde ele existe etimologicamente (a métrica devia subentender *wéwoike* e *wídmen*).

171-172 Estes versos têm suscitado muita discussão por causa da semelhança com uma passagem de Hesíodo (*Tgn.*84-92), levantando-se a questão da prioridade de uma passagem em relação a outra. No seu livro de 1934, I. Sellschopp argumentou que a passagem de Hesíodo é mais antiga (*Stilistische Untersuchungen zu Hesiod*, Hamburgo, 1934). Mais tarde, F. Solmsen argumentou que é a passagem da *Od*. que é mais antiga («The Gift of Speech in Homer and Hesiod», *Transactions of the American Philological Society* 85 [1954], pp. 1-15). Não existe uma posição unânime da parte dos estudiosos. No entanto, note-se que, no seu livro de 2014, West considerou que 170-173 «parecem ter sido adaptados» da passagem da *Tgn.* (West, *Odyssey*, p. 33).

175 «as palavras dele não foram coroadas com a grinalda da graça»: expressão imitada por Th omas Mann em *Der Tod in Venedig* (*A Morte em Veneza*): *Frühe Erzählungen (Große Kommentierte Ausgabe)*, Frankfurt, 2004, p. 540.

187 «disco»: na época clássica, um disco podia pesar à volta de 7 kg, mas também se usavam discos de peso inferior (cf. Dawe, p. 319; Oxf.i, p. 357).

190-191 «O disco zumbiu no voo; e no chão se agacharam / os Feaces de longos remos, famosos pelas suas naus»: a narração é tão fortemente visual que assume para nós, leitores modernos, uma qualidade quase cinematográfica. Na frase grega especifica-se que o disco é de pedra. Dawe (p. 319) interroga-se sobre a intenção de 192, se será irónica (como deverá ser em 13.166, quando a nau dos famosos navegadores é transformada em pedra).

207 «à exceção de Laodamante»: trata-se da única ocorrência, em toda a poesia homérica, de «à exceção de» (em grego uma só palavra: o advérbio *plên*).

211 «em tudo só a si mesmo se prejudica»: frase de sentido muito difícil. O verbo *koloúô* significa «cortar», «podar»; e o sentido literal da frase talvez fosse «corta tudo de si próprio», embora o emprego do verbo em 11.340, quando Alcínoo diz aos Feaces para não «cortarem» nos presentes a oferecer a Odisseu, saliente a sua vocação metafórica na poesia homérica (onde, em boa verdade, nunca é usado no sentido literal de «cortar»).

215-217 «eu sei bem manejar o arco bem polido: / era sempre eu o primeiro a atirar e acertar contra a multidão / de inimigos»: nada do que lemos na *Il*. confirma este autorretrato de Odisseu, pois na *Il*. ele nunca é mostrado como archeiro, mas sempre como lanceiro. G.S. Kirk chamou a atenção para esta «diferença radical» entre a *Il*. e a *Od*., em *The Songs of Homer*, Cambridge, 1962, p. 290.

219 «Filoctetes»: já referido em 3.190 (de resto, nos poemas homéricos só é mencionado em *Il*.2.716-728).

224 «Héracles»: para Héracles como archeiro, ver também 11.606. Êurito era pai de Íole, que oferecera a filha como prémio a quem o derrotasse numa competição de arco e flecha. Tendo sido derrotado por Héracles, Êurito recusou-se a cumprir o prometido, pelo que Héracles saqueou a Ecália (as consequências são dramatizadas por Sófocles na sua tragédia *Traquínias*). No Canto 21, uma digressão contar-nos-á como o arco de Êurito foi parar à posse de Odisseu (21.13-41).

230 «Na corrida é que receio poder vencer-me algum dos Feaces»: recorde-se que, nos jogos fúnebres em honra de Pátroclo na *Il*., Odisseu ganha o primeiro prémio na corrida (*Il*.23.778-779), ainda que graças ao *doping* que foi, no caso, a ajuda sobrenatural dada por Atena.

240 «na sua mente»: nesta expressão encontramos um fóssil linguístico de extraordinária antiguidade na palavra traduzida por «sua», em grego *hêisi* (esta é a forma que lemos nas nossas edições), estando implícito não só um digama antigo como um sigma inicial, *swêisi*, o que torna esta forma antiquíssima cognata da própria palavra portuguesa «sua».

243 «na companhia da tua mulher»: curiosamente, em 7.311-313, Alcínoo dirigira-se a Odisseu como potencial genro. Mais à frente, em 410, também Euríalo partirá do princípio de que Odisseu é casado.

246 «não somos irrepreensíveis no pugilato nem na luta»: ver 102-103*.

249 «as mudas de roupa, os banhos quentes e as camas»: verso memoravelmente citado por Thomas Mann em *Der Tod in Venedig* (*A Morte em Veneza*), p. 534 (ver 175*), quando Tadzio é descrito como «pequeno feace». Em relação ao verso da *Od*., os estudiosos não chegam a consenso sobre se «camas» (*eunaí*) deve ou não ser interpretado como eufemismo para «sexo».

250 «bailarinos»: em grego, *bêtármones*. A palavra é rara (a palavra normal seria *orkhêstaí*) e, em toda a poesia homérica, ocorre apenas aqui e em 383.

260-264 «Nivelaram o piso para a dança […] / Aproximou-se o arauto, trazendo a lira de límpido som / para Demódoco, que se colocou no meio; e em seu redor / se posicionaram mancebos na floração da juventude, / exímios bailarinos, que o solo sagrado percutiram com os pés»: na *Il*. (18.494-495), é-nos descrita uma dança acompanhada com música proporcionada por um instrumento de sopro. A *Od*., com a sua preferência por instrumentos de corda dedilhada (*phórminx* e *kítharis*), não faz menção de instrumentos de sopro, e aqui a dança é acompanhada por Demódoco a tocar a sua lira (*phórminx*; em 248 falara-se em *kítharis*, mas o instrumento é presumivelmente o mesmo). Sobre toda esta sequência poético-balética, algumas perguntas se levantam. Em 264, refere-se que os exímios bailarinos na floração da juventude percutiram o solo sagrado com os pés e refere-se, ainda, a reação encantada de Odisseu. De seguida é referido que Demódoco dá início ao canto sobre os amores clandestinos de Ares e Afrodite. Alguns estudiosos têm duvidado se as duas coisas

devem ser interpretadas como acontecendo em simultâneo (isto é, o bailado dos mancebos como acompanhamento coreográfico do canto de Demódoco – ou vice-versa, o canto de Demódoco como acompanhamento musical do bailado dos mancebos). Deve-mos concluir da leitura do texto que primeiro temos (a) um bailado dançado pelos mancebos; (b) em segundo lugar, o canto de Ares e Afrodite; e (c), por último, o *pas de deux* de Hálio e Laodamante? Ou será de inferir que (a) e (b) acontecem em simultâneo? Dawe (p. 324) chamou a atenção para a tendência homérica de narrar de forma sucessiva eventos que, na realidade, são simultâneos; é dessa caraterística da *Od*. e da *Il*. que derivam, decerto, as dúvidas sobre como devemos interpretar a sequência deste episódio, para o qual continua a ser imprescindível o estudo de W. Burkert, «Das Lied von Ares und Aphrodite», *Rheinisches Museum* 103 (1960), pp. 130-144 = *Kleine Schriften I*, pp. 105-116.

258 «oficiais»: ou, talvez, «árbitros». Não é certo o sentido de *aisumnêtai*, palavra que, além do presente verso, ocorre somente em *Il*.24.347, com o sentido de «príncipe» ou «jovem aristocrata».

263 «mancebos»: em grego, *koûroi* (a palavra, no texto grego, ocorre em 262). Na dança descrita em *Il*.18.594, temos intervenientes de ambos os sexos; mas, no caso desta dança na *Od*., a execução está a cargo de um corpo de baile exclusivamente constituído por homens.

267 «o belo canto dos amores de Ares e de Afrodite»: na *Od*., Afrodite está casada com Hefesto e a sua relação com Ares é, para todos os efeitos, adúltera; na *Il*., porém, Hefesto é casado com Cáris (*Il*.18.382), além de que, no poema anterior, Ares e Afrodite são irmãos (*Il*.5.359). Todo este poema-dentro-do-poema ostenta caraterísticas morfológicas e fonéticas que o colocam na fase final da tradição épica, caraterísticas essas das quais podemos dizer que representam «o estilo tradicional numa forma altamente evoluída» (Oxf.i, p. 364).

271 «Sol»: chama de imediato a atenção esta forma morfologicamente tardia da palavra «Sol» (*Hêlios*), que só ocorre aqui em toda a *Od*. e toda a *Il*. (a forma normal nos poemas homéricos é *Hêélios*).

276 «Ares»: a forma de dativo do nome aqui utilizada (*Árei*) configura, de modo único na poesia homérica, um espondeu (— —).

283 «Lemnos»: a associação de Hefesto a Lemnos já está presente na *Il*.1.593. A equivalência do nome da ilha ao da cidade está também presente na *Il*.14.230.

285 «vigília cega»: a palavra *alaoskopiê* («vigília cega», um espantoso oximoro, já que o adjetivo *alaós* significa «cego») aparece desconjuntada na ed. de Estugarda, onde lemos *alaós* separadamente em nominativo, aplicado a Ares. É preferível entender a palavra como ela está na ed. de Oxford, em consonância com *Il*.10.515, 13.10 e 14.135 (tanto na ed. de Oxford da *Il.* como na de West).

288 «Citereia»: este epíteto de Afrodite está associado à ideia do seu nascimento no mar a partir da espuma causada pela queda dos órgãos genitais de Úrano, castrado pelo seu fi lho Crono (*Tgn.*198). A ilha de Citera foi o primeiro solo pisado pela deusa. No entanto, a *Il*. parece desconhecer este mito do nascimento de Afrodite, pois nessa epopeia Afrodite é-nos apresentada como fi lha de Zeus e de Dione (ver sobretudo o Canto 5). Também no presente episódio (308), Afrodite é referida como «fi lha de Zeus» (cf. 289). Nos poemas homéricos, o epíteto «Citereia» só ocorre aqui e em *Od*.18.193; mas ocorrerá várias vezes no tardio *HH a Afrodite*.

291 «tratando-a pelo nome»: ver 3.374*.

300 «ambidestro»: não se sabe o sentido da palavra grega *amphiguêeis*. Há quem defenda que significa «coxo», mas não existe certeza sobre o assunto. Na tradução «ambidestro», sigo Dawe (p. 327). O estudo mais aprofundado sobre o assunto é de H. Humbach, «*Amphíguos* und *Amphiguêeis*», in *Studi linguistici in onore di V. Pisani*, Vol. II, Brescia, 1969, pp. 569-578.

303 «Dirigiu-se para sua casa, de coração entristecido»: verso ausente de uma maioria signifi cativa de manuscritos e colocado, por esse motivo, entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

307 «não risível»: não é certo se a palavra aqui em causa deve ser grafada com o sentido de «risível» (*gelastá*) ou de uma forma que a transforma no antónimo de «risível» (*agélasta*). A ed. de Oxford opta pela primeira hipótese («risível»); a de Estugarda, pela segunda («inrisível»).

308 «coxo»: a palavra aqui (*khôlós*) não oferece qualquer dúvida.

318 «até que o pai me devolva tudo»: Hefesto refere-se concretamente ao pai de Afrodite, mas, na realidade mitológica, o seu próprio pai é o mesmo: Zeus.

321 «Reuniram-se os deuses»: a expressão dá a entender que vieram todos os deuses olímpios, o que implicaria a presença de Zeus.

__ «chão de bronze»: na fantasia dos poetas épicos a imaginarem aquilo a que nós chamamos «Idade do Bronze», o bronze surge em contextos para os quais não há verosímil sustento arqueológico (como no presente caso; cf. 13.4). Recorde-se que as próprias paredes do palácio de Alcínoo foram descritas como sendo de bronze (7.86); e na ilha de Éolo encontraremos uma muralha de bronze (10.4). Depararemos, ainda, com o limiar de bronze em 16.41.

322 «Auxiliador»: palavra (*erioúnês*) de sentido altamente incerto. Outros sentidos propostos são «Gracioso» e «Corredor-Veloz» (Oxf.i, p. 369).

324 «mais femininas»: em grego, o comparativo do adjetivo com sentido de «fêmea» (*thêlúterai*).

325 «Dadores de Boas Coisas»: expressão possivelmente muito antiga, que ocorre também em 335 e em *Il*.24.528 (e várias vezes na *Tgn.*).

329-365 O resto do episódio desenvolve-se num tom de alta comédia, como bem viu W.M. Hart, «High comedy in the *Odyssey*», *University of California Publications in Classical Philology* 12 (1943), pp. 263-278.

336 «esmagado pelas fortes correntes»: aparentemente uma contradição em relação a 279-281.

338 «Argeifonte»: ver 1.38*.

341 «e que vós deuses estivésseis a ver, e todas as deusas»: a imaginação pornográfica de Hermes vai mais longe do que a narração anterior, onde as deusas («mais femininas») se abstiveram de participar no ato de voyeurismo.

343 «o riso brotou entre os deuses imortais»: neste riso há uma dimensão de *Schadenfreude* (comprazimento com a desgraça alheia), como viu Hainsworth (Oxf.i, p. 370), mas ao mesmo tempo há uma dimensão quase catártica, como notou M.O. Pulquério, a qual eleva o episódio acima da «chocarrice impudica» em que, nas mãos de um poeta menos genialmente talentoso, esta narração

podia ter resvalado (ver M.O. Pulquério, «O significado do riso nos poemas homéricos», *Humanitas* 8-9 [1959-1960], pp. 45-65; a expressão citada é da p. 64).

346 «palavras apetrechadas de asas»: ver 1.122*.

361 «Ares foi para a Trácia»: a associação de Ares à Trácia está presente em *Il*.13.301.

362 «para Chipre se dirigiu Afrodite, deusa dos sorrisos»: o epíteto *philommeidês* («amante de sorrisos») já foi interpretado como uma expressão do prazer sexual (D. Boedeker, *Aphtodite's Entry into Greek Epic*, Leiden, 1974, pp. 32-42). Estes versos associando Afrodite a Chipre ocorrem novamente depois, com ligeiras modificações, no *HH a Afrodite* 59-63.

372 «esfera»: em grego, *sphaírê*. Uma esfera purpúrea é também mencionada num poema de Anacreonte (fr. 358 Page), com um sentido claramente erótico que não discernimos aqui.

373 «Pólibo»: um nome metricamente conveniente no hexâmetro quando a palavra que se lhe segue começa por consoante. Não admira, portanto, que seja o nome do pai de Eurímaco (1.399), o nome do rei do Egito (4.126) e o nome do pai de outro pretendente de Penélope (22.284).

393 «e que traga um talento de ouro valioso»: se 13 pessoas oferecerem um talento de ouro, isso dá entre 320 kg e 450 kg de ouro (dependendo da forma como calcularmos o peso, em medidas atuais, de um talento: cf. Dawe, p. 334; Oxf.i, p. 373). A dúvida levanta-se, pois, a respeito da exequibilidade de uma pessoa sozinha (como Odisseu estará depois de chegar a Ítaca) transportar nas mãos ou às costas 320 kg de ouro.

410 «que os deuses te concedam rever a tua mulher»: ver 243*.

417 «o Sol pôs-se»: a noite que agora começa será longa, decerto a mais longa de toda a literatura grega, pois não só acontecerá nela o canto de Demódoco sobre o cavalo de pau, como toda a narração (cerca de 2000 versos) das errâncias de Odisseu pelo próprio herói. As personagens que assistem agora a este anoitecer só irão para a cama em 13.17.

429 «hino»: única ocorrência da palavra *húmnos* nos poemas homéricos.

439-440 «uma arca lindíssima, e nela colocou as belas oferendas: / as roupas e o ouro»: extraordinária arca esta, na qual cabem 320 kg de ouro!

449 «Logo de seguida»: em grego, *autódion*. Trata-se da única ocorrência deste advérbio em toda a literatura grega.

454 «Depois que as escravas o banharam»: ver 6.129*, 210.

457-458 «Nausícaa, dotada da beleza dos deuses, / encostou-se a uma coluna perto da ombreira da sala»: gesto de Penélope em 1.333 (e que veremos de novo, mais três vezes, na segunda metade do poema). Há pouco tivemos a menção de Circe (448); logo de seguida foi-nos lembrado o nome de Calipso (452); e agora, com a aparição de Nausícaa, vemos em simultâneo as duas mulheres mortais que, no poema, se interessam pelo herói.

461 «De ti me despeço, ó estrangeiro»: por artificial que nos possa parecer, em Esquéria ainda ninguém sabe o nome de Odisseu. A despedida tem lugar agora, mas a partida só ocorrerá no Canto 13.

467 «todos os dias»: o facto de o poeta pressupor, na palavra grega correspondente a «dias», um digama inexistente aponta para a composição tardia deste verso; o mesmo podemos dizer da forma verbal *ebiôsao*, com a sua morfologia ática (cf. Dawe, p. 340).

483 «herói Demódoco»: é curioso pensarmos que, na *Il*. e na *Od*., é atribuído aos seus heróis-protagonistas um conhecimento prático da arte do aedo (no caso de Aquiles, ver *Il*.9.189; no caso de Odisseu, será Alcínoo a gabar-lhe a perícia de um aedo em *Od*.11.367-368; note-se também a comparação entre Odisseu e um aedo em *Od*.21.406 -411). Mais curiosa ainda é esta atribuição ao aedo Demódoco do estatuto de «herói». Sabemos que Arquíloco, poeta do século VII a.C., recebeu honras e culto de herói (cf. G. Nagy, *Th e Best of the Achaeans: Concepts of Hero in Archaic Greek Poetry*, Baltimore, 1979, p. 301). Sob certo ponto de vista, há quase que uma consanguinidade entre herói e aedo, devido à interdependência entre o renome alcançado pelo aedo e o renome que o aedo concede ao herói. Como dirá, no século VI, o poeta Íbico ao herói-tirano Polícrates de Samos (fr. 282 Page), «também tu, ó Polícrates, terás glória imortal / por intermédio do meu canto e do meu renome».

488 «Apolo»: só aqui referido como inspirador de aedos na poesia homérica (mas esse estatuto está claro em *Tgn*.94-95).

489-492 Odisseu dirige-se a Demódoco como se o aedo tivesse estado o tempo inteiro a cantar histórias da Guerra de Troia e como se não tivesse ouvido o canto sobre Ares e Afrodite, com o qual, no entanto, Odisseu explicitamente se deleitou (cf. 367-368).

492-494 «canta-nos a formosura do cavalo / de madeira […] / que o divino Odisseu levou para a acrópole pelo dolo»: estará Odisseu a pôr a perícia de Demódoco à prova, dando a pista falsa de que «Odisseu» não estava dentro do cavalo? O pudor como, na poesia homérica, se abdica de escancarar a motivação psicológica das personagens leva a que fiquemos aqui com um enorme «porquê?» nas nossas cabeças no respeitante à razão que subjaz a este pedido de Odisseu, para que seja agora cantada a sua própria história. Note-se que «formosura» é a única ocorrência na *Od.* da palavra *kósmos* fora da expressão adverbial *katà kósmon* («por ordem», «ordenadamente»).

493 «Epeio»: apesar de referido por Eurípides (*Troianas*, 10) como artífice do cavalo de pau, na *Il*. Epeio é somente o nome de alguém que se distingue no pugilato e no halterofilismo durante os jogos fúnebres em honra de Pátroclo (*Il*.23.664 e 838). De resto, a personagem é referida por Estesícoro como carregador de água dos Atridas (fr. 200 Page = fr. 100 Davies & Finglass). Sobre a personagem de Epeio, ver P.J. Finglass, «How Stesichorus Began His *Sack of Troy*», *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* 185 (2013), pp. 1-17, especialmente pp. 9-13.

504 «os próprios Troianos o tinham arrastado para a acrópole»: podemos estranhar que os Troianos tenham primeiro arrastado o cavalo para a acrópole, para só depois, numa segunda fase, discutir o que fazer com ele. Note-se como Helena está ausente desta versão do cavalo de pau, ao contrário do que lêramos em 4.271-289.

517 «Deífobo»: mencionado em 4.276. O casamento de Deífobo e Helena (depois da morte de Páris) nunca é explicitamente mencionado na poesia homérica, mas parece estar implícito tanto aqui como no passo citado do Canto 4.

520 «magnânima Atena»: uma das duas ocorrências na poesia homérica em que o adjetivo *megáthumos* é aplicado a um deus (a outra é 13.121).

523-531 «Tal como chora a mulher que se atira sobre o marido / que tombou à frente da cidade e do seu povo»: este símile constitui um dos momentos mais extraordinários da poesia grega, antes de mais pela forma como retrata a dor indizível das mulheres que sobrevivem ao saque da sua cidade para doravante estarem sujeitas a uma vida de trabalhos forçados e de abusos. Ao mesmo tempo, o facto de o choro de Odisseu ser comparado ao de mulheres a quem ele próprio infligiu esta dor indizível (e muito pior será o retrato de Odisseu numa tragédia como *Hécuba*) leva-nos a perguntar se o símile será inteiramente apropriado. No fundo, o poeta tem consciência de que «guerra significa derrota de forma tão certa como significa vitória» (Dawe, p. 344).

529 «cativeiro»: a palavra usada (*eíreron*) só ocorre aqui em toda a literatura grega. A palavra normal seria *aikhmalôsía*.

552 «anónimo»: *anônumos* em sentido literal, «sem nome». A palavra só ocorre aqui na poesia homérica.

557-563 Esta descrição das propriedades mágicas das naus dos Feaces cai, por assim dizer, de paraquedas, depois de tantos versos sobre a perícia náutica deste povo nos Cantos 6, 7 e 8.

564-571 Versos (prolépticos em relação a 13.159-164) considerados espúrios por Aristarco.

578 «Dânaos Argivos»: na poesia homérica, os Gregos são ou «Dânaos» ou «Argivos». Só aqui são ambas as coisas.

580 «seus cantos»: chama a atenção a morfologia ática da palavra correspondente a «seus» (*êisi*). A forma homérica seria *éêisi*.

Canto 9

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Alcínoo poderoso, excelente entre todos os povos,
na verdade é coisa bela ouvirmos um aedo
como este, cuja voz à dos deuses se assemelha.
Pois afirmo que não há na vida finalidade mais bela
do que quando a alegria domina todo o povo,
e os convivas no palácio ouvem o aedo sentados
em filas; junto deles estão mesas repletas
de pão e de carnes; e o escanção tira vinho puro
do vaso onde o misturou, e serve-o a todos em taças.
É isto que me parece a melhor coisa de todas.

Mas o teu espírito voltou-se para as minhas desgraças,
para que eu chore e me lamente ainda mais.
Que coisa te contarei primeiro? Que coisa no fim?
Pois muitas foram as desgraças que me deram os Olímpios.
Agora direi em primeiro lugar o meu nome, para que fiqueis
a sabê-lo, e para que de futuro, tendo fugido ao dia impiedoso,
eu possa ser vosso anfitrião, embora seja longe a minha casa.

Sou Odisseu, filho de Laertes, conhecido de todos os homens
pelos meus dolos. A minha fama já chegou ao céu.

É na soalheira Ítaca que habito. Nela há uma montanha:
o Nériton, coberto de árvores agitadas pelo vento, bem visível.
Em redor de Ítaca estão outras ilhas perto umas das outras:
Dulíquio, Same e a frondosa Zacinto. A própria Ítaca não se eleva
muito acima do nível do mar; está virada para a escuridão do Ocaso;
mas as outras ilhas apontam para a Aurora, para a luz.
É uma ilha áspera, mas boa criadora de mancebos.
Nada vejo de mais doce do que a vista da nossa terra.

Na verdade reteve-me Calipso, divina entre as deusas,
em suas côncavas grutas, ansiosa de que me tornasse seu marido.
De igual modo me reteve no seu palácio Circe,
Enganadora de Eeia, ansiosa de que me tornasse seu marido.
Mas nunca persuadiram o coração no meu peito.
Por isso nada é mais doce que a pátria ou os progenitores,
ainda que se habite numa casa cheia de riquezas
em terra estrangeira, longe de quem nos deu a vida.
Mas contar-vos-ei também o meu regresso muito doloroso:
o regresso que Zeus me impôs desde que parti de Troia.

De Ílion fui levado pelo vento até aos Cícones,
até Ísmaro: aí saqueei a cidade e chacinei os homens.
Da cidade levámos as mulheres e muitos tesouros, que dividimos
para que por mim ninguém visse sonegada a parte que lhe cabia.
Aí dei ordens no sentido de fugirmos com passo veloz;

mas eles, imensamente tolos, não quiseram obedecer.
Ali ficaram a beber muito vinho; e muitas ovelhas sacrificaram
junto à praia e gado de chifres recurvos com passo cambaleante.
Entretanto os Cícones foram chamar outros Cícones,
que eram seus vizinhos, ao mesmo tempo mais numerosos e valentes.
Viviam no continente e sabiam, montados em cavalos,
lutar com homens e, se tal se afigurasse necessário, a pé.

Chegaram de seguida, como nascem folhas e flores na primavera,
brumosos. Então o destino malévolo de Zeus se postou
ao nosso lado (homens fadados!), para padecermos muitas dores.
Combateram e lutaram junto das côncavas naus;
de ambos os lados voavam lanças de brônzea ponta.
Enquanto era ainda de manhã e crescia em força o dia sagrado,
repelimo-los sem dali arredar pé, embora eles fossem mais.
Mas quando o Sol trouxe a hora de desatrelar os bois,
então prevaleceram os Cícones, subjugando os Aqueus.
E de cada nau pereceram seis camaradas de belas cnémides,
embora nós, os outros, conseguíssemos fugir à morte e ao destino.

Daí navegámos em frente, entristecidos no coração,
mas aliviados por termos escapado à morte,
apesar de terem perecido os companheiros.
E não deixei que avançassem as naus recurvas antes que alguém
chamasse três vezes pelos nomes dos infelizes companheiros

que tinham morrido na planície, chacinados pelos Cícones.

Mas contra as naus atirou Zeus, que comanda as nuvens,
o Bóreas em tempestade sobrenatural; com nuvens ocultou
a terra e o mar. A noite desceu a pique do céu.
Algumas das naus foram arrastadas em sentido lateral;
esfarraparam-se-lhes as velas devido à violência do vento.
Amainámos então as velas, receando a destruição,
e remámos apressadamente em direção ao continente.
Aí jazemos continuamente durante duas noites e dois dias,
devorando o coração com dores e cansaço.
Mas quando a Aurora de belas tranças trouxe o terceiro dia,
colocámos os mastros, içámos as brancas velas e sentámo-nos
nos bancos, enquanto o vento e o timoneiro guiavam a nau.
E incólume teria eu regressado à minha terra pátria,
se me não tivessem desviado do curso as ondas, a corrente
e o Bóreas quando circum-navegava Maleia, para lá de Citera.

Durante nove dias fui levado por ventos terríveis
sobre o mar piscoso. Ao décimo dia desembarcámos
na terra dos Lotófagos, que comem alimento floral.
Aí pisámos a terra firme e tirámos água doce.
E logo os companheiros jantaram junto às naus velozes.
Mas depois de termos provado a comida e a bebida,
mandei sair alguns companheiros para se informarem
acerca dos homens que daquela terra comiam o pão.
Escolhi dois homens, mandando um terceiro como arauto.
Partiram de imediato e introduziram-se no meio dos Lotófagos.
E não ocorreu aos Lotófagos matar os nossos companheiros;

em vez disso, ofereceram-lhes o lótus, para que o comessem.
E quem entre eles comesse o fruto do lótus, doce como mel,
já não queria voltar para dar a notícia, ou regressar a casa;
mas queriam permanecer ali, entre os Lotófagos,
mastigando o lótus, olvidados do seu regresso.
À força arrastei para as naus estes homens a chorar,
e amarrei-os aos bancos nas côncavas naus.
Porém aos outros fiéis companheiros ordenei
que embarcassem depressa nas rápidas naus,
não fosse alguém comer o lótus e esquecer o regresso.
Eles embarcaram logo e sentaram-se nos bancos. E cada um
no seu lugar, percutiram com os remos o mar cinzento.

Dali navegámos em frente, entristecidos no coração.
Chegámos à terra dos Ciclopes arrogantes e sem lei
que, confiando nos deuses imortais, nada semeiam
com as mãos nem aram a terra; mas tudo cresce
e dá fruto sem se arar ou plantar o solo:
trigo, cevada e as vinhas que dão o vinho a partir
dos grandes cachos que a chuva de Zeus faz crescer.
Para eles não há assembleias deliberativas nem leis;
mas vivem nos píncaros das altas montanhas
em grutas escavadas, e cada um dá as leis à mulher
e aos filhos. Ignoram-se uns aos outros.

Ora existe uma ilha fértil, que se estende além do porto;
da terra dos Ciclopes não fica perto nem longe.
É bem arborizada e nela vivem cabras selvagens
em número ilimitado, pois não há veredas humanas

que as desincentivem, nem lá vão ter caçadores
que sofrem trabalhos nos cimos das montanhas.
Também não há rebanhos, nem terra cultivada;
mas permanece sem ser semeada e arada, isenta
de homens, alimentando as cabras balidoras.
É que os Ciclopes não têm naus de vermelho pintadas,
nem têm no seu meio homens construtores de naus,
que bem construídas naus lhes construíssem — naus que dessem
conta das suas necessidades, chegando às cidades dos homens,
tal como os homens atravessam o mar, visitando-se uns aos outros;
homens esses que teriam feito da ilha um terreno cultivado,
pois a terra não é má: tudo daria na época própria.
Há prados junto às margens do mar cinzento,
bem irrigados e amenos, onde as vinhas seriam imperecíveis.
A terra é fácil de arar; e na altura certa poder-se-ia ceifar
excelentes colheitas, de tal forma rico é o solo por baixo.

Há um porto com bom ancoradouro, onde não são precisas
amarras, âncoras de pedra ou cordas atadas à proa;
mas é possível ali aportar e esperar que o espírito
dos marinheiros os incite a largar, quando sopram as brisas.
Junto à cabeça do porto flui uma água brilhante,
uma fonte sob as cavernas, com álamos a toda a volta.
Aí foi ter a nossa navegação e algum dos deuses nos guiou
através da escuridão da noite, pois nada se via em frente.
Havia um denso nevoeiro à roda das naus; e nem a Lua
no céu brilhava, mas ocultava-se atrás das nuvens.
Não podíamos contemplar a ilha com os nossos olhos,

nem víamos as grandes ondas a rebentar na praia
antes que conseguíssemos trazer as naus até à costa.
Depois de termos trazido as naus para a praia, descemos
todas as velas e desembarcámos na orla do mar.
Aí adormecemos, à espera da Aurora divina.

Quando surgiu a que cedo desponta, a Aurora de róseos dedos,
percorremos a ilha, maravilhando-nos com o que víamos.
E as Ninfas, filhas de Zeus, Detentor da Égide, puseram a correr
as cabras-monteses, para darem uma refeição aos companheiros.
Logo tirámos das naus os arcos recurvos e os longos dardos;
e formando três grupos, partimos para a caça.
Deu-nos o deus uma caçada para satisfazer o coração.
Comigo seguiam doze naus: ora a cada uma das naus
calharam em sorte nove cabras. Só a mim deram dez.

Todo o dia, até ao pôr do Sol, nos banqueteámos,
sentados a saborear a carne abundante e o doce vinho.
Pois das naus não se esgotara ainda o rubro vinho:
tínhamos suficiente, porque cada tripulação ficara
com muitos jarros quando saqueámos a cidade dos Cícones.
Olhámos então para a terra dos Ciclopes, ali tão perto,
e vimos fumo a subir; ouvimos vozes, deles e dos rebanhos.
O Sol pôs-se e sobreveio a escuridão.
Deitámo-nos a dormir na orla do mar.

Quando surgiu a que cedo desponta, a Aurora de róseos dedos,
reuni os companheiros e assim falei para todos:

“Ficareis agora aqui alguns de vós, ó fiéis companheiros,
enquanto eu, na minha nau, com os outros, irei indagar,
a respeito dos homens desta terra, quem eles são:
se são arrogantes e selvagens, ou se prezam a justiça;
se são hospitaleiros e se a mente deles é temente aos deuses.”

Assim dizendo, embarquei na nau, ordenando aos outros
que embarcassem e soltassem as amarras.
Eles embarcaram logo e sentaram-se nos bancos. E cada um
no seu lugar, percutiram com os remos o mar cinzento.
Mas quando chegámos ao lugar que estava ali perto,
ali, perto da costa, vimos uma gruta ao pé do mar:
uma gruta elevada, coberta de loureiros; muitos rebanhos,
tanto de ovelhas como de cabras, ali dormiam. Em volta
fora construído um alto recinto com pedras metidas na terra
e com grandes pinheiros e carvalhos de copas elevadas.

Aí dormia um homem monstruoso, que sozinho apascentava
os seus rebanhos, à distância, sem conviver com ninguém:
mantinha-se afastado de todos e não obedecia a lei alguma.
Fora criado assim: um monstro medonho. Não se assemelhava
a quem se alimenta de pão, mas antes ao cume cheio de arvoredos
de uma alta montanha, que à vista se destaca dos outros.

Dei ordens a alguns dos meus fiéis companheiros
para que ficassem junto à nau para a guardarem.
Depois, escolhendo os doze melhores, pus-me a caminho.
Comigo levava um odre de pele de cabra, cheio de vinho

escuro e doce, que me dera Máron, filho de Evanteu,
sacerdote de Apolo, o deus tutelar de Ísmaro,
porque lhe protegêramos por respeito a esposa e o filho.
Habitava no bosque frondoso de Febo Apolo
e a mim ofereceu presentes gloriosos:
deu-me sete talentos de ouro bem trabalhado
e uma taça para misturar vinho, toda de prata;
e vinho, ainda, com que encheu doze jarros:
vinho doce, sem mistura, bebida divina!, o qual
ninguém dos escravos ou das escravas da casa conhecia;
mas somente Máron; a esposa amada; e uma só governanta.
Quando surgia a ocasião para beberem o rubro vinho, doce
como mel, enchia-se uma taça, a que se misturava vinte de água;
e um aroma suave, divino, se evolava da cratera:
nesse momento não haveria prazer em abdicar da bebida!
Foi com este vinho que enchi o grande odre; e víveres pus
também num saco. Pois de repente o meu espírito orgulhoso
pressentiu que encontraríamos um homem vestido de grande
violência, selvagem, desconhecedor de leis e de justiça.

Chegámos rapidamente à gruta, mas não o encontrámos
lá dentro; é que apascentava no campo os gordos rebanhos.
Entrámos no antro e tudo mirámos, espantados.
Havia cestos cheios de queijos; e os currais estavam
apinhados de cordeiros e cabritos, todos separados,
cada um em seu sítio: os que tinham nascido primeiro;
os que vieram depois; e os recém-nascidos. Havia vasilhas
bem feitas, cheias de coalho; baldes e tigelas para a ordenha.
Antes de mais, suplicaram-me os companheiros para levarmos

alguns queijos e fugirmos, depois que rapidamente conduzíssemos
dos currais para as naus os cordeiros e os cabritos, para com eles
navegarmos sobre o mar salgado. Mas não me persuadiram
— mais proveitoso teria sido se o tivessem feito! — porque eu
queria vê-lo a ele, e dele receber os presentes da hospitalidade.

Mas quando ele apareceu, não foi amável para com os companheiros.

De seguida fizemos lume e oferecemos um sacrifício.
Comemos alguns queijos e ficámos dentro do antro,
sentados, à espera de que ele chegasse. Trouxe um peso
descomunal de lenha seca, como ajuda para o jantar.
Atirou-a para dentro e a caverna ecoou com o estrondo.
Aterrorizados, juntámo-nos depressa no recesso do antro.
Ele conduziu os gordos animais para dentro da ampla gruta,
todos os que ordenhava; os machos deixou lá fora,
os carneiros e os bodes, no recinto com alta vedação.
Então levantou e colocou no sítio a enorme pedra
que servia de porta: nem vinte e dois carros de quatro
rodas seriam capazes de a levantar, tal era o tamanho
da rocha que ele ajustara como porta à entrada.

Depois sentou-se a ordenhar as ovelhas e as cabras balidoras,
uma de cada vez; debaixo de cada uma pôs a cria dela.
A seguir coalhou metade do alvo leite, recolhendo-o
em cestos entretecidos; depois pô-lo de parte.
A outra metade colocou em vasilhas, para a tomar

e beber, quando chegasse a hora do seu jantar.
Depois que se afadigara, desempenhando estas tarefas,
avivou o lume. Avistou-nos. E assim nos perguntou:

"Ó estrangeiros, quem sois? Donde navegastes por caminhos aquosos?
É com fito certo, ou vagueais à deriva pelo mar
como piratas, que põem suas vidas em risco
e trazem desgraças para os homens de outras terras?"

Assim falou; e logo se nos despedaçou o coração,
com medo da voz profunda e do ser monstruoso.
Apesar disso respondi-lhe, proferindo estas palavras:

"Somos Aqueus que desde Troia andamos à deriva
sobre o grande abismo do mar, devido a toda a espécie de ventos.
Queremos voltar a casa, mas seguimos em vez disso
outro caminho. É Zeus, porventura, que assim o quer.
Declaramos ter feito parte do exército de Agamémnon,
filho de Atreu, cuja fama é agora a mais excelsa debaixo do céu,
pois saqueou uma grande cidade e matou muitos homens.
Mas nós chegamos junto de ti como suplicantes,
esperando que nos dês hospitalidade; ou que de outro modo
sejas generoso connosco: pois tal é a obrigação dos anfitriões.
Respeita, ó amigo, os deuses: somos teus suplicantes.
É Zeus que salvaguarda a honra de suplicantes e estrangeiros:
Zeus Hospitaleiro, que segue no encalço de hóspedes venerandos."

Assim falei; e ele respondeu logo, com coração impiedoso:
“És tolo, estrangeiro, ou chegas aqui de muito longe,
se me dizes para recear ou honrar os deuses.
Nós, os Ciclopes, não queremos saber de Zeus, Detentor da Égide,
nem dos outros bem-aventurados, pois somos melhores que eles.
Nem eu alguma vez, só para evitar a ira de Zeus, te pouparia
a ti ou aos teus companheiros. Só se eu quisesse.
Mas diz-me onde fundeaste a tua nau bem construída:
na extremidade da ilha, ou aqui ao pé? Quero saber.”

Assim falou, pondo-me à prova. Mas eu já sabia muito.
Ele não me apanhou. Respondi-lhe com palavras manhosas:

“A minha nau foi estilhaçada por Posídon, Sacudidor da Terra,
que a atirou contra as rochas aqui na costa da tua ilha, depois
de a trazer junto do promontório. Foi o vento que a impeliu do mar.
Mas eu com estes homens fugi à morte escarpada.”

Assim falei. Do seu coração impiedoso não veio qualquer resposta,
mas levantou-se de repente e lançou mãos aos meus companheiros.
Agarrou dois deles e atirou-os contra o chão como se fossem
cãezinhos. Os miolos espalharam-se pelo chão, molhando a terra.
Depois cortou-os aos bocados e preparou a sua ceia.
Comeu-os como um leão criado na montanha: nada deixou,

mas comeu as vísceras, a carne, os ossos e o tutano.
Nós chorávamos, levantando as mãos para Zeus,
ao vermos tais atos cruentos; dominava-nos o desespero.
Depois que o Ciclope encheu a sua enorme barriga
de carne humana, bebeu leite puro, sem mistura.
Em seguida deitou-se na gruta no meio das ovelhas.
Pensei então no meu espírito magnânimo aproximar-me
dele e desembainhar a espada afiada de junto da coxa,
e feri-lo no peito, entre o fígado e o diafragma, tateando
com a mão. Mas um segundo impulso reteve-me.
Ali teríamos todos encontrado a morte escarpada,
pois com as mãos não seríamos capazes de afastar
da alta entrada a rocha monumental que ele lá pusera.
Esperámos, a chorar, que chegasse a divina Aurora.

Quando surgiu a que cedo desponta, a Aurora de róseos dedos,
ele avivou o fogo e ordenhou as belas ovelhas e cabras,
uma de cada vez; e debaixo de cada uma pôs a cria dela.
Depois que se afadigara, desempenhando estas tarefas,
de novo agarrou em dois homens e deles fez a sua refeição.
Tendo comido, conduziu para fora do antro os gordos rebanhos,
afastando sem dificuldade a pedra da porta; e logo a repôs,
como quem sobre uma aljava coloca uma tampa.
Fazendo muito barulho, o Ciclope foi com os gordos rebanhos
para o monte. Eu ali fiquei, revolvendo no fundo do coração
como poderia vingar-me dele, se Atena ouvisse a minha prece.

E aquilo que no coração me pareceu ser melhor foi isto.
Havia ali junto do curral um grande tronco de oliveira

verde, que ele cortara para depois o usar como cajado,
quando secasse. Ao olharmos para o tronco pareceu-nos
tão grande como o mastro de uma escura nau de vinte remos,
uma nau de carga, que atravessa o vasto abismo do mar.
Assim era o seu tamanho, de comprimento e largura.
Aproximei-me do tronco e dele cortei a extensão de uma braça,
que dei aos companheiros, para fazerem o alisamento.
Enquanto eles alisavam o tronco, eu fiquei em pé a aguçar
a ponta, endurecendo-a de seguida no fogo ardente.
Depois escondi o tronco debaixo do esterco que estava
espalhado na gruta em grandes quantidades.
Ordenei aos companheiros que lançassem as sortes,
para ver quem ousaria ajudar-me a levantar o tronco
para o fazer girar no olho, quando sobre o Ciclope se abatesse
o doce sono. E a sorte calhou àqueles que eu próprio teria
escolhido: eram quatro, mas comigo passávamos a cinco.

Ao cair da tarde voltou ele, com os rebanhos de linda lã.
Logo conduziu para a ampla gruta os gordos rebanhos —
todos os animais: nenhum deixou no recinto com alta vedação,
ou porque suspeitava alguma coisa, ou porque um deus lho dissera.
Levantou e voltou a pôr no sítio a grande pedra da porta
e sentou-se a ordenhar as ovelhas e as cabras balidoras,
uma de cada vez; e debaixo de cada uma pôs a cria dela.
Depois que se afadigara, desempenhando estas tarefas,
de novo agarrou em dois homens e deles fez a sua ceia.
Então aproximei-me do Ciclope e dirigi-lhe a palavra,
segurando

na mão uma tigela com motivos de hera, cheia de escuro vinho:

"Ó Ciclope, olha, bebe este vinho! Já que devoras carne humana,
então fica a saber como era a bebida que trazíamos na nossa nau.
Trazia-te este vinho como libação, esperando que te apiedasses
de mim e me mandasses para casa. Mas estás louco, insuportável!
Homem cruel! Como é que no futuro virão outros homens
aqui ter, visto que o teu procedimento vai para lá da medida?"

Assim falei. Ele pegou na taça e bebeu. Maravilhosamente se alegrou,
ao beber o vinho doce. E pediu logo para beber uma segunda vez.

"Dá-me mais, com generosidade! E já agora diz-me o teu nome,
para que te dê um presente de hospitalidade que te alegrará.
Entre os Ciclopes, a terra dadora de cereais produz
vinho em grandes cachos, que a chuva de Zeus faz crescer.
Mas esta bebida é ambrósia misturada com néctar."

Assim falou; e de novo lhe ofereci o vinho frisante.
Três vezes lho dei a beber; três vezes esvaziou a tigela,
na sua estupidez. Depois que o vinho deu a volta ao Ciclope,
assim lhe falei, socorrendo-me de palavras doces como mel:

“Ó Ciclope, perguntaste como é o meu nome famoso. Vou dizer-to,
e tu dá-me o presente de hospitalidade que prometeste.
Ninguém é como me chamo. Ninguém chamam-me
a minha mãe, o meu pai, e todos os meus companheiros.”

Assim falei; e ele respondeu logo, com coração impiedoso:
“Ninguém eu comerei por último entre os seus companheiros,
e os outros primeiro: será esse o teu presente de hospitalidade.”

Falou e logo de seguida caiu para trás, e ali ficou deitado
com o grosso pescoço de banda; e dominou-o o sono,
que tudo conquista. Vinho e bocados de carne humana
saíram-lhe como vómito da boca. Arrotou, embriagado.
Então fui eu a enfiar o tronco debaixo das brasas,
para que ficasse quente; e todos os companheiros
incitei, para que nenhum perdesse a coragem.
Quando o tronco de oliveira estava prestes a pegar fogo
(apesar de verde), começou a refulgir de modo terrível.
Então fui eu que o tirei do fogo; estavam os companheiros
à minha volta e um deus insuflou-nos uma grande coragem.
Tomaram o tronco de oliveira, aguçado na ponta,
e enterraram-no no olho do Ciclope, enquanto eu apoiava
contra o tronco o meu peso e fazia com que girasse,
como o homem que fura com o trado a viga da nau,
enquanto os que estão em baixo o fazem dar voltas
sem cessar com uma correia que giram de ambos os lados —
assim nós tomámos o tronco em brasa e o girávamos
no seu olho e o sangue correu quente em toda a volta.

As pálpebras por cima e as sobrancelhas estavam queimadas
pela pupila em chamas, cujas raízes crepitavam enquanto ardiam.
Tal como quando o ferreiro mergulha um grande machado
ou picareta em água fria para beneficiar o ferro de ambos os lados —
era assim que fervilhava o olho com o tronco de oliveira.

O Ciclope dava gritos lancinantes, e toda a rocha da caverna ressoou.
Recuámos, aterrorizados, enquanto ele arrancava o tronco
do olho, imundo e coberto de sangue abundante.
Depois lançou o tronco para longe e, perdido de fúria,
chamou alto pelos Ciclopes que viviam ali ao pé,
em cavernas nos píncaros ventosos.

Eles ouviram os gritos e ali vieram ter de todas as direções;
em pé junto à gruta perguntavam-lhe que mal padecia:

“Que se passa, Polifemo, para gritares desse modo
na noite imortal, tirando-nos assim o sono?
Será que algum homem mortal te leva os rebanhos,
ou algum homem te mata pelo dolo e pela violência?”

De dentro da gruta lhes deu resposta o forte Polifemo:
“Ó amigos, Ninguém me mata pelo dolo e pela violência!”

Então eles responderam com palavras apetrechadas de asas:
“Se na verdade ninguém te está a fazer mal e estás aí sozinho,

não há maneira de fugires à doença que vem de Zeus.
Reza antes ao nosso pai, ao soberano Posídon."

Assim dizendo, foram-se embora. E ri-me no coração,
porque os enganara o nome e a irrepreensível artimanha.
Mas o Ciclope, gemendo, cheio de dores terríveis,
tateava com as mãos até afastar a pedra da porta.
Ali se sentou, junto à porta, de braços estendidos,
na esperança de apanhar algum de nós que tentasse sair atrás
das ovelhas. Tão estulto era que assim pensava apanhar-me.
Mas eu deliberei como tudo poderia correr da melhor forma,
se eu encontrasse para mim e para os companheiros a fuga
da morte. Teci todos os dolos e uma artimanha,
em defesa da vida: pois avizinhava-se uma grande desgraça.
E de todas pareceu-me esta a melhor deliberação.

O Ciclope tinha carneiros bem alimentados, de espessa lã,
animais grande e belos, de lã escura da cor das violetas.
Estes eu atei uns aos outros sem dizer nada com os vimes
em que o Ciclope, esse monstro sem lei alguma, dormia.
Juntei três carneiros: o do meio carregava com um homem,
mas os outros dois do lado de fora protegiam os companheiros.
Três ovelhas levavam um homem. Mas pela minha parte
— pois o carneiro pareceu-me melhor que todas as ovelhas —,
agarrei-me às costas dele e enrosquei-me debaixo da lanzuda
barriga, todo torcido, mas agarrado com as mãos
à lã admirável, com o coração cheio de paciência.
E assim esperámos, gemendo, pela Aurora divina.

Quando chegou a que cedo desponta, a Aurora de róseos dedos,
os machos dos rebanhos saíram apressados para pastar,
mas as fêmeas baliam nos currais, porque não foram ordenhadas.
Na verdade, tinham as tetas inchadas de leite. Mas o amo,
cheio de dores terríveis, tateava os dorsos de todas as ovelhas,
à medida que passavam à sua frente. Mas o estulto não percebeu
que os companheiros estavam atados debaixo das ovelhas.
Em último lugar, foi o carneiro que saiu, carregado com o peso
da lã — e com o meu, na grande esperteza do meu estratagema.
Sentindo-lhe o dorso, assim falou o forte Polifemo:

"Querido carneiro, porque sais assim em último lugar
da gruta? Nunca ficaste para trás entre as ovelhas,
mas eras sempre o primeiro a pastar a branda flor da erva,
com grandes passadas; o primeiro a chegar às correntes do rio;
e o primeiro a mostrar como ansiavas por regressar a casa
ao fim da tarde. Mas agora és o último. Será que sentes
saudades do olho do teu amo, que um homem mau cegou
com os seus miseráveis companheiros, depois de me ter
domado o espírito com vinho — Ninguém, que afirmo
não ter ainda escapado à morte? Se ao menos fosses capaz
de sentir o que eu sinto, e de obter a capacidade
de falar, para me dizeres onde ele se esconde da minha fúria!
Então ele teria os miolos todos espalhados pela gruta fora,
depois que eu o tivesse apanhado, e o meu coração sentiria
algum alívio dos males que Ninguém me veio trazer."

Assim dizendo, deixou o carneiro sair pela porta.

E quando eles estavam a alguma distância da gruta e do recinto,
fui eu o primeiro a largar o carneiro, e logo os desatei a eles.
Depressa conduzimos as ovelhas lanzudas, bem gordas,
olhando muitas vezes para trás, até chegarmos à nau.
E alegraram-se os outros companheiros quando nos viram,
porque tínhamos fugido à morte; mas choraram a morte dos outros.
Porém não os deixei chorar: com um movimento do sobrolho,
proibi cada um. Ordenei-lhes que fizessem embarcar
as muitas ovelhas de bela lã e que navegassem sobre o mar salgado.
Eles embarcaram logo e sentaram-se nos bancos. E cada um
no seu lugar, percutiram com os remos o mar cinzento.
Quando entre ele e a terra havia só a distância de um grito,
então falei ao Ciclope com palavras provocadoras:

"Ó Ciclope, parece que não eram os amigos de um homem fraco
que tinhas a intenção de devorar cruentamente na tua gruta escavada.
Os teus atos nefandos tinham mesmo de se abater sobre ti,
ó malvado, que não hesitaste em comer os hóspedes em tua casa.
Zeus e os outros deuses fizeram recair sobre ti a sua vingança."

Assim falei; e ele se encolerizou ainda mais no coração.
Arrancou o cimo de uma alta montanha
e atirou-o contra a nau de proa escura.
Por pouco que não acertou no leme.
O mar agitou-se quando nele caiu a rocha.

O refluxo, como se fosse a maré, levou logo a nau
do mar em direção à terra, atirando-a sobre a praia.

Então lancei mão a uma vara comprida, e para longe
impeli a nau; incitando os companheiros, ordenei-lhes
com um aceno que remassem, para que fugíssemos
da terrível desgraça. Eles por sua vez remaram com afinco.
Mas quando chegámos ao dobro da distância anterior,
chamei pelo Ciclope. E à minha volta os companheiros
tentavam impedir-me, falando-me com doces palavras:

"Teimoso, porque queres provocar a ira de um selvagem?
Ainda agora ele atirou um projétil ao mar que fez a nau
voltar à costa! Pensámos que íamos morrer ali!
E se ele tivesse ouvido a voz de algum de nós,
teria atirado um penedo para esmagar as nossas cabeças
e as vigas da nau, tal é a força com que lança."

Assim falaram; mas não persuadiram o meu magnânimo coração.
Dei-lhe então esta réplica, enfurecido no meu coração:
"Ó Ciclope, se algum homem mortal te perguntar
quem foi que vergonhosamente te cegou o olho,
diz que foi Odisseu, Saqueador de Cidades,
filho de Laertes, que em Ítaca tem seu palácio."

Assim falei; ele deu um grito de dor e respondeu:
"Ah, afinal sobre mim se abateu a profecia há muito proferida!
Pois havia aqui um vidente, homem alto e bom,

Télemo, filho de Êurimo, que era excelente na profecia,
e aqui chegou à velhice como vidente dos Ciclopes.
Foi ele que me disse que estas coisas se cumpririam no futuro,
e que pela mão de Odisseu eu haveria de perder a vista.
Fiquei sempre à espera de ver aqui chegar
um homem alto e belo, vestido de enorme força.
Mas agora é um homem pequeno e insignificante
que me cegou, depois de me ter dominado pelo vinho.
Mas chega aqui, ó Odisseu, para que te dê presentes de hospitalidade
e recomende ao Sacudidor da Terra que te conceda boa viagem.
Pois sou filho dele e ele declara ser o meu pai.
E será ele a curar-me, se assim lhe aprouver; pois não o fará
nenhum homem mortal nem nenhum dos deuses bem-aventurados."

Assim falou; e a resposta que lhe dei foi esta:
"Conseguisse eu fazer-te de alma e de tempo de vida
privado e mandar-te para a mansão de Hades!
Pois nem mesmo Posídon curará o teu olho."

Assim falei; e ele invocou logo o soberano Posídon,
levantando as mãos em direção ao céu cheio de astros:

"Ouve-me, Posídon de cabelos azuis, Sacudidor da Terra!
Se na verdade sou teu filho, e se declaras ser meu pai,
concede-me que Odisseu, Saqueador de Cidades, não chegue a casa,
filho de Laertes, que em Ítaca habita.

Mas se for seu destino rever a família e regressar
ao bem construído palácio e à terra pátria, que chegue tarde
e em apuros, tendo perdido todos os companheiros,
na nau de outrem, e que em casa encontre muitas desgraças.”

Assim rezou; e ouviu-o o deus de cabelos azuis.
Porém o Ciclope levantou uma rocha ainda maior
e lançou-a, pondo no lançamento a sua força ilimitada.
Foi ter um pouco atrás da nau de proa escura,
e por pouco que não acertava no leme.
O mar agitou-se quando nele caiu a rocha.
No entanto a onda impeliu a nau até chegarmos à costa.

Atingimos a ilha, onde tinham ficado todas juntas as outras
bem construídas naus; à volta delas os companheiros
estavam sentados a chorar, continuamente à espera de
que voltássemos. Levámos a nau para cima da areia
e nós próprios desembarcámos depois na praia.
Tirámos os rebanhos do Ciclope da côncava nau e dividimo-los,
para que por mim ninguém visse sonegada a parte que lhe cabia.
Mas o carneiro só a mim os companheiros de belas cnémides
deram quando dividiram os rebanhos. Na praia
a Zeus da nuvem azul, filho de Crono, soberano de todos,
eu o sacrifiquei, queimando as coxas. Mas ele não aceitou
o sacrifício, pois planeava já como poderiam perecer todas as naus
bem construídas e todos os meus fiéis companheiros.

Todo o dia, até ao pôr do Sol, nos banqueteámos,

sentados a saborear a carne abundante e o doce vinho.
O Sol pôs-se e sobreveio a escuridão;
deitámo-nos a dormir na orla do mar.

Quando surgiu a que cedo desponta, a Aurora de róseos dedos,
acordei os meus companheiros, ordenando-lhes
que embarcassem e soltassem as amarras.
Eles embarcaram logo e sentaram-se nos bancos. E cada um
no seu lugar, percutiram com os remos o mar cinzento.
Daí navegámos em frente, entristecidos no coração,
mas aliviados por termos escapado à morte,
apesar de terem perecido os companheiros.

Notas ao Canto 9

5 «finalidade»: em grego, *télos* («fim», «cumprimento», «finalidade»). O emprego da palavra neste contexto tem causado estranheza aos estudiosos, uma vez que não existe um paralelo exato para a ocorrência de *télos* na poesia homérica sem que o seu sentido específico seja, no próprio contexto em que ocorre, explicitado por outra palavra próxima (adjetivo, etc.).

21 «É na soalheira Ítaca que habito»: sobre os problemas que se levantam na identificação da ilha a que o poeta da *Od*. chama «Ítaca», ver Introdução (n. 27).

24-25 «A própria Ítaca não se eleva / muito acima do nível do mar; está virada para a escuridão do Ocaso»: estas palavras contradizem a realidade geográfica da ilha que tem hoje o nome de Ítaca no atual mapa da Grécia.

29-31 «Calipso […] Circe»: Odisseu inicia, curiosamente, a narração das suas errâncias com uma alusão mais ou menos explícita à sua virilidade, atrativa e irresistível até para mulheres divinas.

30 Verso dado como inautêntico e colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda. Toda a sequência 29-36 levantou dúvidas a estudiosos no século XIX, como lemos no aparato crítico da referida edição.

32 «Eeia»: nome da ilha de Circe (cf. 10.135).

37 «contar-vos-ei também o meu regresso»: a pequena palavra *kaí* (na presente aceção, «também») leva-nos a perguntar se, em versões anteriores da *Od*., Odisseu não contara antes aos Feaces as suas experiências da Guerra de Troia.

39 «Cícones»: mencionados na *Il*. (2.846; 17.73) como aliados dos Troianos.

40-41 «saqueei a cidade e chacinei os homens. / Da cidade levámos as mulheres e muitos tesouros»: um retrato sintético do que era a guerra na Antiguidade e para o que servia (a obtenção à força de escravas e de dinheiro). Note-se que a palavra grega traduzida por «mulheres» (*álokhoi*) significa, em rigor, «esposas».

44 «imensamente tolos»: em grego, *méga nêpioi*. Recorde-se a palavra *nêpioi* no proémio da *Od*. (1.8).

45 «Ali ficaram a beber muito vinho»: este pormenor do vinho viciante de Ísmaro não é fortuito, pois será graças a ele que Odisseu conseguirá entorpecer o Ciclope para o cegar.

46 «gado […] com passo cambaleante»: ver 1.92*.

48 «ao mesmo tempo mais numerosos e valentes»: a palavra traduzida por «ao mesmo tempo» (*háma*), embora tenha esse sentido na literatura grega posterior, em toda a poesia homérica só neste verso é assim usada.

49 «montados em cavalos»: ou, em alternativa, «a partir de carros de cavalos». Há uma controvérsia entre os estudiosos da poesia homérica sobre se os poetas da *Il*. e da *Od*. conheciam a equitação – controvérsia desconcertante, porquanto não há dúvida de que montar a cavalo está pressuposto em *Od*.5.371 (e, já agora, em *Il*.15.679-684). Para o ponto de vista afirmativo, de que a equitação faz parte do horizonte equestre da poesia homérica, ver Dawe, pp. 358, 671; e Lane Fox, *Travelling Heroes*, p. 10. Para o ponto de vista negativo, ver Oxf.i, p. 238; Oxf.iii, p. 65.

52 «brumosos»: o sentido deste adjetivo *êérios* é muito discutível. Pode significar «brumoso» (Dawe, p. 358), ou então «matutino» (Oxf.ii, p. 16). O sentido «brumoso» é, segundo Dawe, compatível com as suas três ocorrências na *Il*. (1.497, 557; 3.7). No presente caso, a «bruma» de guerreiros pode entender-se como «nuvem» de guerreiros.

54 «Combateram e lutaram junto das côncavas naus»: no verso anterior lêramos o verbo conjugado na 1.ª pessoa do plural; aqui, temos de repente a 3.ª pessoa. A narração das errâncias de Odisseu contém algumas marcas, como veremos, de que existia uma versão mais antiga em que a narração era na 3.ª pessoa e não sob a forma de *Ich-Erzählung* (como se diz em Teoria da Literatura).

60 «de cada nau pereceram seis camaradas»: a inverosimilhança desta meia dúzia certinha por nau já foi comentada, na Antiguidade, por Zoilo, conhecido como «fustigador de Homero» (século IV a.C.). O número das naus (são 12) só nos será dito em 159. Quantos companheiros seguiam em cada nau? Em 8.48-49, vimos que as naus dos Feaces contavam com uma tripulação de 50. Em 10.208, já depois de Polifemo ter comido seis homens que seguiam na nau de Odisseu, ser-nos-á dito que seguiam 44 homens a bordo da nau. Se o número 50 é o número normal para a tripulação de uma nau, então em 10.208 só foram contabilizadas as baixas devido à antropofagia de Polifemo, ficando de fora os seis companheiros da nau de Odisseu mortos pelos Cícones.

84 «Lotófagos»: o poeta da *Od*. não nos descreve com pormenor este povo, nem nos permite identificar ao certo o que será o *lôtós* («lótus») por eles comido. Trata-se certamente de uma realidade imaginária – apesar de Heródoto (4.177) ter localizado um povo de Lotófagos no que é hoje a Líbia – com paralelos folclóricos em várias culturas (ver D.L. Page, *Folktales in Homer's Odyssey*, Cambridge [Massachusetts], 1973, pp. 3-21).

90 «Escolhi dois homens, mandando um terceiro como arauto»: são três Itacenses, portanto, que vão ter a experiência da lotofagia. Este facto não combina bem com a expressão mais generalizante que leremos em 94-95 e que parece pertencer a um contexto diferente daquele em que encontramos estas palavras: «quem entre eles comesse o fruto do lótus, doce como mel, / já não queria voltar para dar a notícia».

105 «entristecidos no coração»: porquê? A expressão faz sentido em 62, depois de seis Itacenses terem morrido em combate contra os Cícones. E voltará a fazer sentido em 565 e 10.133. Em 98 lêramos que os Itacenses salvos da droga por Odisseu choraram de desgosto – mas, na realidade, eram só três.

106 «Ciclopes»: a palavra «ciclope» significa «olho redondo» (ou, em alternativa, «rosto redondo»). Todos sabemos que os Ciclopes têm só um olho – mas isso nunca é dito pelo nosso Homero.

107 «confiando nos deuses imortais»: esta informação de que os Ciclopes confiam nos deuses imortais colide com o que será dito em 275-276, onde somos informados, pela boca de um Ciclope, de que «Nós, os Ciclopes, não queremos saber de Zeus, Detentor da Égide, / nem dos outros bem-aventurados».

110 «vinhas que dão o vinho»: e quem bebe este vinho? Um dado fundamental, ainda que implícito, da história do Ciclope é que ele nunca antes provara vinho.

116 «além do porto»: a presença de um «porto» (*limên*) é curiosa, dada a forma insistentemente pleonástica como se diz em 125-129 que os Ciclopes desconhecem a navegação.

120 «caçadores»: ocorrência única na poesia homérica da palavra *kunêgétês* («caçador»; cf. «cinegética»).

122 «rebanhos»: ocorrência única na poesia homérica da palavra *poímnê* («rebanho»).

136 «Há um porto com bom ancoradouro»: ver 116*.

144-146 «Havia um denso nevoeiro […] nem a Lua / no céu brilhava […] / Não podíamos contemplar a ilha com os nossos olhos»: temos aqui um interessante exemplo de o espaço nos ter sido já descrito, vários versos antes de as personagens que o vão percecionar terem o acesso a ele que nós, leitores/ouvintes, já tivemos.

154-155 «as Ninfas, filhas de Zeus, Detentor da Égide, puseram a correr / as cabras-monteses»: outro vestígio de uma versão anterior narrada na 3.ª pessoa, com focalização omnisciente (o caso mais flagrante será em 12.374-388; os versos 389-390 que se seguem a essa sequência tentam remediar o gigantesco lapso, mas, na verdade, só chamam ainda mais a atenção para ele).

159 «Comigo seguiam doze naus»: número coincidente com o que lemos no famoso Catálogo das Naus (*Il*.2.637).

163 «das naus não se esgotara ainda o rubro vinho»: ver 45*.

165 «jarros»: mais literalmente, «ânforas» (trata-se da palavra *amphiphoreús*, já registada em Linear B).

166-167 «Olhámos então para a terra dos Ciclopes, ali tão perto, / e vimos fumo a subir»: um dos muitos momentos em que a *Od*. nos conta a história com um imediatismo digno do cinema.

176 «hospitaleiros»: em grego, *philóxeinoi* («amigos de estrangeiros», o antónimo de «xenófobos»).

187 «Aí dormia um homem monstruoso»: mais uma curiosidade narratológica, em que uma anterior narração omnisciente vem à tona na narração de 1.ª pessoa. A reação direta à monstruosidade do Ciclope só será explicitada em 257.

198 «sacerdote de Apolo»: trata-se da única ocorrência da palavra «sacerdote» na *Od*. Que Apolo era deus tutelar de Ísmaro é confirmado pela *Il*. (1.37-38).

199 «porque lhe protegêramos por respeito a esposa e o filho»: a piedade dos Itacenses é logo desfeita em 202, onde percebemos a razão verdadeira do «respeito» («deu-me sete talentos de ouro», ou seja, no cômputo mínimo do peso do talento, mais de 175 kg de ouro).

210 «um aroma suave, divino, se evolava da cratera»: também Arquíloco (poeta do século VII a.C.) menciona o vinho de Ísmaro (fr. 2).

213-215 «Pois de repente o meu espírito orgulhoso / pressentiu que encontraríamos um homem vestido de grande / violência, selvagem»: esta premonição narratologicamente canhestra colide com a despreocupação com que Odisseu e os companheiros invadem a gruta do selvagem.

224-226 Os companheiros de Odisseu querem primeiramente assaltar a queijaria. Roubar queijos afigura-se mais racional do que a iniciativa seguinte, que é a de levar para as naus cordeiros e cabritos, «para com eles navegarmos sobre o mar salgado». O poeta conta com a passividade dos seus ouvintes, pois de imediato se levanta a pergunta: como navegar sobre o mar salgado com cordeiros e cabritos, a não ser que a nau contenha um armazém de forragem? Ver, porém, 9.469-470, 548-549. Mais irracional ainda, mas necessário para a prossecução da história, é a recusa de Odisseu de seguir a iniciativa dos companheiros e retirar-se dali. À anterior premonição de que o habitante da gruta seria um monstro selvagem sobrepõe-se agora a expectativa inverosímil de que dele irá receber presentes.

230 «Mas quando ele apareceu, não foi amável para com os companheiros»: à letra, «nem ele, tendo aparecido, estava para ser amável para com os companheiros». A forma de infinitivo grego correspondente a «ser» neste verso é o infinitivo futuro (*ésesthai*), o que vinca a sua função proléptica. Chama a atenção o facto de não termos na frase um substantivo a concordar com o adjetivo «amável» (*erateinós*), pois é regularmente assim que ele surge na poesia homérica (na *Il*., o adjetivo *erateinós* combina sobretudo com topónimos).

235 «para dentro»: em grego, *éntosthen*. Muitos manuscritos têm aqui «para fora» (*éktosthen*).

252-255 O Ciclope dirige a Odisseu as mesmas palavras que Nestor dirige a Telémaco em 3.71-74. «Por razões de índole poética, o Ciclope, apesar de afastado na sua ilha remota, sabe tudo sobre piratas» (Dawe, pp. 370-371).

271 «Zeus Hospitaleiro, que segue no encalço de hóspedes venerandos»: o verbo joga com os dois sentidos de *xénos* (ou *xeînos*, em linguagem épica). Por um lado, significa «estrangeiro»; por outro, «hóspede». A própria palavra *xeínios*, aplicada a Zeus, poderia ser traduzida como «deus <protetor> de estrangeiros».

272 «com coração impiedoso»: em grego, *nêléï thumôi*. Trata-se de uma fórmula só usada com referência ao Ciclope, baseada no conceito de «bronze impiedoso» aplicado a armas na *Il*.

275-276 «Nós, os Ciclopes, não queremos saber de Zeus, Detentor da Égide, / nem dos outros bem-aventurados»: afirmação contraditória em relação a 411-412. Ver também 107*.

283 «A minha nau foi estilhaçada»: chama de imediato a atenção a forma de acusativo para «nau» (*néa*), que nunca assume esta configuração morfológica na restante poesia homérica.

295 «desespero»: em grego, *amêkhaníê* («falta de expediente»). A palavra só ocorre aqui, mas sugere claramente um contraste irónico com o facto de, segundo a sua natureza, Odisseu ser *polumêkhanos* («de muitos expedientes»). No entanto, a *amêkhaníê* é momentânea, já que Odisseu vai, de facto, inventar um extraordinário expediente.

297 «leite puro, sem mistura»: o poeta parece querer transpor para a ingestão de leite puro o mesmo opróbrio que, entre os Gregos, recaía sobre quem bebia vinho sem ser misturado com água. Ao Ciclope acontecerá o mesmo que acontece aos Centauros de Píndaro (fr. 166), habituados a beber leite até ao momento dramático em que fazem a fatídica descoberta do vinho.

301-302 «tateando / com a mão»: temos de imaginar que a gruta está completamente às escuras, dado que não há janelas e a porta está bloqueada por um pedregulho. Também não há, neste momento, nenhum fogo aceso – o que acontecerá, todavia, em 307, depois do habitual verso sobre a «Aurora de róseos dedos» (cujo róseo despontar, com a rocha a bloquear a porta, seria decerto impercetível dentro da gruta).

302 «um segundo impulso reteve-me»: à letra, «um segundo espírito [*thumós*]». Não há paralelo exato para esta expressão na *Il*. e na *Od.*, mas a consciência de um segundo impulso conducente a uma decisão melhor do que a primeira está bem plasmada nas célebres palavras da Ama no *Hipólito* (436) de Eurípides («os segundos pensamentos são, de alguma forma, mais sábios»).

311 «refeição»: a palavra aqui é *deîpnon* (talvez «almoço» ou «jantar»; trata-se da refeição principal do dia), diferente do que lêramos em 291, *dórpon* («ceia»). Em 16.2, o «almoço» (*áriston*) corresponde, segundo LSJ, ao nosso conceito de «pequeno-almoço». Mas os hábitos alimentares do Ciclope são um pouco *sui generis*, já que este *deîpnon* («almoço» ou «jantar») de carne humana seria, pelo horário, aquilo a que nós chamaríamos «pequeno-almoço». Ver 17.599*.

317 «Atena»: a única referência à deusa nas Errâncias narradas por Odisseu.

320-321 «que ele cortara para depois o usar como cajado, / quando secasse»: outro vestígio da narração omnisciente na 3.ª pessoa. Como é que Odisseu pode atribuir estas motivações a atos anteriores do Ciclope? A forma verbal traduzida por «usar» significa, em rigor, «levar» (*phoroíê*). A sua morfologia é ática (a forma épica, se existisse, seria *phoreíê*).

328 «endurecendo-a de seguida no fogo ardente»: a frase em grego é curiosa pela presença do verbo raríssimo *puraktéô* («endurecer no fogo»).

331-332 «Ordenei aos companheiros que lançassem as sortes, / para ver quem ousaria ajudar-me a levantar o tronco»: neste momento só restam oito homens, e dois serão ainda comidos pelo Ciclope antes de os Itacenses o cegarem. Porquê tirar à sorte quem vai pegar no tronco? Não faria mais sentido tirar à sorte quem se oferecerá para ser comido por Polifemo? Note-se que, em 376-377, Odisseu afirmará que «todos os companheiros / incitei». Afinal não serão quatro (cinco, com ele) a cegar o Ciclope, mas todos: isto é, seis (pois, quando chegarmos a 376, mais dois já terão sido comidos).

333 «no olho»: apesar de o poeta não o dizer explicitamente, podemos inferir a partir deste verso e dos versos 383 e 387 que o Ciclope só tem um olho.

344 «ceia»: em grego, *dórpon* (ver 311*).

353 «Maravilhosamente se alegrou»: à letra, «terrivelmente [*ainôs*] se alegrou». O verbo traduzido por «alegrou» (*hêdomai*), muito frequente na literatura grega posterior, só ocorre aqui na poesia homérica.

358 «vinho em grandes cachos»: já se tentou argumentar que *oînos* («vinho») significa aqui (e em 111) «uvas» (A.J.B. Wace & F.H. Stubbings, *A Companion to Homer*, Londres, 1962, p. 524), para contornar a aparente falta de lógica de, havendo vinho no mundo dos Ciclopes, Polifemo ser bebedor de leite. No entanto, interpretar «vinho» como sinónimo de «uvas» é solução rejeitada por Heubeck (Oxf.ii, p. 21).

359 «esta bebida é ambrósia misturada com néctar»: o que Polifemo diz, à letra, é «isto é um *aporrôx* de ambrósia e de néctar». Como traduzir *aporrôx*? A palavra tem que ver com o verbo *rhêgnumi* («quebrar», «partir»), portanto é como se fosse uma «britada» de ambrósia e de néctar.

360 «vinho frisante»: ver 2.57*.

366 «Ninguém é como me chamo»: em grego, *Oûtis*.

369 «Ninguém eu comerei por último»: o sentido é «então será Ninguém que eu comerei por último». A forma de acusativo aqui usada para «Ninguém», *Oûtin*, chama a atenção pela sua morfologia antiquíssima (pois a forma normal seria *Oútina*).

378 «tronco de oliveira»: além do presente verso, também os versos 320 e 394 sublinham o facto de se tratar de madeira de oliveira. No século III da era cristã, o filósofo pagão Porfírio, aluno de Plotino, julgou ter descoberto a insistência na oliveira, afirmando que «a oliveira pertence a Atena – e Atena é o Pensamento» (cf. Dawe, p. 378).

381 «e um deus insuflou-nos uma grande coragem»: um verso que lembra *Il*.5.2 e *Il*.17.456, mas que não é exatamente igual a nenhum deles. Talvez Dawe (p. 378) exagere ao classificá-lo como «um feixe de luz iliádica na caverna escura do folclore».

403 «Polifemo»: só agora, no episódio do Ciclope, ouvimos o seu nome: Polifemo (que significa «Muito-Famoso»). Causa estranheza que, afinal – e contrariamente ao que os versos 188-189 tinham dado a entender –, o Ciclope não viva sozinho, mas sim na companhia de vizinhos.

405 «Será que algum homem»: em grego, temos um jogo de palavras intraduzível, pois temos a partícula interrogativa *mê* seguida de *tís*, o que sugere fonicamente *mêtis* («inteligência», «astúcia», «artimanha», a palavra que está na base do adjetivo mais frequentemente aplicado a Odisseu na *Od*., *polúmêtis*).

410 «Se na verdade ninguém te está a fazer mal»: aqui, «ninguém» assume a forma de *mê tís* (ver nota anterior). O jogo de palavras com *mêtis* desfaz a simetria (*Oûtis ~ ou tis*) que a tradução portuguesa artificialmente sugere.

414 «a irrepreensível artimanha»: não causará surpresa a quem leu até aqui estas notas a informação de que a palavra grega correspondente a «artimanha» é… *mêtis*. Também em 422.

436 «assim esperámos, gemendo, pela Aurora divina»: porque é que eles passam a noite agarrados assim aos animais, em posição de extremo e desnecessário desconforto, se o Ciclope já abrira a gruta em 416? E gemerem não atrairia a atenção do Ciclope?

450 «com grandes passadas»: o tom quase cómico deste discurso de Polifemo adquire *nuances* ainda mais paródicas com a associação ao carneiro predileto de Polifemo desta expressão da *Il*., que, no poema da Guerra de Troia, é aplicada duas vezes a Heitor (15.307, 686) e uma vez a Ájax (7.213).

462 «E quando eles estavam a alguma distância da gruta e do recinto»: esperar-se-ia a 1.ª pessoa do plural e não a 3.ª. Com efeito, poderemos estar novamente na presença de um vestígio de narração antiga na 3.ª pessoa.

473 «Quando entre ele e a terra havia só a distância de um grito»: à letra, «Quando ele tanto distava, quanto aconteceria gritando». Conhecemos este verso de 5.400, onde está perfeitamente enquadrado na narração omnisciente na 3.ª pessoa. Aqui, o verso afigura-se um vestígio claro de uma narração na 3.ª pessoa da história *Odisseu e o Ciclope*, já que a 3.ª pessoa de «distava» (*apên*), tal como em 5.400, se refere inequivocamente a Odisseu.

483 Verso colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda (já considerado inautêntico por Aristarco).

489 Verso colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda, omitido por muitos manuscritos.

508-510 «havia aqui um vidente, homem alto e bom […] / e aqui chegou à velhice como vidente dos Ciclopes»: temos aqui o pormenor mais extraordinário de todo o episódio do Ciclope. Depois da oscilação entre a imagem de uma ilha onde Polifemo vive isolado e a surpresa de ele viver no meio de ciclópicos vizinhos, o poeta conta de novo com a nossa ingenuidade ao querer introduzir esta personagem de um profeta a exercer a sua arte até à velhice no meio de uma população de monstros cuja irreligiosidade foi já por demais sublinhada (ver 275-276*).

523 «de alma e de tempo de vida»: a junção dos dois conceitos (*psukhê* e *aiôn*), quase à guisa de fórmula, é rara na poesia homérica (embora ocorra em *Il*.16.453).

524 «privado»: outra expressão rara, desta feita *eûnis* («privado», «carente», «despojado»), que na poesia homérica ocorre só (além do presente verso) em *Il*.22.44.

531 Verso omitido por todos os manuscritos anteriores ao século XV (colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda).

547 Verso omitido em vários manuscritos e num papiro helenístico, embora esteja presente noutro papiro mais ou menos da mesma data (aproximadamente 200 a.C.). Ver A. Hurst, «Papyrus Bodmer 49», *Museum Helveticum* 43 (1986), pp. 221-230. O verso está entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

553-554 «Mas ele não aceitou / o sacrifício, pois planeava já como poderiam perecer todas as naus»: porventura vemos nestas palavras mais um vestígio da narração omnisciente na 3.ª pessoa. Por outro lado, surpreende que, agora, o poeta junte ao tema da «ira de Posídon», e ao tema da «ira do Sol», o tema da «ira de Zeus».

552 = 13.25. O canto termina com uma manta de retalhos de versos formulares:

9.556-557 = 9.161-162;
9.557 ~ *Il*.7.268-269;
9.558-560 = 9.168-170;

9.562-564 = 9.178-180;
9.565-566 = 9.62-63.

Canto 10

Aportámos à ilha de Eólia, onde vivia
Éolo, filho de Hipotas, caro aos deuses imortais,
numa ilha flutuante: em seu redor havia muralhas
de bronze inquebrantável e íngreme era o rochedo.

Doze são os filhos que lhe nasceram no palácio,
seis filhas e seis filhos na flor da idade.
Foi lá que deu aos filhos as filhas como esposas.
Estes banqueteiam-se sempre junto do pai amado
e da mãe honrosa; e à sua frente estão iguarias incontáveis.
De dia o palácio ecoa de cantos; enche-o o cheiro a comida.
De noite, deitam-se junto das esposas venerandas
em cobertores, em camas encordoadas.

Foi ao palácio e à cidade destes que aportámos.
Durante um mês me estimou e interrogou Éolo sobre tudo:
Ílion, as naus dos Argivos e o regresso dos Aqueus.
E eu tudo lhe contei pela ordem correta.
Mas quando lhe pedi para partir e para que me indicasse
o caminho, de modo algum se recusou: preparou a partida.
Deu-me um saco feito da pele de um boi de nove anos
que ele próprio esfolara, em que atou os caminhos

dos ventos turbulentos: pois fizera-o o Crónida guardião dos ventos,
podendo estancá-los ou incitá-los, conforme lhe aprouvesse.
Na minha côncava nau atou o saco com corda de prata
fulgente, para que não escapasse nenhum sopro, nem o mais leve.
E para mim fez que se levantasse o sopro do Zéfiro,
para que levasse à sua frente as naus e os homens. Mas tal não estava
prestes a se cumprir. Perdeu-nos a irreflexão e a loucura.

Durante nove dias navegámos de dia e de noite;
ao décimo apareceram-nos os campos da nossa pátria —
estávamos tão perto que vimos homens acendendo fogueiras.
Sobre o meu cansaço se derramou então um doce sono,
pois ficara sempre com o manejo da vela, nem o cedera a outro,
para que mais depressa chegássemos à nossa pátria.

Mas os companheiros trocaram palavras uns com os outros,
dizendo que eu trazia para casa ouro e prata,
dons de Éolo, o filho magnânimo de Hipotas.
Assim dizia um deles, olhando de soslaio para o outro:

“Como ele é estimado e honrado entre todos os homens,
seja qual for a terra a que aporta!
De Troia traz os mais finos tesouros,
ao passo que nós, que fizemos a mesma viagem,
regressamos a casa de mãos vazias.
E agora Éolo lhe deu estes presentes, por amizade:

vejamos rapidamente o que são,
que quantidade de ouro e de prata há no saco.”

Assim falaram e prevaleceram os maus conselhos.
Abriram o saco — e para fora se precipitaram todos os ventos.
A tempestade agarrou a nau e levou-os a chorar
para o mar alto, para longe da pátria. Pela minha parte,
acordei e refleti no meu nobre coração
se haveria de me lançar da nau para me afogar no mar,
ou aguentar em silêncio, permanecendo entre os vivos.
Mas aguentei e permaneci; cobrindo a cabeça, deitei-me
no convés. Mas as naus foram levadas pelo sopro malévolo
da tempestade para a ilha de Éolo; choraram alto os companheiros.

Desembarcámos em terra firme e fomos em busca de água.
De seguida jantaram os companheiros junto às naus velozes.
Depois que provámos da comida e da bebida,
levei comigo um arauto e um companheiro
e fui ao palácio esplendoroso de Éolo; encontrei-o
banqueteando-se com a esposa e com os filhos.
Entrando no palácio, sentámo-nos na soleira
junto às portas; eles, espantados, perguntaram-nos:

“Como vieste aqui ter, Odisseu? Que espírito malévolo te fez mal?
Pusemos-te a caminho com cuidado amigo, para que chegasses
à tua pátria, a tua casa, onde te é agradável estar.”

Assim falaram; mas eu, entristecido, respondi:
“Meus companheiros maldosos e um sono cruel
me perderam; ajudai-nos, amigos; tendes esse poder.”

Assim falei, endereçando-lhes brandas palavras;
mas eles ficaram em silêncio. Falou então o pai:
“Retira-te já da nossa ilha, ó mais desprezível dos mortais!
Não me é lícito ajudar ou pôr no seu caminho
um homem detestado pelos deuses bem-aventurados.
Vai-te! Chegas aqui como alguém odiado pelos deuses.”

Assim falando, expulsou-me, a mim que me lamentava, da sua casa.
Dali continuámos a navegar, tristes no coração.
De tanto remar estava o espírito dos homens cansado,
por culpa nossa: pois já não soprou vento que nos ajudasse.

Navegámos durante seis dias, de dia e de noite,
e no sétimo chegámos à alta cidadela de Lamo,
a Telépilo dos Lestrígones, onde um pastor chama
outro ao recolher do gado, e este responde-lhe à saída.
Aí um homem que não dormisse ganharia dois salários:
um deles apascentando bois; o outro, brancas ovelhas.
Pois perto são os caminhos do dia e da noite.

Aí chegámos ao porto excelente, rodeado por rochedos
escarpados, sem interrupção, de ambos os lados;
e projetam-se promontórios em posição oposta,
juntando-se numa boca de estreita entrada.

Por aí todos entraram com suas naus recurvas,
que fundearam juntas no côncavo porto;
pois nunca ali entrava onda alguma, grande ou pequena:
em redor reinava sempre uma acalmia luminosa.

Só eu fundeei cá fora a minha escura nau,
junto à praia, atando as amarras a uma rocha.
Subi para uma elevação rochosa e aí me pus de pé.
Lá não se viam trabalhos de bois ou de homens,
mas vimos fumo a elevar-se da terra.
Então enviei alguns companheiros para se informarem
sobre quem eram os homens, que desta terra comiam o pão:
escolhi dois homens e ainda, como terceiro, um arauto.
Eles seguiram o caminho plano, por onde carros
traziam lenha para a cidade das altas montanhas.

À entrada da cidade encontraram uma jovem a tirar água,
a filha corpulenta do lestrígone Antífates,
que descera até à bela nascente de água viva de Artácia,
donde transportavam água para a cidade.
Chegando-se ao pé dela, perguntaram-lhe
quem era o rei daquele povo, e que povo era, a quem ele regia.
E ela logo lhes indicou a alta mansão de seu pai.

Quando chegaram ao esplendoroso palácio, viram
uma mulher alta como uma montanha e horrorizaram-se.
Ela chamou de imediato da ágora o glorioso Antífates,
seu marido, que lhes preparou uma terrível desgraça.
Agarrando um dos companheiros, dele fez a sua refeição;

mas os outros dois fugiram em direção às naus.
Pela cidade levantou Antífates um grito; e quando o ouviram
os corpulentos Lestrígones, acorreram de todos os lados,
aos milhares, não semelhantes a homens, mas a gigantes.
Dos rochedos arremessaram contra nós pedregulhos enormes;
ouviam-se entre as naus barulhos horríveis, de homens moribundos
e de naus esmagadas. E arpoando os homens como peixes,
os Lestrígones levaram para casa o seu repugnante jantar.

Enquanto decorria a matança no porto de água profunda,
desembainhei a espada afiada que tinha junto à coxa
e cortei as amarras da nau de proa escura.
Logo dei ordem aos companheiros para que se lançassem
aos remos, de modo que fugíssemos da desgraça.
Todos agitaram o mar com seus remos, receando a morte;
fugiu felizmente a minha nau das rochas iminentes
para o mar alto; mas as outras pereceram onde ficaram.
Daí continuámos a navegar, de coração triste; aliviados por termos
fugido à morte, tendo embora perdido os companheiros.

Aportámos à ilha de Eeia, onde vivia
Circe de belas tranças, terrível deusa de fala humana,
irmã de Eetes de pernicioso pensamento.
Ambos foram gerados pelo Sol, que dá luz aos mortais,
tendo por mãe Perse, filha do Oceano.
Aí fundeámos em silêncio a nau junto à praia,
num porto próprio para naus, e algum deus nos guiou.

Desembarcámos e ali permanecemos dois dias e duas noites,
consumindo o coração com cansaço e tristeza.

Mas quando a Aurora de belas tranças trouxe o terceiro dia,
agarrei na minha lança e numa espada afiada
e subi depressa desde a nau até uma elevação de larga vista,
para ver se discernia trabalhos de homens ou se ouvia as suas vozes.
Subi para uma elevação rochosa e aí me pus de pé:
discerni fumo a subir da terra de amplos caminhos,
do palácio de Circe, através dos arvoredos do bosque.
Refleti em seguida no espírito e no coração se haveria
de aí me dirigir para me informar, assim que vi o fumo chamejante.
Enquanto pensava, pareceu-me ser melhor voltar
primeiro para a nau veloz e para a praia, de modo a dar de comer
aos companheiros, para que fossem eles a partir para se informar.

Mas enquanto caminhava, e estando já perto da nau recurva,
um deus se apiedou da minha solidão e mandou
ao meu encontro um enorme veado de altos chifres,
que vinha da sua pastagem no bosque em direção ao rio
para beber; oprimia-o a força do Sol.
Acercando-me dele, acertei-lhe no meio do dorso:
a lança de bronze trespassou-lhe o corpo
e caiu no chão com um mugido; dele se evolou a vida.
Coloquei-me em pé sobre o veado e tirei

a lança de bronze; depois deixei-o jazendo no chão.
Em seguida apanhei vimes e pequenos ramos;
e entretecendo uma corda bem torcida com o comprimento
de uma braça, atei os pés do animal enorme
e voltei à nau escura levando-o aos ombros:
apoiava-me na lança, pois não conseguia segurá-lo no ombro
com a mão; era na verdade um animal de grande porte.
Junto à nau atirei-o para o chão e animei os companheiros
com doces palavras, dizendo individualmente a cada um:

"Amigos, apesar dos sofrimentos não desceremos ainda
até à mansão de Hades, antes que chegue o dia do nosso destino.
Mas agora, visto que na nau veloz temos ainda comida e bebida,
pensemos em comer, para que não definhemos devido à fome."
Assim falei; e eles de imediato obedeceram às minhas palavras.
Descobriram os rostos e junto ao mar nunca vindimado admiraram-se
à vista do veado; era na verdade um animal de grande porte.
Depois que saciaram os olhos com a vista,
lavaram as mãos e prepararam um soberbo festim.
Durante o resto do dia, até ao pôr do Sol,
banqueteámo-nos com carne abundante e vinho doce.
Quando o Sol se pôs e sobreveio a escuridão,
deitámo-nos para descansar junto à orla do mar.

Quando surgiu a que cedo desponta, a Aurora de róseos dedos,
reuni os homens e assim falei para todos:
"Escutai as minhas palavras, companheiros que tanto sofrestes.
Amigos, não sabemos onde é a escuridão, onde é a Aurora,

nem onde desce sob a terra o Sol que dá luz aos mortais,
nem onde nasce; mas pensemos rapidamente se nos resta
algum expediente. Pela minha parte, não julgo.
Pois tendo subido a uma elevação rochosa observei
a ilha, que o mar infinito cerca como uma grinalda.
A ilha em si não é elevada e no meio vi com os olhos
fumo a subir por entre os arvoredos do bosque.”

Assim falei; e logo se lhes despedaçou o coração
ao recordarem o atos do lestrígone Antífates
e a violência do magnânimo Ciclope antropófago.
Choraram alto e verteram lágrimas copiosamente.
Mas de nada serviram as suas lamentações.
Dividi em dois grupos os companheiros de belas cnémides:
para cada grupo nomeei um chefe.
De um grupo assumi a liderança; do outro, o divino Euríloco.
Em seguida agitámos as sortes num capacete de bronze
e logo saltou para fora a sorte do magnânimo Euríloco.
Partiu e com ele foram vinte e dois companheiros,
chorando; deixaram-nos para trás, gemendo.

Numa clareira do bosque encontraram o palácio de Circe,
de pedra polida, num local de bela vista.
Em redor estavam lobos da montanha e leões,
que ela enfeitiçara com drogas malévolas.
Porém os animais não atacaram os homens, mas puseram-se
de pé, dando as boas-vindas, as longas caudas abanando.
Tal como quando cães saltam em torno do dono quando
chega ao festim, porque sempre lhes dá guloseimas,

assim saltavam em torno dos homens lobos de fortes garras
e leões; e eles aterrorizaram-se, vendo as feras temíveis.
Estacaram à porta da deusa de belas tranças,
e ouviram de dentro Circe a cantar com voz melodiosa,
enquanto se dedicava à trama imperecível da sua tecelagem,
subtil, graciosa e brilhante, como são as tapeçarias das deusas.
Entre eles falou então Polites, Condutor de Homens,
que dos companheiros me era o mais caro e mais leal:

“Amigos, alguém lá dentro trabalha num grande tear:
canta melodiosamente e todo o chão ressoa:
é deusa ou mulher. Chamemos depressa por ela.”

Assim falou; e eles chamaram, elevando a voz.
Ela saiu logo, abrindo as portas resplandecentes,
e convidou-os a entrar; e eles, inscientes, entraram todos.
Só Euríloco ficou para trás, desconfiando de algum logro.
Circe sentou-os em assentos e cadeiras
e serviu-lhes queijo, cevada e pálido mel
com vinho de Pramno; mas misturou na comida
drogas terríveis, para que se esquecessem da pátria.

Depois que lhes deu a poção e eles a beberam,
bateu-lhes com a vara, para logo os encurralar nas pocilgas.
Eles tinham dos porcos as cabeças, a voz, as cerdas
e o corpo, mas a mente não mudou: permaneceu como era.
E choravam, encurralados, enquanto Circe lhes lançava
glandes e bolotas e o fruto do cornizo para comerem,
coisas de que se alimentam os porcos que dormem no chão.

Euríloco veio a correr para a escura nau veloz,
para me dar notícia dos companheiros e de seu destino cruel.
Mas não conseguia proferir palavra alguma, embora quisesse,
de tal forma era grande a dor que lhe atingira o coração.
Os olhos encheram-se de lágrimas e só cuidava de se lamentar.
Quando nós, espantados, colocámos perguntas,
então contou-nos a desgraça dos outros companheiros:

"Fomos pelos arvoredos, como ordenaste, ó glorioso Odisseu.
Numa clareira do bosque encontrámos o palácio de Circe,
de pedra polida, num local de bela vista.
Lá dentro alguém se dedicava à tecelagem, cantando
melodiosamente. Era deusa ou mulher; e eles chamaram por ela.
Saiu logo, abrindo as portas resplandecentes,
e convidou-os a entrar; e eles, inscientes, entraram todos.
Só eu fiquei para trás, desconfiando de algum logro.
Agora sumiram-se; nenhum deles voltou
a aparecer, embora eu tenha ficado à espera muito tempo."

Assim falou; e eu pendurei dos ombros uma grande espada
de bronze, incrustada de prata; peguei também no arco.
Disse-lhe que me conduzisse pelo mesmo caminho.
Mas ele, agarrando-se aos meus joelhos, suplicou-me,
e lamentando-se dirigiu-me palavras apetrechadas de asas:

"Não me leves à força, ó tu criado por Zeus, mas deixa-me aqui.
Pois sei que nem tu próprio regressarás, nem trarás nenhum
dos companheiros. Fujamos depressa com estes
que aqui estão: assim ainda afastaríamos o dia da desgraça."

Assim falou; e eu, tomando a palavra, respondi-lhe deste modo:
“Euríloco, fica, pois, neste local onde estás, a comer e a beber
junto da escura nau veloz; mas eu tenho de ir,
pois recaiu sobre mim uma necessidade onerosa.”

Assim dizendo, afastei-me da nau e da praia.
Quando entre os sagrados arvoredos estava prestes a chegar
ao grande palácio de Circe das muitas poções mágicas,
veio ao meu encontro Hermes da vara dourada
(dirgindo-me eu ao palácio), semelhante a um homem jovem,
com a primeira barba a despontar,
altura em que a juventude tem mais encanto.
Apertando-me a mão, dirigiu-me a palavra e tratou-me pelo nome:

“Aonde, ó infeliz, vais tu desta vez, sozinho por estes montes,
sem conheceres o lugar? Os teus companheiros em casa de Circe
estão encurralados como porcos, em pocilgas escondidas.
Será que vieste para os soltar? Digo-te que não regressarás,
mas ficarás também tu, onde estão os outros.
Mas eu te libertarei das desgraças. Salvar-te-ei.
Leva esta droga potente para o palácio de Circe:
afastará da tua cabeça o dia da desgraça.
Vou contar-te agora todos os dolos mortíferos de Circe.
Irá preparar para ti uma poção e porá drogas na comida:
mas não será capaz de te enfeitiçar, pois a droga
que te darei não o permitirá. E dir-te-ei mais:
quando Circe tentar conduzir-te com a sua vara comprida,
desembainha a espada de junto da tua coxa e lança-te

contra Circe, como se a quisesses matar.
Ela ficará cheia de medo e oferecer-te-á a sua cama.
Pela tua parte, não recuses a cama da deusa,
para que ela te solte os companheiros e trate bem de ti.
Mas ordena-lhe que jure o grande juramento dos deuses:
que não preparará para ti qualquer outro sofrimento,
não vá ela tirar-te coragem e virilidade quando estiveres nu.”

Assim falando, o Argeifonte deu-me a erva,
arrancando-a da terra, e explicou-me a sua natureza.
A raiz era negra, mas a flor era como leite.
Os deuses chamam-lhe *môli* e desenterrá-la é difícil
para homens mortais; porque aos deuses tudo é possível.
Em seguida Hermes subiu para o alto Olimpo
a partir da ilha frondosa; eu caminhei para casa de Circe,
enquanto revolvia muitas coisas no coração.
Estaquei junto à porta da deusa de belas tranças.
Ali de pé, chamei por ela; e a deusa ouviu a minha voz.
Saiu logo, abrindo as portas resplandecentes,
e convidou-me a entrar; acompanhei-a, preocupado.
Levou-me para dentro e trouxe-me um trono incrustado
de prata, bem trabalhado; pôs-me um banco para os pés.
Preparou uma poção numa taça dourada, para que eu bebesse,
mas misturou-lhe uma droga com espírito malévolo.
Porém depois que ma deu, e eu a bebi, não me enfeitiçou.
Então batendo-me com a vara, proferiu as seguintes palavras:
“Vai para a pocilga e deita-te com os outros companheiros!”

Assim falou; mas eu, desembainhando a espada afiada de junto

da coxa, lancei-me contra Circe, como se a quisesse matar.
Ela, com um grito, desviou-se e abraçou-me os joelhos;
lamentando-se, dirigiu-me palavras apetrechadas de asas:

"Quem és e donde vens? Que cidade é a tua? Quem são teus pais?
Estou espantada por teres bebido a poção sem ficares enfeitiçado.
Nenhum homem jamais resistiu a esta droga depois que a bebesse
e que ela lhe passasse a barreira dos dentes.
Mas a tua mente não pode ser enfeitiçada.
És na verdade o versátil Odisseu, que sempre me
dizia aportar aqui um dia o Argeifonte da vara dourada,
regressando de Troia na sua escura nau veloz.
Mas repõe a tua espada, pois iremos agora
para a nossa cama, para que nos unamos em amor
e possamos confiar um no outro."

Assim falou; e eu dei-lhe a seguinte resposta:
"Ó Circe, como podes pedir-me para ser agradável contigo?
Tu que no teu palácio transformaste os meus amigos em porcos,
e a mim aqui reténs, ordenando-me que vá
para o tálamo e que suba para a tua cama,
de modo a tirares-me coragem e virilidade quando estiver nu.
Fica sabendo que não subirei para a tua cama,
a não ser que tu, ó deusa, ouses jurar um grande juramento:
que não prepararás para mim próprio outro mau sofrimento."

Assim falei; e ela jurou logo, como lhe ordenara.
E depois que jurou e pôs termo ao juramento,
foi então que subi para a cama lindíssima de Circe.

Entretanto as escravas afadigavam-se no palácio:
eram quatro que ela tinha como servidoras dentro de casa.
Eram elas filhas de fontes, de bosques
e de sagrados rios que correm em direção ao mar.
Uma delas atirou para cima das cadeiras belas mantas
de púrpura, colocando debaixo mantas de linho.
Outra chegou às cadeiras mesas prateadas
e em cima pôs cestos de ouro.
A terceira misturou vinho doce numa tigela
de prata, e distribuiu taças douradas.
A quarta trouxe água e acendeu lume
sob a grande trípode, até que a água aquecesse.

Assim que a água ferveu no caldeirão de bronze,
sentou-me no banho e lavou-me com água da trípode;
misturando-a a meu gosto, derramou-a sobre os meus ombros
até me tirar dos membros todo o cansaço que sentia.

Depois que me banhou, esfregou com azeite
e vestiu com bela capa e túnica,
levou-me para dentro e trouxe-me um trono incrustado
de prata, bem trabalhado; pôs-me um banco para os pés.
Uma escrava trouxe água para as mãos num jarro,
belo e dourado, e verteu-a por cima de uma taça prateada.
E junto de mim colocou uma mesa polida.

Uma venerável governanta veio trazer o pão,
dispondo iguarias abundantes, favorecendo com o que havia.
Mandou-me comer; mas tal não me agradou ao coração:
fiquei sentado, a pensar noutras coisas, com mau agoiro no espírito.

Quando Circe reparou que eu estava assim sentado,
sem estender as mãos para a comida, dominado pela dor,
aproximou-se e disse palavras apetrechadas de asas:

"Odisseu, porque te sentas assim como um mudo,
devorando o teu próprio coração, sem tocares em comida
nem bebida? Será que receias outro dolo? Não deves,
pois jurei-te um poderoso juramento."

Assim falou; e eu dei-lhe a seguinte resposta:
"Ó Circe, quem é o homem, que seja sensato,
que ousaria provar da comida e da bebida,
antes da libertação dos companheiros, antes de os ver?
Pois se queres mesmo que eu coma e beba,
solta-os, para que veja com os olhos os fiéis companheiros."

Assim falei; e Circe saiu do palácio segurando a vara na mão;
abriu as portas da pocilga e conduziu-os para fora,
na forma de porcos com nove anos de idade.
Eles ficaram parados à sua frente; ela caminhou
entre eles, ungindo cada um com outra droga.
Dos seus membros caíram as cerdas, que antes
o feitiço detestável de Circe fizera crescer.

Transformaram-se de novo em homens, mais novos que antes,
muito mais belos e mais altos de se ver.
Reconheceram-me e cada um me apertou a mão;
sobre eles desceu um choro saudoso; foi terrível
como a casa ressoou: até a deusa se compadeceu.

Acercando-se de mim, disse então Circe, divina entre as deusas:
“Filho de Laertes, criado por Zeus, Odisseu de mil ardis,
vai agora para a nau veloz, para a orla do mar.
Primeiro arrastai a nau para terra firme;
equipamento e bens guardai em grutas.
Depois regressa e traz contigo os fiéis companheiros.”

Assim falou; e obedeceu-lhe o meu coração orgulhoso.
Fui para a nau veloz, para a orla do mar.
Encontrei de seguida na nau veloz os fiéis companheiros,
lamentando-se e vertendo lágrimas copiosas.
Tal como quando vitelas ao relento saltam todas
em torno das vacas da manada que regressam à estrumeira,
saciadas das pastagens, e já não as retém o curral
enquanto correm de roda das mães, mugindo sem parar —
assim aqueles homens, logo que me viram,
derramaram lágrimas, pois parecia-lhes
que tinham chegado à sua pátria, à própria cidade
da áspera Ítaca, onde nasceram e foram criados.
Chorando, dirigiram-me palavras apetrechadas de asas:

“À tua chegada, ó tu criado por Zeus, nos alegrámos
como se tivéssemos chegado a Ítaca, nossa pátria!

Mas conta-nos a desgraça dos outros companheiros.”

Assim falaram; e eu respondi-lhes com palavras brandas:
“Primeiro arrastemos a nau para terra firme,
e guardemos equipamento e bens em grutas.

Depois apressai-vos e vinde todos comigo,
para que vejais os companheiros no sagrado palácio de Circe,
bebendo e comendo: têm tudo em abundância.”

Assim falei; e eles obedeceram logo às minhas palavras.
Só Euríloco tentou refrear os outros companheiros;
e assim falou, dirigindo-lhes palavras apetrechadas de asas:

“Infelizes! Aonde vamos? Porque vos enamorais destas desgraças?
Vamos para o palácio de Circe, para que ela
nos transforme em porcos, lobos ou leões,
para guardarmos à força a sua grande casa?
Foi o que aconteceu com o Ciclope, quando em sua morada
entraram os nossos companheiros, e com eles o audaz Odisseu!
Pereceram por causa da loucura deste homem.”

Assim falou; e eu refleti no meu coração
se haveria de desembainhar a espada de junto da coxa
e cortar-lhe a cabeça, fazendo-a cair ao chão,
embora fosse meu parente próximo; mas um a um
os companheiros procuraram amansar-me com palavras doces:

“Ó tu criado por Zeus, deixemos este homem, se permitires,
ficar aqui junto à nau para a guardar;
leva-nos agora tu até ao sagrado palácio de Circe.”

Assim falando, subiram de junto da nau e da praia.
Nem Eurílоco ficou ao pé da côncava nau, mas veio
connosco; pois receava a severidade da minha censura.

Entretanto, no seu palácio, Circe banhara com gentileza
os demais companheiros e ungira-os com azeite;
vestira-os com túnicas e capas de lã.
Encontrámo-los todos a banquetearem-se no palácio.

Mas quando se viram e reconheceram uns aos outros,
choraram, lamentando-se; e em redor ecoou toda a casa.
Acercando-se de mim, disse então Circe, divina entre as deusas:

“Filho de Laertes, criado por Zeus, Odisseu de mil ardis,
não levanteis agora tal abundante lamento! Eu própria
conheço as dores que sofrestes no mar piscoso,
e as maldades que vos fizeram homens hostis em terra firme.
Mas agora alimentai-vos de comida e bebei vinho,
até que tenhais de novo no peito um coração
como quando pela primeira vez deixastes a terra pátria,
a áspera Ítaca; pois agora estais murchos e cansados,
sempre recordados dos difíceis errores, nem sentem
os vossos espíritos qualquer alegria, visto que tanto sofrestes.”

Assim falou; e os nossos corações orgulhosos consentiram.

E todos os dias até perfazer um ano ali ficámos,
comendo carne em abundância e bebendo vinho suave.
Mas quando passou um ano e as estações completaram
seu ciclo, diminuindo os meses e aumentando os dias,
chamaram-me os fiéis companheiros e disseram:

“Tresvariado! Lembra-te agora da terra pátria,
se te está destinado que te salves e chegues
ao teu alto palácio e à tua terra pátria!”

Assim falaram; e o meu coração orgulhoso consentiu.
E durante todo o dia até ao pôr do Sol ficámos ali sentados,
comendo carne em abundância e bebendo vinho suave.
Mas depois que se pôs o Sol e sobreveio a escuridão,
deitaram-se na grande sala cheia de sombras.
Pela minha parte, subi para a cama lindíssima de Circe
e supliquei-lhe pelos joelhos; a deusa ouviu a minha voz.
E falando proferi palavras apetrechadas de asas:

“Ó Circe, cumpre agora aquilo que me prometeste,
de me mandares para casa; pois o espírito me impele,
assim como o dos outros companheiros, que me atormentam
o coração chorando em meu redor, quando não estás presente.”

Assim falei; e logo me respondeu Circe, divina entre as deusas:
“Filho de Laertes, criado por Zeus, Odisseu de mil ardis,
contra vossa vontade não fiqueis em minha casa!
Mas tendes primeiro de cumprir outra viagem
e chegar à morada de Hades e da temível Perséfone,

para consultardes a alma do tebano Tirésias,
o cego adivinho, cuja mente se mantém firme.
Só a ele, na morte, concedeu Perséfone o entendimento,
embora os outros lá esvoacem como sombras.”

Assim falou; dentro de mim se me despedaçou o coração.
Chorei sentado na cama; e o meu coração não queria
viver nem contemplar a luz do Sol.
Mas depois que me saciei de chorar e de me retorcer,
então respondi-lhe, dizendo o seguinte:
“Ó Circe, quem nos conduzirá por esse caminho?
Ao Hades em nau escura nunca foi nenhum homem.”

Assim falei; respondeu-me Circe, divina entre as deusas:
“Filho de Laertes, criado por Zeus, Odisseu de mil ardis!
Que não te preocupe o desejo de um piloto para a nau,
mas levantando o mastro, alça a vela branca
e fica sentado: pois levá-la-á o sopro do Bóreas.
E quando atravessares a corrente do Oceano,
onde há uma praia baixa e os bosques de Perséfone,
grandes álamos e choupos que perdem seu fruto,
aí deixa a nau junto ao Oceano de remoinhos profundos,
e vai tu próprio para a mansão bolorenta de Hades.
Aí para o Aqueronte fluem o Puriflegetonte
e o Cocito, que é afluente da Água Estígia;
aí há uma rocha, onde confluem os rios retumbantes.
Daí, ó herói, te deverás aproximar, como digo,
e cavar uma vala de um cúbito em ambas as direções,
e nela deverás verter uma libação para todos os mortos,

primeiro de leite e mel, depois de vinho doce,
e em terceiro lugar de água, polvilhando a branca cevada.
Oferece muitas súplicas às cabeças destituídas de força dos mortos,
jurando que ao chegares a Ítaca sacrificarás uma vitela estéril,
a melhor que tiveres, e que numa pira porás coisas nobres;
e para Tirésias em separado oferecerás um bode,
todo negro, o melhor dos vossos rebanhos.
Depois de com preces teres suplicado às gloriosas raças dos mortos,
então sacrifica um bode e uma negra ovelha, virando
para o Érebo as suas cabeças, mas tu próprio olhando para trás,
como que te lançando para as torrentes do rio; virão depois
ao teu encontro muitas almas dos mortos.
Ordena então aos teus companheiros que esfolem
as ovelhas, que ali jazem degoladas pelo bronze impiedoso,
e que as queimem, dirigindo preces aos deuses,
a Hades poderoso e à temível Perséfone.
Tu próprio, desembainhando a espada afiada de junto da coxa,
fica ali sentado: não permitas que as cabeças destituídas de força dos mortos se cheguem ao sangue, antes de interrogares Tirésias.
Então virá ao teu encontro o adivinho, ó Condutor das Hostes,
que te indicará o caminho, a distância da viagem
e o teu regresso, como navegarás sobre o mar repleto de peixes.”

Assim falou; e logo sobreveio a Aurora de trono dourado.
Circe lançou sobre mim capa e túnica;
e a própria Ninfa pôs um vestido de fio de prata,

subtil e gracioso; na cintura atou um cinto
de ouro e sobre a cabeça colocou um véu.

Fui pelo palácio incitando os companheiros
com palavras meladas, dizendo individualmente a cada um:
“Cessai agora de colher a melhor flor do doce sono.
Ponhamo-nos a caminho. Tudo me disse Circe soberana.”
Assim falei; e obedeceu-lhes o orgulhoso coração.
Mas nem dali pude conduzir os companheiros sem baixas.

Havia um muito jovem, Elpenor, que não era demasiado
corajoso na guerra nem muito seguro de entendimento;
longe dos companheiros no palácio sagrado de Circe,
procurando o fresco da noite, se deitara, pesado de vinho.
Ouvindo a agitação e o barulho dos companheiros
a movimentarem-se, levantou-se de repente: esqueceu-se
em seu espírito de descer pelo longo escadote,
caindo de cabeça do telhado; das vértebras se lhe partiu
o pescoço e para o Hades desceu a alma.

À chegada deles, assim disse aos companheiros:
“Pensais porventura que é para casa, para a terra amada
que regressamos: mas outro foi o caminho que Circe indicou,
para a mansão de Hades e da temível Perséfone,
para interrogar a alma do tebano Tirésias.”

Assim falei; e logo se lhes despedaçou o coração.
Sentando-se onde estavam, choraram e arrancaram
os cabelos; mas foram em vão as lamentações.

Quando nos dirigíamos para a nau veloz, para a orla do mar,
entristecidos e vertendo copiosas lágrimas,
Circe, desaparecendo, atou à escura nau um bode
e uma negra ovelha, passando facilmente à nossa frente.
Pois quem poderá, contra a vontade de um deus,
contemplá-lo com os olhos, à sua partida ou à sua vinda?

Notas ao Canto 10

1 «ilha de Eólia»: mais corretamente, «ilha eólia», uma vez que se trata de um adjetivo formado a partir do nome Éolo (já registado em Linear B). Para o historiógrafo ateniense Tucídides (3.88), a ilha pertenceria ao arquipélago a que chamamos hoje «ilhas de Lipari», mas, como tivemos ocasião de observar várias vezes, a geografia da *Od*. é essencialmente imaginária. As viagens de Odisseu e das suas 12 naus (11 das quais perecerão em 132) prosseguem e, atendendo ao modo como terminou o Canto 9, com a descrição pormenorizada do motivo da ira de Posídon, eis que, para nosso grande espanto, a ira de Posídon está doravante quase invisível até ao último verso do poema. O tema da «ira de Zeus» – a que fizemos alusão em 9.553-554* – ainda aparecerá brevemente em 23.330; mas todo o edifício criado no Canto 9 para justificar a ira de Posídon foi erigido em vão (ou, se adotarmos outro ponto de vista, não foi erigido com uma finalidade que tivesse algo a ver com a ira de Posídon).

6 = *Il*.24.604.

10 «De dia o palácio ecoa de cantos; enche-o o cheiro a comida»: verso que levanta muitas dificuldades (ver Oxf.ii, p. 44; Dawe, p. 391) e cujo sentido exato não sabemos. A tradução segue uma sugestão presente no aparato crítico da ed. de Estugarda que permite ver no verso uma alusão a «canto», mas a solução não é segura (nem consensual).

13 «Foi ao palácio e à cidade destes que aportámos»: foi-nos dito em 5-9 que a ilha tem 14 habitantes (o casal Éolo e mulher + os seus 12 filhos). Durante um mês inteiro (ver 14), a ilha fica a abarrotar de gente (fica «caótica», como se diria hoje), pois onde anteriormente viviam só 14 pessoas estarão agora mais de 500. Pensemos nos tripulantes das 12 naus (já sem falar nas escravas trazidas de Troia, de Ísmaro, etc.). Tomando o número de 50 tripulantes por nau como padrão (cf. 8.48), Éolo vê-se de repente na obrigação de oferecer hospitalidade a 522 homens (descontando os 78 Itacenses que, até agora, já morreram na viagem: 72 tombados em combate contra os Cícones; seis comidos pelo Ciclope).

23 «atou o saco com corda de prata»: já foi observado muitas vezes que Éolo nunca diz a Odisseu que o saco dos ventos não pode ser aberto.

34-48 Mais um vestígio de uma anterior narração omnisciente na 3.ª pessoa. Por um lado, Odisseu narra as conversas ocorridas enquanto ele estava a dormir; por outro, veja-se em especial 48: «A tempestade agarrou a nau e levou-*os* a chorar».

38-39 «Como ele é estimado e honrado entre todos os homens, / seja qual for a terra a que aporta»: desde a saída de Troia, nada aconteceu que justifique esta afirmação. A frase aplica-se aos

destinatários da narração de Odisseu, os Feaces (mas não é deles que falam estes Itacenses, que morrerão todos antes de os conhecer).

42 «regressamos a casa de mãos vazias»: frase incompatível com 9.41-42.

51-52 Odisseu coloca duas alternativas em termos de reação a este revés: ou afogar-se; ou aguentar em silêncio. Curiosamente, nenhuma delas implica repreender os companheiros por terem feito o que fizeram.

57-58 Estes versos são omitidos num papiro helenístico do século III a.C. Antes da publicação deste papiro, a sua dispensabilidade já fora adivinhada pelo grande helenista alemão Wilamowitz (cf. Dawe, p. 393).

59 «levei comigo um arauto e um companheiro»: Odisseu teve a prudência de não aparecer de novo no palácio de Éolo acompanhado de mais de 500 Itacenses.

64 «Como vieste aqui ter, Odisseu? Que espírito malévolo te fez mal?»: estas palavras dos seres divinos de Eólia sugerem, de novo, a deficiente integração no poema do tema da ira de Posídon, que, se fosse orgânica, teria aqui uma clara oportunidade para se manifestar e para ser identificada como tal (ver West, *Odyssey*, p. 146, n. 6: «The motif of Poseidon's wrath is in fact only loosely integrated into the narrative»).

75 «Chegas aqui como alguém odiado pelos deuses»: ver nota anterior. No entanto, este verso é omitido num papiro helenístico e é considerado espúrio na ed. de Estugarda (onde surge entre parênteses retos).

81-82 «Lamo […] Telépilo»: a cidade dos Lestrígones era imaginada por autores antigos (Tucídides, 6.2; Horácio, *Odes* 3.16.24) como sendo algures na Sicília, mas estes gigantes canibais pertencem ao mundo imaginário dos contos populares (cf. Page, *Folktales*, pp. 25-31). É possível que «Lamo» seja antropónimo (e não topónimo), referindo-se talvez ao nome do rei lendário que fundou a cidade dos Lestrígones. Quanto a «Telépilo» (*Telépulos*), já encontrámos na *Od*. o topónimo «Pilos» (ver 3.4*). Aqui temos, por assim dizer, «Tele-Pilos», ou seja, «Pilos Longínqua». Embora na tradução portuguesa leiamos «Telépilo dos Lestrígones», em rigor a expressão grega é (mantendo as maiúsculas da ed. de Estugarda) «Telépilo Lestrigónia», o que levanta a seguinte dúvida: tanto a palavra «Telépilo» como «Lestrigónia» podem ser adjetivos ou substantivos – assim sendo, será que o nome da cidade é «Lestrigónia», sendo «telépilo» um adjetivo com o sentido de «dos portões longínquos»? Não há maneira de sabermos.

86 «Pois perto são os caminhos do dia e da noite»: um dos versos mais polémicos da *Od*. A que se refere «perto» (*engús*)? Significa que os Lestrígones vivem perto dos caminhos do dia e da noite? Ou que são os caminhos do dia e da noite que estão perto do sítio onde vivem os Lestrígones? Em 81*, vimos que alguns autores antigos imaginaram os Lestrígones a viver na Sicília, mas os escólios à *Od*. (cf. Oxf.ii, p. 47) registam a opinião de um tal Crates, segundo a qual os Lestrígones viviam no Extremo Norte. Esta opinião é partilhada por estudiosos modernos, que veem, neste relato dos Lestrígones, ecos de que os Gregos tinham conhecimento de regiões muito setentrionais na zona do Báltico (cf. West, *Hellenica I*, pp. 294-296). Contudo, não é seguro concluir que existe aqui um substrato geográfico realista. Em 81*, vimos que um sentido possível de «Telépilo» associa a palavra

a «portões». Podemos lembrar o verso do filósofo pré-socrático Parménides, que, em inícios do século V a.C., escrevia (usando o hexâmetro homérico) sobre os «portões dos caminhos da Noite e do Dia» (ver G.S. Kirk, J.E. Raven & M. Schofield, *Os Filósofos Pré-Socráticos*, Lisboa, 1994, 4.ª ed., pp. 252-253). Talvez o sentido dos caminhos da Noite e do Dia na *Od*. seja tão «místico» como aquele que encontraremos mais tarde em Parménides.

93 «nunca ali entrava onda alguma»: no episódio dos Lestrígones, confrontamo-nos novamente com vestígios de uma narração omnisciente na 3.ª pessoa. Como pode Odisseu (que esteve poucas horas em Telépilo) saber que «nunca» entrava ali uma onda, ou que certo caminho era usado para os carros de bois trazerem lenha das montanhas (103-104)? Esta menção aos carros de bois é especialmente estranha quando, em 98, se dissera que não se viam «trabalhos de bois». O facto de o narrador conhecer o nome da fonte de Artácia em 107 (ou o nome do rei Antífates no verso anterior) também aponta para um substrato de narração omnisciente.

94 «acalmia luminosa»: à letra, «acalmia branca».

95 «Só eu fundeei cá fora a minha escura nau»: temos agora o contrário da situação que foi descrita no episódio do Ciclope, quando as outras 11 naus ficam fora. Desta feita, as 11 naus, que antes ficaram fora, ficam dentro – com consequências desastrosas.

99 «vimos fumo a elevar-se da terra»: contraste-se esta 1.ª pessoa do plural com a 1.ª do singular em 97.

105-120 Um bloco (sem quaisquer retoques!) de narração omnisciente na 3.ª pessoa.

106 «filha corpulenta»: à letra, «filha forte».

107 «Artácia»: trata-se de um de vários elementos que ligam esta parte da *Od*. a lendas relacionadas com os Argonautas (ver Rocha Pereira, *Estudos*, p. 93). Na verdade, esta fonte será mais tarde mencionada por Apolónio de Rodes na sua *Argonáutica* (1.957).

111 «alta mansão»: neste caso, o epíteto *hupsipherés* («alto») é tudo menos uma palavra de encher, já que o palácio habitado por gigantes e por uma rainha «alta como uma montanha» tinha necessariamente de ser alto.

118-119 «Pela cidade levantou Antífates um grito; e quando o ouviram / os corpulentos Lestrígones, acorreram de todos os lados»: nas palavras de Dawe (p. 398), «os gigantescos canibais Lestrígones, atiradores de rochedos, reagem com histeria injustificada perante a fuga de dois pobres marinheiros relutantes em servir-lhes de refeição».

133-134 «Daí continuámos a navegar, de coração triste; aliviados por termos / fugido à morte, tendo embora perdido os companheiros»: atendendo a que pereceram 12 naus e morreram mais de 400 homens na chacina, as palavras frias de Odisseu sugeririam – se não fossem formulares – ou uma resignação dir-se-ia «schopenhaueriana», ou uma enorme indiferença egoísta face ao sofrimento alheio. Como comandante da armada de Itacences, o rei de Ítaca também não se pergunta até que ponto houve responsabilidade sua na perda de 400 vidas (não contabilizando, mais uma vez, as escravas de Ísmaro, de que nunca mais ouvimos nem ouviremos falar).

136 «Circe»: com esta personagem, continuamos a pisar terreno argonáutico (ver 107*). Circe é irmã de Eetes, o rei que era detentor do tosão de ouro, em cuja demanda se fez a viagem dos argonautas. Eetes e Circe são filhos do Sol; e a ilha de Circe, Eeia, tem um nome semelhante não só ao do rei detentor do tosão de ouro como ao nome tradicional da terra (Aia) para onde navegaram os argonautas (ver West, *Odyssey*, p. 119). Onde fica Eeia? Em 12.3-4, lemos que se situa algures no Extremo Oriente; no entanto, por «Extremo Oriente» não devemos, neste contexto, entender algo como China ou Japão, mas sim um território bem mais próximo da Grécia: talvez a Crimeia, na zona do mar Negro (ver West, *Hellenica I* , pp. 292-295). A feiticeira que transforma homens em animais (neste caso, porcos) é figura típica de contos tradicionais (ver Page, *Folktales in Homer's Odyssey*, pp. 60-62), mas a Circe homérica é aquilo que podemos chamar uma «grande personagem»: cheia de contradições, ameaçadora e fascinante, ao mesmo tempo falsa e sincera (cf. Oxf.ii, p. 51). Sobre Circe, ver sobretudo G. Beck, «Beobachtungen zur Kirkeepisode in der Odyssee», *Philologus* 109 (1965), pp. 1-29.

138 «Ambos foram gerados pelo Sol»: contudo, quando Circe fala do Sol e das suas filhas em 12.128-136, não faz qualquer referência ao facto de ela própria também ser filha do Sol.

152 «fumo chamejante»: o adjetivo traduzido por «chamejante» é *aíthops*, que surge mais frequentemente associado na *Od*. a vinho, daí a expressão «vinho frisante» (ver 2.57*).

157 «um deus»: eis uma oportunidade perdida para Atena, mítica protetora de Odisseu, dar um ar da sua graça.

162-165 A morte do veado é descrita (como notou Heubeck) nos mesmos termos usados na *Il.* para descrever a morte de um herói (Oxf.ii, p. 53):

10.162 = *Il*.16.346;
10.163 = *Il*.16.469;
10.164 ~ *Il*.6.65.

169 «aos ombros»: o advérbio raríssimo *katallophádia* (na ed. de Oxford, *katalophádeia*), cuja grafia e explicação morfológica levanta dúvidas insolúveis.

174-175 «não desceremos ainda / até à mansão de Hades»: na verdade, é o que farão no Canto 11.

176-177 «Mas agora, visto que na nau veloz temos ainda comida e bebida / pensemos em comer»: Odisseu apresenta o veado aos companheiros esfomeados sem dizer uma palavra sobre o mesmo, sublinhando antes o facto de que afinal havia comida na nau.

179 «Descobriram os rostos»: depois de dois dias a consumir «o coração com cansaço e tristeza» (143), os Itacenses saem da depressão e destapam as caras.

__ «mar nunca vindimado»: ver 1.72*.

189 Verso considerado espúrio por vários estudiosos antigos (colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda).

190-192 «Amigos, não sabemos onde é a escuridão, onde é a Aurora, / nem onde desce sob a terra o Sol que dá luz aos mortais, / nem onde nasce»: versos incompatíveis com a tomada de consciência do pôr do Sol em 185 e com a Aurora de róseos dedos a despontar em 187. Estes versos,

todavia, fariam sentido a propósito da terra dos Cimérios, descrita em 11.14-19, onde há sempre nevoeiro e não se distingue o dia da noite. Podem estar deslocados na versão da *Od*. que nos chegou.

198 «logo se lhes despedaçou o coração»: recordemos que o avistamento de fumo constituíra o prelúdio de eventos horripilantes na ilha de Polifemo (cf. 9.167) e na terra dos Lestrígones (cf. 10.99).

200 «magnânimo Ciclope antropófago»: o oximoro inerente a este verso levou vários estudiosos a argumentar a favor da sua inautenticidade (ver Oxf.ii, p. 55). Alguns manuscritos dão-nos a ler, em vez de «antropófago» (*androphágos*), «matador de homens» (*androphónos*, adjetivo aplicado a Heitor na *Il*. e, na *Od*., ao «veneno» [*phármakon*] referido em 1.261).

201-202 «Choraram alto e verteram lágrimas copiosamente. / Mas de nada serviram as suas lamentações»: logo no verso seguinte, a estes antigos heróis da Guerra de Troia, agora atreitos a chorarem como madalenas por tudo e por nada, é aplicado o epíteto iliádico «de belas cnémides», decerto com intuito irónico.

205 «o divino Euríloco»: ver 246-248*.

206 «agitámos as sortes num capacete de bronze»: se a «sorte» (e não a premeditação do poeta) tivesse decidido de outra maneira, Odisseu teria pertencido ao grupo dos homens que serão transformados em porcos.

208 «com ele foram vinte e dois companheiros»: porquê «vinte e dois»? Neste momento da narrativa, Odisseu viaja só com uma nau, pois as outras pereceram na terra dos Lestrígones. Quando ele dispunha das 12 naus, enviou somente três homens para fazer o reconhecimento da terra dos Lestrígones (e, no episódio de Polifemo, tal incumbência cabe a 12 homens). Talvez a ideia de uma vara só de três porcos-que-antes-foram-homens não tivesse suficiente força poética – daí a opção do poeta por este grupo numeroso.

210-243 Mais um bloco sem retoque ou adaptação de narração omnisciente na 3.ª pessoa, onde Odisseu narra novamente situações e palavras que ele não presenciou.

212 «lobos da montanha e leões»: animais associados, no *Épico de Gilgameš*, à deusa Ištar e aos seus amantes (ver, na tradução de F.L. Parreira [Assírio & Alvim], as pp. 100-101). O poeta não explicita se os lobos e os leões eram homens que foram transformados em animais, ou se são animais amestrados por meio de drogas. Ver 433*.

220-222 «Estacaram à porta da deusa de belas tranças, / e ouviram de dentro Circe a cantar com voz melodiosa, / enquanto se dedicava à trama imperecível da sua tecelagem»: um exemplo especialmente expressivo de elementos que só cabem numa narração omnisciente na 3.ª pessoa.

224-225 «Polites […] / que dos companheiros me era o mais caro e mais leal»: não deixa de ser curioso que, em toda a *Od*., o melhor amigo do herói só seja mencionado nestes dois versos.

235 «vinho de Pramno»: também mencionado na *Il*. (11.638-640). Ateneu, escrevendo muitos séculos mais tarde, regista que este vinho de Pramno era originário de Lesbos (cf. Dawe, pp. 405 e 426), mas Pramno também foi identificado como aldeia perto de Éfeso (Dawe, p. 405). A verdade é que não temos conhecimento irrefutável de um lugar antigo chamado «Pramno» (cf. Cmb.iii, p. 294);

em rigor, o que lemos no texto homérico é que se trata de «vinho pramneio». Outro problema seria especularmos como vinho de Pramno veio parar à garrafeira de Circe em Eeia.

238 «bateu-lhes com a vara»: em 236, ouvimos falar em drogas terríveis que fazem esquecer a pátria (reminiscência do episódio dos Lotófagos?), mas 240 diz-nos que a mente dos Itacenses não mudou: não ficaram tolinhos, pois a mente «permaneceu como era». E se «choravam», já sob forma suína, é evidentemente porque não se tinham esquecido de nada. Agora, em 238, é-nos dito que Circe lhes bateu com a vara – e somos levados a compreender que, na realidade, o poeta nunca afirma claramente se são as drogas que ocasionam a transformação ou se é a vara.

240 «corpo»: os comentários antigos preservam a informação de que, em vez de «corpo», Zenódoto entendeu que a palavra certa aqui seria «pés» (neste caso, talvez, «cascos»).

241 A imagem dos porcos a chorar foi criticada como sendo ridícula na Antiguidade (por Zoilo, segundo o *Tratado do Sublime* atribuído a Longino, 9.14).

242 «glandes e bolotas»: um pouco pleonástico, já que tanto *ákulos* («glande», em sentido botânico) como *bálanos* são palavras que podemos traduzir por «bolota». Como se não bastasse a associação de «glande» ao pénis, a própria palavra grega *bálanos* é muitas vezes usada no sentido de «pénis», embora em épocas posteriores à homérica.

246-248 «Mas não conseguia proferir palavra alguma, embora quisesse, / de tal forma era grande a dor que lhe atingira o coração. / Os olhos encheram-se de lágrimas e só cuidava de se lamentar»: este é o «divino Eurílоco» de 205.

253 Verso omitido pela maioria dos manuscritos e colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

265 Verso omitido pela maioria dos manuscritos e colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

277-279*b* «Hermes da vara dourada / […] semelhante a um homem jovem, / com a primeira barba a despontar, / altura em que a juventude tem mais encanto»: novo vestígio de uma narração omnisciente na 3.ª pessoa. Se o deus estava disfarçado de jovem com a primeira barba a despontar, como poderia Odisseu saber que se tratava de Hermes? Estes versos são inspirados em *Il*.24.339-348 (ver as maravilhosas páginas de K. Reinhardt, *Die Ilias und ihr Dichter*, Göttingen, 1961, pp. 479-482, que chama, porém, a atenção [p. 481] para o facto de a palavra «jovem», aqui usada pelo poeta da *Od*. [*neêníês*], nunca ocorrer na *Il*.). Note-se, ainda, que na passagem da *Il*. a juventude de Hermes faz pleno sentido, pela forma como esse dado estabelece uma relação quase de pai e filho entre o jovem desconhecido e Príamo, homem velho (aspeto bem sublinhado por C.W. MacLeod, *Homer, Iliad, Book XXIV*, Cambridge, 1982, p. 116), ao passo que, no presente episódio da *Od*., não há razão orgânica para a juventude de Hermes.

280 «Apertando-me a mão»: trata-se do único momento em toda a poesia homérica em que um deus masculino aperta a mão de um homem mortal.

__ «tratou-me pelo nome» ver 3.374*.

281 «desta vez»: Hermes parece falar (como notou Dawe, p. 408) como se fosse testemunha frequente das aventuras de Odisseu.

283 «como porcos»: o deus não está a ser exato: eles não estão encurralados «como» porcos (*hôs te súes*); eles são porcos.

__ «em pocilgas escondidas»: expressão difícil de traduzir, pois as palavras correspondentes gregas significam «recessos cerrados».

287 «Leva esta droga potente»: o «fármaco excelente» (*phármakon esthlón*), pelo que depreendemos do que está a ser dito, parece encontrar-se na mão do deus; mas na realidade é uma planta que ele só arrancará da terra em 303. Repare-se, em 292, no futuro «darei».

301 «não vá ela tirar-te coragem e virilidade quanto estiveres nu»: ou, mais à letra, «não te faça ela vil [isto é, cobarde, *kakós*] e não-homem [*anênôr*] quando estiveres nu». Não é claro se «não-homem» se refere ao risco de Odisseu ser transformado em animal, ou se está aqui implícito o risco de castração. De qualquer forma, a ideia de que o sexo tem uma ação transformadora sobre o homem, tornando-o mole e vulnerável, está entretecida em vários mitos gregos (de forma mais óbvia, no mito de Adónis) e já está presente no *Épico de Gilgameš* («prostrado, não podia Enkidu correr como antes»; isto após a cópula com Šamhat: ver tradução de F.L. Parreira, p. 51).

302 «Argeifonte»: ver 1.38*.

303 «explicou-me a sua natureza»: trata-se da única ocorrência, em toda a poesia homérica, da palavra *phúsis* (e também a sua primeira ocorrência na literatura grega).

305 «*môli*»: ficamos sem saber se a planta seria para ingerir ou para esfregar. Seja como for, depois destes versos todos dedicados ao tema de Hermes e da planta mágica, esta sai de cena e o poeta não faz mais uso nem menção dela.

307 «Hermes subiu para o alto Olimpo»: outro vestígio de uma narração omnisciente na 3.ª pessoa.

315 Verso considerado inautêntico por Aristarco e colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

324 «palavras apetrechadas de asas»: ver 1.122*.

330 «versátil Odisseu»: ver 1.1*.

330-331 «sempre me / dizia […] o Argeifonte»: ou as visitas de Hermes a Circe para dar um dedo de conversa eram mais frequentes do que no caso de Calipso (cf. 5.88), ou o poeta está simplesmente a pôr em ação o mesmo mecanismo usado no episódio de Polifemo em 9.507.

333-334 «iremos agora / para a nossa cama»: é muito significativo (como argutamente notou Dawe, p. 412) que, para Circe, a cama seja a «nossa» cama; ao passo que, para Odisseu, é a «tua» cama (340, 342). A sequência «sexo + banho + jantar» é menos lógica do que a alternativa «banho + jantar + sexo», mas o sentido será talvez o de pôr Odisseu a fazer greve de fome na terceira etapa (jantar) de forma a pressionar Circe a libertar os companheiros, e não greve de sexo (se o sexo fosse a terceira etapa do episódio), já que, segundo argumentou Andrew Dyck, o sexo não é aqui visto como

prazer, mas como perigo e provação. Ver A. Dyck, «The Witch's Bed but not her Breakfast: an Odyssean Paradox», *Rheinisches Museum* 124 (1981), pp. 196-198.

350 «Eram elas filhas de fontes, de bosques»: a métrica deste verso é anómala, pois as palavras correspondentes a «fontes» e «bosques» são escandidas como dissílabos, quando na verdade são trissilábicas. A surpresa métrica tem o seu correlato na surpresa narrativa, pois, como observou West (*Odyssey*, p. 211), nada nos dera ainda a entender que existiam estas *amphípoloi* («escravas»)[1], muito menos que, na mundividência do poeta, também filhas de fontes, de bosques e de rios eram seres passíveis de escravização. As já habituais contradições do poema levarão a que, em 450-451, seja a própria Circe a dar banho aos companheiros de Odisseu, após a experiência insólita da vida dos porcos.

358-363 Estes versos chamam especialmente a atenção pela presença de palavras micénicas: *trípous* («trípode»), *thrónos* («trono»), *trápeza* («mesa»), *krêtêr* («taça»), *asáminthos* («banho»), com o seu antiquíssimo sufixo minoico. Ver Oxf.ii, p. 63.

368-372 = 1.136-140. Versos dados como espúrios na ed. de Estugarda e colocados, por isso, entre parênteses retos.

390 «porcos com nove anos de idade»: a palavra aqui para «porcos» também é micénica: *síaloi*.

392 «ungindo cada um com outra droga»: comentámos a propósito de 238* que não ficou claro se é por meio da droga dada a ingerir ou pelo toque da vara que Circe efetuou a transformação dos companheiros de Odisseu em porcos. A ideia agora apresentada, de que é preciso besuntá-los para os fazer regressar à forma humana, volta a não esclarecer o «como» da transformação.

395-396 «Transformaram-se de novo em homens, mais novos que antes, / muito mais belos e mais altos de se ver»: em vez de ter sido traumática, a experiência acabou por ser benéfica, funcionando, além do mais, como tratamento de beleza (tema caro ao poeta da *Od*., de que são beneficiários, por ação de Atena, Odisseu, seu filho e seu pai – mas que aqui é extensível a todos os seus companheiros).

410 «Tal como quando vitelas ao relento saltam todas»: o símile tirado da agropecuária é expressivo e apresenta o pormenor curioso de o adjetivo traduzido por «ao relento» (*ágrauloi*) estar na base do verbo *agraulêô*, que descreverá no Evangelho de Lucas (2.8) os pastores ao relento (*agrauloûntes*) quando aparece o anjo a anunciar o nascimento do Menino em Belém.

430 Verso omitido em vários manuscritos e colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

433 «porcos, lobos ou leões»: a dúvida que se nos colocara a propósito de 212 (onde não está explícito se os lobos e os leões eram homens que foram transformados em animais, ou animais amestrados por meio de drogas) não se coloca a Eurílоco.

436 «audaz Odisseu»: embora Odisseu seja indubitavelmente audaz, este é o único verso da *Od*. em que esse adjetivo (*thrasús*) lhe é aplicado.

440 «cortar-lhe a cabeça, fazendo-a cair ao chão»: forma porventura excessiva de reagir a uma mera diferença de opinião (já para não falar do facto de a potencial vítima de decapitação ser «parente próximo» de Odisseu).

456 Verso omitido pela maioria dos manuscritos, e por isso colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

458 «conheço as dores que sofrestes no mar piscoso»: como Odisseu não teve oportunidade de fazer, para Circe, um relato do género do qual está agora a fazer aos Feaces, só podemos concluir que Circe está ao corrente de tudo por motivos de omnisciência divina (ou então porque as conversas com Hermes, aludidas em 330-332, tinham aflorado esse tema).

467 «E todos os dias até perfazer um ano ali ficámos»: pode estar subentendida aqui a ideia de que a feiticeira perigosa, transformadora de homens, se transformou ela própria numa mulher apaixonada.

472 «Tresvariado»: em grego, *daimónie*. Ver 4.774*.

475-479 Versos omitidos em muitos manuscritos e colocados entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

482 Verso omitido nalguns manuscritos e colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

483 «cumpre agora aquilo que me prometeste»: não foi proferida por Circe, até agora, qualquer promessa.

490-492 «Mas tendes primeiro de cumprir outra viagem / e chegar à morada de Hades e da temível Perséfone, / para consultardes a alma do tebano Tirésias»: é deste modo que é introduzida, na estrutura do poema, a *Nekyia* (ou ida ao mundo dos mortos), que inspiraria, muitos séculos mais tarde, obras-primas como o Canto 6 da *Eneida* de Virgílio e, por intermédio de Virgílio, a *Divina Comédia* de Dante. A *Nekyia* da *Od*. está longe de ser uma obra-prima poética; independentemente dos problemas que surgem no interior dos seus versos, a ida aos infernos da *Od*. está mal integrada na narrativa. Aquilo que Odisseu ouvirá de Tirésias no Canto 11 ser-lhe-á dito, de novo, por Circe no Canto 12. Tudo o que Tirésias lhe dirá, Circe está apta a dizer. No Canto 12, Circe falará a Odisseu como se nunca ele tivesse ouvido o que ela lhe diz da boca de Tirésias; nem Odisseu comenta o facto de a ida ao mundo dos mortos ter sido completamente supérflua (cf. Dawe, p. 420). Talvez porque o material do Canto 12 provém de uma versão da *Od*. em que a *Nekyia* nem sequer existia.

497 «Chorei sentado na cama»: de todos os cantos da *Od*., aquele em que temos mais choro é o Canto 10 (cf. 201, 209, 248, 398-399, 409-410, 486, 497, 567-568).

504 Verso omitido nalguns manuscritos e colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

510 «que perdem seu fruto»: a palavra raríssima *ôlisíkarpoi*, que só ocorre aqui em toda a literatura grega.

511 «de remoinhos profundos»: o adjetivo *bathudínês*, que só tem esta ocorrência na *Od*.

512 «mansão bolorenta de Hades»: na *Il*., não há dúvida de que o Hades fica debaixo da terra. Na *Od*., temos duas informações contraditórias: por um lado, os versos 508-512 deixaram claro que o Hades não fica debaixo da terra, mas sim no fim da terra; por outro lado, em 560 claramente a alma do falecido Elpenor é descrita como «descendo» (*katêlthen*) para o Hades.

513-514 «para o Aqueronte fluem o Puriflegetonte / e o Cocito, que é afluente da Água Estígia»: embora não se saiba a etimologia de «Aqueronte», «Puriflegetonte» sugere a ideia de fogo ardente;

«Cocito», a de lamentação; e «Estige», a de detestabilidade.

521 «cabeças destituídas de força dos mortos»: em grego, *nekúôn amemênà kárêna*. A frase ocorrerá mais vezes.

541-545 Versos baseados em 5.228-232, onde estão perfeitamente enquadrados na história de amor (ou de sexo) que chegou ao fim entre Calipso e Odisseu. Curiosamente, só aqui é aplicada a Circe a palavra «Ninfa», a qual faz muito mais sentido aplicada a Calipso.

552-560 Outro bloco sem retoques ou adaptação de uma narração omnisciente na 3.ª pessoa. A pequena história de Elpenor (personagem cuja única função na *Od*. é embebedar-se e cair do telhado, partindo assim o pescoço) virá de novo à baila em 11.51-80 e 12.8-15. Talvez o maior mérito da inclusão desta história na *Od*. seja o facto de ter inspirado a morte de Palinuro na *Eneida*.

553 «nem muito seguro de entendimento»: à letra, «nem muito encaixado/ajustado de entendimento». Trata-se aqui do particípio perfeito do verbo *ararískô*, cujo sentido é «ajustar», «encaixar» (pense-se no trabalho de um marceneiro).

573-574 «quem poderá, contra a vontade de um deus, / contemplá-lo com os olhos, à sua partida ou à sua vinda?»: um dos momentos raríssimos em que o poeta homérico se dirige aos seus ouvintes. O único caso paralelo é 22.12-14.

---

1 Em 348, o termo é *amphípoloi* («escravas»); em 349, é *drêsteirai* («servidoras»), palavra que ocorre novamente em 19.345 e, no masculino (*drêstêres*), em 16.248, 18.76 e 20.160.

Canto 11

Quando chegámos à nau e à orla do mar,
arrastámos primeiro a nau para o mar divino.
Pusemos na nau escura o mastro e as velas;
embarcámos as ovelhas, depois embarcámos
também nós, vertendo lágrimas copiosas.
Atrás da nau de proa escura soprava um vento
favorável que enchia a vela, excelente amigo, enviado por
Circe de belas tranças, terrível deusa de fala humana.

Sentámo-nos a pôr em ordem o equipamento em toda a nau,
que o vento e o timoneiro mantinham no seu caminho.
E com as velas desfraldadas a nau seguiu,
durante todo o dia, o seu percurso sobre o mar.
O Sol pôs-se e escuros ficaram todos os caminhos.

A nau chegou às margens do Oceano de correntes profundas.
Aí ficam a terra e a cidade dos Cimérios,
sempre debaixo de nevoeiro e de nuvens: nunca
os contempla o Sol resplandecente com seus raios,
nem quando sobe para o céu cheio de estrelas,
nem quando regressa do céu para a terra.
Mas uma noite terrível se estende sobre os mortais infelizes.

Levámos a nau para terra, e dela tirámos as ovelhas.
Fomos para junto da torrente do Oceano,
para chegarmos ao lugar de que falara Circe.
Aí Perimedes e Euríloco seguraram as vítimas;
eu, desembainhando a espada afiada de junto da coxa,
cavei uma vala de um cúbito em ambas as direções,
e em seu redor verti uma libação para todos os mortos,
primeiro de leite e mel, depois de vinho doce,
e em terceiro lugar de água, polvilhando com branca cevada.
Ofereci muitas súplicas às cabeças destituídas de força dos mortos,
jurando que ao chegar a Ítaca sacrificaria uma vitela estéril,
a melhor que tivesse, e que numa pira poria coisas nobres;
e que para Tirésias em separado ofereceria um bode,
todo negro, o melhor dos nossos rebanhos.
Depois de com preces ter suplicado às raças dos mortos,
tomando as ovelhas, degolei-as por cima da vala,
e o negro sangue turvo correu; e vieram
do Érebo as almas dos mortos que partiram:
noivas e rapazes que nunca se casaram e cansados anciãos;
virgens cujo coração conhecera um desgosto recente;
e muitos, também, feridos por lanças de bronze,
varões tombados em combate, com armaduras ensanguentadas.
Todos vinham para a vala de todas as direções,
com alarido sobrenatural; e o pálido terror me dominou.

Ordenei então aos meus companheiros que esfolassem
as ovelhas, que ali jaziam degoladas pelo bronze impiedoso,
e que as queimassem, dirigindo preces aos deuses,

a Hades poderoso e à temível Perséfone.
Eu próprio, desembainhando a espada afiada de junto da coxa,
fiquei ali sentado: não permiti que as cabeças destituídas de força
dos mortos se chegassem ao sangue, antes de interrogar Tirésias.

Primeiro veio a alma do meu companheiro Elpenor.
Pois não fora ainda sepultado sob a terra de amplos caminhos.
O corpo tínhamo-lo deixado no palácio de Circe,
sem o termos chorado ou sepultado: outras tarefas premiam.
Chorei quando o vi e compadeci-me no coração;
falando, dirigi-lhe palavras apetrechadas de asas:
“Elpenor, como vieste ter a esta escuridão nebulosa?
A pé chegaste mais depressa do que eu na nau escura.”

Assim falei; e ele com um gemido respondeu às minhas palavras:
“Filho de Laertes, criado por Zeus, Odisseu de mil ardis!
Perdeu-me a desgraça vinda dos deuses — e o vinho desmedido.
Tendo-me deitado no palácio de Circe, esqueci-me
em meu espírito de descer pelo longo escadote,
caindo de cabeça do telhado; das vértebras
se me partiu o pescoço e para o Hades desceu a alma.
Agora suplico-te por aqueles que deixámos para trás,
que já não estão connosco, pela tua esposa e pelo teu pai,
que te criou, e por Telémaco, que deixaste só no teu palácio;
pois sei que ao saíres daqui, da mansão de Hades,
aportarás na ilha de Eeia na tua nau bem construída.
Aí, senhor, te peço que te lembres de mim!

Não me deixes sem ser chorado e sepultado
quando regressares para casa, para que não me torne contra ti
uma maldição dos deuses. Queima-me com a armadura
que me resta e eleva-me um túmulo junto ao mar cinzento,
para que saibam os vindouros deste homem infeliz.
Faz isto por mim: e fixa sobre o túmulo o remo
com que em vida remei junto dos meus companheiros."

Assim falou; a ele dei então a seguinte resposta:
"Estas coisas, ó infeliz, farei e cumprirei."
E ficámos ali sentados, a trocar tristes palavras,
eu com a espada por cima do sangue, enquanto do outro lado
o fantasma de meu companheiro disse muitas coisas.

A alma de minha mãe falecida aproximou-se então de mim,
Anticleia, filha do magnânimo Autólico,
que eu deixara viva quando parti para Ílion sagrada.
Rompi a chorar assim que a vi e comoveu-se-me o coração.
Mas nem a ela permiti que do sangue se aproximasse,
embora fosse intensa a minha dor, antes de interrogar Tirésias.

Veio então a alma do tebano Tirésias, segurando
um cetro de ouro; reconheceu-me e disse:
"Filho de Laertes, criado por Zeus, Odisseu de mil ardis,
porque aqui vens, ó desgraçado, tendo deixado
a luz do Sol, para ver os mortos e o lugar isento de prazer?
Mas afasta-te da vala, desvia a tua espada afiada,
para que eu beba o sangue e te diga a verdade."

Assim falou; e eu retirei a espada incrustada de prata
e meti-a na bainha; e depois que bebeu do negro sangue,
tais palavras me dirigiu o adivinho irrepreensível:

"Procuras saber do doce regresso, ó glorioso Odisseu,
mas o deus fá-lo-á difícil; pois não julgo que fugirás
ao deus que abala a terra, que acumulou cólera
no coração porque lhe cegaste o querido filho.
Ainda assim podereis regressar, embora muitos males sofrendo,
se refreares o teu espírito e o dos companheiros
quando pela primeira vez fundeares a nau bem construída
na ilha de Trinácia, fugindo ao mar cor de violeta,
e encontrares a pastar os bois e as robustas ovelhas
do Sol, que tudo vê e tudo ouve.
Se deixares o gado incólume e pensares no regresso,
podereis chegar a Ítaca, embora muitos males sofrendo.
Mas se lhe fizerdes mal, então prevejo a desgraça,
tanto para a nau como para os companheiros; e se tu próprio
escapares, regressarás tarde, tendo perdido todos os companheiros,
na nau de outrem; e sofrimentos encontrarás em casa:
homens arrogantes, que os bens te devoram,
fazendo a corte à tua esposa divina e oferecendo presentes.

Mas na verdade vingar-te-ás da sua violência ao chegares.
Porém quando no teu palácio tiveres matado os pretendentes,
quer por dolo ou às claras com o bronze afiado,
deverás partir com um remo de bom manejo,
até que chegues junto daqueles que o mar não conhecem,

homens que na comida não misturam o sal,
nem conhecem as naus de rebordos vermelhos,
nem os remos de bom manejo, que às naus dão asas.
E dar-te-ei um sinal claro, que não te escapará:
quando outro viandante te encontrar e te disser
que ao belo ombro levas uma pá de joeirar,
então deverás fixar no chão o remo de bom manejo,
oferecendo belos sacrifícios ao soberano Posídon,
um carneiro, um touro, um javali que acasalou com porcas;
depois regressa a casa e oferece sagradas hecatombes
aos deuses imortais, que o vasto céu detêm,
a todos por ordem; e do mar sobrevirá para ti
a morte brandamente, que te cortará a vida
já vencido pela opulenta velhice; e em teu redor
os homens viverão felizes: é esta a verdade que te digo."

Assim falou; a ele dei então a seguinte resposta:
"Tirésias, o fio destas coisas fiaram-no os deuses.
Mas diz-me agora tu com verdade e sem rodeios:
vejo aqui a alma de minha mãe falecida.
Está sentada em silêncio junto do sangue e nem
ousou olhar para o filho nem dirigir-lhe a palavra.
Diz, senhor, como poderá ela reconhecer-me?"

Assim falei; e ele tomando a palavra respondeu-me deste modo:
"Dir-te-ei uma palavra fácil, que porei no teu espírito.
Àquele, dentre os mortos que partiram, que permitires
aproximar-se do sangue, esse falar-te-á com verdade;
porém quem recusares de novo se retirará."

Tendo assim falado, voltou para a mansão de Hades
a alma de Tirésias soberano, depois que as profecias declarou.
Eu permaneci onde estava, até que se aproximou a minha mãe
e bebeu do negro sangue turvo. De imediato me reconheceu,
e chorando me dirigiu palavras apetrechadas de asas:

"Meu filho, como vieste ter sob a escuridão nebulosa,
tu que estás vivo? É difícil para os vivos contemplar tais coisas,
pois no meio estão grandes rios e torrentes medonhas,
o Oceano, antes de mais, que ninguém pode transpor
a pé, mas somente se possuir uma nau bem construída.
Será que aqui chegas após longos errores de Troia,
com nau e companheiros? Não terás ainda aportado
a Ítaca — nem viste em teu palácio a tua mulher?"

Assim falou; a ela dei então a seguinte resposta:
"Minha mãe, foi a necessidade que me trouxe ao Hades,
para interrogar a alma do tebano Tirésias.
Pois ainda não cheguei perto da Acaia, nem a minha terra
pisei; mas tenho sempre vagueado em desespero,
desde que fui com o divino Agamémnon
para Ílion de belos cavalos, para lutar contra os Troianos.
Mas diz-me agora tu com verdade e sem rodeios:
como te venceu o destino da morte de prolongada tristeza?
Foi longa a doença, ou foi Ártemis, a Archeira,
que te visitou e matou com suas setas brandas?
Fala-me do meu pai e do meu filho, que deixei:
assistem-lhes ainda os direitos que eram meus, ou detém-nos
outro homem, por dizerem que não regressarei?

Fala-me da intenção e do espírito da mulher que desposei,
se permanece junto do filho e mantém tudo guardado,
ou se já alguém a desposou, o melhor dos Aqueus?”

Assim falei; e logo respondeu a excelsa minha mãe:
“Na verdade ela permanece de coração sofredor
em teu palácio; e desesperadas se desgastam
as noites, mas também os dias, enquanto chora.
Os direitos que eram teus nenhum homem detém,
mas das propriedades trata agora Telémaco incontestado,
e banqueteia-se nos festins, que a um legislador compete
partilhar, pois todos o convidam. E teu pai permanece
em seus campos, sem vir à cidade; não possui colchões,
nem lençóis, nem bons cobertores para a sua cama,
mas fica no inverno onde dormem os escravos na casa,
nas cinzas junto ao fogo, e vis são as roupas que põe no corpo.
Mas quando chega o verão e a abundante estação dos frutos,
com folhas caídas, no terreno inclinado das suas vinhas,
aí coloca por toda a parte a sua cama humilde.
Jaz na sua dor e uma grande tristeza aumenta em seu espírito,
enquanto anseia pelo teu regresso: chegou a velhice difícil.
Foi assim que eu pereci e enfrentei o meu destino:
não foi a Archeira de vista arguta que no palácio
me visitou e matou com suas setas brandas,
nem me assolou qualquer doença, das que muitas vezes
tiram a vida aos membros com sofrimento desgastante.
Mas foi a saudade de ti e dos teus conselhos, glorioso Odisseu;
a saudade da tua brandura de coração: foi a saudade de ti
que me tirou a vida doce como mel.”

Assim falou; e, ponderando no coração, pretendi
então abraçar a alma da minha mãe falecida.
Três vezes me lancei para ela, dizendo-me o espírito
que a abraçasse! Três vezes ela se evolou dos meus braços
como sombra ou sonho; a minha dor tornou-se mais aguda
e falando-lhe proferi palavras apetrechadas de asas:

"Minha mãe, porque não esperas por mim que te quero segurar,
para que até no Hades atiremos os nossos braços à volta
um do outro e ambos nos deleitemos com frígido lamento?
Será este um fantasma que me mandou a altiva Perséfone,
para que eu chore e me lamente ainda mais?"

Assim falei; e logo respondeu a excelsa minha mãe:
"Ai de mim, ó filho, desgraçado entre todos os homens!
Não é Perséfone, filha de Zeus, que te defrauda:
é a lei que está estabelecida para os mortais, quando morrem.
Pois os músculos já não seguram a carne e os ossos,
mas vence-os a força dominadora do fogo ardente,
quando a vida abandona os brancos ossos
e a alma, como um sonho, batendo as asas se evola.
Mas tu volta rapidamente para a luz! E mantém presentes
todas estas coisas, para que depois as possas contar a Penélope."

Enquanto trocávamos estas palavras, chegaram
as mulheres, pois mandava-as a altiva Perséfone:
todas as que tinham sido esposas e filhas de nobres.
Juntaram-se em bandos em torno do negro sangue,
enquanto eu deliberava como interrogar cada uma delas.

No meu espírito surgiu então a melhor deliberação:
desembainhando a longa espada de junto da forte coxa,
não deixei que bebessem ao mesmo tempo o negro sangue.
Aproximaram-se, uma após a outra; cada uma
proclamou o seu nascimento e eu interroguei todas.

Vi primeiro Tiro, de nobre ascendência,
que declarou ter sido filha do irrepreensível Salmoneu,
e esposa de Creteu, filho de Éolo.
Enamorara-se ela de um rio, o divino Enipeu,
que é o mais belo de todos os rios da terra;
e seus passos levavam-na para junto das belas águas do Enipeu.
Assemelhando-se ao rio, Posídon, o deus que segura e sacode a terra,
deitou-se com ela, na foz do rio cheio de remoinhos.
Uma onda purpúrea elevou-se junto deles como uma montanha:
arqueando-se, ocultou o deus e a mulher mortal,
a quem o deus desatou a cinta virginal, sobre ela derramando o sono.
Depois que o deus levou a seu termo os atos do amor,
pegou-lhe na mão e foi isto que lhe disse:

“Rejubila, ó mulher, neste amor! Pois, passado um ano,
darás à luz filhos gloriosos: não são estéreis os amores
dos deuses. Tu cria e cuida desses filhos!
Agora volta para casa; nada reveles nem me nomeies.
Mas fica sabendo que sou Posídon, que sacode a terra.”

Assim dizendo, mergulhou no mar marulhante.

E ela concebeu e deu à luz Pélias e Neleu.
Ambos se tornariam fortes escudeiros do grande Zeus:
Pélias, na ampla região de Iolco, foi senhor de muitos
rebanhos; Neleu teve sua morada em Pilos arenosa.
Mas para Creteu gerou outros filhos esta rainha entre as mulheres:
Éson, Feres e Amitaonte, Condutor de Carros de Cavalos.

Depois dela vi Antíope, filha de Asopo,
que se ufanava de ter dormido nos braços de Zeus,
a quem deu dois filhos, Anfíon e Zeto,
que primeiro fundaram a cidade da heptápila Tebas
e as muralhas lhe puseram, visto que sem elas não podiam
viver na ampla Tebas, poderosos embora fossem.

Depois dela vi Alcmena, esposa de Anfitrião,
que concebeu Héracles imbatível, coração de leão,
depois de se ter unido aos abraços do grande Zeus.
E vi Mégara, a fi lha de Creonte de coração altivo,
a quem desposou o filho incansável de Anfitrião.

E vi a mãe de Édipo, a bela Epicasta,
que cometeu um ato tremendo na ignorância da mente,
casando-se com o próprio filho: e ele, que matara o pai,
com ela se casou — mas com tempo os deuses deram a conhecer
estas coisas; e com sofrimento reinou na bela Tebas
sobre os Cádmios, devido aos desígnios fatais dos deuses.
Ela é que desceu para o Hades de fortes portões,
tendo atado um alto nó do cimo do teto, estrangulada

pela própria desgraça; mas para ele deixou os sofrimentos
sem fim que infligem as Erínias maternas.

Vi também a bela Clóris, que outrora Neleu desposou
por causa da sua beleza, trazendo incontáveis presentes:
era a filha mais nova de Anfíon, filho de Íaso,
que reinou pela força em Orcómeno, terra dos Mínias.
Foi ela rainha de Pilos e ao esposo deu filhos gloriosos,
Nestor, Crómio e o excelente Periclímeno;
e além destes deu à luz a bela Pero, Maravilha dos Homens:
com ela todos os que viviam em volta se queriam casar.
Mas Neleu não a dava, a não ser àquele que conseguisse
conduzir de Fílace o gado de chifres recurvos e de amplas frontes
do poderoso Íficles — gado difícil de conduzir.
Só Melampo, o adivinho irrepreensível, se comprometeu
292*b* a levá-lo; mas atou-o um áspero destino dos deuses,
duras correntes e boieiros do campo.
Mas quando os meses e os dias se cumpriram
e de novo veio o ano, volvidas as estações,
foi nessa altura que Íficles poderoso o soltou:
proferiu todos os oráculos; e o desígnio de Zeus se cumpriu.

Vi depois Leda, a esposa de Tindáreo,
que a Tindáreo deu dois filhos de ânimo rijo,
Castor, o Domador de Cavalos, e Polideuces, o Pugilista.
A terra dadora de vida cobre-os, embora estejam vivos:
pois mesmo no mundo subterrâneo recebem honras de Zeus,
vivendo e morrendo em dias alternados.

Assim uma honra receberam igual à dos deuses.

Depois dela vi Ifimedeia, esposa de Aloeu,
que costumava dizer que se deitara com Posídon.
Deu à luz dois filhos, mas tiveram vida curta:
Oto semelhante aos deuses e o famoso Efialtes,
os homens mais altos que a terra dadora de cereais
alimentou e de longe os mais belos, depois de Oríon.
Com nove anos de idade tinham nove cúbitos
de largura e nove braças de altura.
Contra os imortais no Olimpo ameaçaram trazer
a confusão da guerra impetuosa.
Planearam colocar a Ossa em cima do Olimpo, e sobre a Ossa
o Pélion de florestas trementes, para que o céu pudesse ser escalado.
Isto teriam cumprido, se tivessem chegado ao limite da juventude.
Mas o filho de Zeus, que Leto de belos cabelos deu à luz,
matou-os aos dois, antes que a penugem florescesse
sob as têmporas e com barba lhes cobrisse o queixo.

Vi Fedra e Prócris e a bela Ariadne,
filha de Minos de pernicioso pensamento, a quem outrora Teseu
levou de Creta para o monte da sagrada Atenas,
mas dela não fruiu, pois antes disso Ártemis a matou
em Naxos rodeada pelo mar, devido aos testemunhos de Dioniso.
Vi também Mera e Clímene e a detestável Erífile,
que recebeu ouro em troca da vida do esposo.

Mas eu não seria capaz de enumerar e nomear
todas as filhas e esposas de heróis que vi, antes que passasse
toda a noite imortal. Mas agora é hora de dormir, quer me dirija
para a nau veloz para junto dos companheiros, quer fique aqui.
Aos deuses e a vós competirá tratar do meu transporte.»

Assim falou; e todos permaneceram em silêncio,
dominados pelo sortilégio, no palácio cheio de sombras.
Entre eles foi Arete de alvos braços a primeira a falar:
«Feaces, como vos parece ser este homem,
pelo aspeto, pela estatura e pelo espírito que tem dentro?
É meu hóspede, embora cada um de vós partilhe desta honra.
Não vos apresseis a mandá-lo embora, nem poupeis dons
a quem deles tanto precisa; pois muitas são as riquezas
que pela vontade dos deuses tendes nos vossos palácios.»

Falou-lhes então o velho herói Equeneu,
que era dos mais antigos entre os anciãos dos Feaces:
«Amigos, acertadas e não longe do nosso entendimento
são as palavras da sagaz rainha: a ela demos ouvidos.
Mas tanto o ato como a palavra dependem de Alcínoo.»

A ele deu Alcínoo a seguinte resposta:
«Vale na verdade a palavra da rainha, enquanto eu
for vivo e reinar sobre os Feaces, amadores do remo.
Que o hóspede, embora desejando o regresso, aguente
permanecer pois connosco até amanhã, altura em que terei
confirmado toda a nossa oferta; o transporte dirá respeito
a todos, sobretudo a mim; pois meu é o poder nesta terra.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Alcínoo poderoso, excelente entre todos os povos,
mesmo que me ordenásseis ficar aqui mais um ano,
organizásseis o meu transporte e me désseis gloriosas ofertas,
seria isso que eu quereria; pois seria mais vantajoso
regressar à pátria amada com a mão mais cheia:
assim seria mais respeitado e estimado entre
todos os homens que me verão chegar a Ítaca.»

A ele deu Alcínoo a seguinte resposta:
«Odisseu, não julgamos ao contemplar-te que sejas mentiroso
ou tecelão de falsidades, como aqueles que a terra negra
cria em grandes números, espalhados por toda a parte,
inventando mentiras de coisas que nunca ninguém viu.
Tens formosura de palavras e um entendimento excelente.
Contaste a história com a perícia de um aedo,
os tristes sofrimentos de todos os Argivos e os teus.
Mas diz-me agora tu, com verdade e sem rodeios,
se viste algum dos teus divinos companheiros, que contigo
foram para Ílion e lá o seu destino encontraram.
Esta noite é longa, maravilhosamente longa; não chegou
a hora de dormir no palácio: conta pois os feitos maravilhosos!
Por mim aguentaria até chegar a divina Aurora, se te dispusesses
a contar, aqui no palácio, todas as tuas desgraças.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Alcínoo poderoso, excelente entre todos os povos,
existe uma hora para abundantes palavras e uma hora para o sono.

Mas se ainda desejais ouvir mais, não me recusaria
a contar outras coisas ainda mais lamentáveis, desgraças
dos meus companheiros, que pereceram depois — aqueles que
fugiram do terrível grito de guerra dos Troianos para depois
morrerem no regresso, devido à vontade de uma mulher má.

Depois de a sacra Perséfone ter dispersado em várias
direções as almas femininas das mulheres,
aproximou-se a alma triste do Atrida Agamémnon.
Em seu redor outras se congregavam; e outros havia que em casa
de Egisto com ele foram assassinados e seu destino encontraram.
Logo me conheceu aquele, assim que me viu com os olhos.
Chorou alto e verteu logo copiosas lágrimas,
estendendo para mim as mãos, desejoso de me tocar.
Mas nele já não havia força ou vigor, tal como
tinha anteriormente nos seus membros flexíveis.
Rompi a chorar assim que o vi e comoveu-se-me o coração.
Falando, proferi palavras apetrechadas de asas:
“Glorioso Atrida, Agamémnon, Soberano dos Homens,
como te venceu o destino da morte de prolongada tristeza?
Terá sido Posídon que te venceu embarcado nas naus,
depois de ter incitado uma pródiga rajada de ventos cruéis?
Terão sido homens hostis a fazer-te mal em terra firme,
enquanto lhes dizimavas o gado e as ovelhas de bela lã,
ou lhes fazias guerra para ficares com a cidade e as mulheres?”

Assim falei; e ele tomando a palavra respondeu-me deste modo:

405 “Filho de Laertes, criado por Zeus, Odisseu de mil ardis,
não foi embarcado nas naus que Posídon me venceu,
depois de ter incitado uma pródiga rajada de ventos cruéis;
nem foram homens hostis a fazer-me mal em terra firme:
foi Egisto que, desencadeando a minha morte e o meu destino,
410 me matou com a ajuda da mulher detestável (depois de me convidar
para sua casa, depois de me oferecer um banquete), como quem mata
um boi na manjedoura; e assim morri uma morte lamentável
412*b* e à minha volta foram os companheiros chacinados
sem piedade, como se fossem porcos de brancos dentes,
cuja matança tem lugar na casa de um homem rico e poderoso
415 por ocasião de uma festa nupcial, banquete ou alegre festim.
Já assististe à chacina de muitos homens,
quer tenham sido mortos em isolado ou na violenta refrega;
mas no teu coração terias sentido compaixão ao ver aquilo,
como jazíamos no palácio junto às taças e às mesas repletas,
420 e todo o chão estava encharcado de sangue.
Dos gritos o mais terrível foi o da filha de Príamo,
Cassandra, morta pela ardilosa Clitemnestra,
enquanto se agarrava a mim; mas eu, no chão, erguendo os braços,
deixei-os cair, moribundo, sobre a espada. A cadela
425 afastou-se e, embora eu estivesse já a caminho do Hades,
ela não quis fechar-me as pálpebras nem a boca.
Pois é certo que nada há de mais vergonhoso que uma mulher,
que lança ações como estas no espírito.

Tal foi o ato ímpio que aquela preparou,
causando a morte de seu legítimo marido. Pois eu pensava
que regressava a casa, bem querido para os filhos
e para os meus escravos. Ela é que, pensando coisas terríveis,
derramou vergonha sobre si própria e sobre as mulheres
vindouras — mesmo sobre aquela que praticar o bem."

Assim falou; a ele dei então a seguinte resposta:
"Ai, Zeus de ampla vista detestou na verdade
a descendência de Atreu, por causa das intrigas femininas,
desde o início! Muitos perecemos devido a Helena;
e contra ti estendeu Clitemnestra o dolo enquanto estavas ausente."

Assim falei; e ele tomando a palavra respondeu-me deste modo:
"Por causa disto, nunca sejas amável com a tua mulher!
Não lhe declares todo o pensamento que tiveres,
mas diz-lhe só alguma coisa, ocultando o resto.
Mas não será da tua esposa, ó Odisseu, que virá a morte,
pois prudente e bem-intencionada na sua mente
é a filha de Icário, a sensata Penélope.
Na verdade deixámo-la como jovem esposa
quando partimos para a guerra, com um menino ao peito,
muito pequeno ainda, que agora se senta no meio dos homens,
próspero: vê-lo-á o pai amado ao chegar a casa,
e ele abraçará o pai, como deve ser.
Mas a mulher não me deixou saciar os olhos
com a vista do meu filho; antes disso me matou.
E outra coisa te direi, e tu guarda-a no teu espírito:

às ocultas, e não abertamente, deves fundear a nau
na terra pátria: já não se pode confiar nas mulheres.
Mas diz-me agora tu com verdade e sem rodeios:
ouvistes dizer que está vivo o meu filho?
Será que vive em Orcómeno, ou em Pilos arenosa?
Ou talvez com Menelau na ampla Esparta?
Pois não morreu na terra o divino Orestes.”
Assim falou; a ele dei então a seguinte resposta:
“Atrida, porque me perguntas? Pois não sei
se vive ou se morreu; e fica mal dizer palavras de vento.”

Enquanto ali estávamos a trocar estas tristes palavras,
lamentando-nos e vertendo lágrimas copiosas,
aproximou-se a alma de Aquiles, filho de Peleu;
e a de Pátroclo; e a do irrepreensível Antíloco;
e a de Ájax, que superava na beleza do corpo
todos os Dânaos, à exceção do irrepreensível Pelida.
Reconheceu-me a alma de Aquiles de pés velozes, neto de Éaco,
e chorando dirigiu-me palavras apetrechadas de asas:

“Filho de Laertes, criado por Zeus, Odisseu de mil ardis,
homem duro! Que coisa ainda maior irás congeminar?
Como ousaste descer até ao Hades, onde moram os mortos
sem entendimento, fantasmas de mortais estafados?”

Assim falou; a ele dei então a seguinte resposta:
“Aquiles, filho de Peleu, de longe o mais forte dos Aqueus!
Vim para consultar Tirésias, para o caso de me dar
algum conselho sobre como poderei regressar a Ítaca rochosa.

Pois ainda não cheguei perto da Acaia, nem a minha terra
pisei; mas sofro sempre desgraças, ao passo que não foi,
nem será, nenhum homem mais bem-aventurado que tu, ó Aquiles!
Pois antes, quando eras vivo, nós Argivos te dávamos honras
iguais às dos deuses; e agora reinas poderosamente sobre os mortos,
tendo vindo para aqui: não te lamentes por teres morrido, ó Aquiles.”

Assim falei; e ele tomando a palavra respondeu-me deste modo:
“Não tentes reconciliar-me com a morte, ó glorioso Odisseu.
Eu preferiria estar na terra, como trabalhador agrícola de outro,
até de homem sem herança e sem grande sustento,
a reinar sobre todos os mortos falecidos.

Mas fala-me agora do meu filho orgulhoso,
se partiu para assumir liderança na guerra, ou não.
Fala-me do irrepreensível Peleu, se algo soubeste:
se é ainda detentor de honra entre os numerosos Mirmidões,
ou se agora na Hélade e na Ftia o desconsideram,
porque lhe retém as mãos e os pés a velhice.
Pois não estou eu para lhe prestar auxílio sob os raios
do Sol, com a força que outrora foi minha na ampla Troia,
quando dizimei a hoste excelente em defesa dos Argivos.
Prouvera que por uma hora pudesse regressar a casa de meu pai!
Então faria da força temível das minhas mãos invencíveis
objeto de ódio para quem o violenta e afasta da honra devida.”

Assim falou; a ele dei então a seguinte resposta:
“Do irrepreensível Peleu nada pude saber;
mas quanto a Neoptólemo, teu filho querido,
dir-te-ei toda a verdade, como me ordenas.
Fui eu que na minha côncava nau recurva o trouxe de Esquiro
para se juntar à hoste dos Aqueus de belas cnémides.
E quando tomávamos deliberações junto à cidade de Troia,
era sempre o primeiro a falar e nunca se enganava nas palavras.
Só o divino Nestor e eu próprio o ultrapassávamos.
Quando lutávamos com o bronze na planície de Troia,
nunca ficava para trás na confusão de homens,
mas precipitava-se para a frente, cedendo a ninguém em força.
Muitos homens chacinou em combate tremendo.
Não seria capaz de contar nem nomear todos
os que da hoste matou em defesa dos Argivos.
Mas que guerreiro foi o filho de Télefo que ele matou com o bronze,
o herói Erípilo! E junto dele foram mortos muitos camaradas
dentre os Ceteus, por causa dos presentes de uma mulher.
Foi ele o homem mais belo que vi, a seguir a Mémnon divino.
Quando descemos para o cavalo de madeira, que Epeio fabricara,
nós, os melhores dos Argivos, e tudo a mim fora confiado,
tanto o abrir como o fechar da porta da nossa bem construída
emboscada, então os comandantes e conselheiros dos Dânaos
limpavam as lágrimas dos olhos, sentindo os membros a tremer.
Mas nunca vi com os meus olhos o teu filho
a empalidecer no seu lindo rosto, nem a limpar das faces
as lágrimas; em vez disso suplicou-me muitas vezes

para descer do cavalo, manejando sempre o punho da espada
e a lança pesada de bronze, no intuito de fazer mal aos Troianos.
Depois que saqueámos a íngreme cidadela de Príamo,
embarcou na sua nau com a parte da recompensa que lhe era devida,
incólume, pois não fora ferido pelo bronze afiado,
nem apunhalado em combate corpo a corpo, como sucede
muitas vezes na guerra: pois Ares campeia no desvario."

Assim falei; e a alma do neto de Éaco de pés velozes
partiu com largas passadas pelo prado de asfódelo,
regozijando-se porque lhe falara da proeminência do filho.

As outras almas dos mortos que partiram estavam de pé
a lamentar-se, contando as desgraças uma a uma.
Só a alma de Ájax, filho de Télamon, permaneceu
afastada, ressabiada por causa da vitória que eu venci
na contenda junto às naus pelas armas de Aquiles,
que sua mãe veneranda designara como prémio.
Dirimiram a contenda rapazes dos Troianos e Palas Atena.
Quem me dera nunca ter ganho aquele prémio!
Tal era a figura que a terra cobriu por causa destas coisas —
a de Ájax! Ele a quem foram concedidas façanhas e beleza
superiores às dos outros Dânaos, à exceção do Pelida.
Dirigi-me então a ele com doces palavras:

"Ájax, filho do irrepreensível Télamon, nem mesmo na morte
estás disposto a esquecer a raiva contra mim por causa das armas

malditas, que os deuses mandaram como flagelo aos Argivos?
Tal foi a torre de força de que ficaram privados.
Nós Aqueus lamentamos continuamente a tua morte,
assim como lamentamos Aquiles, filho de Peleu.
Não há outro responsável a não ser Zeus, que muito
se enfureceu contra a hoste de lanceiros dos Dânaos
e por isso determinou o teu destino.
Mas aproxima-te, senhor, para que oiças as minhas palavras
e o meu discurso: domina a ira e o teu coração orgulhoso."

Assim falei; mas ele não me respondeu e desapareceu
para o Érebo com as outras almas dos mortos que partiram.
Aí, embora ressentido, talvez me tivesse falado, ou eu a ele.
Mas desejava o coração no meu peito contemplar
outras almas dos mortos que partiram.

Foi então que vi Minos, o filho glorioso de Zeus, com o cetro
dourado na mão, a julgar os mortos, sentado,
enquanto outros interrogavam o rei sobre questões de justiça,
sentados e em pé, na mansão de amplos portões de Hades.
Depois dele avistei o enorme Oríon
reunindo, no prado de asfódelo, animais
que ele próprio matara nos montes solitários;
tinha na mão uma clava de bronze inquebrantável.

Vi também Títio, filho da magnificente Gaia,
estendido no chão: o seu corpo cobria nove geiras
e dois abutres, um de cada lado, lhe rasgavam o fígado,
mergulhando os bicos nos seus intestinos; e com as mãos

ele não os afugentava; pois violara Leto, consorte de Zeus,
quando se dirigia para Delfos através do belo Panopeu.

Vi Tântalo a sofrer grandes tormentos,
em pé num lago: a água chegava-lhe ao queixo.
Estava cheio de sede, mas não tinha maneira de beber:
cada vez que o ancião se baixava para beber,
a água desaparecia, sugada, e em volta dos seus pés
aparecia terra negra, pois um deus tudo secava.
Havia árvores altas e frondosas que deixavam pender seus frutos,
pereiras, romãzeiras e macieiras de frutos brilhantes;
figueiras que dão figos doces e viçosas oliveiras.
Mas quando o ancião estendia as mãos para os frutos,
arrebatava-os o vento para as nuvens sombrias.

Vi Sísifo a sofrer grandes tormentos,
tentando levantar com as mãos uma pedra monstruosa.
Esforçando-se para empurrar com as mãos e os pés,
conseguia levá-la até ao cume do monte; mas quando ia
a chegar ao ponto mais alto, o peso fazia-a regredir,
e rolava para a planície a pedra sem vergonha.
Ele esforçava-se de novo para a empurrar: o suor
escorria dos seus membros; e pó da sua cabeça se elevava.

Depois dele avistei o vigoroso Héracles —
o seu fantasma, pois ele próprio entre os deuses imortais
se compraz no festim e tem como mulher Hebe de belos tornozelos,

filha do grande Zeus e de Hera de sandálias douradas.
Em seu redor ouvia-se o clamor dos mortos, como aves
que esvoaçam, aterrorizadas, em todas as direções; e ele,
semelhante à escura noite, com o arco desnudo e uma seta
sobre a corda, olhava com expressão terrível, pronto para atirar.
Medonho era o talabarte em volta do peito, uma faixa de ouro,
onde estavam trabalhadas maravilhosas imagens:
ursos e javalis e leões de olhos faiscantes;
conflitos, batalhas, mortes e a chacina de homens.
Que o criador de tal objeto nunca outro possa criar,
aquele que submeteu tal talabarte à sua arte!
Reconheceu-me aquele, assim que me viu com os olhos,
e chorando proferiu palavras apetrechadas de asas:
“Filho de Laertes, criado por Zeus, Odisseu de mil ardis,
ó desgraçado! Também tu arrastas um destino infeliz,
o mesmo que outrora eu aguentei sob os raios do Sol?
Eu era filho de Zeus, por sua vez filho de Crono, mas tive
sofrimentos incomensuráveis; a um homem muito inferior
tive de prestar serviço, que me impôs pesados trabalhos.
Uma vez até para aqui me mandou, para trazer o cão de Hades.
Pensava que não havia trabalho mais dificultoso que este.
Mas eu levei o cão, trazendo-o da mansão de Hades.
Hermes me acompanhou e Atena de olhos garços.”

Assim falando, regressou para a mansão de Hades,
mas eu permaneci firme, para o caso de se aproximar
algum dos heróis, que morreram em tempos passados.
Teria visto ainda outros homens, que queria ver,
como Teseu e Pirítoo, gloriosos filhos de deuses.

Porém antes que tal acontecesse, surgiram aos milhares
as raças dos mortos, com alarido sobrenatural; e um pálido terror
se apoderou de mim, não fosse a temível Perséfone enviar-me
da mansão de Hades a monstruosa cabeça da Górgona.

De seguida fui para a nau e ordenei aos companheiros
que embarcassem e soltassem as amarras.
Eles embarcaram depressa e sentaram-se nos bancos.
A nau foi levada pela onda da corrente do Oceano:
primeiro remámos; depois sobreveio um vento favorável.

Notas ao Canto 11

O Canto 11 coloca-nos perante uma situação narrativa plena de potencial: o herói visita o mundo dos mortos e tem a experiência de, ainda vivo, por um tempo limitado sentir na pele o que é estar morto. A ideia de vivos a dialogarem com mortos é antiquíssima e já se encontra nos textos ligados a Gilgameš (ver pp. 157-168 do *Épico de Gilgameš*, na tradução de F.L. Parreira, e West, *Helicon*, pp. 415-417). Contudo, não obstante a indiscutível antiguidade do tema, o Canto 11 tornou-se desde o século XIX um campo de batalha onde os homeristas se digladiam, pois há muitos aspetos linguísticos que destoam da restante poesia homérica (cf. o veredito de Shipp, *Studies*, p. 335, em relação ao Canto 11: «There are few passages in Homer which proclaim their lateness so convincingly by their language»). Qual deve ser a importância dada a esses pormenores é assunto que não reúne consenso. No século XX, no espaço de um ano, dois grandes helenistas chegaram a conclusões totalmente contraditórias: por um lado, W. Büchner («Probleme der Homerischen Nekyia», *Hermes* 72 [1937], pp. 104-122); por outro, P. von der Mühll («Zur Erfindung in der Nekyia der Odyssee», *Philologus* 93 [1938], pp. 4-11). Se W. Büchner se mostrou positivo em relação ao mérito poético e à organicidade da *Nekyia* (o termo *Nekyia* é usado pelos helenistas para designar os episódios passados no mundo dos mortos no Canto 11 e no Canto 24 da *Od*.), P. von der Mühll protagonizou o ponto de vista contrário.

O entendimento da logística (digamos assim) inerente à morte é confuso na *Od*. Na *Il*., a alma (ou fantasma) de Pátroclo queixa-se do facto de não conseguir entrar no mundo dos mortos por não ter recebido ainda funeral condigno (*Il*.23.71-74). De modo semelhante, no Canto 11 da *Od*., o morto Elpenor dá-nos a impressão de não pertencer ainda de pleno direito ao mundo dos mortos (pois ele é capaz de conversar com Odisseu sem ter bebido sangue – mas sobre a questão de beber sangue e as incoerências que lhe estão associadas, ver 96*); Elpenor, todavia, não se queixa de exclusão nos mesmos termos de Pátroclo. De modo muito diferente, veremos, no Canto 24, que os pretendentes mortos de Penélope são logo, à chegada, residentes de pleno direito no mundo dos mortos e conversam, sem serem discriminados, com os que já lá estão, embora os seus cadáveres não tenham recebido ainda qualquer cerimónia fúnebre.

2 = 4.577.

3 ~ 4.578 ~ 8.52.

8 = 10.136.

10 ~ 9.78 ~ 14.256.

12 Ver 2.388*. Como temos estado a ver, o Canto 11 abre com várias expressões formulares. No caso do presente verso («O Sol pôs-se e escuros ficaram todos os caminhos»), temos de ter em conta que a palavra traduzida por «caminhos» (*aguiaî*) significa, em rigor, «ruas», o que se afigura despropositado (apesar de muitos protestos em contrário: ver Oxf.ii, p. 77) neste contexto marítimo (portanto retintamente não-citadino), que é também uma viagem à extremidade última do mundo.

13 «Oceano»: na poesia homérica, «Oceano» é um rio.

14 «Cimérios»: este povo que vive sem nunca ver o Sol, num clima de nevoeiro e de nuvens (em que a noite teima em não dar lugar ao dia), evoca naturalmente a ideia do Extremo Norte (Escandinávia no inverno, para não dizer mesmo o Círculo Ártico); mas, se o mundo dos mortos é entendido como estando situado no Extremo Ocidente (cf. 24.11-14), como entender que, para lá chegar, Odisseu tenha de passar pelo Extremo Norte?

23 «Perimedes»: uma personagem nova, de que até aqui não tínhamos ouvido falar.

25-34 Estes versos retomam as instruções de Circe em 10.517-526.

25 «cavei uma vala»: a ideia de Odisseu usar a espada para cavar já se afigurou estranha a vários comentadores, mas pode estar em causa a vontade de salvaguardar uma identidade heroica (cf. Oxf.ii, p. 80). O cavador de espada terá uma dignidade diferente do cavador de enxada.

37 «Érebo»: palavra que significa «escuridão».

51 «Primeiro veio a alma do meu companheiro Elpenor»: este desfortunado (cuja morte foi narrada no canto anterior) tem a função de representar os Itacenses mortos na expedição troiana, já que, nesta visita ao mundo dos mortos, ficaram esquecidos todos os companheiros de Odisseu mortos pelos Cícones, pelos Lestrígones e pelo Ciclope.

60 Verso omitido por bastantes manuscritos e colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

75 «eleva-me um túmulo junto ao mar cinzento»: o pedido para que lhe seja dado um túmulo de herói leva-nos a refletir que a morte aumentou significativamente a autoestima de Elpenor, que em 10.552-553 nos fora descrito como pessoa medíocre. Em 73, até ouvimos na boca do apagadíssimo Elpenor palavras que o poeta da *Il*. pusera na boca de Heitor (*Il*.22.358)!

84-86 «A alma de minha mãe falecida aproximou-se então de mim, / Anticleia, filha do magnânimo Autólico, / que eu deixara viva quando parti para Ílion sagrada»: em 67-68, Elpenor dirigira súplicas a Odisseu mencionando as importantes figuras da família que ficara em Ítaca: mulher, pai e filho. Desse elenco não constou a mãe. Agora, tragicamente, percebemos porquê.

92 Verso omitido em quase todos os manuscritos da *Od*. e colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

96 «para que eu beba o sangue e te diga a verdade»: o tema dos mortos a beber sangue está ferido de algumas contradições. Por um lado, ouvimos dizer em 10.495 que, mesmo morto, Tirésias retinha todas as suas capacidades mentais – uma exceção especialmente concedida por Perséfone. Se havia pessoa que não precisava do sangue, portanto, era ele. Por outro lado, Aquiles conversa em 467-540 (perfeitamente «bem de cabeça») com Odisseu, sem ter precisado de beber uma gota de sangue. Ver também 390*.

100 «Procuras saber do doce regresso»: mesmo sem que alguém lhe tenha dito, Tirésias sabe a razão da vinda de Odisseu: para obter informações sobre como chegar a Ítaca. É essa a expectativa de Odisseu, atendendo ao que Circe lhe dissera em 10.539-540. Não deixa, portanto, de ser estranho que, mesmo sabendo o motivo que traz Odisseu ao Hades, Tirésias não lhe dê as informações (que Circe previra que ele daria) e que seja a própria Circe a dar essas informações no Canto 12.

116-117 «homens arrogantes, que os bens te devoram, / fazendo a corte à tua esposa divina e oferecendo presentes»: Odisseu está muito desconcentrado a ouvir as palavras de Tirésias, pois em 179 perguntará à mãe se Penélope voltou a casar-se. Quanto aos presentes oferecidos, o grande vidente não está a ver bem: nós é que veremos, em 18.274-279, Penélope a reclamar pela sua falta.

121 «deverás partir com um remo de bom manejo»: as etapas da propiciação do deus parecem trocadas. Se, na previsão de Tirésias, Odisseu já chegou bem a Ítaca sem que Posídon o tenha impedido, por que razão é *depois de alcançado o objetivo sem impedimento do deus* que será necessário propiciar o mesmo deus que o deixou chegar a Ítaca sem percalço maior da sua feitura?

123 «homens que na comida não misturam o sal»: quem serão estes homens com a sua alimentação insossa? Dawe (p. 436) refere que o sal não seria necessário para povos que viviam como caçadores-recoletores ou da pastorícia, já que uma alimentação carnívora ou rica em laticínios dispensa (supostamente) o sal, o que não seria o caso da alimentação à base de cereais e de vegetais dos povos que vivem da agricultura.

128 «pá de joeirar»: a palavra raríssima *athêrêloigón*. A possibilidade de alguém confundir um remo com uma pá de joeirar é tomada como prova certa de que esse povo é totalmente ignorante do mar.

134-135 «e do mar sobrevirá para ti / a morte»: discute-se se não haverá aqui uma alusão a temas épicos que continuariam a história da *Od*., tal como a epopeia perdida *Telogonia* (ver West, *The Epic Cycle*, pp. 288-315), na qual Odisseu morreria por ação de um fi lho seu – Telégono –, que ele nunca até então conhecera e que o mata com uma lança em cuja ponta está o ferrão de uma raia (daí a morte sobrevir «do mar»).

152-224 A comovente conversa entre Odisseu e a mãe não faz parte da mesma *Od*. a que pertenceria originalmente 15.347-350, em que Odisseu, já em Ítaca, pergunta ao porqueiro se a mãe ainda está viva.

161-162 Estes versos foram considerados espúrios por Aristófanes de Bizâncio, eventualmente por darem a impressão de que a mãe de Odisseu teve oportunidade de ler, como nós, a *Od*. até ao momento em que ela própria tem de entrar no poema.

166 «ainda não cheguei perto da Acaia»: o poeta está desatento ao seu próprio poema: cf. 10.29.

179 «ou se já alguém a desposou, o melhor dos Aqueus?»: ver 116-117*.

185-187 «das propriedades trata agora Telémaco incontestado, / e banqueteia-se nos festins, que a um legislador compete / partilhar, pois todos o convidam»: lembremo-nos de que, nesta fase da história, Odisseu ainda não esteve sete anos na ilha de Calipso. Portanto, Telémaco tem – neste momento em que a avó morta fala dele como «incontestado» e «legislador» – 13 anos. Se, quando o

conhecemos no Canto 1, aos 20 anos, ele nos pareceu tudo menos «incontestado» em Ítaca, imagine-se agora o que seria a situação dele aos 13 anos.

190-191 «fica no inverno onde dormem os escravos na casa, / nas cinzas junto ao fogo, e vis são as roupas que põe no corpo»: a imagem de Laertes não podia contrastar mais com a do seu neto, o qual, neste devaneio da sua avó, é um legislador que, malgrado os seus 13 anos (!), já está comprometido, em Ítaca, com o polvo da magistratura corrupta baseada em troca de favores («todos o convidam» [187]).

198 «de vista arguta»: este adjetivo (*eüskopos*), aqui aplicado a Ártemis, é sempre aplicado (à exceção do presente verso) a Hermes.

211 «para que até no Hades atiremos os nossos braços à volta»: esta imagem de Odisseu a tentar, sem conseguir, abraçar a mãe lembra Aquiles com o fantasma de Pátroclo em *Il*.23.91-101 (ou Albrecht a tentar abraçar o fantasma de Giselle no bailado romântico homónimo). No verso citado, há uma grande anomalia gramatical, pois «nossos» (à letra, «queridos»; plural) e «braços» (dual) não concordam em número.

223-224 «mantém presentes / todas estas coisas»: não é fácil perceber o que Anticleia quer dizer com esta expressão. Quais coisas? A impressão que estas palavras criam em nós é que ela acabou de dizer algo extremamente importante sobre a vida de Odisseu, sobre Ítaca – algo que ele deveria reter, para depois contar a Penélope. No entanto, isso não corresponde àquilo que acabámos de ler. Anticleia nada disse a Odisseu que – fora do plano emocional – possamos rotular de importante e que precise de ser dito a Penélope.

225-226 «chegaram / as mulheres»: estas palavras introduzem o chamado «Catálogo das Mulheres» da *Od*., no qual nos são elencados os nomes de personagens célebres da mitologia grega, as mais interessantes das quais, sem dúvida, são Jocasta – que aqui tem o nome de «Epicasta» – e Ariadne. Este catálogo levanta vários problemas do ponto de vista linguístico: Shipp (*Studies*, p. 336) detetou aqui mais de 20 formas anómalas do ponto de vista fonético e morfológico. Sobre a função do catálogo em si, temos de pensar que, nos séculos VII-VI a.C., na altura da composição da *Od*., a Grécia era um conjunto de cidades-estado regidas por oligarcas e tiranos sequiosos de poesia «catalógica» que catalogasse personagens ilustres do passado remoto, de quem eles gostavam de se proclamar descendentes.

234 «proclamou»: única ocorrência, na poesia homérica, do verbo *exagoreúô*.

__ «eu interroguei todas»: o texto omite, no entanto, o teor dessas interrogações formuladas por Odisseu e dirigidas às mulheres.

235 «Tiro»: sabemos que Sófocles escreveu duas tragédias intituladas *Tiro* , mas ambas se perderam. A descrição do coito com o deus, ocorrido junto de uma onda de púrpura, alta como uma montanha, é das imagens poéticas mais impressivas da *Od*. É de lamentar, contudo, o facto de o deus ter negado à mulher a experiência direta de tão divino ato de amor, adormecendo-a para que ela nada sentisse.

245 No entanto, o verso em que se diz que o deus adormeceu a amante antes de a possuir foi considerado inautêntico por Zenódoto e Aristarco, e surge entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

247 «pegou-lhe na mão e foi isto que lhe disse»: não fica explícito se o deus se lembrou de acordar a sua amante antes de lhe falar (mas, se aceitarmos que o verso 245 é espúrio, esse problema não se coloca).

260 «Antíope»: tema de uma tragédia de Eurípides, de que restam interessantíssimos fragmentos. Chama a nossa atenção o facto de as heroínas aqui referidas serem tebanas: além de Antíope, é o caso de Alcmena (mãe de Héracles), Mégara (mulher de Héracles), e Jocasta (aqui chamada, como já referimos, «Epicasta»).

263 «heptápila»: ou seja, «dos sete portões». Adjetivo memoravelmente usado por Ricardo Reis, no verso «heptápila Tebas, ogígia mãe de Píndaro».

275-276 Estes versos sobre Édipo dão a entender uma versão diferente da história de Édipo e de Jocasta da que conhecemos a partir da obra-prima de Sófocles. A ideia de Édipo continuar rei de Tebas depois de os deuses terem dado a conhecer a situação seria impensável na conceção sofocliana.

288 «os que viviam à volta»: em grego, *periktítai*, palavra que só ocorre aqui na literatura grega.

292 «Melampo»: a forma como esta história nos é narrada é altamente elíptica. O poeta procurará completá-la em 15.235-238.

300-301 O verso 300 reproduz *Il*.3.237, em que se fala dos gémeos Castor e Polideuces (Pólux). A ideia de que eles estão enterrados, embora vivos, é confusa, mas pode apontar para o mito de que eles alternavam, depois de mortos, na vida e na morte – tema espantosamente bem trabalho por Píndaro num dos seus mais belos poemas (*Odes Nemeias* 10; remeto para o meu ensaio sobre este poema, «Morte e Transfiguração: Nemeia X», in F. Lourenço (org.), *Ensaios sobre Píndaro*, Lisboa, 2006, pp. 175-183).

315-316 «Planearam colocar a Ossa em cima do Olimpo, e sobre a Ossa / o Pélion de florestas trementes, para que o céu pudesse ser escalado»: estes versos, que narram os atos insolentes de Oto e de Efialtes, são especialmente curiosos por nos darem a entender que a morada dos deuses é o céu – e não o Olimpo.

321 «Fedra e Prócris e a bela Ariadne»: três personagens associadas à cidade de Atenas (embora Ariadne nunca tenha chegado a Atenas, tendo sido abandonada pelo príncipe ateniense Teseu na ilha de Naxos a meio da viagem de Creta para a cidade da Ática). Fedra será depois famosa como personagem da tragédia *Hipólito* de Eurípides. Ariadne – transfigurada, pelo milagre do amor divino, em esposa do deus Dioniso – galvanizará a imaginação de poetas e de compositores (é incontornável a obra-prima absoluta de Richard Strauss, *Ariadne auf Naxos*, de 1916), não só como símbolo de solidão ou como testemunho de que o amor transforma para melhor, mas também como prova de que só a experiência do amor infeliz prepara o chão fértil donde pode nascer o amor feliz. Se, por um lado, Ariadne confirma o ditado popular de que um amor só se cura com outro amor, por outro lado constitui ilustração clara dos versos que surgem algo enigmaticamente numa tragédia fragmentária de Eurípides sobre este tema, tragédia a que o autor deu o título *Teseu* (e que trata a história de Teseu e Ariadne): «Mas existe outro tipo de amor entre os mortais, / o amor de uma alma justa, pura e generosa; / deveriam os homens tomar este como regra e amar aqueles que são puros e de espírito elevado, / rejeitando Afrodite, filha de Zeus» (fr. 388 Kannicht). Prócris, por seu lado, é muito menos

conhecida: foi filha do rei ateniense Erecteu. Wilamowitz (*Homerische Untersuchungen*, Berlim, 1884, p. 149) opinou que estes versos, com o seu horizonte ateniense, são uma interpolação… ateniense.

322 «Minos de pernicioso pensamento»: é interessante repararmos no adjetivo *oloóphrôn* («de pernicioso pensamento»), aplicado a Minos, rei de Creta, já que revela um ponto de vista também ateniense (pois Atenas, no passado lendário, tinha sido obrigada a pagar tributo a Creta).

324-325 «Ártemis a matou / em Naxos rodeada pelo mar, devido aos testemunhos de Dioniso»: o que significará «devido aos testemunhos de Dioniso» (*Dionúsou marturíêisi*)? A frase é enigmática e não encontramos esclarecimento cabal na própria *Od*. Mais tarde, um logógrafo ático do século V a.C. chamado Ferecides transmite-nos uma versão do mito de Ariadne que poderá ser a implícita na presente passagem da *Od*. Segundo Ferecides, Teseu é coagido pela deusa Atena a abandonar Ariadne em Naxos. No entanto, depois da partida de Teseu e da chegada de Dioniso, a jovem é morta por Ártemis, por ordem de Dioniso; a justificação seria a descoberta, por parte do deus, de que a amada já perdera a virgindade com Teseu. Os deuses colocam então no céu, sob a forma de constelação, a coroa dourada que Dioniso oferecera a Ariadne. (Facilmente se percebe que não tenha sido esta a versão do mito a entusiasmar poetas e artistas.)

326 «Mera e Clímene e a detestável Erífile»: Mera era filha de Proito e de Anteia (mencionados no Canto 6 da *Il*.). Clímene era mulher de Fílaco e mãe de Íficlo. Quanto a Erífile, era mulher do profeta Anfiarau. A razão pela qual ela é denominada «detestável» é que traiu o marido por um rico colar, o que levou, mais tarde, à morte dele (cf. 15.246-247).

328-332 Estes versos introduzem a secção do Canto 11 que, nos estudos homéricos, tem o nome de «*Intermezzo*» (333-384). Ninguém, até hoje, foi capaz de explicar a razão de ser neste momento preciso que Odisseu interrompe a sua narração e diz, sem mais nem menos, «agora é hora de dormir».

331 «para junto dos companheiros»: Odisseu parece ter-se esquecido de que os companheiros já morreram todos, há mais de sete anos.

337 «pelo aspeto»: a palavra grega aqui traduzida por «aspeto» é *eîdos* (à letra, «forma»). Arete está literalmente a perguntar aos demais convidados se eles acham Odisseu bonito. A palavra «estatura» (*mégethos*) implica uma constituição atlética e espadaúda, pelo que a rainha parece estar a abrir uma indagação crítica dos dotes físicos do seu convidado. A «ordinarice» da intervenção de Arete chocou, no século XIX, A. Scotland («Die Hadesfahrt des Odysseus», *Philologus* 45 [1886], p. 570). Na opinião deste helenista, a mulher de um *parvenu* (expressão dele) ter-se-ia talvez atrevido a dizer isto depois de Odisseu se retirar da sala, mas nunca a rainha Arete – e ainda por cima na presença do próprio convidado.

339 «dons»: estas palavras levam a crer que Odisseu receberá ainda mais dons, além dos já referidos em 8.389-405 e 8.428-432. Infelizmente, esta generosidade régia irá onerar, como sucede tantas vezes, o bolso do povo (13.14-15).

343 Verso omitido em vários manuscritos e colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

351 «permanecer pois connosco»: a partícula grega traduzida por «pois» (*oûn*) tem aqui uma utilização considerada única em toda a literatura grega, por razões técnicas referidas por J.D. Denniston, *The Greek Particles*, Oxford, 1954, 2.ª ed., p. 418.

355-361 Estas palavras de Odisseu são espantosas não apenas pelo sentido mercenário, mas também porque são contraditórias em relação a tudo o que ouvimos da sua boca até aqui sobre a urgência por ele sentida em voltar a Ítaca.

363-364 «Odisseu, não julgamos ao contemplar-te que sejas mentiroso / ou tecelão de falsidades»: palavras generosas (ou crédulas, ou irónicas – consoante a perspetiva), dada a temática recentemente abordada de Lotófagos, de Ciclopes, de Feiticeiras transformadoras de homens em porcos e de viagens ao mundo dos mortos.

366 «inventando mentiras de coisas que nunca ninguém viu»: ver nota anterior.

368 «Contaste a história com a perícia de um aedo»: o elogio funciona como autoelogio da parte do aedo, criador do poema, tal como quando Odisseu elogia Demódoco em 8.487-498.

369 «os tristes sofrimentos de todos os Argivos»: perguntamo-nos agora se Alcínoo elogiou a objetividade e a ausência de mentira na narrativa de Odisseu pela simples razão de que esteve a dormir o tempo todo e, agora, tendo acordado sobressaltado, depreende erradamente que a narrativa deverá ter versado o tema dos sofrimentos «de todos os Argivos». Na verdade, Odisseu só falou sobre si mesmo.

384 «devido à vontade de uma mulher má»: não é inteiramente claro se esta «mulher má» é Helena ou Clitemnestra (cf. Dawe, p. 451).

386 «as almas femininas das mulheres»: o pleonasmo soa estranho em português, mas não em grego.

390 «assim que me viu com os olhos»: ver nota anterior. Existem, no entanto, manuscritos que, em vez de «assim que me viu com os olhos», nos dão a ler «assim que bebeu o negro sangue» (esta é a opção da ed. de Oxford, portanto foi assim que o verso foi publicado na primeira versão da minha tradução).

398 «como te venceu o destino da morte de prolongada tristeza?»: contrariamente a nós, leitores da *Od*., Odisseu não ouviu os relatos da morte de Agamémnon transmitidos a Telémaco por Nestor e Menelau no Cantos 3 e 4. Por isso, contrariamente a nós, não se surpreenderá se, agora, os pormenores da história são diferentes.

407 Verso omitido na maior parte dos manuscritos da *Od*. e colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda. É igual a 400.

422 «Cassandra»: conhecemos esta personagem como filha de Príamo, profetisa condenada (na literatura grega posterior) à experiência dilacerante de as suas profecias justíssimas nunca serem levadas a sério. Os poetas da *Il*. e da *Od*., todavia, desconhecem totalmente Cassandra como profetisa.

424-425 «A cadela / afastou-se»: quem narra isto já estava morto no momento em que a «cadela» – isto é, Clitemnestra – se afastou, pelo que a sua consciência do que se estava a passar à volta causa

alguma estranheza. Em rigor, a palavra traduzida por «cadela» significa «cara de cão» (*kunôpis*). Ver 4.145*.

428 Segundo os escólios antigos, este verso não constava de muitos manuscritos antiquíssimos da *Od*. Assim o verso anterior ficaria isolado, à guisa de (misógino) aforismo: «Pois é certo que nada há de mais vergonhoso do que uma mulher.»

441 «Por causa disto, nunca sejas amável com a tua mulher»: as palavras de Agamémnon, absurdas em termos absolutos, são também absurdas dentro da lógica da narrativa, uma vez que Clitemnestra não o traiu nem matou em virtude de ele ter sido «amável» com ela. Os ouvintes do poeta da *Od*. conheceriam decerto outras tradições sobre o casamento de Agamémnon e Clitemnestra. A mulher aqui rotulada de «cadela» pelo marido tinha mais do que razão de queixa da falta de amabilidade dele, já que ela sofrera as consequências dos atos infanticidas de Agamémnon, que (segundo uma tradição, não mencionada na poesia homérica) matou o primeiro filho dela (de um anterior casamento), arrancando o bebé de peito dos braços da mãe e matando-o à frente da própria (cf. Eurípides, *Ifigénia em Áulide*, 1148-1152), e depois (de acordo com todas as tradições) cedeu à imposição de matar a filha de ambos, Ifigénia.

449-450 «que agora se senta no meio dos homens, / próspero»: Agamémnon, como já antes a mãe de Odisseu (ver 185-187*), deixa-se levar pelo facto de o Telémaco do poema já ser adulto. O Telémaco do momento da narrativa em que estamos ainda só tem 13 anos, pois é referido como sendo bebé de peito no ano em que começou a Guerra de Troia. (Já agora, 448 levanta a seguinte pergunta: Telémaco foi amamentado por Penélope, como lemos aqui, ou pela ama, Euricleia, como lemos em 1.435?)

454-456 Estes versos faltavam, segundo informam os escólios, em muitos manuscritos antiquíssimos, e são colocados entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

458 «ouvistes dizer que está vivo o meu filho?»: a 2.ª pessoa do plural, assim sem mais nem menos, causa estranheza, mas é a pergunta em si que não faz sentido. Se Orestes não está no mundo dos mortos onde a conversa está a decorrer, é porque está vivo (ver 461).

459 «Orcómeno»: não há razão aparente para a referência a este lugar. Pilos e Esparta são os lugares visitados por Telémaco nos Cantos 3 e 4 e talvez apareçam agora aqui por mera associação de ideias. O sítio mais lógico para Orestes permanecer seria Atenas, não só por causa da tradição literária posterior, mas também por uma razão interna do poema: os versos 306-307 do Canto 3.

468-470 = 24.16-18. Note-se que Aquiles não bebe sangue antes de falar (ver 96*).

469-470 «que superava na beleza do corpo / todos os Dânaos, à exceção do irrepreensível Pelida»: este tropo do «mais belo de todos tirando Aquiles» vem da *Il*. (2.673-674, onde se fala nesses termos de Nireu).

481 «ainda não cheguei perto da Acaia»: ver 166*.

489-491 «Eu preferiria estar na terra, como trabalhador agrícola de outro, / até de homem sem herança e sem grande sustento, / a reinar sobre todos os mortos falecidos»: versos famosos, citados tanto por Platão (*República* 386c) como por Sophia de Mello Breyner Andresen (no poema «Paráfrase» do livro *O Nome das Coisas*), mas cujo sentido levanta algumas dúvidas lexicais. A

palavra *epárouros* é raríssima e de significado incerto; provavelmente significará «alguém que vive na terra» (Oxf.ii, p. 106). «Trabalhador agrícola de outro» procura verter a expressão *thêteuémen állôi*, que também é ambígua. No entanto, parece claro que Aquiles não está a dizer que preferiria ser escravo na terra a ser rei no Hades: nesse aspeto, a «Paráfrase» de Sophia é inexata (e também o «servo da gleba», proposto por Rocha Pereira na sua tradução da *República*, não é ideal), pois a palavra *thês*, implicada no verbo *thêteúô* aqui usado, não se aplica a um escravo, como se vê em *T&D*.602. Comentando este verso, West afirma que «o *thês*, embora de estatuto social inferior, é um homem livre, contrariamente aos *dmôes* [escravos]; pode até ser amigo do proprietário» (M.L. West, *Hesiod: Works and Days*, Oxford, 1978, p. 310). Quanto ao pleonasmo «mortos falecidos», já sabemos que não faria qualquer impressão a um ouvinte/leitor grego.

492 «fala-me agora do meu filho orgulhoso»: o uso pós-homérico do artigo definido chama a atenção do helenista neste verso. O leitor comum interrogar-se-á sobre a verosimilhança de Aquiles colocar a Odisseu estas perguntas acerca do seu filho, quando tinha Agamémnon ali à mão (tanto mais que estamos numa zona do Canto 11 em que o poeta já se esqueceu de que os mortos precisam de beber sangue para se lembrarem das coisas que souberam quando eram vivos).

508 «côncava nau recurva»: na poesia homérica, ouvimos frequentemente falar de «côncavas naus» e de «naus recurvas». Só aqui nos confrontamos com uma «côncava nau recurva».

__ «Esquiro»: ilha no mar Egeu, pertencente às Espórades. Célebre na mitologia grega por Aquiles lá ter vivido, vestido de mulher, e, não obstante esta sua fase de travesti, por lá ter engravidado a jovem Deidamia (ver West, *The Epic Cycle*, p. 184).

511 «era sempre o primeiro a falar e nunca se enganava nas palavras»: um aspeto importante a ter em conta em relação a tudo o que aqui se diz sobre Neoptólemo, filho de Aquiles e de Deidamia, é que este notável orador que nunca se enganava nas palavras e que chacinou muitos homens «em combate tremendo» tinha, na altura de que Odisseu fala, na melhor das hipóteses, dez anos. Ainda que a epopeia fragmentária *Pequena Ilíada* nos fale dele a crescer «como um pepino» (ver West, *The Epic Cycle*, p. 185), mesmo assim o pepino teria de ser algo de impressionante. A monstruosa selvajaria deste adolescente no saque de Troia será inesquecivelmente descrita por Virgílio na *Eneida* (2.526-558).

519-522 «filho de Télefo […] Mémnon»: estamos aqui com vários cruzamentos entre a *Od*. e epopeias perdidas do Ciclo Épico (concretamente a *Etiópide*, no caso de Mémnon).

521 «Ceteus»: etnónimo que tem aqui a sua única ocorrência na literatura grega. Nada se sabe sobre os Ceteus.

547 «Dirimiram a contenda rapazes dos Troianos e Palas Atena»: a frase é estranhíssima pela presença de *paîdes* («rapazes»), em vez de *huioí* («filhos»), que seria a palavra normal neste tipo de contexto. E porque seriam Troianos a dirimir a contenda entre dois Gregos? E porque, de forma não-homérica, estava presente no meio deles uma divindade indisfarçada? O episódio da contenda de Ájax e Odisseu fazia parte da *Pequena Ilíada* (cf. West, *The Epic Cycle*, pp. 174-177).

565 «Aí, embora ressentido, talvez me tivesse falado, ou eu a ele»: não é inteligível esta ideia de que, no Érebo, talvez houvesse a possibilidade de Ájax abandonar o seu ressentimento.

568 «Minos»: na tradição posterior, não há dúvida de que Minos é formalmente juiz dos mortos – isto é, julga-os de acordo com as suas boas/más ações em vida (Platão, *Górgias* 523e). A imagem de Minos que aqui nos é dada segue mais a ideia de que, na morte, as pessoas continuam as atividades que lhes foram próprias em vida – tal como Oríon será de seguida apresentado a caçar. Curiosamente, 569 é citado por Platão no *Górgias*, mas num passo diferente (526d) do que foi referido acima. Note-se, ainda, que aqui Minos é «glorioso», ao contrário do que lêramos em 322*.

576 «Títio»: o primeiro do grupo de três míticos malfeitores, que sofrem castigo contínuo no Hades. O castigo aqui descrito faz-nos lembrar o sofrimento de Prometeu (*Tgn.*521-555).

582 «Tântalo»: contrariamente ao caso anterior, o poeta não nos diz a razão pela qual Tântalo sofre o seu famoso castigo. O mito de Tântalo foi referido de várias maneiras por poetas posteriores, pelo que não podemos dar como segura a pressuposição de que as malfeitorias de Tântalo aqui castigadas são as mesmas que Píndaro referirá (*Odes Olímpicas* 1.60-64). Em Píndaro e no *Orestes* de Eurípides (4-10), a alusão ao castigo de Tântalo deixa entrever uma situação bem diferente da que é descrita na *Od*., pois aí está em causa a iminência de esmagamento por uma pedra gigantesca. Em Eurípides, o que levou Tântalo a sofrer este castigo foi a sua «língua irreprimível» (ou «impossível de castigar» [*akólastos*], um contrassenso, já que Tântalo é o «castigado» mais célebre da mitologia grega), ao passo que, em Píndaro, foi ter partilhado com os amigos a ambrósia e o néctar que os deuses lhe tinham dado para o fazer imortal. Fontes muito mais tardias referem que Zeus castigou Tântalo com uma pedra por ele ter chamado ao Sol uma pedra ardente, fazendo assim de Tântalo um precursor do polémico filósofo pré-socrático Anaxágoras (ver C.W. Willink, *Euripides: Orestes*, Oxford, 1986, p. 80). Mas a verdade é que, na *Od* ., o castigo de Tântalo tem que ver com fome e sede e com a presença inatingível de comida e de bebida. Isto leva-nos a pensar que, provavelmente, a malfeitoria pressuposta na conceção homérica possa relacionar-se com a versão do mito referida obliquamente por Píndaro (pois é referida tão-só para ser refutada por meio do seu poema), segundo a qual Tântalo ofereceu aos deuses como manjar a carne do seu filho Pélops. (Distraída com o desgosto pelo rapto da fi lha, Deméter terá comido um ombro, depois restituído sob a forma de uma prótese de marfim quando os deuses reconstruíram e ressuscitaram Pélops. Ver C.M. Bowra, *Pindar*, Oxford, 1964, pp. 56-59.)

593 «Sísifo»: novamente, como no caso de Tântalo, a razão do castigo é omitida. Claramente o poeta da *Od*. desconhecia a versão do mito de Sísifo segundo a qual ele era pai de Odisseu (cf. Oxf.ii, p. 113).

597 «o peso fazia-a regredir»: a palavra traduzida por «peso» (*krataiïs*) levanta muitas dificuldades. Na ed. de Oxford, está grafada com letra minúscula, mas na ed. de Estugarda surge com letra maiúscula inicial, portanto na forma de um antropónimo feminino (homógrafo relativamente à mãe de Cila referida em 12.124*). A palavra pode ter também o sentido de «força».

598 «e rolava para a planície a pedra sem vergonha»: já na Antiguidade, o estudioso Dionísio de Halicarnasso (num tratado, escrito em grego, embora conhecido pelo seu nome latino, *De Compositione Verborum* 20) reparou que os versos 596-598 são, no seu som grego, extraordinariamente expressivos. Na opinião de Dionísio, o verso 598 consegue sugerir ritmicamente a pedra a rolar pela encosta abaixo: «e rolava para a planície a pedra sem vergonha» (*aûtis épeita*

pédonde kulíndeto lâas anaidês). No seu livro indispensável sobre métrica grega, West perguntou-se se o ritmo do verso não seria apenas uma coincidência feliz (*Greek Metre*, Oxford, 1982, p. 39). Se analisarmos de forma superficial o ritmo do verso que chamou a atenção de Dionísio, vemos que é um hexâmetro perfeitamente normal:

— U U — U U — U U — U U — U U — —

No entanto, se o analisarmos em termos das quebras de palavras no interior do verso (que marcarei com o sinal «|»), deparamos com algo que, na poesia homérica, é de facto chamativo pela sua raridade, conforme demonstrou L.P.E. Parker (cf. «Dionysius' Ear», in *Hesperos*, Oxford, 2007, pp. 297-305):

— U | U — U | U — U | U — U U | — U | U — —

Determinar ao certo o que Dionísio pensou ouvir neste verso não é fácil para os nossos ouvidos contemporâneos (a quem escapam tantas subtilezas da métrica grega), mas todo o material comparativo aduzido por Parker prova, como ela própria afirma, que «Dionísio genuinamente ouviu algo fora do comum em *Od*.11.598» (p. 304). Talvez uma pista seja o fraseio em que a quebra de palavra ocorre sempre a seguir a uma sílaba breve (exceto no final do verso, naturalmente).

599 «suor»: trata-se da única ocorrência, na *Od*., da palavra *hidrôs* («suor»), que, porém, é frequente na *Il*.

601 «o vigoroso Héracles»: à letra, «a força heracleia» (ver 2.409*). Héracles – que o poeta deixa para o fi m, para criar um encontro grandioso entre os dois heróis mais famosos da mitologia grega – levanta aqui vários problemas. O seu estatuto ambivalente enquanto fantasma no Hades e ao mesmo tempo bem-aventurado no Olimpo é desconhecido do poeta da *Il*. (18.117-119), e só aqui se refere, na poesia homérica, que Hebe é casada.

604 Verso considerado espúrio na Antiguidade, omitido num papiro da *Od*. e colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda. Se o verso for autêntico, constitui a única ocorrência do adjetivo *khrusopédilos* («de sandálias douradas») na epopeia homérica.

623 «o cão»: o nome «Cérbero» (*Kérberos*: cf. *Tgn.*311-312) nunca ocorre na poesia homérica, embora este mesmo cão seja referido em *Il*.8.368.

631 «Teseu e Pirítoo»: já na Antiguidade, um contemporâneo de Aristóteles chamado Héreas de Mégara opinou que esta referência a Teseu e seu amigo é uma interpolação ateniense, acrescentada por Pisístrato (cf. Oxf.ii, p. 116; Dawe, p. 464).

635 «a monstruosa cabeça da Górgona»: das três Górgonas, Medusa era a única que tinha estatuto mortal (cf. *Tgn*.274-280). Decapitada por Perseu, a cabeça seria descrita na literatura posterior como detentora do poder de transformar em pedra quem a contemplasse. Como é que o poeta da *Od*. concetualiza e visualiza a permanência da cabeça da Górgona no Hades? Já os escoliastas antigos estranharam que a cabeça empalada pudesse aparecer – assim do nada – no meio do Hades.

636-640 O remate para a visita ao mundo dos mortos é abrupto. E não deixa de nos impressionar a falta de curiosidade dos companheiros de Odisseu, que embarcam «depressa» e se sentam nos bancos a remar, sem uma pergunta sobre as instruções preciosas dadas por Tirésias acerca de como chegar a Ítaca. Atendendo a que Tirésias acabou por não dizer a Odisseu como ele chegaria a Ítaca –

apesar de ser esse o objetivo da visita ao mundo dos mortos –, a falta de curiosidade destes Itacenses deve ter constituído um enorme alívio para o rei de Ítaca.

Canto 12

Quando a nau deixou a corrente do rio Oceano,
chegou às ondas do mar de amplos caminhos
e à ilha de Eeia, onde da Aurora que cedo desponta
estão a morada, os lugares das suas danças e o nascer do Sol.
Foi aí que aportámos, trazendo a nau para a areia;
e nós próprios desembarcámos na praia,
onde adormecemos à espera da Aurora divina.

Quando surgiu a que cedo desponta, a Aurora de róseos dedos,
mandei os companheiros ao palácio de Circe,
para de lá trazerem o morto, o falecido Elpenor.
Depressa cortámos achas, lá onde está o promontório derradeiro,
e fizemos o funeral, chorando lágrimas copiosas.
Depois que se queimou o morto com as suas armas,
preparámos um túmulo e sobre ele uma lápide;
e em cima fixámos o remo de bom manejo.

Assim nos ocupávamos; mas, vindos do Hades, a Circe
não passámos despercebidos: arranjou-se depressa e veio
ao nosso encontro. E com ela vinham escravas trazendo
pão, carne em abundância e rubro vinho frisante.
Em pé no meio de nós, assim falou a divina entre as deusas:

“Homens duros, que descestes vivos à mansão de Hades,
homens de dupla morte! Pois os outros só morrem uma vez.
Mas agora comei pão e bebei vinho ao longo
deste dia: ao surgir da Aurora, partireis.
Pela minha parte, indicar-vos-ei o caminho e cada coisa
explicarei, para que devido a deliberações malfadadas
não padeçais com sofrimentos no mar ou em terra.”

Assim falou; e consentiram os nossos orgulhosos corações.
Durante o resto do dia, até ao pôr do Sol,
banqueteámo-nos com carne abundante e vinho doce.
Quando se pôs o Sol e sobreveio a escuridão,
eles deitaram-se junto das amarras da nau.
Mas Circe, levando-me pela mão, sentou-me longe
dos queridos companheiros; deitando-se ao meu lado,
tudo quis saber; e eu tudo lhe contei, pela ordem certa.
Depois tais palavras me dirigiu a excelsa Circe:

“Todas estas coisas foram cumpridas; mas ouve agora
aquilo que te direi, e um deus to recordará.
Às Sereias chegarás em primeiro lugar, que todos
os homens enfeitiçam, que delas se aproximam.
Quem delas se acercar, insciente, e a voz ouvir das Sereias,
ao lado desse homem nunca a mulher e os filhos
estarão para se regozijarem com o seu regresso;
mas as Sereias o enfeitiçam com seu límpido canto,
sentadas num prado, e à sua volta estão amontoadas
ossadas de homens decompostos e suas peles marcescentes.
Prossegue caminho, pondo nos ouvidos dos companheiros

cera doce, para que nenhum deles as oiça.
Mas se tu próprio quiseres ouvir o canto,
deixa que, na nau veloz, te amarrem as mãos e os pés
enquanto estás de pé contra o mastro; e que as cordas sejam
atadas ao mastro, para que deleitado oiças a voz das duas Sereias.
E se a eles ordenares que te libertem,
então que te amarrem com mais cordas ainda.
Depois que os companheiros tiverem remado para longe delas,
já não te passarei a contar de modo contínuo
como será a direção do teu caminho, mas tu próprio
terás de decidir: mas eu te direi as alternativas.
Há de um lado rochas ameaçadoras e contra elas
bate o estrondo das grandes ondas da azul Anfitrite.
Planctas é como lhes chamam os deuses bem-aventurados.
Por ali nem passam criaturas aladas, nem mesmo as pávidas
pombas, que a ambrósia levam a Zeus pai:
uma delas arrebata sempre a pedra lisa.
O Pai envia depois outra para manter o seu número.
Por ali nunca passou nau alguma de homens que depois voltasse,
mas juntamente com as tábuas das naus são corpos humanos
levados pelas ondas do mar e pelas procelas de fogo destruidor.
Por ali só passou uma nau preparada para o alto-mar,
a nau Argo, conhecida de todos, vinda da terra de Eetes.
E até essa teria o mar lançado contra as rochas ingentes,
se por amor a Jasão a deusa Hera não tivesse feito passar a nau.
Os dois rochedos: um deles chega ao céu
com seu pico pontiagudo e cobre-o uma nuvem azulada.

Nunca a nuvem se afasta nem se vê céu limpo
em torno do pico, no verão ou no outono.
Nenhum homem mortal o poderia escalar,
nem que tivesse vinte mãos e vinte pés.
Pois o rochedo é liso, como se tivesse sido polido.
E no meio do rochedo há uma gruta nebulosa,
virada para oeste, para o Érebo: e é para aí que devereis
apontar a vossa côncava nau, ó glorioso Odisseu.
Nem um homem de grande força conseguiria
com o arco atirar uma seta para a gruta escavada!
É nela que habita Cila, ladrando de modo danado.
Embora a sua voz não seja mais forte que a de um cão
recém-nascido, ela é um monstro terrível e ninguém
se alegraria ao vê-la, nem mesmo um deus.
Pois ela tem no total doze pernas delgadas
e seis pescoços muito longos e, sobre cada um,
uma horrível cabeça, cada uma com três filas de dentes
grossos e cerrados, cheios da negra morte.
Até à cintura está escondida na gruta,
mas eleva as cabeças para fora do terrível abismo
para aí se pôr à pesca, procurando perto do rochedo
golfinhos, cães marinhos e criaturas ainda maiores,
das que aos milhares cria no mar a marulhante Anfitrite.
De junto dela nunca nenhum marinheiro fugiu
ileso na sua nau: pois cada uma das suas cabeças
arrebata um homem da nau de proa escura.
Verás, Odisseu, que o outro rochedo é mais baixo:
ficam perto um do outro; a distância é o voo de uma flecha.
Nele há uma grande figueira, com frondosa folhagem.

Mas por baixo a divina Caríbdis suga a água escura.
Três vezes por dia a vomita; três vezes a suga com barulho terrível.
Que lá não estejas quando sugar a água! Pois ninguém
te poderia salvar da desgraça, nem mesmo o deus que abala a terra.
Antes te deves aproximar de perto do rochedo de Cila,
navegando depressa, pois é preferível lamentares a morte
de seis companheiros na nau do que a morte de todos."

Assim falou; a ela dei então a seguinte resposta:
"Peço-te, ó deusa, que me digas com verdade se seria possível
fugir da mortífera Caríbdis e repelir também a outra,
quando fizesse dos companheiros a sua presa."

Assim falei; e tal resposta me deu a divina entre as deusas:
"Homem duro, que só pensas em atos de guerra
e esforços! Não sabes ceder aos deuses imortais?
Ela não é mulher mortal, mas um flagelo imorredouro,
terrível, áspero, selvagem — e imbatível!
Não há defesa alguma e o melhor é fugir dela.
Pois se te demoras para te armares junto do rochedo,
receio que ela voltará ao ataque com igual número
de cabeças e leve novamente outros tantos homens.
Rema antes com toda a força e chama por Crataís,
mãe da Cila, que a deu à luz como flagelo para os mortais.
Ela impedirá a filha de fazer uma nova investida.
Depois chegarás à ilha de Trinácia, onde pastam
em grande número as vacas e as robustas ovelhas do Sol:

sete manadas de bois e igual número de belos rebanhos,
cada um com cinquenta <animais>; estes não têm crias,
nem morrem nunca; e são deusas as suas pastoras,
Ninfas de belos cabelos, Faetusa e Lampécia,
que a divina Neera deu à luz para Hiperíon, o Sol.
Depois de as ter dado à luz e criado, sua excelsa mãe
mandou-as para a ilha de Trinácia para morarem longe
e guardarem os bois de chifres recurvos de seu pai.
Se deixares o gado incólume e pensares no regresso,
podereis chegar a Ítaca, embora muitos males sofrendo.
Mas se lhe fizeres mal, então prevejo a desgraça,
tanto para a nau como para os companheiros; e se tu próprio
escapares, regressarás tarde, tendo perdido todos os companheiros.”

Assim falou; logo sobreveio a Aurora de trono dourado
e subiu pela ilha acima Circe, divina entre as deusas.

Mas eu fui para a nau e incitei os companheiros
a embarcarem e a soltarem as amarras.
Eles embarcaram depressa e sentaram-se nos bancos;
sentados por ordem, percutiram com os remos o mar cinzento.
Atrás da nau de proa escura soprava um vento
favorável que enchia a vela, excelente amigo, enviado por
Circe de belas tranças, deusa terrível de fala humana.
Sentámo-nos a pôr em ordem o equipamento em toda a nau,
que o vento e o timoneiro mantinham no seu caminho.

Falei então aos companheiros, com tristeza no coração:

“Amigos, não é justo que apenas um ou dois conheçam
os oráculos que proferiu Circe, divina entre as deusas.
Falarei, para que todos saibamos se morreremos
ou se, evitando a morte e o destino, conseguiremos fugir.
Primeiro foi o som das Sereias divinamente inspiradas
e seu prado florido que nos aconselhou a evitar.
Disse para ser só eu a ouvi-las: devereis amarrar-me
com ásperas cordas, para que fique onde estou,
de pé junto ao mastro; e que as cordas sejam atadas ao mastro.
E se eu implorar e vos ordenar que me liberteis,
devereis amarrar-me com mais cordas ainda.”

Assim falando, expliquei cada coisa aos companheiros.
Entretanto chegou rapidamente a nau bem construída
à ilha das duas Sereias, pois soprava um vento favorável.
Mas de repente o vento parou: sobreveio uma acalmia
sem vento e um deus adormeceu as ondas.
Levantaram-se os companheiros e recolheram a vela,
guardando-a na côncava nau, e de seguida se sentaram nos bancos
e embranqueceram o mar com o remos de polido pinheiro.
Com o bronze afiado cortei pedaços de um grande círculo
de cera e amassei-os com as minhas mãos fortes.
Logo se aqueceu a cera por causa da grande pressão
e dos raios do soberano filho de Hiperíon, o Sol.
Besuntei depois com a cera os ouvidos dos companheiros.
Eles ataram-me na nau as mãos e os pés, estando eu de pé
contra o mastro; e ao próprio mastro ataram as cordas.
Sentaram-se e percutiram com os remos o mar cinzento.

Quando estávamos à distância de alguém, gritando, se poder
fazer ouvir, a rápida nau navegando depressa não passou
despercebida às Sereias, que entoaram o seu límpido canto:

"Vem até nós, famoso Odisseu, glória maior dos Aqueus!
Retém a nau, para que nos possas ouvir! Pois nunca
por nós passou nenhum homem na sua escura nau
que não ouvisse primeiro o doce canto das nossas bocas;
depois de se deleitar, prossegue caminho, mais sabedor.
Pois nós sabemos todas as coisas que na ampla Troia
Argivos e Troianos sofreram pela vontade dos deuses;
e sabemos todas as coisas que acontecerão na terra fértil."

Assim disseram, projetando as suas belas vozes;
e desejou o meu coração ouvi-las: aos companheiros
ordenei que me soltassem, indicando com o sobrolho;
mas eles caíram sobre os remos com mais afinco.
De imediato Perimedes e Euríloco se levantaram
para me atar com mais cordas, ainda mais apertadas.
Depois que passámos a ilha, e já não ouvíamos
a voz, nem o canto, das Sereias, os fiéis companheiros
tiraram a cera com que os ouvidos lhes besuntara
e a mim libertaram-me das amarras.

Mas quando nos afastámos da ilha, logo de seguida
vi fumo e uma grande onda; ouvi um som profundo.
Das mãos dos camaradas aterrorizados voaram os remos,
que ruidosamente foram arrastados na torrente; e a nau estacou,
quando deixaram de manejar com as mãos os remos polidos.

Mas eu fui pela nau incitando os companheiros
e a cada um ia dirigindo doces palavras:

"Amigos, de males como este não somos nós desconhecedores:
e este mal que nos assola não é maior do que quando
o Ciclope nos encurralou à força na sua caverna escavada.
Até daí, devido à minha valentia, deliberação e presciência,
conseguimos fugir; e destas qualidades penso ainda lembrar-me!
Agora, àquilo que eu disser, obedeçamos todos.
Com os remos percuti a onda funda do mar
sentados nos bancos, na esperança de que Zeus
nos conceda fugir, escapando a esta desgraça.
A ti, timoneiro, dou esta ordem — e guarda-a
no coração, pois és tu que estás ao leme da côncava nau:
deste fumo e da ondulação mantém a nau afastada;
aponta para o rochedo, antes que a vejas precipitar-se
para o outro lado, lançando-nos a todos na morte."

Assim falei; e obedeceram rapidamente às minhas palavras.
Mas não disse nada de Cila, desgraça irremediável,
não fossem eles com o medo deixar de remar
para se protegerem juntos sob a coberta da nau.
Foi então que me esqueci da dolorosa ordem de Circe,
que me proibira de me armar. Mas quando
vestira a resplandecente armadura e pegara com as mãos
em duas compridas lanças, fui para a proa da nau,
pois de lá esperava ver Cila, habitante do rochedo,
que haveria de trazer sofrimento para os meus companheiros.
Mas em parte alguma a vi; fadigaram-se meus olhos

enquanto olhava em todas as direções para a rocha nebulosa.

Navegámos então para os estreitos, gemendo.
De um lado estava Cila; do outro, a divina Caríbdis
sugava de modo terrível a água salgada do mar.
E quando a vomitava, fervilhava toda remexida,
como um caldeirão por cima de um grande fogo;
e alta caía a espuma sobre os picos de ambos os rochedos.
Mas quando voltava a sugar a água salgada,
parecia toda revolta por dentro; em redor do rochedo
soava um barulho terrível e a terra se tornava visível,
azul devido à areia. Deles se apoderou o pálido terror.

Para Cila olhámos com medo da morte, enquanto
ela arrebatou seis companheiros da côncava nau,
os que eram melhores pela força dos seus braços.
Enquanto eu velava pela nau veloz e pelos outros,
vi os seus pés e os seus braços a serem alçados:
gritaram por mim e chamaram-me pelo nome,
pela última vez, na angústia do seu coração.
Tal como um pescador num promontório lança a isca
para apanhar os pequenos peixes, descendo numa cana comprida
o chifre de um boi campestre e, depois de apanhar o peixe,
o alça palpitante para fora — assim estrebuchavam eles
ao serem içados para o rochedo.
E ali à sua porta os devorou enquanto gritavam
e estendiam para mim as mãos na luta de morte.
Foi a coisa mais terrível que vi com os olhos
de tudo quanto padeci nos caminhos do mar.

Depois de termos escapado aos rochedos, a Caríbdis temível
e a Cila, chegámos em seguida à ilha imaculada do deus.
Aí estavam as belas vacas de ampla fronte
e as robustas ovelhas de Hiperíon, o Sol.
Ainda me encontrava na escura nau e no alto-mar,
mas já ouvia o mugido das vacas a serem encurraladas
e o balido das ovelhas; então lembrei-me das palavras
do adivinho cego, do tebano Tirésias,
e de Circe de Eeia, que muito me recomendou
evitar a ilha do Sol, que aos mortais traz o deleite.
Assim falei aos companheiros, com tristeza no coração:

"Escutai as minhas palavras, companheiros que tanto
sofrestes, para que vos transmita os oráculos de Tirésias
e de Circe de Eeia, que muito me recomendou
evitar a ilha do Sol, que aos mortais traz o deleite:
pois é lá que reside o pior perigo de todos.
Continuai remando a escura nau para longe da ilha."

Assim falei; e logo se lhes despedaçou o coração.
Então me respondeu Eurílоco com palavras amargas:
"És duro, Odisseu! Tens força em demasia, nem o teu corpo
sente cansaço: na verdade, tudo em ti é de ferro,
tu que não permites aos companheiros vencidos pelo cansaço
e pelo sono desembarcar aqui nesta ilha rodeada pelo mar,
onde poderíamos preparar uma refeição saborosa;
mas mandas-nos assim vaguear pela rápida noite dentro,
afastando-nos da ilha em direção ao mar brumoso.
Da noite vêm os ventos ruinosos, que as naus destroem.

Como é que alguém fugiria à morte escarpada,
se sobreviesse de repente uma rajada de tempestade,
quer do Noto quer do Zéfiro pernicioso, os ventos
que despedaçam mais naus à revelia dos deuses soberanos?
Agora obedeçamos antes à escura noite,
preparemos a refeição junto da nau veloz:
ao surgir da Aurora embarcamos e largamos para o alto-mar."

Assim falou Eurílоco; e os companheiros concordaram.
Compreendi então que algum deus planeava o mal;
e falando dirigi-lhe palavras apetrechadas de asas:

"Eurílоco, quereis forçar-me, a mim que estou só.
Peço-vos no entanto que jureis um grande juramento:
que no caso de encontrarmos uma manada de bois
ou um grande rebanho de ovelhas, ninguém na sua loucura
matará vaca alguma, ou ovelha; mas que vos contenteis
com a comida, que a nós ofereceu Circe imortal."

Assim falei; e eles juraram fazer como ordenei.
Depois que juraram e puseram termo ao juramento,
fundeámos a bem construída nau num côncavo porto,
perto de uma fonte de água doce; da nau desembarcaram
os companheiros e com perícia prepararam a refeição.

Depois que afastaram o desejo de comida e bebida,
choraram ao recordar-se dos queridos companheiros
que, arrebatando-os da côncava nau, Cila devorara.
Enquanto choravam sobreveio o sono suave.

Quando veio a terceira parte da noite, volvidos os astros,
Zeus que amontoa as nuvens incitou um vento a soprar
como tempestade sobrenatural, e com nuvens escondeu
a terra e o mar: a noite caiu a pique do céu.

Quando surgiu a que cedo desponta, a Aurora de róseos dedos,
arrastámos a nau para uma côncava gruta, lá onde
estão das Ninfas os assentos e lugares das suas danças.
Depois convoquei uma reunião e assim lhes falei:

"Amigos, na nau veloz temos comida e bebida:
abstenhamo-nos pois do gado, para nada virmos a sofrer.
São estas as vacas e as robustas ovelhas de um deus terrível —
o Sol, que tudo vê e tudo ouve."

Assim falei; e consentiram seus orgulhosos corações.
Durante um mês soprou o Noto sem cessar, nem sobreveio
qualquer outro vento, além do Noto e do Euro.
Enquanto não lhes faltou cereal e rubro vinho,
abstiveram-se do gado, na ânsia de se salvarem.
Mas quando da nau todos os víveres desapareceram,
à força percorreram a ilha em demanda de caça, peixe e aves:
o que às mãos lhes viesse, pescando com recurvos anzóis,
porque a fome lhes apertava o estômago.
Fui sozinho pela ilha acima, para rezar aos deuses,
para que algum deles me indicasse um caminho.
E quando atravessei a ilha para me afastar dos companheiros,
lavei as mãos num lugar abrigado do vento
e dirigi preces a todos os deuses que o Olimpo detêm;

mas sobre os meus olhos eles derramaram o sono.

Aos companheiros entretanto dava Eurílоco um mau conselho:
“Ouvi as minhas palavras, vós que tanto sofrestes!
Para os pobres mortais todas as mortes são odiosas,
mas morrer à fome é o mais desgraçado dos destinos.
Sacrifiquemos as melhores vacas do Sol
aos deuses imortais, que o vasto céu detêm.
Se alguma vez regressarmos a Ítaca, a nossa terra pátria,
logo para Hiperíon, o Sol, construiremos um templo,
e lá deporemos muitas e valiosas oferendas.
Mas se o deus contra nós se encolerizar por causa das vacas
de chifres direitos e a nau quiser destruir, e se tal consentirem
os outros deuses, por mim prefiro morrer de um trago no mar
a definhar lentamente numa ilha deserta.”

Assim falou Eurílоco; e os outros companheiros concordaram.
De imediato levaram dali de perto as melhores vacas do Sol,
pois não longe da nau de escura proa pastavam
as belas vacas de chifres recurvos e de ampla testa.
Posicionaram-se em torno delas e rezaram aos deuses,
colhendo as tenras folhas de um alto carvalho, pois
branca cevada já não havia na nau bem construída.
Depois de terem rezado, degolado e esfolado,
cortaram as coxas e cobriram-nas com dupla camada
de gordura e sobre elas colocaram pedaços de carne crua.
Não tinham vinho para derramar sobre o sacrifício flamejante:
verteram água e assaram todas as vísceras no lume.
Queimadas as coxas, provaram as vísceras

e cortaram o resto, fazendo espetadas com os pedaços.

Foi então que dos meus olhos fugiu o sono suave,
e caminhei para a nau veloz, para a orla do mar.
Quando já estava bastante perto da nau recurva,
cercou-me o doce aroma a gordura quente.
Gemendo, assim gritei aos deuses imortais:
“Zeus pai, e vós outros deuses que sois para sempre!
Para minha ruína me adormecestes com sono desapiedado,
ficando os companheiros a cometer um ato tremendo.”

Depressa chegou como mensageiro a Hiperíon, o Sol,
Lampécia de longa veste: suas vacas tínhamos nós matado.
Logo exclamou aos deuses imortais, irado no coração:

“Zeus pai, e vós outros deuses que sois para sempre!
Vingai-vos dos companheiros de Odisseu, filho de Laertes,
que na sua insolência me mataram o gado, no qual eu sempre
me deleitava quando subia para o céu repleto de astros
e quando de novo à terra do céu regressava.
Se deles não receber expiação condigna,
irei para o Hades e lá brilharei para os mortos.”

A ele deu resposta Zeus que amontoa as nuvens:
“Sol, continua a brilhar para os imortais e para
os homens mortais na terra dadora de cereais.
Em breve, com o raio fulgurante, a nau veloz
despedaçarei no meio do mar cor de vinho.”

(Estas coisas ouvi eu a Calipso de bela cabeleira:
disse ela que as ouvira a Hermes, o Mensageiro.)

Quando cheguei à nau e à orla do mar,
repreendi-os um a um, mas remédio algum
conseguimos encontrar: as vacas estavam já mortas.
Aos companheiros logo os deuses mostraram prodígios:
rastejavam as peles, a carne nos espetos mugia,
tanto a assada como a crua: ouvia-se como que a voz de gado.
Durante seis dias banquetearam-se os fiéis companheiros,
continuando a levar o melhor gado do Sol.
Mas quando Zeus Crónida nos trouxe o sétimo dia,
o vento deixou de soprar com força de tempestade,
e logo embarcámos e apontámos para o alto-mar,
tendo colocado o mastro e alçado a branca vela.
Depois de nos afastarmos da ilha, já não víamos
terra alguma: só víamos céu e mar.
Então colocou o Crónida uma nuvem azul
sobre a côncava nau, e debaixo da nau se escureceu o mar.
Navegou durante pouco tempo, pois logo sobreveio
o Zéfiro guinchante com grande rajada de tempestade.
A força do vento quebrou as cordas do mastro,
ambas: o mastro caiu para trás, e todo o equipamento
caiu no porão; na proa da nau, o mastro atingiu a cabeça
do timoneiro e partiram-se-lhe os ossos do crânio.
Como um mergulhador caiu da coberta
e a vida abandonou-lhe os ossos.

Zeus trovejou e, ao mesmo tempo, atingiu a nau com um raio.

Toda ela estremeceu, atingida pelo relâmpago de Zeus.
Encheu-se de fumo de enxofre e da nau caíram os companheiros.
Como corvos-marinhos foram levados em redor da nau escura
pelas ondas; e um deus lhes retirou o regresso.
Eu calcorreava o convés da nau, até que a ondulação soltou
os flancos da quilha e as ondas a levaram, desfeita.
O mastro foi arrancado da quilha: mas fora-lhe atada
uma tira feita de pele de boi e com ela
amarrei ambos, a quilha e o mastro,
e sentado neles fui levado por ventos terríveis.

Em seguida deixou o Zéfiro de soprar com rajada de tempestade
e sobreveio o Noto, trazendo-me sofrimento ao coração,
pois teria agora de regressar à terrível Caríbdis.
Toda a noite fui levado; e ao nascer do Sol
cheguei ao rochedo de Cila e à terrível Caríbdis,
que sugou logo a água salgada do mar.
Mas eu, saltando em direção à alta figueira,
agarrei-me a ela como um morcego; mas não conseguia
pôr os pés em posição firme, nem subir para a árvore,
pois as raízes estavam longe e inalcançáveis eram os longos
e altos ramos que sobre Caríbdis projetavam sua sombra.
Ali fiquei pendurado até que ela vomitasse de novo
o mastro e a quilha; e grande foi a minha alegria quando
apareceram, embora tarde — à hora em que é costume
levantar-se da assembleia para o jantar aquele que as contendas
de jovens dirima: foi a essa hora que surgiram os destroços
de Caríbdis. De cima larguei as mãos e os pés,

e caí ruidosamente no meio dos longos destroços.
Sentei-me neles e pus-me a remar com as mãos.
O pai dos deuses e dos homens não me deixou ver
Cila; de outro modo nunca teria fugido à morte escarpada.

Daí fui levado durante nove dias; quando veio a décima noite,
os deuses trouxeram-me a Ogígia, onde vive Calipso
de belas tranças, deusa terrível de fala humana,
que cuidou de mim e me amou. Mas porquê contar esta história?
Já a contei ontem, no teu palácio, a ti e à tua robusta mulher.
Detesto repetir aquilo que já foi contado com clareza.»

Notas ao Canto 12

3-4 «ilha de Eeia, onde da Aurora que cedo desponta / estão a morada, os lugares das suas danças e o nascer do Sol»: a explicitação que faltou em 10.135 sobre a localização da ilha de Circe é-nos dada agora. Portanto, a nau de Odisseu atravessou desde o Extremo Ocidente, onde fica o mundo dos mortos (cf. 24.11-12), até ao Extremo Oriente, onde fica a ilha de Circe – numa navegação que durou somente uma noite (West, *Odyssey*, p. 225). A única forma de darmos algum sentido possível a esta navegação impossível é pensarmos que, na mundividência grega arcaica, o Oceano era um rio que circundava a terra, possibilitando assim a viagem do Sol, durante a noite, do seu ocaso no Ocidente ao seu ponto de partida no Oriente, tal como lemos num fragmento célebre do poeta arcaico Mimnermo (fr. 12 West), onde a «nau» que leva o Sol de regresso é uma espécie de taça com asas, um «leito multicolor», nas palavras de Mimnermo: «Leva-o através das ondas o fascinante / leito multicolor, forjado pelas mãos de Hefesto, / ornado de ouro, e alado; vai célere, a dormir sobre as águas, / desde as Hespérides à terra dos Etíopes» (Rocha Pereira, *Hélade*, p. 129).

11 «achas»: ou «troncos» (*phitroî*). A palavra só ocorre aqui na *Od*., e a sua presença deve-se certamente à inspiração haurida na descrição do funeral de Pátroclo em *Il*.23.123.

12-15 As palavras sublimes a descrever o funeral de Elpenor reportam-se, como notou Dawe (p. 468), ao Elpenor heroico do Canto 11 (74-78); a mediocridade da personagem quando era viva (cf. 10.552-553) ficou esquecida.

19 «rubro vinho frisante»: na *Od*., o vinho é várias vezes descrito como «rubro» (*eruthrós*) e várias vezes descrito como «frisante» (*aíthops*: ver 2.57*), mas só aqui é descrito como sendo ambas as coisas.

25 «Pela minha parte, indicar-vos-ei o caminho»: como vimos no canto anterior, a viagem de Odisseu ao mundo dos mortos para Tirésias, sob recomendação de Circe, lhe indicar o caminho teve como resultado muitas experiências e conversas extraordinárias, das quais ficaram ausentes as palavras por causa das quais a viagem fora empreendida. Agora é Circe, que antes dissera a Odisseu que era necessário consultar Tirésias para saber como chegar a Ítaca, que lhe explica como lá chegar.

37 «Todas estas coisas foram cumpridas»: a forma verbal traduzida por «foram cumpridas» (*pepeírantai*) tem levantado algumas dúvidas aos estudiosos quanto ao seu sentido neste verso (cf. Oxf.ii, p. 118). No entanto, parece claro que o verbo *peraínô* está aqui a ser usado no sentido de «finalizar», «cumprir». Outra tradução possível seria «todas estas coisas estão prontas» (como em Sófocles, *Traquínias* 581, onde encontramos uma expressão análoga para a qual o melhor comentário

sobre a peça [M. Davies, *Sophocles: Trachiniae*, Oxford, 1991, p. 162] aduz justamente o verso em causa da *Od*.) Para outros estudiosos, as dúvidas centram-se em «todas estas coisas»: Circe está a referir-se à viagem empreendida ao mundo dos mortos? Ou ao ano que Odisseu passou com ela, pelo que o verso é (como sugere Dawe, p. 470, embora sem subscrever essa interpretação) uma expressão de saudosismo, como o verso inicial do *Don Carlos* de Schiller («Os belos dias de Aranjuez chegam agora ao fim…»)?

39 «Às Sereias chegarás em primeiro lugar»: ainda estamos longe de adivinhar que as Sereias (*Seirênes*, em grego) serão só duas (cf. 52). Hoje imaginamos as Sereias como seres que são um misto de mulher e de peixe; mas os Gregos imaginavam-nas como pássaros com cabeça de mulher. Nas representações antigas em vasos gregos, as Sereias parecem, aos nossos olhos, pequenos perus com cabeças humanas.

45 «sentadas num prado»: a ideia de que a praia onde estão as duas Sereias é simultaneamente um prado causa alguma estranheza.

46 «ossadas de homens decompostos»: o poeta não nos explica o que aconteceu concretamente a estes homens, nem como morreram.

52 «das duas Sereias»: o uso aqui do dual (*Seirênoiïn*) indica que as Sereias são só duas.

57-58 «tu próprio / terás de decidir»: esta declaração de imparcialidade por parte de Circe não é mantida de forma coerente, pois em 81-82 ela empurrará Odisseu para Cila e Caríbdis (levando-o, assim, a evitar as Planctas) e, em 108-110, dirá que é melhor arriscar Cila em vez de Caríbdis.

61 «Planctas»: em grego, *Planctaí* («errantes»), mais tarde identificadas com as Simplégades. Este tema é mais um elemento a ligar a *Od*. a lendas referentes aos Argonautas; o nome da nau Argo será explicitado em 70. Cf. West, «Odyssey and Argonautica», *Classical Quarterly* 55 (2005), pp. 39-64 = *Hellenica I*, pp. 277-312.

62-63 «pávidas / pombas»: esta lenda das pombas como transportadoras de ambrósia é desconhecida na restante mitologia grega. A expressão *péleiai / trêrônes* (traduzida por «pávidas pombas») é um caso de pleonasmo, já que ambas as palavras significam «pomba» (portanto, «pombas pombas»). Convencionou-se, no entanto, que uma das palavras poderá ter o sentido de «tímidas» (cf. Cmb.ii, p. 139; Dawe, p. 472).

68 «procelas de fogo destruidor»: tratar-se-á aqui do fogo de Santo Elmo (ou Santelmo)? Relâmpagos? Vulcões? A sugestão de que poderá estar aqui em causa uma alusão a Stromboli não é compatível com o a situação das Simplégades no mar Negro (cf. Dawe, p. 473).

70 «Eetes»: ninguém diria que Circe está a falar do seu irmão. Tal como ninguém dirá que ela está a falar do pai em 128.

72 «Jasão»: herói da saga dos Argonautas, para cujo conhecimento temos um extraordinário poema lírico de Píndaro do século V a.C. (*Odes Píticas* 4) e um poema épico do século III a.C., a *Argonáutica* de Apolónio de Rodes, entusiástico leitor de Homero.

73 «Os dois rochedos»: no verso anterior estávamos a falar de Jasão e da nau Argo, que entrou no mar Negro sem ser esmagada pelas Simplégades. Agora estamos já a falar de Cila e de Caríbdis. Na

Antiguidade, Hecateu (cf. F. Jacoby, *Die Fragmente der griechischen Historiker* 1F, 82) e Tucídides (4.24) situaram Cila e Caríbdis no estreito de Messina, mas estudiosos modernos obcecados com a ideia de que todas as viagens na *Od*. correspondem a itinerários reais tiveram de ter em conta a implausibilidade de, no espaço de um verso, termos saltado do mar Negro para o sul de Itália, propondo assim outras identificações, a menos improvável das quais será o Bósforo (Oxf.ii, p. 122). No seu artigo «Die Irrfahrten des Odysseus und ihre Deutung im Altertum» (*Gymnasium* 59 [1952], pp. 282-302), A. Klotz propôs (na p. 299) a localização de Cila e Caríbdis no estreito de Gibraltar, o que se afigura ainda mais inverosímil do que a ideia dos antigos Hecateu e Tucídides.

85 «Cila»: em grego, *Skúlla* (cf. *skúllô*, «dilacerar», e *skúlax*, «cachorro»). Este tesourinho não pode ficar esquecido: «On admire, sans le suivre, l'intrépide philologue qui a retrouvé Scylla aux îles Scilly» (G. Germain, *Genèse de l'Odyssée*, Paris, 1954, p. 546, n. 2; citado por Dawe, p. 474).

86-87 «Embora a sua voz não seja mais forte que a de um cão / recém-nascido»: é difícil de compatibilizar este verso com o anterior, «ladrando de modo danado».

96 «golfinhos»: é compreensível que, na *Il*., a palavra *delphînes* só ocorra uma vez (21.22), mas anteciparíamos uma estatística diferente na *Od*., onde esta é a única menção de golfinhos num poema onde se esperaria uma presença assídua destes «alegres» cetáceos (as três ocorrências da palavra «golfinhos» na obra poética de Sophia de Mello Breyner Andresen estão ligadas à palavra «alegria»).

103 «uma grande figueira»: esta será mais tarde a salvação de Odisseu.

104 «Caríbdis»: em grego, *Khárubdis*. Desconhece-se a etimologia da palavra.

124 «Crataís»: em 11.597* encontrámos esta mesma palavra, mas aí o sentido mais provável é o sugerido por West (*Odyssey*, p. 227, n. 134): «personificação da força maliciosa da gravidade». Aqui trata-se de um mitónimo, mas o que conhecemos da mitologia grega não nos permite saber mais sobre a personagem do que aquilo que aqui nos é dito.

125 «mãe da Cila»: a expressão fica involuntariamente cómica em português, devido à presença do artigo definido usado de uma forma que aponta para a fase final da tradição épica. É pena o poeta não explicar a razão pela qual seria oportuno invocar a «mãe da Cila» contra a própria filha.

127 «Trinácia»: o nome sugere uma ilha com três extremidades, daí a identificação frequente com a Sicília (Dawe, p. 477), em relação à qual se levantam os problemas referidos em 73*.

128 «Sol»: ver 70*.

130 «cada um com cinquenta <animais>»: portanto, 350 vacas e 350 ovelhas. Estes números redondos são muito típicos da poesia homérica: em 14.15, teremos exatamente 50 porcas.

132 «Faetusa e Lampécia»: ambos os nomes sugerem a ideia de luz.

140-141 Versos omitidos nalguns manuscritos e colocados entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

143 «subiu pela ilha acima Circe, divina entre as deusas»: contrariamente à despedida que lemos no Canto 5 entre Odisseu e Calipso, esta despedida desenrola-se, no fundo, sem despedida: sem banho, sem jantar, sem sexo. Um ano de convívio, de cama partilhada, esvai-se como fumo. Entre as razões que nos poderão levar a entender a personagem de Calipso como representando um passo

mais à frente nas capacidades expressivas da própria poesia épica grega está o facto de Calipso, mercê da inclusão no Canto 5 de inúmeras subtilezas de caraterização, se nos afigurar uma personagem dotada de vida, que sente e respira. Circe, por outro lado, é uma personagem unidimensional, cujas palavras nos dão a sensação de serem somente aquilo que ao poeta convém que ela diga por razões narrativas. A aparente espontaneidade de Calipso e o modo como, apesar de deusa, está sujeita a todas as emoções humanas são traços ausentes da personagem de Circe.

147 Verso omitido em muitos manuscritos da *Od*. e colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

160 «Disse para ser só eu a ouvi-las: devereis amarrar-me»: Odisseu parece querer sugerir aos companheiros a obrigatoriedade de ele ouvir o canto das Sereias, quando na verdade as palavras de Circe (52) deixaram claro que era uma opção facultativa. Os companheiros, passivos como sempre, não se lembram de lhe perguntar como será então no caso deles, que têm de remar sem estarem amarrados a nada (pois Odisseu não menciona, ainda, a cera que eles terão de pôr nos ouvidos).

167 «ilha das duas Sereias»: ver 52*.

168 «de repente o vento parou»: sentimos, quase à flor da pele, o risco e a solenidade do momento, ao mesmo tempo que compreendemos a necessidade narrativa de o vento parar: no meio da ventania, as vozes das Sereias seriam decerto inaudíveis.

173-174 «cortei pedaços de um grande círculo / de cera»: a palavra traduzida por «círculo», *trokhós*, significa, à letra, «roda» (mas também se pode aplicar ao disco lançado por um discóbolo).

176 «filho de Hiperíon, o Sol»: trata-se do único passo da poesia homérica em que o Sol é filho de Hiperíon, em vez de ser, ele próprio, Hiperíon (sobre o nome, ver 1.8*). No Canto 12 em que nos encontramos, para não irmos mais longe, o Sol é Hiperíon em 133, 263, 346 e 374.

182 «rápida nau»: o adjetivo traduzido por «rápida», *ôkúalos*, é bastante raro, pois ocorre só uma vez na *Il*. (15.705) e, na *Od*., ocorre aqui e em 15.473. Como antropónimo, ocorre uma vez, em 8.111, onde o traduzi por «Mar-Rápido» na lista dos nomes náuticos dos Feaces apresentada em 8.111-116*.

189-190 «nós sabemos todas as coisas que na ampla Troia / Argivos e Troianos sofreram pela vontade dos deuses»: as Sereias declaram-se exímias conhecedoras da *Il*. e professam uma teologia mais consentânea com esse poema do que com o poema em que elas estão inseridas (ver 1.32-34*).

191 «sabemos todas as coisas que acontecerão na terra fértil»: será que elas sabem mesmo todas as coisas? «Embora as Sereias saibam tudo, pelos vistos não sabem que Odisseu se precaveu efetivamente contra elas» (Dawe, p. 481).

192 «projetando as suas belas vozes»: em rigor, no singular («sua bela voz»), embora, como já vimos, sejam duas Sereias. Somos informados sobre a beleza da voz, como já antes sobre a limpidez do seu canto (183), mas nunca nos é dito o conteúdo desse canto, o tema que elas estavam a cantar.

214 «onda funda do mar»: a palavra traduzida por «onda» apresenta o problema de só aqui e em *Il*.20.229 significar «onda», pois o seu sentido normal é «praia» ou «costa». O verso da *Il*. contém

outra anomalia: o facto de ter uma concordância errada, em termos de género, entre substantivo e adjetivo (ver Shipp, *Studies*, p. 72).

226 «Foi então que me esqueci da dolorosa ordem de Circe»: Odisseu alega esquecimento, mas é mais verosímil que tenha ignorado a ordem de propósito («é elemento universal da poesia épica o facto de os avisos inspirados de mulheres existirem para serem ignorados, tal é a teimosia cega dos heróis – como se se precipitassem ainda mais para a desgraça devido a esses avisos» [A.T. Hatto, *Traditions of Heroic and Epic Poetry*, Vol. II, Londres, 1989, p. 257; citado por Dawe, p. 497, n. 21]). O poeta não menciona a reação dos continuamente passivos Itacenses perante o espetáculo de o seu rei se armar com «resplandecente armadura» e com «duas compridas lanças» para combater contra um rochedo.

235-243 Estes versos sugerem, como já vimos repetidas vezes na narração de Odisseu das suas errâncias, a importação de uma narrativa omnisciente narrada na 3.ª pessoa.

241 «parecia toda revolta por dentro»: o aparato crítico da ed. de Estugarda chama a atenção para o facto de, com a mudança de uma letra (em vez de *pháneske*, «parecia», *kháneske*, «abria um buraco hiante»), termos uma forma mais próxima do texto da *Od*. que Virgílio terá conhecido, a julgar pela expressão *unda dehiscens* em *Eneida* 1.106, num contexto em que o poeta romano está a imitar este passo da *Od*.

245 «ela arrebatou seis companheiros»: estas mortes à meia dúzia certa já nos são familiares do episódio dos Cícones e do episódio do Ciclope.

252 «os pequenos peixes»: outro caso do uso do artigo definido que aponta para uma fase da tradição épica mais tardia.

274 «evitar a ilha do Sol»: Circe não dissera a Odisseu para evitar a ilha.

275 «pois é lá que reside o pior perigo de todos»: talvez se Odisseu tivesse explicado qual era o perigo, em vez de cobrir as suas palavras com o velame da obscuridade, os companheiros tivessem percebido que era melhor arriscar seguir viagem, apesar da noite e do cansaço.

284 «rápida noite»: o adjetivo traduzido por «rápida» (*thoê*) ocorre mais de 50 vezes na *Od*., sempre aplicado a naus. A expressão «rápida noite» ocorre, porém, na *Il*. (10.394, 468; 12.463, 14.261, 24.366, 653).

299-301 No juramento exigido por Odisseu aos Itacenses é omitida a informação mais tarde dada, em 320-324, de que o gado na ilha pertence ao Sol.

315 «a noite caiu a pique do céu»: a expressão é lindíssima (*orôrei d'ouranóthen núx*), mas a realidade é que já era de noite em 291.

318 «das Ninfas os assentos e lugares das suas danças»: outro vestígio de narração omnisciente na 3.ª pessoa?

319 «convoquei uma reunião»: não sabemos ao certo, nesta altura da narrativa, quantos Itacenses continuam vivos; talvez não fosse necessário convocar uma reunião formal para proferir um discurso de apenas quatro versos (Dawe, p. 489).

325-326 «Durante um mês soprou o Noto sem cessar, nem sobreveio / qualquer outro vento, além no Noto e do Euro»: já que os ventos do sul e do leste são referidos como prejudiciais à navegação pretendida, parece claro que era em direção a sul (ou a leste) que os Itacenses queriam navegar para chegarem a Ítaca. Se Trinácia é, de facto, a Sicília (mas ver 73* e 127*), Ítaca fica, de facto, a leste (embora não a sul).

339-365 Um bloco cuja proveniência de uma narração omnisciente na 3.ª pessoa é absolutamente certa. Odisseu relata aqui o que se passou quando ele estava longe – e a dormir.

339 «Aos companheiros entretanto dava Euríloco um mau conselho»: o conselho não é tão mau assim, já que tem como objetivo evitar a morte à fome, ao mesmo tempo que propõe um enquadramento religioso para o abate dos animais.

346 «logo para Hiperíon, o Sol, construiremos um templo»: vimos em 6.10* que a referência a templos na poesia homérica constitui um anacronismo relativamente ao passado em que os poetas pretendem situar a sua narrativa. Só encontramos mais uma referência a um templo em território grego: *Il*.2.549, onde se menciona o templo (por sinal «gordo») de Atena em Atenas.

372 «Para minha ruína me adormecestes»: a atitude de Odisseu não contradiz, mas antes confirma, o que Zeus diz em 1.32-34: «Vede bem como os mortais acusam os deuses! / A partir de nós (dizem) existem os males, quando são eles, / pelas suas loucuras, que têm dores além do destino!»

374-388 O bloco mais claro, em toda a secção das Errâncias de Odisseu (Cantos 9-12), de uma original narração omnisciente na 3.ª pessoa. Aqui chega-se ao extremo de Odisseu relatar conversas entre os próprios deuses! Como rebate de consciência, o poeta achou por bem incluir os versos 389-390, francamente ridículos – «estas coisas ouvi eu a Calipso […] disse ela que as ouvira a Hermes» –, que já foram apelidados «a maior mácula [*blemish*] em toda a poesia de Homero» por um devotado crítico unitário, crente profundo na genialidade de um único Homero: S.E. Bassett, *The Poetry of Homer*, Berkeley, 1938, p. 137. Para percebermos quão canhestro é o subterfúgio, basta-nos comparar a maestria com que o poeta da *Il*. explica a aparente omnisciência de Odisseu em *Il*.9.252-259 e em *Il*.11.767-768. No caso da presente passagem, mais valia o poeta ter feito algo de semelhante ao que encontramos em 15.425-453. Aí, o porqueiro, a narrar a sua história, também é acometido, como Odisseu na corte dos Feaces, por um ataque de omnisciência; só que, no Canto 15, a opção do poeta foi simplesmente a de dispensar desculpas esfarrapadas, para não chamar a atenção para a incoerência.

375 «suas vacas tínhamos nós matado»: Odisseu usa a 1.ª pessoa do plural mas, em rigor, ele está inocente relativamente ao que se passou.

398 «continuando a levar»: a tradição manuscrita oferece-nos duas possibilidades para este verso: ou a forma *elóôntes* (aqui traduzida, tal como está na ed. de Estugarda), ou a forma *elásantes* (na ed. de Oxford). A primeira forma, com sentido de presente contínuo, indica a indiferença total dos Itacenses aos espantosos e aterradores prodígios a que tinham assistido (sem que qualquer reação tenha sido mencionada pelo poeta – mas nesta fase, em que estamos quase a despedir-nos de vez de

todos os restantes companheiros de Odisseu, já nos habituámos à sua passividade, excetuando, é claro, Euríloco).

419 «e um deus lhes retirou o regresso»: a frase em grego ainda é mais sintética: *theòs d'apoaínuto nóston*. Com quatro palavras, uma delas constituída somente por uma letra, o poeta manda, de uma só vez, os restantes companheiros de Odisseu para o Hades. O herói agora está completamente sozinho.

428 «pois teria agora de regressar à terrível Caríbdis»: este regresso a Cila e Caríbdis traz-nos uma parte da narração das Errâncias que é retintamente inverosímil, embora de uma maneira diferente relativamente à inverosimilhança de secções como o Ciclope, Circe ou a viagem ao mundo dos mortos. Odisseu aparece-nos agora sob a forma de Douglas Fairbanks num filme mudo de aventuras: salta para uma grande altura para se agarrar a uma árvore, na qual fica pendurado até cair em cima da quilha, qual *cowboy* num desenho animado que salta do primeiro andar da casa e aterra na sela do seu cavalo. Depois os Feaces são convidados a acreditar que ele aguentou nove dias e nove noites no meio do mar, sobrevivendo ao Sol e à desidratação. Na segunda parte do poema, teremos ocasião de ler e comentar várias narrações de Odisseu que são, dentro da lógica da narrativa, assumidamente mentiras. O poeta da *Od*. é, como já conseguimos perceber, alguém com uma sensibilidade apurada em relação às subtilezas psicológicas do comportamento humano (vimos isso a propósito de Telémaco, de Calipso, de Nausícaa e em tudo o que nos foi narrado no Canto 8), vencendo com êxito assinalável – ainda que não de forma perfeita – as limitações que lhe eram impostas pela linguagem tradicional com que trabalhava. No final da narração das Errâncias, cumpre perguntarmos por que razão o poeta optou pela narração na 1.ª pessoa, quando ela lhe causou tantos problemas no tocante à adaptação para a 1.ª pessoa de uma narrativa que, sem lugar para dúvida, existia já na 3.ª pessoa. De certa forma, a sofi sticação deste poeta no manejo do seu material deve tê-lo levado a sentir que a única maneira de apresentar as histórias mirabolantes das Errâncias de Odisseu sem pôr em causa essa mesma sofisticação seria apresentar as Errâncias sob a forma de mentiras narradas por Odisseu na 1.ª pessoa, tal como ele fará mais tarde com outro tipo de público: o porqueiro, Penélope e Laertes. Raramente Odisseu abrirá a boca no poema para dizer algo que seja verdadeiro. Seja como for, voltando a esta segunda dose de Cila e de Caríbdis (agora focada em Caríbdis), repararemos mais tarde que, quando Odisseu contar a Penélope a versão comprimida das suas Errâncias, a seguir a Trinácia vem logo Ogígia (23.329-333), sem Cila nem Caríbdis de permeio.

Canto 13

Assim falou, e todos ficaram em silêncio,
como que enfeitiçados no palácio cheio de sombras.
Então lhe disse Alcínoo, tomando a palavra:

«Odisseu, visto que vieste ter ao meu alto palácio
de brônzeo chão, não julgo que, em errância,
de novo regressarás, ainda que muito tenhas sofrido.
E a cada um de vós declaro o seguinte, a todos
quantos bebeis o vinho frisante dos Anciãos
no meu palácio e escutais o aedo:
numa arca polida guardaram-se para o estrangeiro
vestes, ouro maravilhosamente trabalhado e muitas outras
oferendas — todas as que os conselheiros dos Feaces aqui
trouxeram. Ofereçamos ainda uma grande trípode
e um caldeirão, cada um de nós; do povo reuniremos
o reembolso: pois seria difícil ser só um a oferecer.»

Assim falou Alcínoo; e a eles foi agradável o discurso.
Depois, querendo descansar, partiu cada um para sua casa.
Quando surgiu a que cedo desponta, a Aurora de róseos dedos,
apressaram-se até à nau, carregando o bronze viril.
O poderoso e sagrado Alcínoo foi ele mesmo pela nau,

colocando os objetos debaixo dos bancos, para ninguém
dos tripulantes se sentir incomodado, quando começasse a remar.
Em seguida foram para o palácio de Alcínoo e prepararam um festim.

Para eles sacrificou o poderoso e divino Alcínoo um boi
a Zeus da nuvem azul, filho de Crono, soberano de todos.
Assadas as coxas, banquetearam-se com um soberbo banquete,
regozijando-se; e no meio deles cantou o divino aedo,
Demódoco, Honrado pelo Povo. Mas Odisseu virava
muitas vezes a cabeça para o Sol que tudo ilumina,
desejoso de ver o Ocaso: pois só pensava no regresso.
Tal como o homem que anseia pelo jantar, para quem todo
o dia dois bois cor de vinho puxaram no campo o sólido arado,
e aprazivelmente desceu a luz do Sol para que cuide
do jantar e fracos se lhe tornam os joelhos —
assim aprazível foi para Odisseu o pôr do Sol.
E logo falou aos Feaces amigos do remo
e especialmente a Alcínoo disse o seguinte:

«Alcínoo poderoso, excelente entre todos os povos!
Vertidas as libações, ponde-me a caminho e alegrai-vos!
Já se cumpriram as coisas que desejava o meu coração:
um transporte e dons amáveis; que mos façam prosperar
os deuses celestes e que ao regressar a casa encontre
a esposa irrepreensível e os familiares incólumes.
Pela vossa parte, alegrai-vos com as vossas mulheres
e vossos filhos: que os deuses vos concedam toda

a excelência; que mal algum se insinue entre o povo.»

Assim falou; e todos louvaram as suas palavras, insistindo
no transporte do estrangeiro, uma vez que falara na medida certa.
Então falou o poderoso Alcínoo ao arauto:
«Pontónoo, mistura o vinho na taça e serve-o a todos
aqui na sala, para que invocando Zeus pai
ponhamos o estrangeiro a caminho da sua terra pátria.»

Assim falou; e Pontónoo misturou o vinho doce como mel
e a todos o serviu: aos deuses bem-aventurados,
que o vasto céu detêm, derramaram libações do lugar
onde estavam sentados. Levantou-se o divino Odisseu
e colocou nas mãos de Arete uma taça de duas asas;
e falando dirigiu-lhe palavras apetrechadas de asas:

«De ti me despeço, ó rainha, para todo o sempre,
até à velhice e à morte que aos mortais sobrevêm.
Regressarei a minha casa; mas tu regozija-te neste palácio
com os teus filhos, com o teu povo e com Alcínoo, o rei.»

Assim falando, pisou o limiar o divino Odisseu.
O poderoso Alcínoo mandou com ele um arauto
para o levar à nau veloz e à orla do mar.
E Arete mandou com ele mulheres escravas:
uma delas levava uma capa bem lavada e uma túnica;
à outra ordenou que levasse uma arca forte;
outra foi encarregada de levar pão e rubro vinho.

Quando chegaram à nau e à orla do mar,
logo estas coisas os nobres acompanhantes receberam
e guardaram na côncava nau, assim como a comida e a bebida.
Para Odisseu estenderam uma manta e um lençol de linho
no convés da côncava nau, para que dormisse descansado
junto à popa; ele embarcou e deitou-se em silêncio.
Eles sentaram-se nos bancos, cada um no seu lugar,
ordenadamente; e soltaram a amarra da pedra perfurada.
Assim que se inclinaram para trás e o mar percutiram
com os remos, caiu um sono suave sobre as pálpebras de Odisseu;
um sono do qual se não acorda, dulcíssimo, semelhante à morte.

Quanto à nau, tal como na planície quatro cavalos atrelados
se precipitam todos ao mesmo tempo debaixo dos golpes
do chicote e levantando bem alto as patas percorrem o caminho —
assim levantava a proa e para trás ficava a grande onda
cor de púrpura, espumando no mar marulhante.
A nau seguia com segurança; e nem o falcão, a mais leve
de todas as aves, a poderia ter acompanhado.

Avançando com leveza, a nau cortou as ondas do mar,
transportando um homem cujos conselhos igualavam
os dos deuses, que já sofrera muitas tristezas no coração,
que atravessara as guerras dos homens e as ondas dolorosas,
mas que agora dormia em paz, esquecido de tudo quanto sofrera.

Quando surgiu o astro mais fulgente de todos,

que anuncia a luz da Aurora que cedo desponta,
aproximou-se da ilha a nau preparada para o alto-mar.

Há em Ítaca um porto dito de Fórcis, o Velho do Mar:
nele dois promontórios se projetam em saliências rochosas,
íngremes do lado do mar, mas inclinados para o porto,
impedindo as ondas levantadas pelos ventos terríveis
de fora; lá dentro, sem amarras, estão fundeadas
as naus bem construídas, quando atingem o ancoradouro.
No cabeço deste porto está uma oliveira de esguias folhas,
e perto dela há uma gruta aprazível e sombria,
consagrada às Ninfas que têm por nome Náiades.
Lá dentro estão taças e ânforas de pedra;
as abelhas também lá guardam o seu mel.
Há compridos teares de pedra, onde as Ninfas
tecem tramas de púrpura, maravilha de se ver!
No interior existem nascentes de água inesgotável
e duas portas: uma virada a norte, por onde entram
os homens; e outra a sul, que os homens evitam:
pois essa é caminho dos deuses imortais.

Para este porto remaram, pois já o conheciam.
Ao chegar à terra firme, a nau percorreu pela praia metade
do seu comprimento, de tal modo era impelida pelos braços
dos remadores que, desembarcando da nau de bancos bem
construídos, primeiro levantaram Odisseu da côncava nau,
e com ele a manta e o lençol de linho tal como estavam;
deitaram-no na areia, ainda dominado pelo sono
e tiraram da nau os presentes que os orgulhosos Feaces

lhe deram à sua partida, graças à magnânima Atena.
Colocaram os presentes junto ao tronco da oliveira,
longe do caminho, não aparecesse algum viandante,
antes de Odisseu acordar, que dos presentes se apoderasse.

Em seguida regressaram à sua pátria; mas o deus que abala
a terra as ameaças não olvidara que contra o divino Odisseu
lançara; e procurou saber a deliberação de Zeus:
«Zeus pai, eu nunca mais serei honrado entre os deuses
imortais, visto que certos mortais não me dão honra alguma:
os Feaces, que são da minha própria linhagem.
Pois eu declarara que Odisseu iria sofrer muitas desgraças
antes de a casa regressar, embora não lhe tirasse o regresso
por inteiro, depois de tu o teres prometido e confirmado.
Agora eles o trouxeram a dormir numa nau veloz pelo mar
e o deixaram em Ítaca; e deram-lhe esplêndidos presentes,
quantidades de bronze, de ouro e de vestes tecidas,
mais do que alguma vez Odisseu teria trazido de Troia,
se tivesse regressado incólume com a sua parte dos despojos.»

A ele deu resposta Zeus, que amontoa as nuvens:
«Sacudidor da Terra de vasto poder, o que foste dizer!
A ti não desonram os deuses; seria terrível atirar
com desonras a quem é o mais velho e o melhor entre nós.
Se algum dos homens, cedendo à violência e à força,
não te honrar, podes sempre praticar vingança.
Faz o que quiseres, o que ao coração te aprouver.»

A ele deu resposta Posídon, que abala a terra:

«Teria logo feito como dizes, ó deus da nuvem azul,
mas receio e evito sempre a tua ira. Mas agora a bela nau
dos Feaces, que regressa de transportar Odisseu, quero
estilhaçar no mar brumoso, para que se abstenham
e desistam de transportar homens; e a sua cidade
rodeá-la-ei com uma montanha enorme e circundante.»

A ele deu resposta Zeus, que amontoa as nuvens:
«Caro irmão, o que me parece melhor é isto:
quando da cidade estiverem todos a fitar a nau
no seu percurso, transforma-a em pedra perto da praia,
em pedra semelhante a uma nau veloz, para que todos se espantem:
e rodeia-lhes a cidade com uma montanha enorme e circundante.»

Quando ouviu estas palavras Posídon que abala a terra,
foi para Esquéria, onde habitam os Feaces, e aí esperou.
Aproximou-se a nau preparada para o alto-mar, navegando
rapidamente; e dela se aproximou o deus que abala a terra
e transformou-a em pedra, enraizando-a no fundo do mar
com um golpe da mão; e de seguida partiu.

Entre eles proferiram palavras apetrechadas de asas
os Feaces de longos remos, famosos pelas suas naus.
E assim falava um, olhando de soslaio para outro:
«Ai de mim, quem estacou no mar a nau veloz
quando regressava a casa? Estava à vista de todos!»
Assim falava alguém, sem saber como tudo se cumprira.

Mas Alcínoo, tomando a palavra, falou no meio deles:

«Ah, na verdade vêm ao meu encontro os oráculos há muito
proferidos pelo meu pai, que afirmou estar Posídon contra
nós irado, porque transportamos, inocentes, todos os homens.
Declarou outrora que regressando um dia uma bela nau
dos Feaces de transportar alguém, no mar brumoso
seria estilhaçada e uma grande montanha nos rodearia a cidade.
Assim falou o ancião; e agora tudo isto se cumpriu.
Mas agora, àquilo que eu disser, obedeçamos todos.
Cessai o transporte de mortais, quando à nossa cidade
vier ter alguém; e a Posídon sacrificaremos doze touros
escolhidos, para que de nós se digne apiedar
e a cidade não nos rodeie com uma grande montanha.»

Assim falou; eles sentiram medo e prepararam os touros.
Fizeram suas preces a Posídon soberano
os comandantes e conselheiros do povo dos Feaces,
de pé em torno do altar. Acordou então o divino Odisseu,
que dormia na sua terra pátria, embora a não reconhecesse,
pois estava fora há tanto tempo e à sua volta a deusa
Palas Atena, filha de Zeus, derramara uma neblina
para o tornar irreconhecível e para lhe explicar tudo primeiro —
não fossem a esposa, os cidadãos e os amigos reconhecê-lo
antes de ele castigar toda a transgressão dos pretendentes.
Por isto todas as coisas pareciam estranhas ao soberano:
os caminhos contínuos; os portos, ancoradouros de todos;
os rochedos escarpados e as árvores frondosas.
Levantou-se e olhou, de pé, para a terra pátria.

De seguida gemeu e, batendo com as mãos nas coxas,
lamentou-se e proferiu as seguintes palavras:

«Ai de mim, a que terra de homens mortais chego de novo?
Serão eles homens violentos, selvagens e injustos?
Ou serão dados à hospitalidade e tementes aos deuses?
Para onde levarei todas estas riquezas? E eu, para onde
vaguearei agora? Prouvera que com os Feaces tivesse
permanecido! Ter-me-ia depois dirigido para outro
dos reis poderosos, que me estimasse e ajudasse a regressar.
Mas agora não sei onde pôr as riquezas, nem as poderei
aqui deixar, com receio de que alguém se apodere delas.
Na verdade, não me parecem sensatos nem justos
os comandantes e conselheiros dos Feaces,
que me trouxeram a uma terra estranha, quando disseram
que me trariam à soalheira Ítaca: não cumpriram a palavra.
Que Zeus, deus dos suplicantes, os castigue; ele que todos
os homens observa e castiga quem transgride.
Mas agora quero ver e contar as riquezas, para o caso
de terem levado alguma coisa na côncava nau.»

Assim falando, contou as belas trípodes, as caldeiras,
o ouro e as belas vestimentas tecidas; destas coisas
nada lhe faltou; mas lamentou a terra pátria,
caminhando ao longo da praia do mar marulhante,
e chorou muitas lágrimas. Dele se aproximou então Atena,
semelhante no corpo a um jovem, pastor de ovelhas,
mas muito gentil, como são os filhos de príncipes.
Nos ombros trazia uma capa bem feita, dobrada.

Nos pés luzentes calçava sandálias e na mão tinha uma lança.
Alegrou-se Odisseu ao ver a deusa e dela se aproximou.
Falando dirigiu-lhe palavras apetrechadas de asas:

«Amigo, visto seres o primeiro que encontro nesta terra,
saúdo-te! E que não venhas ao meu encontro com má intenção,
mas salva este tesouro, salva-me a mim! Pois suplico-te
como se fosses um deus e teus joelhos abraço.
Diz-me isto com verdade, para que saiba:
que terra é esta? Que povo? Quem aqui habita?
É uma ilha soalheira, ou a praia de um continente
de terra fértil que contra o mar descansa?»

A ele deu resposta a deusa de olhos garços Atena:
«És tolo, ó estrangeiro, ou chegas de longe,
se procuras saber que terra é esta! Pois anónima
ela não é — e sem dúvida muitos o sabem,
tanto os que habitam para os lados da Aurora e do Sol,
como os que estão para trás, na escuridão sombria.
É uma ilha rochosa e pouco própria para carros de cavalos;
não é especialmente acanhada, mas também não é extensa.
Nela cresce cereal em grande quantidade e produz-se
o vinho; tem sempre chuva e o florescente orvalho.
É terra boa para apascentar cabras e bois; há árvores
de toda a espécie e não faltam reservas de água.
Por tudo isto, ó estrangeiro, o nome de Ítaca até a Troia
chegou — terra, segundo dizem, que fica longe da Acaia.»

Assim falou; e regozijou-se o sofredor e divino Odisseu,

alegrando-se com a terra pátria, segundo o que lhe dissera
Palas Atena, filha de Zeus, Detentor da Égide.
E falando dirigiu-lhe palavras apetrechadas de asas,
embora não lhe dissesse a verdade, mas reteve o discurso,
revolvendo no peito um pensamento de grande astúcia:

«De Ítaca já eu ouvira falar, até na ampla Creta,
do outro lado do mar; e agora aqui vim ter
com estes tesouros. Mas outros tantos junto dos meus filhos
deixei quando fugi, depois que matei Orsíloco de pés velozes,
o filho amado de Idomeneu, que na ampla Creta
superava com os rápidos pés todos os homens alimentados
a cevada, porque queria roubar-me todos os despojos
de Troia, pelos quais sofrera tristezas no coração,
atravessando as guerras dos homens e as ondas dolorosas,
porque ao pai não fiz o favor de servir como subalterno
na terra de Troia, mas comandei eu próprio outros soldados.
Feri-o com a lança de bronze quando regressava do campo,
esperando-o no caminho com um companheiro.
Uma noite escura cobria o céu, e nenhum homem
nos viu, mas desapercebido lhe tirei a vida.
Depois que o matei com o bronze afiado,
fui logo para a nau e aos excelentes Fenícios dirigi súplicas,
prometendo-lhes os despojos que lhes agradassem.
Pedi-lhes para embarcar e para me levarem até Pilos,
ou até à divina Élide, onde os Epeios detêm o poder.
Mas na verdade a força do vento afastou-os do caminho,
contra a sua vontade: não era sua intenção ludibriar-me.
Dali viemos ter a este lugar, já de noite.

Remámos para dentro do porto, sem nos lembrarmos
sequer do jantar, embora dele muito precisássemos!
Desembarcámos da nau e deitámo-nos todos.
Caiu sobre mim, cansado como estava, um doce sono;
pela sua parte, tiraram da côncava nau os meus bens
e colocaram-nos na areia, onde eu estava a dormir.
Eles partiram para a terra bem povoada de Sídon,
mas eu fiquei para trás, com tristeza no coração.»

Assim falou; e sorriu a deusa de olhos garços Atena,
acariciando-o com a mão; transformou-se numa mulher
alta e bela, conhecedora dos mais gloriosos trabalhos.
E falando dirigiu-lhe palavras apetrechadas de asas:

«Interesseiro e ladrão seria aquele que te superasse
em todos os dolos, mesmo que um deus viesse ao teu encontro!
Homem teimoso, de variado pensamento, urdidor de enganos:
nem na tua pátria estás disposto a abdicar dos dolos
e dos discursos mentirosos, que no fundo te são queridos.
Mas não falemos mais destas coisas, pois ambos somos
versados em enganos: tu és de todos os mortais o melhor
em conselho e em palavras; dos imortais, sou eu a mais famosa
em argúcia proveitosa. Mas tu não reconheceste
Palas Atena, a filha de Zeus — eu que sempre
em todos os trabalhos estou ao teu lado e por ti velo.
Até por todos os Feaces te fiz bem-querido.
Agora vim até aqui para contigo tecer um plano astucioso;
para ocultar os tesouros, que te deram os excelentes Feaces
por minha vontade e deliberação quando a casa regressaste;

e para te falar dos males requeridos pelo destino, que terás
de sofrer no teu bem construído palácio; mas é forçoso
que os sofras, e nada digas a nenhum homem ou mulher:
que tendo vagueado aqui voltaste; mas em silêncio deverás
sofrer muitas dores e submeter-te à violência dos homens.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Ao mortal que te encontre é difícil, ó deusa, reconhecer-te,
por muito sabedor que seja; pois a tudo te assemelhas.
Mas isto eu sei: que já antes para mim foste benévola,
quando em Troia combatíamos, nós os filhos dos Aqueus.
Mas depois que saqueámos a íngreme cidadela de Príamo,
embarcámos nas naus e um deus dispersou os Aqueus:
nunca mais te vi, ó filha de Zeus, nem na minha nau te senti
embarcar, para que afastasses para longe o sofrimento.
Não: sempre com pensamento pesado no coração
vagueei, até que os deuses me libertassem da desgraça.
Mas antes na terra fértil dos Feaces me encorajaste
com palavras e foste tu própria a conduzir-me à cidade.
Agora pelo teu pai te suplico: não me parece na verdade
que tenha chegado a Ítaca soalheira; mas noutra terra
ando às voltas. E julgo que foi para me provocar
que disseste aquilo, para me pores à prova.
Diz-me se é verdade que cheguei à minha pátria amada.»

A ele deu resposta a deusa de olhos garços Atena:
«No teu peito está sempre algum pensamento:
por isso não consigo deixar-te na tua tristeza,
porque és facundo, arguto e prudente. Com que facilidade

outro homem, regressando depois de ter andado perdido,
se teria precipitado para o palácio, para ver mulher e filhos!
Mas tu não desejas saber nem inquirir, antes de teres
sondado a tua mulher, que tal como dantes permanece
sentada no teu palácio; e lamentosos se lhe definham
os dias e as noites, enquanto derrama lágrimas.

Pela minha parte, nunca duvidei disto, mas no coração
sabia que regressarias, tendo perdido todos os companheiros.
Mas não quis lutar contra Posídon, irmão de meu pai,
que contra ti armou o coração, encolerizado
porque o querido filho lhe cegaste.
Agora mostrar-te-ei esta terra, Ítaca, para que acredites.
Aqui estamos no porto de Fórcis, o Velho do Mar:
ali está o cabeço do porto, e ali a oliveira de esguias folhas,
e perto dela uma gruta aprazível e sombria,
consagrada às Ninfas que têm por nome Náiades.
E esta é a gruta abobadada, onde tu muitas
hecatombes irrepreensíveis oferecias às Ninfas.
Além é o monte Nériton, vestido de bosques.»

Assim falando, a deusa dispersou o nevoeiro e a terra apareceu.
Alegrou-se de seguida o sofredor e divino Odisseu,
regozijando-se com a sua terra; e beijou o solo dador de cereais.
Logo ergueu as mãos e dirigiu preces às Ninfas:

«Ninfas Náiades, filhas de Zeus, nunca julguei poder
ver-vos de novo! Mas agora vos saúdo com orações
amáveis; e dar-vos-ei oferendas, como dantes,

se, benévola, a filha de Zeus, Condutor das Hostes,
me deixar viver e trouxer à idade adulta o meu filho amado.»

A ele deu resposta a deusa de olhos garços Atena:
«Tem coragem, não deixes que tais coisas te preocupem.
Ponhamos agora os teus tesouros no recesso mais recôndito
do antro sagrado, onde possam ficar a salvo.
E falemos nós sobre como levar tudo a bom termo.»

Assim dizendo, a deusa entrou na gruta nebulosa,
procurando os recessos na rocha; e Odisseu trouxe
para dentro todos os tesouros: ouro, bronze inflexível
e bem tecidas roupas, que lhe tinham dado os Feaces.
Todas estas coisas escondeu, e uma pedra sobre a entrada
colocou Palas Atena, filha de Zeus, Detentor da Égide.
Sentaram-se então os dois junto ao tronco da sacra oliveira
e planearam a morte para os pretendentes arrogantes.
A primeira a falar foi a deusa de olhos garços Atena:

«Filho de Laertes, criado por Zeus, Odisseu de mil ardis!
Pensa como poderás pôr mão nos pretendentes sem vergonha,
que há três anos se assenhorearam do teu palácio,
fazendo a corte à tua mulher e oferecendo presentes.
Sempre em seu coração lamenta que não regresses:
a todos dá esperança e a cada homem manda recados,
mas o seu espírito está voltado para outras coisas.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Ah, na verdade eu estava prestes a sofrer o triste destino

de Agamémnon, filho de Atreu, no meu palácio,
se tu, ó deusa, me não tivesses tudo dito, pela ordem certa!
Mas agora tece um plano, para que os possa castigar.
E tu fica ao meu lado, inspirando-me abundante coragem,
tal como quando de Troia despimos o véu fulgente.
Se ao meu lado quisesses ficar, ó de olhos garços,
contigo eu lutaria contra três vezes cem homens,
ó deusa soberana, se me concedesses o teu auxílio.»

A ele deu resposta a deusa de olhos garços Atena:
«Decerto ao teu lado estarei: não te perderei de vista,
quando com tal esforço estivermos ocupados; e pessoas
haverá que com seu sangue e miolos sujarão a vasta terra —
entre os pretendentes, que os bens te devoram.
Mas agora far-te-ei irreconhecível para todos os mortais.
Engelharei a linda pele sobre os teus membros musculosos
e da tua cabeça destruirei os loiros cabelos; vestir-te-ei
com farrapos que repugnância causam a quem os vir.
Obnubilarei os teus olhos, outrora tão belos,
para que tenhas mau aspeto perante todos os pretendentes,
a tua mulher e o filho, que no palácio deixaste.
Antes de mais nada vai ter com o porqueiro,
guardião dos teus porcos, porém leal para contigo;
ele que estima o teu filho e a constante Penélope.
Encontrá-lo-ás sentado junto dos porcos, que ele leva
a comer ao pé da Rocha do Corvo, perto da fonte de Aretusa.
Aí comem as bolotas de que gostam e bebem a negra água,
coisas que nos porcos criam uma gordura florescente.
Aí deves ficar; e interroga-o sobre tudo,

enquanto eu vou para Esparta de belas mulheres
para chamar Telémaco, teu querido filho, ó Odisseu,
que foi à ampla Lacedemónia informar-se junto de Menelau
se sobre ti havia alguma notícia e se ainda serias vivo.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Porque não o avisaste, tu que no espírito tudo sabes?
Foi para que também ele vagueasse no mar nunca vindimado,
sofrendo desgraças, enquanto outros lhe devoram os bens?»

A ele deu resposta a deusa de olhos garços Atena:
«Pela parte que lhe toca, não fiques preocupado.
Fui eu própria que o guiei, para que granjeasse uma fama
excelente ao fazer a viagem; não sofre nada, mas está
seguro no palácio do Atrida, com tudo em abundância.
Decerto estão jovens numa escura nau a fazer-lhe
uma emboscada, desejosos de o matar, antes que chegue à pátria.
Mas não julgo que tal aconteça: antes disso terá a terra coberto
alguns dos pretendentes, que os bens te devoram.»

Assim falando, Atena tocou-lhe com a sua vara.
Engelhou a linda pele sobre os membros musculosos
e da cabeça destruiu os loiros cabelos; em todo o corpo
lhe pôs a pele de um ancião já muito idoso;
obnubilou-lhe os olhos, outrora tão belos.
Vestiu-o com outras roupas, vis, esfarrapadas,
e uma túnica rasgada, imunda, negra de sujo fumo.
Pôs-lhe sobre os ombros a pele esfolada de veado veloz,

deu-lhe um bastão e um alforge miserável,
cheio de buracos e suspenso de uma correia torcida.
Depois de as coisas terem combinado entre eles, partiram;
e a deusa foi para a divina Lacedemónia,
para buscar o filho de Odisseu.

Notas ao Canto 13

4-5 «alto palácio / de brônzeo chão»: a ideia de opulência sugerida pelo «brônzeo chão» reforça-se nas nossas mentes se pensarmos que, na *Il*., a expressão se aplica somente ao palácio de Zeus e, na *Od*. (onde só ocorre outra vez), ao do deus Hefesto (8.321).

5-6 «não julgo que, em errância, / de novo regressarás»: os estudiosos da poesia homérica perguntam-se, em relação a este verso, se Alcínoo não poderá estar a referir-se ao que Odisseu contou sobre o regresso involuntário à ilha de Éolo, onde ocorre o mesmo verbo *aponostêsein* em 10.54. O poeta pode ter-se inspirado em *Il*.1.59-60, mas a fraseologia neste contexto da *Od*. não é clara.

11 «ouro maravilhosamente trabalhado»: quando ouvimos falar deste ouro em 8.393, era apenas ouro.

14-15 «do povo reuniremos / o reembolso»: como vimos em 8.393*, estão aqui em causa mais de 300 kg de ouro. Não seria a primeira vez na História – muito menos a última – que o povo foi chamado a pagar do seu bolso gestos megalómanos da classe social detentora da riqueza. A mesma ideia surge novamente em 19.197, mas aí a despesa tem que ver com cevada e «vinho frisante». Os mais de 300 kg de ouro do presente contexto estão noutro plano bem diferente.

18 «Quando surgiu a que cedo desponta, a Aurora de róseos dedos»: o intervalo entre o deitar e o amanhecer deve ter sido mínimo, atendendo a que Odisseu esteve a noite inteira a contar as suas errâncias. Recorde-se que a Aurora anterior amanhecera em 8.1.

19 «carregando o bronze viril»: à letra, «carregando o bronze de boa masculinidade» (*phéron d'euênora khalkón*). Na mundividência grega arcaica, o que é masculino é, *ipso facto*, bom: daí que o poeta Píndaro, querendo elogiar a Sicília, tenha aplicado à ilha o mesmo adjetivo que o poeta da *Od*. aqui aplica ao bronze (*Odes Olímpicas* 1.24).

20 «O poderoso e sagrado Alcínoo»: à letra, «a força sagrada de Alcínoo»; ver 7.167*. Torna-se quase cómica a imagem do «poderoso e sagrado Alcínoo» a ir para a nau, para colocar ele mesmo os objetos debaixo dos bancos («qual hospedeira num avião», na frase de Dawe, p. 500).

21-22 «ninguém / dos tripulantes»: à letra, «ninguém dos companheiros». Porque, ao longo do poema, os companheiros de Odisseu eram também seus tripulantes, agora os tripulantes da nau dos Feaces são denominados «companheiros».

29 «Sol que tudo ilumina»: a expressão «que tudo ilumina» traduz uma só palavra grega, *pamphanóôn*, normalmente aplicada na *Il*. a armas e ao fogo, mas nunca, na poesia homérica, à exceção do presente verso, ao Sol. O poeta-filósofo Empédocles aplicará a mesma palavra ao éter (*aithêr*).

31-32 «todo / o dia dois bois cor de vinho»: uma expressão interessante pela originalidade, já que o advérbio traduzido por «todo o dia» (*panêmar*) ocorre só aqui; e só aqui e em *Il*.13.703 é que bois são descritos como sendo «cor de vinho» (*oînops*, palavra normalmente aplicada ao mar).

41-42 «que mos façam prosperar / os deuses celestes»: Odisseu, como sempre *polumêkhanos*, parece ter inventado aqui o conceito da Bolsa de Valores, aplicada a trípodes e talentos de ouro.

47-48 «Assim falou; e todos louvaram as suas palavras, insistindo / no transporte do estrangeiro, uma vez que falara na medida certa»: = 7.226-227. Graças ao que sabemos sobre a polivalência da palavra *xeînos* («estrangeiro», «amigo»), diremos que, ao lermos de novo estes versos, 3000 versos depois da vez anterior, o sentido de *xeînos* será agora, do ponto de vista dos Feaces, mais de «amigo» do que de «estrangeiro».

58 «palavras apetrechadas de asas»: ver 1.122*.

68 «à outra ordenou que levasse uma arca forte»: como vimos em 8.339-440, esta arca contém o ouro que os Feaces tinham oferecido, mais de 300 kg (cf. 8.393*). Parece altamente injusto que a escrava de 67 tenha sido incumbida de levar uma capa e uma túnica e a de 69 pão e vinho, ao passo que a desgraçada de 68 tem de carregar às costas uma arca contendo mais de 300 kg de ouro. «La bonne et forte fille», comentou ironicamente V. Bérard, *Introduction à l'Odyssée*, Vol. III, Paris, 1925, p. 240.

72 «a comida e a bebida»: esta merenda, olvidada pelo poeta a partir deste momento, nunca será consumida.

80 «um sono do qual se não acorda, dulcíssimo, semelhante à morte»: a ideia sugerida de morte e de renascimento é incontornável.

81-92 Estes versos são talvez os mais belos de toda a *Od*.

85 «mar marulhante»: esta bela expressão, quase onomatopeica no modo como sugere o som do mar (*poluphloísboio thalássês*) e que ocorre quatro vezes na *Il*., é mais rara (curiosamente) na *Od*., onde além do presente verso ocorre somente em 220.

96 «Fórcis»: em 1.72, lêramos que esta personagem mítica era avô do Ciclope.

103-104 «uma gruta aprazível e sombria, / consagrada às Ninfas»: no século III da era cristã, um famoso polemista contra o cristianismo chamado Porfírio, aluno de Plotino, compôs uma série de *Indagações Homéricas*, no âmbito das quais também um pequeno tratado em que a gruta das Ninfas era apresentada como alegoria do universo (cf. T. Taylor, *Porphyry: On The Cave of the Nymphs in the Thirteenth Book of the Odyssey*, Londres, 1917).

110-112 «duas portas: uma virada a norte, por onde entram / os homens; e outra a sul, que os homens evitam: / pois essa é caminho dos deuses imortais»: para uma interpretação místico-iniciática

da gruta de Ítaca, ver G.W. Elderkin, «The Homeric Cave on Ithaca», *Classical Philology* 35 (1940), pp. 52-54.

113 «Para este porto remaram, pois já o conheciam»: porque haveriam os Feaces de já conhecer o porto de Ítaca? Era destino frequente para este povo que vivia apartado de tudo e de todos, por um lado (6.204-205)? Por outro lado, que necessidade tinham eles de conhecer artesanalmente fosse qual porto fosse, já que as suas naus estavam equipadas de GPS e de piloto automático (8.556-561)?

121 «graças à magnânima Atena»: o poeta começa já aqui a aquecer a maquinaria narrativa que dará a Atena, na segunda metade da *Od*., um protagonismo análogo ao que ela tivera na Telemaquia. Recorde-se que, nos Cantos 5-12, a deusa esteve praticamente ausente.

122 «tronco da oliveira»: Atena em 121; a árvore de Atena em 122. A máquina começa a aquecer.

126 «ameaças»: em rigor, se lermos a *Od*. de fio a pavio, não encontramos propriamente «ameaças» verbalizadas por Posídon contra Odisseu.

135 «deram-lhe esplêndidos presentes»: Posídon não pode contrariar o destino, mas pode, como qualquer ser humano, irritar-se contra ele. Pois estes presentes fazem parte do que estava destinado, como ouvimos dizer da boca de Zeus em 5.38-40. E Posídon também sabia (5.288-289) que era destino de Odisseu ser salvo pelos Feaces.

148-150 «a bela nau / dos Feaces, que regressa de transportar Odisseu, quero / estilhaçar no mar brumoso»: estas palavras do deus desdizem o que Zeus famosamente afirmou em 1.33-34 sobre quem tem a culpa do sofrimento humano – os homens ou os deuses? Neste caso, os inocentes Feaces fizeram uma boa ação sem saberem que Posídon detestava Odisseu – e sofrem o castigo, não das suas loucuras (como diz Zeus no Canto 1), mas sim da sua bondade.

150-151 «para que se abstenham / e desistam de transportar homens»: em 1936, C. Fries apresentou a curiosa interpretação de que esta má vontade de Posídon em relação aos Feaces, transportadores inocentes de todos os homens (cf. 174, numa afirmação contraditória com o que Nausícaa diz em 6.204-205), reflete a má vontade dos Gregos da época de «Homero» contra os Fenícios (ver C. Fries, «Zu n 128 ff.», *Philologische Wochenschrift* 56 [1936], pp. 254-256).

183 «e a cidade não nos rodeie com uma grande montanha»: por aquilo que nos é possível depreender de 162-164, Posídon parece não ter concretizado a ameaça da montanha. A única coisa que aconteceu foi a petrificação da nau inocente. O venerando comentário de D.B. Monro à *Od*. (Oxford, 1901), citado por Dawe (p. 512), fala-nos num caso comparável que aconteceu muito séculos mais tarde na Sicília, quando um navio de guerra turco também foi transformado em pedra por uma divindade (neste caso concreto, pela Virgem Maria).

187 «Acordou então o divino Odisseu»: para a nossa sensibilidade e para o nosso gosto de termos as coisas arrumadas (até na poesia), causa uma imensa estranheza que o momento em que Odisseu acorda finalmente em Ítaca surja a meio de um verso cuja primeira parte ainda fala do sacrifício dos Feaces no outro extremo do mundo. O tropo de o herói acordar na praia após uma viagem marítima, tendo sido transportado por marinheiros que desapareceram e o deixaram a dormir, será recuperado mais tarde, na literatura do primeiro cristianismo, nos apócrifos *Atos de André e de Matias*, onde o santo (André) tem uma experiência análoga à de Odisseu (com a diferença, no entanto, de ter tido na

viagem a companhia do seu discípulo, em cujo colo põe a cabeça para dormir: ver J.K. Elliot, *The Apocryphal New Testament*, Oxford, 1993, p. 290).

200 «Ai de mim, a que terra de homens mortais chego de novo?»: este discurso de Odisseu é um exemplo de ironia dramática, no sentido em que o poeta permitiu aos seus ouvintes/leitores conhecimentos vedados à personagem. Nós sabemos que Odisseu está em Ítaca; e sabemos não só que os Feaces foram castigados (cf. o desejo formulado por Odisseu em 214), mas também que não foi por Zeus.

215 «Mas agora quero ver e contar as riquezas»: os esplendorosos presentes serão arrumados em 363-371. O poeta ainda se lembrará rapidamente deles em 16.230-232, mas a partir daí desaparecerão do poema. Odisseu nem sequer se lembrará dos 300 kg de ouro depois de matar os pretendentes e de se ter feito reconhecer pela mulher e pelo pai.

219 «mas lamentou a terra pátria»: ver 200*.

220 «mar marulhante»: ver 85*.

221 «Dele se aproximou então Atena»: ver 121*.

222-223 «semelhante no corpo a um jovem, pastor de ovelhas, / mas muito gentil, como são os filhos dos príncipes»: a caraterização desta personagem imaginária é curiosa pela justaposição pastor ~ príncipe. No entanto, príncipes-pastores não constituem um conceito ferido de contradição interna na mundividência homérica, como vemos por *Il*.6.423 e *Il*.20.91. O protótipo do príncipe-pastor é, evidentemente, Páris (mas isto já na literatura pós-homérica: ver sobretudo a magnífica ode coral na *Andrómaca* de Eurípides, 274-308). Note-se que a palavra traduzida por «muito gentil» (*panápalos*) é raríssima e significa, em rigor, «todo mole» (ou «todo delicado» [LSJ]).

226 «Alegrou-se Odisseu»: isto apesar da lança do verso anterior. Mas talvez este rapaz «todo mole» não constituísse aos seus olhos grande ameaça, apesar da lança.

230-231 «suplico-te / como se fosses um deus»: ver 200*.

248-249 «o nome de Ítaca até a Troia / chegou»: nesta altura, dez anos após a queda de Troia, o que outrora fora a grande cidade não passa de ruínas.

256 «até na ampla Creta»: o denominador comum dos relatos mentirosos que Odisseu dá sobre si próprio em Ítaca é o facto de ele dizer quase sempre que é cretense.

259 «depois que matei Orsíloco»: não ocorreria a toda a gente, confrontada com a necessidade de inventar rapidamente uma identidade nova perante um total desconhecido, apresentar-se como assassino. No entanto, é preciso ver que o tema é bem homérico: na *Od*., voltará em 14.380 e em 15.272-273; na *Il*., está presente em 13.695-696, 15.431-432; e é um tema importante para o entendimento da personagem de Pátroclo (*Il*.23.85-88).

262-263 «despojos / de Troia»: surge aqui a mesma perplexidade apontada a propósito de 248*. Este «cretense» parece falar como se a Guerra de Troia tivesse acabado no ano passado.

272 «Fenícios»: ver 150-151*.

300-301 «eu que sempre / em todos os trabalhos estou ao teu lado e por ti velo»: o próprio Odisseu tem noção de que isto não corresponde à realidade e a deusa terá de dar uma desculpa em

341.

322-323 «Mas antes na terra fértil dos Feaces me encorajaste / com palavras e foste tu própria a conduzir-me à cidade»: nos Cantos 6-8, Odisseu nunca mostra ter reconhecido Atena na terra dos Feaces.

326 «ando às voltas»: em grego, *anastréphomai*. Desde que chegou a Ítaca, Odisseu tem estado sempre no mesmo sítio; ainda não deu qualquer volta.

341 «Mas não quis lutar contra Posídon, irmão de meu pai»: ver 300-301*.

347-348 Versos omitidos nalguns papiros e manuscritos e colocados entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

360 «trouxer à idade adulta o meu filho amado»: nós, ouvintes/leitores do poema, sabemos que Telémaco já é adulto, facto que Odisseu também saberia se fizesse as contas. No entanto, podemos interpretar este verso como um toque de subtileza psicológica: na cabeça de Odisseu, Telémaco ainda é criança porque ele ainda não viu o filho adulto.

367-368 «Odisseu trouxe / para dentro todos os tesouros»: ver 215*.

378 «oferecendo presentes»: ver 11.116-117*.

380-381 «a todos dá esperança e a cada homem manda recados, / mas o seu espírito está voltado para outras coisas»: ver 2.91-92.

383-384 «Ah, na verdade eu estava prestes a sofrer o triste destino / de Agamémnon»: Odisseu não está a ver bem as coisas: a deusa não lhe disse que, qual Clitemnestra, Penélope estava a viver com um amante.

389 «ó de olhos garços»: única vez na *Od*. em que *glaukôpis* (ver 1.44*) surge assim de forma tão desgarrada, como vocativo (*glaukôpi*). Sempre expressivo, Dawe (p. 522) compara a forma como, nos filmes com Lauren Bacall, Humphrey Bogart usa os vocativos *blue-eyes* ou *angel*.

390 «contra três vezes cem homens»: Odisseu não terá de combater contra 300 pretendentes, mas 108 já serão bastantes.

396 Verso omitido num papiro helenístico e colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

397 «agora far-te-ei irreconhecível para todos os mortais»: o Canto 2 já vai longe, mas verificamos que o profeta Haliterses sempre tivera razão (cf. 2.175).

399 «loiros cabelos»: ver 6.230-231*.

400 «que repugnância causam a quem os vir»: a frase grega é difícil de traduzir à letra: «tecido de vela <esfarrapado> em relação ao qual um homem, vendo <alguém> vestindo <tal roupa>, ficaria repugnado». Curiosamente, a palavra *ánthrôpos* raramente surge no singular na poesia homérica: esta é uma das cinco vezes em que tal acontece na *Il*. e na *Od*. e talvez a única ocorrência em que o sentido é claramente «homem» e não «ser humano».

408 «Rocha do Corvo, perto da fonte de Aretusa»: estes elementos, que R. Bittlestone pensou conseguir identificar na moderna ilha de Paliki, são frequentemente mencionados no seu livro *Odysseus Unbound: The Search for Homer's Ithaca*, Cambridge, 2005.

418 «mar nunca vindimado»: ver 1.72*.

425-426 «Decerto estão jovens numa escura nau a fazer-lhe / uma emboscada, desejosos de o matar»: será que Odisseu ouviu o que Atena lhe disse – uma vez que não reage? Quando o porqueiro fala do mesmo assunto em 14.179-182, este pai mantém a mesma fleuma em relação à possibilidade de o filho ser assassinado. Talvez Odisseu tenha um mecanismo automático para não ouvir este tipo de coisas, pois quando se trata de elencar os crimes dos pretendentes em 22.36-40, ele não menciona o plano por eles desenvolvido para assassinarem Telémaco.

429 «Atena tocou-lhe com a sua vara»: a vara de Atena não é conhecida da restante literatura grega (ou da arte grega).

431 «loiros cabelos»: ver 399* (que remete para 6.230-231*).

436 «pele esfolada de veado veloz»: este pormenor do disfarce de Odisseu nunca mais será referido no poema.

Canto 14

Porém Odisseu subiu do porto por caminhos agrestes,
através de um terreno arborizado por cima das serras,
até ao lugar onde lhe dissera Atena que encontraria
3*b* o divino porqueiro, que dentre os escravos que adquirira
o divino Odisseu era quem mais velava pelas suas propriedades.

5 Encontrou-o sentado à frente da casa, lá onde tinha
construído o recinto, num terreiro de larga vista,
belo e amplo a toda a volta; este recinto tinha o porqueiro,
ele próprio, construído para os porcos do amo ausente,
sem conhecimento da rainha e do ancião Laertes.
10 Com grandes pedras o construíra; ali plantara a pereira selvagem.
Do lado de fora fixara muitas estacas de ambos os lados,
bem juntas, tendo cortado a madeira negra de um carvalho.
No interior do recinto fizera doze pocilgas, umas perto das outras,
como leitos para as porcas; em cada uma delas estavam
15 encurraladas cinquenta porcas deitadas no chão:
fêmeas que deram à luz; pois os machos estavam fora,
em número reduzido, porque iam sendo dizimados
pelos pretendentes semelhantes aos deuses, que os comiam:

o porqueiro mandava sempre o melhor dos porcos
cevados, cujo número era de trezentos e sessenta.

Junto deles dormiam quatro cães, ferozes como animais
selvagens, a quem criara o porqueiro, Condutor de Homens,
que estava agora a ajustar aos seus pés umas sandálias,
cortando o cabedal de boa cor. Quanto aos outros escravos,
tinham partido em várias direções com os porcos,
três ao todo; o quarto escravo fora enviado à cidade, contra a sua
vontade, para levar um porco aos pretendentes arrogantes,
para que sacrificando-o satisfizessem o seu desejo de carne.

De repente os cães ladradores avistaram Odisseu,
e atiraram-se a ele a ladrar; mas Odisseu, na sua argúcia,
sentou-se logo, deixando cair da mão o bastão que levava.
Ali, junto às suas pocilgas, teria sofrido dores desfiguradoras;
mas o porqueiro seguiu-os depressa com passos rápidos:
precipitou-se porta fora, deixando cair das mãos o cabedal.
Chamou os cães e pô-los a correr em todas as direções
com o arremesso de pedras; e assim falou ao amo:

«Ancião, na verdade os cães te teriam dilacerado
num ápice, e sobre mim terias derramado censuras.
Tanto mais que outras dores me deram já os deuses:
é por um amo igual aos deuses que choro enquanto
aqui fico, criando cevados porcos para outros comerem,
enquanto aquele, sabe-se lá se necessitando de comida,
vagueia pelas terras e cidades de homens estrangeiros,
no caso de ainda ser vivo e contemplar a luz do Sol.

Mas anda, ancião; vamos agora para o casebre,
para depois de satisfazeres o desejo de comida e bebida
me contares donde és e as desgraças que sofreste.»

Assim falando, conduziu-o ao casebre o divino porqueiro,
fê-lo sentar-se, espalhando espessa caruma no chão
e por cima a pele de uma cabra selvagem e lanzuda,
em que dormia, grande e peluda; e Odisseu alegrou-se
pelo modo como fora recebido, e falando-lhe assim disse:
«Que Zeus e os outros deuses imortais te deem, estrangeiro,
tudo o que mais desejas, visto que com gentileza me acolheste.»

Foi então, ó porqueiro Eumeu, que lhe deste esta resposta:
«Estrangeiro, não tenho o direito (mesmo que um pior que tu
aqui viesse!) de desconsiderar um estrangeiro: pois de Zeus
vêm todos os estrangeiros e mendigos; e a nossa oferta,
embora pequena, é dada de bom grado. São assim as coisas
entre os escravos, sempre receosos, quando mandam como soberanos
os novos; pois os deuses ataram na verdade o regresso daquele
que me teria estimado e oferecido uma propriedade:
uma casa, um terreno e uma mulher muito cortejada —
coisas que um rei benevolente costuma dar a um escravo
que por ele muito se tenha esforçado, e cujo trabalho um deus
faz prosperar, como prospera o trabalho com que me esforço.
Por isso ter-me-ia o amo recompensado, se aqui tivesse envelhecido.
Mas morreu — e quem me dera que morresse Helena e toda
a sua laia, visto que os joelhos dissolveu a muitos homens!

Por causa da honra de Agamémnon também o meu amo foi
para Ílion de belos cavalos, para combater contra os Troianos.»

Assim dizendo, apanhou depressa a túnica com um cinto
e foi para as pocilgas, onde encurralara as famílias dos leitões.
De lá tirou dois leitões e ambos sacrificou;
chamuscou e cortou-os e pôs a carne em espetos.
Depois de tudo assado, trouxe a carne e pô-la diante de Odisseu,
ainda quente nos espetos, polvilhando com branca cevada.
Depois numa taça cinzelada com hera misturou o vinho doce.
Sentou-se defronte de Odisseu e disse para o encorajar:

«Come, estrangeiro, o que os escravos têm para oferecer,
carne de leitão: pois os porcos cevados são os pretendentes
que os comem, sem se preocuparem com a ira dos deuses.
Os deuses bem-aventurados não gostam de atos injustos,
mas apreciam a justiça e as boas ações dos homens.
Homens hostis e ímpios, que vão para uma terra
estrangeira, onde Zeus lhes concede despojos de piratas,
e com as naus repletas regressam a suas casas —
até esses sentem no espírito o medo da vingança divina.
Mas estes aqui sabem qualquer coisa, ou ouviram a voz
de um deus, da morte amarga do meu amo, pois não querem
fazer a corte com justiça, nem regressar a casa, mas destroem
calmamente os bens com insolência, sem poupança alguma.
Todas as noites e todos os dias que vêm de Zeus,
não sacrificam apenas uma ou duas vítimas.
Consomem-nos o vinho, tirando-o com insolência.
O meu amo tinha bens em abundância; mais que outro

herói qualquer, quer no escuro continente,
quer em Ítaca: não, nem vinte homens juntos
tinham uma tal fortuna. Para ti vou enumerá-la:
doze manadas de gado no continente, igual número de ovelhas,
outros tantos porcos e igual número de rebanhos errantes
de cabras, que pastores de fora e cá da terra apascentam.
Aqui na ilha pastam onze rebanhos errantes de cabras,
rebanhos guardados por homens de confiança.
Cada um deles leva todos os dias um animal do rebanho,
aquela dentre as gordas cabras que lhe parecer a melhor.
Pela minha parte, guardo e crio estas porcas, e escolho
o melhor dos porcos para mandar aos pretendentes.»

Assim falou; e ele depressa comeu a carne e bebeu o vinho,
avidamente, em silêncio, planeando a desgraça dos pretendentes.
Mas depois que jantou e satisfez o coração com comida,
encheu a taça, de que tinha estado a beber,
com vinho até cima; o outro tomou-a e alegrou-se no coração
e, falando, dirigiu-lhe palavras apetrechadas de asas:

«Amigo, quem foi que te comprou com os seus haveres?
Segundo dizes, um homem bastante rico e poderoso.
Dizes que ele pereceu por causa da honra de Agamémnon.
Conta-me, para o caso de eu conhecer alguém assim.
Zeus e os outros deuses imortais saberão se poderei
trazer-te alguma notícia por tê-lo visto: pois já muito viajei.»

A ele deu resposta o porqueiro, Condutor de Homens:
«Ancião, nenhum viandante que aqui chegasse com notícias

dele seria capaz de persuadir a mulher e o filho amado,
pois de qualquer maneira os viandantes necessitados de comida
mentem, sem qualquer vontade de dizer a verdade.
Qualquer um que porventura chegue à terra de Ítaca
vai logo contar à minha senhora uma história inventada.
Ela recebe-o com gentileza e tudo lhe pergunta
e, lamentando-se, das suas pálpebras caem lágrimas,
como é próprio na mulher, quando lá longe lhe morreu o esposo.
Depressa tu, ó ancião, inventarias uma história,
se alguém te oferecesse uma capa e uma túnica para vestires.
Quanto ao meu amo, já os cães e as rápidas aves de rapina
a carne lhe rasgaram dos ossos; já a alma lhe saiu do corpo.
Ou então foram os peixes no mar a comê-lo e os ossos
ficaram nalguma praia, envoltos em muita areia.
Assim morreu ele longe, estabelecendo o luto daí por diante
a quem o estimava, a mim especialmente: pois nunca amo
tão bom encontrarei, por muito longe que procurasse,
nem que voltasse a casa de meu pai e de minha mãe,
onde vim ao mundo e por eles fui criado.
E porém não é por eles que me lamento, ainda que meus olhos
os desejassem ver de novo, regressando à terra pátria!
Não, é de Odisseu ausente que a saudade me aperta.
Mas envergonho-me de pronunciar o seu nome,
pois está ausente — tanto ele me estimou no seu coração!
Chamo-lhe amigo honrado, embora esteja longe daqui.»

A ele deu resposta o sofredor e divino Odisseu:
«Amigo, visto que tudo enjeitas, nem queres afirmar
que ele regressará, o teu coração permanece incrédulo.

Mas eu dir-te-ei, não de qualquer maneira, mas jurando,
que regressará Odisseu; e que eu receba a recompensa
da boa notícia, quando ele chegar e regressar a casa.
Veste-me com capa e túnica, belas vestimentas.
Antes disso, por muito que precise, nada aceitarei,
Como os portões do Hades me é odioso aquele homem
que cedendo à pobreza conta histórias inventadas.
Seja minha testemunha Zeus, acima de todos os deuses,
e esta mesa hospitaleira e a lareira do irrepreensível Odisseu
a que cheguei: tudo o que digo se cumprirá.
No decurso desta luz que passa chegará aqui Odisseu:
entre o quarto minguante e a lua nova
voltará a casa e vingar-se-á de todos aqueles
que lhe desonraram a mulher e o filho glorioso.»

Foi então, ó porqueiro Eumeu, que lhe deste esta resposta:
«Ancião, não te darei recompensa de tão boa notícia,
nem a casa regressará Odisseu; mas bebe calmamente,
e pensemos noutras coisas: não me lembres isso.
Pois o coração no peito se me enche de tristeza,
quando alguém me recorda o meu amo bondoso.
Deixemos o teu juramento; e que Odisseu possa regressar
como eu o desejo e também Penélope, o ancião Laertes
e Telémaco semelhante aos deuses. Agora é pelo filho que me
lamento sem cessar, aquele que Odisseu gerou, Telémaco;
quando os deuses o fizeram crescer como uma vergôntea,
pensei que entre os homens ele não seria pior que seu pai
querido, excecional na beleza e no corpo;
mas depois algum dos imortais ou algum homem

lhe prejudicou o entendimento, e partiu para a sacra Pilos
para saber notícias do pai. Agora os orgulhosos pretendentes
o esperam numa emboscada, para que sem nome desapareça
de Ítaca a linhagem vinda de Arcésio semelhante aos deuses.
Mas não falemos agora dele, quer seja apanhado na emboscada,
quer consiga escapar pela mão do filho de Crono.
Mas conta-me tu, ó ancião, as desgraças que sofreste;
diz-me tudo com verdade, para que eu saiba:
quem és e de que varões provéns? Onde tua cidade e teus pais?
Em que nau chegaste? Como é que os marinheiros
te trouxeram a Ítaca? Quem se vangloriavam eles de serem?
Pois não me parece que aqui tenhas chegado a pé.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Dir-te-ei então estas coisas com toda a sinceridade.
Se tivéssemos comida e vinho doce para o tempo
que aqui estamos no teu casebre, para jantarmos
em sossego enquanto outros cumprissem o seu trabalho,
então facilmente te falaria sem cessar um ano inteiro,
contando as desgraças que sofri no coração,
e todas as coisas juntas que aguentei por vontade dos deuses.

Declaro que da ampla Creta provém a minha linhagem;
sou filho de homem rico; e muitos outros filhos
nasceram e foram criados no seu palácio, filhos legítimos
de sua esposa; é que a mãe que me deu à luz era concubina
comprada, mas igual aos filhos legítimos me estimou
Castor, filho de Hílax, de quem declaro ser filho.
Era ele honrado entre os Cretenses como um deus,

pela felicidade, pela riqueza e pelos filhos gloriosos.
Mas o destino da morte levou-o para a mansão de Hades
e seus filhos orgulhosos dividiram os haveres,
e para tal lançaram as sortes.
A mim deram uma parte muito pequena e uma casa.
Desposei porém uma mulher de família rica
pelo meu valor, pois eu não era desonesto
e muito menos cobarde. Agora toda a força me deixou:
mas penso que ao olhares para mim lhe reconheces o restolho,
embora me domine grande quantidade de sofrimento.

A coragem foram Ares e Atena que ma deram, assim como
a capacidade de dispersar fileiras de homens; e quando escolhia
os melhores guerreiros para uma emboscada, semeando o mal
para o inimigo, nunca o coração indomável imaginava a morte,
mas era sempre eu o primeiro a saltar; e com a lança
matava o inimigo que com seus pés fugia à minha frente.
Na guerra eu era assim. Mas nunca gostei da lavoura,
nem de cuidar da casa onde são criados ótimos filhos;
gostei sempre de naus com remos, de guerras,
de lanças polidas e de setas — coisas terríveis,
diante das quais outros homens ficam arrepiados.
Mas um deus fê-las agradáveis ao meu espírito:
homens diferentes se comprazem com diferentes trabalhos.

Antes de embarcarem para Troia os filhos dos Aqueus,
nove vezes comandei homens e naus de rápida navegação
contra homens estrangeiros; e muito proveitosa foi a minha sorte.

De tudo levava o que queria, e mais ainda me cabia em sorte.
Deste modo a minha casa enriqueceu rapidamente
e tornei-me temido e honrado entre os Cretenses.
Mas quando Zeus de larga vista planeou o caminho detestável,
que haveria de dissolver os joelhos a tantos homens,
então me mandaram a mim e ao famoso Idomeneu
comandar as naus até Ílion; e não havia meio
de recusar, pois a voz do povo nos obrigava.
Ali combatemos durante nove anos, nós, filhos dos Aqueus;
e ao décimo ano saqueámos a cidade de Príamo e voltámos
para casa nas naus; mas um deus dispersou os Aqueus.
Para mim, desgraçado, Zeus congeminara algo de terrível.

Durante um mês fiquei em casa, comprazendo-me
com os filhos, a esposa e a riqueza; mas depois para o Egito
quis o meu coração navegar, tendo as naus apetrechado
com os meus companheiros semelhantes a deuses.
Nove naus apetrechei; e depressa se reuniu a tripulação.
Durante seis dias os fiéis companheiros comigo
se banquetearam; e eu lhes dei muitas vítimas
para oferecerem aos deuses e para lhes servirem de refeição.
No sétimo dia largámos da ampla Creta e navegámos
com o Bóreas, vento forte e favorável, facilmente,
como se por uma corrente fôssemos arrastados.
Nenhuma das naus sofreu dano, mas ilesos e livres de doença
nos sentávamos, enquanto o vento e os timoneiros guiavam as naus.

Ao quinto dia chegámos ao Egito de belas correntes,

e lá no rio Egito fundeámos as naus recurvas.
Ali ordenei aos fiéis companheiros
que ficassem nas naus e que as naus guardassem;
aos espias mandei que subissem até às atalaias.
Mas os companheiros, cedendo à insolência e levados
pela sua força, devastaram os belos campos dos Egípcios,
levando as mulheres e as crianças ainda pequenas
e matando os homens. Depressa chegou a notícia à cidade.
Ao nascer do dia, acudindo aos gritos, vieram:
e toda a planície se encheu de infantaria, de cavalos
e do choque do bronze. Mas Zeus que arremessa o trovão
lançou contra os companheiros um pânico vil; e nenhum foi capaz
de enfrentar o inimigo, pois de todos os lados nos cercava a desgraça.
Em seguida muitos de nós eles mataram com o bronze afiado;
e outros levaram vivos para a cidade, para trabalharem à força.
No meu espírito o próprio Zeus colocou este pensamento
(oxalá tivesse morrido ali e encontrado o meu destino
no Egito, pois tinha mais sofrimento pela frente!):
nesse momento tirei da cabeça o elmo bem cinzelado,
e o escudo dos ombros, e a lança larguei da mão.
Fui então até ao carro de cavalos do rei: segurei
e beijei-lhe os joelhos; e ele salvou-me e apiedou-se de mim:
puxando-me para o carro, levou-me a chorar para o palácio.
Muitos contra mim investiam com as suas lanças de freixo,
desejosos de me matar (pois estavam encolerizados),
mas o rei afastou-os, porque tinha em consideração a ira
de Zeus Hospitaleiro, que muito se indigna com más ações.

Lá permaneci durante sete anos; e muita riqueza acumulei
entre os Egípcios, pois todos me ofereceram presentes.
Mas quando foi altura de sobrevir o oitavo ano,
foi então que chegou um homem fenício, enganador,
meliante, que já muito mal praticara entre os homens.
Sobre mim prevaleceu com os seus enganos, a ponto de partirmos
para a Fenícia, onde ele tinha a sua casa e os seus bens.
Ali permaneci com ele durante um ano inteiro.
Mas quando os meses e os dias chegaram a seu termo
e de novo, volvido o ano, vieram as estações, para a Líbia
me mandou numa nau preparada para o alto-mar,
tendo planeado mentiras, para que com ele eu levasse
uma carga; mas na verdade queria vender-me a bom preço.
Fui com ele na nau, já de sobreaviso, mas à força.
A nau foi levada pelo Bóreas, vento forte e favorável,
pelo meio do mar, para lá de Creta; mas Zeus quis a sua desgraça.

Quando deixámos Creta, já não víamos
terra alguma: só víamos céu e mar.
Então colocou o Crónida uma nuvem negra
sobre a côncava nau, e debaixo da nau se escureceu o mar.
Zeus trovejou e, ao mesmo tempo, atingiu a nau com um raio.
Toda ela estremeceu, atingida pelo relâmpago de Zeus.
Encheu-se de fumo de enxofre e da nau caíram os companheiros.
Como corvos-marinhos foram levados em redor da nau escura
pelas ondas; e um deus lhes tirou o regresso a casa.

Mas para mim, que tanto no coração sofria, o próprio Zeus
me pôs nas mãos o terrífico mastro da nau de proa escura,
para que ainda assim eu conseguisse fugir da desgraça.

Agarrei-me a ele e fui levado por ventos terríveis.
Durante nove dias fui levado; e à décima noite escura
uma onda enorme me arrastou até à terra dos Tesprócios.
Ali o rei dos Tesprócios, o herói Fídon, me acolheu,
gratuitamente; pois me encontrara o seu amado filho
vencido pelo frio e pelo cansaço, e para casa me levara
pela mão, até chegar ao palácio de seu pai,
onde me vestiram com uma capa e uma túnica.

Foi aí que ouvi falar de Odisseu: pois o rei afirmou que o recebera
como hóspede e o estimara, estando ele a caminho da sua pátria.
E mostrou-me os tesouros que Odisseu reunira:
bronze, ouro e ferro trabalhado com muito esforço.
Até à décima geração teriam alimentado qualquer outro,
de tal qualidade eram as riquezas depositadas no palácio do rei.
Quanto a Odisseu, disse que a Dodona se dirigira, para lá
ouvir do alto carvalho do deus a vontade de Zeus
sobre como poderia regressar à terra fértil de Ítaca
depois de tão longa ausência, às claras ou disfarçado.
E jurou na minha presença, enquanto vertia libações no palácio,
que tinha uma nau preparada e a tripulação pronta,
que à amada terra pátria o transportariam. Foi primeiro a mim
que pôs no seu caminho, pois calhou ali aportar uma nau
de Tesprócios que partia para Dulíquio, rica em trigo.

Disse-lhes que me transportassem com gentileza
para o rei Acasto; mas a eles aprouve uma deliberação má
a meu respeito, para que de todo eu chegasse ao sofrimento da dor.

Quando para longe da terra navegou a nau preparada para o alto-mar,
logo congeminaram o dia da minha escravização.
Despiram-me da minha roupa, da capa e da túnica,
e puseram-me no corpo outra roupa, horrível, e uma túnica:
estes andrajos esfarrapados, que podes ver com teus olhos.
Ao fim da tarde chegaram aos campos da soalheira Ítaca:
amarraram-me na nau bem construída
com uma corda torcida; eles próprios desembarcaram
e na praia comeram rapidamente o seu jantar.
Mas os deuses desfizeram facilmente as minhas amarras.
Tapando a cabeça com a capa esfarrapada, deslizei
pela prancha alisada e entrei na água até ao peito
e logo comecei a nadar, usando as mãos como remos,
e em pouco tempo me tinha livrado deles.
Subi depois para o lugar onde há um bosque de arvoredo frondoso,
e ali me agachei a tremer. Eles com grandes gritos
iam e vinham; mas como não lhes pareceu haver proveito
em procurar mais tempo, embarcaram novamente
na côncava nau; quanto a mim, os deuses me esconderam
facilmente; e à propriedade me vieram trazer de um homem
compreensivo: pois parece que é meu destino viver.»

Foi então, ó porqueiro Eumeu, que lhe deste esta resposta:
«Ó pobre estrangeiro, na verdade me comoveste o coração,
dizendo tais coisas: tudo o que sofreste e viajaste!
Mas há uma parte que para mim não está certa, nem me poderás
convencer a respeito de Odisseu: que necessidade tens tu,
na tua situação, de mentir em vão? Pela minha parte sei bem,
quanto ao regresso do meu amo, que é detestado
por todos os deuses: não o mataram em Troia,
nem nos braços de amigos, depois de ele ter atado os fios da guerra.
Todos os Aqueus lhe teriam erguido um túmulo,
e teria para o seu filho enorme glória alcançado.
Mas arrebataram-no os ventos das tempestades.
Eu vivo à parte, aqui com os porcos; à cidade
nunca vou, a não ser que me chame a sensata Penélope
para lá ir, quando chega de algum lado uma notícia.
Então todos se sentam em torno do estrangeiro,
tanto aqueles que lamentam a ausência do amo,
como aqueles que se comprazem em devorar-lhe os bens.

Mas a mim não me agrada perguntar nem inquirir,
desde que um homem da Etólia me enganou com a sua história:
assassinara um homem e tinha vagueado por toda a terra;
depois veio ter à minha casa e eu o acolhi com gentileza.
Afirmou que vira Odisseu em casa de Idomeneu, em Creta,
onde reparava as naus, estilhaçadas pelas tempestades.
Disse que ele viria no verão ou no outono, trazendo
grandes riquezas, com os divinos companheiros.
Agora tu, ó ancião que muito sofreste: uma divindade aqui

te trouxe; não tentes agradar-me nem enfeitiçar-me com mentiras.
Não será por isso que te demonstrarei estima e respeito,
mas por medo de Zeus Hospitaleiro, e por ter pena de ti.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Na verdade tens um coração incrédulo no peito,
visto que nem jurando te convenci nem persuadi.
Mas agora façamos um acordo: e no futuro serão
testemunhas para ambos os deuses que o Olimpo detêm.
Se de facto o teu amo regressar a esta casa,
dá-me como roupa uma capa e uma túnica e arranja-me
transporte para Dulíquio, para onde desejo ir.
Mas se o teu amo não regressar tal como eu digo,
então atiça contra mim os escravos e que me lancem de um rochedo,
para que de futuro outro mendigo se coíba de mentir.»

A ele deu então resposta o divino porqueiro:
«Estrangeiro, eu ganharia uma excelente fama e grande valor
entre os homens, tanto agora como no futuro,
convidando-te para o meu casebre e dando-te hospitalidade,
para depois te matar, privando-te da vida amada!
Com pronto fervor rezaria então a Zeus Crónida!
Mas agora é a hora do jantar; em breve chegarão os meus companheiros, para prepararmos no casebre um jantar saboroso.»
Enquanto assim falavam um com o outro,
aproximaram-se os porcos e os homens que deles tratavam.

Fecharam as porcas no sítio onde costumavam dormir
e indizível foi o alarido dos porcos ao serem encurralados.
Então o divino porqueiro falou aos companheiros, dizendo:

«Trazei o melhor porco, para que o sacrifique em honra
do estrangeiro que vem de longe; e tiraremos também proveito,
pois muito temos aguentado pelos porcos de brancas presas,
que depois outros vêm comer sem qualquer desagravo.»

Assim falando, foi rachar lenha com o bronze afiado,
enquanto os outros trouxeram um cevado porco de cinco anos.
Puseram-no perto da lareira; nem o porqueiro se esqueceu
dos deuses imortais: pois era homem de bons pensamentos.
Como primícia atirou para o fogo pelos da cabeça
do porco de brancas presas e rezou a todos os deuses
para que o pensativo Odisseu a sua casa regressasse.
Levantou os braços e feriu o porco com um pau
425*b* de carvalho, que pusera de parte quando rachava a lenha;
a alma do porco deixou-o. Degolaram e chamuscaram-no.
Depressa o esquartejaram. O porqueiro pôs pedaços
de carne crua, começando pelas pernas, na rica gordura,
e pô-los ao lume, depois de os polvilhar com farinha.
Cortaram o resto da carne e puseram-na em espetos;
assaram-na com cuidado e dos espetos a tiraram;
depois atiraram com os pedaços ao monte para os cestos.
O porqueiro levantou-se para dividir a carne, pois sabia
o que era justo. Cortando a carne, dividiu-a em sete doses.
A primeira pôs de lado para as Ninfas e Hermes, filho de Maia,
com uma prece; as outras doses distribuiu por cada um.

Odisseu ele honrou com o lombo contínuo do porco
de brancas presas, alegrando assim o coração do amo.
E falando assim lhe disse o astucioso Odisseu:
«Que sejas tão caro, ó Eumeu, a Zeus pai como és a mim,
visto que na minha miséria me honraste com tantas boas coisas.»

Foi então, ó porqueiro Eumeu, que lhe deste esta resposta:
«Come, ó estranho hóspede, e alegra-te com aquilo
que tens à frente; o deus dá uma coisa e retém outra,
tal como lhe apraz: pois tudo lhe é possível.»

Assim falando, sacrificou as primícias aos deuses que são para sempre.
Depois de verter uma libação de vinho frisante, pôs a taça nas mãos
de Odisseu, Saqueador de Cidades, que se sentou diante da parte
que lhe cabia. Foi Mesáulio que lhes serviu o pão — ele que
o porqueiro comprara sozinho, na ausência do amo,
sem conhecimento da rainha e do ancião Laertes.
Comprara-o aos Táfios, com o seu próprio dinheiro.
Lançaram mão às iguarias que tinham à sua frente.
Mas quando afastaram o desejo de comida e bebida,
Mesáulio levantou o pão da mesa; e para a cama
se apressaram, saciados de carne e de pão.

Veio a noite: horrível, sem Lua; Zeus choveu toda a noite
e o Zéfiro, sempre chuvoso, soprou com força.
Entre eles falou então Odisseu, para pôr à prova o porqueiro.

Queria saber se porventura despiria a capa para lha dar,
ou se mandaria a outro que o fizesse, visto que tanto o estimara.

«Ouvi-me agora, Eumeu, e vós outros companheiros todos!
Quero contar uma história ufanosa, pois o vinho me impele,
o vinho palerma, que leva até o homem sério a cantar e a rir-se
com moleza: fá-lo levantar-se para dançar e leva-o
a proferir palavras que seria melhor ficarem por dizer.
Porque primeiro levantei a voz, nada vos ocultarei.
Quem me dera ser jovem e ter a força tão firme
como quando conduzimos uma emboscada até Troia!
Comandavam Odisseu e Menelau, filho de Atreu;
e com eles era eu o terceiro comandante: eles assim
o ordenaram. Mas quando chegámos à cidade e à íngreme
muralha, nos densos arvoredos à volta da cidade,
por entre os pântanos juncosos, nos deitámos perto
das muralhas. Sobreveio a noite, horrível, quando caiu
o Bóreas, gelada; de cima caiu a neve como geada,
fria, e formaram-se nos escudos cristais de gelo.
Ali todos tinham capas e túnicas, e dormiam
sossegados, com os escudos por cima dos ombros.
Mas eu, ao partir, deixara a capa junto dos companheiros —
imprevidente! É que não pensara que viria a sentir frio,
mas vim só com o escudo e com um cinto resplandecente.
Quando chegou a terceira parte da noite, volvidos os astros,
então falei a Odisseu, que estava perto de mim, dando-lhe
uma cotovelada; e ele de imediato ouviu com toda a atenção:

“Filho de Laertes, criado por Zeus, Odisseu de mil ardis!

Já não estarei por muito tempo entre os vivos, pois o frio
me mata! Não tenho capa: algum deus me ludibriou
para só vestir a túnica. Agora não há fuga possível."

Assim falei; e logo no espírito ele preparou um plano,
pois era homem para combater e para pensar.
Falando em voz baixa, assim me disse:
"Agora cala-te, para que nenhum dos Aqueus te oiça."
De seguida apoiou a cabeça no cotovelo e disse o seguinte:
"Escutai-me, amigos! Veio-me no sono um sonho dos deuses.
Demasiado nos afastámos das naus. Oxalá alguém
fosse dizer a Agamémnon, Pastor das Hostes,
que mandasse vir mais homens de junto das naus!"

Assim falou; e logo se levantou Toas, filho de Andrémon.
Atirou ao chão a capa cor de púrpura, e foi a correr
até às naus; e eu deitei-me na capa dele de bom grado,
até que surgisse a Aurora de trono dourado.
Quem me dera ser jovem e ter a força tão firme!
Algum dos porqueiros aqui na propriedade me daria uma capa,
por gentileza e por respeito para com um homem de bem.
Mas agora desconsideram-me por causa dos farrapos que visto.»

Foi então, ó porqueiro Eumeu, que lhe deste esta resposta:
«Ó ancião, é irrepreensível a história que contaste.
Não disseste palavra que estivesse fora do sítio ou fosse inútil.
Por isso não te faltará roupa ou qualquer outra coisa
daquilo que é justo um suplicante receber — pelo menos agora.
Amanhã de manhã terás de te haver com os teus farrapos.

Aqui não há muitas capas nem mudanças de túnica:
pois cada homem só tem uma roupa.
Mas quando voltar o filho amado de Odisseu,
ele te dará como roupa uma capa e uma túnica,
e providenciará o transporte para onde queira ir o teu coração.»

Assim falando, levantou-se e fez a cama para Odisseu
perto da lareira, atirando com peles de cabra e de ovelha.
Aí se deitou Odisseu; e sobre ele o porqueiro atirou
uma capa grande e grossa, que ele guardava como muda
de roupa, para o caso de surgir uma tempestade terrível.
Ali Odisseu dormiu, e os jovens dormiram ao seu lado.
Porém o porqueiro não gostava daquela cama, longe dos porcos,
mas preparou-se para sair; e Odisseu alegrou-se
por tão bem ele cuidar dos bens do amo ausente.
Primeiro pendurou dos ombros fortes uma espada afiada;
depois vestiu uma capa grossa, para se proteger do vento,
e pegou na pele de uma cabra grande e bem gorda.
Levou também uma lança afiada, para afastar cães e homens,
e foi dormir para o sítio onde dormiam os porcos de brancas presas,
debaixo de uma côncava rocha, que o protegia do vento.

Notas ao Canto 14

O cenário onde nos temos encontrado desde o início do poema tem oscilado, por um lado, entre grandes palácios (de Nestor, Menelau, Alcínoo) e o palácio quiçá mais modesto de Ítaca e, por outro lado, lugares altamente fantásticos, como as grutas do Ciclope e de Calipso ou os palácios de Circe e de Éolo. Passamos agora dessas paragens sublimes e fabulosas para o simples casebre de um porqueiro, onde quem oferece hospitalidade ao mendigo em que Odisseu se transformou não é um rei (Alcínoo), um deus (Éolo) ou uma deusa (Circe e Calipso), mas sim um escravo. É a partir do degrau mais baixo da sociedade itacense que Odisseu vai começar a sua ascensão, ao longo dos Cantos 14-22, até chegar, nos Cantos 23 e 24, ao topo da hierarquia da ilha, reavendo a sua posição de rei.

3*b*-4 «divino porqueiro […] divino Odisseu»: uma das demonstrações mais claras de que, no verso homérico, os epítetos são amiúde palavras de encher, cuja escolha depende exclusivamente da conveniência métrica.

7 «porqueiro»: o poeta da *Od*. usa duas palavras para «porqueiro»: esta (*subôtês*) é diferente da que lemos em 3 (*huphorbós*). A palavra *subôtês* é especialmente útil no final do verso, devido ao seu desenho rítmico U — —.

11 «estacas»: trata-se da palavra que ficará celebrizada no Novo Testamento (27 ocorrências) com o sentido de «cruz»: *staurós*.

18 «pretendentes semelhantes aos deuses»: mais um epíteto (*antítheos*) com o valor (ou não-valor) de palavra de encher. Ver Parry, *MHV*, pp. 122-123.

19-20 «porcos / cevados, cujo número era de trezentos e sessenta»: o verso 20 foi considerado espúrio por Zenódoto, embora se desconheça a razão da sua desconfiança. Talvez o número de 360 porcos lhe tivesse soado suspeito. O número de porcas, feitas as contas, dá 600. É difícil saber o que pensar desta suinicultura, descrita nestes termos, sobretudo se pensarmos que, para o poeta e seus ouvintes, o mais normal seria uma alimentação à base de cereais e vegetais, com carne somente em dias excecionais. O consumo superlativamente abundante de carne na *Il*. e na *Od*. é sobretudo projeção fantasiosa, inspirada pela carência. Sobre a alimentação na poesia homérica, ver as valiosas reflexões de C. Soares no seu ensaio «Pão e vinho sobre a mesa» (citado por extenso na Bibliografia do presente volume).

21 «quatro cães»: o poeta da *Od*. era alguém que claramente se interessava por cães. Já Wilamowitz, no século XIX, lhe chamou um *Hundefreund* («amigo de cães»: cf. *Homerische Untersuchungen*, p. 87). Telémaco, como vimos em 2.11, tem dois cães; os mesmos aparecerão em

17.62. Odisseu sabe perfeitamente como lidar com cães, pois no presente canto, em 30-36, ele reage de forma exemplar ao ataque destes quatro ferozes canídeos – os quais, no entanto, conhecem Telémaco, portanto não o atacam em 16.4-10, mas cumprimentam-no de forma tipicamente canina. Também à boa maneira dos cães, estes têm intuição paranormal: quando aparece a deusa Atena em 16.162-163, em vez de ladrarem ou de terem comportamentos agressivos, retiram-se a ganir para longe da presença divina. Numa categoria à parte, como toda a gente sabe, está o cão de Odisseu, que encontraremos em 17.291-327, «o cão mais famoso da história da literatura» (West, *Odyssey*, p. 55). Note-se, ainda, que o presente episódio, em que Odisseu é atacado pelos cães do porqueiro, galvanizou de tal modo a imaginação de um antigo biógrafo de Homero conhecido como Pseudo-Heródoto que, à guisa do que muitos séculos mais tarde seria feito por José Hermano Saraiva (que pensou poder reconstituir a biografia de Camões a partir dos versos do poeta), incluiu na sua *Vida de Homero* um episódio em que o poeta é atacado pelos cães de um cabreiro (ver M.L. West, *Homeric Hymns, Homeric Apocrypha, Lives of Homer*, Cambridge [Massachusetts], 2003, pp. 378-379).

22 «o porqueiro, Condutor de Homens»: ver 3*b*-4*.

36 «e assim falou ao amo»: como habitualmente, o poeta partilha a cumplicidade da ironia com os seus ouvintes/leitores, embora nem sempre na dose certa (ver nota seguinte).

40 «é por um amo igual aos deuses que choro»: logo no quarto verso que Eumeu profere no poema vem este jogo forçado assente no que foi dito na nota anterior.

43-44 «vagueia pelas terras e cidades de homens estrangeiros, / no caso de ainda ser vivo e contemplar a luz do Sol»: como veremos, neste canto Eumeu oscila, na caraterização que o poeta faz dele, entre acreditar na possibilidade da sobrevivência de Odisseu (145-147, 171-172, 371, 423-424) e estar convicto de que o amo morreu (89-90, 133-136, 167). Ver West, *Odyssey*, pp. 236-237.

48 «divino porqueiro»: ver 3*b*-4*.

55 «Foi então, ó porqueiro Eumeu, que lhe deste esta resposta». A mesma fórmula aparecerá mais vezes neste canto e, na *Od*. inteira, ocorre 14 vezes. Porquê o vocativo? Se é certo que percebemos a conveniência métrica de o verbo na 2.ª pessoa do singular «casar» melhor com um nome que começa por vogal ou ditongo (*pro-séphês Eumai*), porque a desinência de 2.ª pessoa termina em consoante e a 3.ª pessoa do singular poria vogais/ditongos em hiato, ao mesmo tempo não podemos dizer que a conveniência métrica seja absolutamente determinante, já que, em 18.283, o poeta permite aquilo que tenta evitar 14 vezes por meio desta fórmula. Também temos de pensar que, na *Il*., este tipo de frase, em que o poeta, pela voz do narrador do poema, se dirige à personagem no vocativo, ocorre com nomes que não começam nem por vogal nem por ditongo (o caso mais significativo é o de Pátroclo). O filho de Milman Parry, Adam Parry, tentou argumentar que a opção não se justifica apenas pela conveniência métrica, mas que é recurso expressivo no caso de Pátroclo e de Menelau na *Il*. No entanto, não conseguiu explicar que expressividade possa estar em causa no caso do porqueiro da *Od*., limitando-se a afirmar, que, no caso de Eumeu, «there is less to say» (cf. A. Parry, «Language and Characterization in Homer», *Harvard Studies in Classical Philology* 76 [1972], pp. 1-22, especialmente pp. 20-21).

61 «os novos»: o uso do artigo definido chama aqui a atenção para a composição tardia do verso.

68-69 «quem me dera que morresse Helena e toda / a sua laia, visto que os joelhos dissolveu a muitos homens»: sobre esta explosão misógina, lembremos o diferente entendimento do que aconteceu atribuído pelo poeta à própria Helena (4.261), que adscreve a culpa a Afrodite. Também Penélope vê a responsabilidade divina na Guerra de Troia (23.222). Helena e Penélope intuem a responsabilidade dos deuses no que aconteceu. Para o porqueiro, pelo contrário, à maneira típica da misoginia masculina na poesia grega arcaica, a culpa de tudo é da mulher. Cf. Semónides, fr. 7 West, 94-118:

> «Pois o maior flagelo que Zeus criou foi este:
> as mulheres. Se parecem úteis a quem as tem,
> a esse em especial acontece a desgraça.
> Quem vive com uma mulher nunca passa
> o dia inteiro bem-disposto […]
> Pois este é o maior flagelo que Zeus criou,
> agrilhoando-nos com correntes inquebrantáveis,
> desde o tempo em que Hades recebeu
> aqueles que combateram por causa de uma mulher.»

85-86 «Homens hostis e ímpios, que vão para uma terra / estrangeira, onde Zeus lhes concede despojos de piratas»: além de pouco versado no feminismo, o porqueiro também é fraco teólogo, já que estes versos vêm na sequência direta de ele ter afirmado «Os deuses bem-aventurados não gostam de atos injustos, / mas apreciam a justiça e as boas ações dos homens». Como pode, então, dizer que «Zeus concede» despojos de piratas a homens ímpios, que bem sabem que o são, pois «até esses sentem no espírito o medo da vingança divina» (88)?

90-91 «pois não querem / fazer a corte com justiça»: as palavras «com justiça» traduzem o advérbio *dikaíôs*, à letra «justamente», embora possa ter aqui o sentido «de acordo com o costume», o que implicaria talvez dizer que os pretendentes não oferecem os expectáveis presentes, mas em vez disso gastam o património de outrem. Sobre o problema dos presentes (ou falta deles), ver 11.116-117*.

97 «no escuro continente»: a situação de o rei de Ítaca ter gado no continente (100-102) é consentânea com o que lemos a propósito de Noémon em 4.634-637.

104 «rebanhos guardados por homens de confiança»: não é inteiramente verdade, pois o cabreiro-mor é o falsíssimo Melanteu (personagem que conheceremos mais à frente) e, em 17.246, é dito que os rebanhos são prejudicados por quem tinha a responsabilidade de velar por eles.

114 «palavras apetrechadas de asas»: ver 1.122*.

109-114 Estes versos são ambíguos porque os sujeitos dos verbos não estão identificados pelo nome (Odisseu ou Eumeu) em nenhum verso desta sequência. Percebemos que quem bebe o vinho «avidamente» (*harpaléôs*) a planear a desgraça dos pretendentes é Odisseu. Mas, depois, quem passa a taça a quem? «O grego é claríssimo» afirmou Dawe, com exagerado otimismo. «Odisseu come e bebe, depois enche a sua taça de vinho e, algo surpreendentemente, passa a taça a Eumeu, que a

toma, se alegra e começa, segundo nos informa o verso 114, a falar. Só que no verso 115 descobrimos que quem fala não é Eumeu, mas sim Odisseu» (Dawe, p. 536).

121 «porqueiro, Condutor de Homens»: ver 3*b*-4*.

141 Eumeu afirma neste verso que foi criado pelos seus próprios pais, mas em 15.365 dirá que foi criado por Anticleia, mãe de Odisseu.

147 «Chamo-lhe amigo honrado»: a palavra para «amigo» (*êtheîos*) chama aqui a atenção, pois, embora ocorra na *Il*. (curiosamente sempre num contexto em que um irmão fala de outro irmão: Páris/Heitor, Agamémnon/Menelau), esta é a sua única ocorrência na *Od*.

154 Verso omitido num papiro helenístico e na maior parte dos manuscritos, colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

156 «Como os portões do Hades me é odioso aquele homem»: na *Il*. (9.312-313), Aquiles diz «como os portões do Hades me é odioso aquele homem / que esconde uma coisa na mente, mas diz outra». Estes versos, na boca de Aquiles, são uma «indireta» dirigida como farpa à pessoa diante de quem ele os profere: Odisseu. Nesta passagem da *Od*., 156 é igual a *Il*.9.312 e funciona quase como uma *private joke* «intra-homérica», já que o Odisseu da *Od*. está a usar palavras ditas contra o Odisseu da *Il*., só que agora em sua própria defesa.

161 «No decurso desta luz que passa»: a palavra que sugeriu esta tradução é *lukábas*, cuja etimologia é desconhecida, e para a qual já foram propostos os significados de «ano» e de «mês» (LSJ). Ver H. Koller, «Lukábas», *Glotta* 51 (1973), pp. 29-34.

171-172 «que Odisseu possa regressar / como eu o desejo»: quatro versos antes (167), o mesmo Eumeu dissera «nem a casa regressará Odisseu».

172 «Laertes»: em 15.348-350, Odisseu diz não saber se Laertes ainda é vivo. Ver 11.152-224*.

180-181 «Agora os orgulhosos pretendentes / o esperam numa emboscada»: não deixa de ser espantoso Eumeu saber da emboscada dos pretendentes, atendendo a que, em 372-373, ele dirá que raramente vai à cidade. Tal como em 13.425-426, Odisseu reage com fleuma total (na verdade, nem reage!) a esta informação bombástica.

182 «Arcésio»: pai de Laertes (que será ainda mencionado em 16.118).

187-190 = 1.170-173.

192 «Dir-te-ei então estas coisas com toda a sinceridade»: a expressão *mál' atrekéôs* («com toda a sinceridade») é naturalmente o mote para a seguir vir uma torrente de mentiras, começando, previsivelmente, com a declaração de naturalidade cretense (ver 13.256*).

202-203 «concubina / comprada»: em grego, *ônêtê pallakís*; por outras palavras, escrava.

204 «Castor, filho de Hílax»: a palavra grega *kástôr* pode significar, como em português, o animal «castor». E «Hílax» significa «Aquele-Que-Ladra».

214 «o restolho»: em grego, *kalámê*. A singularidade desta imagem chamou a atenção de Aristóteles (*Retórica* 1410b 14).

222-225 «nunca gostei da lavoura, / nem de cuidar da casa onde são criados ótimos filhos; / gostei sempre de naus com remos, de guerras, / de lanças polidas e de setas – coisas terríveis»: o que é mais incrível para a nossa sensibilidade contemporânea é que estes versos (definidores do que se chama hoje «masculinidade tóxica») funcionem como autoelogio!

243 «Zeus congeminara algo de terrível»: no entanto, em 245-246 é dito «para o Egito / quis o meu coração navegar». Donde vem a motivação? De Zeus ou do livre-arbítrio humano? Note-se que quando, em 17.424, é referida a mesma história (ou uma história muito parecida), só Zeus é «a força motivadora» (Dawe, p. 542).

250-251 «eu lhes dei muitas vítimas / para oferecerem aos deuses e para lhes servirem de refeição»: uma das explicitações mais claras na poesia homérica do porquê dos sacrifícios aos deuses: a obtenção de carne para consumo humano.

257-258 «Egito»: muitas vezes, como aqui, sinónimo de «Nilo».

264-265 «levando as mulheres e as crianças ainda pequenas / e matando os homens»: banal comportamento «heroico» (cf. 9.40-41), mas a diferença é que aqui lemos a expressão «cedendo à insolência [*húbris*]», o que parece denotar uma consciência ética ausente do ideário heroico da *Il*. e da *Od*. (a não ser que *húbris* seja aqui tomado na aceção de «excesso de confiança» [*Übermut* , em alemão] pelo facto de não terem sido medidas as consequências, vindo logo no encalço da matança de homens e da escravização de mulheres e de crianças «um pânico vil», de resto lançado por Zeus, face à retaliação inesperada do rei egípcio).

273 «No meu espírito o próprio Zeus colocou este pensamento»: Zeus está muito ativo a puxar os cordelinhos das ações humanas nesta passagem: cf. 268 e 284.

285-286 «muita riqueza acumulei / entre os Egípcios, pois todos me ofereceram presentes»: não há dúvida de que, moralmente, os Egípcios saem muito enaltecidos nesta história, atendendo à chacina e à tentativa de escravização antes referidas.

289 «meliante»: em grego, *trôktês*, do verbo *trôgô* («mordiscar»). O sentido da palavra é incerto, mas talvez signifique «meliante» ou «ladrão», já que na comédia *Acarnenses* de Aristófanes (258) o verbo *peritrôgô* tem o sentido de «roubar». Dawe (p. 543) sugere «doninha» (curiosamente, no passo dos *Acarnenses* referido, não é impossível um jogo de palavras com «doninhas», explicitamente mencionadas em 255). Os Fenícios serão referidos de novo como «meliantes» (usando a mesma palavra) em 15.416. Sobre a visão negativa dos Fenícios, ver 13.150-151*.

290-292 «a ponto de partirmos / para a Fenícia, onde ele tinha a sua casa e os seus bens. / Ali permaneci com ele durante um ano inteiro»: nesta primeira fase do relacionamento entre o pretenso «cretense» e o meliante fenício, parece que tudo acontece de livre acordo; mas depois temos a enigmática expressão «à força» (*anánkêi*), que não é explicada. Como prevaleceu o fenício sobre este suposto cretense? «À força» significa que foi acorrentado? Em 297, o «cretense» diz que o queriam vender «por um bom preço»; também em 20.383 se falará em vender «por um bom preço» dois homens adultos, um dos quais Odisseu, apesar do seu aspeto de velho mendigo. Estas referências à venda como escravos de homens adultos (e, neste caso, já idosos) deixam mais por dizer do que

aquilo que, de facto, dizem. Nunca chegamos a vislumbrar o que será esse «bom preço» por um homem adulto, ao contrário da venda de mulheres ou de rapazes de classe alta (ver 1.431*).

311 «terrífico mastro»: o adjetivo traduzido por «terrífico» (*amaimáketos*) é de sentido incerto e, na *Od*., ocorre só aqui. Na *Il*., é usado duas vezes, aplicado à Quimera (*Il*.6.179; 16.329).

315 «uma onda enorme me arrastou até à terra dos Tesprócios»: não é segura a identificação geográfica da Tesprócia aqui mencionada, mas é vista como não distando muito de Ítaca (cuja localização, como sabemos, também é incerta) . Mas, partindo do princípio de que a Tesprócia fica algures não muito longe de Ítaca, como chegou este «cretense» a essa zona, embarcado numa nau que ia da Fenícia para a Líbia, soprando, ainda para mais, uma forte nortada (299)?

317 «gratuitamente»: trata-se do advérbio *apriátên*. Dawe (p. 545) interpreta o vocábulo como significando «grátis»; ou seja, Fídon, rei dos Tesprócios, deu guarida a este «cretense» sem exigir pagamento. Em *Il*.1.99, com referência a Criseida, o sentido também é «gratuitamente».

327 «Dodona»: famoso centro oracular, perto da moderna cidade de Ioánina. Este topónimo ocorrerá ainda em 19.297. Na *Il*., também só há duas referências a Dodona: *Il*.2.750; 16.234.

335 «Dulíquio»: outro topónimo controverso. Em 1.246 e 9.24 aparecera como nome de uma ilha. O que se poderá entender aqui por «Dulíquio» não é claro. Note-se que, na *Il*., o rei de Dulíquio chamava-se Meges – e não Acasto (*Il*.2.627).

340 «logo congeminaram o dia da minha escravização»: qualquer coisa neste velho mendigo despertava os instintos esclavagistas de quem com ele contactava – mas o que seria?

345-346 «amarraram-me na nau bem construída / com uma corda torcida»: uma explicação para a expressão «à força» que comentámos em 290-292*?

350 «prancha»: a palavra traduzida por «prancha» (*ephólkaion*) só ocorre aqui em toda a literatura grega. Naturalmente, o seu sentido é muito incerto.

353 «bosque»: em grego, *dríos* (ocorrência única na poesia homérica).

363-364 Na reação de Eumeu, foi observado por B. Fenik que o porqueiro acredita em todas as mentiras que compõem o discurso que acabou de ouvir. A única coisa em que não acredita é a única verdade que foi proferida (cf. B. Fenik, *Studies in the Odyssey*, Wiesbaden, 1974, p. 170).

368-371 = 1.238-241.

382 «Afirmou que vira Odisseu em casa de Idomeneu, em Creta»: até o fraudulento etólio acolhido pelo porqueiro estava fixado na ilha de Creta.

395-400 As alternativas propostas por Odisseu disfarçado são hiperbolicamente extremadas: por um lado, se tiver razão, uma capa e uma túnica e a viagem para a vizinha Dulíquio; se não tiver, o castigo horripilante de ser atirado para a morte de uma grande altura. Claro que, sendo o assunto em relação ao qual as alternativas se põem o regresso de Odisseu – e sendo ele próprio Odisseu –, a hipótese negativa proposta torna-se anedótica.

412 «indizível foi o alarido dos porcos ao serem encurralados»: o adjetivo grego traduzido por «indizível» é *áspetos*, que na *Il*. é aplicado a várias coisas magníficas (desde o éter à corrente do

Oceano) e, mais tarde, será aplicado pelo poeta-filósofo Empédocles ao tempo (*aiôn*). Aqui, é aplicado àquilo que West (*Odyssey*, p. 238) designou «much oinking and squealing».

414 «Trazei o melhor porco»: em 80, Odisseu e Eumeu tinham comido um repasto de leitão. A conversa desenrolou-se ao longo de uns 200 e tal versos e agora está na hora de fazer seguir à refeição de leitão uma refeição de churrasco de porco. Dizem os entendidos de suinicultura que «cinco anos» (419) não é uma idade em que a carne de um porco esteja especialmente boa (Dawe, p. 549). O modo de descrever o abate levanta algumas dúvidas, sobretudo o facto de se dizer que «a alma do porco deixou-o» (427) depois de ter levado uma marretada com um pau de carvalho, antes mesmo de ser degolado.

434 «sete doses»: em 26, foram referidos três tratadores de porcos (o quarto foi para a cidade); portanto, com Odisseu e Eumeu, são cinco pessoas «à mesa». Se uma dose é oferecida às Ninfas e a Hermes, para quem é a sétima dose?

440 «ó Eumeu»: o porqueiro não estranha o facto de o hóspede mendigo saber o seu nome, apesar de ele não lho ter dito.

449 «Mesáulio»: esta personagem, que tem aqui a sua única aparição na *Od.*, é escravo do escravo, comprado «com o seu próprio dinheiro» (452) sem conhecimento de Penélope e de Laertes (porquê sem conhecimento deles? Eles desaprovariam uma tal situação? Não nos é dito). Não estamos suficientemente bem informados sobre esta estratificação do escravismo, em que um escravo podia ser, ele próprio, em ponto pequeno, um escravocrata.

457 «Zeus choveu toda a noite»: recorde-se o que se disse sobre a identificação da altura do ano (novembro?) em 5.272-273*.

463-466 A descrição que Odisseu faz da embriaguez, para lá da sua verosimilhança empírica, chama a atenção pelo adjetivo *êleós* («palerma»), que tem aqui a sua única ocorrência na poesia homérica.

508 «Ó ancião, é irrepreensível a história que contaste»: não é esta a opinião dos linguistas, que encontram na história da capa vários defeitos de morfologia (Shipp, *Studies*, p. 340).

514 «cada homem só tem uma roupa»: afirmação que será depressa contraditada em 520-522.

515-517 Versos omitidos em muitos manuscritos e colocados entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

521-530 Encontramos aqui de novo uma série de curiosidades morfológicas no texto grego, elencadas por Shipp (*Studies*, p. 341).

Canto 15

Porém Palas Atena foi até à ampla Lacedemónia,
para lembrar ao brilhante filho do magnânimo Odisseu
o regresso do pai e para o incitar a pôr-se a caminho.
Encontrou Telémaco e o glorioso filho de Nestor
a dormir no pátio do famoso Menelau,
mas só o filho de Nestor estava vencido pelo sono suave.
Não se apoderara o doce sono de Telémaco, mas ao longo
da noite imortal a preocupação pelo pai o mantinha acordado.
De pé junto dele, assim falou a deusa de olhos garços Atena:

«Telémaco, não te fica bem estares longe de casa por mais tempo,
deixando para trás no teu palácio riquezas e homens tão
insolentes, não vão eles dividir e devorar todos os teus haveres,
ao mesmo tempo que terás feito uma viagem em vão.
Mas pede agora a Menelau, Excelente em Auxílio, para te pôr
a caminho, para ainda encontrares em casa tua mãe irrepreensível.
Já o pai e os irmãos a pressionam a casar-se
com Eurímaco: pois ele supera todos os outros pretendentes
nos presentes que oferece e já aumentou o valor dos dons nupciais.

Cuida que do palácio ela não leve algum objeto, à tua revelia.
Pois sabes como é o coração no peito de uma mulher:
quer favorecer a casa daquele que a quis desposar;
mas dos filhos do anterior casamento e do marido
já não quer saber, depois que morreu, nem por ele pergunta.
Mas vai tu agora pôr os teus bens sob a alçada
daquela dentre as tuas escravas que te parecer a melhor,
até que os deuses te indiquem uma esposa radiante.

E outra coisa te direi, e tu guarda-a no coração:
entre os pretendentes há certos nobres que de propósito
te estão a fazer uma emboscada entre Ítaca e Samos rochosa,
desejosos de te matar, antes que chegues à pátria amada.
Mas não julgo que tal aconteça: antes disso terá a terra coberto
alguns dos pretendentes, que os bens te devoram.
Longe das ilhas mantém a nau bem construída
e navega também de noite: enviar-te-á um vento favorável
aquele dentre os imortais que te guarda e te estima.
Quando chegares à primeira praia de Ítaca,
manda a nau e toda a tripulação para a cidade.
Mas tu deverás em primeiro lugar visitar o porqueiro,
que trata dos teus porcos e que muito te estima.
Aí fica de noite; depois manda-o à cidade
para levar a notícia à sensata Penélope
de que estás salvo e chegaste bem de Pilos.»

Assim dizendo, subiu para o alto Olimpo.
Telémaco acordou do sono suave o filho de Nestor
com um movimento do seu pé, e assim lhe disse:

«Acorda, Pisístrato, filho de Nestor, e traz os cavalos de casco
não fendido e atrela-os ao carro, para nos pormos a caminho.»

A ele deu resposta Pisístrato, filho de Nestor:
«Telémaco, por muito que queiramos, não podemos
viajar pela escuridão da noite; mas em breve virá a Aurora.
Espera até que com presentes para pôr no carro
chegue o filho de Atreu, o famoso lanceiro Menelau,
que com palavras amáveis se despedirá de nós.
Daquele se lembra sempre o hóspede todos os seus dias:
do homem hospitaleiro, que o tenha recebido com gentileza.»

Assim falou; e logo surgiu a Aurora do trono dourado.
Ao pé deles chegou então Menelau, Excelente em Auxílio,
levantando-se da cama, de junto de Helena de belos cabelos.
Quando o querido filho de Odisseu viu Menelau,
apressou-se a vestir uma túnica luzente e a atirar
uma grande capa em torno dos fortes ombros;
depois foi para a porta e, colocando-se perto de Menelau,
assim lhe disse Telémaco, querido filho do divino Odisseu:

«Atrida Menelau, criado por Zeus, Condutor das Hostes!
Já é altura de nos mandares para a nossa pátria amada.
Na verdade já o meu coração deseja regressar a casa.»

A ele deu resposta Menelau, Excelente em Auxílio:
«Telémaco, não serei eu a reter-te aqui por muito tempo,
se desejas regressar; censuro antes o homem que,
como anfitrião, ama os hóspedes em demasia, ou então

em demasia os odeia: o melhor em tudo é a moderação.
Fica igualmente mal incitar a partir um hóspede
que não quer regressar, como reter quem deseja partir.
Deve estimar-se o hóspede quando está presente,
74*b* e mandá-lo embora quando quer partir.
75 Mas espera até que eu traga belos dons para pôr no carro,
para os veres com teus olhos; direi também às escravas para no palácio
prepararem um jantar com aquilo que lá existe em abundância.
Vantagem dupla — fama, glória e proveito — traz, a quem viaja,
jantar antes de percorrer a terra vasta e ilimitada.
80 Mas se quiseres viajar pela Hélade até meio de Argos,
para que eu possa ir contigo, atrelarei para ti os cavalos
e conduzir-te-ei às cidadelas dos homens; e ninguém
nos porá a caminho de mãos vazias, mas algo nos darão
para levarmos: uma bela trípode de bronze ou uma caldeira;
85 uma parelha de mulas ou uma taça dourada.»

A ele deu resposta o prudente Telémaco:
«Atrida Menelau, criado por Zeus, Condutor das Hostes!
Desejo agora regressar ao que é meu: pois não deixei,
ao partir, ninguém para velar pelos meus haveres;
90 e receio que na demanda de meu pai divino eu pereça,
ou que do meu palácio se perca algum tesouro valioso.»

Quando isto ouviu Menelau, Excelente em Auxílio,
imediatamente ordenou à sua esposa e às escravas que no palácio
preparassem um jantar com aquilo que lá existia em abundância.

Dele se acercou Eteoneu, filho de Boétoo, que acabara
de se levantar da cama, pois não vivia longe dali.
Menelau, Excelente em Auxílio, ordenou-lhe que fizesse lume
e que assasse carne; ele ouviu e não desobedeceu.
Quanto a Menelau, foi para a perfumada câmara de tesouro,
mas não foi sozinho: com ele foram Helena e Megapentes.
Quando chegaram à sala onde jaziam os tesouros,
pegou o Atrida numa taça de asa dupla e disse ao filho,
Megapentes, que trouxesse uma bacia de prata.
Helena estava junto às arcas, onde se encontravam as vestes
de trabalho matizado, que ela própria fizera.
Uma destas tirou Helena, divina entre as mulheres:
a que era mais bela, mais variegada e mais ampla;
refulgia como um astro, por baixo das outras vestes.
Foram depois pelo palácio, até chegarem onde estava
Telémaco; a ele disse então o loiro Menelau:

«Telémaco, que um regresso, como no espírito o desejas,
te conceda Zeus, o esposo tonitruante de Hera.
Dos presentes que jazem como tesouros na minha casa,
dar-te-ei o que é mais belo e mais precioso:
dar-te-ei uma taça cinzelada, toda feita de prata,
mas os rebordos são trabalhados com ouro,
obra de Hefesto. Deu-ma o herói Fédimo,
rei dos Sidónios, quando a casa dele me acolheu,
a mim que por lá viajava. Agora quero dar-ta a ti.»

Assim falando, o herói Atrida lhe colocou nas mãos
a taça de asa dupla; e o forte Megapentes trouxe

a bacia refulgente de prata e pô-la diante dele.
E aproximou-se Helena de lindo rosto, segurando
nas mãos a veste; e falando assim lhe dirigiu a palavra:

«A ti, querido filho, ofereço este presente, recordação
das mãos de Helena, para no dia do teu desejado casamento
a tua noiva vestir. Que até lá a veste seja guardada no palácio
pela tua mãe amada. Quanto a ti, que chegues bem
à tua bela casa e à tua terra pátria.»

Assim falando, pôs-lhe a veste nas mãos; e ele a recebeu, feliz.
No carro arrumou os presentes o herói Pisístrato,
olhando para tudo, maravilhado no seu coração.
Em seguida levou-os para a casa o loiro Menelau
e ambos se sentaram em leitos e tronos.
Uma escrava trouxe água para as mãos num jarro,
belo e dourado, e verteu<-a> por cima de uma taça prateada,
para eles se lavarem; e perto colocou uma mesa polida.
Uma venerável governanta veio trazer-lhes o pão,
dispondo iguarias abundantes, favorecendo<-os> com o que havia.
O filho de Boétoo trinchou e repartiu a carne;
foi o filho do famoso Menelau que serviu o vinho.
Lançaram mão às iguarias que tinham à sua frente.
E quando afastaram o desejo de comida e de bebida,
Telémaco e o belo filho de Nestor atrelaram
os cavalos e subiram para o carro embutido.
Saíram pelo portão do pátio ecoante.
Atrás deles veio o loiro Menelau, filho de Atreu;

trazia na mão direita uma taça dourada com vinho doce,
para verterem uma libação antes de partirem.
Diante dos cavalos brindou-os e disse:

«Sede felizes, jovens! E levai a Nestor, Pastor de Povos,
a minha saudação; pois para mim ele foi como um pai,
quando em Troia combatíamos, nós, os filhos dos Aqueus.»
A ele deu resposta o prudente Telémaco:
«Tudo lhe contaremos, como dizes, ó tu criado por Zeus,
quando lá chegarmos. E quem me dera que
ao chegar a Ítaca eu encontrasse Odisseu em sua casa!
Contar-lhe-ia como recebi tanta gentileza da tua parte,
além de muitos tesouros — muitos e valiosos.»

Enquanto falava voou do lado direito uma ave:
uma águia, segurando nas garras um monstruoso ganso branco,
ave amestrada do pátio; e seguiam atrás gritando
homens e mulheres. A águia voou perto deles, mas depois
foi para a direita, diante dos cavalos. E eles à sua vista
se regozijaram; todos se alegraram no espírito.
Para eles tomou a palavra Pisístrato, filho de Nestor:
«Diz agora, ó Menelau criado por Zeus, Condutor das Hostes,
se foi para ti, ou para nós dois, que o deus enviou o portento.»

Assim falou; e Menelau, caro a Ares, refletiu sobre
como poderia com compreensão interpretar o portento.
Mas quem tomou a palavra foi Helena, de longos vestidos:

«Ouvi-me! Interpretarei o oráculo com a inspiração que no espírito
me lançarem os imortais, tal como penso poder vir a cumprir-se.
Tal como a águia, vinda da montanha, onde nasceu e deixará
descendência, arrebatou o ganso criado em casa —
assim Odisseu, após muitos sofrimentos e errores,
regressará a casa para lá se vingar; ou então já regressou
a casa, onde semeia já a desgraça para todos os pretendentes.»

A ela deu resposta o prudente Telémaco:
«Que assim queira Zeus, o esposo tonitruante de Hera.
Então eu te dirigiria preces, como se fosses uma deusa.»

Assim falou; e os cavalos incitou com o chicote, que depressa
se lançaram pela planície, correndo através da cidade.
E todo o dia sacudiram o jugo que tinham ao pescoço.
O Sol pôs-se e escuros ficaram todos os caminhos.
Chegaram a Feras, a casa de Díocles,
filho de Ortíloco, a quem gerara Alfeu.
Aí passaram a noite e ele deu-lhes hospitalidade.

Quando surgiu a que cedo desponta, a Aurora de róseos dedos,
atrelaram os cavalos e subiram para o carro embutido.
Saíram dos portões e do pórtico retumbante.
Com o chicote incitou os cavalos, que não se recusaram a correr.
Depressa chegaram à íngreme cidadela de Pilos;
e então disse Telémaco ao filho de Nestor:

«Filho de Nestor, poderias fazer e cumprir um favor

que te peço? Pois declaramos a nossa amizade pela amizade
dos nossos pais; além disso somos da mesma idade.
Esta viagem nos unirá ainda mais em igual entendimento.
Não me leves à nau, ó tu criado por Zeus, mas deixa-me aqui,
para que o ancião teu pai me não retenha à minha revelia
no palácio, desejoso de ser amável: rapidamente tenho de partir.»

Assim falou; e o filho de Nestor deliberou no seu coração
como poderia com lealdade fazer e cumprir o favor.
Enquanto pensava, foi isto que lhe pareceu mais proveitoso:
guiar os cavalos para a nau veloz e para a orla do mar.
Na proa da nau colocou os belíssimos presentes,
as vestes e o ouro, que oferecera Menelau.
Encorajando Telémaco, proferiu palavras apetrechadas de asas:

«Apressa-te agora a embarcar com todos os companheiros,
antes que eu chegue a casa e tudo conte ao ancião.
Pois conheço-lhe bem tanto o coração como o espírito:
sente tudo com tanta força que não te deixará partir,
mas aqui virá em pessoa para te buscar; e não julgo que
em vão voltará para trás; zangado, sim, de toda a maneira!»
Assim falando, guiou os cavalos de belas crinas
para a cidade de Pilos e depressa chegou ao palácio.
Mas Telémaco incitou os companheiros, dizendo-lhes:
«Ponde todo o equipamento, ó companheiros, na escura nau
e embarcai, para que prossigamos a nossa viagem.»
Assim falou; eles ouviram e logo obedeceram.
Embarcaram rapidamente e sentaram-se aos remos.

Enquanto assim se esforçava e rezava, oferecendo a Atena
um sacrifício junto da proa, aproximou-se dele um homem
de uma terra longínqua, fugitivo de Argos por ter matado outro.
Era vidente e descendia da linhagem de Melampo,
que habitara outrora em Pilos mãe de muitos rebanhos;
homem rico, que em Pilos vivera à grande num palácio.
Viera ter depois a terra estrangeira, fugindo da pátria
e do magnânimo Neleu, o mais nobre de todos os homens,
que durante um ano lhe reteve à força uma grande fortuna.
Entretanto Melampo jazia no palácio de Fílaco, preso
com correntes amargas, sofrendo dores ingentes
por causa da filha de Neleu e da grave loucura
que no espírito lhe pusera a deusa, a áspera Erínia.
Mas ele fugira à desgraça e conduzira de Fílace os bois
de profundos mugidos para Pilos, fazendo incidir a vingança
sobre o divino Neleu pelo ato sem vergonha; e trouxe
para casa a donzela para esposa do irmão. Pela sua parte,
foi para outra terra, para Argos apascentadora de cavalos.
Pois aí estava destinado que vivesse, reinando sobre os Argivos.
Aí desposou uma mulher e construiu um alto palácio.
Gerou Antífates e Mâncio, fortes mancebos.
Antífates gerou o magnânimo Óïcles;
e Óïcles gerou Anfiarau, Incitador das Hostes,
que no coração amaram Zeus, Detentor da Égide, e Apolo,
com todo o género de amor; mas não chegou ao limiar da velhice,
pois morreu em Tebas, por causa dos dons de uma mulher.

Foram seus filhos Alcméon e Anfíloco.

Pela sua parte, Mâncio gerou Polifides e Clito.
Ora Clito foi arrebatado pela Aurora de trono dourado,
por causa da sua beleza, para que vivesse com os imortais.
Mas Apolo fez um vidente do excelente Polifides,
o melhor de todos os mortais, depois da morte de Anfiarau.
Mudou-se para Hiperésia, desentendido com o pai:
aí viveu e profetizava para todos os mortais.

Era pois o filho deste, Teoclímeno de seu nome,
que de Telémaco se aproximara. Encontrou-o
vertendo libações e rezando junto da escura nau veloz
e falando dirigiu-lhe palavras apetrechadas de asas:

«Amigo, visto que te encontro a sacrificar neste lugar,
suplico-te pela oferta e pelo deus, e ainda pela tua cabeça
e pela cabeça dos companheiros que te seguem!
Diz-me com verdade o que te pergunto, sem nada ocultares:
quem és? Onde é a tua cidade? Quem são teus pais?»

A ele deu resposta o prudente Telémaco:
«Falar-te-ei, ó estrangeiro, com toda a verdade.
Nasci em Ítaca e meu pai é Odisseu — se alguma vez
existiu, pois pereceu devido a um destino amargo.
Por sua causa aqui vim com os companheiros e a escura nau,
para me informar sobre o pai há muito desaparecido.»

Então lhe deu resposta o divino Teoclímeno:
«De igual modo estou eu longe da pátria, porque matei
um parente: muitos irmãos tem ele e familiares em Argos

apascentadora de cavalos, eles que regem os Aqueus.
É para escapar da morte às suas mãos e à negra desgraça
que fujo, uma vez que é meu destino errar entre os homens.
Mas leva-me na tua nau, já que na minha fuga te supliquei,
para que eles me não matem: julgo que estou a ser perseguido.»
A ele deu resposta o prudente Telémaco:
«A ti, que queres embarcar, de forma alguma afastarei da nau:
vem connosco e serás bem tratado, com aquilo que tivermos.»

Assim falando, dele recebeu a lança de bronze,
e deitou-a no convés da nau recurva.
Ele próprio embarcou na nau preparada para o alto-mar.
Em seguida sentou-se na popa, e junto dele
se sentou Teoclímeno. A tripulação largou as amarras.
E Telémaco chamou os companheiros, incitando-os
a manejar os instrumentos náuticos; eles seguiram a sua voz.
Levantaram o mastro de pinheiro para a sua posição
e ajustaram-no com cordas na concavidade própria;
alçaram também a vela com correias torcidas de cabedal.
Enviou-lhes um vento favorável a deusa de olhos garços Atena,
soprando impetuosamente através do ar, para que depressa
a nau fizesse o seu percurso pela água salgada do mar.
Navegaram junto a Crouno e Cálcis de belas correntes.

O Sol pôs-se e escuros ficaram todos os caminhos.
A nau chegou a Feas, propulsionada pelo vento de Zeus;
passou ao longo da Élide divina, onde reinam os Epeios.
Dali Telémaco apontou na direção das Ilhas Pontiagudas,
refletindo se iria escapar à morte, ou se seria tomado.

Porém no casebre Odisseu e o divino porqueiro
jantavam; e com eles jantavam os outros homens.
Quando afastaram o desejo de comida e de bebida,
entre eles falou Odisseu para pôr à prova o porqueiro:
queria ver se com gentileza o convidaria a ficar
ali na propriedade, ou se o enxotaria para a cidade.

«Ouve-me agora, Eumeu, e vós outros companheiros!
Ao romper do dia quero ir para a cidade mendigar,
para não te causar despesa, nem aos teus companheiros.
Dá-me bons conselhos e manda comigo um guia,
que até lá me conduza; depois através da cidade irei sozinho
necessariamente; talvez alguém me dê uma côdea ou de beber.
E chegando ao palácio do divino Odisseu,
talvez contaria as minhas notícias à sensata Penélope,
imiscuindo-me entre os arrogantes pretendentes,
para ver se me darão de jantar, pois comida não lhes falta.
Poderia logo começar a servi-los naquilo que quisessem.
Pois isto te direi: tu ouve e presta atenção:
graças a Hermes mensageiro, que aos trabalhos
de todos os homens dá fama e beleza, quando se trata
de servir, não há mortal que comigo se compare,
pois sei bem fazer o lume e sei rachar lenha;
sei assar e trinchar a carne; sei servir o vinho: conheço
todo o serviço que os inferiores prestam aos nobres.»

Foi então, ó porqueiro Eumeu, que, comovido, lhe disseste:
«Ai de mim, estrangeiro, porque veio tal pensamento
ao teu espírito? Deves desejar muito lá morrer,

se te queres misturar com os pretendentes,
cuja violência e arrogância chega ao férreo céu!
Os criados deles não são como tu, mas são
rapazes novos, bem vestidos com capas e túnicas,
sempre gordurosos nas cabeças e de rostos bonitos:
são estes que os servem. E as mesas polidas
estão repletas de pão, carne e vinho.
Não, fica aqui. Ninguém se incomoda com a tua presença,
nem eu, nem nenhum dos companheiros, que comigo vivem.
Mas quando voltar o filho amado de Odisseu,
ele te dará como roupa uma capa e uma túnica,
e providenciará o transporte para onde queira ir o teu coração.»

A ele deu resposta o sofredor e divino Odisseu:
«Prouvera, ó Eumeu, que do mesmo modo a Zeus pai fosses caro
como a mim, porque cerceaste meus errores e dores amargas.
Para os mortais nada é pior que não ter onde dormir;
contudo por causa do estômago maldito muitos homens sofrem
desgraças, quando se lhes impõe a errância, a tristeza e a dor.
Mas agora, visto que me dizes para aguardar o teu amo,
fala-me pois da mãe do divino Odisseu
e do pai, que ele deixou para trás no limiar da velhice:
será que ainda vivem sob os raios do Sol,
ou já morreram e na mansão de Hades estão agora?»

A ele deu resposta o porqueiro, Condutor de Homens:
«A ti, estrangeiro, falarei sem rodeios.
Laertes ainda vive, mas a Zeus reza sempre

que do corpo lhe destrua a vida, lá no seu palácio.
Pois muito chora ele pelo filho ausente e pela sagaz esposa legítima,
cuja morte mais que qualquer outra coisa o entristeceu
e trouxe até à velhice prematura.
Mas ela morreu de tristeza pelo seu filho glorioso,
de morte tão dolorosa que assim não morra ninguém
que aqui viva como amigo ou que seja amável para comigo.
Enquanto ela era viva, embora muito combalida,
era-me agradável ir até lá perguntar por ela,
porque me criara juntamente com Ctímene de longos vestidos,
sua robusta filha, que deu à luz como a mais nova dos seus filhos.
Com ela fui criado, e pouco menos a mãe me honrava.
Mas quando chegámos ambos à bela flor da juventude,
deram-na para Same e muito receberam <por ela>;
mas a mim deu como roupa uma capa e uma túnica,
lindas vestes, e deu-me também sandálias para os pés.
Mandou-me trabalhar para o campo; porém no seu coração
mais ainda me estimava. Agora já não tenho estas coisas,
mas os deuses bem-aventurados fazem prosperar o que faço:
disso tenho comido, bebido e oferecido a quem merece.
Da rainha é que não é possível ouvir palavra doce,
ou ato, desde que a desgraça se abateu sobre a casa.
Homens insolentes! Mas os escravos desejam muito
falar na presença da rainha e informar-se de tudo:
gostariam de comer e beber e depois alguma coisa levar
de volta para o campo, coisa que sempre alegra os escravos.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Ah, como devias ser jovem, ó porqueiro Eumeu,
quando para tão longe foste apartado da tua pátria e dos teus pais.
Mas diz-me agora tu com verdade e sem rodeios:
terá sido saqueada uma cidade de amplas ruas, habitada
por homens, onde viviam teu pai e tua excelsa mãe?
Ou quando estavas só com as ovelhas ou com os bois
ter-te-ão homens hostis raptado e trazido nas suas naus
para o palácio deste amo, que por ti pagou um bom preço?»

A ele deu resposta o porqueiro, Condutor de Homens:
«Estrangeiro, visto que me perguntas estas coisas,
fica agora em silêncio e deleita-te, bebendo o teu vinho
sentado. As noites são maravilhosamente longas e existe
o momento certo para dormir e para ouvir; nem tu precisas,
antes da hora certa, de te deitares: o sono excessivo faz mal.
Quanto aos outros, que aquele cujo coração assim lhe mandar
vá dormir; e que logo ao amanhecer do dia
almoce e siga para as pastagens os porcos do amo.
Nós dois ficaremos no casebre a comer e a beber
e a alegrarmo-nos com os sofrimentos um do outro,
recordando-os: na verdade compraz-se com as suas dores
o homem que muito tenha sofrido e vagueado.
Dir-te-ei então aquilo que perguntaste e quiseste saber.
Existe uma ilha com o nome de Síria, se é que ouviste falar dela:
fica mais acima de Ortígia, onde se situam as viragens do Sol.
Não é uma ilha populosa, mas mesmo assim a terra é boa:
rica em manadas, em rebanhos, em vinho e em trigo.

A fome nunca assola o povo, nem se abate qualquer outra
doença odiosa sobre os desgraçados mortais;
mas quando envelhecem na cidade as raças dos homens,
chega Apolo do arco de prata juntamente com Ártemis
e visitando-os com as suas setas suaves os leva a morrer.
Na ilha há duas cidades e tudo está dividido entre elas.
Sobre ambas as cidades reinava o meu pai,
Ctésio, filho de Órmeno, semelhante aos imortais.
Ali foram ter certos Fenícios, celebrados pelas suas naus:
meliantes, que traziam mil quinquilharias na nau escura.
Ora havia em casa de meu pai uma mulher fenícia,
bela, alta e conhecedora de gloriosos trabalhos.
Foi ela que os manhosos Fenícios seduziram.
Primeiro, enquanto lavava roupa, um deles se deitou
com ela em amor junto à côncava nau, pois isto enfeitiça
o espírito das mulheres, mesmo das que praticam boas ações.
Depois perguntou-lhe quem ela era e donde vinha;
e ela, indicando o alto palácio de meu pai, respondeu:

“Declaro que nasci em Sídon, rica em bronze,
e que sou filha de Aribante, que transbordava de riqueza.
Mas foram Táfios, piratas, que me raptaram
quando regressava do campo e para aqui me trouxeram,
para o palácio daquele homem que por mim pagou bom preço.”

Então disse o homem que com ela se deitara às ocultas:
“Agora podes voltar connosco à tua casa,
para veres de teu pai e de tua mãe o alto palácio;
e para os veres a eles também: pois ainda vivem e são ricos.”

A ele falou a mulher, em resposta ao que fora dito:
“Isto poderia acontecer se vós, ó marinheiros, quisésseis
comprometer-vos com um juramento a levar-me de volta a casa.”
Assim falou; e todos juraram, tal como ela pedira.
Depois que juraram e puseram termo ao juramento,
entre eles falou a mulher, em resposta ao que fora dito:

“Calai-vos agora, e que nenhum de vós me dirija a palavra,
se por acaso nos encontrarmos aqui na rua
ou junto à fonte, para evitarmos que alguém vá ao palácio
dizer ao ancião e que ele, desconfiado, me prenda
com correntes dolorosas e para vós planeie a morte.
Retende no espírito as minhas palavras e apressai o comércio.
Quando tiverdes a nau repleta de víveres,
mandai depressa ao palácio um mensageiro.
Levarei todo o ouro que me cair debaixo das mãos.
E outra coisa ainda eu pagaria pela minha viagem:
no palácio sou ama de um rapaz, filho do meu amo.
É um rapaz desembaraçado, que me acompanha quando saio.
Por mim trá-lo-ia até à nau: pois por ele lucraríeis um preço
enorme, se o vendêsseis a homens de estranha fala.”

Assim falando, prosseguiu caminho até ao belo palácio.
Eles permaneceram na nossa terra durante um ano inteiro,
e muito lucro e víveres reuniram na côncava nau.
Quando a côncava nau se encontrava preparada para regressar,
enviaram um mensageiro, para levar o recado à mulher.
Chegou então à casa de meu pai um homem ardiloso

com um colar de ouro, que tinha também contas de âmbar.
Na grande sala ficaram minha excelsa mãe e suas escravas
a admirar nas mãos o colar, contemplando-o com os olhos.
Ofereceram um preço. Mas ele deu em silêncio um sinal à mulher.
Depois de lhe ter dado o sinal, foi para a côncava nau.
Ela pegou-me pela mão e levou-me do palácio para fora de portas.
Encontrou no átrio as taças e as mesas dos celebrantes
do banquete, homens que a meu pai estavam sujeitos,
e que tinham partido para a assembleia, para o debate público.

Ela agarrou depressa três taças e, escondendo-as na roupa,
levou-as; e eu segui-a na minha insciente estultícia.
O Sol pôs-se e escuros ficaram todos os caminhos.
Caminhando rapidamente chegámos ao famigerado porto,
onde se encontrava a nau veloz dos Fenícios, que logo
embarcaram e iniciaram a navegação pelos húmidos caminhos,
tendo-nos feito também embarcar. Zeus enviou-lhes o vento.
Durante seis dias navegámos de dia e de noite.
Mas quando Zeus Crónida fez nascer o sétimo dia,
Ártemis, a Archeira, atingiu a mulher com uma das suas setas:
tombou de repente no convés, como uma ave marinha.
Atiraram-na borda fora, como manjar para peixes e focas.
Eu fiquei sozinho, a lamentar-me no meu coração.
O vento e as ondas trouxeram-nos a Ítaca,
onde Laertes me comprou com o seu próprio dinheiro.
Foi deste modo que esta terra viram meus olhos.»

A ele deu então réplica Odisseu, criado por Zeus:
«Eumeu, moveste-me o coração e o espírito,
contando-me assim tudo quanto sofreste no coração.
Contudo a ti deu Zeus, ao lado do mal, também o bem,
visto que após os teus sofrimentos vieste ter ao palácio
de um homem bom, que te dá comida e bebida
com amabilidade; e vives bem, ao passo que eu aqui chego
depois de vaguear por muitas cidades de mortais.»

Foram estas as coisas que disseram um ao outro.
Depois deitaram-se para dormir, mas por pouco tempo.
Depressa chegou a Aurora de belo trono. Aproximando-se
da terra firme, os companheiros de Telémaco dobraram a vela
e fizeram descer o mastro, remando até chegarem ao ancoradouro.
Atiraram para fora os pesos de pedra e ataram as amarras.
Eles próprios desembarcaram na praia, preparando
a refeição e misturando o vinho frisante.
Depois que afastaram o desejo de comida e bebida,
para eles começou a falar o prudente Telémaco:

«Levai agora vós a escura nau até à cidade.
Pela minha parte, irei até aos campos visitar os pastores.
À tarde, depois de ter passado em revista as minhas terras,
descerei à cidade; ao nascer do Sol dar-vos-ei como recompensa
um excelente festim de carne e de vinho doce de beber.»

A ele falou em seguida o divino Teoclímeno:
«E eu, querido filho, para onde irei? Em que palácio,

dos que regem Ítaca rochosa, deverei apresentar-me?
Irei para a casa que a ti e à tua mãe pertence?»

A ele deu resposta o prudente Telémaco:
«Noutras circunstâncias convidar-te-ia para a nossa casa,
pois lá não falta aquilo de que um hóspede precisa. Mas para ti
seria pior, visto que estarei ausente; e minha mãe não te veria,
pois raramente aparece em casa à frente dos pretendentes,
mas prefere trabalhar, recolhida, ao seu tear.
Mas indicar-te-ei outro homem, para casa de quem poderás ir:
Eurímaco, filho glorioso do fogoso Pólibo,
que os homens de Ítaca consideram como um deus.
Pois ele é de longe o homem mais nobre e aquele que quer
desposar a minha mãe e receber as honras de Odisseu.
Mas Zeus Olímpio, que está no céu, sabe
se para ele antes da boda não virá primeiro o dia da vingança.»

Enquanto falava voou do lado direito uma ave,
um falcão, o veloz mensageiro de Apolo. Nas garras
segurava uma pomba, que depenava, deixando cair as penas
no chão entre a nau e o lugar onde estava Telémaco.
Teoclímeno chamou-o à parte, longe dos companheiros,
apertou-lhe a mão e assim lhe disse, chamando-o pelo nome:
«Telémaco, não foi sem a ajuda de um deus que a ave voou
à nossa direita: percebi, assim que a vi, que era uma ave de agoiro.
Não há linhagem em Ítaca com mais realeza que a tua:
sim, vós sereis poderosos para sempre.»

A ele deu resposta o prudente Telémaco:
«Ah, estrangeiro, prouvera que tal palavra se cumprisse!
Então ficarias a saber o que é amizade e de mim receberias
muitos presentes, a ponto de te chamarem bem-aventurado!»

Assim falando, voltou-se para Pireu, seu fiel companheiro:
«Pireu, filho de Clício, és tu que de todos os companheiros
que comigo foram para Pilos em tudo me obedeces.
Leva agora este estrangeiro para o teu palácio
e mostra-lhe amizade e estima, até à minha chegada.»

Respondeu-lhe então Pireu, célebre lanceiro:
«Telémaco, mesmo que aqui fiques muito tempo, dele tratarei
eu bem, pois não nos falta com que acolher um hóspede.»

Assim falando, embarcou na nau e ordenou aos companheiros
que embarcassem também e soltassem as amarras.
Eles embarcaram depressa e sentaram-se aos remos.
Telémaco calçou nos pés belas sandálias
e pegou na forte lança com bronze afiado na ponta,
que estava no convés da nau. Soltaram as amarras.
Largando, navegaram para a cidade, como ordenara
Telémaco, filho amado do divino Odisseu.
Os pés levaram-no, caminhando depressa, até que chegou
ao cercado, onde estavam os porcos incontáveis, no meio
dos quais dormia o bom porqueiro, fiel aos seus amos.

Notas ao Canto 15

1 «Porém Palas Atena foi até à ampla Lacedemónia»: o verso grego ostenta uma colocação das palavras irreproduzível: «Ela porém para a ampla Lacedemónia Palas Atena / foi». O poeta reanima agora a ação que deixou parada (qual *freeze frame* num vídeo deixado em pausa) em 4.619. Nessa passagem Telémaco estava prestes a receber presentes de Menelau. Em 15.101, veremos que esses presentes ainda estão a ser reunidos. É um lugar-comum da crítica homérica falar da Telemaquia como não estando bem integrada na *Od*. (a atitude contrária é bem fundamentada por I. de Jong, *A Narratological Commentary on the Odyssey*, Cambridge, 2001, pp. 3-5). O retomar da Telemaquia agora, no Canto 15, provoca-nos a tentar ver a questão da perspetiva oposta: e se, em vez de a Telemaquia ser um enxerto na *Od.*, os Cantos 5-14 constituíssem uma gigantesca digressão enxertada na *Telemaquia*? A pergunta talvez não tenha resposta, mas, se uma fosse possível, diríamos que, bem vistas as coisas, a integração da *Telemaquia* na *Odisseia* (e vice-versa) está conseguida de uma forma que dificilmente imaginaríamos melhorável. Repare-se como, a partir de agora, o poeta opta por uma narração entrelaçada (em 15.301-495 saímos da Telemaquia e voltamos de novo à *Od*.) até Telémaco e Odisseu se reunirem no Canto 16.

5 «a dormir no pátio do famoso Menelau»: quem está a dormir é Pisístrato (de novo encontramos os dois a dormir juntos: ver 3.400*). O verso 8 diz-nos que Telémaco está com uma insónia, sempre preocupado, a ponto de não conseguir dormir, com o pai que o insone, ainda bebé, terá conhecido durante uns meses, há 20 anos.

9 «De pé junto dele, assim falou a deusa de olhos garços Atena»: a deusa aparece a Telémaco sem se disfarçar, facto anormal que o jovem, para nossa surpresa, toma como normal.

10-13 Telémaco já ouvira a mesma coisa da boca de Nestor em 3.313-316.

14 «Menelau, Excelente em Auxílio»: ver 3.311*.

16-17 «Já o pai e os irmãos a pressionam a casar-se / com Eurímaco»: porquê Eurímaco, quando quem está à frente na corrida pela mão de Penélope no resto do poema é Antínoo? E por que razão só aqui o avô materno de Telémaco e estes seus tios de que nunca ouvimos (nem ouviremos) falar estão a pressionar Penélope para se casar? Telémaco não reage nem responde às palavras da deusa.

16-24 Estes versos, lidos em grego, patenteiam uma caraterística fascinante: nove versos de seguida que acabam todos numa palavra trissilábica com o desenho métrico U — —.

17-18 «ele supera todos os outros pretendentes / nos presentes que oferece e já aumentou o valor dos dons nupciais»: este recorrente problema dos presentes não nos larga: ver 1.272-305*, 11.116-

117*.

19-20 «Cuida que do palácio ela não leve algum objeto, à tua revelia. / Pois sabes como é o coração no peito de uma mulher»: além de desconfiada e mesquinha, a deusa é também misógina. Com fino sentimento religioso, Aristófanes de Bizâncio, no século III a.C., achou por bem rotular o verso 19 de inautêntico, salvaguardando assim a imagem da deusa (sem, contudo, lhe branquear a misoginia).

41-42 «para levar a notícia à sensata Penélope / de que estás salvo e chegaste bem de Pilos»: alguns estudiosos no passado estranharam o facto de, estando Atena a falar com Telémaco na Lacedemónia, conceber a viagem de regresso como tendo origem em Pilos. Cf. Dawe, p. 561.

43 «Assim dizendo, subiu para o alto Olimpo»: terminado o discurso da deusa, evoquemos estas palavras de Dawe (p. 559): «A coisa mais interessante do discurso de Atena é aquilo que ela não diz. Nem uma palavra sobre Odisseu é dita ao seu filho.»

44-45 «Telémaco acordou do sono suave o filho de Nestor / com um movimento do seu pé»: é difícil avaliar se este pontapé confirma ou refuta a possibilidade de uma relação sexual entre os dois rapazes. O verso 45 com o seu pontapé foi considerado inautêntico por Aristarco, o que resolveu na cabeça desse estudioso helenístico o problema dos segundos sentidos que o verso levanta.

46-47 «de casco / não fendido»: a palavra assim traduzida (*mônukhos*) só ocorre aqui na *Od*., embora ocorra frequentemente na *Il*.

59-60 «Quando o querido filho de Odisseu viu Menelau, / apressou-se a vestir uma túnica luzente»: Telémaco e Pisístrato dormiam nus, portanto.

74-74*b* Verso que, segundo testemunhos antigos, faltava em muitos manuscritos antiquíssimos, e que por isso é colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

77 «jantar»: em grego, *deîpnon*. Atendendo a que a «Aurora do trono dourado» acabou de surgir (56), este «jantar» acontece tão cedo que, em termos contemporâneos, dificilmente lhe chamaríamos *brunch*. Sobre a terminologia grega das refeições, ver 9.311*.

78 «Vantagem dupla – fama, glória e proveito»: em rigor, a vantagem não é dupla, como o poeta diz, mas sim tripla.

80 «Mas se quiseres viajar pela Hélade até meio de Argos»: Menelau parece ter dificuldade em perceber que Telémaco tem urgência em partir e que o proposto circuito turístico da Grécia (estando os amigos de Telémaco à espera dele em Pilos [4.598] e, 2800 anos antes da era dos telemóveis, decerto preocupados) terá de ficar para outra ocasião.

88-89 «não deixei, / ao partir, ninguém para velar pelos meus haveres»: se, por um lado, a informação que recebêramos em 2.226, de que Odisseu incumbira Mentor de velar pelos seus haveres, já foi esquecida pelo poeta, por outro lado surpreende-nos a irrelevância aqui atribuída por Telémaco à própria mãe. Terão as palavras mesquinhas da deusa em 19 provocado o receio de que «do meu palácio se perca algum tesouro valioso» (91)?

95 «Eteoneu»: conhecemo-lo em 4.22.

100 «Megapentes»: o filho de Menelau e de uma escrava, que se casara no início do Canto 4.

113-119 = 4.613-619. Os extraordinários presentes oferecidos por Menelau terão um destino análogo ao do tesouro de centenas de quilos de ouro oferecido a Odisseu pelos Feaces (ver 13.215*): serão ainda mencionados, no presente canto, em 206-207. Após serem referidos novamente em 17.76-83, desaparecerão por completo do poema.

131-132 «No carro arrumou os presentes o herói Pisístrato, / olhando para tudo, maravilhado no seu coração»: Pisístrato vai subindo cada vez mais na nossa consideração. Nas palavras de Dawe (p. 567), «a um homem mais mesquinho teria ocorrido perguntar por que razão havia presentes para o seu amigo e nem um único para ele».

135-139 = 1.136-140. O verso 139 é colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda, pois é omitido em muitos manuscritos.

146 «Saíram pelo portão do pátio ecoante»: no seu entusiasmo de imitar aqui *Il*.24.284-286, o poeta está a precipitar-se, pois em 150 Menelau ainda está «diante dos cavalos» com uma taça dourada de vinho doce na mão. Os cavalos só vão avançar mesmo em 182.

151-152 «levai a Nestor, Pastor de Povos, / a minha saudação»: à letra, o verso grego diz «e a Nestor, Pastor de Povos, / dizei», sem explicitar o que é para os dois jovens (*koúrô*, dual) dizerem. Por isso, Dawe (p. 568) atreve-se a traduzir: «and say <hallo> to Nestor, shepherd of the people». Apesar de Telémaco prometer na sua resposta que transmitirá os cumprimentos de Menelau a Nestor, na verdade não o faz.

161 «uma águia, segurando nas garras um monstruoso ganso branco»: na cena da *Il*. que o poeta está aqui a imitar, também temos uma águia que leva os circunstantes a sentir regozijo e alegria (*Il* .24.283-321). O adjetivo «monstruoso» aplicado ao ganso tem causado confusão aos estudiosos (cf. Oxf.ii, p. 242), embora pareça claro que o ganso é «monstruoso» pela simples razão poético-pavloviana de que, em *Il*.12.202, uma águia segura nas garras um réptil «monstruoso». Voltaremos ao tema de gansos atacados por uma águia em 19.535-558. Aí, novamente, a águia será *alter ego* de Odisseu.

171 «quem tomou a palavra foi Helena»: ainda não nos apercebêramos de que Helena estava presente nesta despedida. Uma fascinante recriação deste episódio da *Od*. foi composta pelo poeta lírico Estesícoro (fr. 170 Davies/Finglass). Ver as pp. 39-41 do ensaio de A. Kelly, «Stesichorus' Homer», in P.J. Finglass & A. Kelly (orgs.), *Stesichorus in Context*, Cambridge, 2015; e S. Carvalho, «Telemachus in Sparta», *Stesichorean Journeys: Myth, Performance and Poetics* (dissertação de doutoramento), Coimbra, 2017, pp. 123-128.

176-178 «Odisseu, após muitos sofrimentos e errores, / regressará a casa […] ou então já regressou / a casa»: na interpretação oracular de portentos, é conveniente manter mais de uma possibilidade aberta.

181 «Então eu te dirigiria preces, como se fosses uma deusa»: estas palavras de Telémaco são coincidentes com as de Odisseu, ditas a Nausícaa, em 8.467. É caso para dizer, com Camões, «tal pai tal filho» (*Os Lusíadas* 3.28).

184-192 ~3.486-494.

215-216 «Assim falando, guiou os cavalos de belas crinas / para a cidade de Pilos e depressa chegou ao palácio»: os leitores de Homero que preferem manter o ceticismo relativamente a um envolvimento romântico entre Telémaco e Pisístrato têm sempre o argumento de que não só não há beijo de despedida como não há, de todo, despedida. Com as palavras «depressa chegou ao palácio», Pisístrato sai de vez da *Od*.

223-224 «aproximou-se dele um homem / de uma terra longínqua»: com estas palavras o poeta introduz uma nova personagem: o profético vidente (*mántis*, 225) Teoclímeno, personagem que divide as opiniões dos estudiosos. Se, por um lado, Teoclímeno suscitou uma embirração dir-se-ia irracional da parte de Dawe, que tudo fez para provar que este vidente não pertence, de pleno direito, à *Od*. homérica, por outro lado B. Fenik (*Studies in the Odyssey*, Wiesbaden, 1974, p. 243) foi sensível à «awe-inspiring isolated grandeur» da personagem. Danek (p. 295) foi quem melhor compreendeu o motivo que levou à inclusão de Teoclímeno na história: «Juntamente com a imagem do vidente convencional, que domina a apresentação da personagem, entram também em jogo traços do retornado que regressa a casa [*Heimkehrer*, na expressão de Danek], e assim ele é estilizado como duplo [*Double*] de Odisseu. Que justamente este aspeto de Teoclímeno e a sua função como uma espécie de sósia [*Doppelgänger*] de Odisseu não podem ser ignorados é algo que a narrativa subsequente irá demonstrar.» Teoclímeno é especialmente fascinante para quem se interesse por literatura profética, uma vez que ele nos dará um dos mais impressivos exemplos de profecia extática de toda a literatura grega (20.351-357).

225 «Melampo»: retomamos aqui parte de uma história obscura da mitologia grega, já aflorada em 11.281-297. Claramente, como notou West (*Odyssey*, p. 242, n. 162), o poeta pressupõe da parte dos seus ouvintes/leitores um conhecimento prévio destas personagens que nós, leitores modernos, não conseguimos reconstituir.

246 A ideia de que Zeus e Apolo amaram Anfiarau «com todo o género de amor» (*pantoíên philótêt'*) não é desenvolvida pelo poeta (na mitologia grega, tanto Zeus como Apolo protagonizam histórias de amor homoerótico) e os comentadores mais recentes da *Od*. passam por cima deste verso sem comentários. O único comentário que Dawe faz é citar, com críptico laconismo, «How do I love thee? Let me count the ways» (Elizabeth Barrett Browning).

256 «Teoclímeno de seu nome»: o poeta partilha connosco esta informação, que Teoclímeno nunca partilha com as outras personagens do poema. Telémaco nunca chega a saber como se chama este homem estranho a quem dá boleia para Ítaca.

268 «pois pereceu devido a um destino amargo»: é interessante vermos como, na *Od*., as pessoas mais próximas de Odisseu (Telémaco, Penélope) oscilam entre esperança e ceticismo relativamente à possibilidade de ele estar vivo. Apontámos também essa questão relativamente a Eumeu (ver 13.43-44*).

272-273 «porque matei / um parente»: já deparámos com este tema estereotipado do fugitivo-assassino em 13.259 e 14.380.

281 «vem connosco e serás bem tratado»: a reposta de Telémaco a este suplicante anónimo é, como bem viu I. de Jong (p. 372), uma prova do seu desenvolvimento interior dentro do poema. Já

não é um jovem que precisa de um mentor, «mas tornou-se alguém que é capaz de ser responsável por outra pessoa».

292-294 «Enviou-lhes um vento favorável a deusa de olhos garços Atena, / soprando impetuosamente através do ar, para que depressa / a nau fizesse o seu percurso pela água salgada do mar»: este vento de encher as velas deve ter sido um grande alívio para os homens que se tinham sentado para remar em 221.

295 «Navegaram junto a Crouno e Cálcis de belas correntes»: este verso é famoso por não existir nos manuscritos da *Od*., tendo sido introduzido no texto do poema (a partir de uma citação de Estrabão) por um professor setecentista da Universidade de Cambridge chamado Joshua Barnes, de cuja fidedignidade em questões homéricas podemos duvidar, tratando-se de um académico que defendia a ideia de a *Ilíada* ter sido escrita pelo rei Salomão (ver J.M. Levine, *The Battle of the Books: History and Literature in the Augustan Age*, Ithaca [Cornell University Press], 1991, p. 157). De forma bastante previsível, o verso é colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

296 «O Sol pôs-se e escuros ficaram todos os caminhos»: ver 11.12*.

297 «A nau chegou a Feas, propulsionada pelo vento de Zeus»: a expressão «vento de Zeus» poderá ser tradicional (como em *Il*.14.19) e não é necessariamente um dado significativo a justapor ao vento enviado por Atena cinco versos antes. «Feas» levanta muitas dúvidas já desde a Antiguidade. Todos os manuscritos da *Od*. nos dão a ler neste verso «Feras», o que é impossível (é de lá que Telémaco veio, pois fez escala, em Feras, entre Esparta e Pilos).

299 «Ilhas Pontiagudas»: ou «Ilhas Velozes». Não é claro se está aqui implícito o adjetivo *thoós* no sentido de «pontiagudo», «afiado», ou *thoós* no sentido de «veloz». Na verdade, ninguém sabe ao certo o que significa a expressão, mas é curioso que o poeta aplique a ilhas o mesmo adjetivo que, tipicamente na poesia homérica, é aplicado a naus. Na verdade, em grego homérico, «nau» e «ilha» são palavras bastante parecidas. Se olharmos para *nêsoisin thoêisin* neste verso, vemos como a forma está próxima de *nêusìn thoêisin* (*Il*.17.708), onde temos as habituais «naus velozes». Seja como for, em termos narrativos o maior problema não é o misterioso adjetivo, mas sim o facto de Telémaco estar a navegar em direção a ilhas *tout court*, quando Atena lhe dissera expressamente que o não fizesse (33).

300 «refletindo se iria escapar à morte, ou se seria tomado»: já que levava um profeta a bordo, Telémaco podia ter-se lembrado de perguntar a Teoclímeno.

301-302 «Odisseu e o divino porqueiro / jantavam»: em rigor, «ceavam», já que a refeição é um *dórpon* (ver 9.311*). Em 14.523, Odisseu e Eumeu foram dormir. Nesse momento, estávamos no desfecho do dia em que Odisseu chegou a Ítaca, que é o 35.º dia narrado pela *Od*. Agora, estamos já na ceia do 37.º dia, o que significa, como Delebecque observou, que há um dia inteiro (o 36.º dia, em que acompanhamos a viagem de Telémaco e de Pisístrato para Feras) em que nada sabemos do que Odisseu andou a fazer. Nas palavras de Delebecque (*Télémaque et la structure de l'Odyssée*, Aixen-Provence, 1958, p. 31), «quanto à noite do 36.º dia e quanto ao 36.º dia no seu todo, o silêncio sobre Odisseu é total». Assim, Dawe (que bem viu isto na p. 570 do seu comentário) parece estar equivocado ao dizer na p. 577 que o poeta faz *rewind* (na expressão de Dawe, «as if the clocks had

been set back») ao mostrar-nos agora Odisseu e Eumeu a cear. Na verdade, o que aconteceu relativamente a 14.523 foi um *fast forward*. É preciso ter em conta que, «de acordo com o princípio da continuidade temporal», o tempo que passa para Odisseu e para Telémaco é o mesmo (I. de Jong, pp. 374-375). Assim, voltando ao dia em branco de Odisseu, a razão advém da necessidade do poeta de sincronizar Odisseu com Telémaco, já que Telémaco precisou de dois dias para chegar de Esparta a Pilos: por causa disso, o poeta não pôde evitar o dia em branco de Odisseu, situado entre o dia descrito no Canto 14 (o 35.º dia da história, como dissemos) e o dia em cuja ceia estamos agora, que é o 37.º dia (ver West, *Odyssey*, p. 243).

322-323 «pois sei bem fazer o lume e sei rachar lenha; / sei assar e trinchar a carne»: os dotes culinários de Odisseu ficaram por mencionar no célebre poema «O Rei de Ítaca» (*O Nome das Coisas*), de Sophia de Mello Breyner Andresen:

> «Ulisses rei de Ítaca carpinteirou seu barco
> E gabava-se também de saber conduzir
> Num campo a direito o sulco do arado.»

Já vimos como Odisseu carpinteirou o seu barco no Canto 5; da sua perícia com o arado ouviremos falar em 18.375. Sobre a questão de Odisseu saber «bem fazer o lume», haverá aspetos curiosos a referir mais adiante, a propósito de 18.304.

332 «sempre gordurosos nas cabeças e de rostos bonitos»: é certo que, nos nossos cânones contemporâneos de atratividade física, não entram cabeças gordurosas; mas um rosto bonito é bonito em qualquer época.

334 «estão repletas de pão, carne e vinho»: temos aqui um dos raríssimos versos homéricos em que todas as sílabas são longas. No caso deste verso, parece haver uma intencionalidade: as sílabas longas parecem sugerir o peso da mesa. No entanto, noutros casos em que ocorre o mesmo fenómeno (21.15, 22.175, *Il*.11.130, 23.221), não há razão discernível que justifique a sequência chamativa de 12 sílabas longas.

345 Verso omitido em vários manuscritos e colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

349-350 «será que ainda vivem sob os raios do Sol, / ou já morreram e na mansão de Hades estão agora?»: a pergunta que o poeta coloca agora na boca de Odisseu sobre os pais é estranhíssima. Mesmo admitindo que ela teria originalmente pertencido a uma *Od*. que não tinha o nosso Canto 11 (onde Odisseu encontra a mãe morta no Hades), como entender que, querendo genuinamente saber se os pais ainda eram vivos, Odisseu não tenha arranjado maneira de fazer esta pergunta crucial logo no primeiro dia no casebre do porqueiro? (Teria sido um bom tema de conversa para o dia em branco de que falámos em 301-302*.)

354 «lá no seu palácio»: veremos no Canto 24 que este «palácio» (*mégara*) deixa muito a desejar. Seja como for, em 17.521 a mesma palavra é usada para o casebre do porqueiro, portanto «palácio» não é obviamente para ser levado à letra.

367 «deram-na para Same e muito receberam <por ela>»: a fraseologia é vaga, mas o que aparentemente se pode depreender destas palavras é que Ctímene – esta até aqui silenciada irmã de Odisseu e tia de Telémaco – foi dada em casamento a algum homem na ilha de Same e que a sua

família itacense «muito» (à letra, «miríades») recebeu por ela. Isto leva-nos de novo à discussão sobre um dote ou a ausência dele, que referimos em 1.272-305*. Mas voltando a Ctímene, mulher «robusta» (ou «corpulenta», a quem Dawe chama «that Wagnerian lady»), que aqui surge do nada: que sustentação encontramos no poema para podermos ter a certeza de que Ctímene não é uma invenção momentânea? Em 16.118-120, Telémaco dirá que tanto Laertes como Odisseu e ele próprio (Telémaco) foram filhos únicos. E lembremos, ainda, o que comentámos em 14.141*, verso que parece contradizer o que é aqui afirmado sobre o facto de Eumeu ter sido criado por Anticleia.

396-397 «e que logo ao amanhecer do dia / almoce»: à letra, trata-se aqui de «jantar» (*deîpnon*), quando esperaríamos algo parecido com o nosso pequeno-almoço. Ver 77*.

403-404 «Existe uma ilha com o nome de Síria […] / fica mais acima de Ortígia, onde se situam as viragens do Sol»: um dos passos mais bizarros da *Od*. em termos de (des)conhecimentos geográficos. Já se tentou explicar esta ilha chamada Síria de muitas maneiras (ver Oxf.ii, p. 257) e, artificialmente, já se quis identificar «Síria» (*Suríê*) com a ilha de «Siro» (*Suros*), na costa da Ásia Menor, mas as palavras não têm nada a ver uma com a outra, porque o ípsilon de «Síria» é breve, ao passo que o de «Siro» é longo. Ortígia significa «Ilha das Codornizes» e, por vezes, é identificada com Delos, embora o autor do *HH a Apolo* (16) nos diga que, na verdade, Delos e Ortígia são ilhas diferentes. Já desde a Antiguidade alguns estudiosos repararam que, na zona de *Sira* cusa (Sicília), havia um promontório chamado Ortígia … só que Siracusa nunca teve o nome de «Síria»; e nunca foi uma ilha (Dawe, p. 582). Quanto às «viragens do Sol», a expressão ocorre também em *T&D*.564, 663, onde tem o sentido de «solstício» (cf. West, *Hesiod: Works and Days*, Oxford, 1978, p. 299), mas que sentido terá aqui? De qualquer forma, o facto de se tratar de uma ilha onde não existem doenças (407-408) é suficiente para percebermos que é um local imaginário.

414 «Ctésio […] Órmeno»: o nome «Ctésio» significa «Aquisitivo». A «Órmeno» não é possível adscrever um significado concreto (Oxf.ii, p. 258).

415-416 «Fenícios […] / meliantes»: ver 14.289*.

420-423 «Primeiro, enquanto lavava roupa, um deles se deitou / com ela em amor […] pois isto enfeitiça / o espírito das mulheres […]. / Depois perguntou-lhe quem ela era»: talvez tivesse sido de bom tom perguntar primeiro quem era antes de se deitar com ela – mas o poeta, que consegue juntar ao chauvinismo grego a sua intermitente misoginia, está aqui a falar de… Fenícios (remeto novamente para 14.289*). Note-se que toda a sequência 420-454 constitui um bloco de narração omnisciente na 3.ª pessoa, incrustada, de forma incongruente, numa narração na 1.ª pessoa. Cf. o que comentámos a propósito de 12.374-388*. Os escoliastas antigos, consternados com esta falha narrativa tão grave, arranjaram forma de racionalizar a situação: os Fenícios teriam contado a história toda a Laertes, que, por sua vez, a contou a Eumeu. Resta-nos perguntar se teria sido contado a Laertes o pormenor de só depois da sessão de sexo anónimo terem sido reveladas as identidades dos copuladores.

425-429 A mulher fenícia, prestes a vender uma criança como escrava só porque ficou «enfeitiçada» por uma sessão de sexo, foi ela própria raptada e vendida como escrava, pelo que se pode falar aqui numa autêntica cadeia viciosa de tráfico humano.

456-457 «na côncava nau. / Quando a côncava nau»: por estranho que pareça, as palavras gregas para «côncava» são diferentes nestes dois versos. No primeiro caso é *glaphurê*; no segundo, é *koílê*.

480 «Atiraram-na borda fora, como manjar para peixes e focas»: a vida desta mulher fenícia, que nunca diz o seu nome (só diz o nome do pai, em 426), acaba de forma lamentável. Mesmo assim, o pobre rapaz – agora sem os pais e sem a mulher que o criou, sozinho num barco de traficantes de seres humanos – fica a lamentar-se pela morte da escrava que o vendeu como escravo.

488-492 A reação de Odisseu à narrativa do porqueiro é sintomática da desproporção hierárquica latente na relação entre ambos. O dono de escravos (Odisseu) vitimiza-se por ter agora uma vida pior do que a de um escravo – isto diante de um escravo que lhe pertence e do qual o dono se dá ao luxo de dizer que teve sorte em ter sido comprado por donos que lhe dão «comida e bebida / com amabilidade». Folgamos em saber que é com amabilidade, pois normalmente os donos de escravos, já que não lhes pagam salários, dão-lhes de comer e de beber.

500 «refeição»: mais uma vez, o poeta mostra-nos as suas personagens a «jantar» (*deîpnon*) à hora do pequeno-almoço.

519 «Eurímaco» este pretendente de Penélope é causa de duas surpresas no Canto 15. Comentámos a primeira em 16-17*. A segunda causa ainda maior estupefação. Sabendo Telémaco que os pretendentes o querem matar – e sabendo o lugar hierárquico ocupado por Eurímaco no grupo dos pretendentes (ele falará seguidamente disso, em 521-522) – como podemos entender que seja em casa de Eurímaco que Telémaco quer hospedar o desesperado Teoclímeno? D.L. Page (*The Homeric Odyssey*, Oxford, 1955, p. 98) teve razão no seu comentário a esta passagem; o facciosismo unitário mostrado em Oxf.ii, pp. 262-263 fica aquém da desejável imparcialidade académica na discussão destas problemáticas. Ver 540*.

523-524 «Mas Zeus Olímpio, que está no céu, sabe / se para ele antes da boda não virá primeiro o dia da vingança»: ter-se-á o poeta apercebido da incongruência, acrescentando agora estes versos para repor alguma lógica às palavras de Telémaco? Um foco de dúvida, no entanto, concentra-se aqui na palavra *sphin*, que traduzi «para ele» (isto é, para Eurímaco). O sentido «para ele» (em vez do tipicamente homérico «para eles») é tardio e indício, porventura, de que estes versos são um remendo.

530 «chamando-o pelo nome»: um caso raro em que, a seguir a esta fórmula, vem de facto o nome da pessoa chamada. Ver 3.374*.

533 «Não há linhagem em Ítaca com mais realeza que a tua»: esta primeira demonstração em Ítaca do talento de Teoclímeno como áugure é dececionante: não era necessário vir um profeta do continente para nos dizer o que já sabemos desde o início do poema.

540 «Pireu»: até aqui, não tivéramos ainda a honra de conhecer este amigo de Telémaco, nunca mencionado nos quatro cantos da Telemaquia. Ao falar-lhe agora, Telémaco esqueceu-se por completo de que, 21 versos atrás, tinha dito a Teoclímeno para procurar hospitalidade em casa de Eurímaco. Em 17.71, Pireu entrará de novo no poema trazendo Teoclímeno: a ideia absurda da estada em casa de Eurímaco evaporou-se.

551-552 «pegou na forte lança […] / que estava no convés da nau»: há aqui alguma controvérsia entre os homeristas sobre esta lança. De quem é? Em 282-283, a lança de Teoclímeno tinha sido colocada por Telémaco no convés da nau. Será a mesma lança – pelo que está a ser (in)voluntariamente surripiada por Telémaco? Ou é outra lança, que por acaso também estava ali no convés?

Canto 16

Entretanto no casebre Odisseu e o divino porqueiro
tinham feito lume, ao nascer do Sol, para preparar o almoço,
depois da partida dos pastores com as varas de porcos.
Em torno de Telémaco saltaram os cães ladradores,
mas não ladraram à sua chegada. Apercebeu-se o divino Odisseu
dos cães a saltar e aos ouvidos lhe chegou o som dos passos.
Logo dirigiu a Eumeu palavras apetrechadas de asas:

«Eumeu, deverá ser um companheiro teu que se aproxima,
ou outra pessoa conhecida, visto que os cães não ladram,
mas saltam em seu redor. Oiço o som dos seus passos.»

Não acabara ainda de proferir a palavra, já o seu filho amado
se encontrava na soleira da porta: e levantou-se o porqueiro,
espantado, e das suas mãos caíram os recipientes nos quais
estava a misturar vinho frisante. Foi ao encontro do amo,
beijou-lhe a testa, os lindos olhos e ambas as mãos.
Dos olhos vertia lágrimas abundantes.
Como um pai que afetuosamente abraça o filho
chegado de terra estrangeira após uma ausência de dez anos,
filho único, filho querido, que muitas preocupações lhe dera —

assim o divino porqueiro abraçou Telémaco semelhante aos deuses,
beijando-o repetidamente, como alguém que à morte escapara.
E chorando dirigiu-lhe palavras apetrechadas de asas:

«Chegaste, Telémaco, luz doce! Nunca pensei voltar
a ver-te, desde que decidiste partir para Pilos.
Mas entra, querido filho, para que o coração eu deleite
fitando-te, a ti que agora chegas de terras estrangeiras.
Na verdade, não é com frequência que visitas o campo
e os pastores, mas ficas na cidade; pois agrada-te
fitar a companhia detestável dos pretendentes.»

A ele deu resposta o prudente Telémaco:
«Assim será, paizinho! Foi por tua causa que aqui vim,
para te ver com os meus olhos e para ouvir da tua boca
se no palácio permanece ainda a minha mãe, ou se já
outro homem a desposou, pelo que a cama de Odisseu,
por falta de quem lá durma, estará repleta de teias de aranha.»

Respondeu-lhe então o porqueiro, Condutor de Homens:
«Não duvides, ela permanece de coração dorido
no teu palácio; e desesperadas se desgastam
as noites, mas também os dias, enquanto chora.”

Assim falando, recebeu dele a brônzea lança.
Telémaco entrou, transpondo a soleira de pedra.
À sua entrada, do assento o pai se levantou, Odisseu.
Mas Telémaco do outro lado refreou-o e disse:

«Fica sentado, estrangeiro; sentar-nos-emos noutro
assento aqui no casebre; temos aqui quem no-lo dará.»

Assim falou; e Odisseu, recuando, voltou a sentar-se.
Para Telémaco tinha já o porqueiro espalhado
caruma verde e colocado por cima um velo:
aí se sentou em seguida o querido filho de Odisseu.
À sua frente o porqueiro pôs um prato com as carnes
que tinham ficado do dia anterior;
e colocando rapidamente o pão em cestos,
misturou o vinho doce numa taça cinzelada com hera.
Depois foi sentar-se defronte do divino Odisseu.
Lançaram mãos às iguarias que tinham à sua frente.
E quando afastaram o desejo de comida e bebida,
Telémaco dirigiu a palavra ao divino porqueiro:

«Donde, paizinho, chegou o estrangeiro? Como o trouxeram
os marinheiros a Ítaca? Quem diziam eles que eram?
Pois não me parece que ele tenha chegado a pé.»

Foi então, ó porqueiro Eumeu, que lhe deste esta resposta:
«A ti, filho, direi tudo com verdade e sem rodeios.
Declara ele ser originário da ampla Creta
e diz ter vagueado em grandes errâncias pelas cidades
dos mortais, pois um deus assim lhe fiou esse destino.
Agora da nau de certos Tesprócios até aqui fugiu,
para o meu casebre. Ponho-o nas tuas mãos.
Faz como entenderes, pois ele declara-se teu suplicante.»

A ele deu resposta o prudente Telémaco:
«Eumeu, atinge-me no coração a palavra que proferiste.
Como poderei eu receber o estrangeiro na minha casa?
Sou jovem e não posso ainda confiar nas minhas mãos
para me defenderem de alguém que inicie uma altercação.
Minha mãe tem no espírito o coração dividido:
não sabe se há de ficar comigo a tomar conta da casa,
venerando o leito do marido e a opinião do povo,
ou se deverá seguir o mais nobre dos Aqueus
que no palácio a corteja e lhe oferece os melhores presentes.
Mas no que toca a este estrangeiro, uma vez que aqui veio ter,
dar-lhe-ei capa e túnica, belas vestimentas, assim como
uma espada de dois gumes e sandálias para os pés.
Providenciarei o transporte para onde o seu coração
queira ir; mas, se quiseres, fica com ele aqui no casebre
e trata dele: mandarei roupas e toda a comida, para que ele
não constitua a tua ruína e a de teus companheiros.
Mas não permitirei que venha ao palácio, para se imiscuir
entre os pretendentes, por causa da sua vergonhosa insolência.
Receio que façam troça dele: isso seria para mim penoso.
É difícil mesmo para um homem corajoso conseguir alguma
coisa no meio de muitos, quando são eles os mais fortes.»

Falou-lhe então o sofredor e divino Odisseu:
«Ó amigo — pois é lícito que eu dê a minha resposta —,
ao ouvir-te sinto qualquer coisa a devorar-me o coração,
tais são as vergonhas que, segundo dizeis, os pretendentes
praticam no palácio à tua revelia, sem respeito pela pessoa
que és. Diz-me se te deixas subjugar de bom grado, ou se

as pessoas te detestam, por terem ouvido o oráculo de um deus,
ou se censuras alguma coisa aos teus irmãos, em cuja defesa
um homem confia, mesmo que tenha surgido um grande conflito.
Quem me dera ser tão jovem quanto os meus sentimentos,
ou então ser filho de Odisseu — ou até o próprio Odisseu!
(Possa ele regressar das suas errâncias, pois ainda há esperança.)
Que logo um homem estrangeiro me cortasse a cabeça
se eu me não tornasse o flagelo desses homens,
entrando pelo palácio de Odisseu, filho de Laertes!
Se a mim, sozinho, me subjugassem pelo seu número,
preferiria morrer assassinado no meu próprio palácio
a contemplar atos tão vergonhosos, como
estrangeiros a serem maltratados, mulheres escravas a serem
arrastadas com descaramento pelo belo palácio,
vinho a ser desperdiçado e pão a ser devorado
sem mais nem menos, de forma ilimitada e interminável.»

A ele deu resposta o prudente Telémaco:
«Então para ti, ó estrangeiro, falarei sem rodeios.
Não é o povo que pelo seu ódio me causa dificuldades;
e nada tenho a censurar a irmãos, em cuja defesa
um homem confia, mesmo que tenha surgido um grande conflito.
Deste modo individualizou o filho de Crono a nossa linhagem:
Arcésio gerou Laertes como filho único, e Odisseu foi filho único
de seu pai; por sua vez, a mim gerou Odisseu como filho único
no palácio; mas deixou-me e nunca de mim tirou proveito.

É por isso que agora estão inimigos incontáveis em minha casa,
todos os príncipes que regem as ilhas,
Dulíquio, Same e a frondosa Zacinto,
e todos quantos detêm poderio em Ítaca rochosa,
todos esses fazem a corte a minha mãe e me devastam a casa.
Por seu lado, ela nem recusa o odioso casamento
nem põe termo à situação; e eles vão devorando a minha casa
e rapidamente serei eu quem levarão à ruína.
Mas tais coisas descansam sobre os joelhos dos deuses.
Paizinho, vai agora rapidamente e diz à fiel Penélope
que estou salvo e que cheguei bem de Pilos.
Pela minha parte, ficarei aqui; e tu regressa em seguida,
depois de lhe teres dado a notícia — mas só a ela: que mais ninguém
saiba, pois muitos dos Aqueus me querem fazer mal.»

Foi então, ó porqueiro Eumeu, que lhe deste esta resposta:
«Compreendo o alcance do que dizes: falas a bom entendedor.
Mas agora diz-me tu, com verdade e sem rodeios,
se deverei fazer percurso idêntico para dar a notícia ao desafortunado
Laertes, que durante um tempo, embora lamentando Odisseu,
ainda se dedicava à lavoura e juntamente com os escravos
comia e bebia em casa, quando assim lhe aprazia.
Porém desde o dia em que foste na tua nau para Pilos,
diz-se que ele já não come nem bebe como antes,
nem se interessa pelos campos, mas com prantos e lamentos
está sentado a chorar, enquanto a carne desaparece dos seus ossos.»

A ele deu resposta o prudente Telémaco:
«É mais doloroso, mas apesar disso deixá-lo-emos, a despeito
da nossa preocupação: se fosse possível aos mortais escolher
tudo, primeiro escolheríamos o regresso de meu pai.
Não, tu deverás dar o recado e voltar logo de seguida:
não andes a vaguear pelos campos em demanda de Laertes.
Diz antes à minha mãe que mande uma escrava governanta,
rapidamente e em segredo. Ela levará a notícia ao ancião.»

Assim disse; e incitou o porqueiro a partir. Este pegou nas sandálias
com as mãos, calçou-as e pôs-se a caminho da cidade.
Não passou despercebido a Atena que Eumeu se afastara
do casebre, pois logo se aproximou, assemelhando-se no corpo
a uma mulher bela e alta, conhecedora de gloriosos trabalhos.
Colocou-se de pé à entrada do casebre, visível apenas para Odisseu.
Mas Telémaco não a viu nem se apercebeu da sua presença,
porque não é a todos que os deuses aparecem com evidência.
Mas viu-a Odisseu e viram-na os cães, que sem ladrar se retiraram
a ganir, amedrontados, para o outro lado da propriedade.
A deusa deu-lhe sinal com o sobrolho; o divino Odisseu
percebeu e saiu da sala; foi até ao grande muro do recinto
e colocou-se junto dela. A ele falou em seguida Atena:

«Filho de Laertes, criado por Zeus, Odisseu de mil ardis!
Agora conta ao teu filho o teu segredo e não o ocultes,
para que depois de terdes planeado a morte e o destino

dos pretendentes vos dirijais à cidade famosa; não estarei
longe de ti, pois pela minha parte estou preparada para a refrega.»

Assim disse; e logo com a vara dourada lhe tocou Atena.
Primeiro vestiu-lhe o peito com uma capa e uma túnica
bem lavada: aumentou-lhe a estatura e restituiu-lhe a juventude.
De novo ficou de pele negra, encheram-se-lhe as faces
e a barba escureceu em torno do seu queixo.
Tendo operado a transformação, a deusa partiu. E Odisseu
voltou para o casebre. Maravilhou-se o seu filho amado:
estarrecido, desviou os olhos, com medo de que fosse um deus.
E falando dirigiu-lhe palavras apetrechadas de asas:

«Muito diferente, ó estrangeiro, me pareces tu agora:
as roupas que vestes são outras; e outra é a tua pele.
Na verdade és um dos deuses que o vasto céu detêm.
Sê compassivo, para que te possamos oferecer sacrifícios
e presentes de ouro bem cinzelado; rogo-te que nos poupes.»

A ele deu resposta o sofredor e divino Odisseu:
«Não sou um deus. Porque me assemelhas aos imortais?
Sou o teu pai, aquele por causa de quem tanto gemeste
e tantas dores sofreste, subjugado pela violência daqueles homens.»

Assim falando, beijou o filho; e das suas faces uma lágrima
caiu para o chão, pois até aí as tinha retido corajosamente.
Mas Telémaco — não acreditava que se tratasse do pai —

voltou a tomar a palavra e respondendo-lhe assim disse:

«Tu não és Odisseu, o meu pai. És um deus que me enfeitiças,
para que depois eu chore e sofra ainda mais.
Não há homem mortal que consiga tal proeza pela sua
inteligência, a não ser que um deus viesse em seu auxílio,
para facilmente à sua vontade o fazer novo ou velho.
Mesmo há pouco eras um velho, vestido de farrapos.
Agora pareces um dos deuses que o vasto céu detêm.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Telémaco, não te fica bem pasmares-te em demasia
por teres o pai de volta, nem ficares assim surpreendido.
Para este lugar nunca virá mais nenhum Odisseu:
esse homem sou eu; e depois de muito sofrer e vaguear
chego à minha pátria no vigésimo ano depois que parti.
Tudo isto é obra de Atena que comanda as hostes,
que me dá a forma que entende: pois é capaz
de fazer de mim um mendigo, ou então de me transformar
num jovem com belas roupas em cima do corpo.
É tão fácil para os deuses que o vasto céu detêm
enaltecerem como rebaixarem um homem mortal.»

Assim falando, sentou-se; e Telémaco abraçou
o nobre pai, chorando e vertendo lágrimas.
E do coração de ambos surgiu o desejo de chorar.
Gemeram alto, os seus gritos mais acutilantes que os
de corvos-marinhos ou abutres de recurvas garras, a quem
os lavradores roubaram as crias antes de lhes crescerem as asas:

assim deploravelmente dos olhos se lhes derramavam as lágrimas.
E a luz do Sol ter-se-ia posto sobre o seu pranto,
se Telémaco não tivesse subitamente falado ao pai:

«Com que nau, querido pai, te trouxeram os marinheiros
para Ítaca? Quem disseram eles que eram?
Pois não me parece que tenhas vindo a pé.»

A ele deu resposta o sofredor e divino Odisseu:
«Pois a ti, meu filho, direi toda a verdade.
Trouxeram-me Feaces, famosos pelas suas naus,
que transportam quem quer que chegue à terra deles.
Sobre o mar me transportaram a dormir numa nau veloz,
deixando-me em Ítaca; ofereceram-me esplêndidos presentes,
bronze, ouro e vestimentas tecidas. Este tesouro
está guardado em grutas, por vontade dos deuses.
Agora para aqui vim devido aos conselhos de Atena,
para que deliberemos sobre a chacina dos inimigos.
Diz-me então o número dos pretendentes,
para que eu saiba quantos são — e quem são.
Depois refletirei no meu irrepreensível coração
se seremos capazes de lhes fazer frente sozinhos,
ou se precisaremos da ajuda de outros.»

A ele deu resposta o prudente Telémaco:
«Ó pai, sempre ouvi falar da tua grande fama,
que és lanceiro tanto pela força das mãos como pela agudeza
do espírito; mas aquilo de que falas é enorme! Estou espantado.

Não seria possível dois homens combaterem contra tantos valentes!
Pois os pretendentes não são uma dezena, nem duas dezenas,
mas muitas mais: depressa saberás o seu número.
De Dulíquio são cinquenta e dois jovens seletos,
e para os servir trouxeram ainda seis servidores;
de Same são vinte e quatro homens;
de Zacinto são vinte jovens Aqueus;
da própria Ítaca são doze, todos eles nobres,
e com eles está Médon, o arauto, e o divino aedo,
assim como dois escudeiros, peritos em trinchar carne.
Se enfrentarmos todos eles dentro do palácio,
receio que a tua vingança se torne amaríssima e dolorosa.
Diz se consegues pensar nalgum aliado,
que nos ajudasse a ambos de todo o coração.»

A ele deu resposta o sofredor e divino Odisseu:
«Então dir-te-ei: e tu presta atenção e ouve.
Considera também se para nós dois serão suficientes
Atena e Zeus pai, ou se me deverei lembrar de outro aliado.»

A ele deu resposta o prudente Telémaco:
«Excelentes são esses dois aliados, que tu referes:
é nas nuvens mais excelsas que têm seu assento;
e regem os outros homens, assim como os deuses imortais.»

A ele deu resposta o sofredor e divino Odisseu:
«Não será durante muito tempo que se manterão longe
da furiosa refrega, quando entre nós e os pretendentes

a força de Ares for posta à prova no meu palácio.
Mas tu volta para casa ao surgir da Aurora,
e junta-te aos arrogantes pretendentes.
Mais tarde o porqueiro levar-me-á para a cidade:
terei o aspeto de um mendigo desgraçado e idoso.
Se eles me desconsiderarem lá em casa, que aguente
o teu querido coração enquanto estou a ser maltratado,
mesmo se me arrastarem ao longo da sala pelos pés
até à porta, ou me atirarem com coisas. Se vires isso, aguenta.
Claro que lhes deves dizer para pararem a loucura,
convencendo-os com palavras doces; mas eles não te darão
ouvidos, pois está já perto o dia da sua desgraça.
E outra coisa te direi — e tu retém-na no teu espírito:
quando Atena de muitos conselhos me inspirar,
far-te-ei sinal com a cabeça; e tu, assim que te aperceberes,
deverás retirar da sala todas as armas de guerra
e guardá-las no recesso da câmara mais alta do palácio.
E quando os pretendentes derem pela falta e te questionarem,
deverás responder-lhes com palavras suaves, dizendo:
“Tirei-as para longe do fumo, pois já não se assemelham
às armas que Odisseu deixou quando partiu para Troia,
mas estão todas sujas, uma vez que o hálito do fogo lhes chegou.
Além de que há outra coisa de maior peso, que no espírito
me colocou o Crónida: o receio de que, alterados pelo vinho,
surja entre vós um conflito e que vos possais ferir,
cobrindo assim de vergonha o festim e a corte
que fazeis a minha mãe: é que o ferro atrai o homem.”
Mas para nós dois deixa duas espadas e duas lanças,
e dois escudos de pele de boi para segurarmos,

de modo que possamos lançar-nos a eles para os agarrar.
Palas Atena e Zeus Conselheiro enfeitiçarão os pretendentes.
E outra coisa te direi — e tu retém-na no teu espírito:
se na verdade és meu filho e do nosso sangue,
que ninguém fique a saber que Odisseu está em casa:
que nem Laertes saiba, nem o porqueiro,
nem qualquer um dos escravos, nem Penélope.
Tu e eu averiguaremos o comportamento das escravas.
E poremos também à prova alguns dos escravos,
para verificarmos quem no coração nos é fiel,
e quem te desconsidera, sendo tu a pessoa que és.»

Respondendo-lhe, assim falou o filho glorioso:
«Pai, penso que no futuro ficarás a conhecer o meu coração:
não verás debilidades a que possa ser sujeito.
Mas não penso que este plano será proveitoso
para nós dois: peço-te pois que reflitas.
Demoradamente e em vão irás averiguar o comportamento
de cada um, visitando as propriedades; mas entretanto
no palácio os pretendentes, descansados, te desgastam
os haveres arrogantemente e sem qualquer contemplação.
Mas em relação às escravas concordo que deves averiguar
quais delas te desonraram e quais estão isentas de culpa.
Quanto aos homens nos campos, eu não quereria que agora
os averiguássemos, mas que deixássemos esse trabalho para depois,
no caso de reconheceres algum sinal de Zeus, Detentor da Égide.»

Assim falavam um com o outro, dizendo estas coisas.
Entretanto chegou a Ítaca a nau bem construída,
que de Pilos trouxera Telémaco e todos os companheiros.
Estes, quando chegaram ao porto de águas fundas,
arrastaram a escura nau para a praia, enquanto
animados escudeiros os aliviaram do peso do equipamento,
levando depois para casa de Clício os presentes lindíssimos.
Enviaram um arauto ao palácio de Odisseu
para levar a notícia à sensata Penélope
de que Telémaco estava no campo e que ordenara
que a nau seguisse para a cidade, não fosse a robusta rainha
sentir receio no seu coração e verter uma lágrima carinhosa.
Foi assim que se encontraram o arauto e o divino porqueiro,
ambos com o mesmo recado para dar à senhora.
E quando chegaram à casa do divino Odisseu,
falou o arauto no meio de todas as escravas:
«Nesta altura, ó rainha, já regressou o teu querido filho.»

Colocando-se de pé perto de Penélope, o porqueiro
contou-lhe todas as coisas que Telémaco lhe mandara.
E depois de ter contado tudo o que tinha para dizer,
voltou para os porcos, deixando o pátio e o palácio.

Mas os pretendentes ficaram tristes e desanimados
no seu coração. Saíram do palácio, transpuseram
o grande muro do pátio e aí se sentaram junto aos portões.
O primeiro a falar foi Eurímaco, filho de Pólibo:

«Amigos, esta viagem foi uma grande façanha que Telémaco

conseguiu: pensámos que nunca seria capaz de a fazer.
Mas lancemos ao mar a melhor nau escura que tivermos,
e reunamos os melhores remadores, para rapidamente irmos
dizer aos outros que voltem depressa para casa.»

Ainda não acabara de proferir a palavra, quando Anfínomo,
mudando de lugar, viu uma nau no porto de águas fundas
e homens a dobrar a vela enquanto outros seguravam os remos.
Riu-se aprazivelmente e assim disse aos companheiros:
«Já não é preciso mandarmos recado: ali estão eles.
Ou foi um deus que os avisou, ou então foram eles
que avistaram a nau de Telémaco, mas sem a conseguirem apanhar.»

Assim falou; levantaram-se todos e foram até à orla do mar.
Os outros arrastaram rapidamente a nau escura para a praia
e animados escudeiros os aliviaram do peso do equipamento.
Foram todos juntos para o local da assembleia, mas a mais ninguém
permitiram que com eles se sentasse, fosse novo ou velho.
Para eles falou então Antínoo, filho de Eupeites:

«Ah, vede como os deuses salvaram aquele homem da morte!
Dia após dia estiveram vigias sentados nos píncaros ventosos,
sempre a espreitar; e a seguir ao pôr do Sol nunca passávamos
a noite em terra, mas para o mar alto navegávamos
na nau veloz para lá esperarmos a Aurora divina.
Preparámos essa cilada para Telémaco, para o apanharmos
e logo matarmos. Entretanto algum deus o fez regressar a casa.

Mas aqui mesmo preparemos um destino amargo
para Telémaco; e que desta vez não possa fugir! Não penso
que enquanto ele viver o nosso esforço possa dar resultados.
Pois ele é sensato tanto nas decisões como no espírito,
e o povo já não nos mostra preferência alguma.
Mas ide, antes que ele convoque a assembleia dos Aqueus:
não julgo que ele admita qualquer protelamento,
pois estará encolerizado, e levantando-se dirá a todos
que congeminámos contra ele a morte escarpada,
mas não o apanhámos. E não nos louvarão
quando ouvirem falar das nossas más ações.
Oxalá não nos façam mal nem nos exilem da nossa terra,
obrigando-nos a viajar até terra estrangeira.
Antecipemo-nos, matando-o no campo, longe da cidade,
ou no caminho; e fiquemos com os seus haveres,
dividindo-os equitativamente entre nós, embora a casa
deva ficar para a mãe dele e para aquele que com ela se casar.
Mas se não vos agrada este plano, mas preferis
que ele viva e goze todos os haveres paternos,
então cessemos de lhe devorar a bela riqueza,
encontrando-nos aqui, mas que cada um volte para sua casa,
e de lá faça a sua corte e ofereça presentes; e ela desposará
aquele que oferecer mais e se lhe afigurar como noivo destinado.»

Assim disse; e todos permaneceram em silêncio.
Entre eles tomou então a palavra Anfínomo,
o filho glorioso de Niso, filho do rei Arécias.
De Dulíquio, terra rica em trigo e verdejante,

liderara os pretendentes: era ele que com as suas palavras
a Penélope mais agradava, pois era compreensivo.
Bem-intencionado, dirigiu-se à assembleia:

«Amigos, pela parte que me toca, não quereria assassinar
Telémaco: é terrível matar alguém de sangue real.
Mas interroguemos primeiro a vontade dos deuses.
Se os decretos do grande Zeus assim o quiserem,
serei eu mesmo a matá-lo e encorajarei todos os outros.
Mas se os deuses assim não quiserem, peço-vos que desistais.»

Assim falou Anfínomo; e a todos agradou o discurso.
Levantaram-se em seguida e foram para o palácio de Odisseu.
Quando lá chegaram, sentaram-se em tronos polidos.

Foi então que ocorreu outra coisa à sensata Penélope:
mostrar-se aos pretendentes, arrogantes na sua insolência.
É que ouvira falar no palácio da planeada morte do filho:
foi Médon, o arauto, que lho dissera, ele que ouvira os planos.
Dirigiu-se à sala, acompanhada pelas suas escravas.
Quando se aproximou dos pretendentes a mulher divina,
ficou junto à coluna do teto bem construído,
segurando à frente do rosto um véu brilhante.
Falou a Antínoo, repreendendo-o pelo nome:

«Antínoo insolente e maldoso! E é a ti que consideram
em Ítaca, entre os homens da tua idade, o melhor
em conselhos e palavras! Mas tu estás longe de ser essa pessoa.
Louco! Porque congeminas a morte e o destino de Telémaco?

Não queres saber de suplicantes, que têm Zeus por testemunha?
Que coisa ímpia — preparar a desgraça de outrem!
Não sabes tu do momento em que a este palácio veio o teu pai,
fugitivo, aterrorizado com medo do povo? Muito zangados estavam,
porque ele se associara a piratas Táfios e prejudicara
os Tesprócios, que eram nossos aliados.
Queriam matar o teu pai e arrancar-lhe o coração,
para depois arrasarem toda a sua grande propriedade.
Mas Odisseu impediu isso, retendo-os, embora estivessem fora de si.
É agora a casa de Odisseu que destróis, fazendo a corte à mulher
e planeando a morte do filho. A mim trazes grande sofrimento!
Mas ordeno-te que cesses e digas aos outros que façam o mesmo.»

A ela deu resposta Eurímaco, filho de Pólibo:
«Filha de Icário, sensata Penélope!
Anima-te; não deixes que tais coisas te preocupem.
Não vive, viverá ou nascerá sequer esse homem,
que deite as mãos a Telémaco, o teu filho,
enquanto eu for vivo e contemplar a luz na terra.
Assim te falarei, e é assim que acontecerá:
depressa se derramará o negro sangue desse homem
devido à minha lança, visto que Odisseu, Saqueador de Cidades,
me sentou muitas vezes ao colo, me deu carne assada
para as mãos e levou à minha boca o rubro vinho.
Por isso Telémaco é para mim o mais caro de todos os homens;
e a ele digo que não receie a morte, pelo menos da parte

dos pretendentes. À dos deuses é que ninguém pode escapar.»

Assim falou, para a animar, embora planeasse ele próprio
a morte de Telémaco. Ela subiu para os seus aposentos
e chorou Odisseu, o marido amado, até que um sono suave
lhe lançasse sobre as pálpebras Atena de olhos garços.

Ao fim da tarde voltou o porqueiro para junto de Odisseu
e Telémaco, que estavam ocupados a preparar a ceia,
tendo sacrificado um porco de um ano de idade.
Mas aproximou-se Atena e com a vara tocou em Odisseu,
filho de Laertes, e de novo o transformou num velho,
pondo-lhe no corpo vestes esfarrapadas, receando
que o porqueiro o reconhecesse e à sensata Penélope
fosse contar a notícia, sem a reter no coração.

Em primeiro lugar foi Telémaco que lhe falou:
«Chegaste, divino Eumeu. Que há de novo na cidade?
Já regressaram os arrogantes pretendentes da emboscada,
ou estão à minha espera, para me matarem no caminho para casa?»

Foi então, ó porqueiro Eumeu, que lhe deste esta resposta:
«Não cuidei de andar pela cidade a inquirir sobre tais coisas;
o meu coração mandou-me regressar rapidamente
para aqui, assim que transmiti a notícia. Veio ao meu encontro
o rápido mensageiro dos teus companheiros,
o arauto, que foi o primeiro a dar a notícia à tua mãe.
E outra coisa sei, pois vi-a com os meus olhos:

encontrava-me já mais acima da cidade, no monte de Hermes,
a caminhar, quando vi uma nau veloz a chegar
ao nosso porto; nela havia muitos homens,
e estava repleta de escudos e de lanças de dois gumes.
Pensei que fossem eles, mas não tive a certeza.»

Assim falou; e sorriu a força sagrada de Telémaco, olhando com
os olhos na direção do pai; mas evitou olhar para o porqueiro.
Quando puseram termo ao esforço de preparar o jantar,
comeram e nada lhes faltou naquele festim compartilhado.
Depois que afastaram o desejo de comida e bebida,
pensaram em descansar; e acolheram o dom do sono.

Notas ao Canto 16

1 «divino porqueiro»: ver 14.3-4*.

2 «almoço»: aqui, finalmente, «pequeno-almoço» (*áriston*). Não é uma palavra predileta de «Homero», pois só ocorre aqui e em *Il*.24.124. Para a terminologia das refeições, ver 9.311*.

4-5 «Em torno de Telémaco saltaram os cães ladradores, / mas não ladraram à sua chegada»: comentámos os comportamentos caninos na *Od*. em 14.21*. Aqui é curioso que seja aplicado aos cães o adjetivo «ladrador» (*hulakómôros*) num contexto em que eles, de facto, não ladram. (Em 14.29, onde ladraram como loucos, o adjetivo fez pleno sentido.) Já agora, o curioso adjetivo *hulakómôros* é, na componente *-môros*, de etimologia incerta: talvez derive de *márnamai*, «combater», pelo que significaria «que agride pelo ladrar». Atendendo à irritação causada pelo ruído de um cão a ladrar, apeteceria (num devaneio de etimologização imaginária) ligar *-môros* a *môros* no sentido de «estúpido» (ou seja, «que ladra estupidamente).

7 «palavras apetrechadas de asas»: ver 1.122*.

13 «das suas mãos caíram os recipientes»: Eumeu é muito desastrado; já em 14.34 lhe caíram coisas das mãos.

23-24 «Chegaste, Telémaco, luz doce! Nunca pensei voltar / a ver-te, desde que decidiste partir para Pilos»: a reação ultraemocional de Eumeu leva-nos a refletir sobre algumas questões curiosas. Vimos já como oscila, na *Od*., a atitude perante a excecionalidade (ou falta dela) da viagem de Telémaco ao continente (ver. 4.635*, 663*). Por outro lado, aflorámos a possibilidade de, noutras versões da Telemaquia, a viagem de Telémaco ter incluído como destino a ilha de Creta – essa sim, uma longa e perigosa viagem (ver 1.93*, 285*). A cena a que aqui assistimos – de Eumeu a chorar, a abraçar e a beijar Telémaco «como um pai que afetuosamente abraça o filho / chegado de terra estrangeira após uma ausência de dez anos» (17-18) – suscita a dúvida sobre se não estamos a ver aqui um recorte, por assim dizer, de outro «filme»: de outra Telemaquia.

27-28 «Na verdade, não é com frequência que visitas o campo / e os pastores, mas ficas na cidade»: o poeta romano Horácio, finíssimo artífice da palavra poética, comentou famosamente que «fico indignado quando o bom Homero dormita» (*Arte Poética*, 359), e, na verdade, esta é uma das suas sonecas mais merecedoras de indignação, pois destrói tudo o que, neste canto, lemos até aqui: deita por terra o pormenor delicioso de os cães ladradores não ladrarem porque conhecem Telémaco (como é que eles o conheceriam, se ele está sempre na cidade?); e torna inexplicável o arrebatamento com que Eumeu abraça e beija Telémaco. A temperatura emocional destes sete versos na boca de

Eumeu começa em «calorosíssimo» e acaba em «gélido» (Dawe, p. 597). Em alternativa, tirando agora o porqueiro das mãos dos filólogos para o pormos no divã do psicanalista, poderíamos interpretar este comportamento passivo-agressivo de Eumeu como a sua maneira inconsciente de exteriorizar a frustração causada pela condição de escravo.

28-29 «agrada-te / fitar a companhia detestável dos pretendentes»: o verbo usado por Eumeu para descrever Telémaco a olhar para os pretendentes (*esoráô*) é o mesmo que ele usara quando falou, uns versos antes, do deleite por ele sentido ao olhar para Telémaco. Voltando ao divã do psicanalista: ciúme latente?

31 «Assim será, paizinho!»: Telémaco não reage à passividade-agressividade de Eumeu e o poeta põe-lhe na boca a palavra «paizinho» (*átta*, «papá»: ver LSJ e Cmb.iii, p. 140), que ajuda a dar mais uma camada de sentido à cena, já que, por muito que Eumeu tenha sido para Telémaco um pai adotivo, pela primeira vez ao fim de 20 anos Telémaco está a poucos metros de distância de um homem que é o seu pai verdadeiro.

32-33 «para ouvir da tua boca / se no palácio permanece ainda a minha mãe»: a situação implícita nestas palavras não condiz com aquilo que está implícito noutros passos do poema, onde parece claro que o novo marido de Penélope ficará a viver no palácio de Odisseu. Como é seu hábito, o poeta oscila neste ponto (oscilação decerto ocasionada pelas diferentes proveniências dos blocos poéticos utilizados). De qualquer forma, este passo do Canto 16 condiz com o que leremos mais à frente (76) e com o que lêramos em 15.15-19 (e talvez no emaranhado de confusões e de contradições que é o discurso de Atena em 1.253-305; ver especialmente 275-277).

35 A ideia de a cama de Odisseu já estar cheia de teias de aranha na hipótese de Penélope ter entretanto casado levanta de novo a questão, abordada em 23-24*, sobre a duração da ausência de Telémaco.

42 «À sua entrada, do assento o pai se levantou, Odisseu»: outra oscilação permanente na *Od*., como já vimos, é o que nos é dado ver quanto ao talento do seu poeta, que tanto nos apresenta sequências atamancadas «a despachar»[1], como nos brinda com momentos inigualados, na sua subtileza e na arte do *understatement*, em toda a história da literatura. Nesta pequena cena, Odisseu sabe que o príncipe que entrou no casebre é o seu filho que ele não vê há 20 anos, filho esse que trata com frieza o velho mendigo que pressurosamente se levantou à sua entrada. Em paralelo, o poeta sabe que nós, leitores/ouvintes, estamos na posse de suficientes conhecimentos para saborearmos a ironia de Telémaco, obcecado com o pai desde os primeiros versos em que nos foi apresentado no Canto 1, finalmente ter o pai à sua frente na forma de um velho desgraçado que o próprio filho trata com desdém – pelo menos nestes primeiros e pungentes momentos. Refira-se, ainda, outro aspeto fascinante em relação a 42: o posicionamento altamente original no verso da palavra «pai» (*patêr*), que lhe dá um destaque indesmentível; e o hipérbato que separa as palavras «pai» e «Odisseu», chamando assim ainda mais a atenção para cada uma delas. Ver os pormenores técnicos em Oxf.ii, p. 267.

43 «Mas Telémaco do outro lado refreou-o»: apeteceria traduzir «mas Telémaco do outro lado *resfriou*-o».

49-50 «as carnes / que tinham ficado do dia anterior»: no início deste canto, Eumeu e Odisseu estavam a fazer lume para cozinhar o pequeno-almoço, mas a emoção da chegada de Telémaco levou a que a confeção do pequeno-almoço ficasse esquecida. Alguns manuscritos omitem este verso, talvez porque os seus copistas não sentiram grande apetite perante esta ementa de carnes do dia anterior.

59 Novamente a possível gracinha (que, contudo, pode ser mais séria do que parece) sobre a chegada a Ítaca a pé. Ver 1.173*.

60 «Foi então, ó porqueiro Eumeu»: sobre este vocativo, ver 14.55*.

77 De novo os problemáticos presentes nupciais. Ver 1.272-305*, 11.116-117*.

91 «Ó amigo»: as primeiras duas palavras dirigidas por Odisseu a Telémaco – e as primeiras que Telémaco ouve da boca do pai – são *Ô phíl<e>*. Dada a polissemia de *phílos*, podemos também ouvi-las como significando «ó querido», «ó parente».

93 «dizeis»: a 2.ª pessoa do plural chama a atenção, sobretudo atendendo à sequência que vem a seguir.

99 «Quem me dera ser tão jovem quanto os meus sentimentos»: verso parecido com 17.308, a propósito de Argos, o velho cão de Odisseu.

99-100 «Quem me dera […] ser filho de Odisseu – ou até o próprio Odisseu!»: ironia dramática, mas não aplicada com fino pincel.

102 «Que logo um homem estrangeiro me cortasse a cabeça»: porquê um «homem estrangeiro» (*allótrios phôs*)?

104 Verso dado como inautêntico por Zenódoto e por Aristarco, e colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

108-109 «mulheres escravas a serem / arrastadas com descaramento pelo belo palácio»: o tema do abuso sexual das escravas suscitou do poeta a mesma incoerência que já lhe conhecemos relativamente a outros assuntos. É facto que, na *Od*., não há propriamente uma cena de violência sexual, em que os pretendentes nos sejam apresentados como violadores. Na cabeça de Odisseu, as escravas do palácio são dele e, sabendo elas as consequências de terem relações sexuais com outros homens que não o dono (veja-se o enforcamento das escravas em 22.458-473), decerto só à força é que cederiam a assédios e estupros. No entanto, para lá do que podemos pensar dos pretendentes – abancados em casa de Penélope, na esperança de com ela casarem, mas não se coibindo, ao mesmo tempo, de terem relações sexuais com as escravas da mulher cortejada –, também não sabemos o que pensar das escravas, pois há pelo menos uma passagem em que as escravas nos são apresentadas como «entusiásticas fornicadoras» (West, *Odyssey*, p. 68): é o caso de 20.6-8. Mas, nesse mesmo Canto 20, o tema da violência sexual dos pretendentes sobre as escravas regressa em 318-319, em que Telémaco repete as palavras aqui ditas por Odisseu (e que farão mais sentido na boca de Telémaco: «estrangeiros a serem maltratados» justifica-se no Canto 20, em que o mendigo estrangeiro já foi maltratado pelos pretendentes).

138-143 «se deverei fazer percurso idêntico para dar a notícia ao desafortunado / Laertes […] desde o dia em que foste na tua nau para Pilos, / diz-se que ele já não come nem bebe como antes»: estes versos são difíceis de compaginar com o facto de, em todo o poema, Laertes nunca ser referido – à exceção dos presentes versos – como mostrando o mínimo interesse por Telémaco. E quando os vemos finalmente a partilhar o mesmo espaço, em 24.362-548, só um verso (24.515) nos mostra Laertes consciente de que Telémaco existe.

152 «uma escrava governanta»: na poesia homérica temos escravas e temos governantas (que também são escravas); mas só aqui encontramos, com esta explicitação verbal, uma «escrava governanta».

162-163 «viram-na os cães, que sem ladrar se retiraram / a ganir, amedrontados, para o outro lado da propriedade»: no caso do comportamento dos cães à chegada de Odisseu no início do Canto 14 e à chegada de Telémaco no início do Canto 16, o poeta baseia-se na observação empírica de como cães reagem em determinadas situações reais. Aqui, com a vinda da deusa, o poeta está no reino da pura imaginação; assim, o comportamento canino descrito representa tão-só a tentativa de imaginar como um cão reagiria se lhe aparecesse à frente um deus. O facto de a reação imaginária, perante uma situação imaginária, nos parecer tão convincente é mais um elemento a juntar à lista dos inigualáveis méritos poéticos da *Od*.

165 «saiu da sala»: a palavra *mégaron* (propriamente a «grande sala» de um palácio micénico) avulta aqui exagerada, tratando-se do casebre do porqueiro (casebre que, no entanto, receberá o nome de «palácio» em 17.521). A inspiração aqui terá sido 343, onde *mégaron* diz respeito a uma divisão dentro do palácio propriamente dito (cf. Dawe, p. 603).

168 «Agora conta ao teu filho o teu segredo»: à letra, «agora conta ao teu filho a tua palavra [*épos*])».

170 «cidade famosa»: em rigor, «cidade muito famosa» (*periklutós*). A cidade de Ítaca só é assim descrita aqui e em 24.154.

175-176 «De novo ficou de pele negra, encheram-se-lhe as faces / e a barba escureceu em torno do seu queixo»: em 13.399, 431, foi-nos dito que Odisseu era loiro. Agora é «de pele negra»: *melankhroíês* (embora a tradução convencional seja «moreno»). A palavra é raríssima na literatura grega (na poesia homérica ocorre só aqui), mas é análoga a *melánkhrôs*, adjetivo que ocorre no *Fedro* de Platão (253e) aplicado ao cavalo negro, traduzido por *black-skinned* na melhor tradução recente desse diálogo (C. Rowe, *Plato: Phaedrus*, Warminster, 1986, p. 75); ocorre ainda na *Hécuba* de Eurípides (1106, onde é traduzido por *schwarzfarbene* na tradução modelar de K. Matthiessen, *Euripides: Hekabe*, Berlim, 2010, p. 229). Em 2.15* mencionámos já Euríbates, de quem Odisseu dirá no Canto 19 que era «de pele negra» (*melanókhroos*) e de «cabelo crespo» (*oulokárênos*, 19.246*). Os comentadores ou não comentam estas passagens, ou então querem-nos fazer crer que «de pele negra» significa «bronzeado» (*sunburnt*, como sugere Hoekstra em Oxf.ii, p. 273!). Sabemos como a comunidade académica dos Estudos Clássicos reagiu de forma ultrajada e agressiva ao polémico livro de M. Bernal, *Black Athena: Afroasiatic Roots of Classical Civilization* (1987), pois a «brancura» ariana da Grécia e dos Gregos era uma fantasia que ainda dominava, nos anos 80,

as mentes de helenistas que sonhavam romanticamente com a Grécia branca de Winckelmann (para uma desmontagem das fantasias winckelmannianas, ver A. Potts, *Flesh and the Ideal: Winckelmann and the Origins of Art History*, New Haven [Yale], 1994). No entanto, em 1984 já tinha saído o livro de W. Burkert (*Die orientalisierende Epoche in der griechischen Religion und Literatur*, Heidelberg, 1984) que começou a mudar o paradigma da Grécia «pura» sem influência semítica, e depois, com *The East Face of Helicon: West Asiatic Elements in Greek Poetry and Myth* (1997) de West (já aqui citado várias vezes), os Estudos Clássicos tiveram de mudar; passou a aceitar-se que a Grécia minoica, micénica e arcaica se moldou também mercê das influências que recebeu do Próximo Oriente semítico e do Norte de África (Egito). Façamos, então, desassombradamente, a pergunta: Odisseu era negro? A resposta só pode ser esta: não temos base para responder. Podemos dizer – isso sim – que é descrito como loiro em 13.399, 431; e que, em 16.176, é descrito como tendo pele negra. Qual das duas caraterizações é a «válida», não sabemos. (A discussão de Dawe centra-se somente na questão da discrepância entre as duas passagens, e não na hipotética negritude de Odisseu. Aproveito para alertar para a gralha na p. 621, n. 8: o autor citado por Dawe como «Schindler» é, na verdade, August Scheindler, cujo artigo «Die Theorie der Widersprüche in der höheren Homerkritik» [*Neue Jahrbücher für das klassische Altertum* 49, 1922, pp. 307-309] serviu de inspiração a Dawe).

179 «estarrecido, desviou os olhos, com medo de que fosse um deus»: curiosamente, quando Telémaco se confrontou mesmo com um deus em 15.9-43, nem pestanejou.

200 «Agora pareces um dos deuses que o vasto céu detêm»: o poeta põe na boca de Telémaco as mesmas palavras (mudando só a terminação da forma verbal de *éoike* para *éoikas*) que pusera na boca de Nausícaa, encantada com o *sex appeal* de Odisseu em 6.243.

213-214 «Telémaco abraçou / o nobre pai, chorando e vertendo lágrimas»: Telémaco é o único ser amado por Odisseu que o aceita como Odisseu por intuição emotiva, e não depois de a identidade lhe ter sido provada por meio da cicatriz na perna (ou por outro testemunho não-emocional, como a prova de que sabe o segredo da cama nupcial). Mais adiante no poema, veremos que, nos casos de Euricleia, Eumeu, Filécio, Penélope e Laertes, todos eles só aceitam a identidade de Odisseu mediante uma prova.

216-217 «Gemeram alto, os seus gritos mais acutilantes que os / de corvos-marinhos ou abutres de recurvas garras»: este símile dos abutres é estranhíssimo, já que compara as lágrimas de alegria derramadas por pai e filho *reencontrados* aos gritos das aves pelas crias *perdidas*. M. van der Valk, no entanto, não fez por menos, rotulando este símile de «o mais profundo da *Odisseia*» (*Textual Criticism of the Odyssey*, Leiden, 1949, p. 253).

222-224 Versos com elementos já conhecidos, que ocorreram mais recentemente em 14.188-190.

245-246 «Pois os pretendentes não são uma dezena, nem duas dezenas, / mas muitas mais: depressa saberás o seu número»: em 2.51*, comentámos a questão de a narrativa da *Od*. pressupor, nalgumas passagens do poema, a realidade de os pretendentes de Penélope serem somente Itacenses, ao passo que noutros momentos as proveniências são diversificadas, com concomitante aumento do seu número total. Aqui é-nos dito que os pretendentes são 108: 52 de Dulíquio, 24 de Same, 20 de Zacinto e 12 de Ítaca. No entanto, não é implausível que o número «original» (digamos assim) dos

pretendentes se limitasse aos 12 Itacenses. Isto está implícito, como já referimos, em 2.51; está implícito no facto de, em 2.241, Mentor dizer que os pretendentes são poucos; está implícito no facto de, em 18.291-292, Odisseu dizer o mesmo; está implícito no facto de os pretendentes viverem na ilha («a nossa terra», diz o seu porta-voz, Antínoo, em 16.382) e poderem mandar um escudeiro a casa em três tempos buscar os presentes pedidos por Penélope em 18.291; está implícito no número de 12 escravas (22.424) que provaram «os prazeres de Afrodite» (22.444) com os pretendentes e que, por isso, são enforcadas. Não é possível ter certezas sobre como foi aumentando o número de pretendentes: é certo que, em 19.536, Penélope sonha com 20 gansos que «são os pretendentes» (19.548).

248 «para os servir trouxeram ainda seis servidores»: isto é, seis criados para 50 homens. Contudo, há um verso do Canto 18 que nos dá uma imagem diferente: a de que cada pretendente tem o seu próprio criado (18.291).

260 «Considera também se para nós dois serão suficientes / Atena e Zeus pai»: confrontado com a realidade de que ele e o filho terão de combater contra 108 homens, Odisseu assegura a Telémaco que poderão contar com nada menos do que Zeus e Atena. Na realidade, nem Zeus nem Atena intervirão na luta final. Dando a palavra a Dawe (p. 609): «Ninguém adivinharia da presente passagem que, afinal, os dois melhores aliados não serão nem o rei dos deuses nem a sua filha predileta, mas sim o homem dos porcos e o homem dos bois.»

276-277 «mesmo se me arrastarem ao longo da sala pelos pés / até à porta, ou me atirarem com coisas»: a previsão de Odisseu de que será arrastado pelos pés não se concretiza (apesar da ameaça de Antínoo em 17.480), mas a menção de lhe acertarem com objetos arremessados é, como se diz em narratologia, «proléptica».

284 «deverás retirar da sala todas as armas de guerra»: um dos problemas mais famosos da *Od*. é o das contradições inerentes à Remoção das Armas. Aqui Odisseu diz a Telémaco para ser ele, Telémaco (sozinho), a remover as armas. O que, de facto, acontece é que, em 19.1-43, Odisseu e Telémaco removem as armas *juntos*. Mas a presente passagem levanta mais problemas. O mais óbvio é que, se Telémaco vai remover as armas quando o pai lhe fi zer sinal com a cabeça, isso implica logicamente a presença na sala dos pretendentes: ou seja, o poeta, pela boca de Odisseu, visualiza aqui que será debaixo dos narizes dos pretendentes que Telémaco, sem mais nem menos, tirará todas as armas da sala, sem que os pretendentes, presentes, reparem em nada! É «quando os pretendentes derem pela falta e te questionarem» (286) que Telémaco deverá responder com a desculpa do fumo e do risco de agressão alcoólica. Mas então os mesmos argumentos do fumo e da rixa de bêbedos não se aplicam também aos dois jogos de armas que Odisseu manda Telémaco deixar na sala em 295-296? (Note-se que os dois jogos de armas parecem legitimar a ideia de que o poeta ainda não decidira pôr como aliados de Odisseu e Telémaco o homem dos porcos e o homem dos bois.) Como se isto não bastasse, há a irracionalidade básica que subjaz ao tema da Remoção das Armas: o facto de todos os pretendentes terem espadas, como se vê a partir de 22.74. Em suma, os versos 284-294 parecem ter sido compostos por alguém que estava a sofrer, como disse West (*Odyssey*, p. 249), «um ataque de delírio».

298 «Palas Atena e Zeus Conselheiro enfeitiçarão os pretendentes»: as divindades mencionadas não enfeitiçarão ninguém, mais conscientes do que o próprio herói do poema de que uma tal intervenção extrínseca seria atentatória da sua heroicidade.

301 «que ninguém fique a saber que Odisseu está em casa»: neste verso encontramos, em grego, a raridade gramatical (que, num exame de grego nas Universidades de Oxford ou de Coimbra, seria corretamente considerada um erro) de um imperativo aoristo *negativo* (as leis da boa gramática grega ensinam que, embora seja lícito o imperativo *presente* negativo, um imperativo aoristo negativo deve ser expresso sob a forma de conjuntivo aoristo com *mê*). Esta é a única ocorrência de tal bizarria gramatical na *Od*. (em toda a *Il*., ocorre somente em 16.200).

304 «Tu e eu averiguaremos o comportamento das escravas»: ainda a digerir a informação de que terá de combater contra 108 homens, Odisseu introduz agora este tema dos relacionamentos sexuais entre as escravas e os pretendentes, o qual virá à tona várias vezes até ao enforcamento das 12 escravas no final do Canto 22. O papel de Telémaco no enforcamento destas escravas e na castração de um dos escravos (22.476), cujos testículos ele dá a comer aos cães, levanta muitas perguntas dignas do divã do psicanalista. Repare-se na forma como, em 316-317, ele apoia incondicionalmente a proposta do pai: «em relação às escravas concordo que deves averiguar / quais delas te desonraram e quais estão isentas de culpa». Já mencionámos como o poeta oscila na questão de quem tem a culpa na vida sexual ativa dos pretendentes em casa da mulher que estão a cortejar: ver 108-109*. Também há uma pequena oscilação na obsessão mórbida de Odisseu com as aventuras sexuais das escravas, pois em 19.497-498, quando Euricleia quer dizer-lhe os nomes das culpadas, ele diz que não quer saber – contrariamente à sua reação em 22.417-418, onde ele não só quer saber, como determina que elas sejam mortas pela espada (a ideia do enforcamento é de Telémaco, por ser uma morte mais ignóbil) para assim esquecerem os momentos de prazer (22.444) vividos com os pretendentes.

309-320 Na resposta que Telémaco dá ao pai, não há uma palavra sobre a proposta de remover as armas. Ou as palavras delirantes, que já comentámos (ver 284*), entraram a cem e saíram a mil, ou simplesmente não faziam parte do discurso de Odisseu numa anterior versão do poema.

331-332 «não fosse a robusta rainha / sentir receio no seu coração e verter uma lágrima carinhosa»: o adjetivo aqui aplicado a Penélope (*iphthímê*) é o mesmo que já traduzi várias vezes por «corpulenta».

336 «falou o arauto no meio de todas as escravas»: este verso preparatório parece introduzir um longo discurso, mas, afinal, o discurso só tem um verso. A decisão do poeta, de colocar o arauto e o porqueiro a coincidirem no palácio para dizer a Penélope a mesma coisa, já foi apelidada de «cómica» (P. von der Mühll, citado por Dawe, p. 613). Na verdade, os cantos seguintes (sobretudo o Canto 18) terão alguns momentos em que a procura de efeitos cómicos é deliberada. Por outro lado, a mesma cena foi descrita como «perfunctória» e «pateticamente pindérica» (*pathetically jejune*) por West (*Odyssey*, p. 65). Seja como for, o mais curioso é que, tendo recebido a notícia do regresso do filho em duplicado, Penélope não reage, nem num caso, nem no outro.

346-347 «esta viagem foi uma grande façanha que Telémaco /conseguiu»: ver 4.635-636*, 663-664*.

351 «Anfínomo»: o poeta está a saltar à frente na narração, pois esta personagem (a quem serão dirigidos, por Odisseu, alguns dos versos mais belos da *Od*., 18.130-142) só nos será apresentada em 394-398. Mais de 15 cantos depois de o poema ter começado, saberemos em breve que é o preferido de Penélope (398). Wilamowitz (p. 147) opinou que a ocorrência prematura do seu nome neste verso podia ter-se tratado originalmente de um erro: o nome certo seria, porventura, «Eurínomo».

375 «o povo já não nos mostra preferência alguma»: afinal, neste mundo aristocrático de palácios cheios de escravas e de escravos, existe, lá fora, um povo. E um povo, ainda para mais, que este aristocrata, neste momento do poema, parece recear. Em 425 perceberemos porquê.

400-404 «pela parte que me toca, não quereria assassinar / Telémaco […] / serei eu mesmo a matá-lo»: apesar de «compreensivo» e «bem-intencionado», Anfínomo sofre da habitual bipolaridade homérica, que o leva, no espaço de meia dúzia de versos, a formular pensamentos totalmente contraditórios.

428-429 «Queriam matar o teu pai e arrancar-lhe o coração, / para depois arrasarem toda a sua grande propriedade»: muito pacíficas foram, em comparação, as ocupações de latifúndios no Alentejo a seguir ao 25 de Abril.

456 «de novo o transformou num velho»: no entanto, será sob esta forma de velho engelhado que Odisseu será reconhecido por Euricleia, por Eumeu e por Filécio, já que a deusa só lhe restitui o aspeto normal em 23.157-162, forma sob a qual será então reconhecido por Penélope. Telémaco, por seu lado, assiste à operação mágica de engelhamento do pai sem tugir nem mugir. Ver 18.67-70, 21.334.

476-477 «sorriu a força sagrada de Telémaco, olhando com / os olhos na direção do pai»: este momento de cumplicidade final entre Telémaco e Odisseu fecha um canto em que o reencontro entre pai e filho assumiu o primeiro plano, tanto ao nível narrativo (fundindo, finalmente, *Telemaquia* e *Odisseia*) como ao nível emocional.

---

1 Vale a pena citar aqui por extenso o diagnóstico de West (*Odyssey*, p. 66) sobre os «defeitos» do poeta da *Od*. Com efeito, o grande helenista britânico (já aqui citado inúmeras vezes, editor da *Il*. na série Teubner e autor dos melhores livros escritos sobre Homero no século XXI) considerou o poeta da *Od*. «um narrador cronicamente inconsistente. Nunca podemos contar com ele para acertar os pormenores do que acontece numa passagem com aquilo que uma passagem anterior antecipara, ou acertar o relato posterior de eventos com a narração dos eventos propriamente ditos. Uma razão é que, sendo um artista continuamente inventivo, ele cantara diferentes versões em ocasiões diferentes e elas interferem umas com as outras. Outra razão é que ele muda de ideia no decurso do poema sobre como conduzir a narração de eventos. Seja como for, o seu interesse está mais focado no efeito de cada passagem à medida que a compõe do que na sua coerência geral e na compatibilidade exata com outras passagens alhures». Para não ficar, porém, a ideia de que West só viu defeitos no poeta da *Od*., sublinhe-se que as qualidades superlativas do poeta são entusiasticamente elencadas no mesmo livro, nas pp. 50-57.

Canto 17

Quando surgiu a que cedo desponta, a Aurora de róseos dedos,
foi então que nos seus pés calçou as belas sandálias
Telémaco, filho amado do divino Odisseu.
Pegou na forte lança, bem ajustada às suas mãos,
e apressou-se rumo à cidade, assim dizendo ao seu porqueiro:

«Paizinho, fica sabendo que vou à cidade para me mostrar
a minha mãe, pois receio que ela não desista
da triste lamentação e do pranto lacrimejante
antes que me veja em pessoa. Mas isto te ordeno:
leva o pobre estrangeiro até à cidade, para que lá
mendigue o seu sustento. Quem quiser dar-lhe-á
uma côdea e de beber. Não me posso preocupar
com todos os homens, pois tenho os meus sofrimentos.
Se o estrangeiro se zangar com isto, pior será
para ele. Por mim prefiro dizer logo a verdade.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Amigo, não tenho grande desejo de aqui permanecer.
Ao mendigo é melhor mendigar seu sustento na cidade
do que no campo; irá dar-mo quem quiser.
Pois já não tenho idade para ficar numa propriedade

e obedecer em tudo às ordens de um capataz.
Prossegue teu caminho. Este, a quem deste a ordem, levar-me-á,
assim que eu me tiver aquecido à lareira e sentido o calor do Sol.
É que as roupas que visto são farrapos: tenho medo de sucumbir
à geada logo pela manhã. É longe, dizeis vós, até à cidade.»

Assim falou; e Telémaco saiu da propriedade, dando rápidos passos
com os pés, enquanto semeava a desgraça dos pretendentes.
Quando chegou ao bem construído palácio,
guardou a lança, encostando-a contra uma alta coluna.
E transpondo a soleira de pedra, entrou em casa.
A primeira pessoa a vê-lo foi a ama Euricleia,
que estava a pôr velos de lã em cima de tronos embutidos.
Rompendo em lágrimas, veio logo ter com ele. Em seu redor
se reuniram as outras escravas do sofredor Odisseu que, enquanto
o abraçavam, lhe beijavam a cabeça e os ombros.

Então saiu dos seus aposentos a sensata Penélope,
semelhante a Ártemis ou à dourada Afrodite;
rompendo em lágrimas, atirou os braços em torno do filho,
beijando-lhe a cabeça e os lindos olhos.
E chorando proferiu palavras apetrechadas de asas:

«Chegaste, Telémaco, luz doce! Nunca pensei voltar
a ver-te, desde que foste em segredo para Pilos
numa nau, à minha revelia, para algo saberes do teu pai.

Mas diz-me agora se porventura o avistaste.»

A ela deu resposta o prudente Telémaco:
«Minha mãe, não me faças chorar, nem me agites no peito
o coração por ter fugido a custo à morte escarpada.
Vai antes tomar banho e veste o corpo com roupa lavada;
depois sobe para os teus mais altos aposentos com as escravas
e jura a todos os deuses que oferecerás hecatombes,
se de algum modo Zeus permitir que se cumpra a retaliação.
Mas eu irei para o lugar da assembleia, para chamar
um estrangeiro que veio comigo de Pilos.
Fi-lo ir à frente com os meus divinos companheiros,
pedindo a Pireu que o levasse para sua casa, o honrasse
com gentileza e o estimasse, até à minha chegada.»

Assim falou. Mas as palavras da mãe não chegaram a bater asa.
Tomou banho e vestiu o corpo com roupa lavada.
Depois jurou a todos os deuses que lhes ofereceria hecatombes,
se de algum modo Zeus permitisse o cumprimento da retaliação.

Em seguida saiu Telémaco da grande sala do palácio,
segurando a lança; com ele iam <dois> galgos.
E admirável era a graciosidade que sobre ele derramara Atena:
à sua passagem todos o olharam com espanto.
Em seu redor se juntavam os arrogantes pretendentes,
falando-lhe com respeito, mas cheios de más intenções.
Porém ele evitou a multidão numerosa, mas lá onde
estavam sentados Mentor, Ântifo e Haliterses,
que desde o princípio eram amigos da casa paterna,

aí foi sentar-se. E eles o interrogaram sobre tudo.
A eles se juntou então Pireu, famoso pela sua lança,
trazendo até à ágora o estrangeiro através da cidade.
Telémaco não permaneceu longe do seu hóspede,
mas foi ter com ele. E assim lhe falou Pireu:

«Telémaco, manda depressa escravas a minha casa, para que eu possa devolver os presentes que te ofereceu Menelau.»

A ele deu resposta o prudente Telémaco:
«Pireu, nós não sabemos como as coisas se passarão.
Se no meu palácio os arrogantes pretendentes
me matarem às escondidas para dividirem os bens paternos,
eu preferiria que tu ficasses com os presentes, em vez de um deles.
Mas se eu semear para eles as sementes da morte e do destino,
poderás então trazê-los, rejubilando, ao teu amigo rejubilante.»

Assim dizendo, levou para casa o estrangeiro muito sofredor.
Quando chegaram ao palácio bem construído,
depuseram as capas em assentos e tronos
e foram para as polidas banheiras, onde tomaram banho.
Depois que as escravas os banharam e ungiram com azeite,
atiraram-lhes por cima do corpo capas de lã e túnicas.
Saindo do banho, sentaram-se em assentos.

Uma escrava trouxe água para as mãos num jarro,
belo e dourado, e verteu<-a> por cima de uma taça prateada,
para eles se lavarem; e perto colocou uma mesa polida.

Uma venerável governanta veio trazer-lhes o pão,
dispondo iguarias abundantes, favorecendo<-os> com o que havia.

E Penélope veio sentar-se junto à entrada da sala,
recostada contra uma cadeira, fiando delicados fios de lã.
Eles lançaram mão às iguarias que tinham à sua frente.
Depois que afastaram o desejo de comida e bebida,
foi assim que lhes começou a falar a sensata Penélope:

«Telémaco, irei agora para o meu alto aposento,
para repousar na minha cama, que se tornou um leito de pranto,
sempre humedecido com lágrimas, desde o dia em que Odisseu
partiu com os filhos de Atreu para Ílion. Mas não quiseste ainda,
antes de os arrogantes pretendentes entrarem em casa,
contar-me a verdade sobre o regresso de teu pai — se algo ouviste.»

A ela deu resposta o prudente Telémaco:
«Nesse caso, ó minha mãe, dir-te-ei a verdade.
Fomos a Pilos visitar Nestor, Pastor de Povos,
que me recebeu no seu alto palácio e gentilmente
me estimou, tal como se fosse um pai que acolhe
o filho acabado de chegar de terras estrangeiras. Foi assim
que ele amavelmente me recebeu com seus filhos gloriosos.
Mas sobre o sofredor Odisseu, se vivo ou morto,
nada disse ter ouvido de nenhum homem mortal.
Para junto do Atrida, o famoso lanceiro Menelau,
me enviou, dando-me cavalos e um carro bem articulado.

Aí vi Helena, a Argiva, em prol da qual muito
sofreram Troianos e Argivos devido à vontade divina.
Logo me perguntou Menelau, Excelente em Auxílio,
em demanda de que coisa teria eu vindo à divina Lacedemónia.
Pela minha parte, disse-lhe de imediato toda a verdade.
Então, tomando a palavra, assim me respondeu ele:

"Ah, na verdade é na cama de um homem magnânimo
que esses pretendem dormir, sendo eles sem valor algum!
Tal como a corça, que na toca de um possante leão
deita os gamos ainda não desmamados
e por montes e vales vai errando em busca
de pastagem, e depois disso chega o leão à toca
para fazer desabar sobre os gamos um destino cruel —
assim Odisseu fará desabar sobre eles um cruel destino.
Quem dera — ó Zeus pai, ó Atena, ó Apolo! —
que com a mesma força com que se levantou outrora
na bem fundada Lesbos em luta contra Filomeleídes,
e o derrubou no pugilato perante o aplauso dos Aqueus —
quem dera que assim Odisseu surgisse entre os pretendentes!
Rápido seria o seu destino e amargo o casamento!
Mas nisto que me interrogas e suplicas, não desviarei
as palavras para outras coisas, nem te ludibriarei.
Antes de tudo: do que me disse o infalível Velho do Mar,
disso nada te ocultarei nem tentarei esconder.
Disse ele que vira Odisseu em grande sofrimento numa ilha,
no palácio da ninfa Calipso, que à força lá o retinha.
E assim ele não pode regressar à sua terra pátria,
pois não tem naus apetrechadas de remos, nem tripulação

que o pudesse transportar sobre o amplo dorso do mar.”

Assim falou o Atrida, o famoso lanceiro Menelau.
Depois disto, iniciei a viagem de regresso; e um vento favorável
me enviaram os imortais, que depressa me trouxeram à pátria.»
Assim falou; e o coração comoveu-se no peito da mãe.
No seu meio tomou então a palavra o divino Teoclímeno:

«Ó esposa veneranda de Odisseu, filho de Laertes!
Isto é coisa que ele não sabe ao certo: ouve então
as minhas palavras, pois agora profetizarei sem nada ocultar.
Seja minha testemunha Zeus, acima de todos os deuses,
e esta mesa hospitaleira e a lareira do irrepreensível Odisseu,
a que cheguei: Odisseu encontra-se já na sua terra pátria,
sentado ou a rastejar, e informa-se sobre todos os crimes,
semeando a morte para todos os pretendentes:
tal foi o prodígio que presenciei a bordo da nau
bem construída, e logo o declarei a Telémaco.»

A ele deu resposta a sensata Penélope:
«Ah, estrangeiro, prouvera que tal palavra se cumprisse!
Então ficarias a saber o que é amizade e de mim receberias
muitos presentes, a ponto de te chamarem bem-aventurado!»

Assim falaram entre si, dizendo estas coisas.
Os pretendentes estavam à frente do palácio de Odisseu,
deleitando-se com o lançamento do disco e o arremesso de dardos
em local aplanado, cheios de insolência, como era seu costume.

Mas quando chegou a hora de jantar e de todos os lados
regressavam do campo os rebanhos, trazidos por aqueles
que tinham essa tarefa, então disse Médon (que dentre os escudeiros
era o que mais lhes agradava e estava sempre presente nas suas festas):

«Jovens, visto que já deleitastes o espírito com desportos,
vinde para dentro de casa, para que preparemos o jantar.
Pois não é coisa má jantar-se na hora apropriada.»

Assim falou; e eles, levantando-se, obedeceram às suas palavras.
Quando entraram na casa bem construída,
depuseram as capas em assentos e tronos.
Sacrificaram então grandes ovelhas e gordas cabras;
sacrificaram porcos engordados e uma vitela da manada,
assim preparando a refeição. Entretanto do campo
para a cidade se apressavam Odisseu e o divino porqueiro.
Falou primeiro o porqueiro, Condutor de Homens:

«Estrangeiro, visto que estás desejoso de ir hoje à cidade,
como comandou meu amo — embora por mim teria preferido
que tivesses ficado a tomar conta da propriedade;
mas respeito e tenho receio do meu amo, não vá ele censurar-me
depois, uma vez que severas são as censuras dos soberanos —
apressemo-nos: o dia está quase a chegar ao fim,
e ao fim da tarde sentirás ainda mais o frio.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:

«Compreendo o alcance do que dizes: falas a bom entendedor.
Vamos: e tu serás o meu guia ao longo do caminho.
Dá-me porém um bastão, se tens um já cortado,
para me apoiar: segundo dizes é árduo o caminho.»

Assim falou; e sobre os ombros lançou o miserável alforge,
cheio de buracos, dependurado de uma corda torcida.
Eumeu ofereceu-lhe um bastão que lhe agradava.
Partiram os dois; os cães e os pastores ficaram para trás,
a tomar conta da propriedade; e o porqueiro levou para a cidade
o amo com o aspeto de um pobre mendigo, triste e idoso, apoiado
no seu bastão; e horríveis eram os farrapos que lhe serviam de roupa.

Mas quando na sua caminhada por veredas rochosas
estavam próximos da cidade, tendo chegado à fonte
bem feita de águas correntes onde os cidadãos buscavam água —
fonte essa que ali fora posta por Ítaco, Nérito e Policto r,
em torno da qual havia um bosque de choupos alimentados
pela água a toda a volta, e do alto corria a água fresca
de uma rocha; e em cima fora esculpido um altar
das Ninfas, onde todos os viandantes ofereciam sacrifícios:
foi aí que os encontrou Melanteu, filho de Dólio,
quando levava as cabras, as melhores de todos os rebanhos,
para o jantar dos pretendentes; seguiam-no dois pastores.
Assim que os viu, procurou logo um conflito, dirigindo-lhes
palavras injuriosas e desavergonhadas, encolerizando Odisseu:

«Ora vede como um asqueroso vem trazer outro asqueroso.
Como sempre, um deus junta o semelhante ao seu semelhante.
Para onde, ó porqueiro miserável, levas tu essa criatura nojenta,
esse estorvo de mendigo, para vir impingir-se ao jantar?
Pois este é homem para esfregar os ombros em muitas portas,
mas para pedir restos — não espadas e caldeirões.
Se me desses este homem para tomar conta dos meus redis,
varrendo os currais e levando rebentos verdes aos cabritos,
pôr-se-ia a beber o soro do queijo, para ficar com as coxas gordas.
E porque já aprendeu maus hábitos, não quererá
ocupar-se com trabalho honesto; em vez disso prefere andar
pela terra a mendigar, para encher a sua barriga insaciável.
Mas dir-te-ei uma palavra, palavra que se cumprirá:
se ele entrar no palácio do divino Odisseu,
em torno da sua cabeça muitos bancos a voar pela casa,
arremessados pelas mãos de homens, lhe ferirão as costelas.»

Assim falou; e ao passar, na sua estultícia, atingiu Odisseu
na virilha com um pontapé; mas não o fez tombar no caminho,
pois Odisseu manteve-se firme, pensando se haveria de lhe saltar
em cima e à paulada o privar da vida, ou se deveria antes
pegar nele pelas orelhas e esmagar-lhe a cabeça contra o chão.
Mas aguentou e conteve-se. O porqueiro olhou para ele
e censurou-o, levantando as mãos e rezando em voz alta:

«Ninfas desta fonte, filhas de Zeus! Se alguma vez Odisseu
assou para vós coxas, envoltas em rica gordura,

de borregos ou de cabritos, concedei o que vos peço:
que aquele homem, o meu amo, regresse, trazido por um deus!
Rapidamente poria a voar todas essas finezas
com que te pavoneias na tua insolência, cirandando
pela cidade, enquanto os pastores dão cabo dos rebanhos.»

A ele respondeu Melanteu, cabreiro de cabras:
«Ah, como fala o cão, na sua tola esperteza!
Levá-lo-ei numa escura nau bem construída
para longe de Ítaca: far-me-á ganhar muito dinheiro.
Prouvera que Apolo do arco de prata atingisse hoje
Telémaco no palácio, ou então que os pretendentes
o matassem, pois o regresso de Odisseu se perdeu lá longe.»

Assim falando, deixou-os a caminhar lentamente.
Melanteu prosseguiu caminho e chegou depressa ao palácio do rei.
Assim que entrou, sentou-se no meio dos pretendentes,
defronte de Eurímaco, aquele que mais o estimava.
Escravos puseram à sua frente uma porção de carne
e a venerável governanta veio trazer-lhe o pão.

Chegados ao palácio, Odisseu e o divino porqueiro
pararam: a toda a volta se ouvia o som da lira cinzelada,
pois Fémio estava a dedilhar acordes, antes de cantar.
Odisseu segurou na mão do porqueiro e disse:

«Eumeu, este é sem dúvida o belo palácio de Odisseu:
reconhece-se com facilidade, mesmo entre muitos outros.

Há vários edifícios; o pátio está rodeado por um muro
com ameias e os duplos portões estão bem trabalhados.
Não há homem algum que o poderia desprezar.
Apercebo-me de que dentro da casa estão muitos homens
a banquetear-se, dado o cheiro a carne que se eleva; ressoa a voz
da lira, que os deuses criaram para fazer parte do festim.»

Foi então, ó porqueiro Eumeu, que lhe deste esta resposta:
«Facilmente percebeste, pois em todas as coisas és de rápido
entendimento. Mas pensemos como as coisas correrão.
Ou entras tu primeiro no palácio bem construído
e te juntas aos pretendentes, ficando eu aqui fora;
ou então, se preferires, fica tu aqui e eu irei à tua frente.
Mas não hesites durante muito tempo, não vá alguém ver-te
e atirar-te com objetos ou bater-te. Pensa bem nisto.»

Respondendo-lhe, assim falou o sofredor e divino Odisseu:
«Compreendo o alcance do que dizes: falas a bom entendedor.
Mas vai tu à frente; eu ficarei para trás, aqui neste sítio.
Estou habituado a levar pancada e a apanhar com coisas em cima.
O meu coração aguenta: pois já muito sofri no mar
e na guerra. Que isto agora se junte ao que já aguentei.
Um estômago cheio de fome é que nenhum homem pode esconder,
coisa terrível, que muitos males traz aos mortais.
É por causa da fome que as naus de belos bancos são lançadas
no mar nunca vindimado, trazendo flagelos a pobres desgraçados.»

Assim falaram entre si, dizendo estas coisas.
E um cão, que ali jazia, arrebitou as orelhas.
Era Argos, o cão do infeliz Odisseu; o cão que ele próprio
criara, mas nunca dele tirou proveito, pois antes disso partiu
para a sagrada Ílion. Em dias passados, os mancebos tinham levado
o cão à caça, para perseguir cabras selvagens, veados e lebres.
Mas agora jazia e ninguém lhe ligava, pois o dono estava ausente:
jazia no imenso esterco de mulas e bois,
que se amontoava junto às portas, até que os escravos de Odisseu
o levassem como estrume para o campo.
Aí jazia o cão Argos, coberto das carraças dos cães.

Mas quando se apercebeu de que Odisseu estava perto,
começou a abanar a cauda e baixou ambas as orelhas;
só que já não tinha força para se aproximar do dono.
Então Odisseu olhou para o lado e limpou uma lágrima.
Escondendo-a discretamente de Eumeu, assim lhe disse:

«Eumeu, que coisa estranha que este cão esteja aqui no esterco.
Pois é um lindo cão, embora eu não consiga perceber ao certo
se tem rapidez que condiga com o seu belo aspeto,
ou se será apenas um daqueles cães que aparecem às mesas,
que os príncipes alimentam somente pela sua figura.»

Foi então, ó porqueiro Eumeu, que lhe deste esta resposta:
«É na verdade o cão de um homem que morreu.

Se ele tivesse o aspeto e as capacidades que tinha
quando o deixou Odisseu, ao partir para Troia,
admirar-te-ias logo com a sua rapidez e a sua força.
Não havia animal no bosque, que ele perseguisse,
que dele conseguisse fugir: e de faro era também excelente.
Mas está agora nesta desgraça: o dono morreu longe,
e as mulheres indiferentes não lhe dão quaisquer cuidados.
Pois os escravos, quando os amos não lhes dão ordens,
não querem fazer o trabalho como deve ser:
Zeus que vê ao longe retira ao homem metade do seu valor
quando chega para ele o dia da sua escravização.»

Assim dizendo, entrou no palácio bem construído
e foi logo juntar-se na sala aos orgulhosos pretendentes.
Mas Argos foi tomado pelo negro destino da morte,
depois que viu Odisseu, ao fim de vinte anos.

Foi o divino Telémaco o primeiro a ver o porqueiro
quando entrou no palácio; e rapidamente com um aceno
o chamou para si. Eumeu procurou em volta e pegou
num banco para se sentar — o banco onde se sentava
quem trinchava muitas carnes para os pretendentes
que se banqueteavam no palácio. Pegou pois no banco
e colocou-o junto à mesa de Telémaco;
e aí se sentou o porqueiro. O escudeiro pôs-lhe
à frente um prato de carne; e para ele tirou pão do cesto.

Logo a seguir a Eumeu, entrou Odisseu no palácio,
com o aspeto de um pobre mendigo, triste e idoso, apoiado

no seu bastão; e horríveis eram os farrapos que lhe serviam de roupa.
Sentou-se na soleira de freixo, do lado de dentro da porta,
reclinado contra a ombreira de cipreste, que outrora
um carpinteiro polira com perícia e endireitara com um fio.
Então Telémaco chamou a si o porqueiro e falou-lhe,
tirando do lindo cesto um pão inteiro e toda a carne
que conseguia segurar com as suas duas mãos:

«Dá estas coisas ao estrangeiro e diz-lhe que deverá
pedir esmola a todos os pretendentes, um a um.
A vergonha não é boa companheira do homem precisado.»

Assim falou; e o porqueiro foi logo, assim que ouviu a ordem;
e chegando perto de Odisseu proferiu palavras apetrechadas de asas:
«A ti, ó estrangeiro, dá Telémaco estas coisas; e ordena-te
que peças esmola a todos os pretendentes, um a um.
Diz que a vergonha não é boa companheira do homem precisado.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Zeus soberano! Que Telémaco seja feliz entre os homens,
e que tudo alcance que o seu coração deseja!»

Assim dizendo, recebeu a comida com ambas as mãos
e colocou-a aos seus pés, no alforge miserável.
Comeu enquanto o aedo cantava no palácio.

Mas depois de ter jantado, e depois de o aedo ter terminado
o seu canto, surgiu entre os pretendentes um grande alarido.
E Atena chegou perto de Odisseu, filho de Laertes,
e incitou-o a imiscuir-se entre os pretendentes para pedir
bocados de pão, pelo que veria quais eram justos e quais o não eram.
Mas mesmo que o fossem, ela não salvaria nenhum da sua desgraça.
Odisseu começou pelo lado direito a pedir pão a cada um,
estendendo a todos a mão, como se fosse há muito mendigo.
Eles compadeceram-se e deram-lhe qualquer coisa, surpreendidos,
perguntando uns aos outros quem seria e donde viria aquele homem.

Para eles falou então Melanteu, cabreiro de cabras.
«Escutai-me, ó pretendentes da excelsa rainha,
a respeito deste estrangeiro! Já antes o tinha visto.
Foi o porqueiro que aqui o trouxe, mas sobre o homem
nada sei, nem sei donde diz ser originário.»

Assim falou; e Antínoo repreendeu o porqueiro, dizendo:
«Ó porqueiro bem conhecido, porque trouxeste até à cidade
este homem? Não temos nós vagabundos que cheguem,
mendigos inoportunos, que nos estragam os festins?
Ou queixas-te de que há aqui homens a devorar o sustento
do teu soberano — para depois trazeres ainda mais este?»

Foi então, ó porqueiro Eumeu, que lhe deste esta resposta:

«Antínoo, nobre embora sejas, não são belas as tuas palavras.
Quem é que vai ele próprio chamar outro, um estrangeiro,
de outra terra, a não ser que se trate de um demiurgo:
um vidente, um médico, um carpinteiro de madeira,
ou um aedo divino, que com o seu canto nos deleita?
Estes homens são sempre convidados na terra ilimitada.
Agora um mendigo ninguém convidaria como despesa
para si próprio. Mas tu, de todos os pretendentes és sempre
ríspido com os escravos de Odisseu, sobretudo comigo.
Mas eu não me importo, enquanto no palácio viverem
a sensata Penélope e o divino Telémaco.»

A ele deu resposta o prudente Telémaco:
«Está calado. Não gastes palavras a responder àquele homem.
Antínoo tem esse mau costume, de provocar sempre conflitos
com as suas palavras displicentes, incitando outros a fazer o mesmo.»

Em seguida dirigiu a Antínoo palavras apetrechadas de asas:
«Antínoo, tão amável para comigo! Como pai para filho,
visto que me mandas escorraçar o estrangeiro do palácio
com palavras agressivas. Que o deus nunca permita tal coisa!
Tira tu qualquer coisa para lhe dares. Não regateio: ordeno-te.
E não te preocupes com a minha mãe, nem com nenhum
dos escravos que estão no palácio do divino Odisseu.
Só que não é este o pensamento que tens no teu peito:
preferes comer como um alarve a dar de comer a quem não tem.»

Falando deu-lhe Antínoo a seguinte resposta:
«Telémaco, excelso orador, inquebrantável em coragem,
que coisa foste dizer! Se todos os pretendentes lhe derem
o que lhe darei, durante três meses manter-se-á longe da casa!»

E enquanto falava agarrou no banco que estava debaixo da mesa,
no qual costumava descansar os belos pés quando comia.
Porém todos os outros deram qualquer coisa, enchendo o alforge
com pão e pedaços de carne. E Odisseu estava prestes a dirigir-se
de novo à soleira, sem ter tido de pagar o que provara dos Aqueus,
quando se postou junto de Antínoo, e assim lhe disse:

«Amigo, dá-me qualquer coisa. Pois aos meus olhos não pareces
o mais vil dos Aqueus, mas o mais nobre: tens aspeto de rei.
Por isso, mais do que os outros, deves dar-me uma porção
melhor de comida; e eu celebrar-te-ei pela terra ilimitada.

Também eu vivi outrora entre os homens, em casa própria:
homem rico, em casa abastada. E muito dei eu a viandantes,
fossem eles quem fossem, cada um com a sua necessidade.
Escravos também eu tinha em grande número e todas as coisas
em abundância, com que se vive bem e se é considerado rico.
Mas Zeus Crónida estilhaçou tudo — assim lhe aprouve;
ele que me deixou ir para o Egito com piratas muito viajados,
um longo percurso, para que lá encontrasse a minha desgraça.
Lá no rio Egito fundeámos as naus recurvas.

Ali ordenei aos fiéis companheiros
que ficassem nas naus e que as naus guardassem;
aos espias mandei que subissem até às atalaias.
Mas os companheiros, cedendo à insolência e levados
pela sua força, devastaram os belos campos dos Egípcios,
levando as mulheres e as crianças ainda pequenas
e matando os homens. Depressa chegou a notícia à cidade.
Ao nascer do dia, acudindo aos gritos, vieram:
e toda a planície se encheu de infantaria, de cavalos
e do choque do bronze. Mas Zeus que arremessa o trovão
lançou contra os companheiros um pânico vil; e nenhum foi capaz
de enfrentar o inimigo, pois de todos os lados nos cercava a desgraça.
Em seguida muitos de nós eles mataram com o bronze afiado;
e outros levaram vivos para a cidade, para trabalharem à força.
A mim deram-me a um estrangeiro que com eles se encontrou,
para me levar para Chipre: era Dmetor, filho de Íaso, rei de Chipre.
É daí que agora venho, sofrendo muitas agruras.»

Então respondeu-lhe Antínoo com estas palavras:
«Mas que deus te trouxe aqui como flagelo, para estragar a festa?
Afasta-te para ali, para o meio da sala, para longe da minha mesa.
Ou depressa irás parar a um Egito, a uma Chipre bem amargos.
Na verdade és um mendigo atrevido e desavergonhado.
Chegas ao pé de cada um a pedir: e eles dão-te tudo

de mãos largas, pois não há constrangimento nem escrúpulo
quando se trata de oferecer o que é de outro,
452*b* quando à frente de cada um há comida em abundância.»

Recuando um pouco lhe disse então o astucioso Odisseu:
«Ah, não condiz a tua inteligência com a tua beleza!
455 Do que é teu nem um grão de sal darias a um suplicante,
tu que agora estás sentado à mesa de outrem e nem um pouco
de pão me quiseste dar, quando à tua frente tens tanta comida.»

Assim falou. E Antínoo encolerizou-se ainda mais no coração;
fitou-o com sobrolho carregado e disse palavras apetrechadas de asas:
460 «Agora é que não atravessarás em segurança a sala
para saíres, tu que te atreves a lançar injúrias!»

Assim dizendo, agarrou no banco e atirou-o contra o ombro
direito de Odisseu, contra a omoplata. Mas Odisseu manteve-se
firme como uma rocha: não o fez vacilar o arremesso de Antínoo.
465 Abanou a cabeça em silêncio; fundos e tenebrosos eram
os seus pensamentos. Voltou à soleira, onde se sentou e posou
o alforge bem fornecido; depois disse assim aos pretendentes:

«Ouvi-me agora, ó pretendentes da famigerada rainha!
Direi aquilo que o coração no peito me impele a dizer.
470 Não causa dor ao espírito nem é vergonha alguma
quando um homem é ferido em combate, pela defesa
da sua propriedade, quer se trate de bois ou de brancas ovelhas.

Mas Antínoo bateu-me por causa da minha pobre barriga,
coisa terrível que aos homens traz muitas desgraças.
Mas se aos mendigos assistem deuses e Fúrias vingadoras,
que sobre Antínoo se abata o termo da morte, antes de se casar!»

A ele respondeu Antínoo, filho de Eupeites:
«Come em silêncio, estrangeiro, aí sentado; ou vai-te embora.
Estes jovens ainda te arrastam através da casa, por causa do que dizes,
pelos braços ou pelos pés, e depois esfolar-te-ão o corpo todo.»
Assim falou; mas muito indignados ficaram todos os outros.
Era deste modo que um dos mancebos orgulhosos lhe falava:

«Antínoo, fizeste mal em bater no infeliz viandante.
Insensato! E se ele é na verdade um dos deuses do céu?
Pois os deuses, assemelhando-se a estranhos de terras
estrangeiras, sob todas as formas, visitam as cidades
para verem a insolência e a justiça dos homens.»

Assim falavam os pretendentes, mas Antínoo não ligou.
Porém Telémaco sentia no coração uma dor enorme
porque bateram no pai, embora não permitisse
490*b* que nenhuma lágrima lhe caísse das pálpebras até ao chão.
Abanou a cabeça em silêncio; fundos e tenebrosos eram
os seus pensamentos. E Penélope, quando ouviu que alguém
fora agredido na sala, disse no meio das suas escravas:
«Que também Antínoo seja atingido por Apolo do arco famoso.»

E Eurínome, uma governanta, respondeu-lhe assim:
«Oxalá se cumprissem todas as nossas preces:
nem um deles chegaria a ver a Aurora de belo trono.»

A ela deu resposta a sensata Penélope:
«Ama, todos eles são odiosos! E maus são os seus planos.
Mas, mais do que os outros, é Antínoo igual à negra morte.
Um pobre estrangeiro arrasta-se pela casa a pedir
esmolas, pois é a necessidade que a tal o obriga.
Todos lhe dão qualquer coisa para encher o alforge,
mas Antínoo atira-lhe com um banco contra o ombro!»

Assim falou Penélope entre as suas escravas, sentada
no tálamo; entretanto jantava o divino Odisseu.
Penélope mandou chamar o divino porqueiro e disse:
«Vai, divino Eumeu, e diz ao estrangeiro que venha
até aqui, para que o cumprimente e lhe pergunte
se porventura sobre o sofredor Odisseu alguma coisa ouviu
dizer, ou se o viu com os olhos: parece ter viajado muito.»

Foi então, ó porqueiro Eumeu, que lhe deste esta resposta:
«Quem me dera, ó rainha, que os Aqueus se calassem.
As coisas que ele diz! Enfeitiçará o teu querido coração.
Há três noites que ele está comigo; três dias passou comigo
no casebre, pois foi primeiro para junto de mim que chegou
quando fugiu da nau; mas não contou ainda as dores todas.
Ouvi-lo é olhar para um aedo, que para os mortais
canta palavras cheias de saudade, que os deuses lhe ensinaram,
e todos desejam ardentemente ouvi-lo, cada vez que canta —

assim o estrangeiro me enfeitiçou, sentado no meu palácio.
Diz que é há muito tempo amigo de família de Odisseu,
habitante de Creta, donde é originária a raça de Minos.
De lá veio aqui ter, sofrendo muitas desgraças,
como algo que rola sempre em frente. Diz que ouviu notícias
de Odisseu: estará vivo, na terra fértil dos Tesprócios,
e para casa trará um grande tesouro.»

A ele deu resposta a sensata Penélope:
«Vai chamá-lo para aqui, para que me fale cara a cara.
Quanto a estes, que se sentem às portas ou dentro de casa
com os seus desportos, visto que estão de coração alegre.
Pois os haveres deles estão lá nas suas casas, incólumes,
pão e doce vinho: é isso que comem os escravos deles.
Mas andam para trás e para a frente todos os dias
para aqui sacrificarem bois, ovelhas e gordas cabras.
Regozijando-se, bebem o vinho frisante sem moderação.
Dizimam assim toda esta riqueza, e não há aqui um homem,
como era Odisseu, para afastar a ruína desta casa.
Mas se Odisseu voltasse, tendo regressado à terra pátria,
depressa ele e o filho castigariam as insolências destes homens.»

Assim falou. Logo de seguida, Telémaco deu um grande espirro,
e toda a casa ecoou subitamente. Penélope riu-se
e rapidamente dirigiu a Eumeu palavras apetrechas de asas:

«Vai agora e chama para aqui o estrangeiro.
Vês como o meu filho espirrou depois de tudo o que eu disse?
Por isso não ficará por cumprir a morte dos pretendentes,

de todos: nem um escapará à morte e ao destino.
E outra coisa te direi; e tu guarda-a no coração:
se eu achar que o mendigo diz coisas verdadeiras,
dar-lhe-ei como roupa uma capa e uma túnica, belas vestes.»

Assim falou; e o porqueiro afastou-se depois de ouvir as palavras.
Postou-se junto de Odisseu e dirigiu-lhe palavras apetrechadas de asas:

«Pai estrangeiro, chama-te a sensata Penélope,
mãe de Telémaco. O coração impele-a a informar-se
sobre o esposo, embora já muitas dores tenha sofrido.
Se ela achar que tu dizes coisas verdadeiras,
vestir-te-á com uma capa e uma túnica, roupas de que muito precisas. O pão mendigá-lo-ás por toda a ilha,
para encheres a barriga: irá dar-to quem quiser.»

Respondendo-lhe, assim falou o sofredor e divino Odisseu:
«Eumeu, rapidamente direi coisas verdadeiras
à filha de Icário, à sensata Penélope.
Sei tudo sobre ele: o nosso sofrimento é comum.
Mas tenho medo deste bando de agressivos pretendentes,
cuja arrogância e violência bradam ao férreo céu.
Mesmo agora, quando passava pela casa, este homem
me bateu e me deu como presa à dor;
nem Telémaco nem qualquer outro o impediu.
Por isso pede a Penélope, embora desejosa de me ouvir,
que permaneça no palácio até ao pôr do Sol:

que nessa altura ela me interrogue sobre o regresso do esposo,
dando-me um lugar junto à lareira. De facto são pobres as minhas
roupas; mas tu já sabes. Foi primeiro a ti que dirigi súplicas.»

Assim falou; e o porqueiro afastou-se depois de ouvir as palavras.
Ao pisar a soleira da porta falou-lhe Penélope:

«Não o trazes, ó Eumeu? Qual é a intenção do viandante?
Será que tem medo excessivo de alguém, ou sente outro
constrangimento cá em casa? Mendigo tímido é mau mendigo.»

Foi então, ó porqueiro Eumeu, que lhe deste esta resposta:
«Ele sabe medir as palavras, com isso qualquer um concordaria;
é sua intenção evitar as desconsiderações de homens insolentes.
Mas manda dizer para tu esperares pelo pôr do Sol.
E a ti, ó rainha, fica muito melhor falares com o homem
sozinha, para que sejas só tu a ouvir as suas palavras.»

A ele deu resposta a sensata Penélope:
«Não é irrefletido, o estrangeiro. Projeta bem como as coisas
se poderiam passar. Na verdade, não há homens mortais
mais capazes do que estes de praticar insolências na sua loucura.»

Assim falou Penélope. O porqueiro voltou para junto
dos pretendentes, depois de ter explicado tudo.
Rapidamente dirigiu a Telémaco palavras apetrechadas de asas,

mantendo próxima a cabeça, para que os outros não ouvissem:

«Amigo, vou-me embora para tomar conta dos porcos e de tudo
lá no recinto, teu e meu sustento. Toma tu conta das coisas aqui.
Protege-te primeiro a ti próprio, e reflete bem no coração,
não vá sobrevir algum mal. Muitos destes Aqueus têm más
intenções; que Zeus os destrua antes que nos prejudiquem!»

A ele deu resposta o prudente Telémaco:
«Assim será, paizinho. Vai depois de teres lanchado.
Volta de manhã com belos animais para o sacrifício.
As coisas aqui serão preocupação minha e dos imortais.»

Assim falou; e o porqueiro voltou a sentar-se no assento polido.
Depois de satisfazer o coração com comida e bebida,
regressou aos seus porcos, deixando a sala e o palácio
cheio de convivas. Estes deleitavam-se com a dança
e o canto, pois chegara já o fim do dia.

Notas ao Canto 17

4 «Pegou na forte lança»: há manuscritos da *Od*. que têm aqui um verso adicional, importado de 2.3, talvez por os copistas terem estranhado que, no verso do Canto 2, Telémaco pegue numa espada, ao passo que aqui pega numa lança.

9-11 «Mas isto te ordeno: / leva o pobre estrangeiro até à cidade, para que lá / mendigue o seu sustento»: Telémaco está a dizer a Eumeu o contrário do que dissera em 16.82-84. Notamos, agora, que a insensibilidade fria na atitude de Telémaco relativamente ao mendigo, real no início do Canto 16, deu lugar a uma encenação de insensibilidade fria, para Eumeu não desconfiar da cumplicidade entre príncipe e mendigo.

10 «lá»: esta palavra aparentemente discreta levanta, na prática, um furor linguístico desproporcional à sua importância, pelo facto de ter mais uma sílaba relativamente à sua forma habitual na *Il*. (onde ocorre quatro vezes) e na restante *Od*. (onde ocorre dez vezes). O aparato crítico da ed. de Estugarda regista a conjetura de Fick, que arranjou maneira de eliminar a sílaba a mais, substituindo a palavra anterior por outra; mas chama-nos também a atenção o veredito do editor, P. von der Mühll, que anota no aparato «daqui até 30, ao que parece, um poeta mais recente serviu-se de uma *Odisseia* antiga» (*hinc usque ad 30., ut vid., Odyssea antiqua usus est poeta recentior*).

20-21 «já não tenho idade para ficar numa propriedade / e obedecer em tudo às ordens de um capataz»: no entanto, o mesmo Odisseu-mendigo dissera em 15.320-322 «quando se trata / de servir, não há mortal que comigo se compare, / pois sei bem fazer o lume e sei rachar lenha».

30 «soleira de pedra»: tal como em 20.258; mas mais à frente, em 339, ser-nos-á dito que a soleira é de freixo.

33-35 A receção a Telémaco no palácio, por parte da ama e das escravas, suscita a mesma dúvida de que já falámos: Telémaco esteve fora quanto tempo? Ver o que comentámos em 16.23-24*.

44 «Mas diz-me agora se porventura o avistaste»: à pergunta de Penélope (de todas as perguntas a mais premente) – cuja paráfrase seria «na tua viagem chegaste a ver o teu pai?» – Telémaco responde, curiosamente, «vai tomar banho» (48). E, sem um murmúrio, Penélope vai, de facto, tomar banho.

57 «as palavras da mãe não chegaram a bater asa»: temos aqui a ideia contrária às «palavras apetrechadas de asas» (1.122*).

62 «com ele iam <dois> galgos»: estes galgos chegam-nos de 2.11*, onde se especifica que são dois. Aqui são apenas «cães velozes». Também a beleza sobrenatural concedida por Atena tem origem na mesma passagem.

68 «Mentor, Ântifo e Haliterses»: também eles analepses relativamente ao Canto 2. Recorde-se que o poeta-narrador nos tinha informado em 2.19 de que Ântifo fora comido pelo Ciclope. Folgamos em vê-lo sentado em Ítaca, ileso.

71-72 Apesar de lhe ter sido dito para manter Teoclímeno em sua casa (55-56), eis que Pireu faz precisamente o contrário.

78-83 Tipicamente, as coisas espantosas ditas por Telémaco nestes versos – que, na eventualidade da sua morte, deixa a Pireu a fortuna que trouxe de Esparta; e, mais espantoso ainda para quem o ouvia sem saber o que estava por trás, que está a pensar matar, sozinho, os 108 pretendentes – não suscitam a mínima reação da parte de Pireu.

87 «foram para as polidas banheiras, onde tomaram banho»: refastelado, agora, a tomar banho com Teoclímeno, Telémaco esqueceu-se totalmente da refeição que prometera aos tripulantes em 15.506-507 (patuscada que eles nunca receberão).

91-95 Versos já nossos conhecidos (1.136-140*).

101-102 «Telémaco, irei agora para o meu alto aposento, / para repousar na minha cama»: dois aspetos chamam a nossa atenção, sendo o primeiro o facto de Penélope (que agora se quer levantar) ter acabado de se sentar a fazer companhia a Telémaco e a Teoclímeno. Depois, parece-nos um pouco cedo para a rainha ir já para a cama: o dia em que estamos (o 39.º dia) chega ao fim no último verso do presente canto, mas só anoitecerá mesmo em 18.306. E, na realidade, Penélope só vai dormir no final do Canto 19.

112-113 «Foi assim / que ele amavelmente me recebeu com seus filhos gloriosos»: surpreende esta referência de Telémaco aos filhos de Nestor, sem uma palavra sobre Pisístrato.

132 Com este verso, o poeta retoma o material poético de 4.341-350.

153 «Isto é coisa que ele não sabe ao certo»: qual é o antecedente de «ele»? Será «Telémaco» ou «Menelau»? Há defensores das duas hipóteses (cf. Oxf.iii, p. 26).

157 «Odisseu encontra-se já na sua terra pátria, / sentado ou a rastejar»: entre as personagens desta cena, só Telémaco podia avaliar quão certeiro é o talento profético de Teoclímeno. No entanto, é Penélope quem responde.

172 «Médon (que dentre os escudeiros / era o que mais lhes agradava)»: nós sabemos que Médon é um agente duplo, pois foi ele que, em 4.677-679 (cf. 16.412), contou a Penélope que os pretendentes queriam assassinar Telémaco.

195-196 «Dá-me porém um bastão, se tens um já cortado, / para me apoiar»: o que terá acontecido ao bastão que Odisseu tinha em 14.31?

207 «Ítaco, Nérito e Policto»: personagens dos alvores míticos da ilha, sendo Ítaco decerto o herói epónimo que lhe deu o nome. «Nérito» faz-nos pensar no monte Nériton (9.22). Policto (o nome significa «Muito-Possuidor») é um nome mencionado no poema (18.299 e 22.243), mas o

Polictor mítico é provavelmente outro. Existe uma tradição segundo a qual Ítaco, Nérito e Polictor seriam três irmãos, filhos de uma figura ainda mais remota e obscura chamada Pterelau (Dawe, p. 632). O facto de a altercação entre o rei legítimo de Ítaca e um seu escravo (Melanteu) ocorrer junto desta fonte carregada de passado não é inocente. Cf. Danek (pp. 329-330).

212 «Melanteu, filho de Dólio»: o nome tem duas grafias na *Od*.: «Melanteu» e «Melântio» (mas referem-se à mesma personagem). Irmão da escrava Melanto e filho de Dólio («Intrujão»), o elemento *mélan* em ambos os nomes («negro») é interpretado por alguns estudiosos como simbólico da sua maldade («both characters are associated with the suitors and with evil; the "black" element in their name is patently symbolic»: R.B. Rutherford, *Homer: Odyssey, Books XIX & XX*, Cambridge, 1992, p. 139).

238 «O porqueiro olhou para ele»: subentende-se «Melanteu».

249-250 «Levá-lo-ei numa escura nau bem construída / para longe de Ítaca: far-me-á ganhar muito dinheiro»: soam estranhas as palavras de um escravo dizendo que vai levar outro escravo (pois Melanteu está a referir-se a Eumeu) numa nau para o vender e para, com essa venda, fazer muito dinheiro. As palavras justificam-se talvez como «mania das grandezas» decorrente do facto de Melanteu ser favorito dos pretendentes (especialmente de Eurímaco, que tinha relações sexuais com a irmã de Melanteu: 18.325) e de gozar de um estatuto muito acima do servil, sentando-se com eles à mesa (256-259). Tudo isto de nada lhe valerá no momento de ser mutilado, pendurado, castrado e decepado por Telémaco e Eumeu (22.474-477).

282 «Mas vai tu à frente; eu ficarei para trás, aqui neste sítio»: a conversa entre Odisseu e o porqueiro sobre quem deve entrar primeiro (como se quisessem disfarçar o facto de se conhecerem) parece despropositada, visto que Melanteu já está dentro do palácio e sabe que os dois se conhecem. No entanto, é uma estratégia para nos focarmos em Odisseu durante uns momentos, para que o poeta nos possa dar uma pequena cena, das mais famosas de toda a história da literatura: Odisseu reconhecido pelo seu velho cão, que morre logo de seguida[1]. Nestes versos, vemos como o hexâmetro épico, criado para contar as genealogias e as façanhas de guerreiros e de deuses, exprime com inultrapassável delicadeza um momento de esmagadora emoção, que acontece não entre deuses nem entre heróis, mas entre um ser humano e um animal.

291-292 «E um cão, que ali jazia, arrebitou as orelhas. / Era Argos, o cão do infeliz Odisseu»: o nome «Argos» significa «Célere». Sobre o poeta da *Od*. como «amigo de cães», na expressão feliz de Wilamowitz, ver 14.21*.

307 «é um lindo cão»: o cão velhíssimo (pois tem mais de 20 anos), que jaz moribundo em cima do monte de esterco, coberto de carraças, não é, nem pode ser em termos objetivos, um «lindo cão». É, no entanto, um «lindo cão» na perceção subjetiva de Odisseu, que sobrepõe a memória de como o cão era – e o afeto que por ele ainda sente, e que o cão ainda lhe demonstra – à visão confrangedora de sofrimento e de abandono que tem diante dos olhos.

339 «soleira de freixo»: ver 30*.

340-341 «que outrora / um carpinteiro polira com perícia e endireitara com um fio»: um pequeno pormenor como este torna a história narrada, em termos da interação passado/presente, quase

tridimensional.

342 «Telémaco chamou a si o porqueiro»: porquê? O porqueiro já estava sentado com Telémaco em 333.

345-346 «Dá estas coisas ao estrangeiro e diz-lhe que deverá / pedir esmola a todos os pretendentes, um a um»: o poeta já decidiu que vai prolongar o mais possível a narrativa antes de Odisseu disparar a primeira flecha para matar o primeiro pretendente – o que só acontecerá no Canto 22. Um dos estratagemas usados para atrasar a narração é o motivo dos insultos dos pretendentes ao pobre mendigo. Para esses insultos acontecerem, é preciso algo que os provoque. Por isso, o mendigo tem de se atrever a interagir com os pretendentes, para deles suscitar má vontade e maus-tratos.

347 «A vergonha não é boa companheira do homem precisado»: verso que chama a atenção de todos os helenistas pela semelhança com *T&D*.317.

360-364 Nestes versos, o poeta diz-nos que Atena incitou Odisseu a pedir bocados de pão aos pretendentes, para averiguar quais deles eram justos. Todos eles dão qualquer coisa ao desgraçado (411), à exceção de Antínoo, que, em vez de lhe dar algum alimento, atira-lhe com um banco (462-463). Devemos então depreender que, entre os pretendentes, 107 homens são justos e só um é injusto? Não parece ser essa a intenção do poeta. Por outro lado, como notou Dawe (p. 640), se o mendigo recebera um pão inteiro (343), tinha assim tanta necessidade de ir mendigar bocados de pão? A resposta é que não é o pão que está aqui em causa, mais sim o arquitetar de uma situação que leve Antínoo a atirar o banco contra Odisseu. A cena existe em função disso.

384-385 «um vidente, um médico, um carpinteiro de madeira, / ou um aedo divino»: um poeta de hoje talvez não se ofendesse por saber que, na mundividência homérica, médicos e aedos estão no mesmo patamar de valor; um médico de hoje, porém, dificilmente aceitaria ver-se colocado em pé de igualdade com um carpinteiro.

402 Verso omitido em vários manuscritos e colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

427 «Lá no rio Egito»: esta historieta, mais ou menos parecida com a que Odisseu contou ao porqueiro no Canto 14, não bate certo, a cem por cento, com o relato anterior (situação que Eumeu seria capaz de detetar, em virtude de ter sido o narratário da narração anterior). Aqui, passa-se por cima do tema da origem cretense; o local donde o mendigo viajou para Ítaca é dado como Chipre.

443 «Dmetor»: a *Il*. menciona um rei de Chipre, mas o seu nome é Cíniras (*Il*.11.20).

495 «Eurínome»: apresentada como governanta também em 19.96 e 23.154. Como já foi muitas vezes observado pelos estudiosos da poesia homérica, Eurínome funciona como uma duplicação de Euricleia, tal como Mentes e Mentor são também duplicações. Ver 1.20*. (No entanto, é preciso ressalvar que Eurínome está ausente da Telemaquia.) Ver nota seguinte.

499 «Ama»: além de ter substituído Euricleia como governanta, Eurínome também é tratada, nesta secção, por «ama». E porque não? Pode ser que o poeta a veja como tendo sido mesmo a ama de Penélope. É interessante notar que, no poema, Euricleia é mais associada a Telémaco e a Odisseu, ao passo que Eurínome é mais associada a Penélope (West, *Odyssey*, p. 257, p. 181).

506 «entretanto jantava o divino Odisseu»: jantava – ou almoçava? Ver 599*. A refeição em causa é um *deîpnon* (ver as refeições elencadas em 9.311*).

515-516 «Há três noites que ele está comigo; três dias passou comigo / no casebre»: se Eumeu tivesse tido a oportunidade, como têm as leitoras e os leitores deste livro, de consultar o Apêndice, saberia que acabara de fazer aqui uma afirmação errada. Odisseu passou quatro dias e quatro noites no casebre (prestes a ser chamado um «palácio», em 521).

518 «Ouvi-lo é olhar para um aedo»: não é a primeira vez que Odisseu é comparado a um aedo (ver 11.368*). Em 21.406-408 – depois de já um rei (Alcínoo) e de um porqueiro (Eumeu) terem feito a analogia (que é um autoelogio vindo da voz poética que assume a narração) – será o próprio poeta a fazer a comparação.

519 «palavras cheias de saudade»: em grego, *épea himeróenta* («palavras cheias de desejo saudoso»). *Hímeros* é uma palavra para a qual não existe paralelo exato em português (LSJ dá como sentidos possíveis *longing* e *yearning*). A expressão procura verbalizar aquilo que talvez pudéssemos descrever como «certo efeito de certa música sobre certas pessoas». Curiosamente, este verso sobre o efeito inefável da música começa com um estrondoso erro de métrica: a vogal breve da palavra que significa «canta», *aeídêi* (palavra cuja escansão, no verso seguinte, está perfeitamente correta).

521 «palácio»: a linguagem convencional da epopeia tem destas coisas e, se a métrica ou o cansaço do poeta assim o exigirem, o termo *mégara* até pode ser aplicado ao casebre do porqueiro («like a suburban villa calling itself Versailles», na frase imortal atribuída a Lady Salisbury).

522 «Diz que é há muito tempo amigo de família de Odisseu»: onde é que o porqueiro foi buscar esta ideia peregrina? O «mendigo» nunca lhe disse tal coisa; nem dirá nada que se pareça a Penélope em 19.270-271.

530 «Quanto a estes»: Penélope fala como se os pretendentes estivessem ali ao lado, o que nos obriga a perguntar: onde está a decorrer esta conversa? Em 506 parecia que Penélope e Eumeu estavam no aposento de Penélope; mas, em 513, quando Eumeu diz «quem me dera […] que os Aqueus se calassem», está a dizer, para todos os efeitos, que os pretendentes estão ali ao lado e não se calam, perturbando a conversa. Também o espirro de Telémaco é referido por Penélope como tendo ocorrido ali ao lado: daí o presente do indicativo «vês» em 545. Ver West, *Odyssey*, p. 258.

541 «Telémaco deu um grande espirro»: na Grécia Antiga, espirrar era um sinal positivo e auspicioso (famosamente em Xenofonte, *Anábase* 3.2.9).

544 «Vai agora e chama para aqui o estrangeiro»: ou Penélope está muito monocórdica (pois já disse a mesma coisa em 508-509 e 529), ou o porqueiro não está a prestar a mínima atenção ao que ela diz.

565 Verso omitido por muitos manuscritos e colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

596-597 «Muitos destes Aqueus têm más / intenções»: sem dúvida, pois não há muito tempo (no canto anterior) estavam todos embrenhados num plano para assassinar Telémaco.

599 «depois de teres lanchado»: o verbo que aqui encontramos em grego (*deieliáô*) introduz outra refeição, a juntar às referidas em 9.311*: o lanche (*deíelon*, talvez no sentido da palavra alemã *Jause*,

«merenda»; mas note-se que o substantivo nunca ocorre na *Il*. nem na *Od*.).

600 «Volta de manhã, com belos animais para o sacrifício»: o plural («animais») causa estranheza, já que em 14.18, 26 e 108 se disse que Eumeu enviava (e não levava) um porco por dia. Ver Dawe, p. 652.

606 «pois chegara já o fim do dia»: ver 101-102*.

---

1 No seu livro *The Singer of Tales*, A. Lord observou que, ao morrer no momento em que o herói regressa a casa, o cão de Odisseu desempenha, ao nível actancial (diremos nós), uma função na narrativa equivalente à da mãe do herói na epopeia jugoslava (*sic*). Ver A.B. Lord, *The Singer of Tales*, Cambridge [Massachusetts], 1960, p. 177.

Canto 18

Foi então que chegou um mendigo lá da terra, que na cidade
de Ítaca mendigava seu sustento. Era conhecido pelo estômago
insaciável: comia e bebia sem cessar. Faltava-lhe força
e energia, mas de corpo parecia um homem possante.
Seu nome era Arneu, pois assim lhe chamara a excelsa mãe
desde o nascimento. Mas os rapazes de Ítaca chamavam-lhe
Iro, porque levava recados sempre que lhe era pedido.
Chegara com a intenção de expulsar Odisseu da sua própria casa;
e injuriando-o proferiu palavras apetrechadas de asas:

«Põe-te a andar, ó velhote, daí da porta, antes que sejas
arrastado pelos pés. Não vês que todos me piscam o olho,
incitando-me a arrastar-te? Cá por mim tenho vergonha.
Vá, desaparece, senão a nossa contenda ainda acaba ao murro.»

Fitando-o com sobrolho carregado, respondeu o astucioso Odisseu:
«Sossega, criatura, que nada fiz nem disse que te prejudicasse.
Nem levo a mal que alguém te dê esmola, mesmo que seja muita.
Esta soleira tem espaço para ambos, pelo que não precisas

de ter inveja do que outros recebem. Pareces-me ser um mendigo
como eu: na verdade, são os deuses que concedem a prosperidade.
Mas não insistas na luta com as mãos, pois posso zangar-me
e apesar de ancião tingirei o teu peito e os teus beiços de sangue.
Claro que se tal acontecesse amanhã teria mais sossego,
pois não me parece que voltarias uma segunda vez
aqui ao palácio de Odisseu, filho de Laertes.»

Encolerizado respondeu-lhe então Iro, o mendigo:
«Ah, como o porco imundo se põe com palavreado, qual velhota de roda do seu forno! Mas eu sei como tratar-lhe da saúde,
esmurrando-o com ambas as mãos: dos maxilares cair-lhe-ão por terra
os dentes todos, como a um porco que se põe a comer as colheitas.
Vá, apanha os teus trapos, para que todos vejam como combatemos.
Mas como poderias tu lutar contra um homem mais novo?»

Deste modo, na soleira polida, debaixo das altas portas,
se injuriavam com grande força e empenho.
Apercebeu-se deles a força sagrada de Antínoo,
que se riu aprazivelmente e assim disse aos pretendentes:

«Amigos, nunca aconteceu coisa semelhante —
que um deus trouxesse para esta casa tal divertimento!
O estrangeiro e Iro desafiam-se um ao outro

para desatarem à pancada: vamos lá espicaçá-los.»

Assim falou; e todos se levantaram, rindo às gargalhadas.
Reuniram-se em torno dos dois mendigos esfarrapados.
E entre eles falou Antínoo, filho de Eupeites:

«Ouvi, orgulhosos pretendentes, o que tenho para vos dizer:
temos aqui ao lume tripas de cabra para a ceia,
que recheámos com sangue e gordura.
Àquele dos dois que vencer e mostrar ser o melhor,
daremos a escolher as tripas que preferir. E doravante
será ele a jantar sempre connosco, nem permitiremos
que outro mendigo a nós se junte para mendigar.»

Assim falou Antínoo; e as suas palavras agradaram aos outros.
Falou-lhes então com intuito manhoso o astucioso Odisseu:

«Meus amigos, não há maneira de um homem mais velho,
e combalido, lutar contra um mais novo. Só que a minha barriga
malfazeja incita-me a lutar, para que seja vencido por ele.
Mas agora devereis jurar todos um ingente juramento:
que nenhum de vós tenha a presunção de favorecer Iro,
golpeando-me com mão pesada, para que ele me vença à força.»

Assim disse; e todos juraram como ele pedira.
E depois que juraram e puseram termo ao juramento,
falou entre eles a força sagrada de Telémaco:

«Estrangeiro, se o teu coração e o teu espírito te impelem

a afastar este mendigo, não receies nenhum dos Aqueus
aqui presentes, pois quem te bater terá de lutar com um mais forte.
Sou eu o teu anfitrião, e com isto estão de acordo os príncipes
Antínoo e Eurímaco, ambos homens prudentes.»

Assim falou; e todos louvaram as suas palavras.
Odisseu apanhou os farrapos para cingir os membros genitais,
mostrando as coxas belas e musculosas; apareceram os largos
ombros, os peitorais e os braços imponentes. Aproximou-se
Atena e aumentou os músculos do Pastor de Povos.
Todos os pretendentes ficaram espantados a olhar;
e assim falava um, olhando para o seu vizinho:

«Não tarda que Iro tenha de mudar o nome para Desaire,
tais são as coxas que o velho mostrou ao tirar os farrapos.»

Assim falavam; mas a coragem de Iro estava muito abalada.
Mesmo assim os servidores apanharam-lhe a roupa à força
e levaram-no, aterrorizado. As carnes tremiam-lhe nos membros.
A ele falou Antínoo, tratando-o pelo nome:

«Agora, ó fanfarrão, teria sido melhor que nunca tivesses existido,
se tremes perante este homem e tens medo dele a esse ponto.
Um homem já velho, acabrunhado por tantos sofrimentos!

Mas uma coisa te direi — coisa que se irá cumprir:

se este te vencer e mostrar ser dos dois o melhor,
mandar-te-ei para o continente, empurrando-te para uma escura nau,
para junto do rei Équeto, Mutilador de Todos os Homens.
Ele cortar-te-á o nariz e as orelhas com o bronze impiedoso
e arrancar-te-á os testículos para os dar a comer, crus, aos cães.»

Assim falou; e os membros de Iro tremeram ainda mais.
Levaram-nos para o meio; ambos ergueram as mãos.
Então refletiu o sofredor e divino Odisseu
se haveria de lhe bater de modo que a vida o deixasse ao cair,
ou se haveria de lhe dar um murro leve que apenas o estatelasse
no chão; enquanto pensava, foi isto que lhe pareceu melhor:
bater-lhe ao de leve, para que os Aqueus não reparassem nele.
Ao levantarem as mãos, Iro bateu-lhe no ombro direito,
mas Odisseu atingiu-o no pescoço, debaixo da orelha,
e estilhaçou-lhe os ossos: da boca de Iro correu logo o rubro
sangue. Caiu no chão com um mugido e rangeu os dentes,
esperneando com os pés contra a terra. Mas os pretendentes
orgulhosos, levantando as mãos, morriam a rir. Então Odisseu
agarrou nele pelos pés e arrastou-o pela porta através do pátio,
até chegar aos portões. Aí o sentou, reclinado contra
o muro do pátio. Pôs-lhe o bastão nas mãos
e falando dirigiu-lhe palavras apetrechadas de asas:

«Senta-te aí agora como espantalho para porcos e cães.
E deixa de te armares em senhor junto de estranhos e mendigos,
pois és um desgraçado: cuida mas é de não arranjares desgraça maior.»

Assim falou; e sobre os ombros lançou o miserável alforge,
cheio de buracos, dependurado de uma corda torcida.
Voltou então à soleira e sentou-se. Os pretendentes entraram
a rir aprazivelmente, brindando-o com estas palavras:

«Ó estrangeiro, que Zeus e os outros deuses imortais
te deem aquilo que mais queres e mais desejas no coração!
Tu que puseste termo à mendicância daquele insaciável
cá na ilha: pois em breve o mandaremos para o continente,
para o rei Équeto, Mutilador de Todos os Homens.»

Assim falaram; e Odisseu regozijou-se com o bom agoiro.
Antínoo colocou à sua frente uma grande dose de tripas,
recheadas de sangue e gordura; e Anfínomo tirou
do cesto dois pães e ofereceu-os <a Odisseu>.
Brindando com a taça dourada, assim disse:

«Sê feliz, ó pai estrangeiro! Que no futuro possas encontrar
a ventura, pois agora tens na verdade sofrimentos em demasia.»

Respondendo-lhe, assim falou o sofredor e divino Odisseu:
«Anfínomo, parece-me que és um homem prudente.
Assim já era também teu pai: da sua nobre fama ouvi falar.
Era Niso de Dulíquio, um homem valente e abastado.
Diz-se que por ele foste gerado. A mim pareces ser de trato gentil.
Por isso dir-te-ei uma coisa: presta bem atenção e ouve.
A terra não alimenta nada de mais frágil que o homem,
de tudo quanto na terra respira e rasteja.

O homem não pensa vir a sofrer o mal no futuro,
enquanto os deuses lhe concedem valor e joelhos resistentes.
Mas quando os deuses bem-aventurados lhe dão sofrimentos,
também isto ele aguenta com tristeza e coração paciente.
Pois o estado de espírito dos homens que habitam a terra depende
do dia que lhes é trazido pelo pai dos homens e dos deuses.
Outrora também eu estava para ser ditoso entre os homens;
mas cometi más ações, cedendo à violência e à força,
confiado no meu pai e nos meus irmãos.
Por isso, que nenhum homem seja alguma vez injusto!
Que resguarde em silêncio aquilo que os deuses lhe concederem.

Que depravações vejo os pretendentes a querer praticar!
Esbanjam a riqueza de outro homem e desrespeitam-lhe
a mulher. Pois digo que esse homem não estará longe
da pátria e dos familiares. Está muito perto. Mas que um deus
te leve daqui para tua casa, para que não o encontres
quando esse homem regressar à sua terra pátria amada.
Pois não julgo que seja sem sangue que ele e os pretendentes
se despedirão, quando ele estiver debaixo do seu teto.»

Assim falou. Vertendo uma libação, bebeu o vinho doce
e logo devolveu a taça às mãos do comandante do povo.
Mas Anfínomo atravessou a casa com tristeza no coração,
cabisbaixo: pois sentia um mau agoiro no seu espírito.
Mas mesmo assim não fugiu ao destino. Também a ele
Atena atou os pés, para ser chacinado pela lança de Telémaco.
E Anfínomo voltou a sentar-se, na cadeira de que se levantara.

Foi então que a deusa de olhos garços Atena,
no espírito da filha de Icário, a sensata Penélope,
colocou a ideia de se mostrar aos pretendentes, para lhes pôr
o coração a esvoaçar de desejo e assim granjear honra maior,
do que até aqui conseguira, da parte do esposo e do filho.
Rindo-se sem razão aparente, assim disse Penélope à governanta:

«Eurínome, ainda que nunca antes o tenha sentido, deseja agora
meu coração que me mostre aos pretendentes, odiosos embora sejam.
E a meu filho quereria dizer uma palavra que lhe fosse proveitosa:
que não se imiscua constantemente entre os arrogantes pretendentes,
que se lhe dirigem com cortesia, mas depois lhe querem mal.»

A ela deu resposta Eurínome, a governanta:
«Tudo o que disseste, minha filha, foi na medida certa.
Vai lá falar com o teu filho sem nada ocultares,
depois de teres lavado o corpo e posto unguento na cara.
Pois não fica bem ires assim como estás, com a cara
marcada de lágrimas; não serve de nada chorares sem parar.
O teu filho já chegou à idade que sempre rezaste aos deuses
que ele atingisse: a idade em que começa a crescer a barba.»

A ela deu resposta a sensata Penélope:
«Eurínome, não tentes convencer-me, por muito que
me ames, a lavar o corpo e a esfregar-me com unguento.

A minha beleza, essa, os deuses que o Olimpo detêm
a destruíram, desde o dia em que ele partiu nas côncavas naus.
Mas diz a Autónoe e a Hipodamia que venham aqui ter,
para que junto de mim se posicionem na sala de banquetes:
não me mostrarei sozinha aos homens; tenho vergonha.»

Assim falou; e a anciã atravessou a casa para ir dizer
às mulheres que viessem ter com a rainha.

Foi então que ocorreu outra coisa à deusa de olhos garços Atena.
Derramou o doce sono sobre a filha de Icário, que dormiu
recostada, com todos os seus membros descontraídos,
em cima da cama. Entretanto lhe outorgava a deusa divina
dons imortais, para que com ela os Aqueus se maravilhassem.
Primeiro limpou-lhe o rosto com Beleza — com Beleza
ambrosial, que a própria Citereia usa como unguento,
quando se junta à dança deslumbrante das Graças.
E fê-la mais alta e de porte mais avantajado;
fê-la mais branca que o recém-cortado marfim.
Após ter feito tudo isto, partiu a divina entre as deusas.
E da sala vieram as duas escravas de alvos braços;
aproximaram-se, cochichando. Então se evolou o doce sono.
Penélope esfregou as faces com as mãos e disse:

«Ah, na minha tristeza um sono brando se apoderou de mim!
Prouvera que neste momento a sacra Ártemis me desse
uma morte suave, para que não mais eu gastasse a vida
com tristeza no coração, cheia de saudade da excelência
do esposo amado, que era o melhor de todos os Aqueus.»

Assim dizendo, saiu do alto aposento cheio de luz,
não sozinha, pois duas escravas com ela seguiam.
Quando se aproximou dos pretendentes a mulher divina,
ficou junto à coluna do teto bem construído,
segurando à frente do rosto um véu brilhante.
De cada lado se colocara uma escrava fiel.
Então se enfraqueceram os joelhos dos pretendentes;
212*b* desejaram deitar-se ao lado <dela> no leito
e pediam aos deuses que pudessem dormir com Penélope.
Mas ela falou a Telémaco, seu filho amado:

«Telémaco, as tuas ideias e o teu juízo não são o que eram.
Quando eras ainda uma criança, eras bastante mais atinado.
Mas agora que cresceste e chegaste ao limite da juventude,
e poderias ser apelidado de filho de homem rico,
por seres alto e bonito, por alguém que viesse de longe —
agora as tuas ideias e o teu juízo não são o que eram!
Que coisa aconteceu aqui nesta sala!
Deixaste que um estrangeiro fosse agredido!
Como seria se a esse estrangeiro, sentado aqui em casa,
acontecesse algum mal ao ser agressivamente arrastado?
Sobre ti, entre os homens, é que cairia a vergonha!»

Tal resposta deu à mãe o prudente Telémaco:
«Minha mãe, não te censuro o facto de estares zangada.
Mas eu reflito no meu espírito e estou ciente de tudo,
tanto das coisas más como das boas. Antes eu não passava
de uma criança. Mas não posso planear tudo com sensatez:
estes homens aqui sentados me atrapalham, pois cada um

tem as suas intenções maldosas, e não há ninguém que me ajude.

Mas digo-te que o arrufo entre Iro e o estrangeiro não acabou como teriam querido os pretendentes: o estrangeiro foi mais forte.
Quem me dera — ó Zeus pai, ó Atena, ó Apolo! —
que os pretendentes aqui no nosso palácio mostrassem
submissão com as cabeças de banda, uns no adro,
outros dentro de casa, e que se enfraquecessem os membros
de cada um, como Iro está ali sentado junto aos portões,
de cabeça pendente, como um homem embriagado;
nem se consegue levantar, nem voltar para casa, ou para
onde quiser, porque se esvaiu a força dos seus membros.»

Eram estas as palavras que diziam entre si.
Mas Eurímaco falou assim a Penélope:

«Filha de Icário, sensata Penélope!
Se todos os Aqueus da jónica Argos te vissem,
terias amanhã ainda mais pretendentes a banquetearem-se
no vosso palácio, pois superas todas as mulheres
em beleza, estatura e entendimento.»

A ele deu resposta a sensata Penélope:
«Eurímaco, toda a minha excelência de beleza e de corpo
destruíram os imortais, quando para Ílion embarcaram
os Argivos, e com eles o meu esposo, Odisseu.
Se ele regressasse para tomar conta da minha vida,

maior e mais bela seria a minha fama. Mas agora sofro,
tais são os males que me deram os deuses.
Na verdade, quando ele deixou a amada terra pátria,
na mão me pegou pelo pulso e estas palavras me disse:

"Mulher, não penso que nós Aqueus de belas cnémides
regressemos de Troia todos ilesos às nossas casas.
Pois diz-se que os Troianos são homens aguerridos:
lanceiros, peritos no arco e na flecha, e condutores
de cavalos velozes, que rapidamente dirimem
a grande contenda de uma guerra, na qual
se peleja em igualdade de circunstâncias.
Por isso não sei se o deus me fará regressar,
ou se morrerei em Troia. Presta atenção a estas coisas:
trata bem do meu pai e da minha mãe aqui no palácio,
como agora, mas mais ainda depois de eu partir.
E quando vires que o meu filho tiver a barba a despontar,
desposa quem tu quiseres. Então deixa a tua casa."

Assim me falou Odisseu. E agora tudo se cumpre.
Virá a noite em que serei confrontada com bodas odiosas,
desgraçada de mim!, a quem Zeus tirou a felicidade.
Mas esta dor amarga se apoderou do meu coração:
pois antes não era assim o hábito dos pretendentes.
Aqueles que queriam desposar a filha de um homem rico
rivalizavam entre si, oferecendo bois e robustas ovelhas:
davam um banquete aos amigos da jovem cortejada
e a ela ofereciam eles os mais valiosos presentes.
Não devoravam sem desagravo o sustento de outrem.»

Assim falou; e regozijou-se o coração do sofredor e divino Odisseu,
porque ele tirava dons aos pretendentes, encantando-lhes
o coração com doces palavras — embora com outra intenção.

A ela deu resposta Antínoo, filho de Eupeites:
«Filha de Icário, sensata Penélope!
Os dons que qualquer dos Aqueus aqui queira trazer
deverás aceitar: nunca fica bem recusar uma oferta.
Mas nós não iremos para as nossas terras ou qualquer outro sítio
até que tu te cases com aquele que for o melhor entre os Aqueus.»

Assim falou Antínoo; e as palavras agradaram aos outros.
Cada um mandou um arauto ir buscar os seus dons.
Para Antínoo trouxe <um arauto> uma lindíssima veste,
bem bordada, apetrechada com doze pregadeiras, todas
feitas de ouro, e com colchetes de bela curvatura.
Para Eurímaco foi trazido um colar muito trabalhado,
de ouro, com peças de âmbar que reluziam como o Sol.
Para Euridamante trouxeram os criados um par de brincos,
de que pendiam, à semelhança de amoras, três contas graciosas.
Da casa de Pisandro, filho de Polictor, trouxe <um arauto>
uma gargantilha, adereço da mais esplendorosa beleza.
Assim os Aqueus trouxeram belos dons, um após o outro.
Para o seu alto aposento foi a mais divina entre as mulheres;
e as escravas levaram para cima os maravilhosos presentes.

Voltaram-se então os pretendentes para o prazer da dança

e do canto aprazível; e assim ficaram até ao fim da tarde.
Ainda se deleitavam quando sobreveio a escuridão crepuscular.
Então colocaram três braseiros na sala de banquetes,
para dar iluminação; em volta puseram lenha seca,
boa para queimar, há pouco rachada pelo bronze.
No meio puseram tochas; e uma de cada vez fizeram
lume as escravas do paciente Odisseu. Porém
disse-lhes então o próprio astucioso Odisseu, criado por Zeus:

«Escravas de Odisseu, vosso amo há muito ausente!
Ide para os aposentos onde está a venerável rainha.
Fiai lã com ela, fazendo girar o fuso, e tentai animá-la,
sentadas na sala dela; ou então cardai lã com as mãos.
Cá por mim tratarei de dar iluminação a estes homens.
Mesmo que eles queiram esperar pela Aurora de belo trono,
não me vencerão: pois sou aquele homem que tudo aguenta.»

Assim falou; mas as escravas riram-se olhando umas para as outras.
Desabridamente o repreendeu Melanto de belo rosto,
a filha de Dólio; criara-a Penélope, dando-lhe carinho
como se fosse sua filha, e oferecendo-lhe brinquedos.
Apesar disso, no espírito não se compadecia de Penélope,
mas amava Eurímaco e com ele costumava dormir em amor.
Ralhou com Odisseu, dirigindo-lhe palavras de censura:

«Estrangeiro desgraçado, estás completamente fora do teu juízo!
Não queres ir dormir para a forja de algum ferreiro,
nem para outro abrigo — mas pões-te aqui com palavreado,

falando com descaramento à frente de tantos homens,
sem medo no coração! Deves estar bêbedo! Ou será que
és sempre assim — e por isso dizes essas palermices?
Enlouqueceste por teres derrotado Iro, aquele vagabundo?
Vê lá mas é se não aparece aí outro mais forte que Iro,
que com mãos mais rijas te esmurre essa cabeça toda
e te escorrace da casa bem salpicado com sangue!»

Fitando-a com sobrolho carregado, respondeu o astucioso Odisseu:
«Vou já contar a Telémaco, ó cadela, o que disseste.
Quando ele aqui chegar vai-te cortar aos bocadinhos.»

Assim falou; as palavras puseram as mulheres em debandada.
Atravessaram a casa e deslassaram-se os membros de cada uma,
devido ao medo: pois pensavam que ele falava a verdade.
Ele postou-se junto dos braseiros ardentes, tratando da luz
enquanto olhava para todos; outras coisas se lhe revolviam
no coração, coisas que não ficariam sem cumprimento.

Porém Atena não permitiu de modo algum que os arrogantes
pretendentes se abstivessem de comportamentos ultrajantes,
para que a dor penetrasse ainda mais fundo no coração de Odisseu.
Entre eles começou a falar Eurímaco, filho de Pólibo,
fazendo troça de Odisseu para divertir os companheiros:

«Ouvi-me, ó pretendentes da prestigiosa rainha,
para que eu diga o que o coração me move a dizer.

Não foi à revelia dos deuses que este homem veio ter
à casa odisseica: parece que vem dele mesmo a luz das tochas.
Da careca, é claro, pois ele não tem cabelo!»

Depois Eurímaco dirigiu-se a Odisseu, Saqueador de Cidades:
«Estrangeiro, quererias ser meu jornaleiro, se eu te contratasse
para a minha propriedade longínqua (tens jeira assegurada),
para apanhares as pedras dos muros e plantares as altas árvores?
Dar-te-ia de comer o ano inteiro, e roupa para vestires,
assim como sandálias para tu calçares nos pés.
Mas como só aprendeste a ser malandro, não quererás
cansar-te com trabalho; preferes andar a pedir pela terra,
para que assim possas alimentar essa barriga insaciável.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Eurímaco, quem me dera que tu e eu pudéssemos competir
na primavera, quando chegam os dias compridos, num descampado
cheio de erva; eu teria na mão uma foice recurva, e tu outra igual;
e que houvesse muita erva, para nos pormos à prova,
em jejum até chegar a escuridão da noite.
Ou então que houvesse bois para conduzir, os melhores;
fulvos e grandes, ambos bem alimentados de erva,
da mesma idade, com igual força que ainda não esmorecera;
e que houvesse um campo de quatro hectares, com solo fértil:
então verias se eu sou ou não capaz de arar a direito!
Ou então que hoje o Crónida atirasse contra nós uma guerra,
e eu tivesse um escudo e duas lanças e um capacete

todo feito de bronze, bem ajustado às minhas têmporas:
então me verias a pelejar na linha da frente, e não te porias
com discursos para me humilhares por causa da minha barriga.
Mas és um homem violento, de disposição cruel.
Porventura julgas-te alguém de muito importante,
porque convives com meia dúzia de homens sem grande valor.
Mas se Odisseu regressasse à sua terra pátria, rapidamente
estas portas, apesar de tão amplas, revelar-se-iam demasiado
estreitas, quando para fora delas te lançasses em fuga.»

Assim falou; e muito se enfureceu Eurímaco no coração. Fitou Odisseu
com sobrolho carregado e dirigiu-lhe palavras apetrechadas de asas:

«Miserável! Levas um castigo, não tarda: pões-te aqui com palavreado,
falando com descaramento à frente de tantos homens,
sem medo no coração! Deves estar bêbedo! Ou será que
és sempre assim — e por isso dizes essas palermices?
Enlouqueceste por teres derrotado Iro, aquele vagabundo?»

Assim dizendo, agarrou num banco. Mas Odisseu sentou-se
junto aos joelhos de Anfínomo de Dulíquio, com receio
de Eurímaco, que acabou por acertar no escanção,
no braço direito. O jarro caiu no chão com grande estrondo;
o escanção gritou de dor e caiu por terra, de costas.
Levantou-se um alarido entre os pretendentes na sala
cheia de sombras; e assim diziam uns para os outros:

«Prouvera que o estrangeiro tivesse morrido nas suas errâncias,
antes de aqui chegar. Assim nunca teria trazido esta confusão.
Mas agora ocupamo-nos com rixas por causa de mendigos:
não há prazer no festim, pois prevalece o que há de pior.»

Entre eles falou então a força sagrada de Telémaco:
«Tresvariados! Estais loucos e já não sois capazes de esconder
o que comestes e bebestes! Decerto é um deus que vos espicaça.
Mas agora que já vos banqueteastes, ide para vossas casas para
repousardes — quando quiserdes, pois não ponho ninguém
fora.»

Assim falou; e todos os outros morderam os beiços,
e olharam admirados para Telémaco, pela audácia com que
falou.
Falou-lhes então, tomando a palavra, Anfínomo,
o glorioso filho de Niso, filho do soberano Arécias:

«Amigos, em resposta ao que é dito com justiça não há homem
que se deva irar, para logo retorquir com termos injuriosos.
Não agridais mais o estrangeiro, nem nenhum dos escravos
que se encontram no palácio do divino Odisseu.
Que o escanção verta vinho nas taças, para que ofereçamos
libações. Depois vá cada um para sua casa repousar.
Quanto ao estrangeiro: deixemo-lo aqui em casa de Odisseu.
Será Telémaco a tomar conta dele: foi para casa dele que veio.»

Assim falou; e a todos agradaram as suas palavras.
Foi o herói Múlio que para eles misturou o vinho,

arauto de Dulíquio; era criado de Anfínomo.
Serviu o vinho a todos; e aos deuses bem-aventurados
ofereceram libações; beberam depois o vinho doce como mel.
E depois de terem feito libações e bebido tanto quanto
lhes pedia o coração, foi cada um para sua casa descansar.

Notas ao Canto 18

Fiel ao seu propósito de adiar, tanto quanto possível, o disparo da primeira fl echa de Odisseu contra o primeiro dos 108 pretendentes a morrer (que, no caso, será Antínoo, no início do Canto 22), o poeta dá-nos agora um interlúdio paródico, que opõe um mendigo verdadeiro ao falso mendigo que acabou de se introduzir, no canto anterior, no (seu) palácio. O episódio deve pertencer a uma fase bastante tardia da tradição épica, pois está cheio de curiosidades linguísticas que apontam nesse sentido. Logo no primeiro verso há um adjetivo (*pandêmios*) que, além do presente passo, só ocorre, em toda a literatura grega, num epigrama da *Antologia Palatina* (9.383). Quando, nos insultos de Iro contra Odisseu, o mendigo verdadeiro pergunta «não vês que todos me piscam o olho?» (11), o verbo em causa (ausente da *Il*.), tem apenas esta ocorrência na *Od*., ocorrendo depois no tardio *HH a Hermes* (387) e na epopeia do século III a.C. de Apolónio de Rodes, *Argonáutica* (1.486; 3.791; 4.389). Quando o poeta diz que os mendigos se insultavam «com grande força e empenho» (33), o advérbio que esta expressão traduz (*panthumadón*) é uma ocorrência única na língua grega, tão bizarra que, segundo Dawe (p. 654), devia ser exposta num museu, debaixo de uma redoma de vidro.

Sobre o episódio de Iro, ver o excelente ensaio de C. Soares, «O riso homérico», in N. Crespo (org.), *Prontuário do Riso*, Lisboa, 2003, pp. 47-61; e também o meu ensaio «Um interlúdio paródico na *Odisseia*: o episódio de Iro (Canto XVIII)», in C.M. Mora (org.), *Sátira, Paródia e Caricatura, da Antiguidade aos Nossos Dias*, 2003, Aveiro, pp. 29-37.

5 «Arneu»: em grego, *Arnaîos* («Obtentor»). O nome é formado a partir do verbo *árnumai*, «obter». Os escólios sugerem outra etimologia, decerto fantasiosa, a partir de *arnós* (genitivo de *arên*, «ovelha»); se assim fosse, o nome significaria algo como «Ovelhudo».

6-7 «os rapazes de Ítaca chamavam-lhe / Iro»: isto porque Íris é a mensageira dos deuses – na *Il*. Está ausente do primeiro ao último verso da *Od*.

9 «palavras apetrechadas de asas»: ver 1.122*.

28-29 «dos maxilares cair-lhe-ão por terra / os dentes todos, como a um porco que se põe a comer as colheitas»: a frase é enigmática e é explicada pelos escólios de forma mais enigmática ainda (em Chipre – porquê em Chipre, se estamos em Ítaca? – os proprietários de terrenos vandalizados pelo porco do vizinho teriam o direito, ao que parece, de arrancar os dentes ao suíno perpetrador dos vandalismos).

34 «força sagrada de Antínoo»: na *Od*., a expressão *hieròn ménos Antinóoio* («força sagrada de Antínoo») ocorre só aqui, ao passo que *hieròn ménos Alkinóoio* («força sagrada de Alcínoo») ocorre

sete vezes (ver 7.167*). Dada a exata equivalência métrica entre «Antínoo» e «Alcínoo», percebe-se perfeitamente a razão pela qual um vetusto título hierofântico-basílico do remoto passado micénico está aqui a ser aplicado ao canalha (ver 119-120*) que é o vilão do poema.

37 «divertimento»: em grego, *terpôlê* («momento prazeroso»). A palavra só ocorre aqui na poesia homérica, mas o poeta do século VI a.C. Teógnis (1068) usá-la-á num contexto de elegia homoerótica em que significa «prazer sexual», pelo que nos podemos perguntar se Antínoo (num processo psicológico de «transferência», comum entre homens heterossexuais fanáticos de desporto) não estará aqui a dizer que assistir a exibições de pugilato é algo que lhe «dá pica». Tratando-se de pugilato, também há a considerar o «delight» (como diz Dawe, p. 658) «of witnessing physical pain».

47 «daremos a escolher as tripas que preferir»: o poeta esquecer-se-á depois, em 118, de que o vencedor tinha o privilégio de escolher as tripas.

52-57 Estas palavras do «astucioso» Odisseu, ditas «com intuito manhoso», deixam-nos perplexos. Primeiro, ele afirma que não será capaz de vencer Iro. Depois, exige dos pretendentes que se abstenham de dar qualquer ajuda ao adversário que ele acabou de classificar como invencível.

59 Verso redundante, omitido por alguns manuscritos e colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

60 «força sagrada de Telémaco»: ver 2.409*. Depois da «força sagrada de Antínoo» (34) , a mesma fórmula soa-nos ao equivalente épico de um disco riscado. Além de que Telémaco, nesta sua intervenção, está a chover no molhado: os pretendentes já tinham jurado duplamente (ver 59*) que não iriam interferir no combate dos mendigos.

67-70 «Odisseu apanhou os farrapos para cingir os membros genitais, / mostrando as coxas belas e musculosas; apareceram os largos / ombros, os peitorais e os braços imponentes. Aproximou-se / Atena e aumentou os músculos do Pastor de Povos»: em 16.456, Atena voltara a dar a Odisseu a forma física de um velho, quebrantado e engelhado (13.430-433), quem sabe se a sofrer, também, de cataratas («obnubilou-lhe os olhos» [13.433]). Mas eis que o ancião engelhado impressiona agora pela malhação dedicada a quadríceps («coxas belas e musculosas»), trapézio e deltoide («largos ombros»), peitoral, bíceps e tríceps («braços imponentes»). E, como se não bastasse esta schwarzeneggeriana visão, o poeta ainda achou necessário acrescentar que a deusa apareceu do nada para injetar uma dose de anabolizantes («Aproximou-se / Atena e aumentou os músculos do Pastor de Povos» [69-70]). Duas perguntas se levantam aqui: até que ponto o decurso do poema valida a organicidade da transformação de Odisseu em velho engelhado nos Cantos 13 e 16? A segunda pergunta não é menos pertinente: no meio desta exibição de belas coxas musculosas, Odisseu não arriscava mostrar a enorme cicatriz, que será o garante da sua identidade como rei de Ítaca em 19.467, 21.221, 24.331?

73 «Iro […] Desaire»: é o mais perto que se consegue chegar, em português, do jogo de palavras no verso grego *Îros*/*Áïros*.

79 «fanfarrão»: a palavra *bougáïos* é de sentido muito discutível. Talvez signifique «grande boi».

81 «Um homem já velho, acabrunhado por tantos sofrimentos»: ou Antínoo está a ser cruelmente irónico, ou então estes versos pertencem a uma *Od*. livre do momento halterofílico referido em 67-

70*.

85 «Équeto»: referido de novo em 21.308. Ainda bem que a fama de «mutilador de *todos* os homens» era exagero, pois a mutilação em causa é a castração («arranca-te-á os testículos para os dar a comer, crus, aos cães»; lamentavelmente, esta imagem horripilante corresponde àquilo que Telémaco e o porqueiro farão a Melanteu em 22.475-476). Que o rei Équeto estava longe de ser flor que se cheirasse está também claro no facto de, segundo Apolónio de Rodes (*Argonáutica* 4.1093), este monstro ter espetado agulhas de metal nos olhos da própria filha.

98 «Caiu no chão com um mugido»: excetuando o presente contexto, esta expressão só é usada na poesia homérica a propósito de animais: veado (10.163), javali (19.454) e cavalo (*Il*.16.469).

100 «morriam a rir»: literalmente, «morreram a rir» (pois trata-se do aoristo). Em grego, *gélôi éthanon*.

118 «Antínoo colocou à sua frente uma grande dose de tripas»: ver 46*.

119-120 «Anfínomo tirou / do cesto dois pães e ofereceu-os <a Odisseu>»: o poeta da *Od*. é demasiado subtil para aplicar a mesma chapa da vileza/arrogância a todos os pretendentes e, por isso, eles são diferenciados na sua caraterização. Assim, «Antínoo é um completo canalha; Eurímaco é velhaco e hipócrita; Anfínomo é simpático mas débil; Ctesipo é um crápula, boçal e ordinário» (W.J. Woodhouse, *The Composition of Homer's Odyssey*, Oxford, 1930, p. 204; citado por West, *Odyssey*, p. 56). Graças à simpatia de Anfínomo, o poeta coloca na boca de Odisseu uma sequência de versos lindíssimos, que nos mostram que o herói do poema não é só um aedo (cf. 17.518*): também é um filósofo, cujas palavras apresentam semelhanças com versos gnómicos de poetas do século VII a.C., como Semónides, Sólon e Arquíloco (ver West, *Odyssey*, p. 260, n. 187).

130-131 «A terra não alimenta nada de mais frágil que o homem, / de tudo quanto na terra respira e rasteja»: a inspiração para esta ideia vem de *Il*.17.447 (verso igual a 131, que já na Antiguidade suscitou a desconfiança de ser uma citação e, por isso, está ausente de pelo menos um papiro helenístico; é colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda).

152 «comandante do povo»: em grego, *kosmêtori laôn*. Outra importação da *Il*., onde a fórmula é normalmente aplicada, no dual, a Agamémnon e Menelau. Na *Od*., só ocorre aqui.

158-162 Chegamos, agora, a um dos episódios mais estranhos da *Od*.: a ideia, colocada por Atena na mente de Penélope, de provocar a excitação erótica dos pretendentes para «assim granjear honra maior». A iniciativa contradiz tudo o que lemos sobre Penélope nos 17 cantos anteriores e, na verdade, é tão tola que até percebemos que ela tenha desatado a rir «sem razão aparente» (163). A «honra maior» a granjear não é de imediato explicada: perceberemos depois que tem a ver com os problemáticos presentes nupciais, que nos assombram já desde 1.272-305* (ver também 11.116-117*).

170 Depois dos versos disparatados proferidos por Penélope em 164-168, só faltava mesmo Eurínome dizer «tudo o que disseste, minha filha, foi na medida certa».

172 «depois de teres lavado o corpo e posto unguento na cara»: as palavras de Eurínome parecem dar a entender que seria preferível Penélope tomar banho e maquilhar-se antes de repreender

Telémaco, quando o lógico seria recorrer à cosmética para pôr os corações dos pretendentes «a esvoaçar de desejo» (como foi dito em 161).

176 «a idade em que começa a crescer a barba»: ou bem que Telémaco, aos 20 anos, estava agora a sair de uma puberdade recente, ou então o verso está prospetivamente condicionado por aquilo que virá mais adiante, em 266, onde a questão da barba a despontar fará sentido nas palavras de Odisseu ditas antes de partir para Troia.

182 «diz a Autónoe e a Hipodamia que venham aqui ter»: uma das escravas (Hipodamia) tem um nome que, por ser equestre, se afigura, em termos gregos antigos, surpreendentemente aristocrático (o equivalente, em Portugal, de uma empregada doméstica se chamar Constança ou Matilde).

187 «Foi então que ocorreu outra coisa à deusa de olhos garços Atena. / Derramou o doce sono sobre a filha de Icário»: a hiperatividade de Atena, nesta zona do Canto 18, acontece em detrimento da coerência narrativa.

192 «Beleza»: a palavra *kállos* significa, de facto, «beleza»; mas aqui aparece quase como o nome de uma marca de cosmético.

195 «fê-la mais alta e de porte mais avantajado»: à letra, «fê-la mais alta [*makrotérên*] e gorda [*pássona*] de se ver». Serão poucas as pessoas hoje que gostariam de acordar de um tratamento de beleza para descobrirem que, enquanto estavam a dormir, tinham ficado mais gordas.

196 «fê-la mais branca»: a brancura feminina é um ideal estético grego que já vem da época minoica, com as representações de homens e de mulheres nos frescos dos palácios de Creta (Oxf.iii, p. 62). A brancura implicava a possibilidade social e económica de não trabalhar ao ar livre (mas ver 6.109*) e reforçava a ideia de feminilidade idealizada, ao mesmo tempo que era malvista no homem, por implicar falta de desporto e de atividade militar. Estes estereótipos já estão presentes na cerâmica grega do século VIII a.C. Por oposição à «brancura» de Penélope, concedida por Atena, ver em 16.175-176* a «negritude» de Odisseu, concedida pela mesma deusa.

198 «vieram as duas escravas de alvos braços»: ver 6.109*.

209-210 Versos que surgem associados à aparição de Penélope noutras passagens do poema (1.333-334, 16.415-416, 21.64-65). Nesta sua aparição no Canto 18, devemos adscrever um sentido diferente a 210 («segurando à frente do rosto um véu brilhante»), embora as palavras sejam as mesmas? É que, no presente contexto, a intenção de Penélope é provocar os pretendentes, suscitando neles o desejo que os motivará a darem presentes. Assim, podemos perguntar se, no caso da presente utilização do verso, não fará sentido a interpretação de H. Haakh (normalmente rejeitada pelos estudiosos), segundo a qual o que Penélope faz não é segurar o véu para tapar o rosto: segundo Haakh, ela segura o véu para o *afastar* do rosto, permitindo assim que a sua beleza seja vislumbrada. Ver H. Haakh, «Der Schleier der Penelope», *Gymnasium* 66 (1959), pp. 374-380.

215-225 A descompostura que Penélope começa por dar a Telémaco funciona como desculpa (muito inverosímil) para a sua aparição pública.

246 «jónica Argos»: não é certo o que significa a expressão *Íason Árgos*. Deve ser tomada como designando ou o Peloponeso todo, ou então somente a zona do Peloponeso onde se falava o dialeto jónico (Oxf.iii, p. 64).

251-270 O relato oferecido por Penélope da sua despedida de Odisseu há 20 anos é «Homero no seu melhor», como disse Dawe (p. 671), muito especialmente as palavras que Penélope recorda agora terem sido ditas por Odisseu (259-270).

262-263 «condutores / de cavalos velozes»: não é consensual se a palavra *epibêtores* deve ser traduzida como «condutores» ou como «montadores», no sentido de «cavaleiros». Ao mesmo tempo, a palavra *híppos*, no plural, é normalmente entendida como significando, na poesia homérica, «carro de cavalos». Dawe (p. 671) opta pela tradução «riders of swift-footed horses»; mas o ponto de vista contrário («riders on chariots with swift-footed horses») é defendido por J. Russo (Oxf.iii, p. 65). Comentámos o problema da equitação na *Il*. e na *Od*. em 9.49*.

269 «Quando vires que o meu filho tiver a barba a despontar»: o verso aqui faz pleno sentido, contrariamente ao que sucedeu antes com o verso adaptado a partir dele (176*).

275-279 «pois antes não era assim o hábito dos pretendentes. / Aqueles que queriam desposar a filha de um homem rico / rivalizavam entre si, oferecendo bois e robustas ovelhas / […] e a ela ofereciam eles os mais valiosos presentes»: não há a mínima dúvida de que estas palavras de Penélope pressupõem a ausência de presentes até à data. O problema dos presentes nupciais já foi abordado várias vezes nas notas. Ver 1.272-305*, 11.116-117*.

281 «regozijou-se o coração do sofredor e divino Odisseu»: a reação de Odisseu só se compreende numa *Od*. em que o reconhecimento entre ele e Penélope ocorria antes da prova do arco e da chacina dos pretendentes. Nessa hipotética *Od*., a declaração que acabámos de ouvir da boca de Penélope – que, para todos os efeitos, se está a oferecer em leilão a quem pague mais por ela – seria algo combinado entre marido e mulher, aí sem motivo de regozijo «porque ela tirava dons aos pretendentes» (282). Na *Od*. com a estrutura que conhecemos, em que Odisseu só se dá a conhecer a Penélope depois de ter matado todos os pretendentes, a reação normal de um marido incógnito que ouve a mulher a oferecer-se assim em leilão seria a de se horrorizar.

291 «Cada um mandou um arauto ir buscar os seus dons»: este verso pode ser aduzido como sustentação para a teoria de que, originalmente, os pretendentes de Penélope eram somente Itacenses, dada a facilidade com que os arautos vão buscar os presentes a casa de cada um, ali ao virar da esquina. Também pressupõe que cada pretendente tem o seu próprio arauto (ou «escudeiro»). Numa *Od*., como é a nossa, em que o número de pretendentes é 108, temos de contar com 108 criados no palácio, um para cada pretendente. Por conseguinte, parece que, nesta zona do poema, estamos numa *Od*. em que o número pressuposto de pretendentes é 12, todos Itacenses. Ver 16.245-246*.

297 «Euridamante»: aparece somente aqui e, depois, para ser morto por Odisseu em 22.283.

306 «Ainda se deleitavam quando sobreveio a escuridão crepuscular»: o dia que anoitece agora é o mesmo que amanheceu em 17.1. Temos ainda uma noite longa pela frente, pois o dia seguinte (o 40.º dia do poema) só amanhecerá em 20.90. Esse será o dia em que Odisseu mata os pretendentes.

317 «Cá por mim tratarei de dar iluminação a estes homens»: este pequeno episódio de Odisseu a assumir, de sua espontânea vontade, a responsabilidade da iluminação no palácio suscita a suspeita de que há um segundo sentido nas entrelinhas que, todavia, não conseguimos descortinar. Especialmente interessante é o destaque que é dado à careca do protagonista em 354-355, e à luz que

dela se reflete ou emana, «um golpe maravilhoso de imaginação» do poeta (West, *Odyssey*, p. 265). Sobre este episódio, ver o ensaio de Dawe, «The Case of the Bald-Headed Lamplighter», *Illinois Classical Studies* 16 (1991), pp. 37-48 = R.D. Dawe, *Corruption and Correction: A Collection of Articles*, Amesterdão, 2007, pp. 185-196.

321 «Melanto»: esta escrava Melanto («Negra») é filha de Dólio («Intrujão») e, por isso, irmã de Melanteu (o parentesco entre ambos nunca é explicitado no poema, mas os estudiosos depreendem-no pelo facto de terem o mesmo pai). Ver o que comentámos sobre os seus nomes em 17.212*.

325 «amava Eurímaco e com ele costumava dormir em amor»: Melanto é o caso de uma escrava que, aparentemente, mantém relações sexuais com um dos pretendentes porque *ela* gosta dele.

341-342 «deslassaram-se os membros de cada uma, / devido ao medo»: o terror que o nome de Telémaco suscita aqui nas escravas dá-nos a ver outro Telémaco: não o que conhecêramos até aqui, mas o que enforcará as escravas e castrará Melanteu no Canto 22.

354 «casa odisseica»: expressão única em todo o poema.

356 «Odisseu, Saqueador de Cidades»: será o epíteto aqui tão ironicamente significativo como alguns comentadores pensam (Dawe, p. 678)? Sobre *ptolíporthos*.

375 «então verias se eu sou ou não capaz de arar a direito»: ver 15.322-323*.

393 Verso omitido em muitos manuscritos e colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

394 «Assim dizendo, agarrou num banco»: a impressão imediata que qualquer pessoa tem ao ler este verso é que estamos prestes a assistir a uma repetição do arremesso do banco a que já assistíramos em 17.462, quando Antínoo atirou um banco contra Odisseu e acertou nele (aqui, Odisseu não é atingido; quem apanha com o banco é um «escanção», *oinokhóos*). No entanto, há uma diferença palpável para quem lê o texto em grego: a palavra para «banco» não é a mesma. Aqui é *sphélas* (palavra raríssima, mas que, não obstante, é a palavra usada por Melanteu, quando previu que bancos iram voar pelo ar contra o mendigo em 17.231); em 17.462, quando foi Antínoo a atirar o banco, a palavra era *thrênus* (palavra normalíssima).

404 «não há prazer no festim, pois prevalece o que há de pior»: verso inspirado em *Il*.1.575-576. Aí, o problema era as festas dos deuses serem estragadas porque existem homens; aqui são as festas dos homens que são estragadas porque existem mendigos.

405 «força sagrada de Telémaco»: ver 60*.

413 Verso omitido em vários manuscritos e colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

423-424 «Foi o herói Múlio que para eles misturou o vinho, / arauto de Dulíquio; era criado de Anfínomo»: nestes dois versos, vemos, em microcosmo, quão vaga e indefinida pode ser a terminologia homérica. O mesmo homem é «herói» (*hêrôs*), «arauto» (*kêrux*) e «criado» (*therápôn*), e, como se isso não bastasse, ainda mistura o vinho (só faltou o poeta chamar-lhe «escanção», *oinokhóos*). Dawe (p. 680) achou que é neste mesmo Múlio que acerta o banco atirado por Eurímaco, mas não há maneira de provar isso e, de qualquer forma, para uma personagem sem qualquer importância no poema, no espaço de poucos versos Múlio já obteve protagonismo a mais.

Canto 19

Porém na sala de banquetes ficou ainda o divino Odisseu,
para planear com a ajuda de Atena a morte dos pretendentes.
De imediato disse a Telémaco palavras apetrechadas de asas:

«Telémaco, é preciso guardar as armas de guerra lá dentro,
todas elas; e aos pretendentes deverás falar com palavras
inocentes, quando derem pela falta das armas. Diz-lhes:

“Tirei-as para longe do fumo, pois já não se assemelham
às armas que Odisseu deixou quando partiu para Troia,
mas estão todas sujas, uma vez que o hálito do fogo lhes chegou.
Além de que há outra coisa de maior peso, que no espírito
me colocou um deus: o receio de que, alterados pelo vinho,
surja entre vós um conflito e que vos possais ferir,
cobrindo assim de vergonha o festim e a corte
que fazeis a minha mãe: é que o ferro atrai o homem”.»

Assim falou; e Telémaco obedeceu ao pai amado.
Chamando a ama Euricleia, assim lhe disse:

«Ama, faz como eu digo e fecha as mulheres nos seus quartos,
enquanto eu guardo na câmara de tesouros as belas armas

de meu pai, que para aqui estão, manchadas pelo fumo,
desde que partiu meu pai. Nessa altura eu era uma criança.
Mas agora quero guardá-las onde lhes não chegue o hálito do fumo.»

Respondendo-lhe, assim falou a querida ama Euricleia:
«Quem me dera, ó filho, que sempre te viesse à ideia
cuidar da casa e olhar por todos os tesouros.
Mas quem irá buscar e aqui trazer-te uma tocha, se não deixas
que as escravas, que poderiam trazer luz, caminhem à tua frente?»

A ela deu resposta o prudente Telémaco:
«Este estrangeiro. Não admito que fique sem trabalhar
quem recebe a minha comida, por muito que tenha vagueado.»

Assim falou. Mas as palavras dela não chegaram a bater asa.
Fechou à chave as portas da bem construída sala de banquetes.
Então se levantaram os dois, Odisseu e o filho glorioso,
e levaram para dentro os capacetes, os escudos cravejados
e as lanças pontiagudas. À frente deles, Palas Atena segurava
uma lamparina dourada, espalhando maravilhosa luminescência.

Imediatamente se dirigiu Telémaco a seu pai:
«Pai, é um grande prodígio o que veem meus olhos.
As paredes da sala de banquetes e o belo espaço do teto;
as traves de pinheiro e as sublimes colunas lá muito em cima
parecem aos meus olhos iluminadas por fogo ardente!
Está presente um dos deuses que o vasto céu detêm.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Não digas nada. Não penses agora. Não faças perguntas.
Assim atuam os deuses, que o Olimpo detêm.
Vai agora descansar; eu ficarei por aqui. Tenho ainda
de provocar as escravas e a tua mãe, para que rompendo
em lágrimas ela me coloque todas as perguntas.»

Assim falou; e Telémaco atravessou a sala de banquetes
debaixo das tochas ardentes em direção ao quarto,
onde costumava dormir, quando sobrevinha o sono suave.
Aí se deitou então e ficou à espera da Aurora divina.
Porém na sala de banquetes ficou ainda o divino Odisseu,
para planear com a ajuda de Atena a morte dos pretendentes.

Foi então que do seu tálamo saiu a sensata Penélope,
semelhante a Ártemis ou à dourada Afrodite.
Puseram-lhe uma cadeira para ela se sentar junto à lareira,
onde costumava sentar-se; uma cadeira com espirais de prata
e marfim, que outrora fabricara o artífice Icmálio,
pondo por baixo um banco para os pés, que fazia
parte da cadeira; e sobre o assento fora atirado
um grande velo de lã. Aí se sentou a sensata Penélope.
Dos seus aposentos vieram então as escravas de alvos braços,
que levantaram a comida abundante, as taças e as mesas,
onde tinham comido e bebido os homens arrogantes.
Atiraram as brasas dos braseiros para o chão, e apinharam
sobre eles mais lenha abundante, para dar luz e calor.

Mas Melanto voltou novamente a repreender Odisseu:

«Estrangeiro, ainda aqui estás para nos dares maçadas
de noite, cirandando pela casa para espiares as mulheres?
Põe-te mas é a andar, ó miserável! O jantar já te chega.
Ou preferes sair depois de apanhares com a tocha?»

Fitando-a com sobrolho carregado, respondeu o astucioso Odisseu:
«Porque me agrides assim, ó criatura, com tanta violência?
É porque estou todo sujo, e vestido de horríveis farrapos,
e mendigo aqui na terra? É a necessidade que me obriga.
Homens assim são os mendigos e os vagabundos.
Também eu vivi outrora entre os homens, em casa própria:
homem rico, em casa abastada. E muito dei eu a viandantes,
fossem eles quem fossem, cada um com a sua necessidade.
Escravos também eu tinha em grande número e todas as coisas
em abundância, com que se vive bem e se é considerado rico.
Mas Zeus Crónida estilhaçou tudo — assim lhe aprouve.
Por isso, ó mulher, que tu nunca percas toda essa beleza
excecional, graças à qual te destacas das outras escravas,
não vá a tua senhora sentir nojo de ti e se encolerizar,
ou Odisseu aqui chegar: pois ainda há essa esperança.
Mas mesmo que tenha morrido e já não volte mais,
existe um filho, que por vontade de Apolo é como ele:
Telémaco. A ele não passam despercebidas neste palácio
as mulheres abusadoras. Já não é uma criança.»

Assim falou; e ouviu-o a sensata Penélope,
que repreendeu a escrava, tratando-a pelo nome:

«Não passas despercebida, ó cadela atrevida e desavergonhada!
Meteste-te num grande sarilho, que pagarás com a tua cabeça.
Sabes perfeitamente — pois tu própria ouviste-me dizê-lo —
que eu queria interrogar o estrangeiro no meu palácio
sobre o meu marido; pois sinto-me fortemente abalada.»

Falou depois à governanta Eurínome, assim dizendo:
«Eurínome, traz para aqui uma cadeira e sobre ela põe um velo,
para que o estrangeiro, sentando-se, me conte a sua história
e me oiça a mim: pois quero interrogá-lo sobre tudo.»

Assim falou; e Eurínome trouxe e colocou depressa
uma cadeira bem polida, e sobre ela lançou um velo.
Na cadeira se sentou então o sofredor e divino Odisseu.
Entre eles quem começou a falar foi a sensata Penélope:

«Estrangeiro, esta pergunta te coloco eu em primeiro lugar:
quem és e donde vens? Qual é a tua cidade? Quem são teus pais?»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Senhora, não há homem mortal em toda a terra ilimitada
que te pudesse censurar. A tua fama chegou já ao vasto céu,
à semelhança do rei irrepreensível que, temente aos deuses,
reina sobre muitos homens valentes e promulga decisões
que são justas: a terra escura dá trigo e cevada, as árvores
ficam carregadas de fruta e os rebanhos estão sempre
a parir crias; o mar proporciona muitos peixes em consequência
do bom governo. Sob a sua alçada o povo prospera.

Por isso interroga-me tu, aqui no teu palácio, sobre tudo —
menos sobre a minha origem e terra pátria, para não encheres
o meu coração com ainda mais tristezas ao recordar-me delas.
Pois sou alguém que muito sofreu. Mas não há necessidade
de eu me sentar a chorar e lamentar na casa de outrem,
visto que é mau estarmos sempre a chorar sem parar —
não vá alguma das tuas escravas censurar-me, ou tu própria,
dizendo que estou alagado em lágrimas por causa do vinho.»

Então lhe deu esta resposta a sensata Penélope:
«Estrangeiro, toda a minha excelência de beleza e de corpo
destruíram os imortais, quando para Ílion embarcaram
os Argivos, e com eles o meu esposo, Odisseu.
Se ele regressasse para tomar conta da minha vida,
maior e mais bela seria a minha fama. Mas agora sofro,
tais são os males que me deram os deuses.
Pois todos os príncipes que regem as ilhas,
Dulíquio, Same e a frondosa Zacinto,
e todos os que habitam em Ítaca soalheira,
todos esses me fazem a corte e me devastam a casa.
Por isso não ligo a estrangeiros ou suplicantes
ou arautos: todos esses que são demiurgos.
Pela saudade de Odisseu se me derrete o coração.
Os pretendentes insistem nas bodas, mas eu ato um fio
de mentiras. Primeiro um deus me pôs no espírito a ideia
da veste; e coloquei nos aposentos um grande tear para tecer,
amplo mas de teia fina, e assim declarei aos pretendentes:

“Jovens, meus pretendentes! Visto que morreu o divino Odisseu,

tende paciência (embora me cobiceis como esposa) até que termine
esta veste — pois não quereria ter fiado a lã em vão —,
mortalha para o herói Laertes, para quando o atinja
o destino deletério da morte irreversível,
para que entre o povo nenhuma mulher aqueia me lance a censura
de que jaz sem pano quem tantos haveres granjeou.”

Assim falei; e os seus orgulhosos corações consentiram.
Daí por diante trabalhava de dia ao grande tear,
mas desfazia a trama de noite à luz das tochas.
Assim durante três anos ocultei o engano e convenci os Aqueus.
Mas quando sobreveio o quarto ano, volvidas as estações,
gastaram-se os meses e os dias cumpriram o seu termo.
Foi então que com ajuda das minhas escravas — cadelas tontas! —
eles me apanharam, e com altos gritos me repreenderam.
Tive pois de acabar a veste, embora não quisesse, à força.
Agora já não consigo fugir ao casamento, nem encontro
outro estratagema. Insistem os meus pais para que eu volte
a casar-me; e preocupa-se o meu filho, ciente de que outros
lhe devoram os haveres. Na verdade ele já é um homem,
capaz de governar uma casa, à qual Zeus cede honrarias.
Mas conta-me qual é a tua linhagem e donde vens.
Não nasceste de carvalho lendário nem de pedra.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Ó esposa veneranda de Odisseu, filho de Laertes!

Insistes em perguntar-me sobre a minha linhagem?
Então falar-te-ei dela; mas entregas-me a mais dores
do que aquelas que já tenho. É sempre assim, quando um homem
está há tanto tempo longe da sua terra como é agora o meu caso,
tendo vagueado por muitas cidades de homens, padecendo muito.
Mas responderei ao que perguntas e pretendes saber.
Há uma terra, Creta, que fica no meio do mar cor de vinho.
É bela e fértil, rodeada pelo mar. Nela habitam muitos
homens, incontáveis; e existem nela noventa cidades.
Numas, mistura-se a língua das outras: pois nelas há
Aqueus, magnânimos Cretenses genuínos, Cidónios,
Dórios divididos em três e divinos Pelasgos.
Destas cidades há uma, Cnossos: é grande e nela reinou
Minos, interlocutor do grande Zeus, desde os nove anos.
Foi ele o pai de meu pai, o magnânimo Deucalião.
Ora Deucalião gerou-me a mim e ao soberano Idomeneu.
Mas Idomeneu partira nas naus recurvas para Ílion
com os Atridas. Tenho o nome famoso de Éton.
Sou o mais novo; Idomeneu era melhor e mais velho.
Foi em Creta que vi Odisseu e lhe dei hospitalidade.
É que até Creta o arrastara a violência do vento,
a caminho de Troia, desviando-o além da Maleia.
Fundeou as naus em Amniso, onde está a gruta de Ilitia:
é um porto difícil e a custo ele escapara à tempestade.
De imediato foi à cidade e perguntou por Idomeneu.
Afirmou ser amigo dele, estimado e respeitado.
Mas era já o décimo ou décimo primeiro dia

desde que Idomeneu partira para Ílion nas naus recurvas.
Portanto fui eu a levá-lo e a recebê-lo no palácio,
oferecendo-lhe generosamente de quanto havia em casa.
E para os companheiros que com ele seguiam reuni
de junto do povo cevada e vinho frisante, assim como
bois para o sacrifício, para que saciassem os corações.
Aí ficaram os divinos Aqueus durante doze dias.
O Bóreas violento os retinha, não lhes permitindo pôr-se
de pé em terra. Algum deus o incitara a tal violência.
Ao décimo terceiro dia caiu o vento; eles fizeram-se à vela.»

Deste modo assemelhava Odisseu muitas mentiras a verdades.
E ela, enquanto ouvia, vertia uma torrente de lágrimas,
a ponto de parecer que o próprio rosto se derretia.
Como a neve se derrete nas montanhas mais elevadas,
quando o Euro aquece o que o Zéfiro fez nevar,
e a neve, ao derreter, faz aumentar o caudal dos rios —
assim se lhe derretiam as belas faces em torrente de lágrimas,
chorando pelo marido, que estava à sua frente.
Odisseu sentiu pena no coração da mulher que chorava;
mas nas pálpebras manteve os olhos imóveis, como se fossem
de ferro ou de chifre; e pelo dolo ocultou as lágrimas.
Depois de ela se ter deleitado com o pranto de lágrimas copiosas,
de novo lhe dirigiu a palavra em resposta ao que fora dito:

«Agora, estrangeiro, tenho de te pôr à prova, para averiguar
se na verdade com os divinos companheiros deste hospitalidade
ao meu marido lá no teu palácio, conforme afirmas.

Diz-me como eram as roupas que ele tinha no corpo;
diz-me como ele era e como eram os seus companheiros.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Senhora, é difícil dizer ao certo, após tanto tempo.
É já o vigésimo ano desde que ele chegou
e depois partiu da minha pátria. Mesmo assim
tentarei dizer-te como o imagino no meu coração.
Vestia uma capa de lã purpúrea o divino Odisseu,
de dobra dupla; tinha uma pregadeira de ouro, duplamente perfurada. A parte da frente estava maravilhosamente trabalhada:
com as patas dianteiras um cão segurava um gamo mosqueado
que se contorcia, coisa que a todos causava admiração;
pois embora sendo de ouro, o cão agarrava o veado,
estrangulando-o, enquanto este tentava fugir, agitando as patas.
Reparei na túnica reluzente que lhe cobria o corpo:
era delicada como a pele seca de uma cebola,
muito macia, e resplandecia como o Sol. Muitas foram
as mulheres que o olhavam com admiração!
E outra coisa te direi; e tu põe-na no teu coração:
não sei se estas eram as roupas que Odisseu trazia de casa,
ou se lhe foram dadas por alguém quando embarcou,
ou ainda se foram oferecidas por algum anfitrião entre
os muitos amigos de Odisseu. Poucos Aqueus eram como ele.
Pela minha parte, dei-lhe uma espada de bronze e uma capa
de dobra dupla, purpúrea, assim como uma túnica franjada.
Com todas as honras me despedi dele na nau bem construída.
Acompanhava Odisseu um arauto, pouco mais velho que ele.

Dir-te-ei também, para que saibas, como ele era.
Tinha ombros arredondados, pele negra, cabelo crespo.
Chamava-se Euríbates. A ele mostrava Odisseu mais estima
do que aos outros, porque tinha a mesma maneira de pensar.»

Assim falou; e a Penélope veio o desejo de chorar ainda mais,
porquanto reconhecera os sinais que Odisseu indicara.
Depois de ela se ter saciado com o pranto de lágrimas copiosas,
de seguida lhe dirigiu a palavra em resposta ao que fora dito:

«Estrangeiro, tu que antes foste objeto de comiseração,
serás agora no meu palácio estimado e respeitado!
Pois fui eu própria que lhe dei as roupas de que falas;
fui eu que as dobrei e trouxe do tálamo, juntando-lhes
a brilhante pregadeira como adereço. Mas nunca lhe darei
as boas-vindas por ele ter regressado à terra pátria.
Foi um destino maligno que levou Odisseu na côncava nau
para ver Ílion-a-Malévola, essa cidade inominável.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Ó esposa veneranda de Odisseu, filho de Laertes!
Não estragues mais a beleza do teu rosto; não derretas
o coração a chorar pelo teu marido. Na verdade,
não te censuro, pois qualquer mulher chora que tenha perdido
o marido legítimo, a quem deu filhos pela união do amor;
até um marido diferente de Odisseu, que se diz ser semelhante
aos deuses. Mas cessa, e ouve antes as minhas palavras.
Dir-te-ei agora com verdade, sem nada te ocultar,
como recentemente vim a saber do regresso de Odisseu:

ele encontra-se na terra fértil dos Tesprócios; está vivo.
Além disso trará consigo muitos e valiosos tesouros,
solicitados por entre o povo. Mas perdeu os companheiros
assim como a côncava nau no mar cor de vinho,
vindo da ilha de Trinácia. Pois quiseram-lhe mal
Zeus e o Sol, porque os companheiros mataram os bois.
Por isso todos eles pereceram no mar marulhante.
As ondas fizeram-no chegar, montado na quilha da nau,
à terra dos Feaces, que são da linhagem dos deuses.
Eles estimaram-no como se ele fosse um deus;
ofereceram-lhe muitos presentes e deram-lhe transporte,
para que chegasse ileso a casa. E Odisseu já aqui estaria,
se não lhe tivesse parecido melhor ao coração procurar
mais riquezas, vagueando pela ampla terra.
Sobre o proveito sabe Odisseu mais que qualquer homem:
aí não há ninguém que com ele pudesse competir.
Foi isso que me disse Fídon, rei dos Tesprócios.
E jurou na minha presença, enquanto vertia libações no palácio,
que tinha uma nau preparada e a tripulação pronta,
que à amada terra pátria o transportariam. Foi primeiro a mim
que pôs no meu caminho, pois calhou ali aportar uma nau
de Tesprócios que partia para Dulíquio, rica em trigo.
E mostrou-me os tesouros que Odisseu reunira.
Até à décima geração teriam alimentado qualquer outro,
de tal qualidade eram as riquezas depositadas no palácio do rei.
Quanto a Odisseu, disse que a Dodona se dirigira, para lá
ouvir do alto carvalho do deus a vontade de Zeus
sobre como poderia regressar à terra fértil de Ítaca
depois de tão longa ausência, às claras ou disfarçado.

Por isso te digo: ele está são e salvo, e aqui aportará
brevemente; não será por muito mais tempo
que ficará longe da pátria. E dar-te-ei um juramento.
Seja minha testemunha Zeus, acima de todos os deuses,
e a lareira do irrepreensível Odisseu a que cheguei.
Todas as coisas que te disse se cumprirão.
No decurso desta luz que passa chegará aqui Odisseu,
entre o quarto minguante e a lua nova.»

A ele deu resposta a sensata Penélope:
«Ah, estrangeiro, prouvera que tal palavra se cumprisse!
Então ficarias a saber o que é amizade e de mim receberias
muitos presentes, a ponto de te chamarem bem-aventurado!
Mas é isto que o meu coração prefigura; e assim será:
nem Odisseu regressará a sua casa, nem tu obterás
transporte, pois cá em casa já não há ninguém que dê ordens,
como Odisseu as dava — se é que ele alguma vez existiu! —,
para dar as boas-vindas ou o transporte a hóspedes estimados.
Mas agora, ó escravas, lavai o estrangeiro e fazei a cama dele:
ponde uma cabeceira, capas e mantas luzentes, para que ele possa
esperar, bem agasalhado, pela Aurora de trono dourado.
Ao nascer do dia dai-lhe banho e ungi-o com azeite,
para que sentado ao lado de Telémaco possa jantar
na sala de banquetes. E pior será para quem dentre eles
o insultar, ofendendo-lhe o coração; nesta casa tal pessoa
já não conseguirá mais nada, por muito que se encolerize.
De que modo, ó estrangeiro, ficarás tu a saber se entre as mulheres

eu me destaco pela compreensão sensata e pela inteligência,
se todo sujo e vestido com farrapos te sentas a jantar
na sala de banquetes? Os homens são seres de vida breve.
Ao homem áspero que alberga ásperos pensamentos,
todos os mortais rogam pragas e dores enquanto for vivo;
depois de morto todos fazem troça dele. Mas tratando-se
de um homem irrepreensível que alberga irrepreensíveis pensamentos,
a sua fama levam-na estrangeiros por toda a parte,
para todos os homens: e muitos louvarão o seu nome.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Ó esposa veneranda de Odisseu, filho de Laertes!
São-me odiosas capas e mantas luzentes, desde que deixei
as montanhas de Creta, cobertas de neve,
à medida que navegava na nau de longos remos.
Deitar-me-ei como já passei muitas noites sem dormir:
pois muitas são já as noites em que dormi numa cama
desconfortável, à espera da divina Aurora de belo trono.
Também não me apraz nem anima a ideia do lava-pés:
não quero que nos meus pés toque nenhuma das servidoras
que desempenham tarefas aqui no teu palácio,
a não ser que tenhas alguma anciã, que saiba o que é sensato,
e que tenha sofrido no espírito tantas desgraças como eu.
A uma mulher assim eu permitiria que me tocasse nos pés.»

A ele deu reposta a sensata Penélope:
«Caro estrangeiro, nunca veio ter a minha casa um homem
de terras longínquas tão prudente, ou tão amável, como tu.

As tuas palavras revelam grande sensibilidade e sensatez.
Tenho uma escrava velha, muito compreensiva,
que amamentou e criou o meu pobre marido,
recebendo-o nos braços no dia em que a mãe o deu à luz.
Ela te lavará os pés, embora esteja já diminuída pela idade.
Anda lá, ó sensata Euricleia, levanta-te agora:
lava os pés de quem tem a idade do teu amo. Serão assim
os pés e as mãos de Odisseu; pois rapidamente
os homens envelhecem em circunstâncias adversas.»

Assim falou; e a anciã cobriu a cara com as mãos.
Deixou cair lágrimas quentes, e assim se lamentou:

«Ai de mim, meu rico filho! Não te posso ajudar! Apesar de seres
temente aos deuses, Zeus te detestou mais que aos outros homens!
Nunca nenhum mortal queimou para Zeus que lança o trovão
tantas gordas coxas ou tantas perfeitas hecatombes
como tu lhe ofereceste, rezando para que chegasses
com saúde à velhice e visses crescer o teu filho glorioso.
Mas agora só a ti ele tirou o dia do regresso.
Se calhar também dele fazem pouco outras mulheres
em terras estrangeiras, quando chega a um palácio famoso,
tal como estas cadelas todas fizeram pouco de ti.
É para evitares os insultos e as desconsiderações delas
que não as deixas lavar-te os pés. Mandou-me então a mim,
que tenho boa vontade, a filha de Icário, a sensata Penélope.
Por isso te lavarei os pés, tanto pela própria Penélope

como por ti, pois tenho o coração dentro do peito
remexido de tristeza. Mas ouve agora isto que eu digo.
Já cá vieram ter muitos estrangeiros cansados, mas digo-te
que como tu nunca vi nenhum que se parecesse
tanto, pelo corpo e pela voz, com Odisseu.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Ó anciã, o mesmo dizem todos os que com os olhos
nos viram: dizem que ele e eu somos muitos parecidos,
como tu própria reparaste e acabaste de dizer.»

Assim falou; e a anciã pegou na bacia resplandecente
em que lhe ia lavar os pés; nela verteu abundante água fria
e, de seguida, juntou a água quente. Mas Odisseu foi
sentar-se perto da lareira e logo se virou para a escuridão.
É que sentia um agoiro no coração: receava que ela
reparasse na cicatriz — e assim tudo seria revelado.
Ela aproximou-se e começou a lavar o amo. De imediato
reconheceu a cicatriz, que outrora deixara um javali de brancas presas,
quando Odisseu fora ao Parnaso visitar Autólico e os filhos deste.

Fora Autólico o pai valente da mãe de Odisseu, ele que todos
superava em furtos e perjúrios. Um deus lhe dera tal dom:
Hermes. Pois para ele queimara Autólico gratas coxas
de bezerros e cabritos; e por isso Hermes o acompanhava.

Chegando uma vez Autólico à terra fértil de Ítaca,

encontrara o filho recém-nascido da sua filha.
E Euricleia pusera-lhe a criança ao colo, depois que acabara
de jantar, e assim lhe dissera, tratando-o pelo nome:

«Autólico, encontra tu um nome para pôr ao filho
da tua querida filha; muito rezou ela para que nascesse.»

Em resposta lhe dissera então Autólico:
«Meu genro e minha filha! Ponde o nome que vou dizer.
Chego aqui depois de ter causado sofrimentos a muitos,
a homens e a mulheres, em toda a terra que nos dá sustento.
Por isso que seja Odisseu o seu nome. Pela minha parte,
quando ele chegar à idade adulta e vier para o Parnaso,
para casa da família materna, onde tenho os meus haveres,
dar-lhe-ei uma parte e ele regressará rejubilante.»

Por essa razão se deslocara Odisseu, para receber os belos dons.
Tanto Autólico como os filhos de Autólico lhe apertaram
a mão e o cumprimentaram com doces palavras.
E Anfítea, mãe da mãe de Odisseu, abraçou Odisseu
e beijou-lhe a cabeça e os dois lindos olhos.
Autólico chamou os filhos gloriosos para prepararem
a refeição: eles ouviram-no chamar, e imediatamente
trouxeram um boi com cinco anos de idade,
que prepararam e esfolaram, esquartejando-o em seguida.
Cortaram as postas com perícia e puseram-nas em espetos;
depois assaram bem a carne e distribuíram as porções.
Durante todo o dia, até ao pôr do Sol, banquetearam-se;
e de nada sentiram os seus corações a falta naquele festim.

Quando o Sol se pôs e sobreveio a escuridão, deitaram-se
para descansar e aceitaram o dom do sono.

Quando surgiu a que cedo desponta, a Aurora de róseos dedos,
foram à caça os filhos de Autólico com os seus cães,
e com eles foi também o divino Odisseu.
Subiram a íngreme montanha vestida de bosques,
o Parnaso, e depressa chegaram às ravinas ventosas.
O Sol começava a lançar seus raios sobre os campos,
erguendo-se do Oceano com fundas correntes de brando fluir.
Os caçadores chegaram a uma clareira. À frente foram os cães,
farejando os rastros, e no seu encalço foram os filhos
de Autólico; atrás deles, seguiu o divino Odisseu, já perto dos cães,
brandindo a lança que projetava uma grande sombra.

E ali, nos densos arvoredos, se escondia um enorme javali.
Por entre estes arvoredos não penetravam os húmidos ventos,
nem através deles o Sol conseguia lançar seus raios,
nem a chuva lá entrava, tal era a densidade dos ramos.
E lá dentro havia grande abundância de folhas caídas.
Em volta do javali ouviram-se os passos de cães e homens,
que se precipitavam contra ele. Da toca saiu então o javali
para os enfrentar: as cerdas do dorso estavam eriçadas
e lançava fogo do seu olhar. E ali estacou, perto deles.

O primeiro a lançar-se foi Odisseu, levantando a lança comprida
com a mão possante, desejoso de o trespassar.
Mas o javali antecipou-se e feriu-o acima do joelho,

atirando-se de lado. Com o colmilho arrancou
um grande pedaço de carne, embora não chegasse ao osso.
Mas Odisseu atingiu-o, acertando-lhe na espádua direita:
a ponta da lança brilhante trespassou-o completamente
e caiu no chão com um grunhido; dele se evolou a vida.
Os queridos filhos de Autólico ocuparam-se da carcaça,
e depois trataram sabiamente da ferida do divino Odisseu.
Fizeram estancar o negro sangue com uma encantação.
A seguir foram todos para o palácio do pai amado.

E depois que Autólico e os filhos de Autólico
o curaram, deram-lhe gloriosos presentes
e mandaram-no, contente, para Ítaca, a pátria amada.
Lá o pai e a excelsa mãe se regozijaram
com a chegada do filho e lhe perguntaram
como obtivera a cicatriz. E Odisseu contou-lhes como
numa caçada o ferira um javali com o branco colmilho,
tendo subido o Parnaso com os filhos de Autólico.

Esta cicatriz, reconheceu-a a anciã ao tocá-la
com as palmas das mãos, ao tomar-lhe a perna.
Na bacia deixou cair a perna e o bronze ressoou.
Desequilibrou-se e no chão se entornou a água.

Ao espírito da anciã vieram ao mesmo tempo alegria e tristeza.
Os olhos encheram-se de lágrimas; a voz ficou presa na garganta.
Tocou no queixo de Odisseu e logo lhe dirigiu estas palavras:

«És Odisseu, meu querido filho! E eu que não te reconheci,
antes de tocar com as minhas mãos no corpo do amo!»

Assim falou; e os seus olhos apontaram para Penélope,
querendo indicar-lhe que regressara a casa o marido amado.
Mas Penélope nem olhou para ela nem se apercebeu,
pois Atena lhe desviara a mente. Porém Odisseu
agarrou com a mão direita na garganta da velha;
com a outra mão puxou-a para junto dele e disse:

«Ama, queres matar-me? Foste tu que me amamentaste,
com o teu próprio peito. Agora, depois de padecer
muitas desgraças, chego à terra pátria no vigésimo ano.
Mas já que percebeste o que um deus te pôs no espírito,
cala-te, para que mais ninguém no palácio se aperceba.
E isto te direi agora, coisa que se cumprirá: se em meu
benefício um deus subjugar os orgulhosos pretendentes,
não te pouparei, embora tenhas sido minha ama; e com
as demais escravas te matarei aqui no palácio.»

Respondendo-lhe, assim falou a sensata Euricleia:
«Meu filho, que palavra passou além da barreira de teus dentes!
Sabes como é a minha força, firme e teimosa.
Resistirei como se fosse feita de dura pedra ou de ferro.
Mas dir-te-ei outra coisa: tu guarda-a no teu peito: se em teu
benefício um deus subjugar os orgulhosos pretendentes,
enumerar-te-ei os nomes das escravas aqui no palácio,
das que te desonraram e das que estão isentas de culpa.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Ama, porque serás tu a nomeá-las? Não há necessidade.
Eu próprio quero observá-las, para conhecer cada uma.
Não, retém as palavras pelo silêncio e deixa tudo aos deuses.»

Assim falou; e a anciã atravessou a sala de banquetes
para buscar água para o lava-pés, pois a outra se entornara.
Depois que o lavou e ungiu com azeite abundante,
de novo Odisseu aproximou a cadeira do fogo
para se aquecer, escondendo a cicatriz com os farrapos.

Entre eles falou primeiro a sensata Penélope:
«Estrangeiro, há só mais uma coisa pequena que quero perguntar.
Pois está quase na hora do suave descanso, pelo menos
para quem se entrega ao sono doce, apesar de acabrunhado.
Mas a mim deu o deus um sofrimento ilimitado.
De dia as minhas alegrias são o pranto e a lamentação,
enquanto dou atenção aos meus trabalhos e aos das escravas.
Porém quando chega a noite e todos vão dormir,
então fico deitada na cama, e preocupações agudas
se concentram em torno do meu coração palpitante.
Tal como a filha de Pandáreo, o rouxinol da verdura,
canta entre as densas folhagens das árvores
a sua bela melodia ao renascer da primavera;
ela que com trinados gorjeia um canto modulado,
lamentando o filho, o querido Ítilo (filho do rei Zeto),
que outrora, sem querer, matara com o bronze —
assim se agita o meu coração para trás e para a frente,

pois não sei se hei de ficar com o meu filho e tomar conta
da minha riqueza, das escravas e do alto palácio,
respeitando o leito do marido e a vontade do povo;
ou se deva seguir aquele dentre os Aqueus que for o melhor,
que faz a corte no palácio e oferece incontáveis dons nupciais.
Enquanto o meu filho era uma criança irresponsável,
não queria que me casasse, deixando assim a casa do marido.
Mas agora já é adulto; já chegou ao limite da juventude:
agora pede-me que abandone o palácio, porque está
preocupado com os haveres que os Aqueus lhe devoram.
Ouve agora este sonho e interpreta-o para mim!
Cá em casa tenho vinte gansos que saem da água
para comer trigo: com eles me alegro quando os vejo.
Mas da montanha veio uma grande águia de bico recurvo,
que se atirou aos pescoços dos gansos, matando-os a todos.
Eles jaziam aos montes no palácio, mas a águia voltou
para o éter divino. Eu chorava, embora estivesse a sonhar.
À minha volta se reuniam as mulheres de belos cabelos dos Aqueus,
enquanto eu chorava convulsivamente, porque uma águia matara
os meus gansos. Mas a águia regressou; e pousada no alto
de uma viga fez parar o meu choro com voz de homem mortal:

“Anima-te, ó filha de Icário, cuja fama chega longe!
Isto não é um sonho, mas uma visão verdadeira,
que se cumprirá. Os gansos são os pretendentes,
e eu, que antes fui a águia, agora regresso como marido,
que fará que se abata sobre os pretendentes um terrível destino.”

Assim falou; e depois largou-me o sono doce como mel.
Vi que os gansos continuavam no palácio, comendo
o trigo do comedouro, como sempre fizeram.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Senhora, não é possível interpretar o sonho infletindo-o
de modo diverso daquilo que te disse o próprio Odisseu.
Ele disse como tudo acabará. Para todos os pretendentes
virá a destruição: nenhum deles escapará à morte e ao destino.»

A ele deu resposta a sensata Penélope:
«Estrangeiro, sabes bem que os sonhos são impossíveis
e confusos; nem sempre tudo se cumpre entre os homens.
São dois os portões dos sonhos destituídos de vigor:
um é feito de chifres; o outro, de marfim.
Os sonhos que passam pelos portões de marfim talhado
são nocivos e trazem palavras que nunca se cumprem.
Mas os que saem cá para fora dos portões de chifre polido,
esses trazem coisas verdadeiras, quando um mortal os vê.
Penso que no meu caso não foi de lá que veio o sonho horrível,
embora bem-vindo tivesse sido para o meu filho e para mim!
Agora outra coisa te direi; tu guarda-a no teu espírito: está perto
a malfadada Aurora, que me afastará da casa de Odisseu.
Estabelecerei pois um concurso, o dos machados,
que o meu esposo enfileirava na sala de banquetes,
como costelas de nau em construção, doze ao todo.
Colocando-se à distância, fazia passar uma seta pelo meio deles.
Proporei este concurso aos pretendentes.
Quem com mais facilidade armar o arco nas mãos

e fizer passar a seta pelo meio dos doze machados,
a esse eu seguirei, e deixarei esta casa da minha vida
de casada: uma casa bela, cheia de riquezas;
que sempre recordarei, penso, até em sonho.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Ó esposa veneranda de Odisseu, filho de Laertes!
Não adies mais este concurso no teu palácio,
pois o astucioso Odisseu virá aqui ter antes que
esses homens tenham armado o arco polido
e feito passar a seta pelo meio do ferro.»

A ele deu resposta a sensata Penélope:
«Se quisesses, ó estrangeiro, sentar-te ao meu lado
no palácio para me encantares, nunca o sono se derramaria
sobre os meus olhos. Mas os homens não podem ficar
sem dormir: para cada coisa indicaram os imortais
a altura certa na terra dadora de cereais.
deitar na cama — na minha cama de lamentações,
sempre humedecida com lágrimas, desde que Odisseu partiu
para ver Ílion-a-Malévola, essa cidade inominável.
Aí me deitarei. Mas tu deita-te aqui dentro de casa:
poderás pôr algo no chão, ou as escravas te farão a cama.»

Assim dizendo, subiu para o alto aposento reluzente;
mas não ia sozinha, pois com ela iam também as suas escravas.
E quando chegou ao alto aposento com as escravas,
chorou Odisseu, o esposo amado, até que um sono suave
sobre as pálpebras lhe lançasse a deusa de olhos garços Atena.

Notas ao Canto 19

A abertura do Canto 19 traz-nos de volta o famoso problema homérico da Remoção das Armas, a que já fizemos referência em 16.284*. É claro que, na tradição oral de que o poeta é herdeiro, o importante é o momento: cada episódio, cada bloco, está pensado para fazer efeito imediato – o que tem como resultado inevitável os blocos, por vezes, não serem coerentes entre si, como já apontámos inúmeras vezes. Independentemente da questão irresolúvel de quão oral é o nosso poema que só conhecemos como texto escrito, sublinhemos os seguintes aspetos. Relativamente ao Canto 16, ficaram esquecidos os dois jogos de armas para Odisseu e Telémaco; mas o poeta manteve o tema da desculpa a dar aos pretendentes, embora os pretendentes nunca cheguem a reparar no facto de, sem mais nem menos, todas as armas da grande sala de banquetes terem desaparecido (isto é, repararão, em 22.23-25, quando começa a chacina – mas aí já será uma situação de vida ou morte; e a questão da desculpa pela remoção das armas perdeu relevância). No Canto 16, a intenção de Odisseu era que Telémaco removesse as armas sozinho, nas barbas dos pretendentes (16.284*). O que acontece, de facto, no Canto 19, é que é Odisseu quem remove as armas com a ajuda de Telémaco. Ora, neste momento, quando já lemos 18 cantos do poema, já pudemos verificar inúmeras vezes como episódios da nossa *Od*. funcionam como palimpsestos compostos por cima de versões anteriores (ou simplesmente alternativas) deste material poético. Na zona do «palimpsesto» onde encontramos a Remoção das Armas, não são propriamente traços de versões anteriores/alternativas que chamam a nossa atenção, mas antes a suspeita de que o aumento do número de pretendentes, a partir do provável número original de 12 Itacenses (ver 16.245-246*), poderá ter motivado poetas subsequentes a procurarem estratégias (como a Remoção das Armas) para tornar o confronto de Odisseu com 108 pretendentes menos inverosímil. E, quando falamos em «poetas subsequentes», não podemos esquecer a frase de Telémaco, «o ferro atrai o homem» (19.13): as armas genuinamente homéricas são de bronze. Em última análise, a Remoção das Armas não resolve o problema da inverosimilhança da desproporção numérica na luta final, já que, para todos os efeitos, os pretendentes andam sempre armados com espadas (22.79-80, 90, etc.), o que também torna a desculpa sugerida por Odisseu a Telémaco (de que estaria a remover as armas para os bêbedos não se matarem uns aos outros) ainda mais implausível.

29 «as palavras dela não chegaram a bater asa»: ver 17.57*. É curioso notarmos que a expressão, nas suas quatro ocorrências na *Od*. (nunca ocorre na *Il*.), só é usada com referência a mulheres.

33-34 «À frente deles, Palas Atena segurava / uma lamparina dourada, espalhando maravilhosa luminescência»: os escólios dizem-nos que o grande Aristarco criticou aqui o modo como o poeta

põe a deusa a desempenhar uma tarefa tão servil, de lamparina na mão. A «lamparina» (*lúkhnos*) tem atraído o interesse dos arqueólogos – devido à sua não-existência no tempo em que o poema terá sido composto, ainda que existissem *lúkhnoi* na época micénica (ver Oxf.iii, p. 76) – e também o dos linguistas, não só por ser a única lamparina da *Il*. e da *Od*., mas também pelo modo anómalo como o poeta escande a palavra correspondente a «dourada» (*khrúseon*) como dissílabo espondaico. Por seu lado, modernos exegetas da poesia homérica insistem em dizer, contra o texto, que a luz não vem da lamparina, mas sim da presença divina da deusa (aqui Dawe, p. 688, e Russo em Oxf.iii, p. 76, estão de acordo) . Não esqueçamos, já agora, a interpretação de M. Müller, que viu na «maravilhosa luminescência» (*perikallès pháos*) a sugestão simbólica da vitória de Odisseu sobre os pretendentes (*Athene als göttliche Helferin in der Odyssee*, Heidelberg, 1966, pp. 125-126).

47-48 «Telémaco atravessou a sala de banquetes / debaixo das tochas ardentes em direção ao quarto»: estas tochas ardentes não parecem compatibilizar-se muito bem com 34-40, em que a luz na sala é percecionada por Telémaco como sendo prodigiosa e indicadora de uma presença divina. Mas talvez devamos agora imaginar que as escravas já foram soltas do encarceramento nos aposentos, pois a sua presença está implícita na forma verbal de 55, ainda que só se diga explicitamente que elas entraram na sala em 60. Nem Penélope, nem uma única escrava, nem a governanta Eurínome reparam que todas as armas desapareceram da sala – talvez pela simples razão de que a sequência que estamos agora a ler teve a sua origem numa *Od*. em que o episódio da Remoção das Armas não existia.

56*b* «que outrora fabricara o artífice Icmálio»: nada sabemos sobre Icmálio, mas percebemos como a sua menção aqui cria o mesmo efeito de tridimensionalidade temporal que comentámos em 17.340*.

66-69 A intervenção insultuosa da escrava Melanto surpreende, por um lado, pela acusação de que Odisseu é um *voyeur*, e, por outro lado, por causa das suas anomalias linguísticas, elencadas por Shipp (*Studies*, p. 346).

91-95 «Não passas despercebida, ó cadela atrevida e desavergonhada! / Meteste-te num grande sarilho, que pagarás com a tua cabeça»: Dawe (p. 691) queixa-se aqui do tom de peixeira (*sic*) que o poeta dá às palavras de Penélope; mais preocupante, a meu ver, é Penélope achar que o facto de Melanto ter sido malcriada com o mendigo merece ser castigado com a pena de morte. Há estudiosos que interpretam estes versos como tendo pertencido, noutra *Od*., a um contexto em que Penélope reagia à «fornicação de Melanto com Eurímaco» (Dawe, p. 692).

94 «no meu palácio»: é a primeira vez no poema que ouvimos Penélope a falar da casa onde vive como «meu palácio». Por alguma razão, só encontramos no presente canto esta atitude da parte de Penélope, de rainha do seu próprio espaço (ver ainda 254; a atitude estará também implícita, embora não explícita, em 526).

103 «Entre eles quem começou a falar foi a sensata Penélope»: com a famosa discrição homérica, inultrapassável no *understatement*, o poeta coloca-nos finalmente Odisseu e Penélope sentados um diante do outro, na primeira conversa entre ambos ao fim de 20 anos. Parte da tensão positiva da cena

(da sua ironia dramática, em suma) advém do facto de nós, ouvintes/leitores, sabermos com Odisseu tudo aquilo que Penélope não sabe.

107-114 Os versos iniciais dirigidos por Odisseu à sua mulher têm chamado sempre a atenção dos helenistas pelo facto de nos transportarem para fora da poesia homérica e diretamente para dentro da mundividência poética de Hesíodo (especialmente *T&D*.225-237).

110 Verso omitido por Platão ao citar esta passagem na *República* (363b) e também por outros autores antigos mencionados no aparato crítico da ed. de Estugarda (onde o verso é colocado entre parênteses retos).

113-114 «o mar proporciona muitos peixes em consequência / do bom governo»: no século XXI, sabemos bem dar valor a estas palavras de Odisseu (embora a razão pela qual acontece o proporcionamento de muitos peixes em função do bom governo não seja aquela que Odisseu pensou entrever).

121-122 «não vá alguma das tuas escravas censurar-me, ou tu própria, / dizendo que estou alagado em lágrimas por causa do vinho»: que o excesso de vinho pode provocar (nalgumas pessoas) ataques de sentimentalismo lacrimejante é facto conhecido de todos; no entanto, não é normal na poesia homérica que as lágrimas em si suscitem censura, como parece ser aqui a ideia por trás das palavras de Odisseu. Num artigo que citámos em 8.86-92*, Ingrid Waern considera mais de 70 ocorrências de lágrimas na *Il*. e na *Od*. e só aqui encontra a ideia de que podem ser algo de censurável.

135 «demiurgos»: encontrámos a palavra em 17.383; os exemplos dados dessa categoria profissional depois, em 17.384-385, foram videntes, médicos, carpinteiros e aedos.

136 «Odisseu»: o nome tem, em grego, uma forma neste verso (*Odusêi*) que é única em toda a *Il*. e *Od*.

139-156 Estes versos retomam (ainda que não exatamente) o que ouvíramos sobre a teia de Penélope em 2.94-110.

153 Este verso é omitido em vários manuscritos e colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

154 «cadelas tontas»: a expressão funciona também como «indireta», visto que as escravas estão presentes. No relato do Canto 2, fora só uma escrava (2.108) a descobrir o que a própria Penélope acabou de chamar «fio / de mentiras» (137-138).

158-159 «Insistem os meus pais para que eu volte / a casar-me»: não deixa de ser espantoso como o prospetivo segundo casamento de Penélope é sempre uma caixinha de surpresas. Ver 15.16-17*.

163 «Não nasceste de carvalho lendário nem de pedra»: o adjetivo «lendário» traduz aqui *palaíphatos* («falado há muito»). A ideia de nascer de pedra ou de árvore transversal a culturas do Próximo Oriente, como vemos pelo caso de Jeremias 2:27 («Disseram à árvore: Tu és meu pai; Disseram à pedra: Tu me geraste»). Ver West, *Helicon*, p. 431.

172 «Há uma terra, Creta, que fica no meio do mar cor de vinho»: cá vamos nós novamente para Creta, nas asas de mais mentiras deste compulsivo mitómano. Para a expressão «mar cor de vinho»,

ver 1.183*.

174 «noventa cidades»: na *Il*. diz-se que Creta tem cem cidades (*Il*.2.649).

176 «Aqueus, magnânimos Cretenses genuínos, Cidónios»: em grego, o que traduzi por «Cretenses genuínos» (inspirei-me em Cmb.i, p. 224) é só uma palavra, *Eteókrêtes* («Eteocretenses»), que se refere aos habitantes autóctones de Creta. Os Cidónios já tinham sido mencionados em 3.292*.

177 «Dórios divididos em três e divinos Pelasgos»: temos aqui a única referência a Dórios em toda a poesia homérica (sobre os Dórios, ver Rocha Pereira, *Estudos*, pp. 42-43 e a bibliografia citada na n. 11). O poeta está a dizer-nos que eles se dividiam em três ou que eram «de cabelos cintilantes»? Ambas as interpretações são possíveis para o enigmático adjetivo *trikháïkes*. Quanto aos Pelasgos, o termo é muito vago. Já foi interpretado como significando os habitantes pré-gregos, digamos assim, da península helénica, mas não há certeza quanto à sua identificação (cf. F. Lochner-Hüttenbach, *Die Pelasger*, Viena, 1960, que discute inconclusivamente a presente passagem nas pp. 99-100).

178 «Cnossos»: a cidade principal das noventa (ou cem – ver 174*) cidades cretenses, cujo rei lendário foi Minos, filho de Zeus (ver 11.568*).

181 «Ora Deucalião gerou-me a mim e ao soberano Idomeneu»: até agora, esta fábula de Odisseu soa, *mutatis mutandis*, aos nossos ouvidos como: «Sou inglês, nasci em Londres e sou irmão do príncipe William.»

183 «Tenho o nome famoso de Éton»: entre «Éton» e o nome do colégio onde estudou o príncipe mencionado na nota anterior não há relação etimológica. A palavra grega subjacente é *aíthôn* («ardente») e evoca, de forma misteriosa, as atividades de Odisseu como ateador de braseiros e de tochas no canto anterior (ver 18.317*). Apesar de o nome ser referido como «famoso» por quem acabou de o escolher como heterónimo, é desconhecido e – a partir deste verso, em que foi nomeado e classificado como «famoso» – desaparece para sempre do poema.

204-204*b* «E ela, enquanto ouvia, vertia uma torrente de lágrimas, / a ponto de parecer que o próprio rosto se derretia»: se é difícil solidarizarmo-nos com a credulidade de Penélope (atendendo ao nível de inverosimilhança de tudo o que ela acabara de ouvir, já para não falar das discrepâncias em relação àquilo que Eumeu dissera a Penélope que o mendigo lhe dissera), muito mais fácil é compreendermos a sua emoção e o seu «derretimento». Em cada um dos versos 204, 205, 206, 207 e 208 figura uma forma, em grego, do verbo *têkô* («derreter»).

209 «chorando pelo marido, que estava à sua frente»: o verso que sintetiza toda a cena.

210-212 Odisseu consegue controlar as lágrimas, a ponto de não chorar, mostrando assim mais autodomínio na presença da mulher do que mostrara na presença do cão (17.304).

213 «Depois de ela se ter deleitado com o pranto de lágrimas copiosas»: o prazer das lágrimas não passaria despercebido a um rol infindável de autores pós-homéricos (cf. a frase célebre de Santo Agostinho, *solus fletus erat dulcis mihi*, «só o choro me era doce»: *Confissões* 4.4).

246 «Tinha ombros arredondados, pele negra, cabelo crespo»: ver 2.15*, 16.175-176*. O adjetivo traduzido à letra por «pele negra» é *melanókhróos*. «Cabelo crespo» traduz *oulokárênos* (à letra,

«cabeça crespa»), onde o elemento significativo é *oûlos*, «crespo» (embora possa significar também «lanoso»). Em 6.231 e 23.157-158, é-nos dito, a propósito de Odisseu, que Atena «da cabeça / fez crescer cabelos crespos, semelhantes à flor hiacintina». Os comentadores não nos explicam a razão pela qual Odisseu é descrito como tendo cabelos «crespos» nas passagens referidas, mas como, noutros passos (13.399, 431), nos é dito que o cabelo dele é loiro, a questão do cabelo não pode ser tema de discussão consistente no caso de Odisseu. Quanto a Euríbates, alguns estudiosos reconhecem que o poeta no-lo apresenta como africano (Oxf.i, p. 130, onde *negroid appearance* é uma expressão infeliz; Oxf.iii, p. 90); até Rutherford, ao querer sublinhar que o Euríbates da *Il*. não é africano («There is no suggestion in the Iliad that he is black-skinned»), acaba por reconhecer através do não-dito que o Euríbates da *Od*. é (R.B. Rutherford, *Homer: Odyssey Books XIX & XX*, Cambridge, 1992, p.171).

260 «Ílion-a-Malévola»: em grego, *Kakoïlion*. A palavra ocorre novamente em 597 e em 23.19. Está formada segundo a mesma lógica que comentámos a propósito de Iro e do seu «antónimo», «Desaire». Ver 18.73*.

282-284 «E Odisseu já aqui estaria, / se não lhe tivesse parecido melhor ao coração procurar / mais riquezas, vagueando pela ampla terra»: mais um caso para o divã do psicanalista: a imagem que Odisseu dá aqui de si próprio é deveras lamentável. Para Penélope, destinatária destas palavras, não restaria outra conclusão a não ser a de que o marido, por cujo regresso ela iludidamente ansiava, era um ganancioso «mais interessado em dinheiro do que em ver a mulher» (Dawe, p. 702).

306 «No decurso desta luz que passa chegará aqui Odisseu»: ver 14.161*.

313-314 «nem Odisseu regressará a sua casa, nem tu obterás / transporte, pois cá em casa já não há ninguém que dê ordens»: contudo, em 359 a sensação que recebemos das palavras de Penélope é que ela acredita, intimamente, que Odisseu está vivo. Quanto ao transporte, o mendigo não lhe pediu nada: na verdade, desde que chegou ao palácio, o velho mendigo outra coisa não fez além de consolidar a sua posição lá dentro, inclusive por meio da atividade que o levou, em 182, a dizer que se chamava Éton («Ardente»).

317-320 «Mas agora, ó escravas, lavai o estrangeiro […] / Ao nascer do dia dai-lhe banho»: por um lado, estas palavras fazem-nos pensar quão sujo o mendigo parece à rainha, já que ela quer providenciar dois banhos num curtíssimo espaço de tempo (para os parâmetros homéricos); por outro lado, a partir de 343 percebemos que esta primeira lavagem já corresponde ao pivô de um mecanismo que o poeta começou a pôr em andamento – mecanismo esse que terá como resultado imediato o reconhecimento de Odisseu por Euricleia, e como resultado futuro (mais de dois milénios depois) a inspiração para a escrita de um dos mais célebres textos da história literária: o Capítulo 1 do livro *Mimesis* de Erich Auerbach (*Mimesis: Dargestellte Wirklichkeit in der abendländischen Literatur*, Tübingen, 1946).

343 «Também não me apraz nem anima a ideia do lava-pés»: mas Penélope não falara em lava-pés (*podániptra*). Porque diz ele que não lhe apraz nem anima uma coisa que não lhe foi sugerida?

346 «a não ser que tenhas alguma ancinã»: o mecanismo está em pleno andamento, mas range tanto que chama demasiado a atenção para si mesmo. Estamos muito longe, aqui, da arte que procura

esconder a arte. Nas palavras lapidares de Dawe, «é Homero que precisa da anciã; não Odisseu» (p. 706).

379-381 «Já cá vieram ter muitos estrangeiros cansados, mas digo-te / que como tu nunca vi nenhum que se parecesse / tanto, pelo corpo e pela voz, com Odisseu»: estas palavras da ama Euricleia suscitam, por um lado, a mesma observação feita na nota anterior. Mas, por outro lado, levam-nos de novo ao problema da transformação, efetuada por Atena, de Odisseu num velhote quebrantado e irreconhecível. Encontramo-nos, novamente, depois de 18.67-70*, numa zona do poema em que a transformação de Odisseu por Atena não está necessariamente pressuposta. Penélope, na conversa anterior, pode não ter conseguido reconhecê-lo (ou reconheceu-o, mas disfarçou muito bem…); porém, no momento do poema em que estamos, somos informados pelas palavras da ama, antes de ter sequer visto a cicatriz, de que ele não está irreconhecível.

395-466 Estes versos narram-nos a história da cicatriz de Odisseu, que inspirou, como apontámos antes, o famoso capítulo inicial do livro *Mimesis* de Auerbach, assim como palavras ainda mais famosas na *Poética* de Aristóteles, onde o filósofo elogia Homero por não ter incluído na *Od*. a história da cicatriz de Odisseu. O facto é que todos os manuscritos conhecidos da *Od*. têm a história de como Odisseu ficou com a enorme cicatriz. Portanto: ou Aristóteles conhecia uma *Od*. diferente da nossa; ou então, por algum motivo, fez confusão (Dawe, p. 708). Esta segunda hipótese não levanta qualquer problema para helenistas que sabem como Aristóteles se enganou pelo menos duas vezes (*Retórica* 1415a 20, *Poética* 1452a) ao referir-se à peça-modelo, várias vezes por ele citada: o *Rei Édipo* de Sófocles. (Ninguém é perfeito – e não há nenhum motivo para Aristóteles ter constituído a única exceção.) Ao mesmo tempo, mantenhamos em cima da mesa a possibilidade de à *Od*. conhecida por Aristóteles ter faltado o episódio da cicatriz; pois tal possibilidade é tão plausível quanto a de que o Estagirita se tenha enganado. Como nunca saberemos ao certo, é importante não perdermos de vista nenhuma das hipóteses.

401 «Euricleia»: já que estamos a falar de possíveis erros cometidos pelos maiores génios da cultura ocidental, lembremos que este episódio também induziu Cícero (*Tusculanas* 5.46) no erro de afirmar que quem lavou os pés de Odisseu foi «Anticleia» (o nome da mãe de Odisseu – não o nome da ama). Curiosamente, neste verso existe um manuscrito que tem, no lugar de Euricleia, o nome de Anticleia (tendo o copista cometido o mesmo erro de Cícero).

440-442 Os versos a descrever o sítio onde estava o javali são parecidíssimos (mas não iguais) com 5.478-480, onde se descrevia o sítio onde Odisseu ficou a dormir (a sua «toca») quando chegou exausto à terra dos Feaces.

444 «Em volta do javali ouviram-se os passos de cães e homens»: parte deste verso também foi pedido emprestado a outro contexto: a 16.6, onde os passos (em rigor, um «par de pés») eram de Telémaco. Em 16.6, a forma de dual *podoîïn* fazia sentido, porque se tratava dos pés de Telémaco. Não podemos dizer o mesmo da utilização da mesma forma no presente contexto.

455-456 «Os queridos filhos de Autólico ocuparam-se da carcaça, / e depois trataram sabiamente da ferida do divino Odisseu»: ocuparem-se primeiro da carcaça antes de darem os primeiros socorros

ao sobrinho ferido não torna estes filhos de Autólico lá muito «queridos»; quanto ao uso muito discutível, neste caso, do advérbio «sabiamente» (*epistaménôs*), ver a nota seguinte.

457 «Fizeram estancar o negro sangue com uma encantação»: a palavra traduzida por «encantação» é *epaoidê*. Na *Il*. o conceito de medicina é menos obscurantista: perante uma situação igualmente grave, Pátroclo intervém ao nível mais avançado, para a altura, do estado da ciência médica: com uma raiz medicinal (11.846-848). Nem lhe passa pela cabeça pôr-se com cantorias enquanto o ferido se esvai em sangue.

478-479 «Mas Penélope nem olhou para ela nem se apercebeu, / pois Atena lhe desviara a mente»: a inverosimilhança atingiu agora graus até aqui evitados pelo poeta. Com que então Atena desviou a mente de Penélope? E as escravas que estavam a assistir a esta cena? Quem as pôs em coma mental, para não se darem conta do que acabara de acontecer?

487-490 «se em meu / benefício um deus subjugar os orgulhosos pretendentes, / não te pouparei, embora tenhas sido minha ama; e com / as demais escravas te matarei aqui no palácio»: as palavras de Odisseu nem precisam de comentário, de tão horríficas que são. Claramente (ou pelo menos assim o esperamos) faltou qualquer coisa a especificar a circunstância especial em que ele mataria a mulher que o amamentou e criou, no caso de ela não permanecer calada em relação ao que acabara de ver. De qualquer forma, 489 não nos convence inteiramente em relação ao seu *pedigree* homérico, dada a forma tardia que nele encontramos do particípio feminino presente do verbo ser (*oúsês*, genitivo).

497-498 «enumerar-te-ei os nomes das escravas aqui no palácio / das que te desonraram e das que estão isentas de culpa»: o tema da culpabilidade das escravas, que, com grande pena nossa, entrou no poema em 16.316-317, está cá para ficar, e só nos veremos livres dele com o enforcamento das desgraçadas no final do Canto 22.

500 «Ama, porque serás tu a nomeá-las? Não há necessidade»: o Odisseu de 22.417-418 terá a atitude contrária: «agora diz-me tu quais são as escravas no palácio / que me desonraram; e quais as inocentes».

518 «filha de Pandáreo»: Procne, transformada em rouxinol. O nome alternativo (e mais conhecido) de Pandáreo é Pandíon; tal como o de Ítilo é Ítis.

527 «respeitando […] a vontade do povo»: a rainha que diz isto estará a dar-nos o primeiro prenúncio, na história da Europa, do que seria mais tarde o conceito de monarquia constitucional?

529 «oferece incontáveis dons nupciais»: o nosso velho problema; ver 1.272-305*, 11.116-117*.

533 «agora pede-me que abandone o palácio»: ainda não nos tínhamos apercebido dessa atitude por parte de Telémaco.

536 «vinte gansos»: não é difícil aceitar que os 20 gansos do sonho de Penélope são simbólicos de alguma coisa (pois trata-se do único sonho verdadeiramente simbólico na poesia homérica, um exemplo do tipo de sonho que encontraremos mais tarde em Ésquilo, *Persas*, 181-200). Mas será simbólico de quê? O facto de a águia (claro símbolo de Odisseu, como o próprio reconhece em 556) matar os gansos não deixa margem para outras possibilidades que não sejam a identificação dos gansos com os pretendentes: dando a palavra à águia, «os gansos são os pretendentes» (548). Mas isso levanta algumas perguntas complexas em relação à atitude de Penélope face aos gansos: «com

eles me alegro quando os vejo» (537); e, mais ainda, «eu chorava convulsivamente, porque uma águia matara / os meus gansos» (543-544). No seu íntimo – no recesso mais escondido do seu inconsciente, que veio à tona no sonho –, ela gostará dos pretendentes? Ou gostará da situação de ser cortejada? Estas questões psicológicas são exploradas por A.V. Rankin, «Penelope's Dreams in Books XIX and XX of the Odyssey», *Helikon* 2 (1962), pp. 612-624; e por H. Vester, «Das 19. Buch der Odyssee», *Gymnasium* 75 (1968), pp. 417-434. A questão do número 20 é outro problema para o qual não temos resposta. Pode corresponder a uma fase da evolução do poema em que os 12 Itacenses, porventura o número original de pretendentes (cf. 16.245-246*), já tinham começado a aumentar: pois é facto que, no Canto 22, ficaremos a saber os nomes de 15 dos 108 pretendentes aí chacinados. Outra interpretação é que os 20 gansos são simbólicos dos 20 anos que Odisseu esteve ausente (ver West, *Odyssey*, p. 271, n. 202; Dawe, p. 716, rotula essa interpretação de «ilógica»).

562-563 «São dois os portões dos sonhos destituídos de vigor: um é feito de chifres; o outro, de marfim»: mais um passo de compreensão difícil, em relação ao qual toda a maneira de interpretação já foi proposta. Os estudiosos têm-se interrogado sobre o porquê de os sonhos saídos dos portões de chifre serem verdadeiros, ao passo que os saídos dos portões de marfim são falsos. Pode subjazer a esta terminologia «chifre» (*kéras*) ~ «marfim» (*elephas*) um jogo etimológico; mas mesmo esse jogo, se existe, não reúne o consenso dos especialistas. Esta passagem dos portões dos sonhos deu azo a uma troca de artigos algo acrimoniosa entre Anne Amory e A.B. Lord. Os pormenores encontram-se na p. 197 do comentário de Rutherford, já aqui citado.

572 «Estabelecerei pois um concurso, o dos machados»: e eis que, de repente, literalmente do nada, o poeta carrega no botão que desencadeará o processo necessário para chegarmos, agora de forma inexorável, ao fim do poema. O motivo do concurso do arco tem antecedentes egípcios, hititas e indianos (*Mahabharata*, *Ramayana*): ver West, *Helicon*, pp. 432-433. Num texto indiano intitulado *Nalopakhyana*, a mulher já reconheceu o marido antes de instituir o concurso do arco (Dawe, p. 718). No caso da *Od*., podemos, de facto, perguntar se não teriam existido versões em que Odisseu e Penélope combinavam juntos esta prova – que porá nas mãos do herói uma arma (um arco) com a qual ele nunca é associado na *Il*.

580-581 «uma casa bela, cheia de riquezas; / que sempre recordarei, penso, até em sonho»: depois de termos evocado a *Mahabharata* na nota anterior, agora somos levados a pensar em Daphne du Maurier e na sua *Rebecca*, adaptada ao cinema por Alfred Hitchcock: «Last night I dreamt I went to Manderley again…»

597 «Ílion-a-Malévola»: ver 260*.

601 «pois com ela iam também as suas escravas»: o que terão pensado as escravas de tudo isto: água entornada, cicatriz, gansos e machados?

Canto 20

Porém no adro do palácio se deitou o divino Odisseu.
Pôs no chão uma pele não curtida de boi e por cima muitos
velos de ovelha, das que continuamente matavam os Aqueus.
Já deitado, veio Eurínome atirar-lhe por cima uma manta.
E aí ficou Odisseu, incapaz de dormir, a planear no coração
a desgraça dos pretendentes. E de dentro do palácio saíram
as escravas que com os pretendentes costumavam ter relações.
Riam-se entre elas, em ambiente de alegria e boa disposição.

Mas o coração de Odisseu revoltou-se no seu peito.
E muito refletiu no espírito e no coração, se haveria
de ir atrás delas e dar logo a morte a cada uma,
ou se as deixaria dormir com os arrogantes pretendentes
uma última e derradeira vez. Ladrou no seu íntimo,
como a cadela que ladra ao pé dos seus cachorros
e vê um homem que não conhece e a ele se quer atirar —
assim ladrou Odisseu no seu íntimo por causa das más ações.
Batendo no peito, assim se dirigiu ao próprio coração:

«Aguenta, coração: já aguentaste coisas muito piores,
no dia em que o Ciclope de força irresistível devorou
os valentes companheiros. Mas tu aguentaste, até que

a inteligência te tirou do antro onde pensavas morrer.»

Assim falou, interpelando o coração no próprio peito.
E o coração aguentou, mantendo-se em obediência
completa. Ele é que dava voltas e voltas na cama.
Tal como o homem à frente de um grande fogo ardente
revolve um enchido recheado de sangue e gordura
sem parar, na sua ânsia de que asse rapidamente —
assim Odisseu se revolvia na cama, pensando como
haveria de pôr as mãos nos desavergonhados pretendentes,
um homem contra muitos. Aproximou-se dele Atena,
tendo descido do céu. De corpo parecia uma mulher.
Postou-se junto da sua cabeça e disse-lhe estas palavras:

«Porque estás acordado, ó homem perseguido pelo destino?
Aqui tens a tua casa, aqui tens a mulher e o filho:
um rapaz que qualquer um quereria ter como filho.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Tudo o que disseste, ó deusa, foi na medida certa.
Mas ao espírito e ao coração me vêm preocupações:
como porei as mãos nos desavergonhados pretendentes,
um homem só, quando eles são muitos lá dentro.
E além disso tenho outra preocupação, ainda maior:
se eu os matar por tua vontade e pela vontade de Zeus,
para onde fugirei? Peço-te que reflitas sobre isto.»

A ele falou então a deusa de olhos garços Atena:
«Homem duro! Outro confiaria em amigo mais fraco,

um que é mortal e não é dotado de muitas ideias.
Mas eu sou uma deusa, que sempre por ti mantenho
vigília em todos os teus trabalhos. Agora dir-te-ei isto:
se cinquenta exércitos de homens mortais estivessem
contra nós, desejosos de nos matar em combate,
mesmo assim lhes levarias os bois e os rebanhos robustos.
Entrega-te agora ao sono. É coisa desagradável passar toda
uma noite sem dormir. Estás prestes a sair do sofrimento.»

Assim dizendo, sobre as pálpebras lhe derramou o sono.
E para o Olimpo regressou Atena, divina entre as deusas.
Quando o dominou o sono, deslassando as preocupações
do coração, acordou a esposa conhecedora de coisas sensatas.
Chorou sentada em cima da cama de cobertores macios.
E depois de ter saciado com lágrimas o coração,
a Ártemis dirigiu primeiro uma prece a mais divina das mulheres:

«Ártemis, deusa excelsa, filha de Zeus! Quem me dera
que agora atirasses uma seta contra o meu peito;
ou então que me arrebatasse uma tempestade
e me levasse pelos caminhos cheios de brumas
até à foz do Oceano, o rio que flui em sentido contrário.
Também as tempestades arrebataram as filhas de Pandáreo:
os pais tinham sido mortos pelos deuses; e elas ficaram
como órfãs no palácio. Tratava delas a divina Afrodite,
dando-lhes queijo, doce mel e vinho suave; e Hera
lhes concedeu beleza e sabedoria superior à de todas
as mulheres; e deu-lhes estatura a sacra Ártemis, ao passo

que Atena lhes outorgou a perícia nos gloriosos trabalhos.
Mas quando Afrodite divina subia para o alto Olimpo
para pedir para as donzelas o termo de uma boda pujante,
dirigindo-se a Zeus que lança o trovão, que tudo sabe
(tanto a ventura como a desventura dos homens mortais),
foi então que as Harpias arrebataram as donzelas,
dando-as às Erínias detestáveis, para serem suas escravas.
Quem dera que assim me aniquilassem os deuses do Olimpo,
ou que me matasse Ártemis das belas tranças, para que
a pensar em Odisseu eu passasse para debaixo da terra odiosa
sem nunca alegrar o espírito de um homem pior.
É desgraça suportável quando alguém
chora de dia, com grande tristeza no coração,
pois de noite vem o sono, que tudo faz esquecer,
tanto coisas boas como más, depois que cobre as pálpebras.
Mas o deus faz que sonhos maus venham ao meu encontro.
Esta noite dormiu ao meu lado alguém que parecia ele,
com o aspeto que ele tinha quando partiu com o exército:
e alegrei-me porque não pensava que fosse um sonho:
pensava finalmente que se tratava da realidade.»

Assim falou; e logo sobreveio a Aurora de trono dourado.
Mas enquanto Penélope chorava, ouviu-a o divino Odisseu,
que em seguida ficou na dúvida: pois dava-lhe a impressão
de que ela o reconhecera, e estava ali, perto da sua cabeça.
Apanhou a manta e os velos em que dormira, e colocou-os
em cima de uma cadeira na sala. Para fora de casa levou
a pele de boi e pô-la no chão. Levantou as mãos para Zeus:

«Zeus pai, se é pela vossa vontade que vós, deuses, me trouxestes
por terra e mar até à minha pátria, depois de tantos maus-tratos,
que eu receba, da parte de quem já está acordado dentro de casa,
um sinal — e que cá fora eu receba também um sinal de Zeus.»

Assim rezou. Ouviu-o Zeus, cujo pensamento abrange tudo.
E logo trovejou do resplandecente Olimpo, por cima
das nuvens. Regozijou-se então o divino Odisseu.
E perto da casa foi uma moleira a proferir presságio favorável,
lá do sítio onde estavam os moinhos do Pastor de Povos.
Nestes moinhos trabalhavam ao todo doze escravas,
que moíam a cevada e o trigo, tutano dos homens.
As outras dormiam; já tinham moído o que lhes competia.
Só esta não parara ainda, porque de todas era a mais fraca.
Parou de moer e disse palavras que eram um presságio para o amo:

«Zeus pai, que és soberano dos homens e dos deuses,
trovejaste bem alto lá do céu cheio de astros.
No entanto não há nuvens! Mostras a alguém um prodígio.
Concede também a esta desgraçada que se cumpra o que disser:
que seja este o último dia que os pretendentes se alegram
com os seus deliciosos festins em casa de Odisseu;
esses que deram cabo dos meus joelhos com dores
que fazem mal ao coração, enquanto vou moendo farinha.
Que seja esta a última vez que participam num banquete!»

Assim falou; e regozijou-se com o presságio o divino Odisseu,

com o trovão de Zeus. Pois era sua intenção castigar os culposos.

Foi então que saíram as outras escravas do belo palácio de Odisseu;
todas juntas avivaram na lareira o fogo que nunca esmorecia.
E levantou-se da cama Telémaco semelhante aos deuses;
vestindo a roupa, pendurou do ombro uma espada afiada,
e nos pés resplandecentes calçou as belas sandálias.
Pegou na forte lança, de brônzea ponta, e colocou-se
junto à soleira, donde falou assim a Euricleia:

«Querida ama, tratastes bem o estrangeiro cá em casa,
dando-lhe cama e comida, ou jaz para aí, ignorado?
É assim a minha mãe, embora seja sensata. Honra
impulsivamente outro dos homens mortais que não vale nada,
mas manda embora um melhor, sem honra alguma.»

Respondendo-lhe, assim falou a sensata Euricleia:
«Nisto, ó filho, não censures quem não é censurável.
Ele esteve lá sentado a beber vinho, quanto ele quis.
De comida disse ele não ter fome. Ela perguntou-lhe.
Mas quando ele se lembrou da cama e do descanso,
ela mandou as escravas fazer-lhe uma cama.
Mas ele, tão desgraçado e abandonado pelo destino,
não quis dormir numa cama debaixo dos cobertores,
mas sobre uma pele de boi não curtida e velos de ovelha
dormiu no adro, e nós atirámos-lhe uma manta por cima.»

Assim falou. E Telémaco atravessou o palácio,
de lança na mão; com ele seguiam dois galgos.
Foi até à ágora, juntar-se aos Aqueus de belas cnémides.
Chamou as outras escravas a divina entre as mulheres,
Euricleia, filha de Ops, filho de Pisenor:

«Despachai-vos todas, umas a varrer e salpicar a casa,
outras a atirar sobre os tronos bem feitos tapetes
de púrpura. Que outras limpem as mesas com esponjas,
e lavem as taças para misturar o vinho e as taças
bem torneadas de asa dupla. Outras irão agora à fonte
buscar água; e que a tragam o mais depressa possível.
Pois os pretendentes não se manterão longe da sala,
mas chegarão cedo: hoje é uma festa para todos!»

Assim falou; e elas obedeceram às palavras ouvidas.
Vinte delas foram à fonte de água escura; e as outras
ocuparam-se da lida da casa com grande habilidade.

De seguida entraram os altivos criados, que logo
racharam lenha com perícia; as mulheres voltaram
entretanto da fonte. Depois delas veio o porqueiro,
trazendo três porcos, os melhores de toda a vara.
Deixou-os a pastar no belo recinto do pátio,
e dirigiu-se a Odisseu com palavras doces:

«Estrangeiro, os Aqueus já te olham com melhores olhos,
ou ainda te desconsideram no palácio, como antes?»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Prouvera, ó Eumeu, que os deuses castigassem o insolente
e violento comportamento que eles mostram em casa
alheia, sem terem qualquer medida da vergonha.»

Foram estas as coisas que diziam entre si.
Aproximou-se então Melanteu, cabreiro de cabras,
trazendo as melhores cabras de todos os rebanhos para
o jantar dos pretendentes; com ele vinham dois pastores.
Atou as cabras debaixo do pórtico ecoante,
e dirigiu-se a Odisseu com palavras insultuosas:

«Estrangeiro, ainda aqui estás, a estorvar dentro de casa,
pedindo esmolas? Não queres sair daqui para fora?
Já estou a ver que não nos despediremos, tu e eu,
sem uns bons murros, pois é de forma desavergonhada
que pedes esmola. Além de que alhures há jantares de Aqueus.»

Assim falou; mas não lhe deu resposta o astucioso Odisseu.
Abanou a cabeça, com pensamentos terríveis no fundo do coração.

Depois destes chegou um terceiro, Filécio, Condutor de Homens:
trazia para os pretendentes uma vitela estéril e gordas cabras,
que barqueiros tinham transportado do continente (esses que
também transportam homens, se com eles forem ter).
Atou os animais debaixo do pórtico ecoante,
e aproximou-se do porqueiro com estas palavras:

«Quem é este estrangeiro, ó porqueiro, que chegou há pouco
a nossa casa? De que linhagem de homens declara ele ser
originário? Quem são os parentes? Qual é a sua pátria?
Desafortunado! Na verdade, de corpo parece um rei soberano.
Mas os deuses dão a tristeza àqueles que muito vagueiam,
mesmo fiando para reis o fio da dolorosa desventura.»

Assim dizendo, aproximou-se de Odisseu e deu-lhe a mão.
E falando dirigiu-lhe palavras apetrechadas de asas:

«Salve, ó pai estrangeiro! Que no futuro a ventura
venha ao teu encontro, apesar de agora muito sofreres.
Zeus pai, nenhum deus é mais destrutivo que tu.
Não sentes compaixão dos homens, apesar de os teres criado:
envolves-nos na miséria e nos sofrimentos dolorosos.
Comecei a suar assim que ti vi, e encheram-se-me os olhos
de lágrimas, recordado de Odisseu: pois também ele, penso,
estará vestido com tais farrapos, vagabundo entre os homens,
se é que vive e contempla a luz do Sol.
Mas se morreu e está já na mansão de Hades,
ai de ti, ó irrepreensível Odisseu, que me mandaste tomar
conta dos bois, ainda rapaz, na terra dos Cefalénios!
Agora os bois são em número incontável; não haveria
outra maneira de a raça dos bois de ampla fronte
crescer como espigas de trigo para outro homem!
Mas agora são estranhos que me mandam trazer o gado
para eles comerem; não ligam ao jovem no palácio,
nem tremem diante da ira dos deuses: querem é dividir
entre eles os haveres do amo há muito ausente.

É este o pensamento que dá muitas voltas ao coração
no meu peito: não me ficava bem partir, estando vivo o filho,
para outra terra, levando os meus bois, para junto
de homens estrangeiros; mas causa-me calafrios ficar aqui
a sofrer, tratando de gado que pertence a outros.
Na verdade, eu já teria há muito fugido para junto
de outro rei poderoso, visto que as coisas aqui estão
insuportáveis; mas ainda penso naquele desgraçado,
se ainda virá causar a dispersão dos pretendentes no palácio.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Boieiro, visto que não me pareces um homem vil ou falho
de perspicácia (vejo que tens sensatez no teu espírito),
isto te direi e confirmarei com um grande juramento:
que seja minha testemunha Zeus, acima de todos os deuses,
e esta mesa hospitaleira e a lareira do irrepreensível Odisseu,
a que cheguei: enquanto tu aqui estás, chegará a casa Odisseu;
e verás com teus olhos, se quiseres, a chacina dos pretendentes,
que agora neste palácio se dão ares de senhores.»

A ele deu resposta o homem boieiro de bois:
«Que tal palavra, ó estrangeiro, possa cumprir o Crónida.
Conhecerias como é a minha força, como são as minhas mãos.»

Então rezou Eumeu a todos os deuses, pedindo
que ao palácio regressasse o sagaz Odisseu.
Foram estas as coisas que disseram entre si.

Porém os pretendentes estavam reunidos para assassinar Telémaco.
Mas uma ave de agoiro apareceu do lado esquerdo,
uma águia que voava alto, segurando uma tímida pomba.
Então entre eles tomou Anfínomo a palavra e disse:

«Amigos, este nosso plano — a matança de Telémaco —
não reverterá a nosso favor. Pensemos antes num festim.»

Assim falou Anfínomo; e a todos agradaram as suas palavras.
Foram para casa do divino Odisseu, onde despiram as capas
e as colocaram sobre assentos e tronos.
Sacrificaram grandes ovelhas e gordas cabras;
sacrificaram porcos cevados e a vitela da manada.
Assaram e distribuíram as vísceras, e nas taças misturaram
o vinho. Foi o porqueiro a oferecer as taças, e o pão
foi distribuído por Filécio, Condutor de Homens,
em belos cestos. E o escanção era Melanteu.

Lançaram mãos às iguarias que tinham à sua frente.
Mas Telémaco, pensando no que seria vantajoso,
sentou Odisseu na sala, perto da soleira de pedra;
e pôs-lhe um banco velho e uma mesa pequena.
Deu-lhe uma dose de vísceras e depois verteu
vinho numa taça dourada, dizendo estas palavras:

«Senta-te aí entre os homens a beber o teu vinho.
Eu próprio afastarei de ti os insultos e os murros
de todos os pretendentes, visto que isto aqui não é

uma casa pública: é o palácio de Odisseu, e foi para mim
que ele o herdou. E vós, pretendentes, refreai o espírito:
que não haja insultos nem murros; que não surjam conflitos.»

Assim falou; e todos os outros morderam os beiços
e olharam admirados para Telémaco, pela audácia com que falou.
Mas a ele respondeu Antínoo, filho de Eupeites:

«Embora desagradável, aceitemos, ó Aqueus, o discurso
de Telémaco. Na verdade é com ameaças que nos fala —
mas porque Zeus Crónida não permitiu que o calássemos
aqui no palácio, apesar de ele falar com voz bem penetrante.»

Assim falou Antínoo; mas Telémaco não ligou às suas palavras.
Entretanto arautos conduziam pela cidade a sagrada hecatombe
dos deuses; e os Aqueus de longos cabelos estavam a reunir-se
no bosque cheio de sombras de Apolo, que acerta ao longe.

Depois de terem assado a carne e de a terem tirado dos espetos,
distribuíram as porções e deleitaram-se com o glorioso festim.
E aqueles que distribuíam as porções deram a Odisseu
uma dose igual à que receberam os outros, pois assim
ordenara Telémaco, filho amado do divino Odisseu.
Porém Atena não permitiu de modo algum que os arrogantes
pretendentes se abstivessem de comportamentos ultrajantes,
para que a dor penetrasse mais fundo no coração de Odisseu.

Havia entre os pretendentes um homem sem lei alguma.

Seu nome era Ctesipo e tinha morada em Same.
Confiante na sua fabulosa riqueza, fazia a corte
à esposa de Odisseu, que há muito estava ausente.
Foi ele que então falou entre os pretendentes:

«Escutai, orgulhosos pretendentes, aquilo que vou dizer.
O estrangeiro recebeu há muito a sua dose, justa,
a que lhe competia; pois não fica bem privar-se do que
merecem os convidados de Telémaco, que aqui chegam.
Não, também eu darei ao estrangeiro um presente hospitaleiro,
que ele poderá dar como gorjeta à escrava que lhe der banho,
ou a outro dos escravos aqui em casa do divino Odisseu.»

Assim falando, atirou com força o casco de um boi,
que tirara do cesto ali ao pé. Não acertou em Odisseu,
que evitou o arremesso inclinando a cabeça com um sorriso
sardónico e amargo. O casco de boi foi acertar na parede.
Telémaco repreendeu então Ctesipo com estas palavras:

«Ctesipo, que coisa tão proveitosa para o teu coração!
Nem sequer acertaste no estrangeiro, pois ele próprio
evitou o arremesso. De outro modo ter-te-ia eu trespassado
com a minha espada afiada e o teu pai teria de tratar
do teu funeral em vez do teu casamento. Que ninguém
nesta casa ostente comportamentos vergonhosos!
Pois agora vejo e apercebo-me de todas as coisas, tanto
as boas como as más: antes não passava de uma criança.
Não obstante, aguentámos a vista de tudo isto:
o sacrifício de ovelhas, o consumo de vinho e de pão.

É difícil um homem só resistir a muitos. Agora peço-vos
que não continueis a prejudicar-me com a vossa hostilidade.
Mas se é vosso desejo assassinar-me com o bronze,
seria isso que eu quereria; pois seria mais vantajoso
morrer do que assistir constantemente a todos estes ultrajes —
estrangeiros a serem maltratados; mulheres escravas a serem
arrastadas com descaramento pelo belo palácio.»

Assim falou; e todos os outros ficaram em silêncio.
Tardiamente tomou a palavra Agelau, filho de Damastor:
«Amigos, em resposta ao que é dito com justiça não há homem
que se deva irar, para logo retorquir com termos injuriosos.
Não agridais mais o estrangeiro nem nenhum dos escravos
que se encontram no palácio do divino Odisseu.
E a Telémaco e à sua mãe eu diria uma palavra amável,
na esperança de que encontre boa vontade nos vossos corações.
Enquanto no vosso espírito permaneceu a esperança
de que o sagaz Odisseu pudesse regressar a casa dele,
não se poderia lançar-vos a censura de ficardes à espera,
retendo os pretendentes em casa, pois tal ter-se-ia revelado
mais proveitoso, para o caso de Odisseu regressar a sua casa.
Mas agora é evidente que nunca mais regressará.
Portanto tu deverás sentar-te ao pé da tua mãe
e dizer-lhe para se casar com aquele que lhe oferece melhores
presentes, para que possas gozar a herança paterna,
comendo e bebendo, enquanto ela trata da casa de outro.»

A ele deu resposta o prudente Telémaco:
«Não, por Zeus, ó Agelau, pelas dores do meu pai,

que algures longe de Ítaca pereceu ou vagueia,
não atraso o casamento da minha mãe, mas digo-lhe que se case
com quem ela quiser; também eu dou incontáveis presentes.
Mas tenho vergonha de a mandar embora da casa
contra a vontade dela; que o deus nunca permita tal coisa!»

Assim falou Telémaco. E entre os pretendentes provocou
Palas Atena um riso inexaurível, desviando-lhes o espírito.
E não era com as próprias bocas que se riam, mas com outras.
E a carne que comiam estava alagada de sangue, e de lágrimas
se lhes encheram os olhos e no seu íntimo chorava o coração.

Então entre eles tomou a palavra o divino Teoclímeno:
«Ah, desgraçados! Que mal sofreis? A noite encobre
as vossas cabeças, os vossos rostos, e até os vossos joelhos
por baixo! Ardem os gritos de dor, cheias de lágrimas estão
as vossas faces, e manchadas de sangue as paredes e o teto.
O adro está repleto de fantasmas; repleto está o pátio;
para a escuridão do Érebo se precipitam e o Sol
desapareceu do céu e tudo cobre a bruma do mal.»

Assim falou; e todos se riram dele, muito divertidos.
Entre eles falou Eurímaco, filho de Pólibo:

«Desvairado é este hóspede que chegou há pouco de fora.
Depressa, ó rapazes, levemo-lo para fora de casa,
para a ágora, já que ele pensa que é de noite aqui dentro!»

A ele deu então resposta o divino Teoclímeno:

«Eurímaco, não me dês guias para o meu caminho.
Tenho olhos e ouvidos e dois bons pés; e no peito
tenho um espírito que não foi criado de qualquer maneira.
Será com esses que irei para fora desta casa, pois antevejo
a desgraça que vem ao vosso encontro: a ela não escapará
nenhum de vós, pretendentes, que no palácio de Odisseu
praticais tais violências na arrogância da loucura.»

Assim dizendo, saiu da bem construída sala de banquetes
e foi ter a casa de Pireu, que com gentileza o acolheu.

Mas os pretendentes olhavam uns para os outros e tentavam
provocar Telémaco, fazendo troça daquele que convidara.
Assim lhe dizia um dos jovens insolentes:

«Telémaco, ninguém tem mais azar que tu com os hóspedes!
Pois tens para aqui este mendigo imundo e nojento,
sempre a querer vinho e comida, que não sabe fazer nada,
nem na guerra, nem na paz: é somente um fardo para a terra.
E o outro levantou-se e pôs-se a proferir profecias!

Não, faz antes como dizemos, será mais proveitoso:
atiremos com os estrangeiros para uma nau com muitos remos
e mandemo-los para a Sicília, como escravos, por um bom preço!»

Assim falavam os pretendentes; mas ele não ligou ao que diziam,
sempre com os olhos no pai, à espera do momento

em que poria mãos nos pretendentes sem vergonha.

Perto deles colocara o seu belo assento
a filha de Icário, a sensata Penélope.
E ouviu na sala as palavras de cada um.

Um jantar tinham eles preparado com gargalhadas,
deleitoso e aprazível, pois sacrificaram muitos animais.
Mas nenhuma ceia podia ser mais desgraciosa do que aquela
que uma deusa e um homem forte estavam prestes a oferecer-lhes.
Pois tinham sido eles a planear, primeiro, atos repugnantes.

Notas ao Canto 20

4 «Já deitado, veio Eurínome atirar-lhe por cima uma manta»: em 143, Euricleia (não Eurínome) afirma «nós atirámos-lhe uma manta por cima». Para Odisseu, o problema não seria qual das governantas tivera a amável atitude, mas antes o facto de ele não gostar de mantas: «são-me odiosas capas e mantas luzentes» (19.337).

6-8 «de dentro do palácio saíram / as escravas que com os pretendentes costumavam ter relações. / Riam-se entre elas, em ambiente de alegria e boa disposição»: o poeta esforça-se para vincar a culpa das escravas, decerto para justificar a cena do seu enforcamento, no final do Canto 22. Ver 16.108-109*, 19.497-498*.

13-15 O símile da cadela confirma o fascínio do poeta por cães (ver 14.21*), mas é difícil de entender. Os cachorros representam as escravas que «Odisseu-cadela» quer proteger? O homem estranho que se aproxima representa os pretendentes? Ou é o homem estranho que representa as escravas (como propõe Rutherford, p. 205)? Nesse caso, quem são os cachorros?

18-20 «Aguenta, coração: já aguentaste coisas muito piores, / no dia em que o Ciclope de força irresistível devorou / os valentes companheiros»: estas palavras chamam a atenção pelo facto raro de mencionarem uma experiência pertencente aos cantos anteriores à chegada de Odisseu a Ítaca. Na leitura que fazemos da segunda metade da *Od*., projetamos inconscientemente em Odisseu a imagem de um homem carregado de passado; mas a materialidade verbal do texto dá-nos a ver, em vez disso, um homem isento de passado – ou, melhor, um homem cujo passado se limita à improvisação de mentiras, que, se constroem no interior do poema um passado para o seu herói, é um passado que não passa de areia movediça.

23 «obediência»: em grego, *peîsa*, palavra curiosíssima, que na poesia homérica ocorre só aqui e cuja próxima ocorrência na literatura grega será em autores como Plutarco (século II d.C.) e Herodiano (século III d.C.).

25-27 Se o símile da cadela era estranho, o do chouriço a assar ao lume mais estranho é. A interpretação de M. Müller peca por ser tão óbvia: Odisseu espera que o seu plano fique cozinhado, qual homem que espera que o chouriço (*Wurst*) fique assado (*Athene als göttliche Helferin in der Odyssee*, Heidelberg, 1966, p. 131).

42-43 «se eu os matar por tua vontade e pela vontade de Zeus, / para onde fugirei?»: o poeta começa a preparar o Canto 24 e o desfecho do poema. A deusa não lhe dá resposta quanto a esta preocupação, limitando-se a dizer, na paráfrase de Dawe (p. 727), «trust me and go to sleep».

49 «cinquenta exércitos de homens mortais»: a hipérbole dos 50 exércitos é chamativa, mas mais interessante ainda é a expressão da *Il*. «homens mortais» (*merópôn anthrôpôn*, genitivo), que na *Od*. ocorre apenas no presente canto (aqui e em 132).

61-82 A primeira parte do discurso de Penélope, que acorda de madrugada no preciso momento em que Odisseu adormece, é curiosa a vários títulos. Tanta erudição mitológica, logo de manhã, chama necessariamente a atenção, sobretudo pela imagem de Afrodite como divina empregada de mesa («tratava delas a divina Afrodite, / dando-lhes queijo, doce mel e vinho suave»). Na história abstrusa aqui lembrada (ou inventada?) por Penélope, as filhas de Pandáreo (identificadas pelos escólios como Edo, Cleotera e Mérope), cujos pais foram mortos pelos deuses (segundo os escólios porque roubaram o cão de Zeus [*sic*]), acabam por ter uma existência bastante diferente da que conheceram na infância. Habituadas a uma vida com Afrodite como ama/criada, são raptadas pelas Harpias e levadas para a escravidão, onde serão escravas das horrendas e antiquíssimas Erínias (já mencionadas em Linear B). Acrescente-se, ainda, que o Pandáreo aqui referido não deverá ser o mesmo de 19.518-520, onde por «Pandáreo» se entende «Pandíon».

83-90*b* A segunda parte do discurso de Penélope é completamente diferente da primeira. Deixando abstrusas mitologias, mergulhamos de cabeça num dos trechos mais interessantes, do ponto de vista psicológico, que encontramos na literatura grega, que verbaliza processos oníricos que ainda hoje psicólogos e psicanalistas se esforçam por entender, como o fenómeno de o sonho ser tomado, dentro do sonho, como algo que, por já ter ocorrido em sonho, habitualmente seria percecionado pelo sonhador como fantasia onírica, mas que neste caso – diferentemente de todos os sonhos iguais anteriores – seria («até que enfim») «real» (claro que, ao acordar, o sonhador percebe que o sonho por ele sonhado como «real» configurou a reiteração, mais uma, da mesma recorrente delusão onírica). Ver J. Russo, «Interview and Aftermath: Dream, Fantasy and Intuition in *Odyssey* 19 and 20», *Amercian Journal of Philology* 103 (1982), pp. 4-18.

87 «o deus faz que sonhos maus venham ao meu encontro»: continuando na linha do que comentámos antes, o sonho que Penélope descreve como exemplo pertencente à categoria de «sonhos maus» é, ao mesmo tempo, um sonho que, primeiramente, lhe causou alegria (90). Portanto, foi um sonho bom – que se tornou mau, porque o seu lado bom era dependente da delusão intrínseca ao sonho de que, «desta vez», a situação sonhada era real.

91 «logo sobreveio a Aurora de trono dourado»: amanhece agora o dia em que Odisseu matará os pretendentes e será, depois, reconhecido por Penélope. Trata-se do 40.º dia desde que entrámos na ação do poema, no momento em que vimos Telémaco sentado, sozinho, no Canto 1, a pensar no pai.

93-94 «ficou na dúvida: pois dava-lhe a impressão / de que ela o reconhecera»: estas palavras «permitem-nos pensar num cenário em que Penélope reconhece espontaneamente o mendigo, sem intervenção da parte dele» (Danek, p. 395). Com efeito, muitas vezes nos perguntamos na releitura da *Od*. se Penélope, tão astuta e hábil na ocultação dos seus pensamentos como o marido, não o terá reconhecido no Canto 19 (daí a ideia para a instituição do concurso do arco, em relação ao qual teremos sempre de perguntar «porquê agora?»).

107 «Nestes moinhos trabalhavam ao todo doze escravas»: a dúzia certa de escravas moleiras constitui um número tão artificial como a dúzia certa de escravas fornicadoras (22.424); ou a dúzia certa de pretendentes Itacenses (16.251); ou as meias dúzias certas de Itacenses, mortos pelos Cícones (9.60), de cada uma das 12 naus de Odisseu. No entanto, este pequeno momento das escravas moleiras é especial em toda a poesia homérica, pelo holofote que lança sobre os deserdados da vida e da sociedade – e também sobre as desumanas condições de trabalho impostas aos escravos, que aqui são descritas. Cada escrava tem uma porção de cereal para moer durante o dia – e se o não fizer de dia, tem de ficar a noite inteira a trabalhar. Aqui, o poeta dá voz à mais fraca (*aphautotátê*, «debilíssima») das 12 escravas, que se queixa das «dores / que fazem mal ao coração» (118-119).

125-126 O acordar de Telémaco descrito nestes versos inspira-se em 2.3-4.

132 «homens mortais»: ver 49*.

143 «nós atirámos-lhe uma manta por cima»: ver 4*.

147 «divina entre as mulheres»: esta fórmula (ver 1.332*) tem aqui a sua ocorrência mais bizarra em todo o poema, ao ser aplicada à velha escrava Euricleia.

149-152 «varrer […] salpicar […] limpem […] lavem»: este vocabulário de faxina doméstica ocorre só aqui em toda a poesia homérica.

160 «altivos criados»: a palavra *agênores* («altivos») é normalmente associada aos *mnêstêres* («pretendentes»), vocábulo que tem o mesmo recorte métrico de *drêstêres* («criados»), o que justifica aqui o conceito surpreendente de «altivos criados» Ver 10.350*.

177 «e dirigiu-se a Odisseu com palavras insultuosas»: o verso é o mesmo usado para introduzir a fala de Eumeu (165), com a substituição de «doces» por «insultuosas».

180-181 «Já estou a ver que não nos despediremos, tu e eu, / sem uns bons murros»: no dia anterior (17.233-234), a agressão de Melanteu tinha sido com um pontapé. No entanto, perguntamo-nos, ao ler este pequeno discurso de Melanteu, se ele tem alguma lembrança de já ter agredido Odisseu.

182 «Aqueus»: em 166, esta palavra tinha sido utilizada como sinónimo de «pretendentes». Aqui parece ter novamente o seu sentido mais abrangente.

185 «Filécio, Condutor de Homens»: o epíteto aristocrático aplicado a despropósito ao boieiro já tinha sido aplicado ao porqueiro (14.22).

186 «gordas cabras»: porquê mais cabras, desta feita trazidas pelo boieiro, se o cabreiro acabara de as trazer? Existem pelo menos dois manuscritos da *Od*. em que, neste verso, lemos «ovelhas» em vez de «cabras» (embora «gordas ovelhas» não seja uma expressão que encontremos, de resto, na *Od*.).

194 «Na verdade, de corpo parece um rei soberano»: ocorrência única, na poesia homérica, de *basileús* («rei») e *ánax* («soberano») juntos. De novo nos interrogamos sobre o modo como Atena efetuou uma transformação defeituosa – ou inexistente – de Odisseu em mendigo (ver 18.67-70*, 19.379-381*).

211-212*b* «Agora os bois são em número incontável; não haveria / outra maneira de a raça dos bois de ampla fronte / crescer como espigas de trigo para outro homem!»: a metáfora dos bois a crescer como espigas de trigo divide as opiniões dos estudiosos. Tanto foi aplaudida por ser «ousada» (I. Bekker, em 1863), como foi considerada «absurdamente inapropriada» (T.L. Agar, em 1908) e «grotesca e ininteligível» (D.L. Page, em comentário à margem do seu exemplar da *Od.*: ver Dawe, p. 737; p. 748, n. 18).

237 «Conhecerias como é a minha força, como são as minhas mãos»: o primeiro prenúncio de que Odisseu terá ajuda contra os pretendentes (West, *Odyssey*, p. 275).

241 «Porém os pretendentes estavam reunidos para assassinar Telémaco»: a finalidade da reintrodução deste tema (que já levou a nada duas vezes: 16.369-370; 16.383-384) não é tanto a de nos mostrar a persistência dos pretendentes como a de nos lembrar, nesta fase da narrativa em que nos aproximamos da chacina destes 108 jovens no Canto 22, de que as culpas dos futuros assassinados não se limitaram ao consumo do vinho e da carne alheios, nem ao aproveitamento sexual das escravas de outrem.

253-254 «Foi o porqueiro a oferecer as taças, e o pão / foi distribuído por Filécio, Condutor de Homens:» a transformação repentina do porqueiro e do boieiro em criados de mesa deve-se ao facto de o poeta já ter decidido que eles vão participar, do lado de Odisseu, na matança do Canto 22.

257 «Mas Telémaco, pensando no que seria vantajoso»: pelos vistos, então, Telémaco já voltou da ágora, para onde ele se dirigia em 146.

260-261 «verteu / vinho numa taça dourada»: o equivalente moderno a oferecer a um convidado talheres de prata para comer de um prato de plástico, já que um verso antes Telémaco dera ao mendigo um «banco velho» e uma «mesa pequena».

268-269 = 1.381-382 = 18.410-411.

273-274 «porque Zeus Crónida não permitiu que o calássemos / aqui no palácio, apesar de ele falar com voz bem penetrante»: ver 241*.

276-278 Estes versos sobre a «sagrada hecatombe» no «bosque cheio de sombras de Apolo» afiguram-se desintegrados do contexto em que os encontramos. Como se entende que os pretendentes e Telémaco tivessem faltado ao festival de Apolo? No sugestivo capítulo «Ephebie» do seu livro *Die Odyssee: Epos zwischen Märchen und Roman* (Munique, 1988, pp. 251-258), U. Hölscher propôs que este festival teria originalmente a função, no poema, de marcar de forma pública o ingresso de Telémaco na idade adulta. No entanto, Hölscher teve de reconhecer (p. 257) que o poeta não foi explícito na indicação de que era disso, afinal, que se tratava; contudo, o estudioso contrapôs que o poeta não precisava de ser explícito, pois para todos os seus ouvintes a associação de Apolo com a celebração da maturidade alcançada pelo jovem Telémaco (a sua *Jünglingsreife*) seria óbvia.

284-286 Versos que já encontrámos em 18.346-348. Introduzem o próximo microepisódio, que confirma o ditado português de que «não há duas sem três»: pela terceira vez (!) um pretendente atirará um objeto contra Odisseu.

303 «Ctesipo»: ver 18.119-120*.

316-325 Esta sequência aproveita versos que já conhecemos:

20.316 = 11.358;

20.317-318 = 16.108-109;

20.322-325 = 18.414-417.

321 «Agelau»: já conhecemos os pretendentes de Penélope desde o Canto 1, mas até agora nunca nos tinha sido mencionada tal pessoa. O poeta está prospetivamente a pensar no Canto 22, onde será dado a Agelau um papel um pouco menos apagado. Para que ele não aterre do nada no fim do poema, é-lhe dado agora um breve tempo de antena.

335-336 «aquele que lhe oferece melhores / presentes»: remeto, de novo, para 1.272-305* e 11.116-117*.

342 «também eu dou incontáveis presentes»: como se a confusão relativamente aos presentes nupciais não fosse já o que é (ver nota anterior), eis que Telémaco vem lançar mais esta acha na fogueira. O adjetivo aqui traduzido como «incontável» é *áspetos*, que comentámos em 14.412*.

345-383 A cena do êxtase profético de Teoclímeno é das mais impressivas não só da *Od*. como de toda a literatura grega arcaica[1], pelo seu misto de lágrimas e de riso, de horror e de troça. Nas palavras de Carmen Soares, «a demência afigura-se, tal qual a apresenta aqui Homero, como um estado compatível com formas subconscientes de clarividência» («O riso homérico», in N. Crespo [org.], *Prontuário do Riso*, Lisboa, 2003, p. 56).

383 «Sicília»: à letra, «para os Sicilianos». Trata-se da primeira referência explícita à Sicília no poema. A ilha será de novo referida em 24.211, 365, 389, onde a velha escrava que trata de Laertes é siciliana.

385-386 «sempre com os olhos no pai, à espera do momento / em que poria mãos nos pretendentes sem vergonha»: tal como notou Danek (p. 402), claramente Telémaco não faz a mínima ideia de que Penélope decidiu instituir a prova do arco.

387-388 «Perto deles colocara o seu belo assento / a filha de Icário, a sensata Penélope»: afinal é aqui, junto dos pretendentes, que Penélope está (desta vez sem estar reclinada contra uma coluna a segurar o véu diante do rosto, com duas escravas a acompanhá-la)? É que, em 54-90*b*, Penélope estava na cama. No entanto, em 326-330, parecia estar incluída, como destinatária presente, nas palavras proferidas por Agelau (embora a partir de 334 nos tenha parecido que ele estava apenas a falar com Telémaco).

---

1 «The chilling weirdness of the scene is unique in archaic literature» (West, *Odyssey*, p. 277).

Canto 21

Ora no espírito da filha de Icário, a sensata Penélope,
lançou esta ideia a deusa de olhos garços Atena:
pôr diante dos pretendentes o arco e o ferro cinzento
no palácio de Odisseu, como contenda e origem da chacina.

Subiu a alta escada até aos seus aposentos e de lá
tirou com mão firme uma chave bem recurva, bela e
feita de bronze, cuja pega era de marfim. Em seguida
foi com as escravas até à câmara de tesouros, a que ficava
mais longe; era lá que jaziam os tesouros do soberano:
bronze, ouro e ferro muito custoso de trabalhar.
Aí estava o arco que se dobrava para trás e a aljava
para as setas, onde estavam muitas, dadoras de gemidos.

O arco fora um presente que, ao encontrá-lo na Lacedemónia,
a Odisseu oferecera Ífito, filho de Êurito, semelhante aos imortais.
Tinham-se encontrado os dois em Messena, no palácio
do fogoso Ortíloco. Na verdade Odisseu ali se dirigira
por causa de uma dívida, que lhe devia todo o povo:
pois com as suas naus de muitos remos tinham os homens
de Messena roubado de Ítaca trezentas ovelhas e outros tantos

pastores. Fora por isso que o longo caminho fizera Odisseu,
ainda rapaz: o pai e os outros anciãos o tinham mandado.
Por seu lado, Ífito viera à procura de doze éguas,
que perdera, as quais amamentavam mulas robustas.
Estas acabariam por lhe trazer a morte e o destino,
quando se encontrou com o filho magnânimo de Zeus,
o homem Héracles, bom conhecedor de atos de coragem.
Foi Héracles que o matou, embora fosse seu hóspede,
em sua própria casa — homem duro!, que não respeitou
a ira dos deuses nem a mesa amiga que lhe pusera à frente.
Matou-o e ficou-lhe no palácio com as éguas de fortes cascos.
Foi na demanda das éguas que Ífito encontrou Odisseu
e lhe deu o arco, que antes pertencera ao grande Êurito,
o qual ao morrer o deixara ao filho no alto palácio.
A Odisseu deu Ífito ainda uma espada afiada e uma forte
lança, como início da sua amizade; mas nunca se sentariam
à mesa um do outro, pois antes disso o filho de Zeus
mataria Ífito, filho de Êurito, semelhante aos imortais,
que lhe dera o arco — arco esse que o divino Odisseu nunca
consigo levava ao partir para a guerra nas escuras naus,
mas deixava-o no palácio, como recordação de um amigo
muito estimado, só o utilizando quando estava na pátria.

Quando chegou à câmara a divina entre as mulheres,
pisou a soleira de carvalho, que outrora um carpinteiro
polira com perícia e endireitara com um fio, colocando
em seguida a ombreira e depois as portas reluzentes.
Logo Penélope desapertou a correia do gancho
e introduziu a chave, fazendo correr o ferrolho

com segura pontaria: a porta mugiu como um touro
a pastar na pradaria e rapidamente voaram as batentes
quando se abriu a porta por intermédio da chave.
Depois foi até à plataforma elevada, onde estavam
as arcas em que se guardava a roupa perfumada.

Estendendo a mão, tirou o arco do prego donde pendia,
juntamente com o estojo resplandecente que o continha.
Depois sentou-se, com o estojo em cima dos joelhos;
chorou muito e alto, quando tirou o arco do estojo.
Depois de ela se ter deleitado com o pranto de lágrimas copiosas,
voltou à sala de banquetes para o meio dos orgulhosos
pretendentes, segurando na mão o arco e a aljava
para as setas, onde estavam muitas, dadoras de gemidos.
A seu lado as suas escravas traziam uma arca, onde havia
muito ferro e bronze: os prémios do soberano.

Quando se aproximou dos pretendentes a mulher divina,
ficou junto à coluna do teto bem construído,
segurando à frente do rosto um véu brilhante.
De cada lado se colocara uma escrava fiel.
Logo falou Penélope aos pretendentes:

«Ouvi-me, orgulhosos pretendentes, que esta casa escolhestes
para nela comerdes e beberdes sem nunca cessar,
uma vez que o dono está ausente há muito tempo.
Nem outra desculpa fostes capazes de expressar,
além do desejo de me desposardes e terdes como mulher.

Mas agora, ó pretendentes, tendes o prémio à vossa frente.
Estabeleço como certame o arco do divino Odisseu:
quem com mais facilidade armar o arco nas mãos
e fizer passar a seta pelo meio dos doze machados,
a esse eu seguirei, e deixarei esta casa da minha vida
de casada: uma casa bela, cheia de riquezas;
que sempre recordarei, penso, até em sonho.»

Assim falou; e pediu a Eumeu, o divino porqueiro,
que pusesse diante dos pretendentes o arco e o ferro cinzento.
Com lágrimas nos olhos, Eumeu pegou neles e colocou-os.
E chorou também o boieiro, ao ver o arco do soberano.
Porém Antínoo repreendeu-os, tratando-os pelo nome:

«Campónios palermas, que só pensais no dia de hoje,
sois uns miseráveis! Porque verteis agora lágrimas,
para agitardes o coração da rainha? Não tem ela sofrimento
que chegue, após ter perdido o esposo amado?
Não, sentai-vos a comer em silêncio, ou então ide lá
para fora chorar, e deixai aqui o arco — esse desafio
tremendo para os pretendentes; pois não penso
que facilmente esse arco polido se deixe armar.
É que nunca houve entre todos os homens alguém
com as qualidades de Odisseu: eu próprio o vi,
guardo essa lembrança, embora fosse uma criança.»

Assim falou; mas no coração no seu peito tinha a esperança
de poder armar o arco e fazer passar a seta através do ferro.
Porém seria ele o primeiro a provar o gosto de uma seta,

disparada das mãos do irrepreensível Odisseu, a quem ele,
sentado no palácio, desonrava, incitando os seus companheiros.

Entre eles falou então a força sagrada de Telémaco:
«Prodígio! Decerto Zeus Crónida me tirou o entendimento.
Afirma a minha querida mãe, apesar de tão sensata,
que seguirá outro homem e deixará esta casa.
Mas eu rio-me e sinto prazer na minha mente desvairada!
Agora, ó pretendentes, uma vez que se mostrou este prémio —
uma mulher como não há outra na terra dos Aqueus,
nem na sagrada Pilos, nem em Argos ou Micenas,
nem mesmo na própria Ítaca, nem no escuro continente;
mas vós sabeis já tudo isto; não preciso de louvar a minha mãe —,
não é altura de adiardes mais o assunto com desculpas, nem de vos
absterdes de armar o arco, para que vejamos como as coisas são.
Aliás eu próprio também faço tenção de experimentar o arco.
Se eu for capaz de o armar e de fazer passar a seta através do ferro,
não me incomodará que a minha excelsa mãe abandone esta casa,
partindo com outro, visto que eu aqui ficaria com o estatuto
de quem já é capaz de alcançar os feitos gloriosos do pai.»

Assim dizendo, tirou a capa purpúrea dos ombros
e levantou-se; dos ombros tirou a espada afiada.
Primeiro colocou de pé os machados, cavando uma vala
comprida para eles todos, endireitando-a com um fio.

Depois calcou a terra à volta dos machados. E o espanto
dominou quem o observava, porque ele agia com tanto
123*b* método: ele que nunca vira colocar os machados.
Depois foi até à soleira, e daí experimentou o arco.
125 Três vezes o levou a vibrar na sua ânsia de o armar;
três vezes desistiu do esforço, embora tivesse a esperança
de esticar a corda e conseguir disparar uma seta através do ferro.
Por fim tê-lo-ia conseguido, tentando uma quarta vez,
mas com um aceno lhe indicou Odisseu que desistisse,
130 apesar da sua ânsia; e a todos disse a força sagrada de Telémaco:

«Ah, pobre de mim! De futuro serei um débil e um cobarde!
Ou então sou demasiado novo, não podendo ainda confiar
nas mãos para me defender de alguém que me agrida sem causa.
Mas vós, que sois superiores a mim na força,
135 experimentai o arco e continuemos o certame.»

Assim dizendo, pôs o arco no chão, encostando-o
contra as batentes bem polidas da porta dupla;
aí colocou também a seta veloz contra a fina argola,
e de novo se foi sentar no assento donde se levantara.

140 Entre eles falou então Antínoo, filho de Eupeites:
«Levantai-vos todos por ordem, da esquerda para a direita,
ó amigos, começando pelo sítio onde o escanção serve o vinho.»
Assim falou Antínoo; e a todos agradaram as suas palavras.

O primeiro a levantar-se foi Liodes, filho de Énops,
145 que desempenhava a função de arúspice; costumava

sentar-se junto à taça para misturar o vinho, na parte
mais interior da sala; só a ele repugnavam os excessos,
147*b* por causa dos quais censurava todos os pretendentes.

Foi ele o primeiro a pegar no arco e na seta veloz.
Pôs-se de pé na soleira e de lá experimentou o arco;
150 mas não logrou armá-lo, pois antes que o conseguisse
se fatigaram as mãos delicadas. E assim disse aos outros:

«Meus amigos, não serei eu a armar este arco; que outro o tome.
Mas muitos serão os príncipes a quem este arco roubará
o coração e a vida, uma vez que é de longe preferível
155 morrermos a ficarmos vivos e falharmos naquilo que sempre
aqui nos reuniu, quando ficávamos na expectativa dia após dia.
Neste momento qualquer um acalenta no espírito a esperança
de se casar com Penélope, a esposa de Odisseu.
Mas depois de ter visto e experimentado o arco,
160 que vá fazer a corte a outra das mulheres de belos vestidos,
oferecendo presentes nupciais; então deveria Penélope desposar
quem mais oferecer e quem se lhe afigurar o noivo destinado.»

Assim dizendo, pôs o arco no chão, encostando-o
contra as batentes bem polidas da porta dupla;
165 aí colocou também a seta veloz contra a fina argola,
e de novo se foi sentar no assento donde se levantara.
Mas Antínoo repreendeu-o, tratando-o pelo nome:

«Liodes, que palavra passou além da barreira de teus dentes,
palavra terrível, insuportável? Enfureço-me de a ouvir!

Se este arco irá roubar a príncipes o coração
e a vida, é porque não o consegues armar!
Pois digo-te que a tua excelentíssima mãe não gerou
um filho com força para armar arcos e disparar setas.
Mas outros entre os orgulhosos pretendentes o conseguirão.»

Assim dizendo, chamou Melanteu, cabreiro de cabras:
«Anda cá, ó Melanteu. Acende o lume na sala e põe
ao pé uma cadeira grande com um velo por cima.
Traz lá de dentro uma grande rodela de sebo, para que nós,
os jovens, possamos aquecer o arco e besuntá-lo com gordura.
Depois experimentaremos o arco para continuarmos o certame.»

Assim falou; e logo Melanteu avivou o lume que nunca esmorecia.
Perto dele colocou uma cadeira e por cima dela pôs um velo;
lá de dentro trouxe uma grande rodela de sebo, com que
os jovens aqueceram e experimentaram o arco. Mas não eram
capazes de o armar, pois faltava-lhes em muito a força precisa.
Antínoo continuava a tentar; e também o divino Eurímaco,
príncipes dos pretendentes, e de longe os melhores deles todos.

Mas nesse momento saíram juntos da sala outros dois:
o boieiro e o porqueiro do divino Odisseu.
E atrás deles, através da casa, foi o próprio Odisseu.
Quando já estavam fora dos portões e do pátio,
falou-lhes com palavras doces como mel:

«Ó boieiro, e tu, porqueiro! Dir-vos-ei algo, ou ocultá-lo-ei?

Não, o meu espírito impele-me a contar-vos uma coisa.
Como seríeis vós a defender Odisseu, se ele regressasse
de repente, trazido para aqui por um deus?
Daríeis ajuda aos pretendentes ou a Odisseu?
Falai como entenderdes no espírito e no coração.»

Respondendo-lhe, assim falou o boieiro de bois:
«Ó Zeus pai, que tu possas cumprir tal possibilidade!
Que chegue aqui esse homem, que o traga já um deus!
Então ficarias a saber como as mãos obedecem à minha força!»

Do mesmo modo pediu Eumeu a todos os deuses
que regressasse a sua casa o sagaz Odisseu.
E quando Odisseu reconheceu a lealdade dos dois,
logo lhes respondeu, dizendo estas palavras:

«Aqui estou, sou eu próprio que estou em casa, tendo chegado
à pátria depois de muito sofrer e após vinte anos de ausência.
E reconheço que só para vós, de todos os meus escravos,
regresso como pessoa desejada; a nenhum outro ouvi
que rezasse pelo meu regresso, para que eu voltasse a casa.
Mas a vós dois direi a verdade, tal como ela será.
Se o deus me permitir subjugar os arrogantes pretendentes,
dar-vos-ei, a cada um, uma esposa, assim como propriedades
e uma casa, construída perto da minha; e doravante sereis
para mim irmãos e companheiros de Telémaco.
E agora mostrar-vos-ei um sinal claro e reconhecível,
para terdes conhecimento e confiança nos corações:
a cicatriz, que outrora me deixou o colmilho de um javali,

quando subi o Parnaso com os filhos de Autólico.»

Assim dizendo, afastou os farrapos da grande cicatriz.
E depois de eles os dois a terem visto e observado cada coisa,
abraçaram a chorar o fogoso Odisseu, beijando-lhe
a cabeça e os ombros enquanto o abraçavam.
De igual modo Odisseu lhes beijou a cabeça e as mãos.
E o Sol ter-se-ia posto sem que tivessem parado de chorar,
se Odisseu não os tivesse afastado com estas palavras:

«Parai agora de chorar e de vos lamentar, não vá alguém
sair do palácio e reparar, para depois divulgar lá dentro.
Mas voltemos a entrar, uns depois dos outros, mas não
todos juntos: primeiro eu, depois vós. E este será o sinal:
todos os outros, os arrogantes pretendentes, não
permitirão que me sejam dados o arco e a aljava;
mas tu, divino Eumeu, quando levares o arco através
da sala, põe-no nas minhas mãos, e diz às mulheres
para se fecharem nos seus aposentos, trancando as portas.
E se alguma delas ouvir gritos ou berros dos homens
apanhados na nossa rede, que não saiam cá para fora,
mas que fiquem onde estão, de roda dos seus trabalhos.
E a ti, divino Filécio, ordeno que ponhas a tranca
nos portões do pátio, e ata bem os ferrolhos com cordas.»

Assim dizendo, voltou a entrar no palácio bem construído,
e sentou-se de novo no assento donde se tinha levantado.
E entraram depois os dois escravos do divino Odisseu.

Estava Eurímaco a segurar nas mãos o arco, aquecendo-o
de um lado e de outro, perto do fogo. Mas nem assim
foi capaz de o armar; gemeu-lhe o nobre coração
e, dececionado, dirigiu a todos estas palavras:

«Ah, como me entristeço, não só por mim, mas por todos!
Não é tanto pelo casamento que choro, embora isso me afete.
Há muitas outras mulheres dos Aqueus, umas na própria
Ítaca rodeada pelo mar, outras nas demais cidades: é antes
por ficarmos tão aquém, no que respeita à nossa força,
do divino Odisseu, visto que não conseguimos armar
o arco. É uma censura de que ouvirão falar os vindouros.»

Então lhe respondeu Antínoo, filho de Eupeites:
«Eurímaco, não será bem assim. Tu próprio o sabes.
Hoje entre todo o povo celebra-se a festa daquele deus: é festa
sagrada. Quem quereria armar um arco? Não, deixemo-lo,
tranquilos. Quanto aos machados, podemos deixá-los
todos como estão; não penso que virá alguém
ao palácio de Odisseu, filho de Laertes, para os roubar.
Que o escanção sirva vinho nas taças,
para vertermos libações, pondo de parte o arco recurvo.
E de manhã ordenai a Melanteu, cabreiro de cabras,
que traga aqui cabras, as melhores de todos os rebanhos,
para que ofereçamos as coxas a Apolo, o Famigerado Archeiro,
para depois experimentarmos o arco e continuarmos o certame.»

Assim falou Antínoo; e aos outros agradaram as suas palavras.
Logo os escudeiros lhes verteram água para as mãos;

mancebos coroaram as taças de bebida.
Serviram todos, depois de aos deuses terem oferecido uma libação.
Feitas as libações, e após terem bebido o que lhes exigia o coração,
falou-lhes então com intuito manhoso o astucioso Odisseu:

«Ouvi-me, ó pretendentes da prestigiosa rainha,
para que eu diga o que o coração me move a dizer.
A Eurímaco sobretudo e ao divino Antínoo eu dirijo
esta prece, visto que a palavra proferida foi na medida certa:
que desistísseis agora do arco, e que vos voltásseis para os deuses.
De manhã dará o deus a força a quem entender.
Mas dai-me agora o arco polido, para que entre vós
eu demonstre a força das minhas mãos e para vermos se ainda
tenho a força que tinha anteriormente nos membros flexíveis,
ou se as errâncias e falta de alimentação ma destruíram.»

Assim falou; e todos ficaram extremamente zangados,
receosos de que ele armasse o arco polido.
Repreendeu-o Antínoo, tratando-o pelo nome:

«Ah, estrangeiro miserável, não tens siso — nem um pouco!
Não te basta comeres aqui em sossego com nobres senhores,
e nada te falta no banquete? E além disso ouves as nossas palavras
e conversas: não há qualquer outro estrangeiro e mendigo
que tenha licença de nos ouvir. É o vinho que te atinge,

o vinho doce como mel, que outros também prejudica —
quem o sorve em grandes goles e bebe mais do que deve.
Foi o vinho que ao Centauro, ao ilustre Eurítion,
tirou o juízo, no palácio do magnânimo Pirítoo,
quando chegou junto dos Lápitas; e quando o vinho
lhe tirou o juízo, enlouqueceu e praticou atos terríveis.
A indignação apoderou-se dos heróis, que o arrastaram
para fora de portas, e lá lhe cortaram as orelhas
e as narinas com o bronze impiedoso. E ele, atingido
no espírito, prosseguiu o seu caminho, levando
com ele a loucura ruinosa no espírito sem juízo.
Desde então surgiu a querela entre os Centauros e os homens,
porque, pesado de vinho, ele encontrara a desgraça para si próprio.
Do mesmo modo te prometo grande prejuízo, se armares
o arco. Pois não encontrarás qualquer boa vontade
na nossa terra, mas imediatamente te poremos numa nau escura
e te mandaremos para o rei Équeto, mutilador de todos os homens.
Dele nunca escaparás com vida. Portanto fica aí sossegado
e bebe o teu vinho. Não queiras competir com homens mais novos.»

A ele deu resposta a sensata Penélope:
«Antínoo, não fica bem, nem é justo, desconsiderar
os convidados de Telémaco que vierem a esta casa.
Não pensarás decerto que, se o estrangeiro fosse capaz
de armar o arco de Odisseu pela força das suas mãos,
ele me levaria para sua casa e faria de mim a sua mulher?

Não, nem ele próprio terá tal esperança no coração.
Que devido a isto nenhum de vós se banqueteie
com tristeza no coração, pois isso seria vergonhoso.»

A ela deu resposta Eurímaco, filho de Pólibo:
«Filha de Icário, sensata Penélope!
Não pensamos que o homem te leve para sua casa:
isso seria algo que não ficaria bem a ninguém.
Mas temos vergonha daquilo que disserem homens e mulheres,
não vá algum grosseiro dizer entre os Aqueus:
“São homens fracos que fazem a corte à mulher de um homem
irrepreensível; nem são capazes de armar o arco polido.
Mas um outro, um mendigo que ali chegou nas suas errâncias,
facilmente armou o arco, e fez passar a seta através do ferro.”
Assim diriam, o que para nós constituiria uma censura.»

A ele deu resposta a sensata Penélope:
«Eurímaco, não há boa reputação possível entre o povo
para quem trata a casa de um príncipe com desrespeito
e lhe devora os haveres. Porque fazes disso uma censura?
Este estrangeiro é muito alto e bem constituído;
declara ser filho de um pai de nobre linhagem.
Dai-lhe o arco bem polido, para que observemos.
E mais isto vos direi, coisa que se cumprirá:
se ele armar o arco e se Apolo lhe conceder essa honra,
dar-lhe-ei como roupa uma capa e uma túnica, lindas vestes,
e um dardo pontiagudo, para afastar cães e homens,
e uma espada de dois gumes e sandálias para os pés.
E providenciarei o transporte para onde quiser ir.»

A ela deu resposta o prudente Telémaco:
«Minha mãe, quanto a este arco, não há ninguém com mais
direito que eu entre os Aqueus de o dar ou negar a quem quiser,
de todos quantos são príncipes em Ítaca rochosa,
ou nas ilhas, ou na Élide apascentadora de cavalos.
Nenhum destes homens me forçará contra minha vontade,
nem que eu quisesse oferecer o arco ao mendigo, para o levar com ele.
Agora volta para os teus aposentos e presta atenção
aos teus lavores, ao tear e à roca; e ordena às tuas escravas
que façam os seus trabalhos. Pois o arco competirá aos homens
todos, a mim sobretudo: pois dele é o poder cá em casa.»

Penélope, espantada, regressou para a sua sala
e guardou no coração as palavras prudentes do filho.
Depois de subir até aos seus aposentos com as escravas,
chorou Odisseu, o marido amado, até que um sono suave
lhe lançasse sobre as pálpebras Atena de olhos garços.

Entretanto tinha pegado no arco recurvo o divino porqueiro.
Entre os pretendentes irrompeu logo um grande alarido.
E assim dizia um dos mancebos arrogantes:

«Para onde levas o arco, ó porqueiro nojento? Enlouqueceste?
Em breve, sozinho no meio dos porcos, longe dos homens,
os rápidos cães te devorarão, cães que tu criaste, se Apolo
e os outros deuses imortais nos forem favoráveis.»

Assim falavam; e o porqueiro, que levava o arco, largou-o,

receoso, porque muitos berravam na sala de banquetes.
Mas Telémaco, do outro lado, gritou com voz ameaçadora:

«Paizinho, leva o arco em frente! Ou depressa te arrependerás
de dares ouvidos a todos. Vê lá se, embora mais novo,
eu não te expulso mas é da terra, à pedrada. Sou mais forte.
Quem me dera ser assim mais forte de mãos que todos
os pretendentes que estão aqui no palácio.
Então os expulsaria desta casa de modo bem odioso,
pois são eles que congeminam desgraças.»

Assim falou; e todos os pretendentes se riram, divertidos,
e abandonaram a cólera amarga que sentiam contra
Telémaco. E o porqueiro levou o arco através da sala,
e chegando ao pé do fogoso Odisseu, pô-lo nas suas mãos.

Depois foi ter com a ama Euricleia, e assim lhe disse:
«Telémaco manda-te, ó sagaz Euricleia, trancar
as portas bem construídas da sala de banquetes.
E se alguma das escravas ouvir gritos ou berros dos homens
apanhados na nossa rede, que não saiam cá para fora,
mas que fiquem onde estão, de roda dos seus trabalhos.»

Assim falou; e as palavras dela não chegaram a bater asa.
Foi trancar as portas da bem construída sala de banquetes.

E sem dizer nada correu Filécio para fora do palácio
e trancou os portões do pátio de altas muralhas.

Jazia ali no adro a amarra pertencente a uma nau recurva,
feita de papiro; com ela atou os portões, e voltou para dentro.
Voltou a sentar-se na cadeira de que há pouco se levantara,
olhando para Odisseu. Este estava já a manejar o arco,
dando-lhe voltas, examinando cada coisa, com medo de que
o caruncho tivesse carcomido o chifre na sua ausência.

E assim dizia um dos pretendentes, olhando para o vizinho:
«O homem deve ser conhecedor ou mercador de arcos.
Ou ele próprio tem tais arcos em sua casa, ou então quer
fazer um igual, e por isso anda com ele às voltas:
que vagabundo mais experiente de coisas danadas!»

E outro dos jovens arrogantes assim dizia:
«Oxalá ele obtenha vantagem na medida em que
se revelar capaz de armar aquele arco.»

Assim falavam os pretendentes; mas o astucioso Odisseu,
após ter levantado o grande arco e de o ter examinado,
tal como um homem conhecedor da lira e do canto
facilmente estica uma corda a partir de uma cravelha nova,
atando bem a tripa torcida de ovelha de um lado e de outro —
assim sem qualquer esforço Odisseu armou o grande arco.
Pegando nele com a mão direita, experimentou a corda,
que logo cantou com belo som, semelhante a uma andorinha.

Mas os pretendentes estavam muito preocupados, e todos
mudaram de cor. Zeus trovejou do alto, enviando o seu sinal.

E de seguida se regozijou o sofredor e divino Odisseu, porque lhe
mandara um presságio o filho de Crono de retorcidos conselhos.

Pegou numa seta veloz, que estava ali ao pé, em cima
da mesa; pois as outras estavam todas na oca aljava —
as que em breve os Aqueus iriam provar.

Colocando a seta no meio do arco, puxou a corda e o entalho.
E da cadeira onde estava sentado, disparou a seta, com pontaria
certeira. E não errou nenhum dos orifícios dos machados,
do primeiro ao último, mas a seta de brônzea ponta
atravessou pelo meio de todos. E assim disse a Telémaco:

«Telémaco, o estrangeiro que está sentado no teu palácio
não te traz vergonha. Não errei o alvo, nem me esforcei muito
para armar o arco. A minha força não foi quebrantada,
ao contrário do que disseram os pretendentes para me insultar.
Mas agora é o momento de lhes prepararmos uma ceia,
enquanto ainda há luz; e depois disso o divertimento será
com o canto e com a lira, os melhores companheiros do festim.»

Assim falou; e com as sobrancelhas fez um sinal.
Na espada afiada agarrou Telémaco, filho amado
do divino Odisseu, e pegou na lança. Depois postou-se
junto ao trono do pai, armado com o bronze faiscante.

Notas ao Canto 21

1-3 «Ora no espírito da filha de Icário, a sensata Penélope, / lançou esta ideia a deusa de olhos garços Atena: / pôr diante dos pretendentes o arco»: no entanto, Penélope já tivera esta ideia sozinha, sem ajuda da deusa de olhos garços (19.572-581).

6 «com mão firme»: à letra, «com mão gorda». O que constitui um elogio (ver 18.195*).

7 «feita de bronze»: alguns manuscritos têm «feita de ouro».

8-9 «foi com as escravas até à câmara de tesouros, a que ficava / mais longe»: recordemos como, em 19.32-33, se disse que Odisseu e Telémaco «levaram para dentro os capacetes, os escudos cravejados / e as lanças pontiagudas». Ora bem: ou a câmara, onde foi guardado o armamento removido, não era a mesma onde estava guardado o arco; ou então o poeta não se lembrou de registar uma reação de espanto da parte de Penélope e das escravas, ao entrarem na câmara de tesouro e verem-na apinhada de armas.

12 «setas […] dadoras de gemidos»: em grego, *oïstoí stonéontes*. Alternativamente, serão as próprias setas que gemem ao atravessarem o ar.

13-41 Estes versos constituem uma fascinante digressão, cujo estilo narrativo é elíptico, *convoluted* (Kirk, *Songs of Homer*, p. 370) e ferido (ou adornado) de instabilidade temporal, de uma maneira que parece antecipar o estilo de Píndaro (Dawe, p. 751). Além disso, são várias as curiosidades (de duvidoso *pedigree* homérico) fonéticas, morfológicas e lexicais que encontramos no decurso destes versos (elencadas por Shipp, *Studies*, p. 351).

21 «ainda rapaz»: em grego, *paidnòs eôn* (à letra, «sendo infantil»). Não é imediatamente compreensível por que razão Laertes mandaria o seu filho único para uma missão tão perigosa, se esse seu filho único se encontrava ainda em fase «infantil». Na verdade, a própria palavra *paidnós* (destacada como uma das estranhezas desta passagem por Shipp) suscita a nossa perplexidade, pois só ocorre aqui em toda a poesia homérica; e embora Shipp a classifique como palavra da tragédia ática do século V, também aí é rara, ocorrendo apenas no verso 479 do *Agamémnon*, de Ésquilo, e no verso 1271 da *Ifigénia entre os Tauros*, de Eurípides (na sua nota a este verso, L.P.E. Parker comenta que o sentido de «infantil» na tragédia é pejorativo; ver *Euripides: Iphigenia in Tauris*, Oxford, 2016, p. 314).

26 «o homem Héracles»: esta junção de *phôs* (aqui «homem», não «luz») com um nome próprio constitui ocorrência única na poesia homérica.

27 «Foi Héracles que o matou»: a informação de que Héracles matou Ífito quando Odisseu era rapaz não se coaduna com a cronologia mítica dos heróis. Em *Il*.11.690-693, Nestor conta como todos os seus irmãos foram mortos por Héracles (eram – tipicamente – 12 irmãos ao todo: sobre a obsessão homérica pelo número 12, ver 20.107*). Isto aconteceu, segundo a *Il*., quando Nestor era jovem. Ora Nestor é, relativamente a Odisseu, um ancião de uma geração mais velha. Portanto não faz sentido que Héracles (a quem a mitologia grega não adscreve uma vida assim tão longa na terra) andasse a matar os irmãos de Nestor quando Nestor era jovem e, ao mesmo tempo, a matar Ífito quando Odisseu era jovem: Nestor e Odisseu não podem ter sido jovens na mesma altura. Como comentou Fernández-Galiano (Oxf.iii, p. 150), a noção de cronologia que aqui lemos é puramente «fantasiosa».

28 «homem duro!»: frisemos a excecionalidade desta ocorrência nos seguintes termos: embora não faltem exemplos de uma personagem de Homero a chamar «homem duro!» a outra personagem homérica, só aqui uma personagem homérica é assim chamada pelo próprio Homero.

43-44 «que outrora um carpinteiro / polira com perícia»: ver 17.340-341*.

57 «Depois de ela se ter deleitado com o pranto de lágrimas copiosas»: ver 19.213*.

61-62 «A seu lado as suas escravas traziam uma arca, onde havia / muito ferro e bronze»: tal como em 13.68*, ficamos a pensar nos treinos de hipertrofia necessários para que estas escravas tivessem tanta força muscular.

63-66 = 1.332-335 = 18.208-211 = 16.414-416 (neste caso com uma ligeira diferença). Estes versos formulares sobre a aparição de Penélope – maravilhosos na sua estreia no Canto 1 – vão perdendo o encanto à medida que são repetidos. (Por alguma razão, a poética oral teve o seu apogeu mas, assim que o uso da escrita permitiu desenvolver outro tipo de poesia, rapidamente teve o seu ocaso).

73 «tendes o prémio à vossa frente»: Penélope está a referir-se a si mesma.

74 «Estabeleço como certame o arco do divino Odisseu»: à letra, «colocarei o arco do divino Odisseu».

76 «doze machados»: ver 27*, 20.107*.

79 «que sempre recordarei, penso, até em sonho»: ver 19.580-581*.

80-81 «pediu a Eumeu, o divino porqueiro, / que pusesse diante dos pretendentes o arco e o ferro cinzento»: por «ferro cinzento» entende-se os 12 (claro!) machados. No entanto, por muito divino que seja o homem dos porcos, não percebemos por que razão Penélope lhe pede para ser ele a desempenhar esta tarefa – tanto mais que será Telémaco a desempenhá-la – além da preocupação do poeta em não permitir que percamos de vista o porqueiro e o boieiro.

91 «tremendo»: este adjetivo curiosíssimo – que, graças à sua sequência de três alfas (*aáatos*), é a primeira palavra grega do dicionário de LSJ – é de sentido incerto.

98-99 «Porém seria ele o primeiro a provar o gosto de uma seta, / disparada das mãos do irrepreensível Odisseu»: por estranho que pareça, esta prolepse acaba por não ter o efeito de um

spoiler; pelo contrário, dá à cena a tensão que, mercê da choradeira quase caricata dos «campónios» (*agroiôtai*), até agora lhe faltara.

105 «Mas eu rio-me e sinto prazer na minha mente desvairada»: o riso de Telémaco (escreveu Danek em 1998) «tem posto a cabeça em água aos estudiosos» (p. 406). No século XIX, Seeck pensou ter desvendado o enigma deste ataque de riso: o riso viria de uma outra versão da *Od*., em que Telémaco estaria por dentro do plano combinado conjuntamente por Odisseu e por Penélope (*Die Quellen der Odyssee*, Berlim, 1887, p. 12). Hoje perguntamo-nos se este ataque de riso não será algo só explicável em clave psicanalítica, já que vem na sequência de ele dizer que «a minha querida mãe […] seguirá outro homem e deixará esta casa» (103-104): e essa perspetiva não só lhe provoca riso, como o leva a sentir… prazer.

106-110 «este prémio – / uma mulher como não há outra na terra dos Aqueus / […] mas vós sabeis já tudo isto; não preciso de louvar a minha mãe»: já houve quem achasse estes versos chocantes, por nos mostrarem Telémaco a apregoar a mãe como se estivesse num leilão de gado (Dawe, p. 756).

109 «nem mesmo na própria Ítaca, nem no escuro continente»: este verso está claramente a mais; não será por acaso que está ausente de um papiro helenístico que contém esta passagem, sendo colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

113-117 Mais uma vez, toda esta sequência de versos interessará tanto ao estudante de psicanálise como ao de estudos homéricos.

120 «Primeiro colocou de pé os machados»: a sugestão de Penélope de que fosse o porqueiro a desempenhar esta tarefa (80-81*) caiu em saco roto, como se vê.

122-123*b* «E o espanto / dominou quem o observava, porque ele agia com tanto / método: ele que nunca vira colocar os machados»: a compreensão, imediata e intuitiva, da parte de Telémaco sobre como funcionava este concurso e como eram colocados os machados (e que machados eram) contrasta com a ignorância continuada dos estudiosos da *Od*., que desde o século XIX já apresentaram todas as teorias possíveis sobre os machados e a sua colocação. No meio de tantas propostas diferentes, destaca-se pela riqueza de informação a de Fernández-Galiano, Oxf.iii, pp. 137-147, dotada de preciosos desenhos.

130 «a força sagrada de Telémaco»: ver 2.409*. Às vezes acontece que estas expressões formulares calham num contexto onde a situação narrativa lhes dá sentido adicional. É o caso da presente ocorrência, com o seu sabor irónico, no momento em que Telémaco assume a sua falta de força.

147 «só a ele repugnavam os excessos»: o poeta esqueceu-se de Anfínomo.

161 «oferecendo presentes nupciais»: ver, mais uma vez, 1.272-305*, 11.116-117*.

188-189 «Mas nesse momento saíram juntos da sala outros dois: / o boieiro e o porqueiro do divino Odisseu»: se não estivéssemos no mundo sublime da epopeia homérica, encontraríamos facilmente na necessidade de urinar uma justificação plausível para a saída deste par. Não sendo possível recorrer a essa explicação, que motivação tem esta saída (para lá da urgência do poeta em apresentar-nos agora Eumeu e Filécio como os novos reforços na equipa de Odisseu)? Em desespero

de causa, podemos lembrar que, em 89-90, Antínoo os tinha posto na rua: terá sido só neste momento que o significado dessas palavras lhes fez sentido?

193-198 Do ponto de vista estritamente técnico, estes versos, com que Odisseu começa a sua operação de charme dirigida a Eumeu e Filécio, não mereceriam pontuação máxima num concurso de versificação homérica (pela displicência com que os hiatos são tratados de qualquer maneira).

209-211 «E reconheço que só para vós, de todos os meus escravos, / regresso como pessoa desejada; a nenhum outro ouvi / que rezasse pelo meu regresso»: a pobre escrava-moleira, que tanto nos comoveu em 20.105-119*b*, ficou esquecida.

215-216 «doravante sereis / para mim irmãos e companheiros de Telémaco»: depois de sabe-se lá quantos anos como pai adotivo de Telémaco (16.31*), afigura-se artificial que Eumeu passe agora a irmão do rapaz que ele sempre estimou como se fosse seu filho.

219-220 Versos omitidos num papiro helenístico e colocados entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

222 «depois de eles os dois a terem visto e observado cada coisa»: à letra, «observado cada uma das coisas», o que, em boa verdade, faz menos sentido do que uma lição alternativa, registada no aparato da ed. de Estugarda: *ánakta* em vez de *hékasta*, o que daria a tradução «depois de eles os dois a terem visto e observado o soberano».

235-236 «diz às mulheres / para se fecharem nos seus aposentos, trancando as portas»: Eumeu dará depois a instrução a Euricleia (e não às mulheres) como sendo recado da parte de Telémaco (381).

258-259 «Hoje entre todo o povo celebra-se a festa daquele deus: é festa / sagrada. Quem quereria armar um arco?»: nas palavras de Dawe (p. 766), «afirmar que o dia sagrado de Apolo é inapropriado para atividades de arco e flecha é equivalente a dizer que o Domingo de Páscoa é inapropriado para ir à igreja».

276 Verso omitido em praticamente todos os manuscritos, colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

292-294 «É o vinho que te atinge, / o vinho doce como mel, que outros também prejudica – / quem o sorve em grandes goles e bebe mais do que deve»: o discurso de Antínoo começa sob a forma de descompostura dirigida ao mendigo pela transgressão das barreiras sociais que acabou de acontecer ali na sala (materializada na sugestão do mendigo de participar no desporto de senhores). A digressão mitológica é curiosa e, na opinião de muitos homeristas, despropositada no presente contexto. Depois da digressão sobre o arco de Odisseu, temos de novo algo que nos lembra Píndaro (neste caso, concretamente *Odes Píticas* 2.46-48); e confrontamo-nos com a ilogicidade de um discurso, que tem por objetivo tematizar os malefícios do vinho, acabar com a recomendação de que o destinatário do referido discurso deve mas é beber («portanto fica aí sossegado / e bebe o teu vinho [309-310]).

300-301 «e lá lhe cortaram as orelhas / e as narinas com o bronze impiedoso»: o tema é proléptico, na medida em que prepara 22.475-477.

312-320 «Antínoo […] / A ela deu resposta Eurímaco»: tal como em 16.434, Penélope não tem sorte nenhuma na tentativa de interpelar Antínoo: mais uma vez, quem lhe responde é Eurímaco.

334 «Este estrangeiro é muito alto e bem constituído»: poderíamos perguntar se fica bem a uma rainha homérica mostrar assim, de forma tão clara, que é apreciadora de boas constituições masculinas; mas estaríamos a passar ao lado do sentido mais verdadeiramente homérico do que Penélope acabou de dizer: que beleza, altura e boa constituição física são caraterísticas que – por dependerem de boa genética, de boa alimentação e de bom lazer para atividades atléticas – só por si definem, na Grécia Arcaica, a pertença à aristocracia (ver o cativante capítulo «Aristocrats» em R. Lane Fox, *The Classical World*, Londres, 2005, especialmente pp. 43-44). Paralelamente, a observação de Penélope não deixa de levantar de novo a pergunta sobre quão deficiente – ou inexistente – fora a transformação de Odisseu em mendigo efetuada por Atena. Ver 18.67-70*.

335 «declara ser filho de um pai de nobre linhagem»: ver 19.181*.

350-353 Estes versos de Telémaco dirigidos à mãe (parafraseando: «Vai para o teu quarto, pois sou eu que mando aqui na sala!») retomam, com uma pequena diferença, uma passagem do Canto 1. Ver 1.356-359*. De novo o «dele é o poder cá em casa» (353) nos soa estranho, atendendo a que Telémaco está a referir-se à sua própria autoridade enquanto dono da casa.

359 «Entretanto tinha pegado no arco recurvo o divino porqueiro»: mas o «divino» Telémaco não acabara de dizer (344-345, 349) que era só a ele que competia dar o arco a quem quisesse?

369 «Paizinho»: novamente a palavra carinhosa *átta*, que comentámos em 16.31*. Como dissemos atrás (215-216*), a ideia de Eumeu doravante passar a ser irmão de Telémaco não é compaginável com os afetos já estabelecidos no poema.

370-371 «Vê lá se, embora mais novo, / eu não te expulso mas é da terra, à pedrada»: estas palavras de Telémaco são assim ásperas para que os pretendentes não desconfiem da cumplicidade entre o príncipe e o porqueiro? É essa a interpretação dos estudiosos atuais. No século XIX, porém, E. Kammer achou que estes versos fazem de Telémaco uma personagem «repulsiva, grosseira e, ainda por cima, cobarde» (*Die Einheit der Odyssee*, Leipzig, 1873, p. 369). O final do Canto 22 mostrar-nos-á que não é fácil entender a personagem de Telémaco.

386 «as palavras dela não chegaram a bater asa»: ver 19.29*.

406-407 «tal como um homem conhecedor da lira e do canto / facilmente estica uma corda a partir de uma cravelha nova»: temos aqui o culminar das instâncias anteriores em que o herói do poema era comparado a alguém cuja profissão é a mesma do autor do poema, nessa proposta de consanguinidade anímica entre «herói» e «aedo» que vimos materializada na expressão «herói Demódoco» comentada em 8.483*.

Canto 22

De seguida desnudou-se dos farrapos o astucioso Odisseu
e deu um salto em direção à soleira, segurando o arco
e a aljava cheia de setas. Entornou as setas todas
à frente dos pés e assim disse aos pretendentes:

«Na verdade chegou ao fim este certame tremendo.
Agora noutro alvo, que nunca antes foi atingido, verei
se consigo acertar, se Apolo der cumprimento à minha prece.»

Assim falou; e contra Antínoo disparou uma seta amarga.
Ora Antínoo estava no momento de levar à boca uma bela
taça, vaso dourado de asa dupla; pegara nela com as mãos,
para beber um gole de vinho. O morticínio estava longe
dos seus pensamentos. Pois quem dos celebrantes do banquete
pensaria que um homem, isolado entre tantos, ainda que forte,
lhe traria a morte malévola e a escuridão do destino?

Mas Odisseu disparou contra ele e atingiu-o com a seta,
cuja ponta lhe atravessou por completo o pescoço macio.
Inclinou-se para o lado; a taça caiu-lhe das mãos ao ser
atingido, e logo das narinas jorrou um espesso jato
de sangue masculino. Depressa afastou a mesa com um pontapé

e toda a comida foi parar ao chão, conspurcando o pão
e as carnes assadas. Então surgiu entre os pretendentes
uma gritaria desmedida, ao verem o homem caído.
Saltaram das cadeiras e precipitaram-se através da sala,
aterrorizados, procurando por todo o lado
ao longo das paredes bem construídas.
Mas não havia lança ou escudo a que pudessem lançar mão.
E repreenderam Odisseu com palavras enfurecidas:

«Estrangeiro, fazes mal em disparar contra homens! Nunca
participarás noutro certame! Agora tens assegurada a morte
escarpada: mataste o homem mais nobre de Ítaca e devido
a isso o teu cadáver será devorado pelos abutres.»

Era o que dizia cada um, porque pensavam que Odisseu
matara Antínoo sem querer. Na sua estultícia não percebiam
que sobre eles tinham sido atados os nós do morticínio.

Fitando-os com sobrolho carregado, respondeu o astucioso Odisseu:
«Ó cães! Não pensastes que eu alguma vez regressaria a casa
de Troia, visto que me quisestes destruir a casa,
deitando-vos à força com as escravas e, estando eu ainda
em vida, fizestes a corte à minha mulher, sem qualquer
temor dos deuses, que o vasto céu detêm —
nem da indignação de homens ainda por nascer!
Agora sobre vós todos se ataram os nós do morticínio.»

Assim falou; e a todos dominou o pálido terror.

Cada um olhou em volta, vendo por onde fugiria à morte escarpada.
Só Eurímaco tomou a palavra para lhe dar resposta:

«Se na verdade és Odisseu de Ítaca que acaba de regressar,
o que dizes é justo no que respeita aos atos dos Aqueus:
muitos atos de depravação foram cometidos no palácio;
muitos também no campo. Mas agora jaz morto
o responsável de tudo, Antínoo: ele é que fez essas coisas,
não porque desejasse ou precisasse de tal casamento,
mas com outro intuito, que o Crónida lhe negou:
o de ele próprio vir a ser rei na bem fundada Ítaca,
para tal planeando a emboscada para matar o teu filho.
Mas agora ele jaz morto, como merecia. Mas tu poupa
os teus súbditos. Pela nossa parte, iremos pelo povo
para te trazer a restituição daquilo que comemos e bebemos
no palácio: traremos em desagravo, cada um de nós,
o valor de vinte bois; e pagaremos o que for preciso
em bronze e ouro, até que se te apazigue o coração.
Até lá não te censuramos por estares encolerizado.»

Fitando-o com sobrolho carregado, respondeu o astucioso Odisseu:
«Eurímaco, nem que me désseis todo o vosso património,
tudo o que tendes agora e pudésseis reunir de outro sítio,
nem mesmo assim eu reteria as mãos do morticínio, até que
todos vós pretendentes pagásseis o preço da transgressão.
O que tendes agora à frente é isto: combater, ou então
fugir, se é que alguém pode fugir à morte e ao destino.

Mas não penso que nenhum de vós fuja à morte escarpada.»

Assim falou; e ali, onde estavam, se lhes enfraqueceram os joelhos
e o coração. Falou então Eurímaco pela segunda vez:

«Amigos, já que este homem não reterá suas mãos tremendas,
mas, agora que está na posse do arco polido e da aljava,
vai disparar dali da soleira até que nos chacine a todos,
lembremo-nos nós agora da coragem e do combate.
Desembainhai as espadas e segurai as mesas como escudos
contra as setas, dadoras de morte veloz. Lancemo-nos todos
contra ele, na esperança de o tirarmos da soleira da porta,
e atravessemos logo a cidade para darmos o alarme:
rapidamente terá este homem disparado a última seta.»

Assim dizendo, desembainhou a espada de bronze
afiado, uma espada de dois gumes, e lançou-se contra
Odisseu com um grito terrível — mas ao mesmo tempo
disparou uma seta o divino Odisseu, acertando-lhe no peito,
ao lado do mamilo: a seta veloz atingira-o no fígado.
Das mãos Eurímaco deixou cair a espada; contorcendo-se
por cima da mesa, dobrou-se e caiu, atirando para o chão
a comida e a taça de asa dupla. Bateu na terra com a testa
na agonia da morte; e esperneando contra a cadeira, fê-la abanar
com ambos os pés. Mas depois o nevoeiro lhe desceu sobre os olhos.

Em seguida foi Anfínomo que se lançou contra o glorioso Odisseu
em gesto frontal, tendo desembainhado a espada na esperança
de afastar Odisseu da porta. Mas Telémaco foi rápido:
atirou e acertou-lhe nas costas com a lança de brônzea ponta,
entre as omoplatas, empurrando-a até lhe trespassar o peito.
Anfínomo caiu com um estrondo, batendo com a testa no chão.
Mas Telémaco saltou para trás, deixando a lança de longa sombra
nas costas de Anfínomo, pois muito receava que, se tentasse tirar
a lança de longa sombra do corpo, algum dos Aqueus investisse
contra ele e o atingisse com a espada, curvado sobre o corpo.
Começou pois a correr e depressa chegou junto do pai amado;
postando-se a seu lado dirigiu-lhe palavras apetrechadas de asas:

«Pai, trago-te um escudo e duas lanças
e um elmo de bronze bem ajustado às têmporas;
e eu próprio me armarei quando regressar, e darei armas
ao porqueiro e ao boieiro, pois é melhor estarmos armados.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Vai trazê-las depressa, enquanto me posso defender com setas,
não vão eles afastar-me da porta, por estar aqui sozinho.»

Assim falou; e Telémaco obedeceu ao pai amado.
Foi até à câmara, onde tinha deposto as armas gloriosas.
De lá trouxe quatro escudos e oito lanças, assim como
quatro elmos de bronze com penachos de crina de cavalo.

Pegou neles e depressa regressou para junto do pai amado.
Primeiro que tudo, vestiu o bronze em torno do corpo.
De igual modo se armaram os dois escravos com belas armas,
posicionando-se de cada lado do fogoso e astucioso Odisseu.

Enquanto a Odisseu restavam setas para se defender,
disparava-as, acertando nos pretendentes, um a um,
no palácio dele; e eles caíam, uns após os outros.
Mas quando as setas faltaram ao soberano que as disparava,
encostou o arco contra a entrada da sala bem construída,
deixando-o ali, reclinado contra a parede resplandecente.
Pôs então aos ombros um escudo de quatro camadas,
e na possante cabeça colocou um elmo bem forjado,
com crinas de cavalo, e terrivelmente se agitava o penacho.
Agarrou depois em duas fortes lanças de brônzea ponta.

Ora na parede bem construída havia uma poterna,
no extremo do limiar da sala bem construída, dando
acesso a um corredor, resguardado por uma porta dupla.
Ao divino porqueiro ordenara Odisseu que se postasse
junto dela e a guardasse, pois a ela só havia um acesso.
Entre eles falou então Agelau, dirigindo-se a todos:

«Amigos, não haverá ninguém que suba à poterna
e vá dar o alarme ao povo, para que nos auxiliem?
Rapidamente terá este homem disparado a última seta.»

A ele respondeu então Melanteu, cabreiro de cabras:
«Não é possível, ó Agelau criado por Zeus. Perigosamente

perto estão os portões do pátio, e a entrada é estreita.
Um só homem poderia afastar todos, desde que fosse forte.
Mas agora trar-vos-ei armas da câmara para vestirdes;
pois foi lá, segundo creio, e não noutro sítio,
que depuseram as armas Odisseu e o filho glorioso.»

Assim dizendo, subiu Melanteu, cabreiro de cabras,
pelos degraus da sala até à câmara de Odisseu.
De lá trouxe doze escudos e outras tantas lanças
e igual número de elmos de bronze com crinas de cavalo.
Andou em frente e depressa trouxe as armas aos pretendentes.
Foi então que se enfraqueceram os joelhos e o coração
de Odisseu, ao ver como eles se armavam e seguravam
nas mãos lanças compridas. Enorme lhe pareceu a tarefa.
Logo dirigiu a Telémaco palavras apetrechadas de asas:

«Telémaco, decerto uma das escravas no palácio atira contra
nós uma guerra maligna — ou então será Melanteu.»

A ele deu resposta o prudente Telémaco:
«Pai, fui eu que cometi o erro — mais ninguém é
responsável. Fui eu que deixei aberta a porta bem ajustada
da câmara, depois de a abrir: o vigia deles é superior a mim.
Mas vai, divino Eumeu, e fecha a porta da câmara;
vê se é uma das mulheres que está a fazer isto,
ou se é, como penso, Melanteu, filho de Dólio.»

Estas eram as coisas que eles diziam entre si.
De novo se dirigiu à câmara Melanteu, cabreiro de cabras,

para trazer belas armas. Viu-o o divino porqueiro,
e logo disse a Odisseu, que estava perto dele:

«Filho de Laertes, criado por Zeus, Odisseu de mil ardis!
Lá vai o homem odioso, que nós já suspeitávamos:
volta à câmara. Mas diz-me agora com clareza:
deverei matá-lo, se eu me revelar superior pela força,
ou deverei trazê-lo para aqui, para que pague os
muitos crimes que ousou cometer aqui em tua casa?»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Eu e Telémaco trataremos dos arrogantes pretendentes,
aqui na sala, por muito ferozes que sejam.
Mas vós dois devereis atar os pés e as mãos de Melanteu
em cima e atirá-lo para dentro da câmara:
fixai-lhe estacas atrás das costas e atai-o com uma corda torcida
contra uma alta coluna, erguendo-o para junto das traves:
assim, ainda em vida, sofrerá dores insuportáveis.»

Assim falou; e eles logo ouviram e obedeceram. Dirigiram-se
câmara, passando despercebidos a quem lá estava dentro.
Melanteu estava no recesso interior à procura de mais armas;
eles colocaram-se cada um do seu lado da porta, à espera.
E quando estava para pisar a soleira Melanteu, cabreiro de cabras,
segurando numa mão um elmo lindíssimo, e na outra
um escudo largo, mas já velho, manchado pela humidade —
era o escudo do herói Laertes, que o usara em novo;
mas agora estava posto de parte, com as correias estragadas —,

foi então que os dois saltaram, lançando-se contra Melanteu.
Arrastaram-no para dentro pelos cabelos e atiraram-no ao chão,
com angústia no coração: ataram-lhe os pés e as mãos com cordas
dolorosas, puxando-as bem para trás, como ordenara
o filho de Laertes, o sofredor e divino Odisseu.
E ataram-lhe ao corpo uma corda torcida e ergueram-no
junto da alta coluna até que pendesse das traves do teto.
Foi então que fizeste troça dele, ó porqueiro Eumeu:

«Agora, não haja dúvida, farás uma grande vigília, ó Melanteu,
dormindo numa cama macia, como tu mereces. Não te
passará despercebida a Aurora de trono dourado, quando
se levantar das correntes do Oceano, à hora em que trazes
as cabras ao palácio para a refeição dos pretendentes.»

E deixaram-no ali, esticado por causa das amarras atrozes.
Mas eles os dois vestiram as armas e fecharam a porta luzente.
Regressaram para junto do fogoso Odisseu de matizado pensamento.
E ali se postaram, respirando força: eram só quatro os que
estavam na soleira, mas muitos e valentes os do outro lado.

Aproximou-se deles então Atena, filha de Zeus,
semelhante a Mentor no corpo e na voz. Odisseu
regozijou-se ao vê-la e assim lhe dirigiu a palavra:

«Mentor, afasta a desgraça! Lembra-te de mim, o teu amigo

querido, que muitas vezes te apoiou: pois somos da mesma idade.»

Assim falou, convencido de que era Atena, Incitadora das Hostes.
Mas os pretendentes do outro lado gritavam na sala:
e foi Agelau, filho de Damastor, que repreendeu Atena:

«Mentor, não deixes Odisseu persuadir-te com palavras
a combateres contra os pretendentes, ajudando-o.
Pois é assim que pensamos fazer as coisas:
depois de matarmos estes homens, o pai e o filho,
matar-te-emos em seguida, por aquilo que estás prestes
a fazer aqui no palácio. Com a cabeça pagarás os teus atos.
Depois de termos posto cobro à vossa violência com o bronze,
tudo o que tens de riquezas, tanto em casa como no campo,
tudo isso juntaremos às de Odisseu; e aos teus filhos
não permitiremos que vivam no teu palácio;
nem às tuas filhas e à tua fiel mulher deixaremos
que andem livremente na cidade de Ítaca.»

Assim falou; e muito se encolerizou Atena no coração,
e com palavras furiosas repreendeu Odisseu:

«Já não tens, ó Odisseu, a força firme nem a coragem
que mostraste quando por causa de Helena de alvos braços
combateste durante nove anos contra os Troianos sem cessar,
e muitos homens mataste em combates terríveis,
e graças ao teu conselho a cidade de Príamo foi saqueada.

Como é que agora, tendo regressado a casa e aos teus haveres,
te lamentas por teres de mostrar a tua força aos pretendentes?
Não, amigo, chega-te ao pé de mim e observa o que eu faço,
para que saibas como no meio de homens inimigos
Mentor, filho de Álcimo, devolve as benesses recebidas.»

Assim falou; mas não lhe deu ainda a vitória decisiva,
porque quis ainda pôr à prova a força e a coragem
de Odisseu e de seu filho glorioso.
E voou em direção ao teto da sala cheia de fumo,
onde poisou numa trave, semelhante a uma andorinha.

Porém incitavam os pretendentes Agelau, filho de Damastor,
e Eurínomo, Anfimedonte e Demoptólemo;
assim como Pisandro, filho de Polictor, e o fogoso Pólibo.
É que estes eram os melhores em valor dos pretendentes
que ainda restavam e combatiam para salvar a vida.
Os outros já o arco e as setas imparáveis tinham matado.
Entre eles falou então Agelau, dirigindo-se a todos:

«Amigos, este homem terá de parar as suas mãos tremendas.
Mentor abandonou-o, depois de se ter ufanado em vão.
E eles ficaram ali sozinhos junto às portas. Por isso
não lanceis todos ao mesmo tempo as vossas lanças compridas,
mas que seis de vós atirem primeiro, na esperança de que Zeus
nos conceda atingir Odisseu e assim alcançar a glória.
Dos outros não precisamos de cuidar, depois de este cair.»

Assim falou; e eles atiraram as lanças como ele ordenara,

com afinco. Mas Atena fez que tudo fosse em vão.
Um deles acertou na ombreira da sala bem construída;
outro acertou na porta bem ajustada; e a lança de freixo
de um outro, pesada de bronze, acertou na parede.
Depois que evitaram as lanças dos pretendentes,
entre eles falou o sofredor e divino Odisseu:
«Amigos, agora ordeno eu que atiremos as lanças
contra os pretendentes, que desejam matar-nos
para juntar mais isso aos crimes já praticados.»

Assim falou; e todos atiraram as lanças afiadas com
pontaria certeira. Odisseu atingiu Demoptólemo;
Telémaco, Euríades; o porqueiro, Élato.
E Pisandro foi morto pelo boieiro de bois.
Todos estes ao mesmo tempo morderam a ampla terra
com os dentes; e os restantes pretendentes recuaram.
Mas os outros avançaram para tirar as lanças dos cadáveres.

Então de novo atiraram os pretendentes as suas lanças
com afinco; mas Atena fez com que quase todas fossem vãs.
Um deles acertou na ombreira da sala bem construída;
outro acertou na porta bem ajustada; e a lança de freixo
de um outro, pesada de bronze, acertou na parede.
Mas Anfimedonte atingiu Telémaco por baixo do pulso,
um golpe passageiro, pois o bronze só feriu a superfície.
E Ctesipo com a sua lança comprida feriu Eumeu
no ombro, mas a lança voou por cima e caiu no chão.

Novamente ordenou o fogoso Odisseu de matizado pensamento

que atirassem as lanças afiadas contra os pretendentes.
Desta vez Euridamante foi atingido por Odisseu, Saqueador
de Cidades; Anfimedonte por Telémaco; e Pólibo pelo porqueiro.
Em seguida Ctesipo foi atingido no peito pelo boieiro de bois,
que exultou por cima dele, dirigindo-lhe estas palavras:

«Ó filho de Politerses, amigo de grosseiros insultos!
Nunca mais falarás com a loucura da arrogância, mas dá
agora a palavra aos deuses, que são superiores a ti.
Este presente te ofereço em retribuição do casco de boi
que deste ao divino Odisseu, quando mendigava em casa dele.»

Assim falou o boieiro de bois de chifres recurvos. Mas Odisseu
feriu com a lança o filho de Damastor em combate corpo a corpo.
Telémaco atingiu Liócrito, filho de Evenor, com a lança,
diretamente na virilha, empurrando o bronze;
ele caiu e bateu com a testa no chão.

Foi então que Atena levantou a égide, o flagelo dos mortais,
lá de cima, do teto: os pretendentes cederam ao pânico.
Precipitaram-se através da sala como gado enlouquecido
por um esvoaçante moscardo, que espicaça os bois a correr em frente
na época primaveril, quando os dias começam a aumentar.
Tal como quando abutres de garras e bicos recurvos vêm das
montanhas para se lançar sobre outras aves, e estas voam
ao longo da planície debaixo das nuvens e sobre elas se atiram

os abutres, matando-as, porque elas não têm maneira de se defender
ou escapar, mas os homens se alegram de ver a matança —
assim eles perseguiam os pretendentes através da sala,
dando-lhes golpes: e ouviram-se gritos horrendos quando
as cabeças foram atingidas e o chão escorreu de sangue.

Mas Liodes agarrou-se aos joelhos de Odisseu;
com súplicas dirigiu-lhe palavras apetrechadas de asas:

«Peço-te de joelhos, ó Odisseu, que me respeites e te apiedes de mim.
Garanto que nunca desonrei nenhuma das mulheres
no palácio, nem cometi nenhum excesso, mas sempre
tentei refrear os pretendentes, quando faziam tais coisas.
Mas eles não me ouviam, nem se abstinham desses crimes.
Devido à sua loucura sobreveio o destino que mereciam.
Mas agora eu, o arúspice deles, que nada fiz de mal,
jazerei ao seu lado? Não há recompensa pelas boas ações.»

Fitando-o com sobrolho carregado, respondeu o astucioso Odisseu:
«Se deles declaras na verdade ter sido o arúspice,
então muitas vezes terás pedido aos deuses aqui no palácio
que me fosse sonegada a possibilidade de um doce regresso,
e que fosse a ti que se oferecesse, e desse filhos, a minha mulher.
Por isso não escaparás agora a uma morte dolorosa.»

Assim dizendo, com a mão possante agarrou numa espada
que ali jazia; espada que Agelau deixara cair no chão
ao morrer. Com ela lhe desferiu um golpe no pescoço;
e a cabeça dele proferia ainda sons ao bater na terra.

O filho de Térpio, o aedo, continuava ainda a evitar a escuridão
da morte — Fémio, que cantara à força para os pretendentes.
Com a lira de límpido som nas mãos, colocara-se perto
da poterna; hesitava na sua mente entre duas alternativas:
ou sair discretamente da sala e refugiar-se no altar de Zeus,
que fora erigido no pátio, e onde em tempos passados
Odisseu e Laertes ofereceram em sacrifício muitas coxas de bois;
ou então atirar-se para a frente e agarrar os joelhos de Odisseu.
Enquanto refletia, isto lhe pareceu a melhor decisão:
agarrar-se aos joelhos de Odisseu, filho de Laertes.
Colocou no chão a lira cinzelada, entre a taça de misturar
o vinho e um trono cravejado com adornos de prata.
Precipitou-se para agarrar os joelhos de Odisseu,
e com súplicas lhe dirigiu palavras apetrechadas de asas:

«Peço-te de joelhos, ó Odisseu, que me respeites e te apiedes de mim.
Para ti próprio virá a desventura, se matares o aedo:
eu mesmo, que canto para os deuses e para os homens.
Sou autodidata e um deus me pôs no espírito cantos
de todos os géneros: sou a pessoa certa para cantar ao teu lado,
como se fosses um deus. Por isso, não desejes degolar-me.
Telémaco, o teu filho amado, te dará testemunho disto:

que não foi por minha vontade que vim para a tua casa,
com tenção de cantar para os pretendentes após o jantar;
mas eles, mais fortes e numerosos, me trouxeram à força.»
Assim falou; e ouviu-o a força sagrada de Telémaco,
que estava ali ao pé, e logo se dirigiu ao pai:

«Retém a tua mão e não trespasses este inocente com o bronze!
E salvemos também Médon, o arauto, que sempre tomou
conta de mim em casa, quando eu ainda era uma criança —
para o caso de não o terem já matado Filécio ou o porqueiro,
ou tu próprio, quando na tua fúria atravessaste a sala.»

Assim falou; e ouviu-o Médon, que sabia o que era sensato.
Estava dobrado debaixo de uma cadeira, e por cima pusera
a pele de um boi, há pouco esfolado, para afastar a negra morte.
De imediato saiu de debaixo da cadeira e tirou a pele de boi.
Precipitou-se para agarrar os joelhos de Telémaco,
e com súplicas lhe dirigiu palavras apetrechadas de asas:

«Querido amigo, aqui estou; não levantes a mão e pede
ao teu pai, tão forte!, que não me faça mal com o bronze,
na sua cólera contra os pretendentes, que lhe dizimaram
os haveres no palácio e na sua estultícia te desconsideraram.»

Sorrindo lhe respondeu então o astucioso Odisseu:
«Coragem, pois Telémaco te protegeu e salvou,
para que saibas no coração, e possas dizer a outros,
que as boas ações são muito melhores que as más.
Ide os dois lá para fora, e sentai-vos no pátio,

longe do morticínio, tu e o celebrado aedo,
até que eu tenha feito em casa aquilo que tenho de fazer.»

Assim falou; e ambos saíram para fora da sala
e foram sentar-se os dois no altar do grande Zeus,
olhando em todas as direções, sempre à espera da morte.

E Odisseu também olhou por toda a parte, não fosse ter escapado
vivo algum pretendente, escondido, a evitar a escuridão da morte.
Mas viu que todos estavam mortos, caídos no meio do sangue
e da terra, todos eles, como peixes que os pescadores
tiraram do mar cinzento nas suas redes e deixaram na praia
de orla sinuosa, todos amontoados em cima da areia,
desejosos de voltar para as ondas do mar salgado,
mas o Sol resplandecente lhes tira a vida —
assim jaziam os pretendentes, uns sobre os outros.
Então disse a Telémaco o astucioso Odisseu:

«Telémaco, chama até aqui a ama Euricleia,
para que lhe diga uma coisa que estou a pensar.»

Assim falou; e Telémaco obedeceu ao pai amado.
Deu pancadas na porta e assim chamou por Euricleia:
«Anda cá agora, ó anciã há muito nascida! Tu que
estás à frente das escravas no nosso palácio!
Vem! Chama-te o meu pai, para falar contigo.»

Assim falou; mas as palavras dela não chegaram a bater asa.
Abriu as portas da bem construída sala de banquetes
e entrou, com Telémaco a caminhar à sua frente.
Encontrou Odisseu no meio dos cadáveres dos mortos,
conspurcado de sangue e imundície, como um leão,
que acaba de comer um dos bois do estábulo
e tem o peito todo e as faces de ambos os lados
manchados de sangue — visão terrível de se ver!
Assim com marcas de sangue nas mãos e nos pés estava Odisseu.
E quando Euricleia viu os cadáveres e a grande quantidade de sangue,
preparou-se para levantar o grito ululante da exultação,
pois vira cumprido um feito enorme.
Mas Odisseu reteve e refreou o gesto, embora ela muito o desejasse;
e falando dirigiu-lhe palavras apetrechadas de asas:

«No teu coração, ó anciã, te regozija, mas sem exultação em voz alta.
É coisa ímpia o regozijo sobranceiro sobre os cadáveres dos mortos.
Estes foram subjugados pelo destino dos deuses e pelos seus atos.
Não respeitaram homem algum na terra,
vil ou bem-nascido, que com eles convivesse.
Deu-lhes o desvario uma morte vergonhosa.
Mas agora diz-me tu quais são as escravas no palácio
que me desonraram; e quais são as inocentes.»

A ele deu resposta a querida ama Euricleia:
«A ti, ó filho, direi então a verdade.
Tens cinquenta escravas no palácio,
mulheres a quem ensinámos a trabalhar,
a cardar lã e a aguentar a escravidão.
Destas, doze enveredaram pela pouca-vergonha;
não me respeitavam a mim, nem a Penélope.
Telémaco só chegou há pouco à idade adulta, e a mãe
não tinha o hábito de o deixar dar ordens às escravas.
Mas agora subirei até ao aposento resplandecente
para dar a notícia à tua mulher, que um deus adormeceu.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Não a acordes ainda, mas manda vir até aqui as mulheres
que no passado praticaram atos vergonhosos.»

Assim falou; e a anciã atravessou a casa para levar
a notícia às escravas e para lhes ordenar que comparecessem.
E Odisseu chamou a si Telémaco, o boieiro e o porqueiro
e falando dirigiu-lhes palavras apetrechadas de asas:

«Começai agora a levar os cadáveres e comandai as mulheres.
E em seguida lavai os belos tronos e as mesas
com água e com esponjas porosas
E depois de terdes posto tudo em ordem,
em toda a casa, conduzi cá para fora as escravas;
e entre o edifício redondo e a cercadura do belo pátio
devereis abater as escravas com as longas espadas, até que a vida

as abandone e se esqueçam dos prazeres de Afrodite,
que provaram, deitadas em segredo com os pretendentes.»

Assim falou; e as mulheres saíram, encostadas umas às outras,
em grande lamentação e vertendo lágrimas copiosas.
Primeiro levaram para fora os cadáveres dos mortos,
depondo-os debaixo do adro, no pátio bem construído,
todos apinhados. Foi o próprio Odisseu a dar as ordens,
incitando a que trabalhassem. À força levaram os mortos.
Depois lavaram com esponjas porosas
e água os belos tronos e as mesas.
Em seguida Telémaco, o boieiro e o porqueiro
rasparam com enxadas o chão da casa bem construída;
e as escravas levaram as imundícies lá para fora.
Depois de terem posto tudo em ordem na sala,
levaram as mulheres para fora do palácio,
para o sítio entre o edifício redondo e a cercadura do pátio;
aprisionaram-nas num espaço exíguo, donde era impossível fugir.
Então foi o prudente Telémaco que começou a falar:

«Não será com morte limpa que tirarei a vida a estas escravas,
que contra a minha cabeça atiraram insultos e contra
a minha mãe, além de dormirem com os pretendentes.»

Assim falando, atou a amarra de uma nau de proa escura
à grande coluna e esticou-a até ao edifício redondo,
elevando-a de modo que nenhuma tocasse no chão com os pés.
Tal como quando tordos de asas compridas ou pombas

embatem contra a rede nos arvoredos ao tentar voltar
aos ninhos, e é um local de descanso odioso que as acolhe —
assim as mulheres tinham as cabeças em fila, e à volta
de cada pescoço foi posta uma corda,
para que morressem de modo confrangedor.
Espernearam um pouco, mas não durante muito tempo.

Depois arrastaram Melanteu através da porta e do pátio.
Cortaram-lhe as narinas e as orelhas com o bronze impiedoso
e arrancaram-lhe os testículos para os cães comerem,
crus. E na sua fúria deceparam-lhe ainda as mãos e os pés.

Em seguida lavaram as mãos e os pés e voltaram
a casa de Odisseu. O trabalho estava feito.
Mas Odisseu disse à querida ama Euricleia:
«Traz enxofre, ó anciã, para afugentar o mal; e traz tochas,
para purificarmos a sala. E diz a Penélope
para vir aqui com as suas escravas;
e diz a todas as mulheres da casa que venham aqui ter.»

A ele deu resposta a querida ama Euricleia:
«Sim, meu filho, tudo disseste na medida certa.
Mas deixa-me trazer uma capa e túnica para vestires,
para não estares assim com farrapos sobre os ombros
largos no palácio: pois tal coisa seria censurável.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Primeiro quero que se traga fogo para a sala.»

Assim falou; e não lhe desobedeceu a ama Euricleia,
mas trouxe tochas e enxofre; e Odisseu purificou
toda a sala de banquetes, toda a casa e o pátio.
Depois a anciã atravessou a bela casa de Odisseu
para dar a notícia às mulheres e dizer-lhes que viessem.
E elas saíram dos seus aposentos, com tochas na mão.
Reuniram-se em torno de Odisseu, abraçando-o;
e enquanto o abraçavam, beijavam-lhe a cabeça e os ombros
e as mãos. Dele se apoderou então uma doce saudade,
e sentiu o desejo de chorar e gritar: reconhecera-as a todas.

Notas ao Canto 22

1 «De seguida desnudou-se dos farrapos o astucioso Odisseu»: veremos que o poeta se esqueceu de que já despira o seu herói aqui quando chegarmos a 488.

12-14 Como a leitura da *Od*. já nos permitiu perceber, momentos como este, em que o poeta formula, na sua própria voz, uma pergunta retórica, são raríssimos (só vejo um caso comparável em 10.573-574).

18-19 «jorrou um espesso jato / de sangue masculino»: apesar de ter como base constituinte a palavra *anêr* («homem», por oposição a «mulher»), o adjetivo *andrómeos* tem por vezes o sentido de «humano» (muito claramente num fragmento [fr. 134] do filósofo pré-socrático Empédocles: ver M.R. Wright, *Empedocles: The Extant Fragments*, Bristol, 1995, p. 253). Na sua utilização no Canto 9 para designar a «carne de homem» comida por Polifemo (9.297, 347), não é claro se o sentido predominante é «humano» ou «masculino» (e por isso optei pela tradução «carne humana» e não «carne masculina»). No presente verso, «masculino» parece fazer mais sentido, tal como em *Il*.11.538, onde o contexto exclui que o adjetivo se possa aplicar também, naquele caso concreto, a seres humanos em geral (pois isso incluiria mulheres, ausentes do campo de batalha). A imagem de Antínoo a ejacular sangue ao ser morto por Odisseu remete-nos para um tema fulcral da *Il*., em que o ato de um homem matar outro por meio de um objeto penetrativo (uma lança) é visto, por vezes, em termos de «cópula» (*Il*.13.286). Na frase lapidar de R. Janko, na *Il*. «the speer seeks its victim like a man his lover» (Cmb.iv., p. 83). Não foi à toa que West sentiu a morte de Antínoo «described in loving detail» (cf. *Odyssey*, p. 284).

23-25 Na sua forma de descrever a reação dos pretendentes à morte de Antínoo, o poeta procura dar um desfecho «lógico» ao motivo da Remoção das Armas (cuja organicidade no poema não é incontroversa), mas ao fazê-lo incorre em mais ilogicidades. O facto de os pretendentes saltarem das cadeiras para procurar lanças e escudos ao longo das paredes implica que interpretaram a morte de Antínoo como ato deliberado; mas isso é expressamente contraditado pela voz do narrador em 31-32: «pensavam que Odisseu / matara Antínoo sem querer». No entanto, as palavras de Odisseu em 5-7 tinham deixado claro que o disparo contra Antínoo não ia acontecer sem querer. Voltando às armas, de cujo desaparecimento só agora (!) os pretendentes se dão conta: como entender que, tendo todos eles espadas, como se verá a partir de 74, sejam as inexistentes armas na parede o seu primeiro pensamento no pânico de verem que Antínoo foi morto sem querer (31-32) por alguém que avisou (5-7) que iria fazê-lo deliberadamente? Pela última vez, verificamos como o tema da Remoção das

Armas, que começou a criar problemas ao poeta no Canto 16 (ver 16.284*), se revelou um desafio de dificuldade insuperável.

36-38 «me quisestes destruir a casa, / deitando-vos à força com as escravas e, estando eu ainda / em vida, fizestes a corte à minha mulher»: são três as surpresas destas palavras de Odisseu: (1) da última vez que Odisseu se indignara com atividade sexual das suas escravas, a culpa era claramente delas (20.6-8*); agora a culpa é dos pretendentes, que as coagiram «à força» (*biáiôs*); (2) nesta breve lista dos crimes dos pretendentes, ficou de fora o pior crime de todos, o plano de assassinarem Telémaco (de que Odisseu tinha conhecimento: 13.425-426); (3) mas a maior surpresa de todas é o facto de a corte por eles feita a Penélope vir em segundo lugar, depois de o primeiro lugar ter sido dado aos coitos ultrajantes dos pretendentes com as escravas. (Talvez por causa desta estranha hierarquização de prioridades, vários manuscritos trocam a ordem dos versos; mas o testemunho de papiros helenísticos mostra que o texto era lido na Antiguidade tal como está impresso na ed. de Estugarda.)

43 Verso omitido na maior parte dos manuscritos e colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

45 «Se na verdade és Odisseu de Ítaca»: informação que, conspicuamente, o mendigo não deu… mas que o «inteligente» (ver nota seguinte) Eurímaco não teve dificuldade em perceber, tanto de modo empírico como por indução lógica.

53 «para tal planeando a emboscada para matar o teu filho»: sendo a intenção de Eurímaco acalmar Odisseu, lembrar-lhe agora este facto (que o próprio pai da potencial vítima do assassinato já esquecera) é muito desastrado.

55-56 «iremos pelo povo / para te trazer a restituição daquilo que comemos e bebemos»: o feudalismo em Ítaca é tão injusto como em Esquéria (cf. 13.14-15). (Reparamos que o mesmo princípio vigora, ainda, nas nossas sociedades pós-feudais, quando grandes bancos vão à falência devido à imprudência/ganância dos milionários que os administram: também hoje, como na Ítaca homérica, a solução é «ir pelo povo para trazer a restituição» do que foi estoirado.)

101-380 Até agora, o que lemos, desde o início deste canto, da vingança de Odisseu mostrou-nos o poeta rei e senhor da seguinte proeza: juntar ao melhor da poesia épica grega o melhor (*avant la lettre*) do cinema moderno. Antínoo, Eurímaco e, mesmo agora, Anfínomo foram mortos de uma forma que não foi só certeira da parte de quem disparou as setas ou atirou a lança. Todavia, o poeta tem doravante um desafio gigantesco para as limitações do meio poético de que dispõe: matar, no espaço de poucas centenas de versos, 106 homens, quando o poeta da *Il*., ao longo dos 24 cantos de uma epopeia que tem mais 3000 versos do que a *Od*., matou apenas 230 homens. Um problema que o poeta não consegue resolver, mercê dos constrangimentos do estilo homérico, é a apresentação de ações simultâneas. A impressão com que ficamos a partir de agora é que há momentos de ação que, de forma inverosímil, ficam congelados em *freeze-frame* enquanto o poeta se dedica a narrar outra coisa a acontecer ali ao lado; e outros momentos de ação que, de forma mais inverosímil ainda, nos são apresentados em *slow-motion*.

103-104 «darei armas / ao porqueiro e ao boieiro»: afinal Eumeu e Filécio vão mesmo participar no combate. Contudo, a nossa *Od*. contém alguns vestígios de uma solução alternativa, que prescindia destas ajudas vindas da pocilga e da vacaria: 16.295-297 (onde a participação deles não está prevista) e 24.178-185 (onde Anfimedonte, narrando, já depois de morto, o que aconteceu, descreve Odisseu como único agressor na matança dos pretendentes).

107 «por estar aqui sozinho»: então Eumeu e Filécio? Ver nota anterior.

119-122 «Mas quando as setas faltaram ao soberano que as disparava, / encostou o arco contra a entrada da sala bem construída […] / Pôs então aos ombros um escudo de quatro camadas»: eis um momento de *slow-motion*, cuja leitura desperta sempre a todos os leitores a seguinte pergunta: não teria sido esta a altura ideal para os pretendentes sobreviventes, armados de espadas, atacarem o seu agressor agora desarmado?

125 «Agarrou depois em duas fortes lanças de brônzea ponta»: há muitos elementos importados da *Il*. neste canto (por razões compreensíveis), como agora o pormenor das duas lanças (porém, a consentaneidade com o estilo de combate iliádico levanta o pequeno problema de, em *Od*.16.295, se ter previsto que Telémaco e Odisseu combateriam, cada um deles, com uma lança).

126 «poterna»: em grego, *orsothúrê*. A planta do palácio de Odisseu é um daqueles problemas da epopeia homérica que nunca obtiveram explicação satisfatória até hoje (Oxf.iii, p. 244; Dawe, p. 786).

131-135 Estes versos são curiosos pelo facto de neles ocorrerem dois nomes no poema cuja grafia é instável: já referimos (17.212*) que o nome «Melanteu» é por vezes grafado como «Melântio» (traduzi sempre «Melanteu», para não criar confusão); quanto a Agelau, o seu nome tem aqui (e em 247) a grafia «Ageleu», embora se trate do mesmíssimo Agelau.

136-137 «Perigosamente / perto estão os portões»: porquê «perigosamente»? Nunca chegamos a saber.

144 «doze escudos»: ver 20.107*, 21.27*.

151-152 «decerto uma das escravas no palácio atira contra / nós uma guerra maligna»: depois da ilibação das escravas em 36-38*, de novo a sua culpa.

174 Verso omitido num papiro helenístico e colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

177 «assim, ainda em vida, sofrerá dores insuportáveis»: prenúncio ominoso de coisas verdadeiramente horripilantes que nos esperam em 475-477.

185 «era o escudo do herói Laertes»: o poeta lembra-se de nos lembrar que Laertes existe, pois não convém que, no Canto 24, ele apareça surgido do nada (cf. I. de Jong, p. 532).

239-240 «E voou em direção ao teto da sala cheia de fumo, / onde poisou numa trave, semelhante a uma andorinha»: a intervenção de Atena-Mentor-andorinha é a menos convincente das várias intervenções diretas da deusa ao longo do poema, dado que não tem qualquer função discernível (mas apreciamos a fleuma com que Odisseu e os pretendentes reagem primeiro à inexplicável presença de Mentor naquela sala fechada a sete chaves, e depois à sua repentina transformação em andorinha, sem sobre isso dizerem uma única palavra).

241-243 Nesta zona do poema, ficamos a saber mais nomes de pretendentes, nomeados para a posteridade no momento de serem mortos. Se pensarmos nos pretendentes cujos nomes já sabemos desde o início do poema, reparamos que nada é dito sobre a morte de Eurínomo.

252 «mas que seis de vós atirem primeiro»: além da dúzia, o poeta da *Od*. tinha especial predileção, como já apontámos (9.60*), pela meia dúzia.

297 «Foi então que Atena levantou a égide, o flagelo dos mortais»: como já comentámos (3.42*), os estudiosos não sabem ao certo o que é a tão famosa «égide». Aqui temos de nos perguntar se seria algo que uma andorinha conseguisse segurar (um pouco à semelhança da perplexidade que alguns sentem no Canto 5, quando a deusa Leucótea, sob a forma de uma ave marinha [5.337], segura [com garras de gaivota?] o véu que dá a Odisseu [5.351]).

329 «a cabeça dele proferia ainda sons ao bater na terra»: verso tirado de *Il*.10.457.

330-331 «filho de Térpio […] Fémio »: o nome «Térpio» signifi ca «Prazeroso». Já conhecemos Fémio desde o Canto 1 (ver 1.153-154*), embora o poeta pareça aqui introduzir a personagem como que pela primeira vez.

347-348 «Sou autodidata e um deus me pôs no espírito cantos / de todos os géneros»: a palavra «autodidata» traduz *autodídaktos* , vocábulo aparentemente claríssimo, mas cujo sentido exato tem sido objeto de infinitas controvérsias (ver Oxf.iii, pp. 279-280). Seja como for, temos aqui um exemplo expressivo da dupla determinação homérica (humana + divina) relativamente às ações humanas, já que, por um lado, Fémio afirma que aprendeu sozinho, mas, por outro, é recetáculo e transmissor dos cantos inspirados por um deus.

349 «como se fosses um deus»: leiamos, a este respeito, as palavras de G.S. Kirk: «Este tipo de expressão é, à primeira vista, extraordinário, quase inacreditável, já que contradiz toda a distinção helénica entre mortais e imortais» (Cmb.ii, p. 274).

357 «salvemos também Médon»: já nos referimos a Médon como «agente duplo» em 17.172*.

401-402 «Encontrou Odisseu no meio dos cadáveres dos mortos, / conspurcado de sangue e imundície, como um leão»: sobre o leão como símbolo de Odisseu, ver 4.335-340*.

417-418 «Mas agora diz-me tu quais são as escravas no palácio / que me desonraram; e quais são as inocentes»: em 19.500*, Odisseu dissera que não queria saber essa informação da boca de Euricleia.

421 «Tens cinquenta escravas no palácio»: cf. 7.103.

423 «escravidão»: a única ocorrência da palavra *doulosúnê* em toda a poesia homérica.

424 «Destas, doze enveredaram pela pouca-vergonha»: o número 12 tem o encanto da dúzia certa, ao qual, como é sabido, o poeta não conseguia resistir (20.107*, 21.27*); mas ao mesmo tempo faz-nos pensar nos 12 pretendentes, oriundos de Ítaca (ver 16.245-246*), e na possibilidade de, originalmente, terem sido 12 Itacenses a cortejar Penélope e, em paralelo, a praticar, cada um com a sua escrava, aquilo a que Odisseu tanto chama «atos vergonhosos» (432) como, mais realisticamente, «prazeres de Afrodite» (444) no escasso intervalo de 12 (!) versos.

443 «devereis abater as escravas com as longas espadas»: a imagem distópica da vida de escrava no mundo retratado pela poesia homérica tem agora o seu momento mais cruel e incompreensível. Nas palavras de Dawe, «o castigo das escravas culpadas é excessivo, visto que o seu crime fora a mais venial das ofensas: a fornicação com alguém de estatuto hierárquico superior» (p. 805). A morte pela espada é vista como «morte limpa» (ou «pura»: *katharós*) por Telémaco, que, num ataque de sadismo totalmente incompatível com a caraterização que o poeta dele fizera até aqui, decide enforcá-las.

444 «se esqueçam dos prazeres de Afrodite»: em rigor, «para que se esqueçam de Afrodite», caso único na poesia homérica em que o nome da deusa é usado por antonomásia com o sentido de «prazer sexual».

446-447 «as mulheres saíram, encostadas umas às outras, / em grande lamentação e vertendo lágrimas copiosas»: talvez a imagem mais confrangedora de toda a *Od*.

465-467 A absurdeza e a total irrealidade prática deste método de enforcamento são analisadas ao pormenor por Fernández-Galiano (Oxf.iii, p. 297).

475-477 «Cortaram-lhe as narinas e as orelhas com o bronze impiedoso / e arrancaram-lhe os testículos para os cães comerem, / crus. E na sua fúria deceparam-lhe ainda as mãos e os pés»: esta transformação hedionda de Telémaco no rei Équeto (18.85-87) é tão incomodativa que já houve quem propusesse (Oxf.iii, p. 304) que tenham sido só o porqueiro e o boieiro – sem Telémaco – a praticar estes atos de horripilante crueldade. Ver 21.370-371*.

498-501 «Reuniram-se em torno de Odisseu, abraçando-o; / e enquanto o abraçavam, beijavam-lhe a cabeça e os ombros / e as mãos. Dele se apoderou então uma doce saudade, / e sentiu o desejo de chorar e gritar: reconhecera-as a todas»: no fim deste canto tão problemático e sangrento, os versos finais – em que Odisseu e as escravas «boas» se beijam e se abraçam – funcionam como um pequeno bálsamo, ainda que inevitavelmente tenhamos de perguntar quão verosímil seria que todas estas 38 escravas tivessem sobrevivido a mais de 20 anos de serviço naquele palácio, que, da perspetiva delas, era um campo de trabalhos f orçados (ver 20.107*).

Canto 23

Rindo de satisfação, a anciã subiu até ao alto aposento,
para dizer à rainha que o marido estava em casa.
Os joelhos mexiam-se bem, embora os pés tropeçassem.
Postou-se junto à cabeceira e assim falou à senhora:

«Acorda, Penélope, querida filha, para veres com teus
próprios olhos aquilo por que esperaste todos os dias!
Odisseu chegou, está em casa, depois de tanto tempo!
Matou os arrogantes pretendentes, que lhe prejudicavam
a casa, dizimavam os haveres e desconsideravam o filho!»

A ela deu resposta a sensata Penélope:
«Querida ama, enlouqueceram-te os deuses — eles que podem
transtornar o juízo a quem tem excelente entendimento,
e pôr no caminho da compreensão o deslassado de espírito.
Agora deram contigo em louca. E tu que antes estavas bem de cabeça!
Porque me atormentas, quando tenho o coração cheio de dor,
dizendo coisas desvairadas e acordando-me do sono suave
que me prendera, cobrindo-me as pálpebras?
Pois nunca eu dormi tão bem, desde que Odisseu
partiu para ver Ílion-a-Malévola, cidade inominável.

Vai agora lá para baixo e volta para a sala de banquetes.
Se tivesse sido outra das escravas que me pertencem
a vir aqui, para me acordar e anunciar coisa semelhante,
rapidamente a teria mandado embora com grande rispidez.
Mas a tua idade traz-te o benefício de não receberes esse trato.»

Respondendo-lhe, assim falou a querida ama Euricleia:
«Não te atormento, querida filha: é mesmo verdade
que Odisseu regressou a casa, conforme eu disse.
É aquele estrangeiro, que todos desonraram na sala.
Mas Telémaco já sabia há muito que era ele,
mas na sua prudência ocultou os planos do pai,
para que pudesse castigar a violência daqueles arrogantes.»

Assim falou; e Penélope sentiu grande alegria. Saltou da cama
e abraçou a anciã. Dos olhos escorriam lágrimas.
E falando dirigiu-lhe palavras apetrechadas de asas:

«Mas agora diz-me, ó querida ama, com toda a verdade,
se na realidade ele regressou a casa, conforme dizes.
Como é que pôs mãos nos pretendentes desavergonhados,
um homem só? Eles andavam sempre agrupados na casa.»

Respondendo-lhe, assim falou a querida ama Euricleia:
«Não vi, nem perguntei: ouvi apenas os berros dos que
morriam. Nós, as mulheres, ficámos sentadas no recesso interior
dos nossos aposentos, aterrorizadas, com as portas fechadas,
até ao momento em que o teu filho, Telémaco, me chamou,
saindo da sala: pois assim lhe ordenara o pai.

Encontrei depois Odisseu, em pé no meio dos cadáveres,
que se espalhavam à volta no chão de piso duro,
uns em cima dos outros. Ter-te-ia alegrado a vista dele,
todo sujo de sangue, como um leão.
Agora os cadáveres estão todos empilhados junto aos portões
do pátio; mas ele purificou o belo palácio com enxofre,
tendo acendido um grande lume. Pede-me para te chamar.
Vem, pois, para que os corações de ambos enveredem
pela alegria, já que ambos sofrestes tantos males.
Agora, finalmente, se cumpriu o teu grande desejo:
ele regressou, vivo, ao seu lar; e encontra-te a ti
e ao filho no palácio. Aqueles que praticaram o mal,
os pretendentes: sobre todos eles se abateu a vingança.»

A ela deu resposta a sensata Penélope:
«Querida ama, abstém-te do regozijo e da exultação.
Sabes bem quão desejado ele aparece agora no palácio
a todos, sobretudo a mim e ao filho que gerámos.
Mas o relato que contas não pode ser verdadeiro.
Foi algum dos imortais que matou os arrogantes pretendentes,
encolerizado por causa da sua insolência dolorosa e más ações.
Não respeitaram homem algum na terra,
vil ou bem-nascido, que com eles convivesse.
Deu-lhes o desvario uma morte vergonhosa.
Mas Odisseu perdeu lá longe o regresso à Acaia. Morreu.»

Respondendo-lhe, assim falou a querida ama Euricleia:
«Minha filha, que palavra passou além da barreira de teus dentes?

Disseste que o teu marido, que está lá em baixo à lareira,
não regressará! O teu coração recusa-se sempre a acreditar.
Mas dar-te-ei agora uma outra prova claramente reconhecível:
a cicatriz, que outrora lhe infligiu um javali com o branco colmilho.
Apercebi-me dela quando lhe lavei os pés e quis logo dizer-te.
Mas ele pôs a mão sobre a minha boca: e graças à sua mente
muito sabedora do que é proveitoso, impediu-me de falar.
Vem comigo; ofereço a minha própria vida em testemunho.
Se te engano, mata-me da maneira mais horrível.»

A ela deu resposta a sensata Penélope:
«Querida ama, é-te difícil compreender os desígnios dos deuses
que são para sempre, embora tenhas bom entendimento.
Seja como for, vamos lá então ter com o meu filho,
para que eu veja os pretendentes mortos e quem os matou.»

Assim dizendo, Penélope desceu do alto aposento. No coração
muito hesitava, se haveria de interrogar o marido amado
à distância, ou se haveria de o abraçar e beijar na cabeça
e nas mãos. Depois de entrar e transpor a soleira de pedra,
sentou-se defronte de Odisseu, à luz da lareira, junto à parede
do lado oposto. Ele estava sentado junto à alta coluna;
olhava para o chão, à espera de ver se lhe falaria
a excelsa mulher, quando nele pusesse os olhos.
Mas ela ficou sentada em silêncio, dominada pelo espanto.
Umas vezes olhava para ele diretamente, para o rosto;
outras vezes não sabia se era ele, tais os farrapos que vestia.
Mas Telémaco tomou a palavra e repreendeu a mãe:

«Minha mãe, mãe terrível, dura de coração!
Porque te manténs distante de meu pai, e não te sentas
ao lado dele, para lhe falares e dirigires todas as perguntas?
Nenhuma outra mulher se manteria afastada com tal dureza
do marido que, tendo padecido tantos sofrimentos,
regressa no vigésimo ano à terra pátria.
Mas o teu coração sempre foi mais duro que uma pedra.»

A ele deu resposta a sensata Penélope:
«Meu filho, tenho o coração no peito cheio de espanto;
não consigo proferir palavra alguma, nem perguntar nada,
nem sequer olhar para ele, olhos nos olhos. Mas se ele é
na verdade Odisseu chegado a sua casa, sem dúvida ele e eu
nos reconheceremos de modo mais seguro, pois temos
sinais, que também nós sabemos, escondidos dos outros.»

Assim falou; e sorriu o sofredor e divino Odisseu, que logo
dirigiu a Telémaco palavras apetrechadas de asas:

«Telémaco, deixa que a tua mãe me ponha à prova,
aqui na sala de banquetes; depressa verá tudo com clareza.
Agora, porque estou esfarrapado e vestido com roupas vis,
desdenha-me e não quer reconhecer que sou Odisseu.

Quanto a nós, pensemos como tudo correrá da melhor forma:
pois quem quer que mate só um homem numa cidade
(ainda que esse não deixe muitos parentes que o vinguem),
exila-se, deixando para trás a família e a terra pátria.
Mas nós matámos os baluartes da cidade, os jovens

mais nobres de Ítaca: peço-te que reflitas sobre isto.»

A ele deu resposta o prudente Telémaco:
«Considera tu, querido pai, essa questão; pois diz-se
que a tua inteligência supera a dos outros homens,
nem nenhum mortal poderia contigo competir.
Nós te seguiremos com afinco: não penso que te
faltará apoio, tanto quanto permitir a nossa força.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Dir-te-ei então aquilo que me parece melhor.
Primeiro tomai banho e vesti as vossas túnicas;
dizei às escravas no palácio que tragam as roupas.
E que o divino aedo com a sua lira de límpido som
nos conduza na dança deleitosa, para que quem ouvir
lá de fora, quer seja alguém que aqui habite, ou alguém
que passa no caminho, pense que celebramos uma boda.
E assim não se espalhará pela cidade a notícia da morte
dos pretendentes, antes que nós saiamos para os nossos
campos bem arborizados. Aí, de seguida, pensaremos
sobre a proveitosa vantagem que nos mostrar o Olímpio.»

Assim falou; e eles ouviram e obedeceram às suas palavras.
Primeiro tomaram banho e vestiram as túnicas;
arranjaram-se também as mulheres. E o divino aedo
foi buscar a lira cinzelada e neles suscitou o desejo
do doce canto e da dança irrepreensível.
A sala de banquetes ressoou devido aos passos
de homens que dançavam e de belas mulheres.

E assim dizia quem, fora da casa, ouvia o som:
«Decerto alguém desposou a rainha muito cortejada.
Mulher dura, que não se dispôs a guardar a casa
do esposo glorioso, até que ele regressasse.»
Assim diziam; mas sem saber o que se passava.

Entretanto ao magnânimo Odisseu deu banho
a governanta Eurínome, ungindo-o com azeite.
Atirou-lhe por cima uma bela capa e uma túnica.
Foi então que Atena lhe derramou grande beleza sobre a cabeça;
fê-lo mais alto de aspeto e mais forte. Da cabeça
fez crescer cabelos crespos, semelhantes à flor hiacintina.
Tal como derrama ouro sobre prata um artífice,
a quem Hefesto e Atena ensinaram toda a espécie
de técnicas, e assim faz uma obra graciosa — assim a deusa
derramou a graciosidade sobre a cabeça e os ombros de Odisseu.
Saiu do banho, igual de corpo aos deuses imortais.
Sentou-se de novo na cadeira donde se tinha levantado,
defronte da mulher; e começou por lhe dizer estas palavras:

«Mulher incompreensível, mais do que a qualquer outra mulher
foi a ti que deram um coração inflexível os que no Olimpo habitam.
Nenhuma outra mulher se manteria afastada com tal dureza
do marido que, tendo padecido tantos sofrimentos,
regressa no vigésimo ano à terra pátria.
Agora, ó ama, faz-me uma cama, para que me deite.
Na verdade o coração dela é feito de ferro.»

A ele deu resposta a sensata Penélope:
«Homem incompreensível, não sou orgulhosa nem te desdenho.
Também não me espanto, pois lembro-me bem como eras
quando partiste de Ítaca na tua nau de longos remos.
Vai lá, ó Euricleia, e faz-lhe a cama robusta,
fora do quarto bem construído, que ele próprio fez.
Depois de teres tirado para fora a robusta cabeceira,
põe cobertores, velos e mantas resplandecentes.»

Assim falou, para pôr à prova o marido. Mas Odisseu
encolerizou-se e assim disse à esposa fiel:
«Mulher, na verdade disseste uma palavra dolorosa!
Quem é que mudou o lugar da minha cama? Difícil seria
até para quem tivesse grande perícia, a não ser que tenha
vindo um deus, que facilmente a colocou noutro lugar.
Mas não há homem vivo entre os mortais, ainda que jovem,
que fosse capaz de tirar de lá a cama, pois um sinal notável foi
incorporado na cama trabalhada que eu (e mais ninguém!) fiz.
Dentro do pátio crescia uma oliveira verdejante,
forte e vigorosa, cujo tronco se assemelhava a uma coluna.
Em torno dela construí o quarto nupcial, até que o completei
com pedras bem justas e por cima pus um telhado.
Acrescentei depois portas duplas, bem ajustadas.
Em seguida desbastei a folhagem da oliveira verdejante;
acertei o tronco desde a raiz e alisei-o, utilizando a enxó
com grande perícia, endireitando-o por meio de um fio.
Foi assim que fiz a cabeceira. Depois tudo perfurei com trados.
Tendo assim começado, passei ao relevo artístico,
adornando a cama com ouro, prata e marfim.

Pendurei ainda uma correia de couro, brilhante de púrpura.
Assim te nomeio o sinal notável. Mas não sei, ó mulher,
se a minha cama ainda está no sítio onde estava,
ou se alguém a levou, cortando o tronco da oliveira.»

Assim falou; e enfraqueceram-se os joelhos e o coração
de Penélope, ao reconhecer os sinais que indicara Odisseu.
Rompendo em lágrimas, correu para o marido: em torno dele
atirou os braços e beijou-lhe a cabeça, dizendo:

«Não te enfureças contra mim, Odisseu: sempre foste em tudo
o mais compreensivo dos homens. Os deuses deram-nos a dor,
eles que por inveja não permitiram que ficássemos juntos
a desfrutar da juventude, para depois chegarmos ao limiar da velhice.
Mas agora não te encolerizes nem enfureças contra mim
porque, ao princípio, quando te vi, não te abracei logo.
É que o coração no meu peito sentia sempre um calafrio quando
pensava que aqui poderia vir algum homem que me enganasse
com palavras. Muitos só pensam no mau proveito.
Helena, a Argiva, filha de Zeus, nunca se teria deitado
em amor com um homem estrangeiro, se soubesse
que os filhos belicosos dos Aqueus a trariam
novamente para casa, para a amada terra pátria.
Porém o deus levou-a a cometer um ato vergonhoso;
e ela não ponderou antecipadamente no coração
o castigo amargo, a partir do qual viria para nós a tristeza.
Mas agora que já enumeraste com clareza os sinais
da nossa cama, que nunca nenhum mortal viu,

além de ti e de mim e de uma só escrava,
Actóride, que me deu meu pai quando vim para esta casa,
e que guardava as portas do nosso quarto nupcial —
agora convenceste o meu coração, antes tão incrédulo.»

Assim falou, nele provocando ainda mais o desejo de chorar.
Chorou, abraçado à esposa amada, mulher sensata e fiel.
Tal como a vista da terra é grata aos nadadores
cuja nau bem construída Posídon estilhaçou no mar
ao ser levada pelo vento e pelo inchaço das ondas;
mas alguns escaparam a nado do mar cinzento e chegam
à praia com os corpos empastados de sal, pondo o pé
em terra firme com gratidão, porque fugiram à morte —
assim, para Penélope, era grata a visão de Odisseu.
Abraçando-lhe o pescoço, não desprendeu os alvos braços.

E enquanto choravam teria surgido a Aurora de róseos dedos,
se outra coisa não tivesse ocorrido à deusa de olhos garços Atena.
Reteve o fim do longo percurso da noite; reteve junto das correntes
do Oceano a Aurora de trono dourado e não a deixou atrelar
os cavalos velozes que trazem a luz para os mortais,
Lampo e Faetonte, os poldros que levam a Aurora.

Em seguida disse à esposa o astucioso Odisseu:
«Mulher, não chegámos ainda ao termo das provações,
mas temos pela frente uma provação desmedida, grande
e difícil, que é necessário cumprir até ao fim.

Foi isso que me profetizou o fantasma de Tirésias,
naquele dia em que desci até à mansão de Hades
para me informar sobre o regresso dos companheiros.
Mas agora, minha mulher, vamos para a cama,
para nos deitarmos e fruirmos do sono suave.»

A ele deu resposta a sensata Penélope:
«Terás a tua cama pronta assim que o teu coração
quiser, visto que os deuses te fizeram regressar
à tua casa bem construída e à tua terra pátria.
Mas porque te lembraste dela, e um deus ta recordou ao espírito,
fala-me dessa provação, pois no futuro ouvirei falar dela,
e não será pior saber já do que se trata.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Mulher surpreendente! Porque me perguntas isso agora?
Mas contar-te-ei tudo, sem nada te ocultar; no entanto
nenhuma alegria sentirá teu coração com o relato.
Nem eu próprio me alegro, uma vez que Tirésias me mandou
percorrer as cidades de muitos homens, segurando um remo
de bom manejo, até chegar junto de quem o mar não conhece,
homens que na comida não misturam o sal,
nem conhecem as naus de rebordos vermelhos,
nem os remos de bom manejo, que às naus dão asas.
E deu-me um sinal claro, que não te ocultarei:
quando outro viandante me encontrar e me disser
que ao belo ombro levo uma pá de joeirar,
então deverei fixar no chão o remo de bom manejo,
oferecendo belos sacrifícios ao soberano Posídon,

um carneiro, um touro, um javali que acasalou com porcas;
disse que regressarei a casa e oferecerei sacras hecatombes
aos deuses imortais, que o vasto céu detêm,
a todos por ordem; e do mar sobrevirá para mim
a morte brandamente, que me cortará a vida
já vencido pela opulenta velhice; e em meu redor
os homens viverão felizes: tudo isto eu verei cumprir-se.»

A ele deu resposta a sensata Penélope:
«Se na verdade os deuses te vão conceder uma velhice feliz,
há ainda esperança de que possas afastar os outros males.»

Foram estas as coisas que disseram um ao outro.
Entretanto Eurínome e a ama tinham feito a cama
com macios lençóis, à luz das tochas ardentes.
Depois de terem feito a cama com grande esmero,
a anciã foi para o seu próprio quarto dormir.
Mas Eurínome, criada do tálamo, conduziu-os
para o leito, segurando na mão uma tocha.
Depois de os levar ao quarto, retirou-se. E eles
de seguida chegaram felizes ao ritual do leito conhecido.

E Telémaco, o boieiro e o porqueiro puseram fim
aos passos da dança e disseram às mulheres para parar.
Deitaram-se para dormir no palácio cheio de sombras.

Mas depois que eles satisfizeram o seu desejo
de amor, deleitaram-se com palavras, contando tudo um ao outro.

Contou-lhe tudo o que no palácio sofrera a divina entre as mulheres,
ao olhar para a hoste detestável dos pretendentes,
que por causa dela muitas vacas e robustas ovelhas
sacrificaram, e grandes quantidades de vinho beberam.
E Odisseu, criado por Zeus, contou-lhe os sofrimentos
que infligira a outros, assim como aqueles que ele próprio
padecera. E ela deleitou-se ao ouvi-lo, e o sono
não lhe caiu sobre as pálpebras até que tivesse tudo dito.

Ele começou por contar como primeiro venceu os Cícones
e chegou depois à terra fértil dos Lotófagos.
Também tudo o que fez o Ciclope, e como pagou o preço
pelos corajosos companheiros, que devorara sem piedade.
E também como chegou a Éolo, que o acolheu de modo
gentil, mas não era ainda o seu destino regressar à terra
pátria; mas de novo uma tempestade o arrebatara
e levara pelo mar piscoso, com gemidos de lamentação.
Também como foi ter a Telépilo dos Lestrígones,
que lhe destruíram as naus e os companheiros de belas
cnémides todos, salvando-se só Odisseu na sua nau escura.
Falou-lhe dos dolos e variados artifícios de Circe
e do modo como chegou à mansão bolorenta de Hades,
para interrogar o fantasma do tebano Tirésias, na nau
de muitos remos; falou-lhe de ter visto todos os companheiros
e a mãe, que o deu à luz e criou quando era criança.
E ainda de como ouviu a voz das Sereias (enxame de cantos!),
e de como chegou às Planctas e à terrível Caríbdis
e a Cila, da qual nunca os homens fogem ilesos.

Contou-lhe como os companheiros mataram os bois
do Sol e como Zeus, que troveja nas alturas, arremessou
contra a nau um relâmpago candente, perecendo todos
os companheiros, ao passo que só ele escapou ao destino.
E ainda como foi ter à ilha de Ogígia e à ninfa Calipso,
que o reteve, ansiosa de que se tornasse seu marido,
nas côncavas grutas, tratando dele e prometendo
que o faria imortal, livre para sempre da velhice.
Mas não logrou convencer o coração no seu peito.

E assim chegou aos Feaces, padecendo muitas dores,
que o honraram como se ele fosse um deus
e lhe deram transporte numa nau até à terra pátria.
Deram-lhe bronze, ouro e belas tapeçarias.

Foi este o termo do relato que contou; depois se abateu
sobre ele o sono, que deslassa os membros dos homens,
libertando o seu coração de todas as preocupações.

Foi então que ocorreu outra coisa à deusa de olhos garços Atena.
Quando considerou no seu coração que Odisseu se teria
já saciado de estar deitado a dormir com a mulher,
logo chamou do Oceano a Aurora de trono dourado,
que cedo desponta para trazer a luz aos homens. E Odisseu
levantou-se da cama macia, e assim disse a Penélope:

«Mulher, já tivemos ambos a nossa conta de sofrimentos:
tu chorando aqui em casa por causa do meu regresso difícil;
e eu porque Zeus e os outros deuses me ataram com desgraças,

longe da terra pátria, embora a ela eu quisesse regressar.
Agora que chegámos ambos ao leito do nosso desejo,
tu deverás guardar as riquezas que tenho no palácio.
Quanto aos rebanhos que os arrogantes destruíram,
muitos outros obterei com despojos, e outros serão
restituídos pelos Aqueus, até que me encham os redis.
Mas eu irei agora para o campo bem arborizado,
para ver o meu pai valoroso, que sofre por minha causa.
A ti, minha esposa, dou esta incumbência, pois és sensata:
assim que o Sol nascer, espalhar-se-á a notícia
sobre os pretendentes que matei na sala de banquetes.
Por isso deverás ir para o teu alto aposento com as escravas:
fica lá sentada. Não olhes para ninguém, nem faças perguntas.»

Assim falou. De seguida pôs nos ombros a bela armadura
e foi acordar Telémaco, o boieiro e o porqueiro.
Ordenou-lhes a todos que tomassem armas de guerra.
Eles não desobedeceram, mas vestiram-se de bronze.
Abriram as portas e saíram, com Odisseu à frente.

Já a luz se derramava sobre a terra. Mas à volta deles Atena
manteve a noite e levou-os depressa para fora da cidade.

Notas ao Canto 23

3 «embora os pés tropeçassem»: não se sabe ao certo o sentido deste verbo raríssimo, *huperiktaínô*. A colocação no final do verso da forma *huperiktaínonto* dá um destaque enorme à palavra, já que cria um hexâmetro com o quinto pé espondaico.

19 «Ílion-a-Malévola»: ver 19.260*.

29 «Mas Telémaco já sabia há muito que era ele»: este «há muito» (*pálai)* afigura-se-nos algo exagerado, se atendermos ao facto de – colocando-nos no dia em que Euricleia está agora a falar a Penélope – o reconhecimento entre Telémaco e Odisseu ter acontecido antes de ontem.

40-57 Neste relato feito por Euricleia sobre os recentes acontecimentos no palácio, damos pela falta de uma informação importante: o que aconteceu às escravas que a própria Euricleia denunciou a Odisseu. O tema das transgressões sexuais das escravas foi sempre tratado, no poema, desde a sua primeira aparição no Canto 16, de um modo que por vezes nos pareceu contraditório (16.108-109*, 19.500*) e, outras vezes, metido à força (cf. 19.497-498*, 20.6-8*). Teria havido uma versão da *Od*. em que os pretendentes não abusavam das escravas e da qual, por conseguinte, o horrendo enforcamento das desgraçadas estava ausente? Este discurso de Euricleia abre essa possibilidade. Nas palavras de Dawe (p. 810), «in this report to Penelope nothing is said of what happened to the maids – possibly because nothing did».

86 «marido amado»: esta expressão levanta um interessante problema de focalização narrativa, no sentido em que estamos a viver a entrada de Penélope na sala através dos sentimentos da própria Penélope e não através dos de Odisseu, como pode ler-se em 85-88: «Penélope desceu do alto aposento. No coração / muito hesitava, se haveria de interrogar o marido amado / à distância, ou se haveria de o abraçar e beijar na cabeça / e nas mãos.» Ao usar «marido amado», o poeta está a garantir-nos que, no espírito de Penélope, o homem sentado na sala, à espera dela, é mesmo Odisseu? I. de Jong (p. 551) opinou que a expressão não implica necessariamente que Penélope reconheceu o homem como sendo seu marido: pode ser entendida como «o homem que Euricleia diz ser o meu marido amado».

97-103 Telémaco profere mais uma vez um discurso cheio de elementos fascinantes para quem se interesse por psicanálise. O verso inicial contém o jogo de palavras *mêter*, *dúsmêter*, (à letra, «mãe, má mãe») que encontramos na *Il*. (à letra, «Páris, Mau-Páris»), quando Heitor mostra o seu desprezo pelo irmão (*Il*.3.39, 13.769), criticando-o pela devassidão sexual. A acusação final de Telémaco

(«Mas o teu coração sempre foi mais duro que uma pedra» [103]) é especialmente dura (para usar o termo dele).

110 «sinais, que também nós sabemos, escondidos dos outros»: a palavra traduzida por «também» (*kaí*) tem causado estranheza aos estudiosos, já desde o século XIX (ver Oxf.iii, p. 323).

121-122 «Mas nós matámos os baluartes da cidade, os jovens / mais nobres de Ítaca: peço-te que reflitas sobre isso»: agora ouvimos o mecanismo a ranger que preparará o problemático Canto 24. O facto de Odisseu se referir somente aos Itacenses mortos leva-nos de novo a perguntar quem e quantos eram os pretendentes em versões da *Od*. anteriores à nossa (ver 16.245-246*).

127-128 Versos que ocorrem em *Il*.13.785-786, omitidos em dois papiros helenísticos e em muitos manuscritos bizantinos (colocados entre parênteses retos na ed. de Estugarda).

147 «de homens que dançavam e de belas mulheres»: este é um dos versos mais curiosos da *Od*. porque praticamente só tem sílabas longas (apenas o quinto pé é dactílico). No entanto, o verso fala de dança – o que levanta duas perguntas: as sílabas longas pretendem sugerir a coreografia *à terre* (como se diz em *ballet*) da dança? Ou o facto de termos aqui estas sílabas longas não passa de coincidência, sem qualquer significado? Sobre a controversa interligação entre semântica e métrica, ver 11.598*.

157-162 Reconhecemos aqui os mesmos versos que ocorreram em 6.230-235, quando Atena embelezou Odisseu para suscitar o encantamento de Nausícaa. Muitos estudiosos duvidam da adequação destes versos no presente contexto e, na ed. de Estugarda, os versos 157-162 são simplesmente dados como inautênticos, colocados entre parênteses retos. A questão que nos podemos colocar é a seguinte: até que ponto era necessário restituir qualquer tipo de esplendor físico a alguém que não só tivera força para armar o arco no Canto 21, mas também acabara de matar aproximadamente 100 homens no Canto 22? É possível acreditar no velhote quebrantado e engelhado em que, no Canto 13, Atena transforma o homem «de pele negra» (16.175-176*) que só no Canto 13 tem cabelos loiros (13.399, 431)? São tantas as contradições a propósito do aspeto físico de Odisseu na segunda parte da *Od*. que o leitor, neste momento do poema, já lhes perdeu a conta. Veja-se, ainda assim, o que comentámos em 18.67-70*.

166 «Mulher incompreensível»: tanto aqui como em 174 temos a problemática palavra *daimónios* (no vocativo), cujas dificuldades de tradução comentámos em 4.774*.

168-170 Repetição mecânica das palavras de Telémaco (100-102), as quais já não eram maravilhosas na boca de Telémaco e agora, na boca de Odisseu, são piores ainda.

184 «Quem é que mudou o lugar da minha cama?»: sobre a cama de Odisseu, ver J.N. O'Sullivan, «The Sign of the Bed: *Odyssey* 23.175 ff.», *Greek, Roman and Byzantine Studies* 25 (1984), pp. 21-25.

188 «sinal notável»: em grego, *méga sêma*. A palavra *sêma*, no plural, ocorrera em 110, proferido por Penélope. Ocorrerá em 206 (também no plural), quando o poeta descreve a reação de Penélope; e depois ocorrerá novamente em 225 (outra vez na boca de Penélope).

218-221 «Helena, a Argiva, filha de Zeus, nunca se teria deitado / em amor com um homem estrangeiro, se soubesse / que os filhos belicosos dos Aqueus a trariam / novamente para casa»: o

pensamento de Penélope não é claro; mas, se tomarmos as suas palavras à letra, diríamos ser seu intuito afirmar que, para a mulher, o pior de uma relação extraconjugal é ter de voltar para o marido – e só por isso ela, Penélope, não cometeu o «ato vergonhoso» de Helena, porque, contrariamente a esta, «ponderou antecipadamente no coração» o castigo amargo.

222-223 Note-se, mais uma vez, a causalidade dupla (cf., por exemplo, 22.347-348*): «o *deus levou-a* a cometer um ato vergonhoso; / e *ela não ponderou* antecipadamente no coração».

228 «Actóride»: quem será? Até esta sua menção por Penélope, nunca antes ouvíramos falar dela. Terá morrido durante a longa ausência de Odisseu? É esta a suposição de Danek (p. 451). Em 289, veremos que quem prepara a cama é a dupla constituída por Euricleia e Eurínome – o único momento da *Od*. em que estas duas escravas trabalham em equipa.

233-239 «Tal como a vista da terra é grata aos nadadores / cuja nau bem construída Posídon estilhaçou no mar / ao ser levada pelo vento e pelo inchaço das ondas; / mas alguns escaparam a nado do mar cinzento e chegam / à praia com os corpos empastados de sal […]»: este lindíssimo símile – sem dúvida dos mais belos de toda a poesia homérica – vai-se desenrolando ao longo de seis hexâmetros (com a «nobre simplicidade» e a «grandiosidade calma» que Winckelmann tanto apreciou na arte grega[1]) até introduzir o elemento-surpresa, que reverte e subverte as pressuposições com que nós, ouvintes/leitores, o acolhêramos: «assim, para *Penélope*, era grata a visão de Odisseu». Toda a experiência da errância e do naufrágio – que constituiria uma barreira experiencial entre os esposos reunidos (pois como poderia ela pôr-se na pele de quem viveu aquilo por que ele passou por causa dela?) – é transferida, mercê do símile, para Penélope, a quem se reconhece, no plano da poesia, que os 20 anos passados sem Odisseu foram 20 anos de naufrágio, agora superados com a chegada à praia do reencontro.

238-239 «em terra firme com gratidão, porque fugiram à morte – assim, para Penélope, era grata a visão de Odisseu»: estes versos são muito difíceis de traduzir por causa do valor do adjetivo *aspásios* em 238 e de *aspastós* em 239. Ambas as palavras pertencem à família semântica do verbo *aspázomai*, «dar as boas-vindas», «saudar», a que pertence também a palavra *aspasmós*, com o sentido de «saudação», que atravessa toda a história do grego (tanto a encontramos nas elegias homoeróticas de Teógnis no século VI a.C. como nos evangelhos de Mateus [23:7] e de Marcos [12:38]). Existe também um elemento semântico de «gratidão» nestas palavras; assim, em 238, o sentido predominante de *aspásios* (na frase grega aplicado aos náufragos, *aspásioi*) será o de «grato», ao passo que em 239 o sentido predominante de *aspastós* é «bem-vindo».

243-244 «Reteve o fim do longo percurso da noite; reteve junto das correntes / do Oceano a Aurora de trono dourado»: embora não se possa dizer que o tema da interferência de uma divindade no curso normal do dia e da noite seja não-homérico (já que existe o paralelo oferecido por *Il*.18.239-241), vários foram os estudiosos nas primeiras décadas do século XX (nomeadamente Wilamowitz e Finsler: ver Oxf.iii, p. 339) a sentirem que, a partir deste momento, a *Od*. entra em fase de prolongamento artificial da sua narrativa, suposição teoricamente sustentável pelo facto de os escólios nos preservarem a informação de que, na época helenística, tanto para Aristófanes de Bizâncio como para Aristarco, a *Od*. acabava naquilo que é o nosso verso 296 do Canto 23. Para

alguns estudiosos (cf. W. Theiler, «Vermutungen zur Odyssee», *Museum Helveticum* 7 [1950], pp. 102-122, especialmente p. 108), toda a sequência 23.241-288 é um acrescento posterior. No entanto, há dois grandes problemas no que toca à aceitação do ponto de vista de Aristófanes de Bizâncio e de Aristarco, problemas esses cuja magnitude se mede pelos nomes dos seus pontas de lança: Platão e Aristóteles. Ver 296*.

246 «Lampo e Faetonte»: os nomes dos cavalos da Aurora são a versão masculina dos nomes das filhas do Sol, Lampécia e Faetusa, que tivemos a honra de conhecer em 12.132.

248 «Mulher, não chegámos ainda ao termo das provações»: as narrativas épicas na Grécia, como sabemos, eram cantadas em «ciclos» sob a forma de histórias literalmente intermináveis, em que havia sempre mais um episódio a acrescentar a qualquer episódio clausular, por muito conclusivo que pudesse parecer. Esta conceção de epopeia (à guisa de *Star Wars* I-VIII – e a saga continua…) possibilitou que a continuação da *Ilíada* fosse a *Etiópide* e a da *Odisseia*, a *Telegonia* (sobre estas continuações épicas, que chegaram até nós sob a forma de fragmentos, ver o já citado livro de West *The Epic Cycle*, Oxford, 2013), sempre com a possibilidade de se ir acrescentando mais episódios e mais histórias – a ponto de, no século III a.C., cansado destas histórias intermináveis compostas por poetas de vigésima categoria, o poeta e estudioso da poesia homérica Calímaco ter desabafado: «Odeio o poema cíclico» (Epigrama 28).

251-252 «Foi isso que me profetizou o fantasma de Tirésias, / naquele dia em que desci até à mansão de Hades»: para todos os efeitos, Penélope recebe esta informação (de pôr os cabelos em pé a qualquer outra pessoa) sem pestanejar, dado que responde: «terás a tua cama pronta» (257). *Mutatis mutandis*, é como se alguém respondesse à confissão de um amigo – «tive uma experiência além-morte» – com a pergunta «então onde é que vamos jantar?».

267-269 «Tirésias me mandou / percorrer as cidades de muitos homens, segurando um remo / de bom manejo»: retomamos aqui 11.121-134, com pequenas alterações. Contra as posições críticas mencionadas em 243-244*, F. Dornseiff formulou uma defesa interessante da relevância poética da última viagem de Odisseu em «Odysseus' letzte Fahrt», *Hermes* 72 (1937), pp. 351-355.

296 «chegaram felizes ao ritual do leito conhecido»: o adjetivo grego traduzido por «felizes» é *aspásioi*, que comentámos em 238-239*. Segundo os escólios, como já referimos, este verso marcava para alguns estudiosos helenísticos (Aristófanes de Bizâncio, Aristarco) o fim da *Od*. No entanto, a aceitação desta posição crítica esbarra contra dois pesos-pesados: nada menos que Platão e Aristóteles. Platão, com efeito, cita *Od*.24.6-9 na *República* (387a): para ele, claramente, a *Od*. não acabava aqui. Quanto a Aristóteles, afirmou na sua *Retórica* (1417a 12) que Homero reduziu tudo o que Odisseu narrou a Alcínoo a 60 versos (mas as contas do Estagirita não batem certo com a nossa *Od*.), quando Odisseu contou as mesmas errâncias a Penélope. Também para Aristóteles, por conseguinte, a *Od*. não acabava na cama do casal, como para os estudiosos posteriores da Biblioteca de Alexandria.

300-301 «depois que eles satisfizeram o seu desejo / de amor»: o verbo está conjugado no dual, portanto refere-se a Odisseu e Penélope (e não ao improvável *ménage à trois* constituído por Telémaco, o boieiro e o porqueiro, que teria realidade gramatical se o poeta tivesse usado o plural:

note-se que as divisórias na tradução, que dão ao texto o aspeto de estar dividido em «estrofes», são meramente sugestão gráfica e não têm qualquer correspondência no texto grego, em que os hexâmetros se seguem uns aos outros sem divisória).

310-341 Neste resumo de tudo o que aconteceu nos 20 anos em que esteve ausente, há algo que falta clamorosamente nas palavras de Odisseu: os primeiros 10 anos passados em Troia. Dawe (p. 830) recorda o veredito de três grandes homeristas alemães sobre o valor poético deste resumo da *Od*.: «magnífico» (Schadewaldt); «mau» (Finsler); «meh» (Kammer; em alemão, *nicht übel*).

310 «Ele começou por contar como primeiro venceu os Cícones»: começou, mas começou mal. Pois Odisseu não venceu os Cícones; estes é que o venceram a ele (9.59-61).

320 Verso omitido por dois papiros helenísticos e colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda (na verdade, os Lestrígones, no Canto 10, não mataram os companheiros «todos»).

324 «todos os companheiros»: que grande mentira (ver 11. 51*).

326 «E ainda de como ouviu a voz das Sereias (enxame de cantos!)»: o que lemos, à letra, neste verso é a expressão «Sereias enxameantes», o que contradiz totalmente o episódio das Sereias no Canto 12. Aproveitando a sugestão oportuna de Dawe (p. 827), optei por transferir o «enxame» para os próprios cantos sirénicos.

371-372 «à volta deles Atena / manteve a noite e levou-os depressa para fora da cidade»: em 7.15 assistimos ao momento de ficção científica em que Atena esconde Odisseu com uma nuvem de nevoeiro. Aqui o poeta está em maré ainda mais criativa: já com a luz a derramar-se sobre a terra (371), a cada uma das quatro personagens correspondem quatro pedaços de noite ambulante e adesiva, que oculta as quatro figuras humanas, numa antecipação do famoso filme de James Whale *The Invisible Man* (1933).

---

1 J.J. Winckelmann, *Gedanken über die Nachahmung der griechischen Werke in der Mahlerey und Bildhauer-Kunst*, Dresden & Leipzig, 1756, p. 21. Os termos em alemão são *edle Einfalt* e *stille Größe*.

Canto 24

As almas dos pretendentes foram chamadas por Hermes,
deus de Cilene, que segurava nas mãos a bela vara
de ouro, com que enfeitiça os olhos dos homens
a quem quer adormecer; ou então outros acorda do sono.
Com esta vara acordou as almas, que o seguiram, guinchando.
Tal como no recesso de uma caverna misteriosa os morcegos
esvoaçam e guincham quando um deles cai da rocha
onde se agarram, enfileirados, uns aos outros —
assim guinchavam as almas à medida que desciam.

E o Auxiliador, Hermes, levou-as por caminhos bolorentos:
chegaram às correntes do Oceano e ao rochedo branco;
passaram além dos portões do Sol e da terra dos sonhos
e chegaram rapidamente às pradarias de asfódelo,
onde moram as almas, fantasmas dos que morreram.
Encontraram a alma de Aquiles, filho de Peleu;
e a de Pátroclo; e a do irrepreensível Antíloco;
e a de Ájax, que superava na beleza do corpo
todos os Dânaos, à exceção do irrepreensível Pelida.

Reuniram-se em torno de Aquiles e logo se aproximou
a alma de Agamémnon, filho de Atreu, entristecida;

Em seu redor outras se congregavam; e outras havia que em casa
de Egisto com ele foram assassinadas e seu destino encontraram.

A primeira a falar foi a alma do Pelida:
«Atrida, sempre dissemos que por Zeus, Lançador do Trovão,
foste tu o mais estimado de todos os homens, toda a tua vida,
porque foste soberano de muitos e valentes súbditos
lá na terra de Troia, onde nós Aqueus sofremos desgraças.
Mas na verdade para ti sobreviria cedo um destino
cruel, destino esse a que não foge quem tenha nascido mortal.
Teria sido melhor se, na posse da honra de que eras detentor,
tivesses encontrado a morte e o destino na terra dos Troianos.
Todos os Aqueus te teriam erguido um túmulo,
e terias para o teu filho enorme glória alcançado para o futuro.
Mas agora vemos que estavas fadado a uma morte confrangedora.»

A ele, por sua vez, deu resposta a alma do Atrida:
«Venturoso filho de Peleu, Aquiles igual aos deuses!
Tu morreste em Troia, longe de Argos; e à tua volta
morreram os mais nobres filhos dos Troianos e dos Aqueus,
lutando pela posse do teu corpo, num vendaval de poeira;
tu jazias, grande na tua grandeza, já olvidado dos carros de cavalos.
Porém, nós esforçámo-nos todo o dia; e nunca teríamos
desistido da peleja, se o furacão de Zeus não nos tivesse parado.
Depois que do combate levámos o teu corpo para as naus,
deitámo-lo num leito, e lavámos o teu belo corpo

com água morna e unguento. Muitas lágrimas candentes
verteram os Dânaos por ti, cortando os cabelos em tua honra.
Emergiu do mar a tua mãe com as imortais criaturas marinhas,
quando ouviu a notícia. Do mar ressoou um grito
sobrenatural, e o terror dominou todos os Aqueus.
Nesse momento ter-se-iam precipitado para as côncavas naus,
se os não tivesse impedido um homem conhecedor de muitas coisas
antigas: Nestor, cujos conselhos já antes se afiguraram os melhores.
Dirigiu-se bem-intencionado a todos com estas palavras:

"Parai todos, ó Argivos! Não fujais, ó mancebos dos Aqueus!
É a mãe de Aquiles que emerge do mar com as imortais
criaturas marinhas, para contemplar o rosto do filho morto."

Assim falou; e desistiram da fuga os magnânimos Aqueus.
As filhas do Velho do Mar tinham-se posicionado em volta:
choravam, emocionadas; e vestiram-te com vestes imortais.
As nove Musas, todas elas, entoaram com bela voz o treno
antifonal: não terias visto qualquer Aqueu que não chorasse,
de tal forma lhes comoveu o espírito a Musa de límpido canto.
Durante dezassete noites e igual número de dias te chorámos:
tanto os deuses imortais como os homens mortais.
Ao décimo oitavo dia entregámos-te ao fogo; e à tua volta
sacrificámos muitas ovelhas e bois de chifres recurvos.
Assim foste cremado, vestido como um deus, com muito
unguento e doce mel; e numerosos heróis Aqueus
desfilaram armados em torno do fogo ardente,

peões e cavaleiros. Ecoou um barulho retumbante.
Mas depois que te consumiu a chama de Hefesto,
reunimos ao nascer do dia os teus ossos brancos,
ó Aquiles, e depusemo-los em vinho e unguentos.
Dera-nos a tua mãe uma urna dourada, de asa dupla:
oferenda (segundo se dizia) de Dioniso; trabalho
do famigerado Hefesto. Aí estão teus ossos, ó Aquiles,
misturados com os do falecido Pátroclo, filho de Meneceu;
mas em separado ficaram os de Antíloco, a quem honraste mais do que todos os outros companheiros, depois do falecido Pátroclo.
Sobre eles amontoámos um túmulo grande e irrepreensível
— nós, o sagrado exército de lanceiros dos Aqueus —
num promontório, perto do plano Helesponto,
para que fosse avistado do mar pelos homens,
tanto os de agora como os que estão para nascer.
Aos deuses pediu a tua mãe lindíssimos prémios e colocou-os
no sítio dos concursos atléticos para os príncipes dos Aqueus.
Já terás estado presente nos jogos fúnebres de heróis,
quando, após a morte de um rei, os mancebos
se equipam para competir pelos prémios;
se aqueles jogos tivesses visto, muito se teria o teu coração admirado!

Tais eram os belos prémios que depusera a deusa,
Tétis de pés prateados! Muito caro foste tu aos deuses!
Deste modo até na morte não perdeste o nome, mas para sempre a tua fama será excelente entre os homens, ó Aquiles.

Mas para mim, que prazer foi o meu, quando atei os fios da guerra?
Para o meu regresso congeminou Zeus uma morte amarga,
às mãos de Egisto e da minha esposa detestável.»

Foram estas as coisas que disseram um ao outro.
Mas aproximou-se o mensageiro Argeifonte,
conduzindo as almas dos pretendentes, mortos por Odisseu;
e os dois heróis, espantados, foram ao encontro das almas,
assim que as viram. A alma de Agamémnon reconheceu
o filho amado de Melaneu, o glorioso Anfimedonte.
Pois dele tinha recebido hospitalidade em Ítaca.

Foi a alma de Agamémnon a primeira a falar:
«Anfimedonte, que vos aconteceu? Pois desceis todos para debaixo da terra negra, escolhidos e da mesma idade. Outra escolha
não haveria, se fosse caso de escolher os mais nobres de Ítaca.
Será que nas vossas naus Posídon vos fez perecer,
tendo levantado ventos perigosos e altas ondas?
Ou ter-vos-ão homens ímpios atacado em terra firme,
quando tentastes levar-lhes o gado e os belos rebanhos,
ou quando combatiam em defesa da cidade e das mulheres?
Diz-me, já que pergunto. Declaro que sou amigo da tua família.
Não te lembras de mim, quando vim para vossa casa
com o divino Menelau, para convencer Odisseu
a seguir connosco para Ílion nas naus bem construídas?
Levou-nos um mês a atravessar o vasto mar, depois que
com dificuldade convencemos Odisseu, Saqueador de Cidades.»

Respondendo-lhe, assim falou a alma de Anfimedonte:
«Glorioso Atrida, Agamémnon, Soberano dos Homens!
Lembro-me de tudo o que dizes, ó tu criado por Zeus!
Contar-te-ei tudo com verdade e sem rodeios:
o termo maligno da nossa morte, tal como aconteceu.
Éramos pretendentes da mulher do ausente Odisseu.
Mas ela não recusava a boda odiosa, nem se decidia,
planeando para nós no seu espírito a morte e o destino.
Também este engano congeminou em seu coração:
colocando um grande tear nos seus aposentos
— amplo, mas de teia fina — foi isto que nos veio declarar:

“Jovens, meus pretendentes! Visto que morreu o divino Odisseu,
tende paciência (embora me cobiceis como esposa) até que termine
esta veste — pois não quereria ter fiado a lã em vão —,
mortalha para o herói Laertes, para quando o atinja
o destino deletério da morte irreversível,
para que entre o povo nenhuma mulher aqueia me lance a censura
de que jaz sem pano quem tantos haveres granjeou.”

Assim falou; e os nossos corações orgulhosos consentiram.
Daí por diante trabalhava de dia ao grande tear,
mas desfazia a trama de noite à luz das tochas.
Deste modo durante três anos enganou os Aqueus.
Mas quando passou um ano e as estações completaram
seu ciclo, diminuindo os meses e aumentando os dias,

uma das mulheres, que estava por dentro, contou-nos o sucedido,
e encontrámo-la a desfazer a trama maravilhosa.
De maneira que a terminou, obrigada, contra sua vontade.
Foi depois de nos ter mostrado a veste (tendo acabado de a tecer num grande tear e após a ter lavado), luzente como o Sol e a Lua,
que um deus malévolo trouxe de volta Odisseu para os baldios
lá longe no campo, onde vivia o porqueiro.
Aí foi ter o filho amado do divino Odisseu, depois de ter regressado numa nau escura de Pilos arenosa.
E estes dois, tendo planeado a morte dos pretendentes,
vieram para a cidade famigerada. Odisseu veio depois,
pois Telémaco chegara antes para preparar o caminho.
Foi o porqueiro que conduziu o amo, vestido de farrapos,
semelhante a um mendigo desgraçado e velho, apoiado
num cajado; e miseráveis eram os andrajos que vestia.
Nenhum de nós foi capaz de o reconhecer, porque
aparecera subitamente — não, nem os mais velhos.
Pelo contrário: ameaçámo-lo com insultos, atirando-lhe
com objetos. Mas ele aguentou, com coração paciente,
ser alvejado com injúrias e projéteis em sua casa.
Mas quando por fim o incitou a mente de Zeus, Detentor
da Égide, retirou as belas armas com a ajuda de Telémaco,
depositando-as na câmara e fechando bem as trancas.
Depois com grande astúcia ordenou à mulher
que pusesse à nossa frente o arco e o ferro cinzento como
contenda para nós, malfadados, e como início da chacina.
Nenhum de nós foi capaz de esticar a corda do arco

poderoso; ficámos muito aquém desse desiderato.
Mas quando o grande arco chegou às mãos de Odisseu,
todos nós gritámos que não se lhe devia dar o arco,
por muito que ele pedisse para o ter.
Telémaco foi o único que lhe disse para pegar nele.
Depois que o sofredor e divino Odisseu recebeu o arco nas mãos,
facilmente o armou e fez passar a seta através do ferro.
Depois postou-se na soleira e entornou no chão as setas velozes,
com expressão terrível. Depois disparou contra o rei Antínoo.
E daí por diante contra todos os outros disparou as setas,
portadoras de gemidos, e todos caíram, empilhados.
Tornou-se evidente que algum dos deuses o ajudava.
Pois de súbito, irrompendo pela sala na sua fúria,
chacinaram todos. Levantou-se um grito hediondo de dor
ao serem as cabeças atingidas; tudo estava alagado de sangue.
Assim morremos, ó Agamémnon: os nossos corpos ainda
jazem sem honras fúnebres no palácio de Odisseu, pois não
sabem ainda do caso os familiares em casa de cada um —
eles que lavariam o negro sangue das nossas feridas
e nos lamentariam, pois essa é a honra que cabe aos mortos.»

A ele deu resposta a alma do Atrida:
«Venturoso filho de Laertes, astucioso Odisseu!
Na verdade obtiveste uma esposa de grande excelência!
Como é sensato o espírito da irrepreensível Penélope,
filha de Icário! Sempre se lembrou bem de Odisseu,
seu esposo legítimo. Por isso a fama da sua excelência
nunca morrerá, mas os imortais darão aos homens

um canto gracioso em honra da sensata Penélope.
Pois não foi assim que se comportou a filha de Tindáreo:
matou o esposo legítimo. O canto a respeito dela será
detestável para os homens, pois traz uma fama horrível
a todas as mulheres; até às que praticam boas ações.»

Foram estas as coisas que diziam um ao outro,
na mansão de Hades, sob as profundezas da terra.

Porém eles saíram da cidade e rapidamente
chegaram à bela propriedade de Laertes, que outrora
o próprio Laertes obtivera; e por ela muito se tinha esforçado.
Era aí que tinha a casa, com um pórtico em toda a volta,
debaixo do qual se sentavam, comiam e dormiam
aqueles que eram escravos à força e lhe faziam as vontades.
Dentro da casa estava a anciã siciliana, que com bondade
tratava do amo idoso no campo, longe da cidade.
Aos escravos e ao filho deu então Odisseu esta ordem:

«Entrai agora na casa bem construída e matai
imediatamente o melhor porco para o jantar.
Pela minha parte, porei o meu pai à prova,
para ver se ele me reconhece com os olhos, ou se
já não sabe quem sou, depois de tão longa ausência.»

Assim dizendo, deu aos escravos as armas de guerra.
Eles foram logo para dentro da casa; mas Odisseu
aproximou-se da vinha fértil, para pôr o pai à prova.
Não encontrou o escravo Dólio quando entrou no grande pomar,

nem nenhum dos filhos dele, pois sucedera que tinham
ido buscar pedras para o muro da vinha;
e quem lhes fora mostrar o caminho foi o escravo ancião.

Porém encontrou o pai, só, na vinha bem cuidada,
cavando em torno de uma videira. Vestia uma túnica
imunda, remendada e encardida; em torno das canelas
tinha umas joelheiras de cabedal cosido, como proteção
contra os arranhões; calçava luvas nas mãos por causa
dos espinhos e na cabeça tinha um gorro de pele de cabra,
231*b* deixando assim que a tristeza viesse ao de cima.

Quando o sofredor e divino Odisseu viu o pai,
desgastado pela idade e carregando o fardo da tristeza,
deteve-se a chorar, debaixo de uma alta pereira.
Hesitou no espírito e no coração, se haveria
de beijar e abraçar o pai, e contar-lhe tudo,
como regressara à terra pátria; ou se primeiro
o interrogaria, pondo-o à prova sobre cada coisa.
Enquanto refletia, esta lhe pareceu a melhor decisão:
pô-lo primeiro à prova com palavras provocadoras.

Assim pensando, dirigiu-se a ele o divino Odisseu.
Laertes tinha a cabeça baixa, enquanto cavava em torno
de uma videira. E aproximando-se assim lhe disse o filho glorioso:

«Ancião, não te falta habilidade para tratares do pomar!
Pelo contrário, o teu cuidado é excelente, pois não há

planta, figueira, vinha ou oliveira, pereira ou horta
que aqui tenha falta de cuidados. Mas dir-te-ei outra coisa,
mas peço-te que não te encolerizes: a ti é que faltam
os bons cuidados. Debates-te ao mesmo tempo
com a triste velhice e estás sujo e mal vestido.
Não será decerto pela tua preguiça que o teu amo
não cuida de ti; mas pelo teu aspeto e estatura
não me pareces um escravo. Pareces antes um rei.
Pareces alguém que, depois de tomar banho e comer,
dorme numa cama macia. Esse é o direito dos idosos.
Diz-me agora tu com verdade e sem rodeios:
és escravo de quem? De quem é o pomar que cultivas?
Diz-me agora com clareza, para que eu saiba,
se é Ítaca a terra a que cheguei, como me disse
aquele homem além, que encontrei quando aqui vim.
Mas ele não me parecia no seu perfeito juízo, visto que
não era capaz de responder a tudo, nem de ouvir aquilo
que eu dizia, quando o interroguei sobre um amigo:
se está vivo, ou se morreu e foi para a mansão de Hades.
A ti direi o mesmo, portanto presta atenção e ouve.
Uma vez dei hospitalidade a um homem que viera ter
à minha terra pátria; e nunca veio a minha casa outro
estrangeiro que fosse recebido com mais amabilidade.
Declarava ser originário de Ítaca; dizia ainda
que Laertes, filho de Arcésio, era o seu pai.
Levei-o para minha casa e ofereci-lhe hospitalidade,
estimando-o com gentileza e dando-lhe de tudo
quanto em casa existia com abundância.
E dei-lhe os presentes de hospitalidade que são devidos.

De ouro bem trabalhado lhe dei sete talentos;
doze capas de dobra única e igual número de tapeçarias,
outras tantas colchas e mantas; e igual número de túnicas.
E dei-lhe ainda escravas, conhecedoras de belos trabalhos:
quatro formosas mulheres, que ele próprio escolheu.»

Respondeu-lhe então o pai com lágrimas nos olhos:
«Estrangeiro, na verdade chegaste à terra pela qual perguntas,
mas são homens insolentes e loucos que agora a detêm.
Foi em vão que ofereceste esses presentes, dando com tal
generosidade. Se o tivesses encontrado vivo em Ítaca,
ele ter-te-ia retribuído o que ofereceste, com excelente
hospitalidade; pois isso é devido a quem primeiro oferece.
Mas diz-me agora tu com verdade e sem rodeios:
há quantos anos recebeste em tua casa aquele hóspede
desafortunado — o meu pobre filho, se é que alguma vez existiu?
Ele a quem, longe dos familiares e da terra pátria, talvez
os peixes comeram no mar; ou então em terra firme
se tornou presa de feras e aves de rapina, sem que a mãe
o tenha vestido para o funeral, ou o pai, nós que lhe demos a vida;
sem que a esposa de muitos presentes, a fiel Penélope,
tenha chorado o marido jazente, como é devido, depois de lhe
ter fechado os olhos: pois essa é a honra devida aos mortos.
E diz-me também isto com verdade, para que eu saiba:
quem és? Donde vens? Fala-me dos teus pais e da tua cidade.
Onde está fundeada a nau veloz que aqui te trouxe?
Ou vieste com os teus divinos companheiros? Ou será que

vieste na nau de outros, que partiram após o teu desembarque?»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Tudo te direi com verdade e sem rodeios.
A minha terra é Alibante: é lá que tenho o famoso palácio.
Sou filho de Afidante, filho do soberano Polipémon.
Chamo-me Epérito. Mas um deus me fez vaguear desde
a Sicânia: foi contra a minha vontade que aqui cheguei.
Minha nau está fundeada lá para o campo, longe da cidade.
Quanto a Odisseu, este é já o quinto ano desde que deixou
a minha casa e partiu da minha terra pátria. Desafortunado!
No entanto teve bons auspícios, aves que voaram
do lado direito: auspícios com que me alegrei ao despedir-me
dele; com que ele também se alegrou. No coração tínhamos
a esperança de nos tornarmos a ver e de trocarmos presentes.»

Assim falou; e uma nuvem negra de dor se apoderou de Laertes.
Com ambas as mãos agarrou em terra misturada com cinza
e atirou-a por cima da cabeça, gemendo incessantemente.
Comoveu-se o coração de Odisseu e nas narinas sentiu
uma dor lancinante, ao ver naquele estado o pai amado.
Lançou-se a ele, com beijos e abraços, e disse estas palavras:

«Eu próprio sou aquele por quem perguntaste, ó pai.
Cheguei no vigésimo ano à amada terra pátria.
Deixa de te lamentares, deixa agora o pranto lacrimejante.
Tudo te direi, pois neste momento não há tempo a perder.
Matei todos os pretendentes no nosso palácio,
vingando assim os ultrajes cometidos e as más ações.»

Por sua vez, em resposta lhe falou Laertes:
«Se na verdade és Odisseu, se és o meu filho que aqui chega,
dá-me um sinal inconfundível, para que tenha a certeza.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Com os teus olhos observa primeiro esta cicatriz,
que me deixou o branco colmilho de um javali no Parnaso,
quando lá fui. Tu e a minha excelsa mãe me mandaram
para casa de Autólico, o pai amado da minha mãe, para que
trouxesse os dons, que ele me prometera quando aqui veio.
Agora nomear-te-ei as árvores que me deste no bem tratado
pomar, quando eu, ainda criança, te seguia pelo jardim.
Passámos por essas árvores: tu disseste-me os nomes
e explicaste como era cada uma.
Deste-me treze pereiras, dez macieiras
e quarenta figueiras. Prometeste-me também
cinquenta renques de cepas; cada uma amadureceria
na época própria, com cachos de uvas de toda a espécie
quando descessem do céu as estações de Zeus.»

Assim falou; e os joelhos e o coração do pai se enfraqueceram,
tendo reconhecido os sinais inconfundíveis que lhe dera Odisseu.
Atirou os braços em torno do filho. E o sofredor e divino Odisseu
apanhou o pai nos braços, sentindo que estava prestes a desmaiar.
Mas quando voltou a si, e o espírito voltou ao coração,
mais uma vez tomou a palavra, respondendo deste modo:

«Zeus pai, na verdade vós, os deuses, estais no alto Olimpo,
se na realidade os pretendentes pagaram o preço da insolência!
Mas tenho agora o terrível receio no espírito de que depressa
todos os homens de Ítaca venham contra nós, tendo mandado
a notícia para toda a parte e para as cidades dos Cefalénios.»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Anima-te, pai! Não deixes que tais coisas te preocupem.
Vamos agora até à casa, aqui perto do pomar:
lá dentro estão Telémaco, o boieiro e o porqueiro:
mandei-os à frente, para prepararem depressa o jantar.»

Assim falando, foram ambos até à bela edificação.
E quando entraram dentro da casa,
encontraram Telémaco, o boieiro e o porqueiro
a trinchar carne em abundância e a misturar o vinho frisante.
Então a escrava siciliana deu banho ao magnânimo Laertes
dentro da casa, ungindo-o em seguida com azeite.
Sobre os ombros atirou uma bela capa. Aproximou-se
Atena e aumentou os músculos do Pastor de Povos:
fê-lo parecer mais alto do que antes e mais musculoso.
Quando saiu do banho, espantou-se ao vê-lo o filho amado,
pois à vista lhe parecia o pai semelhante aos imortais.
E falando dirigiu-lhe palavras apetrechadas de asas:

«Ó pai, na verdade um dos deuses que são para sempre
te deu uma beleza e uma estatura maravilhosa de se ver!»
A ele deu resposta o prudente Laertes:

«Quem me dera — ó Zeus pai, ó Atena, ó Apolo! — que com força
igual à que tinha quando conquistei Néricon, a bem construída
cidade no continente, quando era soberano dos Cefalénios —
quem me dera que com essa força eu tivesse estado ontem contigo
no nosso palácio, com as armas nos ombros, para atacar
os pretendentes! Teria deslassado os joelhos a muitos deles
na sala de banquetes, e o teu coração ter-se-ia regozijado.»

Foram estas as coisas que disseram um ao outro.
Quando os outros chegaram ao fim do esforço de preparar
o jantar, sentaram-se por ordem em cadeiras e tronos.
Estavam para lançar mãos à comida quando se aproximou
o velho escravo Dólio; com ele vinham também os filhos.
Estavam cansados do trabalho. Chamara-os a mãe,
a velha escrava siciliana, que lhes dava a comida e tratava
do ancião com bondade, desde que chegara à velhice.
Quando eles viram Odisseu, reconheceram-no:
ficaram de pé no palácio, dominados pelo espanto.
Mas Odisseu falou-lhes com palavras doces:

«Ó ancião, senta-te a jantar. E vós outros, esquecei agora
o vosso espanto. Há muito que estamos aqui com fome
à espera do jantar, pois aguardávamos que chegásseis.»

Assim falou; e Dólio correu para ele de braços abertos;
pegou na mão de Odisseu e beijou-a no pulso.
Falando dirigiu-lhe palavras apetrechadas de asas:

«Querido amigo, regressas para junto de nós, que mantínhamos
a esperança, embora não pensássemos que se realizasse!
Os deuses aqui te trouxeram.
Uma grande saudação! Que os deuses te concedam a ventura!
Mas diz-me isto com verdade, para que eu saiba:
a sensata Penélope já sabe ao certo que regressaste,
ou deveremos mandar alguém para dar a notícia?»

Respondendo-lhe, assim falou o astucioso Odisseu:
«Ela já sabe, ó ancião. Não há necessidade de te incomodares.»

Assim falou; e o outro sentou-se de novo na cadeira polida.
Do mesmo modo os filhos de Dólio, de roda do famoso Odisseu,
brindaram-no com palavras e apertaram-lhe a mão.
Sentaram-se depois por ordem ao lado de Dólio, seu pai.
E assim se ocupavam com o jantar em casa de Laertes.

Entretanto o Rumor, esse mensageiro, percorreu rapidamente
a cidade com a notícia da morte e do destino dos pretendentes.
Assim que a ouviram, acorreram de todas as direções
com gemidos e lamentos, reunindo-se à frente do palácio de Odisseu.
Cada qual trouxe lá de dentro o corpo do seu familiar para lhe dar
honras fúnebres; e os que em vida eram de outras cidades foram enviados
para casa, transportados por barqueiros em naus velozes.
Foram então para a ágora, entristecidos no coração.
Depois de convocados e todos reunidos,

levantou-se Eupeites e dirigiu-lhes a palavra.
Tinha no espírito uma dor inconsolável pelo filho,
Antínoo, a quem Odisseu matara em primeiro lugar.
Vertendo lágrimas, foi isto que lhes disse:

«Amigos, foi uma enormidade o que aquele homem fez contra os Aqueus. Muitos e valentes foram levados por ele nas naus.
Mas ele perdeu as côncavas naus, e todos esses homens morreram.
E agora outros mata ao seu regresso, os melhores dos Cefalénios.
Agora, antes que ele fuja para Pilos ou para a Élide divina,
onde são soberanos os Epeios, apressemo-nos!
De outro modo teremos a vergonha, agora e para sempre.

Pois desta desgraça ouvirão falar os vindouros,
se não vingarmos as mortes dos nossos filhos e irmãos.
Pela minha parte, nenhum prazer sentiria em estar vivo;
preferiria morrer e juntar-me no Hades aos mortos.
Vamos agora, não vão eles escapar-nos, atravessando o mar.»

Assim dizia enquanto chorava; e a compaixão dominou
todos os Aqueus. Aproximaram-se então Médon e o divino aedo,
vindos do palácio de Odisseu; deixara-os já o sono. Colocaram-se
de pé no meio do povo; de todos se apoderou o espanto.
Declarou-lhes então Médon, bom conhecedor da prudência:

«Escutai as minhas palavras, homens de Ítaca! Não foi sem ajuda
dos deuses imortais que Odisseu planeou os atos cometidos.
Eu próprio vi um deus imperecível, que se aproximou
de Odisseu semelhante em tudo a Mentor.
Como um deus imortal apareceu ele a Odisseu, incitando-o;
depois irrompeu em fúria pela sala de banquetes,
e os pretendentes caíram empilhados, uns em cima dos outros.»

Assim falou; e a todos dominou o pálido terror.
Entre eles levantou então a voz o velho herói Haliterses,
filho de Mastor. Só ele tinha a visão do passado e do futuro.
Bem-intencionado, assim se dirigiu à assembleia:

«Ouvi agora, homens de Ítaca, o que tenho para vos dizer!
Devido à vossa própria cobardia, ó amigos, aconteceram
estas coisas; pois não quisestes obedecer-me, nem a Mentor,
Pastor de Povos, quando vos dissemos para pôr cobro
à loucura dos vossos filhos, que praticaram atos de monstruosa
vergonha, dissipando a riqueza e desonrando a esposa
de um homem nobre. Diziam que ele não regressaria!
Faça-se agora assim — e obedecei àquilo que vos digo:
não partamos, não vá algum de nós sofrer por culpa própria.»

Assim falou; mas levantaram-se com grande alarido
mais de metade deles (os outros ficaram sentados),
pois não lhes agradara ao espírito o discurso, mas por Eupeites
se deixaram persuadir. Precipitaram-se para as armas.
Depois de terem revestido o corpo com bronze reluzente,

reuniram-se à frente da cidade de amplas ruas.
Era Eupeites, na sua loucura, que os comandava,
pois pensava vingar a morte do filho. Mas já não iria regressar,
pois estava prestes a encontrar o destino no sítio aonde se dirigia.

Então Atena dirigiu a palavra a Zeus, filho de Crono:
«Pai de todos nós, mais excelso dos soberanos!
Responde à minha pergunta: que intenção escondes na mente?
Imporás de novo a guerra terrível e o barulho horrendo
do combate, ou pensas estabelecer entre eles a concórdia?»

Em resposta à filha falou Zeus que comanda as nuvens:
«Minha filha, porque me perguntas tal coisa?
Não foste tu que tomaste a deliberação de que Odisseu
se vingaria dos pretendentes à sua chegada?
Faz como tu quiseres, mas dir-te-ei o que é devido.
Agora que dos pretendentes se vingou o divino Odisseu,
que todos jurem com solenidade que será sempre ele o rei.
Pela nossa parte, traremos o esquecimento do assassínio
dos filhos e irmãos. Que voltem todos a estimar-se,
como antes; e que a abundância e a paz imperem.»

Assim dizendo, incitou Atena, já desejosa de partir.
E ela lançou-se veloz dos píncaros do Olimpo.

Depois que afastaram o desejo de agradável comida,
entre eles começou a falar o sofredor e divino Odisseu:
«Que alguém vá até lá fora, para ver se eles estão a chegar.»

Assim falou; e um dos filhos de Dólio saiu, como ele ordenara.
Da soleira da porta, viu-os todos, ali muito perto.
De imediato dirigiu a Odisseu palavras apetrechadas de asas:
«Estão já perto! Armemo-nos rapidamente!»

Assim falou; e eles levantaram-se e vestiram as armas:
Odisseu e os seus eram quatro; eram seis os filhos de Dólio;
entre eles, Laertes e Dólio vestiram as armaduras,
apesar dos cabelos brancos, como guerreiros forçados.
Depois de terem revestido o corpo com bronze reluzente,
abriram as portas e saíram. Comandava-os Odisseu.

Então chegou junto deles Atena, a filha de Zeus,
assemelhando-se a Mentor no corpo e na voz.
Assim que a viu, regozijou-se o divino Odisseu.
E logo falou assim para Telémaco, seu filho amado:

«Telémaco, já terás aprendido isto por ti (agora que vais
para o lugar onde, enquanto combatem os homens,
se decide quem são os melhores): não fazer recair
a desonra sobre a família dos antepassados, que outrora
se distinguiram em todas as terras pelo valor e pela coragem.»

A ele deu resposta o prudente Telémaco:
«Verás se quiseres, querido pai, que com tal espírito
não trarei desonra, como dizes, para a família.»

Assim falou; e alegrou-se Laertes com estas palavras:
«Que dia este, queridos deuses! Muito me regozijo!

O meu filho e o meu neto disputam entre si a valentia!»

Aproximando-se dele lhe falou a deusa de olhos garços Atena.
«Filho de Arcésio, és de longe aquele que me é mais caro!
Dirige agora uma prece à Virgem de olhos garços e a Zeus pai,
e logo imediatamente arremessa a tua lança comprida!»

Assim falou; e nele insuflou grande força Palas Atena.
Rezou então à filha do grande Zeus e logo de seguida
levantou e arremessou de repente a lança comprida,
atingindo Eupeites através do elmo com faces de bronze.
O elmo não o protegeu da lança; trespassou-o o bronze.
Caiu no chão com um estrondo e a armadura ressoou.
Contra os guerreiros da frente investiram então Odisseu
e o seu filho glorioso, com espadas e lanças de dois gumes.
E a todos teriam matado e privado do regresso
se entre eles Atena, filha de Zeus, Detentor da Égide,
não tivesse gritado, impedindo todos de combater:

«Desisti agora todos da guerra, ó homens de Ítaca,
para que sem derrame de sangue vos separeis!»

Assim falou Atena; e a todos dominou o pálido terror.
No pânico voaram-lhes das mãos as armas, que acabaram
por cair no chão, quando ouviram a voz da deusa.
Voltaram para a cidade, desejosos de salvar a vida.
Deu então um grito terrível o sofredor e divino Odisseu,
e lançou-se atrás deles, como uma águia em pleno voo.

Mas Zeus arremessou um relâmpago candente, que caiu
à frente da filha de olhos garços, de tão poderoso pai nascida.
Então disse a Odisseu a deusa de olhos garços Atena:
«Filho de Laertes, criado por Zeus, Odisseu de mil ardis!
Retém a tua mão e cessa o conflito desta guerra,
para que contra ti se não encolerize Zeus, filho de Crono.»

Assim falou Atena; e Odisseu obedeceu, alegrando-se no coração.
Foram impostos juramentos, válidos no futuro para ambas
as partes, por Atena, filha de Zeus, Detentor da Égide,
assemelhando-se a Mentor no corpo e na voz.

Notas ao Canto 24

O Canto 24 – que desde F.A.G. Spohn, em 1816[1], é considerado o canto mais problemático da *Od*. – suscita habitualmente duas reações contraditórias: por um lado, há a desilusão de a *Od*. acabar com um episódio tão dececionante como é a luta abortada entre os familiares dos pretendentes e o trio avô-filho-neto (Laertes-Odisseu-Telémaco). A poesia não é inspirada e os eventos são narrados a despachar. Por outro lado, o encontro que antecede esse episódio dececionante – o reconhecimento de Odisseu pelo pai, ao fim de 20 anos – é muitas vezes visto por leitoras e leitores como um dos mais belos de todo o poema; e inspirou, da parte do *enfant terrible* dos Estudos Clássicos, John Henderson, um ensaio belíssimo que, decerto não por acaso, começa por citar Roland Barthes («The Name of the Tree: Recounting Odyssey XXIV 340-2», *Journal of Hellenic Studies* 117 [1997], pp. 87-116).

O episódio de Laertes, sem dúvida o momento mais bonito do Canto 24, é também o mais problemático, porque é nele que está o verdadeiro problema: o próprio Laertes. Num artigo publicado em 1906, D. Mülder afirmou perentoriamente que «toda a figura de Laertes no Canto 24 é, sob qualquer ponto de vista, impossível»[2]. Em 1989, S. West publicou um artigo de límpido raciocínio sobre Laertes na *Od*., em que chega à conclusão de que todas as referências a Laertes ao longo do poema foram introduzidas em fase já tardia, para preparar a cena do Canto 24, ela própria tardia[3]. Como podemos comprovar isso? Por meio da linguagem utilizada. Na cena de Laertes, encontramos fenómenos linguísticos de suspeitosa raridade (como a infração métrica à lei de Wernicke em 240[4]) e outros de suspeitosa modernidade (listados por D.L. Page, *The Homeric Odyssey* , Oxford, 1955, pp. 102-110): o único exemplo de um optativo oblíquo na poesia homérica em 237; uma construção do verbo «ter» com advérbio em 245, para a qual só encontramos atestação a partir de Sófocles (século V a.C.); um hiato sem paralelo, em 247; o emprego, em 288, de um advérbio interrogativo que só aparece a partir de Aristófanes (século V a.C.); o uso de uma partícula, em 299, que nos faz avançar subitamente no tempo para as frases mais coloquiais de Eurípides (século V a.C.) e para a comédia ática (século V a.C.); o verbo «arrefecer» usado no sentido de «desfalecer», aceção que só voltaremos a encontrar 800 anos depois, na boca de Jesus Cristo (Lucas 21:26).

1-4 «As almas dos pretendentes foram chamadas por Hermes, / deus de Cilene, que segurava nas mãos a bela vara / de ouro, com que enfeitiça os olhos dos homens / a quem quer adormecer»: referimo-nos anteriormente ao episódio final do Canto 24 (o combate contra os familiares dos pretendentes) e ao episódio central, «No Jardim de Laertes». No entanto, temos também um episódio

inicial no Canto 24, a chamada «*Nekyia* 2» (usámos este termo na apresentação da problemática do Canto 11), a nossa segunda visita, no poema, ao mundo dos mortos (a primeira fora no referido Canto 11). Os versos iniciais levantam logo dois problemas: o primeiro é que Hermes nunca é visto na poesia homérica, fora desta passagem, como deus psicopompo (condutor de almas). Os 230 homens mortos no campo de batalha na *Il*. não têm outro remédio senão o de encontrarem, sem ajuda, o caminho para o Hades (que, na *Il*., se situa debaixo da terra; ao passo que, na *Od*., o mundo dos mortos se situa no Extremo Ocidente [12]): não há Hermes psicopompo que lhes valha. De igual modo, também vimos que, na *Od*., Elpenor (sem deus psico-pompo nem GPS) foi ter ao Hades sem qualquer problema. Por que motivo se abre aqui esta exceção, dando no último canto da *Od*. uma função a Hermes que ele não tem nos restantes 47 cantos da poesia homérica? Acresce que, na visão profético-extática de Teoclímeno em 20.356, se anteviu a partida dos pretendentes mortos para o Hades sem escolta de espécie alguma. Quanto à descrição «deus de Cilene» (montanha na Arcádia), também ela suscita dúvidas, pela sua unicidade no conjunto formado por *Il*. e *Od*. No meio destas curiosidades extrínsecas à mundividência homérica, encontramos a mistura de elementos conhecidos do Canto 24 da *Il*. (e já antes imitados pelo poeta da *Od*., em 5.47-49), como a vara com que Hermes adormece e acorda homens (*ándres*).

5 «Com esta vara acordou as almas, que o seguiram, guinchando»: o particípio *trízousai* (do verbo *trízô*) ocorrerá de novo em 7, referindo-se ao som dos morcegos. O verbo tem um sentido que é difícil de captar, pois se, por um lado, significa «piar» (ou «chiar») e descreve o som de aves (morcegos[5], perdizes, andorinhas: ver LSJ), por outro lado também é usado por diferentes autores gregos para descrever o som emitido por entes tão diferenciados como gafanhotos, ratos e elefantes. Curiosamente, o verbo ocorre uma única vez no Novo Testamento, numa passagem em que designa o «ranger» dos dentes de um epilético (Marcos 9:16 – bem gostaríamos de saber a razão pela qual Mateus e Lucas, apesar da sua dependência de Marcos, não retomaram nos seus evangelhos o uso deste verbo).

10 «Auxiliador»: em grego, *akákêta*, estranha forma de nominativo, que deverá ser um antiquíssimo vocativo fossilizado e que ocorre só aqui e em *Il*.16.185; é de sentido muito incerto. Duas explicações foram propostas na Antiguidade: uma faz derivar o nome do monte Acaquésio, na Arcádia; a outra interpreta a palavra como negação de *kakós* («mau»), pelo que significará algo como «inóxio». Ver o comentário de R. Janko ao passo da *Il*. (Cmb.iv, p. 343) e também a nota de A.F. Garvie a propósito da forma semelhante *akákas* em *Aeschylus: Persians*, Oxford, 2009, pp. 327-328.

11 «rochedo branco»: pela terceira vez, deparamos com algo que alguém, algures, quis identificar como Gibraltar (ver 1.50*, 12.73*). No entanto, embora o «rochedo branco» tenha sido assim identificado por J.D. Morgan («leukas petre», *Classical Quarterly* 35 [1985], pp. 229-232), para a maior parte dos estudiosos estes indicadores (rochedo branco, portões do Sol, terra dos sonhos) são puramente imaginários.

12 «além dos portões do Sol e da terra dos sonhos»: estes locais são imaginados como fi cando no Extremo Ocidente (Oxf.iii, p. 360). Notamos a falta dos elementos que nos tinham sido referidos aquando da visita de Odisseu ao mundo dos mortos no Canto 11: não há aqui referência aos bosques de Perséfone (10.210) nem aos Cimérios (11.14-15). Inversamente, no Canto 11 não encontrámos

menção destas novidades que nos confrontam agora (rochedo branco, portões do Sol, terra [ou comunidade: *dêmos*, em grego] dos sonhos).

15 «Encontraram a alma de Aquiles, filho de Peleu»: começa aqui a segunda cena do poema passada no mundo dos mortos, na qual encontraremos novamente Aquiles e Agamémnon, que já encontráramos na longa cena do Canto 11, onde eles conversaram com Odisseu. A cena no Hades do Canto 24 está estruturada do seguinte modo: (1) uma conversa entre Aquiles e Agamémnon, que permite ao poeta contar algo que, claramente, ele quer à força narrar, sem qualquer consideração pela gritante inverosimilhança de, dez anos após o funeral de Aquiles, um «colega» do Pelida no mundo dos mortos lhe vir contar agora como foi o funeral ocorrido há tanto tempo («voilà des nouvelles un peu vieilles!», comentou V. Bérard no Vol. III da sua *Introduction à l'Odyssée*, p. 176); (2) a chegada dos pretendentes ao Hades, que ocorre em 99 (portanto, bem longe da forma verbal «encontraram», em 15, da qual são o sujeito gramatical). Nesta segunda secção teremos a repetição dos versos sobre a teia de Penélope, que já ouvimos duas vezes (2.96-102; 19.141-147), assim como o repisar cansado e cansativo de material anterior conducente à conclusão (que também não é nova no poema) de que Penélope é muito diferente de Clitemnestra. Toda esta cena no mundo dos mortos é dispensável e, como bem viu West (*Odyssey*, p. 297), poderia ser eliminada sem que se notasse qualquer rasgão na tapeçaria do poema, tanto mais que, em 24.205, para procurarmos o antecedente do pronome «eles» (*hoí dé*), temos de retroceder a 23.366-372.

32-33 Conhecemos estes versos de 1.239-240, onde os ouvimos na boca de Telémaco.

36 «Venturoso»: em grego, *ólbie*. Só aqui e em 192 é que alguém é interpelado assim na *Od*. Esta interpelação não consta de nenhum verso da *Il*.

60 «As nove Musas»: as Musas são, de facto, nove em Hesíodo (*Tgn.*76-79: Clio, Euterpe, Talia, Melpómene, Terpsícore, Érato, Polímnia, Urânia, Calíope), mas na *Il*. são apenas «Musas» (sem nunca se dizer o número nem o nome). As Musas plurais da *Il*. estão reduzidas a «Musa» na *Od*., à exceção do presente verso – mas logo de seguida, em 62, voltaremos a ler «Musa» (a única Musa solitária da *Il*. ocorre em *Il*.2.761). Sobre as Musas, ver M.L. Flor de Oliveira, *O Tema das Musas na Cultura Grega*, Lisboa, 1982.

60-61 «treno / antifonal»: ou, talvez, «treno / responsorial»: isto porque, no verso grego, lemos que as Musas «se responderam com bela voz <cantando o> treno». Encontramos uma expressão semelhante em *Il*.1.603-604 (ver Cmb.i, p. 114).

71 «chama»: a palavra *phlóx* tem aqui a sua única ocorrência na *Od*. (embora ocorra 19 vezes na *Il*.).

75 «Dioniso»: deus quase ausente dos poemas homéricos. Na *Od*., além do presente verso, só é referido em 11.325, no Catálogo das Mulheres (que pode não ter feito parte de outras versões da *Od*.: ver 11.225-226*). Na *Il*., há duas menções de Dioniso: 6.132-135; 14.325.

78-79 «em separado ficaram os de Antíloco, a quem honraste mais / do que todos os outros companheiros, depois do falecido Pátroclo»: ficamos com pena de Antíloco, próximo mas separado de Aquiles e de Pátroclo para toda a eternidade – mas será que ele era mesmo tão íntimo assim do casal que fica junto para sempre? Em *Il*.24.574-575, diz-se que os amigos de que Aquiles mais

gostava a seguir a Pátroclo eram Álcimo e Automedonte. O poeta da *Od*. tinha, no entanto, um carinho especial por Antíloco, filho de Nestor: não só o coloca ao lado de Aquiles e de Pátroclo em 16 como nos deu o ataque de choro de Pisístrato pela morte de Antíloco (que Pisístrato nunca conhecera!) em 4.186-202. Por fim, coloca Aquiles, Pátroclo e Antíloco na mesma sepultura, embora Antíloco fique, por assim dizer, a dormir numa cama separada. (A propósito de, na *Il*., o nome de Antíloco não figurar na explicitação de quem eram os melhores amigos de Aquiles a seguir a Pátroclo, é preciso não esquecer que, nesse poema, é Antíloco quem dá a Aquiles a notícia da morte de Pátroclo no início do Canto 18; e é ele quem impede Aquiles de tentar o suicídio, segurando-lhe nas mãos [*Il*.18.32-34]. Portanto, algum grau de intimidade está patente em *Il*.18, ainda que não seja visível da mesma maneira em *Il*.24).

89 «se equipam para competir»: o verbo português de sentido vago «equipar-se» permite não especificar muito o que está implicado no verbo grego *zônnumi* (em linguagem moderna, «vestir uma trusse») e do substantivo que lhe está associado, *zôma* («trusse»). O substantivo diz respeito a um artigo de roupa interior masculina usado por pugilistas para protegerem a zona genital (*Il*.23.683), mas também por Menelau em *Il*.4.187 (onde, para evitar o som pouco homérico do já de si inestético vocábulo «trusse», optei pelo eufemismo «cinturão»). É possível que, ao longo dos tempos, o sentido do verbo *zônnumi* se tenha generalizado (deixando de estar tão associado a vestuário antecessor dos modernos *boxers*). Assim, quando Jesus diz a Pedro no Evangelho de João (21:18) que «vestias-te» e «outro te vestirá», usando justamente o verbo *zônnumi* em duas das suas três ocorrências no Novo Testamento, o sentido já será mais geral (de forma idêntica à terceira e última ocorrência do verbo no Novo Testamento: Atos dos Apóstolos 12:8).

99 «Argeifonte»: ver 1.38*.

106 «Anfimedonte»: este pretendente apagado tem agora os seus cinco minutos de fama. Antes, só nos apercebêramos da sua existência quando o poeta se lembrou dele para o matar, em 22.277.

115 «Não te lembras de mim, quando vim para vossa casa […]»: este verso e o seguinte obrigam-nos a acreditar que Agamémnon, o rei mais prestigiado de toda a Grécia, foi a Ítaca e, em vez de ficar em casa do rei da ilha, seu amigo, foi hospedar-se em casa de um desconhecido chamado Melaneu, cujo filho (na altura decerto um bebé de colo) ele afirma reconhecer mais de 20 anos depois (103-104).

121 Verso omitido num papiro helenístico e em muitos manuscritos, e colocado entre parênteses retos na ed. de Estugarda.

122 «Lembro-me de tudo o que tu dizes»: ver 115*. Acrescente-se, já agora, que Anfimedonte não está muito ao corrente da correta linguagem homérica, uma vez que aplica aqui ao rei de Micenas um adjetivo (*diotrephés*) que, nas suas 20 ocorrências na *Il*. (e 17 ocorrências na *Od.*), nunca (à exceção do presente verso) é aplicado a Agamémnon.

127 «planeando para nós no seu espírito a morte e o destino»: Anfimedonte está a vitimizar-se de forma algo ridícula: nunca se disse em nenhum momento do poema que Penélope planeasse a morte dos pretendentes.

167-168 «Depois com grande astúcia ordenou à mulher / que pusesse à nossa frente o arco»: a interpretação óbvia destas palavras de Anfimedonte é que funcionam como confirmação de que terá havido versões da *Od*. em que Odisseu e Penélope combinaram juntos a instituição da prova do arco.

179 «rei Antínoo»: a expressão traz uma novidade interessante, no Canto 24, referente a uma personagem que conhecemos (sem este título) desde o Canto 1.

186-190 No final do discurso de Anfimedonte, ouvimos um pensamento relevante da boca deste pretendente que, ofuscando Antínoo, Eurímaco e Anfínomo (os pretendentes a que o poema dera mais importância), o Canto 24 projetou para o estrelato: aquilo que Anfimedonte destaca em termos do que deve acontecer a seguir é apenas que os pretendentes devem ser *sepultados*; não *vingados*.

192 «Venturoso filho de Laertes, astucioso Odisseu»: sobre «venturoso», ver 36*. Depois de um momento de protagonismo, Anfimedonte é logo remetido ao seu estatuto de pretendente anónimo-até-o-momento-de-morrer, pois Agamémnon nem lhe dá resposta nem expressa qualquer tipo de condolência ou de solidariedade. Em vez disso, «lança-se num elogio de Penélope, a mulher que Anfimedonte responsabilizara pela sua morte» (Dawe, p. 844).

205 «Porém eles saíram da cidade»: ao retomarmos aqui o fio da narrativa, somos forçados a procurar o antecedente do pronome «eles» (neste verso) em 23.366-372.

210 «escravos à força»: em grego, *dmôes anankaîoi* (em alternativa, «escravos por necessidade»). Tirando o presente verso, não encontramos esta designação para escravos na *Il*. nem na *Od*.

213 «Aos escravos e ao filho»: os escravos deste verso não são os referidos na nota anterior, mas sim Eumeu e Filécio (mencionados, anteriormente, em 23.367).

222 «Não encontrou o escravo Dólio»: quem será este Dólio? Em 4.735 ouvíramos falar de um escravo com esse nome, que Icário, pai de Penélope, dera à filha como presente. Nessa passagem lêramos que Dólio era o jardineiro de Penélope. A pergunta que se levanta é se Dólio n.º 1, jardineiro de Penélope, é o mesmo Dólio que nos surge como Dólio n.º 2, pai de Melanteu (17.212) e de Melanto (18.322); e se Dólio n.º 1 e Dólio n.º 2 são a mesma pessoa que Dólio n.º 3, escravo de Laertes, de cuja existência estamos agora a ser informados em 24.222. Atendendo à forma selvagem como Melanteu foi morto (22.474-477) e ao facto de, presumivelmente, Melanto ter feito parte do grupo de 12 escravas que foram enforcadas antes da castração e mutilação de Melanteu (nunca é dito, porém, que Melanto fazia parte do grupo das 12 enforcadas), só nos resta esperar que Dólio n.º 3, com quem os enforcadores/castradores/mutiladores se vão em breve sentar à mesa, não seja a mesma pessoa que Dólio n.º 2. Já referimos antes (ver 17.212*) que o nome «Dólio» significa algo como «Intrujão»; mas, na verdade, o nome falante só faz sentido para o Dólio n.º 2, uma vez que a caraterização que é feita dos outros dois Dólios é positiva. (Alternativamente, podemos pensar que os três Dólios são o mesmo Dólio e que está pressuposta, nesta passagem, uma *Od*. em que as escravas não eram enforcadas nem Melanteu era castrado e mutilado: ver o que comentámos em 23.40-57*).

231*b* «deixando assim que a tristeza viesse ao de cima»: esta perífrase em português traduz as palavras simples *pénthos aéxôn* (à letra, «aumentando a tristeza»), que retomam uma expressão usada por Anticleia, mulher de Laertes e mãe de Odisseu, em 11.195.

240 «pô-lo primeiro à prova com palavras provocadoras»: sob a forma como nos foi transmitido por todos os manuscritos da *Od*., este verso infringe de forma única, num universo de 28 000 hexâmetros homéricos, a lei de Wernicke (p. 667, n. 4). É certo que existem pelo menos quatro infrações a esta lei na *Il*. (11.189, 204, 796 e 16.38, sobre as quais ver W. Leaf, *The Iliad*, Vol. II, Londres, 1902, p. 637 [nova edição: Cambridge, 2010]), mas não são tão graves como este caso na *Od*., onde a sílaba final da palavra grega correspondente a «palavras» (*epéessin*) está numa posição do verso onde não deve ocorrer uma sílaba breve que se torna longa graças ao chamado «nu efelcístico» seguido de uma palavra iniciada por consoante. A questão é altamente técnica, como se vê, e até os próprios helenistas se confundem com estes pormenores métricos (por exemplo, está totalmente errado o diagnóstico de Fernández-Galiano sobre este verso em Oxf.iii, p. 389, e totalmente certo, por outro lado, contra o que diz Fernández-Galiano, o diagnóstico de D.L. Page em *The Homeric Odyssey*, Oxford, 1955, p. 104). Para evitar esta raríssima deselegância métrica, o verso é apresentado na ed. de Estugarda (mas não da de Oxford) com os pequenos ajustes que se leem num papiro da Antiguidade tardia; mas a lição do papiro representa a tentativa de corrigir um erro na transmissão do verso. A forma original do verso é, sem margem para dúvida (e por paradoxal que pareça), a forma errada.

244 «Ancião, não te falta habilidade para tratares do pomar»: à letra, «Ancião, não te possui um desconhecimento de <como> tratar do pomar». A palavra traduzida por «desconhecimento» é raríssima: *adaêmoníê*, cuja próxima utilização na literatura grega será feita por Plutarco (no século II d.C.).

257-259 As perguntas de Odisseu seguem uma sequência bizarra (cf. Dawe, p. 850): (1) és escravo de quem?; (2) que pomar é este?; (3) isto aqui é Ítaca?

276 «doze capas»: nesta cena, é importante lembrarmos a predileção homérica pelo número 12 (ver 20.107*, 21.27*), para darmos o devido valor, em 340, ao número 13. A palavra traduzida por «tapeçarias» é *tapêtes*.

294 «esposa de muitos presentes»: ou se trata aqui do velho problema dos presentes nupciais (ver 1.272-305*, 11.116-117*), ou, em alternativa, podemos interpretar o adjetivo *polúdôros* como significando «muito prendada» (cf. Dawe, p. 851, que propõe a tradução *accomplished*).

304 «Alibante»: local que os escólios localizam no sul de Itália (em *Il*.2.857 há uma localidade referida como «longínqua Álibe, local do nascimento da prata»; este nome pode ter servido de inspiração ao poeta da *Od*.).

305 «Afidante»: o significado do nome é «Não-Poupador» (isto é, «Generoso»). «Polipémon» pode significar «Muito-Sofredor» se aceitarmos que a letra grega eta no nome é etimológica; tratando-se de um eta cuja explicação é a tendência jónica para transformar os alfas longos em etas, então teríamos «Polipámon», nome que significaria «Muito-Possuidor».

306 «Epérito»: o sentido deste nome é «Seleto».

307 «Sicânia»: nome alternativo para a «Sicília», segundo os historiógrafos Heródoto (7.170) e Tucídides (6.5).

315 «Assim falou; e uma nuvem negra de dor se apoderou de Laertes»: o ancião não deu, pelos vistos, a mínima importância aos bons auspícios referidos em 311 e reage às palavras de «Epérito» como se este lhe tivesse anunciado a morte do filho, reação que o poeta hiperboliza por meio de versos que ocorrem em *Il*.18.22-23, quando Aquiles recebe a notícia da morte de Pátroclo.

340-342 «Deste-me treze pereiras, dez macieiras / e quarenta figueiras. Prometeste-me também / cinquenta renques de cepas»: neste momento, já no final do poema, podemos apreciar o que há de especial nos números 13, 10 e 40. G. Germain desconfiou da homericidade destes números («nombres fort peu homériques» [*Genèse de l'Odyssée*, Paris, 1954, p. 672]), mas a ideia é justamente essa: os números são um segredo entre pai e filho. Em vez do estereotipado número 12 (ver 276*), temos os números 13 e 10. Depois, em vez do estereotipado número 50 (ver 22.421*), temos o número 40. Os renques de cepas já entram no esquema habitual dos números homéricos, talvez para evitar que os números secretos sejam todos eles inverosimilmente estrambólicos: assim, também faz parte da sequência um número «normal» (50).

348 «desmaiar»: o sentido normal do verbo *apopsúkhô* é «arrefecer», «refrescar». A próxima ocorrência do verbo na aceção de «desmaiar» será num texto escrito 800 anos depois da *Od*.: o Evangelho de Lucas (21:26, única ocorrência do verbo no Novo Testamento).

354-355 «todos os homens de Ítaca […] Cefalénios»: já tínhamos encontrado esta designação «Cefalénios» em 20.210. A teoria de que as palavras «Itacenses» e «Cefalénios» são sinónimas foi proposta por D. Mülder, «Ithaka nach der Odyssee», *Rheinisches Museum* 80 (1931), pp. 1-35; ver especialmente as pp. 11-15.

368-369 Nas palavras irónicas de Dawe (p. 857), «Laertes now gets the Athene Beauty Salon treatment».

379 «quem me dera que com essa força eu tivesse estado ontem contigo»: como é que Laertes podia saber que a chacina dos pretendentes tivera lugar *ontem*, se Odisseu não lhe disse?

387 «o velho escravo Dólio; com ele vinham também os filhos»: ver 222*.

391 «Quando eles viram Odisseu, reconheceram-no»: Dólio n.º 3 e os seus filhos são as únicas personagens em Ítaca que reconhecem Odisseu sem precisarem que a identidade do rei lhes seja provada (por meio da cicatriz ou de outra coisa).

392 «palácio»: tudo apontara até agora no sentido de a habitação de Laertes ser extremamente modesta e não-conforme à sua realeza. No entanto, recordemos como o casebre do porqueiro foi denominado «palácio» (*mégara*) em 17.521*.

394 «esquecei»: talvez a forma verbal mais excêntrica da *Od*., com a sua dupla prefixação preposicional: *apekleláthesthe*. Só ocorre aqui em toda a literatura grega.

398 «pegou na mão de Odisseu»: a forma de genitivo *Oduseûs* é única num poema em que o genitivo de *Odusseús* é mais de 70 vezes *Odusêos*, e mais de 60 vezes *Odussêos*.

402 «Uma grande saudação»: a fórmula de saudação que aqui lemos (*oûlé te kaì méga khaîre*) é única na *Il*. e na *Od*. (e, visto que *oûle* e *khaîre* significam a mesma coisa [«salve»], quase apeteceria traduzir «olé e um grande olá»). Ocorre, porém, no *HH a Apolo*, 466.

427-428 «Muitos e valentes foram levados por ele nas naus. / Mas ele perdeu as côncavas naus, e todos os homens morreram»: a clarividência aqui mostrada por Eupeites, pai de Antínoo, levou Dawe (p. 862) a perguntar se ele estaria escondido debaixo da cama quando Odisseu narrou a Penélope a história das suas Errâncias, em 23.310-341.

445-446 «Eu próprio vi um deus imperecível, que se aproximou / de Odisseu semelhante em tudo a Mentor»: só mesmo no fim do poema é que nos é comunicada a extraordinária capacidade de Médon de identificar deuses disfarçados de seres humanos.

451 «Haliterses»: profeta que conhecêramos em 2.157.

462 «não partamos»: curiosamente, embora Eupeites tenha dito «vamos», nunca foi dito para onde se devia partir (no caso da exortação de Eupeites), nem tampouco para onde se devia *não* partir (no caso da exortação de Haliterses).

465-466 «por Eupeites / se deixaram persuadir»: a expressão grega (*Eupeithei / peithont'*) contém um jogo de palavras intraduzível, que assenta no facto de «Eupeites» significar «Bom-Persuasor» (portanto, a tradução literalíssima seria: «por Bom-Persuasor / se deixaram persuadir»).

472-488 A mudança de cena para o Olimpo, com a sua sugestão retintamente iliádica de que os deuses são permanentes testemunhas de tudo o que se está a passar na terra, destoa da conceção vigente na *Od*. (pelo menos até aqui), segundo a qual os deuses não são observadores constantes das ações humanas. Compare-se este colóquio de Atena e Zeus com os concílios divinos que abrem os Cantos 1 e 5 (ou então com as queixas de Hiperíon e a resposta de Zeus em 12.377-388; ou Posídon e Zeus em 13.128-158).

489 «Depois que afastaram o desejo de agradável comida»: entretanto, na quinta de Laertes, o jantar continua, indiferente às duas cenas que se interpuseram.

497 «eram seis os filhos de Dólio»: além do seu gosto pela dúzia certa, o poeta da *Od*. também gosta da meia dúzia. Ver 9.60*, 12.245*, 22.252*.

499 «guerreiros forçados»: a palavra para «forçados» (*anankaîoi*) é a mesma que encontrámos no verso que fala de «escravos à força» (210*).

515 Trata-se do único verso do poema além de 16.138-143 em que a Laertes é atribuída a perceção de que tem um neto.

528 «privado do regresso»: a palavra-chave *nóstos* aparece disfarçada nos versos finais do poema no adjetivo *anóstos* («privado do regresso»).

548 «assemelhando-se a Mentor no corpo e na voz»: por curioso (ou significativo) que pareça, a *Od*. acaba com um verso que alguns estudiosos consideraram inautêntico (nomeadamente Nauck, como se lê no aparato crítico da ed. de Estugarda).

* * *

Recapitulando os aspetos que focámos sobre o Canto 24: trata-se de um canto que percebemos dividir-se naturalmente em três blocos, sendo o primeiro bloco (a chegada dos pretendentes ao

mundo dos mortos) dececionante e dispensável; o segundo (Odisseu e Laertes), comovente e valorizador do conjunto do poema; e o terceiro bloco (o combate com os familiares dos pretendentes), ainda mais dececionante do que o primeiro, mas, ao contrário desse, indispensável para fechar o poema. Esta é a avaliação que fazemos no que toca ao conteúdo, ao material narrativo contido nos três episódios que compõem o Canto 24.

Mas se observarmos estes mesmos episódios, não sob o prisma do conteúdo, mas sob o prisma da linguagem em que esse conteúdo é expresso, somos confrontados com uma realidade muito diferente. É que, em termos da língua e da técnica de versificação, constatamos que a nota mais alta vai para o primeiro episódio, passado no Hades (que considerámos dececionante e dispensável); a nota pior vai para o maravilhoso episódio de Laertes (serôdia fulguração da poesia homérica), com os seus barbarismos e excentricidades linguísticas; e fica uma nota muito medíocre para o episódio conclusivo, tão banal no uso da linguagem homérica como na técnica narrativa adotada.

Que ilações podemos extrair da presença destes deslizes de linguagem no final do poema? Serão eles contemporâneos da última reformulação sofrida pela *Od*., pelo que outorgam crédito à posição outrora defendida por West, de que a *Od*. é um poema do século VI a.C.? Não temos elementos sólidos para responder a essa pergunta. Mas uma coisa ficou certa ao longo destas quase 700 páginas: a leitura da *Od*. é a mais extraordinária das viagens, em que nos confrontamos com toda a riqueza da experiência humana. Ao mesmo tempo, há o fator não despiciendo do prazer incomparável que o poema oferece a todas as suas leitoras e a todos os seus leitores. O que acontece a cada leitor da *Od*. quando chega ao fim do poema é algo que, na verdade, as Sereias do Canto 12 anteviram (12.188): «depois de se deleitar, prossegue caminho, mais sabedor».

---

1 O título do livro de Spohn, em português, seria *Comentário à Última Parte da Odisseia, Composta em Época Mais Recente do Que a Homérica* (o título em latim é *Commentatio de Extrema Odysseae Parte, Aevo Recentiore Orta Quam Homerico*, Leipzig, 1816).

2 D. Mülder, «Die Phäakerdichtung der Odyssee», *Neue Jahrbücher für das klassische Altertum* 17 (1906), pp. 10-45 (a expressão citada é da p. 40).

3 S. West, «Laertes Revisited», *Proceedings of the Cambridge Philological Society* 35 (1989), pp. 113-143. (É com muito gosto que agradeço aqui a Stephanie West a gentileza com que se prontificou a enviar-me uma fotocópia deste artigo.)

4 A lei de Wernicke estipula que, no hexâmetro dactílico, a quarta posição bicípite não deve ser preenchida por uma sílaba breve alongada por posição (ver West, *Greek Metre*, Oxford, 1982, pp. 37; 155, n. 50; 201). Note-se, porém, que só por si a infração à lei de Wernicke não é motivo de suspeita, visto que ela só será rigorosamente respeitada nos hexâmetros dos poetas cultos helenísticos (sobretudo Calímaco): basta dizer que há quatro versos da *Il.* que infringem a lei de Wernicke. Ver 240*.

5 Os Gregos, pelo menos popularmente, consideravam o morcego uma ave, como está implícito na fábula de Esopo do morcego e das doninhas; ou no enigma infantil do eunuco e do morcego na *República* de Platão (479c); e também no facto de Querefonte, discípulo de Sócrates, ser troçado

como sendo um morcego nas *Aves* de Aristófanes, 1564 (ver N. Dunbar, *Aristophanes: Birds*, Oxford, 1995, p. 715).

Apêndice
Os anos e os dias da *Odisseia*

Anos abrangidos pela narrativa (20 anos)[1]:

1.º ano		Odisseu parte de Ítaca para a Guerra de Troia
10.º ano		Saque de Troia
11.º ano (?)	11.197-203	Morte de Anticleia, mãe de Odisseu
12.º ano	10.467-470	Estada de um ano com Circe
13.º ano	7.259-260	Viagem ao mundo dos mortos (Canto 11); chegada à ilha de Calipso
17.º ano	2.89-90	Início da corte dos pretendentes a Penélope
20.º ano	(2.106-109)	Descoberta da artimanha da teia de Penélope; viagem de Telémaco a Pilos e Esparta; regresso de Odisseu

Dias (do 20.º ano) cuja narração é feita na *Odisseia* (41 dias); a ação passa-se provavelmente no outono (ver 5.272-273*):

1.º dia	1.26-144	Telémaco recebe uma visita de Atena
2.º dia	2.1-434	Assembleia dos Itacenses

3.º dia	3.1-403	Telémaco em Pilos
4.º dia	3.404-490	Telémaco e Pisístrato em Feras
5.º dia	3.491-4.305	Telémaco e Pisístrato em Esparta
6.º dia	4.306-847	Penélope sabe da partida do filho
7.º dia	5.1-227	Hermes visita Calipso
8.º dia até ao 11.º dia	5.228-262	Odisseu constrói a jangada
12.º dia até ao 28.º dia	5.263-278	Navegação de Odisseu na jangada
29.º dia e 30.º dia	5.279-389	Tempestade e naufrágio
31.º dia	5.390-6.47	Odisseu chega a Esquéria
32.º dia	6.48-7.347	Odisseu é recebido pela família de Alcínoo
33.º dia	8.1-13.17	Jogos dos Feaces e narração de Odisseu das suas errâncias
34.º dia	13.18-92	Odisseu é transportado para Ítaca
35.º dia	13.93-15.43	Odisseu chega finalmente a Ítaca
36.º dia	15.44-188	Telémaco e Pisístrato regressam a Feras
37.º dia	15.189-494	Telémaco regressa a Ítaca
38.º dia	15.495-16.481	Encontro de Odisseu e Telémaco
39.º dia	17.1-20.90	Odisseu regressa ao seu palácio como mendigo

40.º dia	20.91-23.346	Competição do arco; chacina dos pretendentes; Odisseu é reconhecido por Penélope
41.º dia	23.237-24.548	Reencontro de Odisseu e Laertes

1 Existem várias cronologias da *Odisseia*. As mais recomendáveis são: E. Delebecque, *Télémaque et la structure de l'Odyssée*, Aix-en-Provence, 1958, pp. 11-17; B. Hellwig, *Raum und Zeit im homerischen Epos*, Hildesheim, 1964, pp. 42-44; I. de Jong, *A Narrato-logical Commentary on the Odyssey*, Cambridge, 2001, pp. 587-588.

Bibliografia

Edições:

Homeri Opera, recognouit breuique adnotatione critica instruxit Thomas W. Allen, Oxford, 1917 (editio altera). [A *Odisseia* corresponde aos tomos III e IV.]

Homeri Odyssea, ed. P. von der Muehll, Estugarda, 1993, 3.ª ed.

Homeri Odyssea, ed. H. van Thiel, Hildesheim, 1991.

Comentários:

BOWIE, A.M., *Homer, Odyssey XIII and XIV*, Cambridge, 2013.

DAWE, R.D., *The Odyssey*, Lewes, 1993.

GARVIE, A.F., *Homer, Odyssey VI-VIII*, Cambridge, 1994.

JONG, I. de, *A Narratological Commentary on the Odyssey*, Cambridge, 2001.

HEUBECK, A., WEST, S. & HAINSWORTH, J.B., *A Commentary on Homer's Odyssey*, Vol. I, Oxford, 1988 [Cantos 1-8].

HEUBECK, A. & HOEKSTRA, A., *A Commentary on Homer's Odyssey*, Vol. II, Oxford, 1989 [Cantos 9-16].

RUSSO, J., FERNÁNDEZ-GALIANO, M. & HEUBECK, A., *A Commentary on Homer's Odyssey*, Vol. III, Oxford, 1992 [Cantos 17-24].

RUTHERFORD, R.B., *Homer, Odyssey XIX and XX*, Cambridge, 1992.

Estudos:

AREND, W., *Die typischen Szenen bei Homer*, Berlim, 1933.

AUSTIN, N., *Archery at the Dark Side of the Moon: Poetic Problems in Homer's Odyssey*, Berkeley e Los Angeles, 1975.

BAKKER, E.J., *Poetry in Speech: Orality and Homeric Discourse*, Ithaca (Nova Iorque), 1997.

BÉRARD, V., *Introduction à l'Odyssée*, Paris, 1924.

BITTLESTONE, R., *Odysseus Unbound: The Search for Homer's Ithaca*, Cambridge, 2005.

BREMER, J.M. *et al.*, *Homer: Beyond Oral Poetry*, Amesterdão, 1987.

BURKERT, W., «Das Lied von Ares und Aphrodite», *Rheinisches Museum* 103 (1960), pp. 130-144.

__, *Griechische Religion der archaischen und klassichen Epoche*, Estugarda, 1977. [Tradução portuguesa: *Religião Grega na Época Clássica e Arcaica*, Lisboa, 1993.]

__, *Kleine Schriften I: Homerica*, Göttingen, 2001.

CARVALHO, J.L., *As Estruturas da Odisseia*, (dissertação de doutoramento), Lisboa, 1977.
CHADWICK, J., *The Decipherment of Linear B*, Cambridge, 1967, 2.ª ed. [Tradução portuguesa: *A Decifração do Linear B*, Lisboa, 1996.]
CHANTRAINE, P., «Le Divin et les dieux chez Homère», in *La Notion du divin depuis Homère jusqu' à Platon*, Entretiens Hardt 1, Genebra, 1954.
CLARKE, M., *Flesh and Spirit in the Songs of Homer*, Oxford, 1999.
COLDSTREAM, J.N., «Hero Cults in the Age of Homer», *Journal of Hellenic Studies* 96 (1976), pp. 8-17.
CRANE, G., *Calypso: Backgrounds and Conventions of the Odyssey*, Frankfurt, 1988.
DANEK, G., «*Polumetis Odysseus* und *Tale budalina*: Namensformeln bei Homer und im serbokroatischen Epos», *Wiener Studien* 104 (1991), pp. 23-47.
__, *Epos und Zitat: Studien zu den Quellen der Odyssee*, Viena, 1998.
__, *Bosnische Heldenepen*, Viena, 2003.
DAWE, R.D., «The Case of the Bald-Headed Lamplighter», in R.D. Dawe, *Corruption and Correction: A Collection of Articles*, Amesterdão, 2007, pp. 185-196.
DODDS, E.R., *The Greeks and the Irrational*, Berkeley e Los Angeles, 1951. [Tradução portuguesa: *Os Gregos e o Irracional*, Lisboa, 1998.]
EISENBERGER, H., *Studien zur Odyssee*, Wiesbaden, 1973.
ERBSE, H., *Beiträge zum Verständnis der Odyssee*, Berlim e Nova Iorque, 1972.
__, *Untersuchungen zum Funktion der Götter im homerischen Epos*, Berlim, 1986.
FENIK, B., *Studies in the Odyssey*, Wiesbaden, 1974.
FINLEY, M.I., *The World of Odysseus*, Londres, 1977, 2.ª ed. [Tradução portuguesa: *O Mundo de Ulisses*, Lisboa, 1988.]
GERMAIN, G., *Genèse de l'Odyssée*, Paris, 1954.
HENDERSON, J., «The Name of the Tree: Recounting *Odyssey* XXIV 340-2», *Journal of Hellenic Studies* 117 (1997), pp. 87-116.
JABOUILLE, V., *Introdução à Ciência dos Mitos*, Lisboa, 1994, 2.ª ed.
JANKO, R.C.M., *Homer, Hesiod and the Homeric Hymns: Diachronic Development in Epic Diction*, Cambridge, 1982.
JEBB, R.C., *The Growth and Influence of Classical Greek Poetry*, Londres, 1893.
KIRCHHOFF, A., *Die homerische Odyssee*, Leipzig, 1873.
KIRK, G.S., *The Songs of Homer*, Cambridge, 1962.
LANE FOX, R., *Travelling Heroes: Greeks and their Myths in the Epic Age of Homer*, Londres, 2008.
LATACZ, J., *Homer: Tradition und Neuerung*, Wege der Forschung, Bd. 463, Darmstadt, 1979.
__, «Das Menschenbild Homers», *Gymnasium* 91 (1984), pp. 15-39.
__, *Homer: Die Dichtung und ihre Deutung*, Wege der Forschung, Bd. 634, Darmstadt, 1991.
__, *Homer: Der erste Dichter des Abendlands*, Düsseldorf e Zurique, 1997, 3.ª ed.
LESKY, A., *Homeros*, Estugarda, 1967.
__, *Geschichte der griechischen Literatur,* Berna, 1963. [Tradução portuguesa: *História da Literatura Grega*, Lisboa, 1995.]

LORD, A.B., *The Singer of Tales*, Cambridge (Massachusetts), 1960.
LOURENÇO, F., «O aedo e o herói», *Classica* 16 (1990), pp. 11-17.
__, «Um interlúdio paródico na *Odisseia*: o episódio de Iro (Canto XVIII)», in C.M. Mora (org.), *Sátira, Paródia e Caricatura, da Antiguidade aos Nossos Dias*, Aveiro, 2003, pp. 29-37.
__, «Camões, leitor da *Odisseia*?», in A. Nascimento (org.), *Antiguidade Clássica: Que Fazer com este Património?*, Lisboa, 2004, pp. 203-207.
__, «A palmeira de Delos: Nausícaa na *Odisseia*», in C. Mendes de Sousa e R. Patrício (orgs.), *Largo Mundo Alumiado*, Braga, 2004, Vol. I, pp. 387-398.
__, «Sophia e Homero», in *Estudos em Homenagem a Sophia de Mello Breyner Andresen*, Porto, 2005, pp. 31-36.
__, «Ver Homero, ler o Mundo», in *10 Livros que Mudaram o Mundo*, Vila Nova de Famalicão, 2005, pp. 45-57.
__, «Dois poemas de autor anónimo: a *Ilíada* e a *Odisseia*», in V. Soares Pereira e A.L. Curado (orgs.), *A Antiguidade Clássica e Nós: Herança e Identidade Cultural*, Braga, 2006, pp. 33-40.
__, «A *Ilíada* como poema trágico», in A.M. Ferreira (org.), *Derivas*, Aveiro, 2006, pp. 11-19.
__, «Helena na epopeia homérica», in V. Bañuls, M.C. Fialho (orgs.), *O Mito de Helena: De Troia à Actualidade*, Vol. I, Coimbra, 2007, pp. 47-53.
__, «Utopia e distopia no imaginário homérico», in M.F. Silva (org.), *Utopias e Distopias*, Coimbra, 2009, pp. 21-25.
MARG, W., *Homer über die Dichtung*, Münster, 1957.
MERKELBACH, R., *Untersuchungen zur Odyssee*, Münster, 1951.
MEULI, K., *Odyssee und Argonautika*, Berlim, 1921.
MOREUX, B., «La nuit, l'ombre et la mort chez Homère», *Phoenix* 21 (1967), pp. 237-272.
MORRIS, I. & Powell, B., *A New Companion to Homer*, Leiden, 1997.
NAGLER, M.N., *Spontaneity and Tradition: A Study in the Oral Art of Homer*, Berkeley e Los Angeles, 1974.
NAGY, G., *Homeric Questions*, Austin (Texas), 1996.
O'NOLAN, K., «Doublets in the *Odyssey*», *Classical Quarterly* 28 (1978), pp. 23-27.
PAGE, D.L., *The Homeric Odyssey*, Oxford, 1955.
__, *Folktales in Homer's Odyssey*, Cambridge (Massachusetts), 1973.
PARKER, L.P.E., «Dionysius' Ear», in P.J. Finglass, C. Collard & N.J. Richard-son (orgs.), *Hesperos: Studies in Ancient Greek Poetry Presented to M.L. West on his Seventieth Birthday*, Oxford, 2007, pp. 297-305.
PARREIRA, F.L., *Épico de Gilgameš*, Lisboa, 2017.
PARRY, M., *The Making of Homeric Verse*, Oxford, 1971.
RIBEIRO FERREIRA, J., *A Grécia Antiga*, Lisboa, 1992.
ROCHA PEREIRA, M.H., *Concepções Helénicas de Felicidade no Além: De Homero a Platão*, Coimbra, 1955.
__, *Estudos de História da Cultura Clássica, Vol. I: Cultura Grega*, Lisboa, 2012, 11.ª ed.
__, *Estudos sobre a Grécia Antiga: Artigos*, Coimbra, 2014.
ROTHE, C., *Die Odyssee als Dichtung und ihr Verhältnis zur Ilias*, Paderborn, 1914.

RÜTER, K., *Odysseeinterpretationen*, Göttingen, 1969.
RUTHERFORD, R.B., «At Home and Abroad: Aspects of the Structure of the *Odyssey*», *Proceedings of the Cambridge Philological Society* 31 (1985), pp. 133-150.
__, «The Philosophy of the *Odyssey*», *Journal of Hellenic Studies* (1986), pp. 145-162.
SCHADEWALDT, W., *Von Homers Welt und Werk*, Estugarda, 1965, 4.ª ed.
SCHMIDT, J.-U., «Die Blendung des Kyklopen und der Zorn des Poseidon», *Wiener Studien* 116 (2003), pp. 5-42.
SCHWARTZ, E., *Die Odyssee*, Munique, 1924.
SEECK, O., *Die Quellen der Odyssee*, Berlim, 1887.
SHIPP, G.P., *Studies in the language of Homer*, Cambridge, 1972, 2.ª ed.
SIMÕES RODRIGUES, N., «Ulisses e Gilgamesh», in F. de Oliveira (coord.), *Actas do Colóquio Penélope e Ulisses*, Coimbra, 2003, pp. 91-105.
SOARES, C., «O riso homérico», in N. Crespo (org.), *Prontuário do Riso*, Lisboa, 2003, pp. 47-61.
__, «Pão e vinho sobre a mesa: um "clássico" da alimentação portuguesa», in C. Soares, I.C. Macedo (orgs.), *Ensaios sobre o Património Alimentar Luso-Brasileiro*, Coimbra e São Paulo, 2014, pp. 17-50.
STANFORD, W.B., *The Ulysses Theme*, Oxford, 1958, 2.ª ed.
THORNTON, A., *People and Themes in Homer's Odyssey*, Londres, 1970.
TSAGARAKIS, O., *Form and Content in Homer*, Wiesbaden, 1982.
USENER, K., *Beobachtungen zum Verhältnis der Odyssee zur Ilias*, Tübingen, 1990.
WACE, A.J.B. & STUBBINGS, F.H., *A Companion to Homer*, Londres, 1962.
WENDER, D., *The Last Scenes of the Odyssey*, Leiden, 1978.
WEST, M.L., *The East Face of Helicon: West Asiatic Elements in Greek Poetry and Myth*, Oxford, 1997.
__, *The Making of the Iliad: Disquisition and Analytical Commentary*, Oxford 2011.
__, *Hellenica: Selected Papers on Greek Literature and Thought, Volume I: Epic*, Oxford, 2011.
__, *The Epic Cycle: A Commentary on the Lost Troy Epics*, Oxford, 2013.
__, *The Making of the Odyssey*, Oxford, 2014.
WEST, S., «Laertes Revisited», *Proceedings of the Cambridge Philological Society* 35 (1989), pp. 113-143.
WILAMOWITZ-MOELLENDORF, U. von, *Homerische Untersuchungen*, Berlim, 1884.
__, *Die Heimkehr des Odysseus*, Berlim, 1927.

